EDITADO POR

GEORGE R.R. MARTIN

WILD CARDS

LIVRO 2

ASES NAS ALTURAS

LeYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ficha Técnica

Copyright © 1987 by George R. R. Martin
Copyright © 2010 edição estendida by George R. R. Martin and the Wild Cards Trust
Copyright © 2013 Texto Editores Ltda.
“Moedas infernais” copyright © 1987 por Lewis Shiner
“Até a sexta geração” e “O cometa do Sr. Koyama” copyright © 1987 por Walter Jon Williams.
“Das cinzas às cinzas” copyright © 1987 por Amber Corporation.
“Se olhares pudessem matar” copyright © 1987 por Walton Simons.
“Frio invernal” e “Jube” copyright © 1987 por George R. R. Martin.
“Dificuldades relativas” copyright © 1987 por Melinda M. Snodgrass.
“Com uma ajudinha dos amigos” copyright © por 1987 Victor Milán.
“Por caminhos perdidos” copyright © 1987 por Pat Cadigan.
“Metade morta” copyright © 1987 por John J. Miller.

Todos os direitos reservados.

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora executiva: Tainã Bispo
Curador: Raphael Draccon
Produtoras editoriais: Fernanda S. Ohosaku, Renata Alves e Maitê Zickuhr
Diretor de produção gráfica: Marcos Rocha
Gerente de produção gráfica: Fábio Menezes

Preparação: Fernanda Mello
Revisão: Andréa Bruno
Projeto gráfico e capa: Rico Bacellar
Ilustração de capa: Marc Simonetti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB–8/7057
Martin, George R. R.
Wild Cards: ases nas alturas / escrito e editado por George R. R. Martin; tradução de Petê Rissatti. – São Paulo: LeYa, 2013.
400 p. (Wild Cards, 2)
ISBN 9788580448757
Título original: Wild Cards – Aces High
1. Ficção fantástica americana. I. Martin, George R. R. II. Rissatti, Petê. III. Série.
13-0863. CDD: 813
Índices para catálogo sistemático:
1. Ficcão fantástica americana

2013
TEXTO EDITORES LTDA.
Uma editora do Grupo LeYa
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP
www.leya.com.br

ePub compartilhado por LeYtor

Para Chip Wideman, Jim Moore, Gail Gerstner-Miller e Parris, os ases secretos sem os quais as cartas selvagens nunca poderiam ter sido jogadas.

Nota do editor

Wild Cards é uma obra de ficção ambientada em um mundo completamente imaginário cuja história corre paralelamente à nossa. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos retratados em Wild Cards são ficcionais ou usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com fatos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência. Por exemplo, os ensaios, artigos e outros textos incluídos nesta antologia são inteiramente ficcionais, e não há qualquer intenção de retratar autores reais ou insinuar que qualquer pessoa possa realmente ter escrito, publicado ou contribuído com os ensaios, artigos e outros textos ficcionais aqui incluídos.

1979

Moedas infernais

Lewis Shiner

Talvez houvesse uma dúzia deles. Fortunato não tinha certeza porque se mexiam sem parar, tentando cercá-lo por trás. Dois ou três tinham facas, os outros carregavam tacos de bilhar quebrados, antenas de carro, qualquer coisa que pudesse machucar. Era difícil diferenciá-los. Jeans, jaquetas pretas de couro, cabelos pretos, longos e lisos. Pelo menos três se encaixavam na vaga descrição que Crisálida havia dado do homem.

— Estou procurando um cara chamado Gizmo — disse Fortunato. Eles queriam afastá-lo da ponte, mas ainda não queriam usar a força. À esquerda, o caminho de pedras levava monte acima até o Mosteiro. O parque inteiro estava vazio havia duas semanas, desde que as gangues chegaram.

— Ei, Gizmo — disse um deles. — O que você falou com o cara?

Era aquele, com lábios finos e olhos injetados. Fortunato fixou o olhar no rapaz mais próximo.

— Dá o fora — Fortunato falou. O rapaz se afastou, hesitante. Fortunato olhou para o seguinte. — Você também. Vá embora daqui. — Este outro era mais fraco, virou-se e correu.

Foi tudo que teve tempo de fazer. Um taco de bilhar passou raspando por sua cabeça. Fortunato desacelerou o tempo, pegou o taco e o usou para golpear a faca mais próxima. Ele suspirou e as coisas voltaram ao ritmo normal.

Agora estavam todos ficando nervosos.

— Vão — disse ele, e outros três foram depressa, inclusive o que se chamava Gizmo. Ele deu uma corrida morro abaixo, na direção da entrada da 193rd Street. Fortunato jogou o taco em outro canivete e foi atrás dele.

Desciam o morro correndo. Fortunato sentiu que começava a se cansar e liberou uma rajada de energia que o levantou do caminho e fez com que pairasse no ar. O garoto caiu sob ele e rolou, de cabeça no chão. Algo estalou na espinha do rapaz e as pernas se sacudiram ao mesmo tempo. Em seguida, morreu.

— Jesus — Fortunato suspirou, varrendo as folhas mortas de outubro das roupas. Os policiais haviam dobrado as patrulhas em torno do parque, embora tivessem medo de entrar. Tentaram uma vez e isso lhes custou dois homens para expulsar os garotos. No dia seguinte, os rapazes estavam de volta. Mas havia policiais observando, e numa situação como aquela estavam dispostos a correr e recolher um corpo.

Ele remexeu os bolsos do rapaz, e lá estava… uma moeda de cobre do tamanho de uma de cinquenta centavos, vermelha como sangue seco. Por dez anos ficou com Crisálida e alguns outros no encalço e, na última noite, ela tinha visto o rapaz tomar uma no Crystal Palace.

Não havia carteira nem qualquer coisa que tivesse algum significado. Fortunato fechou a

mão em torno da moeda e correu até a entrada do metrô.

— Sim, eu me lembro disso — disse Hiram, pegando a moeda com a ponta do guardanapo. — Faz um tempo.

— Foi em 1969 — Fortunato comentou. — Dez anos atrás.

Hiram concordou com a cabeça e limpou a garganta. Fortunato não precisava de mágica para saber que o gordo estava desconfortável. A camisa preta aberta e a jaqueta de couro de Fortunato não cabiam nos trajes do lugar. O Aces High oferecia uma visão aérea da cidade a partir do mirante do edifício Empire State, e os preços eram tão altos quanto a vista.

E também havia o fato de ter levado com ele sua última aquisição, uma mulher de cabelos castanho-claros chamada Caroline, que cobrava quinhentos pela noite. Era pequena, não muito delicada, com um rosto infantil e um corpo que convidava à especulação. Usava jeans justíssimo e uma blusa de seda rosa com alguns botões extras abertos. Sempre que se mexia, Hiram também o fazia. Ela parecia gostar de vê-lo suar.

— O negócio é que não é a moeda que mostrei antes pra você. É outra.

— Notável. É difícil de acreditar que você conseguiu encontrar duas delas em tão bom estado.

— Acho que você poderia ir um pouco além. Esta moeda veio de um cara de uma das gangues que estão acabando com o Mosteiro. Ele carregava a moeda solta no bolso. A primeira veio de um rapaz que estava mexendo com ocultismo.

Ainda era difícil para ele falar sobre o assunto. O rapaz havia assassinado três das gueixas de Fortunato, retalhando-as sobre um pentagrama por algum motivo doentio que ele ainda não tinha entendido. Ele seguiu com a vida, treinando as mulheres, aprendendo sobre o poder tântrico que o vírus carta selvagem lhe dera, mas guardando aquele assunto para si.

E, quando isso o incomodava, passava um dia ou uma semana seguindo uma das pontas soltas que o assassino tinha deixado para trás. A moeda. A última palavra que ele disse, *TIAMAT*. As energias residuais de alguma outra coisa que tinha estado no apartamento do garoto morto, uma presença que Fortunato nunca conseguiu rastrear.

— Você está dizendo que existe algo de sobrenatural nelas — disse Hiram. Seus olhos viraram para observar Caroline enquanto ela se esticava languidamente na cadeira.

— Só quero que dê outra olhada.

— Bem — Hiram falou. Em torno deles, a multidão que almoçava fazia pequenos barulhos com os garfos e copos e falava tão baixinho que soava como água distante. — Tenho certeza de que disse isso antes… *parece* ser um centavo americano cunhado em 1794, numa forma feita à mão. Podem ter roubado de um museu, de uma loja de numismática, ou de uma coleção parti… — Sua voz falhou. — Hummmm. Deixe-me olhar.

Ele tomou a moeda e apontou com o dedinho carnudo, quase sem tocar a superfície.

— Olha o fundo dessa grinalda aqui. Devia ser um arco. Mas, em vez disso, tem uma aparência disforme, horrível.

Fortunato ficou olhando para a moeda e, por uma fração de segundo, sentiu como se estivesse caindo. As folhas da grinalda transformaram-se em tentáculos, as pontas da fita

abriram-se como um bico, as voltas do arco tornaram-se carne amorfa, cheia de olhos, muitos olhos. Fortunato tinha visto isso antes, em um livro sobre mitologia suméria. Na legenda lia-se "TIAMAT".

— Você está bem? — Caroline perguntou.

— Vou ficar. Continue — disse ele a Hiram.

— Meu instinto diria que são falsificações. Mas quem falsificaria um centavo? E por que não se preocupar em envelhecê-las, ao menos um pouco? Parece que foram cunhadas ontem.

— Se isso importa, não foram. As auras das duas mostram bastante uso. Diria que no mínimo uns cem anos de idade, provavelmente perto de duzentos anos.

Hiram juntou as pontas dos dedos.

— Tudo que posso fazer é mandar você até alguém que poderia ser mais útil. Seu nome é Eileen Carter. Ela cuida de um pequeno museu em Long Island. Costumávamos, hum, nos corresponder. Numismática, sabe. Ela escreveu alguns livros sobre história oculta, coisas locais. — Ele escreveu o endereço num caderninho e arrancou a página.

Fortunato pegou o papel e se levantou.

— Muito obrigado.

— Olha, você acha… — Ele molhou os lábios. — Você acha que seria seguro para uma pessoa comum ter uma dessas?

— Como, digamos, um colecionador? — Caroline perguntou.

Hiram baixou os olhos.

— Quando você tiver terminado de usá-las, eu compro.

— Quando isso acabar — Fortunato respondeu —, se todos nós ainda estivermos por aqui, serão suas.

Eileen Carter tinha quase 40 anos e mechas grisalhas nos cabelos castanhos. Ela ergueu os olhos para Fortunato atrás de óculos quadrados, depois olhou de relance para Caroline. E sorriu.

Fortunato passava a maior parte do tempo com mulheres. Mesmo com toda a beleza, Caroline era insegura, ciumenta, propensa a fazer dietas e maquiagem irracional. Eileen era diferente. Pareceu apenas se divertir com a aparência de Caroline. E em relação a Fortunato — um negro meio japonês, vestido com couro e com a testa inchada, uma cortesia do vírus carta selvagem — também não pareceu achar nada de estranho.

— Você está com a moeda? — ela perguntou. Olhava em seus olhos quando falava com ele. Estava cansado de mulheres que pareciam modelos. Essa tinha o nariz curvado, sardas e uns cinco quilos a mais. O que ele mais gostou foi de seus olhos. Eram de um verde incandescente e tinham linhas sorridentes nos cantos.

Ele colocou a moeda no balcão, com a coroa para cima.

Ela se curvou para olhá-la, tocando a ponte dos óculos com um dedo. Vestia uma camisa de flanela verde; as sardas desciam até onde Fortunato conseguia ver. Seus cabelos tinham um cheiro limpo e doce.

— Posso perguntar onde conseguiu isso?

— É uma longa história — Fortunato respondeu. — Sou amigo de Hiram Worchester. Ele pode confirmar, se isso ajudar.

— É o suficiente. O que querem saber?

— Hiram disse que talvez fosse uma falsificação.

— Só um segundo. — Ela tirou um livro da estante atrás de si. Movia-se em rajadas repentinas de energia, entregando-se completamente a qualquer coisa que fizesse. Abriu o livro no balcão e folheou as páginas. — Aqui — ela falou. Examinou a parte de trás da moeda, concentrada por alguns segundos, mordendo o lábio inferior. Seus lábios eram pequenos, fortes e agitados. Ele se pegou imaginando como seria beijá-la.

— Esta — ela comentou. — Sim, é uma falsificação. É chamada de moeda de Balsam, por conta de Black John "Balsam", diz aqui. Ele a cunhou em Catskills, por volta da virada do século XIX. — Ela olhou para Fortunato. — O nome não me é estranho, mas não sei por quê.

— Black John?

Ela deu de ombros, sorrindo novamente.

— Posso ficar com ela? Apenas por alguns dias? Talvez eu consiga descobrir alguma coisa a mais pra você.

— Tudo bem. — Fortunato podia ouvir o oceano de onde estavam, e isso fazia as coisas parecerem um pouco menos terríveis. Ele lhe deu seu cartão de visita, apenas com nome e número de telefone. Na saída ela sorriu e acenou para Caroline, que fingiu não ver.

No trem de volta para a cidade, Caroline disse:

— Você quer transar com ela, não é?

Fortunato sorriu, sem responder.

— Pelo amor de Deus — disse ela. Fortunato podia ouvir Houston novamente em sua voz. Era a primeira vez em semanas. — Uma professorinha acima do peso e acabada.

Ele sabia que era melhor não falar nada. Estava exagerando, sabia disso. Parte provavelmente era apenas feromônios, algum tipo de química sexual que ele entendeu muito antes de ela ter aprendido sua base científica. Mas ele se sentia confortável ao lado dela, algo que não acontecia com tanta frequência desde que o carta selvagem o mudara. Ela parecia não ter pudor algum.

Para com isso, ele pensou. *Está agindo como uma adolescente.*

Caroline, novamente sob controle, pousou uma das mãos na coxa dele.

— Quando chegarmos em casa — disse ela —, vou arrancar aquela vaca da sua cabeça.

— Fortunato?

Ele trocou o telefone para a mão esquerda e olhou para o relógio. Nove da manhã.

— A-hã.

— Aqui é Eileen Carter. Você deixou uma moeda comigo na semana passada.

Ele se sentou, de repente, acordado. Caroline se virou e enterrou a cabeça embaixo do travesseiro.

— Lembro, lembro, sim. Como vai?

— Acho que encontrei alguma coisa. Que tal uma viagem até o interior?

❤

Ela o buscou em seu Volkswagen Rabbit e rumaram para Shandaken, uma pequena cidade nas montanhas de Catskills. Ele estava vestido o mais simples possível, calça Levi's, uma camisa preta e um velho blazer. Mas não conseguia esconder a ascendência ou a marca que o vírus lhe deixara.

Estacionaram num terreno asfaltado na frente de uma igreja de tábuas brancas. Mal desceram do carro e a porta da igreja se abriu, e uma senhora saiu de lá. Usava um terninho azul-marinho barato de tricô duplo e um xale sobre a cabeça. Olhou Fortunato de cima a baixo por um tempo, mas finalmente estendeu a mão.

— Amy Fairborn. Vocês devem ser o pessoal da cidade.

Eileen terminou as apresentações e a senhora balançou a cabeça.

— O túmulo fica ali — disse ela.

A pedra era um retângulo de mármore simples, fora da cerca branca de estacas do cemitério da igreja, bem distante dos outros túmulos. Lia-se no epitáfio "John Joseph Balsam. Morto em 1809. Queime no inferno".

O vento balançou o casaco de Fortunato e soprou traços do perfume de Eileen na sua direção.

— É uma história infernal — disse Amy Fairborn. — Ninguém sabe mais quanto dela é verdade. Diziam que Balsam era uma espécie de bruxo, morava nas montanhas. A primeira vez que se ouviu algo sobre ele foi em 1790. Ninguém sabe de onde veio, talvez de algum lugar da Europa. A mesma velha história. Estrangeiro, vivendo às próprias custas, sendo culpado por tudo. Se as vacas dessem leite azedo ou alguém sofresse um aborto, a culpa era dele.

Fortunato concordou com a cabeça. Sentia-se ele mesmo um estrangeiro naquele momento. Não conseguia ver outra coisa senão árvores e montanhas para onde quer que olhasse, exceto à direita, onde a igreja ficava no alto do monte, como um forte. Ele se sentia exposto, vulnerável. A natureza era algo que devia ter uma cidade ao redor.

— Um dia, a filha do xerife de Kingston desapareceu — Fairborn disse. — Isso deve ter sido no início de agosto de 1809. Dia de Lammas. Invadiram a casa de Balsam e encontraram a garota estirada e nua num altar. — A mulher mostrou os dentes. — É isso que a história diz. Balsam vestia uma roupa estranha e uma máscara. Tinha uma faca do tamanho do braço. Com toda a certeza ia esquartejá-la.

— Que tipo de roupa? — Fortunato perguntou.

— Túnica de monge. E uma máscara de cachorro, dizem. Bem, o senhor pode imaginar o resto. Eles o enforcaram, queimaram a casa, salgaram o chão, derrubaram as árvores da estrada que levava até lá.

Fortunato mostrou uma das moedas, Eileen ainda estava com a outra.

— Dizem que se chama moeda de Balsam. Significa alguma coisa para a senhora?

— Eu tinha três ou quatro como essa em casa. Elas aparecem no túmulo de vez em quando. "Tudo que desce tem que subir", meu marido costumava dizer. Ele enterrou muitos dessa turma.

— Eles colocaram as moedas no túmulo dele? — Fortunato quis saber.

— Tudo que puderam encontrar. Quando queimaram a casa, encontraram um barrilzinho

delas no porão. Vê como ela é vermelha? Deve ter sido feita com um alto teor de ferro ou algo assim. O povo na época dizia que ele colocava sangue humano no cobre. De qualquer modo, as moedas desapareceram do gabinete do xerife. A maioria das pessoas pensava que a mulher e o filho de Balsam fugiram com elas.

— Ele tinha família? — Eileen perguntou.

— Ninguém viu muito os dois, mas, sim, tinha mulher e um garoto pequeno. Fugiram para a cidade grande depois do enforcamento, ao menos é o que todo mundo sabe.

Enquanto voltavam por Catskills, ele conseguiu que Eileen falasse um pouco sobre si mesma. Ela nasceu em Manhattan, se formou em artes plásticas pela Columbia no fim dos anos de 1960, se interessou por ativismo político e trabalho social e saiu dele com as reclamações habituais.

— O sistema nunca mudou rápido o bastante pra mim. Acabei escapando pra história. Sabe? Quando você lê história consegue ver como tudo vai terminar.

— Por que história oculta?

— Não acredito nessas coisas, se é isso que você acha. Você está rindo. Por que está rindo de mim?

— Depois. Continue.

— É um desafio, é isso. Os historiadores normais não levam isso a sério. É muito amplo, tem tanta coisa fascinante que nunca foi documentada de forma adequada. Os *hashishins*, a cabala, David Home, Crowley. — Ela o encarou. — Peraí, me conta a piada.

— Você nunca perguntou nada sobre mim. O que foi bacana. Mas você deve saber que eu tenho o vírus. O carta selvagem.

— Sim.

— Ele me deu muito poder. Projeção astral, telepatia, consciência ampliada. Mas o único jeito de conseguir direcioná-la, fazê-la funcionar, é por meio de mágica tântrica. Tem algo a ver com energizar a espinha…

— *Kundalini*.

— Exato.

— Você está falando sobre mágica tântrica real. Penetração. Sangue menstrual. Tudo isso.

— Isso mesmo. Essa é a parte do carta selvagem.

— Tem mais?

— Tem o que faço pra ganhar a vida. Sou um agente. Cafetão. Cuido de uma série de garotas de programa que cobram até mil dólares por noite. Ainda não ficou nervosa?

— Não. Talvez, um pouco. — Ela lançou outro olhar de relance para ele. — É provavelmente uma estupidez o que vou dizer. Você não tem jeito de cafetão.

— Não gosto muito desse nome. Mas não fujo dele também. Minhas mulheres não são apenas putas. Minha mãe é japonesa e ela as treina como gueixas. Muitas têm doutorado. Nenhuma é viciada e, quando cansam da Vida, vão pra outra parte da organização.

— Você faz parecer algo bem moral.

Ela estava pronta para desaprovar, mas Fortunato não se deixaria intimidar.

— Não — disse ele. — Você leu Crowley. Ele não via utilidade na moralidade ordinária, nem eu. “Faça o que quiseres, há de ser tudo da Lei”. Quanto mais aprendo, mais percebo que tudo está aí, nessa única frase. É tanto uma ameaça quanto uma promessa.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque gosto de você e me sinto atraído e isso não é necessariamente algo bom. Não quero que se machuque.

Ela colocou as mãos no volante e olhou para a estrada.

— Posso me cuidar sozinha — disse ela.

Você devia ter ficado de boca fechada, ele disse a si mesmo, mas sabia que não era verdade. Melhor afastá-la agora antes que ficasse ainda mais envolvido.

Poucos minutos depois, ela rompeu o silêncio.

— Não sei se eu deveria dizer isto a você ou não. Levei aquela moeda para alguns lugares. Livrarias especializadas em ocultismo, lojas de mágica, esse tipo de coisa. Só para ver o que conseguia descobrir. Conheci um cara chamado Clarke, na Miskatonic Bookstore. Ele pareceu muito interessado.

— O que disse a ele?

— Disse que era do meu pai. Disse que eu estava curiosa sobre ela. Ele começou a me fazer umas perguntas… se eu tinha interesse no ocultismo, se já tive experiências paranormais, esse tipo de coisa. Foi bem fácil falar o que ele queria ouvir.

— E?

— E ele quer que eu conheça algumas pessoas.

Alguns segundos depois, ela disse:

— Você ficou quieto de novo.

— Não acho que você deva ir. Essa coisa é perigosa. Talvez você não acredite no oculto. O fato é que o carta selvagem mudou tudo. As fantasias e crenças das pessoas agora podem se tornar realidade. E podem machucar você. Até matar.

Ela balançou a cabeça.

— É sempre a mesma história. Mas nunca uma prova. Você pode discutir comigo o caminho todo até Nova York e ainda assim não vai me convencer. A menos que eu possa ver com meus próprios olhos. Só não consigo levar isso a sério.

— Você é quem sabe — disse Fortunato. Ele liberou seu corpo astral e partiu à frente do carro. Ficou em pé na rodovia e ficou visível apenas quando o carro estava em cima dele. Pelo para-brisa ele conseguia ver os olhos de Eileen se arregalarem. Ao lado dela, seu corpo físico estava sentado com um olhar ausente. Eileen gritou, os freios guincharam, e ele se deixou voltar para o carro. Estavam deslizando na direção das árvores, e Fortunato pegou no volante para desviar. O carro morreu e deslizou sobre o acostamento.

— O que… o que…

— Desculpe — disse ele. Não conseguiu ser muito convincente.

— Era *você* lá, na estrada! — As mãos dela ainda seguravam o volante, e o tremor sacudia seus braços.

— Foi apenas uma… demonstração.

— Demonstração? Você me matou de susto!

— Não foi nada. Você entende? Nada. Estamos falando de um tipo de culto que tem algumas centenas de anos e faz sacrifícios humanos. No mínimo. Poderia ser pior, um inferno de tão pior. Não posso ser responsável por você se envolver.

Ela ligou o carro e voltou para a pista. Passaram-se 15 minutos, de volta para a 1-87, antes de ela dizer:

— Você não é mais totalmente humano, não é? Naquela hora você conseguiu me assustar. Mesmo assim, você diz que está interessado em mim. É sobre aquilo que estava tentando me alertar.

— Sim — disse ele.

A voz dela estava diferente, mais desprendida. Ele esperou que dissesse algo mais, mas ela apenas balançou a cabeça e pôs uma fita de Mozart no som.

Ele pensou que o assunto estivesse encerrado. Em vez disso, uma semana depois, ela ligou e perguntou se ele poderia encontrá-la para almoçar no Aces High.

Ele esperava na mesa quando ela entrou. Nunca, ele sabia, ela pareceria uma modelo *fashion* ou com uma de suas gueixas. Mas gostou de ela ter feito o máximo com o que tinha: saia justa cinza de flanela, blusa de algodão branca, cardigã azul-marinho, colar de contas âmbar e uma tiara larga de casco de tartaruga no cabelo. Sem maquiagem visível, exceto por uma base e um pouco de brilho labial.

Fortunato se levantou para puxar a cadeira para ela e quase trombou com Hiram. Houve uma pausa estranha. Finalmente ela estendeu a mão e Hiram curvou-se sobre ela, hesitou apenas um pouco demais, e então desviou. Fortunato o acompanhou com os olhos por um segundo ou dois. Queria que Eileen dissesse alguma coisa sobre Hiram, mas ela não entendeu a deixa.

— Bom te ver — disse ele.

— Bom te ver também.

— Apesar… daquilo que aconteceu no nosso último encontro?

— O quê? Um pedido de desculpas? — Novamente o sorriso.

— Não — ele falou. — Embora eu realmente sinta muito. Sinto muito por ter enfiado você nisso. Sinto muito por não poder te encontrar de outro jeito. Sinto muito por termos esses negócios horríveis entre nós todas as vezes que nos vemos.

— Eu também.

— E temo por você. Estou enfrentando algo que nunca vi antes. Existe essa… coisa, essa conspiração, esse culto, seja lá o que for, lá fora. E não consigo descobrir nada. — Um garçom trouxe os cardápios e água em taças de cristal. Fortunato agradeceu e o afastou com um aceno de cabeça.

— Fui ver o Clarke — disse Fortunato. — Fiz algumas perguntas, mencionei TIAMAT, e tudo que recebi foram olhares vagos. Ele não estava fingindo. Olhei dentro de seu cérebro. — Ele tomou fôlego. — Ele não tinha lembrança sobre você.

— É impossível — disse Eileen. Ela sacudiu a cabeça. — É tão estranho ver você aí sentado, falando sobre ler a mente dele. Deve ter havido algum tipo de engano, é isso. Tem certeza?

Fortunato conseguia ver sua aura claramente. Ela dizia a verdade.

— Tenho — ele respondeu.

— Vi Clarke a noite passada e posso jurar que se lembrou de mim. Ele me levou para encontrar algumas pessoas. São membros do culto, ou da sociedade, ou seja lá o que for. As moedas são algum tipo de chave de reconhecimento.

— Você pegou nomes, endereços ou algo assim?

Ela balançou a cabeça.

— Eu os reconheceria. Um deles se chamava Roman. Tinha boa aparência, boa aparência demais, se você me entende. O outro era bem comum. Harry, acho que era esse o nome.

— O grupo tem um nome?

— Eles não mencionaram um nome. — Ela olhou para o cardápio quando o garçom voltou. — Medalhões de vitela, eu acho. E uma taça de Chablis.

Fortunato pediu salada mista e uma cerveja Beck's.

— Mas fiquei sabendo de algumas outras coisas — disse ela. — Estou tentando rastrear a mulher e o filho de Balsam. Digo, eles são um par de pontas soltas na história. Primeiro, tentei a rotina habitual do detetive, registros de nascimento, morte e casamento. Nenhuma pista. Então tentei encontrar conexões ocultas. Conhece a *Abramelin Review*?

— Não.

— É um tipo de *guia do leitor* para publicações de ocultismo. E aí a família Balsam surgiu. Existe um Marc Balsam que publicou pelo menos uma dúzia de artigos nos últimos anos. A maioria numa revista chamada *Nectanebo*. Te faz lembrar de alguma coisa?

Fortunato fez que não com a cabeça.

— Um demônio ou algo assim? Não me parece estranho, mas não me vem à cabeça agora.

— Dá para apostar que ele está envolvido com a mesma sociedade da qual Clarke participa.

— Por causa das moedas.

— Exatamente.

— E essas gangues de garotos que estão barbarizando no Mosteiro? Peguei uma moeda de um desses garotos. Consegue ver alguma conexão possível?

— Ainda não. Os artigos poderiam ajudar, mas a revista é bem obscura. Não consegui encontrar nenhuma cópia.

Os pratos chegaram. Durante o almoço, ela finalmente falou sobre Hiram.

— Quinze anos atrás ele era mais atraente do que você pode imaginar. Um pouco cheinho, mas muito charmoso. Sabia como se vestir, o que dizer. E, é claro, sempre conhecia restaurantes fantásticos.

— O que aconteceu? Se é que posso perguntar.

— Não sei. O que sempre acontece entre as pessoas? Acho que muito disso foi porque ficou muito envergonhado com seu peso. Agora eu que fico constrangida o tempo todo.

— Não deveria, viu? Você está ótima. Pode ter o homem que quiser.

— Você não precisa me cantar. Quer dizer, você tem todo esse poder sexual e carisma e tudo o mais, mas não gosto da ideia de você usar isso comigo. De me manipular.

— Não estou tentando te manipular — disse Fortunato. — Se parece que estou interessado em você, é porque estou interessado em você.

— Você é sempre assim, tão intenso?

— Sou. Acho que sou. Eu olho pra você e você está sorrindo o tempo todo. Isso me deixa louco.

— Vou tentar parar.

— Não faça isso.

Ele percebeu que foi muito atirado. Ela pousou os talheres impecavelmente no prato e deixou o guardanapo dobrado ao lado. Fortunato afastou o restante da salada. De repente, algo borbulhou em sua mente.

— Qual é mesmo o nome daquela revista? Onde o Balsam estava publicando?

Ela pegou um pedaço de papel dobrado da bolsa.

— *Nectanebo*. Por quê?

Fortunato fez um sinal para o garçom trazer a conta.

— Olha só. Você pode ir ao meu apartamento comigo? Não é um truque, é importante.

— Assim espero.

O garçom fez uma mesura e olhou para Eileen.

— Sr. Worchester está… impedido de vir cumprimentá-la. Mas pediu para dizer que o almoço de vocês é por conta da casa.

— Agradeça por mim — disse Eileen. — Diga a ele… diga apenas que agradeço.

Caroline ainda estava sonolenta quando chegaram ao apartamento. Ela considerou deixar a porta do quarto aberta enquanto caminhava nua até o banheiro, então sentou-se na ponta da cama e, lentamente, vestiu as roupas, começando pela meia-calça e pela cinta-liga.

Fortunato ignorou-a, examinando as pilhas de livros que cresceram até formar uma parede inteira da sala de estar. Ou ela aprendia a controlar seu ciúme ou encontraria outra ocupação.

Eileen sorriu para ela enquanto caminhava com dificuldade sobre saltos de dez centímetros.

— Ela é bonita — disse ela.

— Você também.

— Não comece.

— Você começou. — Ele entregou para ela o *A magia egípcia*, de Budge. — Aqui está. Nectanebo.

— … famoso como mago e sábio, era profundamente versado em toda a sabedoria dos egípcios.

— As peças estão se juntando. Você se lembra da máscara de cachorro do Black John? Fico me perguntando se o culto de Balsam não é a Maçonaria Egípcia.

— Ah, meu Deus. Você está pensando no mesmo que eu?

— Estou pensando que o nome Balsam pode ser uma americanização de Balsamo.

— Como em Giuseppe Balsamo de Palermo — Eileen disse. Ela se sentou pesadamente no sofá.

— Mais conhecido como — disse Fortunato — Conde Cagliostro.

Fortunato puxou uma cadeira diante dela e se sentou com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— A Inquisição o prendeu quando?

— Por volta de 1790, não foi? Eles o mandaram pra um tipo de masmorra. Mas o corpo nunca foi encontrado.

— Provavelmente ele tinha ligação com os Illuminati. Talvez o tenham tirado da prisão e o enviado escondido para os Estados Unidos.

— Onde ele surge como Black John Balsam, o excêntrico local. Mas o que ele queria? Por que as moedas? E o sacrifício humano? Cagliostro era uma fraude, um vigarista. Tudo que ele queria era uma boa vida. Matar não parece ser o estilo dele.

Fortunato entregou para ela o *Bruxas e feiticeiros*, de Daraul.

— Vamos descobrir. A menos que você tenha algo melhor pra fazer.

♣

— Inglaterra — disse Eileen. — Mil setecentos e setenta e sete. Foi quando aconteceu. Foi apresentado aos maçons em 12 de abril, no Soho. Em seguida, a maçonaria tomou conta da sua vida. Ele inventou os Maçons Egípcios como uma espécie de ordem superior, começou a distribuir dinheiro, induzindo cada maçom de alto posto que podia.

— O que causou tudo isso?

— Ele fez uma espécie de viagem pelo interior da Inglaterra e voltou – abre aspas – um homem mudado – fecha aspas. Seus poderes mágicos aumentaram. De aventureiro se transformou num místico autêntico.

— Tudo bem — disse Fortunato. — Agora ouça isto aqui. Este é Tolstói sobre a maçonaria: "O primeiro e principal objeto da nossa ordem… é a preservação e a manutenção da posteridade de certo mistério importante… um mistério do qual talvez dependa o destino da humanidade".

— Que inferno! Isso está começando a me assustar — Eileen comentou.

— Tem mais uma parte. A coisa que está por trás da moeda de Balsam é uma divindade suméria chamada TIAMAT. É de onde Lovecraft tirou o Cthulhu. Algum tipo de monstro imenso, amorfo, de além das estrelas. Lovecraft provavelmente criou sua mitologia a partir de documentos secretos do pai. O pai de Lovecraft era maçom.

— Então, você acha que é tudo sobre isso. Sobre esse tal de TIAMAT.

— Juntando as peças — disse Fortunato. — Suponha que o segredo maçônico tenha algo a ver com o controle de TIAMAT. Cagliostro aprende o segredo. Seus irmãos maçons não usarão seu conhecimento para o mal, então Cagliostro forma a própria ordem, para seus próprios objetivos.

— Trazer essa coisa para a Terra.

— Exato — respondeu Fortunato. — Trazê-lo para a Terra.

Eileen finalmente parou de sorrir.

♠

Enquanto conversavam, escureceu. A noite estava fria e clara, e Fortunato conseguiu ver as estrelas pela claraboia da sala de estar. Desejou poder apagá-las.

— Está tarde — disse Eileen. — Tenho que ir.

Ele não havia pensado na partida dela. O trabalho do dia o deixou cheio de energia nervosa, a sensação da caça. A mente dela o excitou e ele queria que ela a abrisse para ele — seus segredos, suas emoções, seu corpo.

— Fique — disse ele, com cuidado para não usar seus poderes, para aquilo não soar como uma ordem. — Por favor. — Sentiu um frio no estômago quando pediu.

Ela se levantou, vestiu o suéter que havia deixado no braço da poltrona.

— Tenho que… digerir tudo isso — disse ela. — Simplesmente muita coisa acontecendo de uma vez. Desculpe. — Ela não olhava para ele. — Preciso de mais tempo.

— Vou com você até a Eighth Avenue — disse ele. — Você pode pegar um táxi lá.

O frio parecia irradiar das estrelas, um tipo de ódio pela vida. Ele arqueou os ombros e afundou as mãos nos bolsos. Poucos segundos depois, sentiu o braço de Eileen em volta de sua cintura e ele a puxou para perto enquanto andavam.

Pararam na esquina da Eighth com a 19th, e um táxi apareceu quase imediatamente.

— Não diga — Eileen falou para ele. — Eu tomarei cuidado.

A garganta de Fortunato estava muito apertada para falar o que ele queria. Pôs uma das mãos atrás do pescoço dela e a beijou. Seus lábios eram tão suaves que ele começou a se afastar antes de perceber quanto se sentiu bem. Virou as costas e ela ainda estava lá, em pé. Ele a beijou novamente, com mais força, e ela cambaleou na direção dele por um segundo, então se afastou.

— Vou te ligar — disse ela.

Ele observou o táxi até este virar a esquina e desaparecer.

A polícia o acordou às sete da manhã seguinte.

— Levamos um garoto morto para o necrotério — disse o primeiro policial. — Alguém quebrou seu pescoço no Mosteiro há uma semana. Sabe alguma coisa sobre isso?

Fortunato balançou a cabeça. Estava em pé na porta, segurando seu robe fechado com uma das mãos. Se entrassem, veriam o pentagrama pintado no assoalho de madeira maciça, o crânio humano na estante, a maconha na mesinha de centro.

— Alguns dos camaradas dele viram você lá — o segundo policial continuou.

Fortunato o encarou.

— Eu não estava lá — disse ele. — Vocês vão acreditar nisso.

O segundo policial concordou com a cabeça, e o primeiro fez menção de puxar a arma.

— Não — disse Fortunato. O primeiro policial não conseguiu desviar o olhar a tempo. — Você vai acreditar também. Eu não estava lá. Estou limpo.

— Limpo — o primeiro policial disse.

— Agora, vão — disse Fortunato, então eles saíram.

Ele se sentou no sofá, mãos trêmulas. Eles voltariam. Ou, mais provavelmente, mandariam alguém da divisão do Bairro dos Curingas que não seria afetado pelos seus poderes.

Não conseguiria voltar a dormir. Não que tenha dormido bem de qualquer jeito. Seus sonhos estiveram cheios de coisas com tentáculos tão grandes quanto a lua, bloqueando o céu,

engolindo a cidade.

De repente, percebeu que o apartamento estava vazio. Não conseguia se lembrar da última vez que tinha passado a noite sozinho. Quase pegou o telefone e ligou para Caroline. Foi apenas um reflexo, e ele o reprimiu. O que queria era estar com Eileen.

Dois dias depois, ela telefonou novamente. Naqueles dois dias, ele esteve com ela no museu em Long Island duas vezes, na sua forma astral. Pairou pela sala, invisível para ela, apenas observando. Teria ido com mais frequência, ficado mais tempo, mas estava sentindo muito prazer com aquilo.

— É Eileen — disse ela. — Eles querem me iniciar.

Eram três e meia da tarde. Caroline estava na Berlitz, aprendendo japonês. Ela não apareceu muito por lá nos últimos tempos.

— Você mudou de ideia — disse ele.

— Precisei mudar. Dependemos disso.

— Quando será?

— Hoje à noite. Preciso estar lá às onze. Será numa igreja antiga no Bairro dos Curingas.

— Posso te ver?

— Acho que sim. Posso passar aí, se você quiser.

— Por favor. O mais rápido que puder.

Ele se sentou na janela e observou até o carro dela aparecer. Abriu a porta e esperou no patamar da escada. Ela passou por ele, entrando no apartamento, e se virou. Ele não sabia o que esperar. Fechou a porta e ela estendeu as mãos. Ele a envolveu nos braços e ela ergueu o rosto para olhá-lo. Ele a beijou e, em seguida, a beijou de novo. Os braços dela envolveram seu pescoço e apertaram.

— Quero você — disse ele.

— Também te quero.

— Vamos para a cama.

— Eu quero. Mas não posso. É… é uma má ideia. Faz tanto tempo para mim. Não posso simplesmente subir na cama com você e fazer todo tipo de atos sexuais tântricos estranhos. Não é o que eu quero. Você não pode nem gozar, pelo amor de Deus!

Ele passou os dedos pelos cabelos dela.

— Tudo bem. — Ele a segurou ainda por um tempo, depois a soltou. — Quer alguma coisa? Uma bebida?

— Café, se você tiver.

Ele colocou a água para ferver e moeu um punhado de grãos de café, olhando-a pelo balcão da cozinha.

— O que não consigo entender — disse ele — é por que não consigo nada da mente dessas pessoas.

— Você acha que estou inventando tudo isso?

— Sei que não está — disse Fortunato. — Eu saberia se estivesse mentindo.

Ela balançou a cabeça.

— Demora muito até a gente se acostumar com isso.
— Algumas coisas são mais importantes do que bons modos.
A água ferveu. Fortunato encheu duas xícaras e as levou para o sofá.
— Se forem tão grandes quanto você acha que são — Eileen falou —, devem ter ases trabalhando com eles. Alguém que possa levantar bloqueios, bloqueios contra outras pessoas com poderes mentais.
— Também acho.
Ela tomou um pouco do café.
— Conheci Balsam hoje à tarde. Todos nos reunimos na livraria.
— Como ele é?
— Tranquilo. Parecia um banqueiro ou algo do tipo. Terno de três peças, óculos. Mas bronzeado, como se jogasse muito tênis nos fins de semana.
— O que ele disse?
— Finalmente mencionaram a palavra "maçom". Como se fosse o último teste, para ver se eu iria pirar. Então, Balsam me deu uma aula de história. Sobre como a Maçonaria Escocesa e o Rito de York eram apenas desdobramentos da Maçonaria Especulativa, e que estes remontavam apenas ao século XVIII.
Fortunato concordou com a cabeça.
— É tudo verdade.
— Então ele começou a falar sobre Salomão, e como o arquiteto do seu templo era, de fato, egípcio. Que a maçonaria começou com Salomão, e todos os outros ritos perderam o significado original. Mas dizem que ainda o mantêm. Bem como você imaginou.
— Tenho que ir com você hoje à noite.
— Não tem como você entrar. Nem mesmo se for disfarçado. Eles o reconheceriam.
— Eu poderia mandar meu corpo astral. Ainda conseguiria ver e ouvir tudo.
— Se alguma outra pessoa entrar aqui em seu corpo astral, você consegue vê-la?
— Claro.
— E então? É um risco grande a se correr, não é?
— Tudo bem, ok.
— Tem de ser apenas eu. Não há outro jeito.
— A menos que…
— A menos que o quê?
— A menos que eu entre em você — disse ele.
— Do que está falando?
— O poder está no meu esperma. Se você estiver carregando…
— Ah, fala sério — disse ela. — De todas as desculpas esfarrapadas pra levar alguém pra cama… — Ela olhou para ele. — Você está brincando, não é?
— Você não pode ir até lá sozinha. Não apenas por conta do perigo. Porque você não conseguirá fazer o bastante sozinha. Você não consegue ler mentes. Eu consigo.
— Mesmo se você estiver só… pegando uma carona?
Fortunato concordou com a cabeça.
— Ai, meu Deus — ela falou. — Isso é… há tantas razões para não… estou menstruada,

para começar.

— Tão melhor.

Ela agarrou seu pulso esquerdo e levantou-o perto do peito.

— Eu disse a mim mesma que, se eu fosse para a cama com um homem novamente… e eu disse *se*… teria de ser romântico. Luz de velas e flores e tudo o mais. E olhe pra mim.

Fortunato ajoelhou-se na frente dela e, gentilmente, separou suas mãos.

— Eileen — disse ele. — Eu te amo.

— É fácil pra você falar. Tenho certeza de que você é sincero e tudo o mais, mas também sei que você diz isso o tempo todo. Existem apenas dois homens para quem eu disse isso em minha vida, e um deles foi meu pai.

— Não estou falando sobre como você se sente. Não estou falando sobre pra sempre. Estou falando sobre mim, neste minuto. E eu te amo. — Ele a tomou no colo e a carregou para o quarto.

Estava frio e os dentes dela começaram a bater. Fortunato acendeu o aquecedor a gás e sentou-se ao lado dela na cama. Ela pegou a mão direita dele nas suas e levou-a até a boca. Ele a beijou e sentiu-a reagir, quase contra sua vontade. Ele tirou a roupa, puxou as cobertas sobre os dois e começou a desabotoar a blusa de Eileen. Os seios dela eram grandes e macios, os mamilos endureciam sob a língua enquanto os beijava.

— Espere — disse ela. — Tenho que… tenho que ir ao banheiro.

Quando ela voltou, havia tirado o resto das roupas. Estava segurando uma toalha à sua frente.

— Para não manchar seus lençóis — ela falou. Havia uma mancha de sangue no lado de dentro de uma das coxas.

Ele tirou a toalha das mãos dela.

— Não se preocupe com os lençóis. — Ela continuava em pé, nua, à sua frente. Parecia estar com medo de ele a mandar embora. Ele pousou a cabeça entre os seios dela e a puxou na sua direção.

Ela foi para baixo das cobertas novamente e o beijou, sua língua tremulava dentro da boca de Fortunato. Ele beijou ombros, seios, embaixo do queixo. Então, rolou sobre ela com mãos e joelhos.

— Não — ela sussurrou. — Não estou pronta ainda…

Ele segurou o pênis com uma das mãos e moveu sua cabeça contra a vulva, lenta, gentilmente, sentindo a carne sensível ficando quente e úmida. Ela mordia o lábio inferior de olhos fechados. Lentamente, ele deslizou para dentro dela, a fricção enviando ondas de prazer pela espinha dele.

Ele a beijou novamente. Conseguia sentir os lábios movendo-se contra os dele, balbuciando palavras inaudíveis. As mãos dele moviam-se sobre os flancos, pelas costas dela. Lembrou-se de que costumava fazer amor por horas numa época, e o pensamento o surpreendeu. Era tudo tão intenso. Estava cheio de calor e luz; não conseguia se controlar.

— Você não devia dizer alguma coisa? — Eileen sussurrou, suspirando as palavras de forma entrecortada. — Algum tipo de encantamento ou algo assim?

Fortunato beijou-a novamente, seus lábios formigando como se estivessem dormentes e

voltado à vida naquele momento.

— Eu te amo — disse ele.

— Oh, Deus — ela falou, e começou a chorar. Lágrimas rolavam pelo cabelo e, ao mesmo tempo, seus quadris moviam-se mais rápido contra ele. Seus corpos estavam ruborizados e quentes, e o suor corria pelo peito de Fortunato. Eileen endureceu o corpo e estremeceu. Um segundo depois, o próprio cérebro de Fortunato ficou em branco e ele abandonou dez anos de treinamento, deixando acontecer, deixando o poder jorrar dele para dentro de Eileen e, por um instante, ele era simultaneamente os dois, hermafrodita e superabrangente, e sentiu-se expandir até as pontas do universo em labaredas nucleares gigantes.

E então estava de volta na cama com Eileen, sentindo seus seios se levantarem e descerem sob ele, enquanto ela chorava.

♣

A única luz vinha do aquecedor a gás. Ele deve ter dormido. A fronha parecia uma lixa contra sua bochecha. Ele reuniu todas as forças para rolar de costas.

Eileen calçava os sapatos.

— Está quase na hora — disse ela.

— Como você se sente?

— Inacreditável. Forte. Poderosa. — Ela riu. — Nunca me senti assim.

Ele fechou os olhos, entrando na mente dela. Conseguia se ver deitado na cama, na forma de esqueleto, a pele escura e dourada desaparecendo nas sombras, a testa encolhida até onde se misturava suavemente em seu escalpo sem cabelos.

— E você? — ela perguntou. Ele conseguia ouvir a voz dela ecoando no peito. — Você está bem?

Ele voltou para o corpo.

— Fraco — disse ele. — Mas vou ficar bem.

— Devo… ligar pra alguém?

Ele sabia o que ela estava oferecendo, sabia que ele devia concordar. Caroline, ou uma das outras, seria o caminho mais rápido para ele reaver as forças. Mas isso também enfraqueceria seu elo com Eileen.

— Não — disse ele.

Ela terminou de se vestir e curvou-se para beijá-lo demoradamente.

— Obrigada — ela falou.

— Não — ele respondeu. — Não me agradeça.

— Melhor eu ir. — Sua impaciência, sua força e vitalidade eram a força física no quarto. Ele estava muito distante dali para ficar com ciúmes dela. Então ela saiu, e ele dormiu novamente.

♠

Ele observava pelos olhos de Eileen enquanto ela estava parada em frente à porta da livraria, esperando Clarke fechá-la. Ele conseguiria mover-se totalmente para a mente dela, mas isso esgotaria o pouco de energia que aos poucos recuperava. Além disso, era quente e confortável

onde estava.

Até as mãos o agarrarem e acordarem-no, e ele olhar para dentro de um par de escudos dourados.

— Vista-se — a voz disse. — Você está preso.

Deram para ele uma cela provisória. Tinha um chão de ladrilhos cinzentos e paredes de cimento pintadas de cinza. Ele se encolheu num canto. Tremia, fraco demais para se levantar. Na parede perto dele alguém tinha rabiscado uma figura de palitos com um pau gigante gotejando e bolas.

Por uma hora, não conseguiu se concentrar o suficiente para fazer contato com Eileen. Tinha certeza de que os maçons de Balsam a haviam matado.

Ele fechou os olhos. A porta da cela fechou numa batida no corredor e o trouxe de volta. *Concentre-se, droga*, pensou. Estava numa sala comprida com pé-direito alto. Uma luz amarelada refletia das paredes distantes a partir dos balcões de velas. O chão era de ladrilhos quadriculados pretos e brancos. Na frente do espaço havia duas colunas dóricas, uma de cada lado, que mal alcançavam o teto. Representavam o templo de Salomão e tinham os nomes Boaz e Joaquim, as primeiras duas Palavras Maçônicas.

Ele não queria tomar o controle do corpo de Eileen, embora pudesse, se fosse o caso. Ao que podia ver, ela estava bem. Conseguia sentir sua agitação, mas ela não estava sentindo dor ou, especialmente, medo.

Um homem que se encaixava na descrição que Eileen fez de Balsam estava na parte frontal da sala, no púlpito reservado para o Venerável Mestre do Templo. Sobre o terno preto vestia o jaleco branco maçônico com o galão vermelho brilhante. Vestia um tabardo como um babador gigante em torno do pescoço. Era branco também, com uma cruz ansata vermelha no centro. Um *ankh*.

— Quem responde por esta mulher? — Balsam perguntou.

Havia uma dúzia ou mais de outras pessoas na sala, de ambos os sexos, todos em jalecos e tabardos. Formavam uma linha sinuosa no lado esquerdo do salão. A maioria delas parecia bem normal. Um homem tinha uma pele vermelha brilhante e nenhum cabelo, obviamente um curinga. Outro parecia terrivelmente frágil, com óculos grossos e uma expressão atordoada. Era o único que não usava roupas normais sob o jaleco. Em vez disso, estava enrolado num manto branco alguns números acima do dele, com um capuz e mangas que pendiam de suas mãos.

Clarke saiu da fila e disse:

— Eu respondo por ela.

Balsam lhe passou uma máscara intrigante, coberta naquilo que parecia uma lâmina de ouro. Era uma cabeça de falcão, e cobria completamente o rosto de Clarke.

— Quem se opõe? — disse Balsam.

Uma mulher jovem, oriental, bem simples, mas com natureza sexual indefinível, deu um passo à frente.

— Eu me oponho.

Balsam entregou-lhe uma máscara com orelhas longas e pontudas e um rosto alongado. Quando ela a colocou, deu-lhe um olhar frio, desdenhoso. Fortunato sentiu o pulso de Eileen começar a aumentar.

— Quem a defende?

— Eu a defendo.

Outro homem deu um passo à frente e pegou a máscara com o rosto de Anúbis, o chacal.

O ar atrás de Balsam ondulou e começou a brilhar. As velas bruxuleavam. Aos poucos, um homem dourado tomou forma, iluminando a sala. Era quase da altura do teto, com feições caninas e olhos amarelos e quentes. Ele se ergueu com braços cruzados e olhou para baixo, na direção de Eileen. Seu pulso acelerou e se descompassou, e ela enterrou as unhas nas palmas das mãos. Ninguém parecia perceber que ele estava lá.

A mulher usando a máscara pontuda estava na frente de Eileen.

— Osíris — disse a mulher. — Sou Set, da companhia de Annu, filho de Seb e Nut.

Ele sentiu Eileen abrir a boca para falar, mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, a mão direita da mulher estapeou seu rosto. Ela caiu de costas e deslizou quase um metro pelo ladrilho.

— Vejam — disse a mulher. Tocou com os dedos os olhos de Eileen e eles ficaram úmidos. — A chuva fertilizadora.

— Osíris — disse o homem com cabeça de chacal, caminhando até o lugar da mulher. — Sou Anúbis, filho de Rá, Aquele que abre os Caminhos. A Montanha do Funeral é minha. — Ele foi para trás de Eileen e levantou-a do chão.

Agora Clarke estava ajoelhando-se ao seu lado, o homem dourado pairando atrás dele.

— Osíris — disse ele. A luz brilhou de seus olhos pequenos da máscara de falcão. — Sou Hórus, teu filho e de Isis. — Ele apertou dois dedos contra os lábios de Eileen, forçando-a a abrir a boca. — Vim para te abraçar, sou teu filho Hórus, pressionei tua boca; sou teu filho, te amo. Tua boca estava fechada, mas eu arrumei para ti tua boca e teus dentes. Abro para ti teus dois olhos. Abri para ti tua boca com o instrumento de Anúbis. Hórus abriu a boca dos mortos, como nos tempos antigos abriu tua boca, com o ferro que surge de Set. Os mortos caminharão e falarão, e seu corpo estará com a grande companhia dos deuses na Grande Casa do Nascido em Annu, e ela receberá lá a coroa de *ureret* de Hórus, o senhor da humanidade.

Clark tomou de Balsam algo que parecia uma cobra de madeira. Eileen tentou afastar, mas o homem com cabeça de chacal a segurava com muita força. Clarke girou a cobra para trás e então tocou gentilmente a boca e os olhos de Eileen com ela quatro vezes.

— Ó Osíris, firmei para ti as duas mandíbulas em teu rosto, e agora elas estão separadas.

Ele se afastou para o lado. Balsam curvou-se sobre ela até seu rosto estar apenas a centímetros de distância e disse:

— Agora, dou-te o *hekau*, a palavra do poder. Hórus deu a ti o uso de tua boca e podeis dizê-la. A palavra é TIAMAT.

— TIAMAT — Eileen sussurrou.

Fortunato, atordoado pelo medo, avançou para a mente de Balsam.

O truque era manter-se em movimento, não ficar impressionado pela estranheza. Se mantivesse associações desencadeadoras, terminaria na parte da memória de Balsam que ele queria.

Naquele momento, Balsam estava próximo do êxtase. Fortunato seguiu as imagens e totens da mágica egípcia até encontrar as primeiras, e de lá percorreu o caminho até o pai de Balsam, e voltou por sete gerações até o próprio Black John.

Tudo que Balsam ouviu ou leu ou imaginou sobre seu ancestral estava ali. Sua primeira trapaça, quando matou o ourives Marano por seis onças de ouro fino. Sua fuga de Palermo. O encontro com o grego Altotas e o aprendizado da alquimia. Egito, Turquia, Malta e, finalmente, Roma, aos 26 anos, bonito, inteligente, carregando cartas de recomendação para a nata da sociedade.

Onde ele conheceu Lorenza. Fortunato a viu como Cagliostro, nua perante ele pela primeira vez, com apenas 14 anos, mas de uma beleza estonteante: magra, elegante, pele dourada, com cabelos ondulados de um preto intenso que caíam em torno dela, seios pequeninos e perfeitos, cheirando a flores selvagens costeiras, sua voz rouca gritando seu nome enquanto o envolvia entre as pernas.

Viajando pela Europa em carruagens forradas com veludo verde-escuro, a beleza de Lorenza abrindo a sociedade para eles sem reservas, vivendo daquilo que mendigavam nos corredores da nobreza e entregando o resto como esmolas.

E, finalmente, a Inglaterra.

Fortunato observou como Cagliostro cavalgava na floresta montado em um puro-sangue de caça cor de ébano. Ele se separou, não bem por acidente, de Lorenza e do jovem lorde inglês que se encantou por ela. Sem dúvida, Vossa Senhoria estava em seu caminho com ela, agora mesmo em alguma vala ao lado da estrada, e sem dúvida Lorenza já havia encontrada uma maneira de tirar vantagem.

Então, a lua caiu do céu no meio da tarde.

Cagliostro apressou o garanhão na direção da aparição reluzente. Ela aterrissou numa clareira a poucas centenas de metros. O cavalo não se aproximaria mais do que trinta metros, então Cagliostro o prendeu num arbusto e continuou a pé. A coisa era indistinta, feita de ângulos desencontrados, e quando Cagliostro avançou, uma parte da coisa se desprendeu… E foi tudo. De repente, Cagliostro estava cavalgando de volta para Londres numa carruagem com Lorenza, pleno de algum propósito elevado que Fortunato não conseguia entender.

Ele esquadrinhou a mente de Balsam. O conhecimento tinha de estar lá em algum lugar. Algum fragmento daquilo que era a coisa na floresta, o que ela disse ou fez.

Foi quando Balsam se levantou num solavanco e disse:

— A mulher está dentro do meu cérebro.

♣

Ele procurou novamente através dos olhos de Eileen, enfurecido com a própria falta de cuidado. As coisas estavam dando muito errado. Ele se viu encarando o rosto do homenzinho com óculos de lentes grossas e manto.

E então estava de volta na cela.

Dois guardas o pegaram pelos braços e o arrastaram na direção da porta.

— Não — disse ele. — Por favor. Apenas alguns minutos.

— Ah, você gosta daqui, não é? — disse um dos guardas. Eles empurraram Fortunato para a porta da cela. O pé de Fortunato escorregou no linóleo liso e ele caiu de quatro. O guarda chutou-o perto do rim esquerdo, não forte o suficiente para fazê-lo desmaiar.

Então, eles o arrastaram novamente pelos corredores sem-fim de um verde desbotado para dentro de uma sala com painéis escuros sem janelas e uma longa mesa de madeira. Um homem num terno barato, talvez com 30 anos, sentou-se do outro lado da mesa. Seu cabelo era castanho médio, seu rosto, comum. Havia uma placa dourada presa ao bolso de seu paletó. Ao lado dele estava sentado um homem de camisa polo e blazer caro. Tinha uma boa aparência, excessivamente ariana, cabelos loiros ondulados, olhos azuis gélidos. Fortunato lembrou-se do maçom que Eileen havia descrito, Roman.

— Sargento Matthias? — disse o segundo guarda. O homem de terno barato concordou com a cabeça. — É este aqui.

Matthias recostou-se na cadeira e fechou os olhos. Fortunato sentiu algo varrer sua mente.

— E aí? — Roman perguntou.

— Não muito — disse Matthias. — Alguma telepatia, um pouco de telecinesia, mas é fraco. Duvido que consiga arrombar um cadeado.

— Então, o que você acha? O chefe precisa se preocupar com ele?

— Não vejo por quê. Você poderia detê-lo um pouco por assassinar aquele garoto, ver o que acontece.

— Para quê? — disse Roman. — Ele acabou de alegar legítima defesa. O juiz provavelmente vai dar uma medalha pra ele. Ninguém se importa com aqueles moleques desgraçados.

— Tudo bem — disse Matthias. Ele se voltou aos guardas. — Podem liberá-lo. Já acabamos com ele.

♠

Levou mais uma hora para estar de volta à rua e, claro, ninguém lhe ofereceu uma carona para casa. Mas tudo bem. O Bairro dos Curingas era onde precisava estar.

Sentou-se nos degraus da delegacia e alcançou a mente de Eileen.

Viu-se encarando a parede de tijolos de um beco. Estava vazio de pensamentos ou emoções. Quando lutou para irromper na névoa do cérebro dela, sentiu a bexiga dela se soltar e a urina morna espalhar-se numa poça sob ela e, rapidamente, ficar gelada.

— Ei, cara, sem dormir nos degraus.

Fortunato caminhou até a rua e sinalizou para um táxi. Colocou uma nota de vinte na pequena gaveta de metal e disse:

— Para o sul. E rápido.

♦

Ele saiu do táxi na Chrystie Street, bem ao sul da Grand Street. Ela não se moveu. Sua mente estava vazia. Ele agachou à sua frente e buscou por alguns segundos, então não conseguiu

aguentar e caminhou até o fim do beco. Esmurrou a lateral de uma caçamba até as mãos ficarem praticamente inúteis. Então, voltou para tentar novamente.

Abriu a boca para falar algo. Nada saiu. Não restaram palavras na sua cabeça, apenas os aglomerados vermelhos de sangue e uma enxurrada de ácido que se elevava continuamente diante dos seus olhos.

Caminhou pela rua e discou o número da emergência. Um carro buzinou para ele, que não entendeu por quê. Ajoelhou-se diante de Eileen. Sua boca pendia aberta e um fio de saliva balançava sobre a blusa. Ele não aguentava olhar para ela. Fechou os olhos e alcançou sua mente, parando gentilmente seu coração.

Foi fácil encontrar o templo. Estava somente a três quarteirões de distância. Seguiu apenas os rastros de energia dos homens que deixaram Eileen no beco.

Ele estava em pé, diante da rua da igreja de tijolos. Tinha que piscar os olhos o tempo todo para mantê-los focalizados. O rastro dos homens levavam ao prédio, e dois ou três outros traços levavam para fora. Mas Balsam ainda estava lá dentro, Balsam, Clarke e mais uma dúzia.

Isso era bom. Queria todos, mas acertaria as contas com aqueles que estavam ali. Com eles, e suas moedas e suas máscaras douradas, seus rituais, seu templo, tudo que fazia parte da tentativa de trazer a monstruosidade alienígena para a Terra, que derramaram sangue e destruíram mentes e arruinaram vidas para fazê-lo. Queria aquilo terminado, acabado, de uma vez por todas.

A noite estava extremamente fria, um vácuo tão frio quanto o espaço sugando o calor e a vida de tudo que tocava. Suas bochechas queimaram e, então, ficaram dormentes.

Ele buscou o poder que restava, e não era suficiente.

Por alguns segundos, ficou ali, e tremia com uma raiva impotente, pronto para ir ao prédio de mãos vazias e desgastadas. Então, ele a viu, no canto, em pé na pose clássica sob a luz de um poste. Calças pretas sensuais, jaqueta de pele de coelho, xale de pele falsa. Saltos de puta e maquiagem demais. Ele ergueu o braço lentamente e acenou para ela.

Ela parou na frente dele, olhando-o cuidadosamente de cima a baixo.

— Ei — disse ela. Sua pele estava ressequida e os olhos, cansados. — Vamos fazer um programa?

Ele tirou uma nota de cem dólares da jaqueta e abriu o zíper da calça.

— Bem aqui na rua? Querido, você deve estar a perigo mesmo. — Ela olhou para a nota de cem e se ajoelhou. — Ai, esse cimento gelado. — Ela fuçou nas calças dele e então olhou para cima. — Que merda é essa? Sangue seco?

Ele tirou outra nota de cem. A mulher hesitou por um segundo, enfiou as duas notas na bolsa e prendeu a bolsa sob o braço.

Com o toque daquela boca, Fortunato endureceu instantaneamente. Sentiu uma onda subindo dos pés, fazendo seu couro cabeludo e as unhas doerem. Seus olhos rolaram para cima até estar encarando o segundo andar da velha igreja.

Queria usar seu poder para levantar o quarteirão inteiro e lançá-lo para o espaço, mas não

tinha força para quebrar uma janela. Testou os tijolos e as vigas de madeira e a fiação elétrica, e encontrou o que buscava. Seguiu o encanamento do gás até o porão e de volta ao encanamento central, então começou a mover o gás por ele, formando a pressão do jeito que ela se formava dentro dele, até os canos vibrarem, as paredes balançarem e o cimento rachar.

A puta olhou para cima e na direção da rua, viu rachaduras fendendo as paredes.

— Corre — disse ele. Enquanto ela corria estalando os saltos, Fortunato esticou o braço e apertou os dedos na base do pênis, forçando a volta do jorro quente de sua ejaculação. Seus intestinos viraram fogo, e na água-furtada acima do templo, o cano de aço preto entortou e desligou-se de suas conexões. Esguichou gás e foi ao chão, lançando faíscas pelas paredes de alambrado e gesso.

O prédio inchou por um instante, como se estivesse se enchendo de água, e em seguida explodiu numa bola de chama laranja enfumaçada. Os tijolos chocaram-se na parede do outro lado, onde Fortunato estava, mas ele não conseguia desviar os olhos, não até as sobrancelhas ficarem chamuscadas e a pele e suas roupas começarem a queimar. O rugido da explosão estilhaçou janelas pela rua inteira, e quando finalmente ela feneceu, o balir das sirenes e alarmes ocupou seu lugar.

Ele queria tê-los ouvido gritar.

♣

Por fim, um táxi parou para ele. O motorista queria levá-lo ao hospital, mas Fortunato o dissuadiu disso com uma nota de cem dólares.

Escalar as escadas até o apartamento levou mais tempo do que qualquer outra coisa de que pudesse se lembrar. Entrou no quarto. Os travesseiros ainda tinham o cheiro de Eileen.

Voltou para a cozinha, pegou uma garrafa de uísque e se sentou ao lado da janela, bebendo de uma vez, assistindo ao brilho vermelho do fogo lentamente morrer sobre o Bairro dos Curingas.

Quando finalmente desmaiou no sofá, sonhou com tentáculos e a carne úmida e elástica, e os bicos que se abriam e fechavam com uma risada longa e reverberante.

♣ ♦ ♠ ♥

1985

Jube: Um

Após ter trancado a banca de jornal à noite, Jube encheu o carrinho de compras com jornais e partiu para a ronda diária pelos bares do Bairro dos Curingas.

Faltando menos de uma semana para o Dia de Ação de Graças, o vento frio de novembro tinha uma ponta amarga quando chegava assobiando pela Bowery. Jube arrastava-se com uma das mãos no velho chapéu-palheta surrado, enquanto a outra puxava o carrinho sobre a calçada rachada. Via-se, pelo tamanho da calça, que o defunto era muito maior, e sua camisa havaiana azul de mangas curtas era coberta de surfistas. Ele nunca usou casaco. Jube vendia jornais e revistas na esquina da Hester Street com a Bowery desde o verão de 1952, e nunca tinha usado um casaco até então. Sempre que lhe perguntavam sobre isso, ele ria, mostrando as presas, dava um tapa na barriga avantajada e dizia:

— Esta é toda a proteção de que preciso, sim, senhor.

Em um dia bom, usando sapatos com salto, Jube Benson media no máximo pouco mais de um metro e meio, mas havia muito dele no pacote compacto, mais de 130 quilos de carne oleosa e negra azulada que lembrava borracha meio derretida. Seu rosto era largo e esburacado, seu crânio coberto com tufos de cabelo crespo ruivo, e duas pequenas presas curvadas nos cantos da boca. Cheirava a pipoca amanteigada e sabia mais piadas que qualquer outra pessoa no Bairro dos Curingas.

Jube caminhava bamboleando de forma enérgica, sorrindo aos transeuntes, vendendo os jornais aos carros que passavam (mesmo naquela hora, a avenida principal do Bairro dos Curingas estava longe de estar deserta). No Funhouse, deixava uma pilha de *Daily News* para o porteiro entregar aos clientes na saída, junto com um *New York Times* para Des, o dono. Alguns quarteirões adiante havia o Chaos Club, onde também entregava uma pilha de jornais. Jube havia guardado uma edição da *National Informer* para Brilhante. O porteiro pegou-a com a mão magra e reluzente.

— Obrigado, Morsa.

— Leia com atenção — disse Jube. — Está falando aí que conseguiram um novo tratamento, transformam curingas em ases.

Brilhante riu.

— Ah, claro — disse ele, folheando as páginas. Um sorriso lento se abriu no rosto fosforescente. — Ei, olha aqui, Sue Ellen vai voltar para J.R.

— Sempre volta — Jube comentou.

— Dessa vez vai ter o bebê-curinga dele — disse Brilhante. — Meu Deus, que mulherzinha burra. — Dobrou o jornal sob o braço. — Ficou sabendo? — perguntou. — Gimli vai voltar.

— Não diga — Jube respondeu. A porta se abriu atrás deles. Brilhante pulou para segurá-la e assobiou chamando um táxi para o casal bem-vestido que surgiu. Enquanto os ajudava a

entrar, entregou-lhes o *Daily News* gratuito, e o homem deixou uma nota de cinco na mão do curinga. Brilhante a fez desaparecer, com uma piscadela para Jube, que acenou e pôs-se em marcha novamente, deixando o porteiro fosforescente no meio-fio em sua libré do Chaos Club, lendo atentamente a *Informer*.

O Chaos Club e o Funhouse eram estabelecimentos de categoria; os bares, tavernas e cafés nas ruas laterais raramente forneciam algo de graça. Mas ele era conhecido em todos eles, e deixavam-no vender os jornais de mesa em mesa. Jube parou no Pit e no Hairy's Kitchen, jogou *shuffleboard* no Squisher's Basement, entregou uma *Penthouse* para o Wally, do Wally's. No Black Mike's Pub, sob o sinal em neon da cerveja Schaefer, fez piada com algumas garotas que estavam trabalhando e deixou que contassem sobre o político limpo e estranho com quem transaram a três.

Deixou o *New York Times* do Capitão McPherson com o sargento de plantão na delegacia do Bairro dos Curingas, e vendeu uma revista *Sporting News* para um policial à paisana, que achou que ele tinha uma pista sobre o Jokers Wild, onde um garoto de programa foi castrado no palco na semana anterior. No Twisted Dragon, às margens de Chinatown, Jube livrou-se dos jornais chineses antes de seguir para o Freakers, na Chantham Square, onde vendeu um exemplar do *Daily News* e meia dúzia do *Grito do Bairro dos Curingas*.

Os escritórios do *Grito* ficavam do outro lado da praça. O editor da noite sempre pegava um *New York Times*, um *Daily News*, um *Post* e um *Village Voice*, e servia uma xícara de café preto e lodoso para Jube.

— Noite fraca — disse Patola, mascando um charuto apagado enquanto virava as páginas dos concorrentes com suas pinças.

— Ouvi dizer que a polícia vai fechar o estúdio de pornô curinga na Divisa — disse Jube, bebericando educadamente o café.

Patola apertou os olhos para olhá-lo.

— Você acha? Não fiquei sabendo, Morsa. Aquele bando tem alguma ligação. Com a família Gambione, eu acho. Onde você ouviu isso?

Jube lançou para ele um sorriso elástico.

— Tenho que proteger minhas fontes, chefe. Ouviu aquela sobre o cara que casou com uma curinga, muito linda, cabelos loiros compridos, rosto de anjo, corpo perfeito? Na noite de núpcias, ela vem com a camisola branca e diz pra ele: "Querido, tenho boas e más notícias". Ele fala "Tudo bem, fale primeiro as boas notícias". "Bem", ela diz, "a boa notícia é que o carta selvagem fez *isto* aqui comigo", dá uma voltinha e mostra sua beleza até ele sorrir e se babar todo. "Então, qual é a má notícia?", ele pergunta. Daí ela fala: "A má notícia é que meu nome é Joseph".

Patola fez uma careta.

— Cai fora daqui — ele diz.

Os frequentadores do Ernie's levaram alguns exemplares do *Grito* e um *Daily News*, e para o próprio Ernie ele havia trazido uma edição da revista *Ring*, que chegara naquela tarde. Era uma noite tranquila, então Ernie lhe serviu uma piña colada, e Jube lhe contou aquela da noiva curinga que tinha boas e más notícias para o marido.

O balconista da loja de *donuts* 24 horas pegou um *Times*. Quando virou na Henry Street

para a última parada, a carga de Jube estava tão leve que o carrinho saltitava atrás dele.

Havia três táxis fora da entrada abobadada do Crystal Palace, esperando passageiros.

— Ei, Morsa — chamou um dos taxistas enquanto ele passava. — Tem um *Grito* aí?

— Claro — disse Jube. Vendeu o jornal por uma moeda. O motorista tinha um ninho de filamentos parecido com cobras no lugar do braço direito, e nadadeiras no lugar das pernas, mas seu carro tinha controles manuais especiais e ele conhecia a cidade como a palma dos tentáculos. Também lucrava boas gorjetas. Nesses dias as pessoas ficavam tão aliviadas quando pegavam um táxi cujo motorista falasse inglês que nem ligavam para a aparência.

O porteiro levou o carrinho de Jube degraus de pedra acima até a entrada principal da casa geminada de três andares da virada do século. Dentro do vestíbulo vitoriano, Jube deixou o chapéu e o carrinho com a garota da chapelaria, juntou os jornais que restavam embaixo do braço e caminhou para dentro do salão imenso com pé-direito alto do bar. Elmo, o leão de chácara anão, estava carregando para fora um homem com cara de lula e uma máscara dominó de lantejoulas quando Jube entrou. Havia uma contusão feia num lado da cabeça.

— O que ele fez? — perguntou Jube.

Elmo riu para ele.

— Não é o que ele fez, é o que estava pensando em fazer. — O homenzinho empurrou as portas de vitrais com o cara de lula pendurado no ombro como um saco de cereais.

O Crystal Palace era a última parada. Jube deu um giro pelo bar principal – dificilmente ligava para as salas laterais e suas alcovas acortinadas – e vendeu mais alguns jornais. Então, subiu num banco. Sascha estava atrás do longo balcão de mogno, o rosto sem olhos e um bigode finíssimo refletiam no espelho enquanto misturava um *planter's punch*. Pousou o copo diante de Jube sem falar nem receber pagamento algum.

Quando Jube bebericou o drinque, sentiu um vestígio de perfume familiar e virou a cabeça logo que Crisálida se sentou no banco ao seu lado.

— Bom dia — disse ela. A voz era suave, com sotaque levemente britânico. Usava uma espiral de purpurina prateada numa bochecha e, como a carne era transparente por baixo dela, parecia flutuar como uma nébula sobre a brancura do crânio. O batom era um brilho labial prata, e suas unhas longas reluziam como adagas. — Como vai a venda dos jornais, Jubal?

Ele sorriu para ela.

— Já ouviu a piada da noiva que tinha boas notícias e más notícias para o marido?

Em torno de sua boca, as sombras cinzentas fantasmagóricas dos músculos torceram os lábios prateados numa careta.

— Me poupe.

— Tudo bem. — Jube deu mais um gole no *planter's punch* por um canudinho. — No Chaos Club eles botam um guarda-chuvinha neles.

— No Chaos Club eles servem drinques em cocos.

Jube bebericava o drinque.

— Aquele lugar na Divisa, onde filmam aquelas coisas *hardcore*? Ouvi que é uma operação dos Gambione.

— Notícia velha — Crisálida disse. Era hora de fechar. As luzes acenderam. Elmo começou a circular, empilhando cadeiras nas mesas e expulsando os clientes.

— O Troll será o novo chefe de segurança na clínica do Tachyon. O próprio doutor me disse.

— Ação afirmativa? — Crisálida perguntou, ironicamente.

— Em partes — disse Jube. — E em parte porque tem quase três metros de altura, é verde e quase invulnerável. — Ele sugou o restante do drinque fazendo barulho, e mexeu o gelo moído com o canudo. — O cara da delegacia tem uma pista sobre o carta selvagem.

— Não vão achar — Crisálida disse. — Se encontrarem, vão desejar não ter encontrado.

— Se tivessem juízo, perguntariam pra você.

— Não tem dinheiro suficiente no orçamento municipal pra pagar por *essa* informação — Crisálida comentou. — Que mais? Você sempre guarda o melhor para o final.

— Acho que nada — Jube falou, girando o banco para encará-la. — Mas ouvi falar que Gimli está voltando para casa.

— Gimli? — Sua voz era impassível, mas os olhos azuis profundos suspensos nas órbitas do crânio olharam para ele intensamente. — Que interessante. Tem detalhes?

— Ainda não — disse Jube. — Conto assim que souber.

— Tenho certeza de que contará. — Crisálida tinha informantes em todo o Bairro dos Curingas. Mas Jube, o Morsa, era um dos mais confiáveis. Todos o conheciam, todos gostavam dele, todos falavam com ele.

Jube foi o último cliente a deixar o Crystal Palace naquela noite. Quando saiu, começou a nevar. Ele limpou a garganta, pegou o chapéu com firmeza e arrastou-se pela Henry Street, puxando o carrinho vazio atrás dele. Uma patrulha surgiu quando ele passava por baixo da ponte de Manhattan, lentamente, e abriu o vidro.

— Ei, Morsa — o policial negro atrás do volante chamou. — Está nevando, curinga idiota. Vai congelar as bolas.

— Bolas? — Jube respondeu. — Quem disse que curingas têm bolas? Amo esse tempo, Chaz. Olhe para essas bochechas rosadas! — Ele beliscou a bochecha oleosa, negra azulada, e gargalhou.

Chaz suspirou, e abriu a porta traseira da viatura.

— Entra, vou te levar para casa.

A casa ficava num prédio espaçoso de cinco andares na Eldridge, uma viagem curta. Jube deixou o carrinho sob os degraus, ao lado das latas de lixo, enquanto abria a tranca do apartamento no porão. A única janela estava totalmente tapada por um ar-condicionado enorme e antiquíssimo, seu gabinete enferrujado estava naquele momento meio coberto de neve esvoaçante.

Quando acendeu as luzes, as lâmpadas avermelhadas de 15 watts na instalação superior enchiam a sala com um crepúsculo sombrio escarlate. Lá dentro era um frio de congelar os ossos, um pouco menos do que as ruas de novembro. Jube nunca ligava o aquecedor. Uma ou duas vezes ao ano, um homem da companhia de gás passava para verificar se ele não havia mexido no medidor.

Embaixo da janela, panelas de carne verde em decomposição cobriam o tampo de uma mesa de carteado. Jube tirou a camisa, que revelou um peito largo com seis mamilos, pegou de um copo de gelo para triturar e pegou o bife mais maduro que conseguiu encontrar.

Um colchão sem lençol cobria o chão do quarto e, no canto, sua mais nova aquisição, uma banheira de porcelana para banhos quentes novinha, ficava na frente de uma televisão com tela imensa. Exceto que "banhos quentes" não aconteciam, pois nunca havia usado o sistema de aquecimento. Aprendera muito sobre os humanos nos últimos vinte e três anos, mas nunca havia entendido por que queriam ficar imersos em água escaldante, ele pensou enquanto tirava a roupa. Até os takisianos tinham mais juízo que isso.

Segurando o bife com uma das mãos, Jube cuidadosamente entrou na água gélida e ligou a televisão com o controle remoto para assistir aos programas de notícias que havia gravado. Lançou o bife à boca larga e começou a mastigar a carne crua lentamente, enquanto flutuava ali, absorvendo cada palavra que Tom Brokaw tinha a dizer. Estava muito relaxante, mas, quando o programa acabou, Jube sabia que era hora de ir para o trabalho.

Saiu da banheira, arrotou e se secou com vigor numa toalha do Pato Donald. Uma hora, não mais, pensou consigo mesmo, enquanto caminhava pesadamente pelo quarto, deixando pegadas no assoalho de madeira. *Estava* cansado, mas tinha trabalho a fazer, ou ficaria ainda mais para trás. Em pé, no fundo do quarto, apertou uma longa sequência de números no controle remoto. A parede de tijolos à sua frente pareceu se dissolver quando apertou o último dígito.

Jube caminhou por aquilo que fora um porão de carvão. A parede ao fundo era dominada por um holocubo que fazia até a televisão parecer pequena. Um console com formato de ferradura contornava uma imensa poltrona de braços projetada para o corpo único de Jube. Em todos os lados da câmara aconchegante havia máquinas, algumas que teriam sido óbvias para qualquer aluno do ensino médio, outras que teriam deixado o próprio Dr. Tachyon estupefato.

Mesmo sendo primitivo, o escritório se adequava muito bem a Jube. Sentou-se na poltrona, ligou a alimentação por fusão celular e pegou uma haste cristalina do tamanho de um dedinho de criança de uma prateleira ao lado de seu cotovelo. Quando encaixou-a no orifício apropriado do console, o gravador acendeu-se por dentro, e ele começou a ditar as últimas observações e conclusões numa língua que parecia metade música, metade cacofonia, formada em parte iguais de gritos, assobios, arrotos e cliques. Se os outros sistemas de segurança falhassem, seu trabalho ainda estaria a salvo. No mais, não havia outro sensitivo no raio de quarenta anos-luz que falasse sua língua nativa.

♣ ♦ ♠ ♥

Até a sexta geração

Walter Jon Williams

Prólogo

Ele ainda estava fumegando no ponto em que a atmosfera queimou sua carne. O sangue quente corria de suas narinas. Tentou fechá-las para manter o resto do líquido, mas perdeu a capacidade de controlar a respiração. Os fluidos tinham superaquecido durante a descida e se extinguido dos diafragmas como vapores de uma caldeira explodindo.

As luzes piscavam para ele no fim do beco. Ofuscavam seus olhos. Sons ríspidos rachavam em seus ouvidos. O sangue evaporava no concreto assim que esfriava.

A Mãe do Enxame detectou sua nave, atingiu-o com uma vasta carga de partículas gerada no corpo planetoide monstruoso da criatura. Mal teve a oportunidade de sinalizar para Jhubben na superfície do planeta antes de a quitina da nave ser rasgada. Foi forçado a agarrar o deslocador de singularidade, fonte de força experimental da sua raça, e pulou no vácuo escuro. Mas o deslocador tinha sido danificado no ataque e ele não conseguia controlá-lo — havia queimado na descida.

Tentou reunir a concentração e regenerar a carne, mas falhou. Percebeu que estava morrendo.

Era necessário para impedir a drenagem da vida. Havia um contêiner de metal próximo, grande, com uma tampa articulada. Seu corpo era uma agonia reluzente, ele rolou na frente da superfície úmida do concreto e enganchou a perna que não estava ferida na tampa do contêiner. A perna era poderosa, concebida para saltar no céu de seu mundo de pouca gravidade, e agora era sua esperança. Moveu seu peso contra a gravidade opressiva, rolando o corpo sobre a extensão da perna. Os nervos feridos lamentaram em seu corpo. O fluido esguichou na parte de fora do contêiner.

O metal retumbou quando caiu dentro dele. Substâncias estalaram sob ele. Olhou para cima na noite que brilhava com o infravermelho refletido. Havia pedaços de matéria orgânica ali, esmagada e achatada, com corantes impressos sobre eles em padrões. Ele os agarrou com palpos e cílios, rasgando-os em tiras, empurrando-os contra suas narinas vazantes. Interrompendo o fluxo.

Cheiros orgânicos chegaram até ele. Houve vida ali, mas estava extinta.

Buscou o deslocador no abdômen, arrancou o aparelho, prendeu-o no peito rasgado. Se pudesse parar o tempo por um instante, conseguiria se recuperar. Então, de alguma forma, tentaria sinalizar para Jhubben. Talvez, se o deslocador não estivesse tão danificado, poderia dar um salto curto até as coordenadas dele.

O deslocador zuniu. Mostradores com luz estranha, um efeito colateral, piscavam levemente

na escuridão do contêiner. O tempo passou.

— Então, noite passada, recebi uma ligação da minha vizinha, Sally…

De forma tênue, de dentro de seu casulo do tempo, ouviu o som da voz. Ela ecoou levemente dentro do seu crânio.

— E Sally, ela disse, Hildy, ela disse, eu acabei de falar com a minha irmã Margaret, na Califórnia. Você se lembra de Margaret, ela disse. Ela foi para a escola com você, na St. Mary.

Houve um baque contra o metal perto de seus palpos auditivos. Uma silhueta contra a noite brilhante. Braços que o alcançaram.

A agonia voltou. Ele gritou, um chiado. O toque escalou seu corpo.

— Claro que me lembro de Margaret, eu disse. Ela estava um ano atrás de mim. As irmãs sempre ficavam atrás dela, porque ela só sabia mascar chicletes.

Algo segurava seu deslocador. Ele o manteve contra si, tentou protestar.

— É meu, idiota — a voz disse, rápida e irritada. — Eu vi primeiro.

Ele viu um rosto. Carne pálida suja de poeira, dentes à mostra, cílios cinzentos pendendo por trás de uma extrusão inorgânica.

— Não — disse ele. — Estou morrendo.

Com um puxão, a criatura arrancou o deslocador dele. Ele gritou quando o calor o deixou, enquanto sentia a morte lenta e fria voltar.

— Cala a boca aí. É meu.

A dor começou a pulsar lentamente por seu corpo.

— Você não entende — disse ele. — Há uma Mãe do Enxame próxima do seu planeta.

A voz zumbia. Coisas estalavam e chiavam no contêiner.

— Então, Margaret, a Sally disse, ela casou com aquele engenheiro da Boeing. E eles tiram cinquenta paus no ano, no mínimo. Férias no Havaí, em São Tomás, pelo amor de Deus.

— Ouça, por favor. — A dor crescia. Ele sabia que tinha apenas pouco tempo. — A Mãe do Enxame já desenvolveu inteligência. Percebeu que eu a identifiquei e me atingiu.

— Mas ela não tem que lidar com a minha família, a Sally disse. Está na outra maldita costa, a Sally disse.

Seu corpo chorava escarlate.

— O próximo estágio será um Enxame da primeira geração. Eles virão logo para o seu planeta, controlados pela Mãe do Enxame. Por favor, ouça.

— Então, tirei minha mãe da assistência social e botei neste belo apartamento, Sally disse. Mas a assistência social quer que eu e Margaret demos cinco dólares extras por mês para a mamãe. E Margaret, ela disse, ela não tem dinheiro. As coisas são caras na Califórnia, ela disse.

— Vocês correm um perigo terrível. Por favor, ouça.

O metal retumbou de novo. A voz estava ficando cada vez mais fraca com a distância.

— Então, as coisas estão bem fáceis aqui, Sally disse. Tenho cinco filhos e dois carros e uma hipoteca, e Bill diz que as coisas estão nas últimas lá na agência.

— O Enxame. O Enxame. Fale para Jhubben!

O outro foi embora, e ele estava morrendo. O material sob ele estava absorvendo seus fluidos. Respirar era uma agonia.

— Está frio aqui — disse ele. Lágrimas vinham do céu, tilintando contra o metal. As lágrimas eram ácidas.

♣ ♦ ♠ ♥

Jube: Dois

Na casa espaçosa da Eldridge Street, os inquilinos estavam fazendo uma festinha de Natal, e Jube se vestiu de Papai Noel. Ele era meio baixinho para o papel, e Papai Noel, nas vitrines das lojas, dificilmente tinha presas, mas Jube conhecia bem o *ho-ho-ho*.

A festa aconteceu na sala de estar do primeiro andar. Foi cedo neste ano, pois a Sra. Holland seguiria de avião para Sacramento na semana seguinte para passar o feriado com o neto, e ninguém queria fazer uma festa sem a Sra. Holland, que morava no prédio quase havia tanto tempo quanto Jube, e viu todos eles passarem por alguns momentos difíceis. Exceto pelo padre Fahey, o jesuíta alcoólatra do quinto andar, os inquilinos eram todos curingas, e nenhum deles tinha muito dinheiro para presentes de Natal. Então, cada um deles comprou um presente, e todos os presentes cabiam numa grande bolsa de carteiro de lona, e era tarefa anual do Jube misturá-los e entregá-los. Ele amava o trabalho. Os padrões humanos de presentear eram infinitamente fascinantes, e, algum dia, pretendia escrever um estudo sobre o assunto, assim que terminasse seu tratado sobre humor humano.

Sempre começava com o Doughboy, que era grande, mole e branco como cogumelo e vivia com o negro chamado Engraxado, num apartamento do segundo andar. O Doughboy ultrapassava Jube em mais de cem quilos, e era tão forte que arrancava a porta da frente de suas dobradiças ao menos uma vez por ano (Engraxado sempre arrumava). Doughboy adorava robôs, bonecas, caminhões de brinquedo e armas de plástico que faziam barulho, mas quebrava tudo em questão de dias, e os brinquedos que realmente amava quebravam em horas.

Jube embalou o presente em folha prateada, para que ele não desse à outra pessoa por engano.

— Ah, cara — Doughboy gritou quando abriu o pacote. Segurou no alto para todos verem. — Uma arma de raio, ah, cara, ah, cara. — Era rubro-negra, translúcida, moldada em linhas suaves e sensuais, de alguma forma inquietantes, com um cano fino como um lápis. Quando seus dedos envolveram a coronha e apontaram para a Sra. Holland, pontos de luz piscaram dentro dela, e Doughboy gritou de felicidade quando o computador corrigiu a mira.

— Isso é um brinquedo — Callie disse. Ela era uma mulher pequena, melindrosa, com quatro braços extras inúteis.

— *Ho, ho, ho* — disse Jube. — Ele não vai conseguir quebrá-lo.

Doughboy espremeu os olhos para o Velho Sr. Cricket e pressionou o gatilho, fazendo ruídos chiados, altos, entredentes.

Engraxado riu.

— Aposto que vai.

— Vai perder — disse Jube. A liga metálica de Ly'bahr era densa e forte o suficiente para aguentar uma pequena explosão termonuclear. Ele mesmo usou a arma durante seu primeiro

ano em Nova York, mas a parte elétrica tinha se desgastado, e após um tempo tornou-se muito mais uma chateação. Claro, Jube removeu a célula de energia antes de embrulhar o presente para Doughboy, e um perturbador da Rede não era o tipo de coisa que se conseguiria energizar com uma pilha grande.

Alguém botou um *eggnog*, generosamente batizado com rum e noz-moscada, na mão dele. Jube tomou um grande gole, riu com prazer e continuou a entrega dos presentes. Callie foi a próxima, e ganhou um talão de ingressos para o cinema da vizinhança. Denton, do quarto andar, recebeu uma touca tricotada de lã, que pendurou na ponta de seus chifres, provocando riso geral. Reginald, que as crianças da vizinhança chamavam de Cabeça de Batata (embora não fosse pelo seu rosto), acabou com um barbeador elétrico; Engraxado recebeu um cachecol multicolorido. Eles se olhavam, riam e trocavam presentes.

Ele fez seu caminho pela sala de pessoa a pessoa até todos terem um presente. O último presente na bolsa em geral era o dele; neste ano, contudo, a bolsa estava vazia após a Sra. Holland tirar seus ingressos para *Cats*. Jube ficou um pouco constrangido. Deve ter mostrado isso em seu rosto. Houve gargalhada em toda a sala.

— Não esquecemos você, Homem-Morsa — disse Chucky, o garoto com pernas de aranha que levava mensagens até a Wall Street.

— Este ano fizemos uma vaquinha; você vai ganhar algo especial. — Engraxado acrescentou.

A Sra. Holland deu o presente a ele. Era pequeno e com papel de embrulho de uma loja. Jube abriu-o cuidadosamente.

— Um relógio!

— Não é um relógio, Morsa, é um *cronômetro*! — Chucky disse. — Automático, à prova d'água e de choque também.

— Esse relógio vai te mostrar a data, e as fases da lua, droga, ele mostra tudo, menos quando sua namorada estiver naqueles dias — Engraxado disse.

— Engraxado! — disse a Sra. Holland, indignada.

— Você usa aquele relógio do Mickey Mouse desde que, bem, desde que *eu* te conheço — Reginald falou. — Todos pensamos que já era hora de você ter algo um pouco mais moderno.

Era um relógio muito caro. Assim, claro, não havia outra coisa a fazer, senão usá-lo. Jube tirou o do Mickey de seu pulso grosso e colocou o cronômetro novinho com sua pulseira flexível de metal. Pousou o velho relógio cuidadosamente em cima da prateleira sobre a lareira e deu uma volta na sala lotada, agradecendo a cada um deles.

Em seguida, o Velho Sr. Cricket esfregou as pernas para a afinação do "Jingle Bells", e a Sra. Holland serviu o peru que ganhara na rifa da igreja (Jube empurrou sua porção pela sala o suficiente para que parecesse que ele comeu um pouco), e teve mais *eggnog* para beber, e um carteado após o café e, quando ficou bem tarde, Jube contou algumas de suas piadas. Finalmente ele percebeu que era hora de se retirar; deu folga ao ajudante, então precisava abrir a banca ele mesmo de manhã bem cedinho. Mas quando foi até a prateleira para sair, o Mickey havia sumido.

— Meu relógio! — Jube exclamou.

— O que você quer com aquela coisa velha, agora que você tem um novinho? — Callie

perguntou.

— Tem valor sentimental — Jube comentou.

— Eu vi o Doughboy brincando com ele — disse o Verruga. — Ele gosta do Mickey Mouse.

Engraxado tinha colocado o Doughboy na cama havia horas. Jube teve de subir para o apartamento deles. Encontrou o relógio no pé de Doughboy, e Engraxado estava cheio de desculpas.

— Acho que ele quebrou — o velho disse.

— É muito resistente — falou Jube.

— Estava fazendo um barulho — comentou Engraxado. — Zumbindo. Quebrado por dentro, eu acho.

Por um momento, Jube não entendeu o que ele estava falando. Então, a confusão deu lugar ao medo.

— Zumbidos? Quanto tempo…?

— Um bom tempo — Engraxado disse, quando devolveu o relógio. De dentro da caixa vinha um chiado alto e fino. — Você está bem?

Jube balançou a cabeça.

— Cansado — ele comentou. — Feliz Natal. — E então desceu as escadas pesadamente, o mais rápido que pôde.

Em seu apartamento frio e escuro, correu para o porão de carvão. Lá dentro, seguro o suficiente, o comunicador tinha um brilho violeta, código de cor da Rede para emergência extrema. Seus corações estavam na boca. Quanto tempo? Horas, *horas*, e todo o tempo ele estivera festejando. Jube ficou enjoado. Jogou-se na cadeira e apertou botões no console para executar a mensagem que tinha gravado.

O holocubo brilhava por dentro, numa névoa de luz violeta. No centro estava Ekkedme, as pernas de salto traseiras dobradas sob ele, parecia quase agachado. O crisálida embe obviamente estava num estado de grande agitação; os cílios que cobrem seu rosto tremiam enquanto provavam o ar, e os palpos sobre sua pequena cabeça giravam freneticamente. Enquanto Jube assistia, o fundo violeta do código desapareceu e o interior lotado da nave unitária tomou forma. “A Mãe!”, Ekkedme gritou na *língua de contato*, forçando as palavras por suas narinas num sotaque embe sibilante. O holograma estilhaçou-se em uma imagem estática.

Quando se reintegrou um instante depois, o embe recuou de repente para um lado, esticando o membro frontal, fino como um graveto, e arrancou uma bola preta lisa da pelagem branca pálida de seu peito quitinoso. Começou a falar algo, mas atrás dele a parede da nave unitária entortou-se para dentro com um ruído metálico terrível, e então se desintegrou totalmente. Jube assistia com horror quando ar, instrumentos e o embe foram sugados na direção das estrelas frias e estáticas. Ekkedme bateu numa divisória irregular e deslizou mais para cima, segurando firme a bola enquanto as pernas traseiras lutavam desesperadamente. Um torvelinho de luz percorreu a superfície da esfera, e então pareceu se expandir. Uma onda preta rápida engoliu o embe; quando ela recuou, ele desapareceu. Jube ousou respirar de novo.

A transmissão foi interrompida bruscamente um instante depois.

Jube apertou a repetição, achando que havia perdido algo. Conseguiu assistir a apenas

metade. Então ele se levantou, correu para o banheiro e vomitou todo o *eggnog* da noite.

Estava mais calmo quando voltou. Tinha de pensar, tinha de ver as coisas com calma. Pânico e culpa não o levariam a lugar algum. Mesmo se estivesse usando o relógio, não conseguiria ter descido a tempo para pegar a chamada, e, de qualquer forma, não havia nada que pudesse fazer. Além disso, Ekkedme escapou com o deslocador de singularidade, Jube tinha visto com os próprios olhos, certamente o colega estava em segurança…

… apenas… se ele tivesse conseguido… onde ele estava?

Jube olhou em volta, lentamente. O embe certamente não estava *ali*. Mas onde mais poderia ter ido? Quanto tempo poderia sobreviver naquela gravidade? E o que *aconteceu* lá em cima, em órbita?

Carrancudo, conectou-se aos rastreadores via satélite. Havia seis deles, aparelhos sofisticados do tamanho de bolas de golfe, carregados com sensores rhindarianos. Ekkedme usou-os para monitorar padrões climáticos, atividade militar e transmissões de rádio e televisão, mas também tinham outros usos. Jube varreu os céus metodicamente, buscando uma nave unitária, mas onde deveria estar encontrou apenas destroços.

De repente, Jube sentiu-se muito sozinho.

Ekkedme era… bem, não um amigo, não do jeito que os humanos lá em cima eram amigos, nem mesmo tão próximo quanto Crisálida ou Patola, mas… suas espécies tinham pouco em comum, na verdade. Ekkedme era um tipo estranho e solitário, enigmático e não comunicativo; e 23 anos em órbita, trancado no confinamento estrito de sua nave unitária com nada para ocupar-se além de meditação e monitoramento, tinha transformado o estranho crisálida numa criatura quieta… mas, claro, essa foi a razão pela qual ele foi escolhido entre todos aqueles que o Mestre Comerciante poderia ter selecionado quando a nave *Opportunity* chegou havia tanto tempo, no ano humano de 1952, para observar os resultados do grande experimento takisiano. Espontâneas, as memórias vieram. A imensa nave espacial da Rede circulou o pequeno planeta verde entre junho e setembro, com pouco interesse. A civilização nativa era promissora, mas pouco mais avançada do que era nas visitas anteriores, poucos séculos antes. E o louvado vírus takisiano, o vírus carta selvagem, parecia ter produzido grandes quantidades de esquisitos, mutilados e monstros. Mas o Mestre Comerciante gostava de cobrir todas as possibilidades, então, quando a *Opportunity* partiu, deixou para trás dois observadores: o embe na órbita e um xenólogo na superfície. O Mestre Comerciante se divertia escondendo seu agente visível nas ruas de uma das maiores cidades do mundo. E para Jhubben, que tinha assinado um contrato de prestação de serviços vitalício pela chance de viajar para mundos distantes, era uma oportunidade rara de fazer um trabalho importante.

Ainda assim, até aquele momento, sempre havia a certeza de que algum dia a *Opportunity* voltaria, que algum dia ele veria novamente o voo espacial, e talvez até voltasse para as geleiras e cidades de gelo de Glabber, atrás de seu melancólico sol vermelho. O crisálida embe nunca foi um amigo de verdade; ainda assim Ekkedme tinha sua importância. Tinham um passado compartilhado. Apenas Jube sabia que o embe observava, ouvia; apenas o Ekkedme sabia que Jube, o Morsa, o jornaleiro curinga, era na verdade Jhubben, um xenólogo de Glabber. O crisálida era uma ligação com seu passado, com sua terra natal e seu povo, com a *Opportunity* e a própria Rede, com seus membros de 137 espécies espalhados em milhares de

mundos estranhos.

Jube olhou para o novo relógio que os amigos haviam lhe dado. Passava das duas. A mensagem foi recebida pouco antes das oito. Ele nunca tinha usado um deslocador de singularidade – era um dispositivo embe, ainda experimental, alimentado por um miniburaco negro e capaz de funcionar como um campo de estase, um dispositivo de teletransporte e até mesmo uma fonte de energia, mas caríssimo, com seus segredos zelosamente guardados pela Rede. Ele não fingia entender seu funcionamento, mas deveria ter trazido Ekkedme *aqui*, onde Jhubben poderia ajudá-lo. Se o deslocador falhou, o embe poderia ter se teletransportado para o vácuo do espaço, ou para o fundo do oceano ou… bem, para *qualquer lugar* ao alcance.

Ele balançou a cabeça imensa. O que poderia fazer? Se Ekkedme ainda estivesse vivo, encontraria uma maneira de chegar até ele. Jube estava sem forças para ajudá-lo. Enquanto isso, tinha um problema mais urgente: algo, ou alguém, descobriu, atacou e destruiu a nave unitária. Os humanos não tinham tecnologia, nem motivos. Quem quer que fosse responsável obviamente não era amigo da Rede, e se soubesse de sua existência, poderia vir atrás dele também. Jube desejou não ter dado sua arma para o Doughboy.

Ele assistiu à derradeira transmissão do embe uma última vez, na esperança de encontrar uma pista para o inimigo desconhecido. Não havia nada, exceto… "A Mãe!", Ekkedme tinha dito. O que era aquilo? Alguma invocação religiosa do embe, ou seu colega estava mesmo chamando pela fêmea que o chocara?

Jube passou as próximas horas flutuando na banheira, pensando. Não saboreava aqueles pensamentos, ainda que a lógica fosse inescapável. A Rede tinha muitos inimigos, dentro e fora dela, mas apenas um rival poderoso de verdade no setor espacial, e apenas um que pudesse ficar violentamente irritado por encontrar a Terra sob observação: uma espécie tão parecida e tão diferente dos humanos, dominadora e indiferente, racista, implacavelmente cruel e capaz da maioria das atrocidades, a julgar por aquilo que fizeram na Terra, e o que regularmente faziam entre os seus.

Quando a aurora se aproximou, vestindo-se após uma noite insone, Jube estava praticamente convencido disso. Apenas uma nave simbionte takisiana poderia ter feito aquilo que ele testemunhou. *O arpão-fantasma ou o laser?*, pensou. Não era especialista em equipamentos militares.

Era um dia cinzento, pegajoso, depressivo, e o humor de Jube se encaixava perfeitamente nele quando abriu a banca de jornal. Os negócios estavam fracos. Era pouco depois das oito quando o Dr. Tachyon desceu a Bowery, usando um casaco de pele branco e limpando uma mancha de ovo na gola.

— Algo errado, Jube? — Tachyon perguntou quando parou para pegar o *New York Times*. — Você não parece bem.

Jube não conseguia encontrar as palavras.

— Hum, sim, doutor. Um amigo meu… hum… morreu. — Ele olhou para o rosto de Tachyon, buscando um vestígio de culpa. A culpa vinha tão facilmente para os takisianos, com certeza ele se trairia se soubesse de algo.

— Sinto muito — o doutor disse, a voz sincera e solidária. — Também perdi alguém esta semana, um assistente da clínica. Tenho a suspeita horrível de que o homem foi assassinado.

Um dos meus pacientes desapareceu no mesmo dia, um homem chamado Spector. — Tachyon suspirou. — E agora a polícia quer que eu realize uma autópsia num pobre curinga que encontraram numa caçamba de lixo em Chelsea. O homem parece um gafanhoto peludo, McPherson comentou comigo. Isso faz dele um dos meus, viu. — Ele balançou sua cabeça, exausto. — Bem, vão ter que mantê-lo no freezer até eu poder organizar a busca pelo Sr. Spector. Fique de ouvidos abertos, Jube, e me informe se souber de alguma coisa, tudo bem?

— Você disse um gafanhoto? — Jube tentou manter a voz espontânea. — Um gafanhoto peludo?

— Sim — Tach disse. — Não é alguém que você conheça, espero.

— Não tenho certeza — disse Jube, rapidamente. — Talvez eu pudesse ir e dar uma olhada. Conheço muitos curingas.

— Ele está no necrotério, na First Avenue.

— Não sei se conseguiria — disse Jube. — Tenho um estômago delicado, doutor. Que tipo de lugar é esse necrotério?

Tachyon garantiu a Jube que não era nada assustador. Para acalmar qualquer apreensão, descreveu o necrotério e seus procedimentos. Jube memorizou cada detalhe.

— Não parece tão ruim — disse, por fim. — Talvez eu dê uma olhadinha, caso seja, hum, o rapaz que eu conheço.

Tachyon concordou com a cabeça, distraidamente, sua mente em outros problemas.

— Sabe — disse ele a Jube — que o tal Spector, o paciente que desapareceu… ele estava morto quando o trouxeram para mim. Salvei a vida do homem. E se eu não tivesse, talvez Henry ainda estivesse vivo. Claro, não tenho provas. — Dobrando seu *New York Times* sob o braço, o takisiano saiu caminhando pesadamente pela lama.

Pobre Ekkedme, pensou Jube. Morrer tão longe de casa… não tinha ideia de quais eram os costumes funerários dos embes. Não havia nem tempo para o luto. Tachyon não sabia, óbvio. E o mais importante, Tachyon não *deveria* saber. A presença da Rede na Terra deve ser mantida em segredo a todo custo. E se o takisiano realizasse a autópsia, ele *saberia*, não havia dúvida. Tachyon aceitou Jube como curinga, e por que não? Parecia tão humano quanto a maioria dos curingas, e estava no Bairro dos Curingas havia mais tempo que o próprio doutor. Glabber era um fim de mundo, pobre e obscuro. Não tinha voos espaciais próprios, e menos de uma centena de glabberianos prestava serviços nas grandes espaçonaves da Rede. As chances de ele reconhecer Jhubben eram próximas de zero. Mas os embes habitavam dezenas de mundos, suas espaçonaves eram conhecidas em mais de uma centena; eram grande parte da Rede, como os ly'bahres, kondikkis, aevres, ou mesmo os Mestres Comerciantes. Uma olhada naquele corpo e Tachyon saberia.

Jube se balançou sobre os calcanhares, sentindo as primeiras fisgadas do pânico. Tinha que pegar aquele corpo antes que Tachyon o visse. E o *deslocador*, como poderia se esquecer daquilo! Se um artefato tão valioso quanto um deslocador de singularidade caísse em mãos takisianas, não seria possível prever quais consequências poderiam ter. Mas *como*?

Um homem que ele nunca vira antes parou diante da banca de jornal. Distraído, Jube olhou para ele.

— Jornal?

— Um de cada — o homem disse —, como de costume.

Levou um momento para cair a ficha, mas, quando caiu, Jube saiba que tinha ali a sua resposta.

♣ ♦ ♠ ♥

Das cinzas às cinzas

Roger Zelazny

O Rádio cuspiu estática. Croyd Crenson esticou o braço, desligou-o e o lançou pelo quarto na direção do cesto de lixo ao lado da penteadeira. Achou que foi um bom presságio ele ter caído dentro.

Então, esticou-se, tirou as cobertas de cima de si e olhou seu corpo pálido e nu. Tudo parecia estar no lugar e normalmente simétrico. Desejou levitar e nada aconteceu, então jogou as pernas para a beirada da cama e se sentou. Passou a mão pelos cabelos, contente por descobrir que tinha cabelos. Acordar sempre era uma aventura.

Tentou ficar invisível, derreter o cesto de lixo com um pensamento ou criar um arco de faíscas com as pontas dos dedos. Nenhuma dessas coisas ocorreu.

Levantou-se e foi ao banheiro. Enquanto bebia copo atrás de copo d'água, examinou-se no espelho. Cabelos e olhos claros dessa vez, feições regulares; na verdade, era bastante bonito. Achou que tinha apenas um pouco mais de um metro e oitenta de altura. Bem musculoso também. Devia haver algo no armário que servisse. Tivera essa altura e constituição antes.

Era um dia cinzento, com trechos de neve de aparência lamacenta forrando a calçada do outro lado da rua. Água gotejava na sarjeta. Croyd parou no caminho para o armário para retirar uma haste de metal pesada de uma caixa sob a escrivaninha. A força ainda persistia, ele refletiu, quando o rolo de metal se juntou ao rádio no cesto de lixo. Ele localizou uma camisa e calças que ficavam bem nele, e um casaco de *tweed* apenas levemente apertado nos ombros. Voltou sua atenção para a imensa coleção de sapatos e, depois de um tempo, escolheu um par confortável.

Passava um pouco das oito de acordo com seu Rolex e, por ser inverno e ter luz do dia, isso significava manhã. Seu estômago roncou. Horário para café da manhã e orientação. Verificou o esconderijo do dinheiro e tirou duas notas de cem dólares. *Está acabando*, ele pensou. *Tenho que visitar o banco mais tarde. Ou talvez roubar um. As ações também estavam caindo, da última vez. Mais tarde…*

Ele se equipou com um lenço, um pente, as chaves e um pequeno frasco plástico de pílulas. Não gostava de carregar identificação de qualquer tipo. Não precisava de um sobretudo. Temperaturas extremas raramente o incomodavam.

Trancou a porta atrás de si, transpôs o corredor e desceu as escadas. Virou à esquerda quando chegou à rua, encarando um vento cortante, e começou a descer a Bowery. Deixando uma nota na mão esticada de um curinga alto e cadavérico com um nariz como uma ponta de gelo — que ficou tão parado quanto um totem na porta de uma loja de máscara fechada —, Croyd lhe perguntou que mês era.

— Dezembro — a figura disse sem mover os lábios. — Feliz Natal.

— É — disse Croyd.

Ele tentou mais alguns testes simples quando rumou para a primeira parada, mas não conseguiu quebrar as garrafas de uísque vazias na sarjeta com um pensamento, nem botar fogo em nenhuma das pilhas de lixo. Tentou emitir ultrassons, mas apenas produziu guinchos.

Seguiu até a banca de jornal na Hester Street, onde o pequeno e gordo Jube Benson estava sentado, lendo um de seus jornais. Vestia uma camisa havaiana amarela e laranja embaixo de um casaco de verão azul-claro; tufos de cabelos ruivos saíam sob o chapéu-palheta. A temperatura não parecia incomodá-lo mais do que a Croyd. Ele levantou o rosto escuro, inchado e marcado e mostrou um par de presas curtas e curvas quando Croyd parou diante da banca.

— Jornal? — perguntou.

— Um de cada — disse Croyd —, como de costume.

Os olhos de Jube espremeram-se levemente, enquanto examinava o homem diante dele. Então perguntou:

— Croyd?

Croyd concordou com a cabeça.

— Sou eu mesmo, Morsa. Como estão as coisas?

— Posso reclamar não, camarada. Ficou bonitão dessa vez.

— Ainda estou testando — disse Croyd, juntando uma pilha de jornais.

Jube mostrou mais das presas.

— Qual é o trabalho mais perigoso no Bairro dos Curingas? — ele perguntou.

— Sei não.

— Ir no banco do carona de um caminhão de lixo — disse ele. — Ouviu o que aconteceu com a moça que ganhou o concurso de Miss Bairro dos Curingas?

— O quê?

— Perdeu o título quando souberam que pousaria nua para o *Jornal dos Criadores de Galinha*.

— Essa foi bizarra, Jube — disse Croyd, lançando um sorriso sarcástico.

— Eu sei. Fomos atingidos por um furacão enquanto você dormia. Sabe o que ele fez?

— O quê?

— Quatro milhões de dólares de melhorias na cidade.

— Está bem, já deu! — disse Croyd. — Quanto te devo?

Jube baixou o jornal, levantou e caminhou como um pato para o lado da banca.

— Nada — disse ele. — Quero falar contigo.

— Tenho que comer, Jube. Quando acordo, preciso de um monte de comida e rápido. Volto mais tarde, tudo bem?

— Tudo bem se eu for contigo?

— Claro. Mas você vai perder negócios.

Jube começou a fechar a banca.

— Tudo bem — disse ele. — São negócios também.

Croyd esperou-o trancar a banca, e caminharam dois quarteirões até o Hairy's Kitchen.

— Vamos pegar a mesa do fundo — disse Jube.

— Ótimo. Nada de negócios até minha primeira rodada de comida, tudo bem? Não consigo me concentrar com pouco açúcar no sangue, hormônios engraçados e muitas transaminases. Me deixa botar algo pra dentro antes.

— Eu entendo. Coma tranquilo.

Quando o garçom se aproximou, Jube disse que já havia comido e pediu uma xícara de café, na qual nunca tocou. Croyd começou com um pedido duplo de bife com ovos e uma jarra de suco de laranja.

Dez minutos depois, quando as panquecas chegaram, Jube limpou a garganta.

— Agora, sim — disse Croyd. — Está melhor. Então, o que está te perturbando, Jube?

— Difícil começar — respondeu o outro.

— Comece de qualquer lugar. A vida está mais bonita pra mim agora.

— Nem sempre é saudável ter curiosidade com os negócios de outras pessoas daqui…

— Verdade — Croyd concordou.

— Por outro lado, as pessoas adoram fofocar, especular.

Croyd balançou a cabeça e continuou a comer.

— Não é segredo pra ninguém o jeito que você dorme, e isso impede que tenha um emprego normal. Agora, você parece mais um ás do que um curinga, no geral. Digo, normalmente você parece normal, mas tem um talento especial.

— Ainda não entendi qual é desta vez.

— Pois bem. Você se veste bem, paga suas contas, gosta de comer no Aces High e não está usando um Timex. Tem que *fazer* algo pra ficar de boa… a menos que tenha herdado uma bolada.

Croyd sorriu.

— Tenho medo de olhar o *Wall Street Journal* — disse ele, tocando a pilha de jornais ao lado. — Posso ter que *fazer* algo que não faço há algum tempo se me disser o que acho que vai dizer.

— Posso supor, então, que, quando você trabalha, o que faz é, às vezes, meio fora da lei?

Croyd levantou a cabeça e, quando seus olhos se encontraram, Jube encolheu-se. Era a primeira vez que Croyd percebia como o homem estava nervoso. Ele riu.

— Vá pro inferno, Jube — disse ele. — Te conheço há tempo suficiente pra saber que você não é da polícia. Quer que eu faça alguma coisa, não é? Se for pra roubar alguma coisa, sou bom nisso. Aprendi com um especialista. Se estiver sendo chantageado, terei prazer em pegar de volta a prova e fazer a pessoa que está fazendo isso cagar na calça de medo. Se quiser que algo seja removido, destruído, transportado, eu sou o cara. Mas se quiser alguém morto, isso eu não gosto de fazer. Mas posso dar o nome de algumas pessoas que não se importariam.

Jube balançou a cabeça.

— Não quero ninguém morto, Croyd. Mas quero um roubo, sim.

— Antes de entrar em detalhes, melhor eu dizer que meu preço é alto.

Jube mostrou as presas.

— Os… hum… os interesses que represento estão preparados para recompensar seu esforço.

Croyd terminou as panquecas, bebeu café e comeu o bolo dinamarquês enquanto esperava

pelos *waffles*.

— É um corpo, Croyd — disse Jube, finalmente.

— Quê?

— Um cadáver.

— Não tô entendendo.

— Tem um cara que morreu no fim de semana. O corpo foi encontrado numa caçamba de lixo. Sem identidade. É um joão-ninguém. Lá no necrotério.

— Caramba, Jube! Um corpo? Nunca roubei um corpo antes. Pra que serve isso?

Jube deu de ombros.

— Estão dispostos a pagar muito bem por ele… e por quaisquer posses que o cara tiver com ele. É tudo que eles querem dizer.

— Acho que é para os negócios deles que querem. Mas quanto estão falando em pagar?

— Para eles, vale cinquenta paus.

— Cinquenta paus? Por um presunto? — Croyd parou de comer e encarou Jube. — Você só pode estar brincando.

— Não. Posso te dar dez agora e quarenta quando entregar.

— E se eu não conseguir?

— Fica com os dez pela tentativa. Está interessado?

Croyd deu um suspiro fundo e deixou o ar sair lentamente.

— Claro — disse ele em seguida. — Estou interessado. Mas nem sei onde é o necrotério.

— É no gabinete do médico-legista, na 25th com First Avenue.

— Ok. Diga que vou lá e…

Hairy chegou e pousou um prato de salsichas e batatas suíças diante de Croyd. Ele encheu novamente a xícara de café e deixou várias contas e algumas moedas na mesa.

— Seu troco, senhor.

Croyd olhou para o dinheiro.

— Como assim? — disse ele. — Não paguei ainda.

— Você me deu uma nota de cinquenta.

— Não, não dei. Não terminei ainda.

Parecia que Hairy estava sorrindo, sob o fundo da pelagem preta e densa que o cobria inteiramente.

— Não estaria aberto há tanto tempo se ficasse dando dinheiro por aí — ele diz. — Eu sei fazer troco.

Croyd deu de ombros e balançou a cabeça.

— Acho que sim.

Croyd franziu as sobrancelhas quando Hairy saiu, e este balançou a cabeça.

— Jube, eu não paguei pra ele.

— Também não me lembro de ver você pagar. Mas ele disse uma de cinquenta… Difícil esquecer.

— Estranho, também. Porque eu estava pensando em trocar uma de cinquenta aqui quando acabasse.

— Ah? Você lembra quando o pensamento passou por sua cabeça?

— Lembro. Quando ele trouxe os *waffles*.

— Você teve mesmo uma imagem mental de pegar uma de cinquenta e entregar para ele?

— Sim.

— Interessante.

— Como assim?

— Acho que pode ser seu poder dessa vez… algum tipo de hipnose telepática. Você vai precisar apenas lidar com isso um pouco para pegar o jeito, encontrar os limites.

Croyd concordou com a cabeça, lentamente.

— Só não teste em mim, por favor. Já estou ferrado demais para isso hoje.

— Por quê? Você vai levar algum nesse negócio do cadáver?

— Quanto menos souber, Croyd, melhor. Confie em mim.

— Tudo bem, eu entendo. Na verdade, isso nem importa. Não para o que eles estão pagando — disse ele. — Então, eu aceito o trabalho. Digamos que tudo correu bem e estou com o corpo. O que faço com ele?

Jube puxou uma caneta e um caderninho do bolso interno. Escreveu um pouco, arrancou a folha e passou-a para ele. Então fuçou no bolso lateral, tirou uma chave e colocou-a ao lado do prato de Croyd.

— Esse endereço fica a cinco quadras daqui — disse ele. — Quarto alugado, andar térreo. A chave se encaixa na fechadura. Você leva pra lá, tranca e vem me avisar na banca.

Croyd começou a comer novamente. Depois de um tempo, ele disse:

— Ok.

— Bom.

— Mas eles provavelmente têm mais de um joão-ninguém lá nessa época do ano. Bebuns que morrem congelados… você sabe. Como vou saber qual é o certo?

— Estava chegando aí. O cara é um curinga, correto? Um camarada pequeno. Um metro e meio, talvez. Parece, tipo, um besourão… pernas dobradas como as de um gafanhoto, um exoesqueleto com um pouco de pelo em cima, quatro dedos nas mãos com três juntas cada, olhos na lateral da cabeça, asas atrofiadas nas costas…

— Já imaginei. Parece difícil confundir com o modelo padrão.

— É. Não deve pesar muito também.

Croyd balançou a cabeça. Alguém na frente do restaurante disse "… pterodátilo!", e Croyd virou a cabeça para ver a forma alada pairar ao lado da janela.

— Aquele garoto de novo — disse Jube.

— É. Adivinha quem ele anda amolando agora?

— Você o conhece?

— Ahã. Ele aparece de vez em quando. Tipo fã dos ases. Pelo menos ele não sabe qual é minha aparência desta vez. Deixa pra lá… Em quanto tempo precisam desse corpo?

— O quanto antes.

— Tem alguma coisa que você queira me dizer sobre a estrutura do necrotério?

Jube concordou devagar com a cabeça.

— Sim. É um prédio de seis andares. Laboratórios e escritórios e tudo o mais, subindo as escadas. Recepção e área de televisão no térreo. Os corpos ficam no porão. As salas de

autópsia são embaixo também. Têm 128 compartimentos, com um refrigerador apertado com prateleiras para os corpos infantis. Quando alguém precisa ver um corpo para identificação, colocam num elevador especial que sobe para uma câmera ladeada de vidros numa sala de espera no primeiro andar.

— Então você esteve lá?

— Não, eu li nas memórias do Milton Helpern.

— Você teve o que eu chamaria de educação realmente liberal — disse Croyd. — Eu mesmo deveria ler mais.

— Você pode comprar muitos livros com cinquenta paus.

Croyd sorriu.

— Então, negócio fechado?

— Me deixa pensar um pouco mais… depois do café da manhã… enquanto eu imagino como meu talento funciona. Passo na sua banca quando eu estiver pronto. Quando eu pegaria os dez paus?

— Posso pegar hoje à tarde.

— Tudo bem. Vejo você em uma hora mais ou menos.

Jube balançou a cabeça, levantou o volume imenso, escorregou para fora da cadeira.

— Cuidado com o colesterol — disse ele.

Fendas azuis apareceram na cúpula celeste cinzenta, e os raios de sol abriram caminho até a rua. O som da água gotejante ficou constante naquele momento de algum lugar atrás da banca de jornal. Jube normalmente teria pensado que era um fundo agradável entre os ruídos do tráfego e outros sons da cidade, não fosse pelo pequeno dilema moral ter chegado aos poucos sobre asas de couro e destruído a manhã. Não havia percebido que tomara uma decisão até olhar para cima e ver Croyd olhando para ele, sorrindo.

— Sem problema — disse Croyd. — Vai ser moleza.

Jube suspirou.

— Tem algo que eu precisava te dizer primeiro.

— Problemas?

— Nada que seja diretamente relacionado aos termos do trabalho — Jube explicou. — Mas você pode ter um problema que não sabia que tinha.

— Tipo o quê? — Croyd falou, franzindo a testa.

— Aquele pterodátilo que vimos mais cedo…?

— E?

— O Kid Dinossauro veio até aqui. Eu o encontrei esperando quando voltei. Estava procurando por você.

— Espero que não tenha dito onde me encontrar.

— Não, não disse. Mas você sabe como ele observa de perto os ases e os curingas com grandes poderes…?

— Sim. Por que ele não pode estar entre jogadores de beisebol ou criminosos de guerra?

— Ele viu um cara e queria que você soubesse. Disse que o Devil John Darlingfoot saiu do

hospital há um mês e pouco e desapareceu. Mas está de volta agora. O garoto o viu perto do Mosteiro mais cedo. Disse que estava vindo para Midtown.

— Bem, bem. E daí?

— E daí que ele acha que o cara está te procurando. Quer revanche. O garoto acha que ainda está furioso com aquilo que você fez no dia em que vocês dois detonaram o Rockefeller Plaza.

— Então, deixe-o procurando. Não sou mais um cara baixote e corpulento de cabelo escuro. Vou pegar o presunto agora… antes que alguém pague pra ele uma cervejinha.

— Precisa de algum dinheiro?

— Você já me deu.

— Quando?

— Qual sua primeira memória da minha volta até aqui?

— Olhei para cima faz um minuto e vi você parado aí, sorrindo. Você disse que não tinha problema. Disse que era "moleza".

— Ótimo. Então, está funcionando.

— É melhor você explicar.

— Esse é o momento no qual eu quis que você começasse a lembrar. Eu estava aqui um minuto antes disso, e falei pra você me dar o dinheiro e se esquecer de tudo.

Croyd tirou um envelope de um bolso interno do casaco, abriu e mostrou o dinheiro.

— Meu Deus, Croyd! O que mais você fez durante esse minuto?

— Sua pureza está intacta, se é isso que quer saber.

— Você não me fez nenhuma pergunta… sobre…?

Croyd balançou a cabeça, negando.

— Eu disse que não me importo quem quer o corpo, ou por quê. Realmente não ligo para as preocupações alheias. Já tenho problemas demais.

Jube suspirou.

— Ok. Vai lá, garoto.

Croyd acenou.

— Não se preocupe, Morsa. Considere a missão cumprida.

Croyd caminhou até chegar a um supermercado, entrou e comprou um pequeno pacote de sacos de lixo grandes. Dobrou um e enfiou no bolso interno do casaco. Deixou o resto numa lata de lixo. Então, caminhou até o próximo cruzamento principal e chamou um táxi.

Ensaiou a estratégia enquanto percorria a cidade. Entraria no lugar e usaria seu poder atual para persuadir as recepcionistas de que o estavam esperando, que era um patologista de Bellevue chamado por um amigo da equipe para dar opinião sobre uma peculiaridade forense. Brincou por um instante com os nomes Malone e Welby, decidiu-se por Anderson. Então, faria com que a recepcionista chamasse alguém com autoridade para levá-lo até o porão e encontrar o tal joão-ninguém. Colocaria aquela pessoa sob controle, pegaria o corpo e seus pertences, o transferiria para um saco e sairia, fazendo com que todos pelos quais passasse esquecessem que estivera ali. Com certeza, muito mais simples do que táticas mais árduas que já teve de

empregar durante os anos. Sorriu com a simplicidade clássica daquilo: sem violência, sem memória…

Quando chegou ao prédio com placas de alumínio e tijolos esmaltados azuis e brancos, disse ao taxista para seguir e deixá-lo na esquina seguinte. Havia duas viaturas de polícia estacionadas na frente e uma porta destruída jazia diante do local. A presença da polícia no necrotério não parecia suscitar uma ocorrência, mas a porta quebrada aumentou o senso de precaução. Deu ao motorista uma nota de cinquenta e pediu para que esperasse. Passou na frente do local uma vez e olhou para dentro. Diversos policiais estavam visíveis, aparentemente falando com funcionários.

Não parecia o momento ideal para prosseguir com o plano. Por outro lado, não poderia se permitir ir embora sem descobrir o que havia acontecido. Então, virou-se quando chegou à esquina e voltou. Entrou sem hesitar, olhando em volta rapidamente.

Um homem entre os civis que estavam em pé com a polícia virou de repente na sua direção e o encarou. Croyd não gostou nem um pouco daquela encarada. Fez seu estômago revirar e sua mão formigar.

Lançou mão de seu novo poder imediatamente, seguindo direto até o homem, forçando um sorriso enquanto caminhava.

Tudo bem. Você quer falar comigo e fazer exatamente o que eu disser. Acene para mim agora, diga "Oi, Jim!" em voz alta e caminhe até aquele lado comigo.

— Oi, Jim! — o homem disse, movendo-se para juntar-se a Croyd.

Não!, Judas pensou. *Rápido demais. Cravou os olhos em mim assim que o percebi… Podemos usar este cara…*

— À paisana? — Croyd perguntou a ele.

— Sim — o homem sentiu que queria responder.

— Qual seu nome?

— Matthias.

— O que aconteceu aqui?

— Um corpo foi roubado.

— Qual deles?

— Um joão-ninguém.

— Pode descrevê-lo?

— Parecia um besourão… pernas de gafanhoto…

— Merda — disse Croyd. — E sobre os pertences?

— Não havia nenhum pertence.

Vários dos policiais uniformizados estavam olhando na direção deles. Croyd deu sua próxima ordem mentalmente. Matthias virou-se para os uniformizados.

— Só um momento, rapazes — ele falou. — Negócios.

Droga!, ele pensou. *Este aqui será útil. Você não vai conseguir me segurar assim pra sempre, camarada…*

— Como aconteceu? — Croyd perguntou.

— Um cara veio aqui faz pouco tempo, desceu, forçou um atendente a mostrar o compartimento para ele, tirou o corpo e saiu com ele.

— Ninguém tentou impedir?

— Claro que sim. Quatro deles estão a caminho do hospital por causa disso. O cara era um ás.

— Quem?

— Aquele que arrebentou o Rockefeller Plaza no outono passado.

— Darlingfoot?

— Sim, esse mesmo. — *Não... não me pergunte mais... se estou envolvido, se eu o contratei, se estou encobrindo o cara agora...*

— Para que lado ele foi?

— Noroeste.

— A pé?

— Foi o que as testemunhas disseram… grandes saltos, de seis metros. — *Assim que você me deixar ir, filha da mãe, vou mandar te apagar.*

— Ei, por que você não vira e olha para mim do jeito que fez quando entrei?

Inferno!

— Eu senti que um ás tinha acabado de entrar pela porta.

— Como você sabia?

— Também sou um ás. Esse é meu poder… encontrar outros ases.

— Talento útil pra um policial, eu acho. Bem, ouça com atenção. Você vai esquecer que me encontrou e não vai perceber quando eu sair. Vai andar até aquele bebedouro tomar água, então voltará e se juntará aos seus colegas. Se alguém perguntar com quem estava falando, vai dizer que era seu agente de apostas e esquecerá isso também. Faça isso agora. Esqueça!

Croyd virou-se e se afastou. Judas percebeu que estava com sede.

Lá fora, Croyd chegou ao táxi, entrou, bateu a porta e disse:

— Noroeste.

— Como assim? — o motorista perguntou.

— Vai para a parte alta da cidade e eu digo o que fazer quando chegarmos.

— O senhor é quem manda.

O carro sacudiu-se e começou a andar.

No próximo quilômetro e meio, o motorista virou para oeste, como se procurasse sinais da passagem do outro. Parecia improvável que Devil John estivesse usando o transporte público para carregar um defunto. Por outro lado, era possível que tivesse um cúmplice esperando com um carro. Ainda assim, conhecendo a cara de pau do homem, não parecia tão absurdo para ele estar trotando por aí com o corpo. Sabia que havia pouca coisa a fazer para pará-lo se não quisesse ser impedido. Croyd suspirou enquanto esquadrinhava o caminho à frente. Por que as coisas simples nunca eram fáceis?

Mais tarde, quando estavam próximos de Morningsides Heights, o motorista murmurou:

— … um daqueles malditos curingas!

Croyd seguiu o gesto do homem onde a forma de um pterodátilo ficou à vista por diversos momentos antes de passar por trás de um prédio.

— Siga-o! — Croyd gritou.

— O pássaro de couro?

— Sim!

— Não sei onde ele está agora.

— Encontre-o!

Croyd balançou outra nota para o homem, e os pneus derraparam e uma buzina disparou enquanto o táxi fazia o retorno. O olhar de Croyd varreu o céu, mas Kid ainda estava fora de visão. Ele parou o táxi momentos depois para perguntar a um corredor que passava. O homem tirou um fone de ouvido, ouviu por um momento, então apontou para leste e partiu de novo.

Muitos minutos depois, ele viu a forma angular do pássaro ao norte, movendo-se em círculos largos. Dessa vez, conseguiram acompanhar seu rastro por um momento mais longo e se aproximar.

Quando chegaram perto da área onde o pterodátilo circulava, Croyd pediu para o motorista desacelerar. Ainda não havia nada incomum à vista no solo, mas o caminho do sauro cobria uma área de vários quarteirões. Se estivesse de fato rastreando Devil John, o cara podia estar bem próximo.

— O que estamos procurando? — o motorista perguntou.

— Um homem grande, de barba ruiva e cabelo encaracolado, com duas pernas muito diferentes — Croyd respondeu. — A direita é pesada, peluda e termina num casco. A outra é normal.

— Ouvi falar desse cara. Ele é perigoso…

— É, eu sei.

— O que você está planejando fazer se encontrá-lo?

— Espero ter um diálogo razoável — Croyd comentou.

— Não vou ficar muito perto do seu diálogo. Se o virmos, caio fora.

— Pago bem se esperar.

— Não, obrigado — o motorista disse. — Quando quiser sair, deixo você e corro. É isso.

— Bem… o pterodátilo está indo pro norte. Vamos tentar nos adiantar, e quando conseguirmos você corta pra leste na primeira rua que puder.

O motorista acelerou de novo, rumando para a direita, enquanto Croyd tentava imaginar o centro do círculo de Kid.

— Na próxima rua — disse Croyd, finalmente. — Vira lá e vemos o que vai acontecer.

Viraram devagar e cruzaram o quarteirão inteiro sem Croyd enxergar sua presa ou mesmo avistar seu dedo-duro aéreo novamente. No cruzamento seguinte, contudo, a forma alada passou de novo e, dessa vez, avistou quem estava procurando.

Devil John estava do outro lado da rua, no meio do quarteirão. Carregava nos braços um pacote enrolado numa manta. Seus ombros eram enormes, seus dentes brancos reluziram quando uma mulher com carrinho de compras correu para sair do caminho. Ele estava vestindo uma Levi's — a perna direita rasgada até a altura da coxa — e uma blusa de moletom rosa que sugeria uma viagem à Disneylândia. Um motorista que passava atingiu a lateral de um carro estacionado quando John deu um passo normal com o pé esquerdo, dobrou a perna direita num ângulo estranho e pulou seis metros adiante até uma área aberta próxima ao meio-fio. Virou-se com um passo normal e pulou novamente, passando um Honda vermelho que se movia devagar e pousando num trecho de grama no canteiro central da rua. Dois cachorros grandes que o

seguiam correram para o meio-fio, latindo alto, mas pararam e olharam o tráfego próximo.

— Para! — Croyd falou para o motorista, e abriu a porta, descendo na calçada antes de o veículo parar por completo.

Ele aproximou as mãos da boca e gritou:

— Darlingfoot! Espere!

O homem apenas olhou na sua direção, já dobrando a perna para saltar de novo.

— Sou eu… Croyd Crenson! — berrou. — Quero falar com você!

A figura, parecida com um sátiro, parou meio agachado. A sombra de um pterodátilo passou por eles. Os dois cães continuaram a latir, e um poodle pequenino virou a esquina e correu para juntar-se a eles. A buzina do carro trombeteava para duas pessoas paradas na faixa de pedestres. Devil John virou-se e o encarou. Então, sacudiu a cabeça.

— Você não é Crenson! — gritou.

Croyd avançou a passos largos.

— Tá duvidando? — respondeu, e disparou pela rua e cruzou o canteiro.

Os olhos de Devil John estavam espremidos sob as sobrancelhas desordenadas, enquanto examinava a figura de Croyd avançando. Raspou seu lábio inferior lentamente com os dentes de cima, então balançou a cabeça mais lentamente.

— Nãão — disse ele. — Croyd era mais escuro e muito mais baixo. Não importa, o que você quer de mim, hein?

Croyd deu de ombros.

— Minha aparência muda toda hora — disse ele. — Mas sou o mesmo cara que chutou seu rabo no outono passado.

— Sai fora, camarada — disse ele. — Não tenho tempo para fãs…

Os dois cerraram os dentes quando o carro parou ao lado deles e a buzina disparou. Um homem de terno cinza pôs a cabeça para fora da janela.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou.

Croyd resmungou, deu um passo para a rua e arrancou o para-choque, o qual enfiou no banco traseiro do veículo pela janela que estava fechada até então.

— Inspeção veicular — disse ele. — Você passou. Parabéns.

— Croyd! — Darlingfoot exclamou, quando o carro saiu às pressas. — É você!

Ele jogou o pacote no chão e levantou os punhos.

— Esperei o inverno inteiro por isso…

— Então, espere mais um minuto — disse Croyd. — Tenho que perguntar uma coisa.

— Quê?

— Esse corpo… Por que você o pegou?

O homenzarrão riu.

— Por dinheiro, claro. Que mais?

— Se importa em dizer quanto estão pagando por ele?

— Cinco paus. Por quê?

— Filhos da puta baratos — disse Croyd. — Falaram para que o querem?

— Não e eu não perguntei, porque não me importa. Dinheiro é dinheiro.

— É. — Croyd falou. — Quem são eles?

— Por quê? O que tem a ver com isso?

— Bem, acho que estão te passando pra trás. Acho que vale mais.

— Quanto?

— Quem são eles?

— Uns maçons, eu acho. Quanto vale?

— Maçons? Tipo, apertos de mão secretos e tudo o mais? Pensei que existissem só pra dar aos outros funerais caros. O que iriam querer com um curinga morto?

Darlingfoot balançou a cabeça.

— São uns caras esquisitos — ele respondeu. — Pelo que sei, querem comer o corpo. Agora, o que você estava falando sobre dinheiro?

— Eu acho que consigo mais por ele — disse Croyd. — O que acha se eu der os cinco deles e botar mais um? Te dou seis paus por ele.

— Não sei, Croyd… Não gosto de ferrar as pessoas pra quem trabalho. Vai rolar o boato de que não sou confiável.

— Bem, talvez eu possa chegar em sete…

Os dois viraram de repente para uma série de rosnados e estalos selvagens. Os cães — juntos com mais dois vira-latas — cruzaram a rua durante a conversa e arrastaram o pequeno corpo de inseto para fora da manta. Ele se quebrou em diversas partes, e o dogue alemão segurava grande parte de um braço nos dentes, enquanto recuava, rosnando e se afastando do pastor-alemão. Os outros dois arrancaram uma das pernas de gafanhoto e brigavam por ela. O poodle já estava na metade da rua, uma das mãos de quatro dedos na boca. Croyd percebeu um cheiro horrendo diferente do ar nova-iorquino.

— Merda! — Devil John exclamou, pulando para a frente, o casco estourando um quadrado do pavimento de concreto próximo aos restos mortais. Tentou agarrar o dogue alemão, mas este se virou e correu. O terrier soltou a perna. O vira-lata marrom não. Arrastou a perna, atravessando a rua para a outra direção, carregando o apêndice.

— Vou pegar o braço! Pega a perna! — Devil John gritou, partindo atrás do dogue alemão.

— E a mão? — Croyd berrou, chutando outro cachorro que acabara de chegar no local.

A resposta de Darlingfoot foi previsível, estúpida e representava uma improbabilidade anatômica de ordem superior. Croyd partiu atrás do cachorro marrom.

Quando Croyd se aproximou da esquina onde o tinham visto virar, ouviu uma série de uivos agudos. Chegando à rua lateral, viu o cachorro deitado de bruços, mordendo o pterodátilo, que o prendia na calçada. O membro arrancado jazia ao lado. Croyd avançou até lá.

— Obrigado, Kid. Te devo essa — disse ele; enquanto pegava a perna, hesitou, tirou o lenço, enrolou na mão, agarrou o membro e o segurou contra o vento.

A forma de pterodátilo escorreu, dando lugar à de um garoto nu — talvez com 13 anos de idade — com os olhos brilhantes e cabelos castanhos desgrenhados, uma pequena marca de nascença na testa.

— Peguei pra você, Croyd — ele anunciou. — Mas fede mesmo.

— É, Kid — disse Croyd. — Me desculpe. Agora preciso juntar os outros pedaços.

Ele se virou e apressou-se na direção de onde tinha vindo. Atrás dele, ouviu passos rápidos.

— Para que você quer isso? — o garoto perguntou.

— É uma história chata e complicada, e é melhor você não saber — ele respondeu.
— Ah, para com isso. Pode me falar.
— Não tenho tempo. Estou com pressa.
— Vai lutar com Devil John de novo?
— Não está nos meus planos. Acho que podemos chegar a um acordo sem recorrer à violência.
— Mas, se você lutar, qual é o seu poder desta vez?
Croyd chegou à esquina, cortando pelo canteiro central. Adiante, viu onde outro cachorro fuçava o cadáver. Devil John não estava em lugar algum.
— Inferno! — ele gritou. — Sai fora, xô!
O cachorro nem deu atenção a ele, mas arrancou uma camada de pelos da carapaça quitinosa. Croyd percebeu que do tecido rasgado pingava um líquido transparente. Os restos pareciam úmidos agora, e Croyd percebeu que os fluidos estavam vazando dos orifícios de respiração no tórax.
— Sai fora! — ele repetiu.
O cachorro rosnou para ele. De repente, o rosnado transformou-se num ganido e o rabo do animal sumiu entre as pernas. Um tiranossauro de um metro de altura passou por Croyd saltando, chiando furiosamente. O cão virou-se e fugiu. Um momento depois, Kid estava em pé no lugar dele.
— Ele está indo embora com aquele pedaço — o garoto disse.
Croyd repetiu o comentário de Darlingfoot sobre a mão enquanto deixava a perna sobre o corpo desmembrado. Ele retirou o saco de lixo dobrado do bolso interno do casaco e o sacudiu.
— Se quer ajudar, Kid, segure o saco enquanto jogo nele o que restou.
— Tudo bem. Isso é bem nojento.
— É trabalho sujo — Croyd concordou.
— Então, por que você está fazendo isso?
— É isso que acontece quando viramos adultos, Kid.
— Como assim?
— Você gasta cada vez mais tempo arrumando as coisas após as bagunças.
Um ruído de passadas pesadas e rápidas se aproximou, uma sombra passou por sobre eles, e Devil John estrondou no chão ao lado deles.
— Maldito cachorro, fugiu — ele anunciou. — Conseguiu a perna?
— Consegui — Croyd respondeu. — Já está no saco.
— Boa ideia… um saco plástico. Quem é o garoto pelado?
— Não conhece Kid Dinossauro? — Croyd perguntou. — Pensei que ele conhecesse todo mundo. É o pterodátilo que estava seguindo você.
— Por quê?
— Gosto de estar onde a ação está — Kid respondeu.
— Ei, por que você não está na escola? — Croyd quis saber.
— A escola é uma bosta.
— Peraí. Tive que parar a escola no nono ano e nunca voltei. Sempre me arrependi.

— Por quê? Você está tão bem.
— Há todas aquelas coisas que eu perdi. Não queria ter perdido.
— Tipo o quê?
— Bem… Álgebra. Nunca aprendi álgebra.
— O que tem de bom na álgebra?
— Não sei e nunca vou saber, porque não aprendi. E às vezes olho para as pessoas na rua e digo, "Cara, aposto que elas todas sabem álgebra", e isso faz eu me sentir por baixo.
— Bem, eu não sei álgebra e isso não me faz sentir nem um pouco por baixo.
— Espere mais pra frente — disse Croyd.
Kid percebeu de repente que Croyd estava olhando para ele de forma estranha.
— Você vai voltar pra escola agora — Croyd falou para ele — e vai estudar pra caramba o resto do dia e fazer a lição de casa à noite, e vai gostar disso.
— Acho que é melhor eu ir voando — Kid disse, e transformou-se num pterodátilo, saltitando diversas vezes até pairar.
— Pegue algumas roupas no caminho! — Croyd gritou atrás dele.
— Que diabos está acontecendo aqui?
Croyd virou-se e deu de cara com um policial uniformizado que acabara de cruzar o canteiro central.
— Vá se foder! — ele resmungou.
O homem começou a desafivelar o cinto.
— Para, para! Cancela — disse Croyd. — Afivele o cinto. Esqueça o que eu disse e vá para outra rua.
Devil John ficou encarando enquanto o homem obedecia.
— Croyd, como você faz essas coisas? — ele perguntou.
— É o meu poder da vez.
— Então, você podia me fazer dar o corpo pra você, não podia?
Croyd pousou o saco de lixo no chão e o amarrou. Quando terminou a amarração, ele concordou com a cabeça.
— Claro. E conseguirei de um jeito ou de outro. Mas não estou a fim de trapacear com um camarada que trabalhou duro hoje. Minha oferta ainda é boa.
— Sete paus?
— Seis.
— Você disse sete.
— Tudo bem, mas agora não está tudo aqui.
— A culpa não é minha. Você me parou.
— Mas você deixou a coisa no chão onde os cachorros conseguiam pegar.
— Tá, mas como eu ia saber… ei, é um boteco ali na esquina.
— É mesmo.
— Se importa de discutir isso almoçando e tomando uma cerveja?
— Agora que você falou, estou com um pouco de fome — disse Croyd.

Sentaram-se à mesa da janela e deixaram o saco de lixo na cadeira vazia. Croyd foi até o banheiro e lavou as mãos diversas vezes, enquanto Devil John comprou duas cervejas. Quando voltou, o outro pediu meia dúzia de sanduíches. Darlingfoot fez o mesmo.

— Para quem *você* está trabalhando? — perguntou.

— Não sei — Croyd respondeu. — Estou trabalhando para terceiros.

— Complicado. Fico me perguntando para que eles querem essa coisa.

Croyd balançou a cabeça.

— Sei lá. Espero que haja o suficiente dele para a gente receber.

— Esse é um dos motivos pelos quais eu quero negociar. Acho que meus camaradas queriam o presunto num estado melhor. Vão tentar me passar a perna. Melhor um pássaro na mão, sabe? Não confio muito neles. Bando de malucos.

— Falaí, tinha alguma coisa nele?

— Não. Nenhum pertence.

Os sanduíches chegaram e eles começaram a comer. Depois de um tempo, Darlingfoot olhou diversas vezes para o saco de lixo, então comentou:

— Sabe de uma, parece que esta coisa tá maior.

Croyd examinou-a por um momento.

— Está acomodando e mudando — disse ele.

Eles terminaram de comer e pediram mais duas cervejas.

— Não, caramba! Está maior! — Darlingfoot insistiu.

Croyd olhou novamente. Parecia inchar a cada vez que olhava.

— Tem razão — reconheceu. — Devem ser os gases da… hum… decomposição.

Ele esticou um dedo, como se para cutucar, pensou melhor e abaixou a mão.

— Então, o que você me diz? Sete paus?

— Acho que é justo… pelo jeito que está.

— Mas eles sabiam o que estavam pedindo. Você tem que esperar esse tipo de coisa de um presunto.

— Um pouco, concordo. Mas tem que admitir também que balançou o bicho um bocado.

— É verdade, mas um normal poderia ficar melhor. Como eu ia saber que o cara era um caso especial?

— Olhando pra ele. Era pequeno e frágil.

— Parecia bem sólido quando catei. O que você acha de a gente dividir a diferença. Seis e meio?

— Não sei.

Os outros clientes começaram a olhar na direção deles, pois o saco de lixo continuava a inchar. Eles terminaram as cervejas.

— Outra rodada?

— Por que não?

— Garçom.

O garçom deles, que tinha acabado de limpar uma mesa, seguia sem pressa, uma pilha de pratos e talheres nas mãos.

— O que posso fazer… — começou, quando a lâmina de uma faca grande, para fora da

pilha de louças, raspou o saco de lixo inflado. — Meu Deus! — ele terminou, enquanto um chiado, acompanhado por um odor que poderia ter sido composto de gases de esgoto e eflúvios de um abatedouro encheu os arredores e se espalhou como o vazamento de uma experiência química de guerra por todo o estabelecimento.

— Me desculpem — o garçom disse, virando as costas e saindo apressado.

Então, momentos depois, houve uma série de engasgos de outros clientes.

— Use seu poder, Croyd! — Devil John sussurrou. — Depressa!

— Não sei se consigo fazer numa sala cheia de…

— Tente!

Croyd concentrou-se nos outros.

Foi um pequeno acidente. Nada importante. Agora, vocês vão esquecer o que houve. Não sentem nenhum cheiro estranho. Voltem para suas refeições e não olhem nesta direção de novo. Não perceberão nada do que fizermos. Não há nada para ver aqui. Nem para cheirar.

Os outros clientes viraram-se, voltaram a comer, conversando.

— Conseguiu — Devil John constatou numa voz estranha.

Croyd olhou para trás e descobriu que o homem estava fechando o nariz com os dedos.

— Você derramou alguma coisa? — Croyd perguntou para ele.

— Não.

— Opa. Ouviu isso?

Darlingfoot inclinou-se e curvou-se para baixo.

— Ai, caramba! — disse ele. — O saco rasgou e ele está escorrendo pelo rasgo que o cara fez. Ei, você pode acabar com meu olfato também?

Croyd fechou os olhos e rangeu os dentes.

— Assim é melhor — ouviu momentos depois, quando Darlingfoot esticou o braço e levantou o saco, que fez um barulho de líquido gorgolejante.

Croyd olhou para o chão e deu de cara com uma poça imensa que lembrava um ensopado derramado. Sentiu um leve enjoo e virou o rosto.

— O que quer fazer agora, Croyd? Deixar a bagunça e levar o resto, ou o quê?

— Acho que sou obrigado a levar tudo que puder.

Devil John levantou uma sobrancelha e sorriu.

— Bem — disse —, fechamos em 6.500 e o ajudo a juntá-lo de um jeito administrável.

— Combinado.

— Então, me cubra se puder para que o povo na cozinha não me veja.

— Vou tentar. O que você vai fazer?

— Confie em mim.

Darlingfoot levantou, passou a parte de cima do saco para Croyd e mancou até a cozinha. Passou muitos minutos lá e, quando voltou, os braços estavam cheios.

Ele destampou um pote de picles grande e o deixou no chão, ao lado da cadeira.

— Agora, se você tombar o saco para que a boca fique bem em cima do jarro — disse ele —, eu levanto o fundo e podemos despejá-lo aí dentro.

Croyd obedeceu, e o pote foi preenchido até acima da metade antes de o gotejar cessar.

— E agora? — ele perguntou, rosqueando a tampa.

Darlingfoot pegou o primeiro de uma pilha de guardanapos que trouxe com ele e abriu um pequeno pacote branco.

— Embalagem pra viagem — disse ele. — Vou só pegar os pedaços sólidos do chão e botar nela.

— E aí?

— Também tenho um belo saco de lixo novinho — explicou, inclinando-se. — Deve caber tudo aqui, sem problema.

— Pode se apressar? — disse Croyd. — Não consigo controlar meu próprio olfato.

— Estou limpando o mais rápido que posso. Pode abrir o pote de novo? Posso jogar o resto dele que está no guardanapo.

Quando os restos derramados foram recolhidos no jarro de picles em nove embalagens para viagem, Darlingfoot abriu o saco de lixo furado pela metade e removeu as placas quitinosas que permaneceram dentro dele. Ele botou o pote na cavidade do tórax e, então, colocou-o inteiro no saco limpo, cobrindo-o com as peças de cartilagem e pequenos pedaços de revestimento. Pôs a cabeça e os membros em cima. Então embalou os pacotes para viagem e enrolou o saco plástico.

Croyd estava em pé nesse momento.

— Desculpe — disse ele. — Já volto.

— Estou indo também. Preciso me lavar um pouco.

Falando por sobre a corrente de água, Devil John de repente observou:

— Agora que tudo está bem encaixado, tenho que te pedir um favor.

— O quê? — Croyd perguntou, ensaboando as mãos novamente.

— Ainda estou com um mau pressentimento sobre os caras que me contrataram, sabe?

Croyd deu de ombros.

— Você não pode servir a dois mestres.

— Por que não?

— Não tô te entendendo.

— Eu estava no meu caminho para entregar quando me alcançou. Supondo que fôssemos até o ponto de encontro – um pequeno parque perto do Mosteiro – e digo pra eles alguma bobagem sobre os cachorros rasgando o corpo e fugindo com a coisa toda. Você os faz acreditarem nisso e, então, esquecerem que você estava junto. Desse jeito, fico fora de perigo.

— Tudo bem, certo — Croyd concordou, jogando água no rosto. — Mas você falou “eles”. Quantas pessoas você espera lá?

— Um ou dois. O cara que me contratou era um tal de Matthias, e havia um homem vermelho com ele. Ele que tentou me fazer ficar interessado pelos maçons até o outro o mandar calar a boca…

— Que engraçado — disse Croyd. — Conheci um Matthias esta manhã. Era um dos policiais. À paisana. E esse cara vermelho? Talvez seja um ás ou um curinga.

— É provável. Mas se tinha qualquer talento especial, não mostrou.

Croyd secou o rosto.

— De repente, fiquei um pouco desconfortável — disse ele. — Veja só, esse policial, o Matthias, é um ás. O nome pode ser apenas uma coincidência, e eu consegui enganá-lo com meu talento, mas não gosto dessa coisa de muitos ases. Poderia encontrar alguém que seja imune àquilo que eu tenho. Esse grupo… Eu não derrotaria um punhado de ases maçons, derrotaria?

— Não sei. O camarada vermelho queria que eu fosse a um tipo de reunião, e eu disse que não me juntaria a eles e que negociaríamos ali mesmo ou esqueceríamos tudo. Então apresentaram meu contratante na hora. Havia algo no jeito que o cara vermelho falava as coisas que me trouxe uma vibração ruim.

Croyd franziu a testa.

— Talvez a gente tenha só que esquecer os caras.

— Eu realmente fecho acordos direitinho para que eles não voltem pra me assombrar — Darlingfoot disse. — Você não podia, tipo, dar uma olhada enquanto falo com ele e então decidir?

— Tudo bem… Eu disse que iria. Você se lembra de alguma outra coisa que foi dita? Sobre maçons, ases, o corpo… qualquer coisa?

— Não… mas o que são feromônios?

— Feromônios? São como hormônios que você cheira. Químicas que são levadas pelo ar e podem influenciar você. Tachyon me falou deles uma vez. Tem esse curinga que eu conheci. Você senta perto demais dele num restaurante e tudo que você come tem gosto de banana. Isso é feromônio, Tachy disse. O que têm eles?

— Não sei. O cara vermelho disse alguma coisa sobre feromônios com relação à mulher dele quando cheguei. Não mais do que isso.

— Nada mais?

— Nada mais.

— Tudo bem. — Croyd fez uma bolinha com o papel toalha e jogou na direção do cesto de lixo. — Vamos lá.

Quando voltaram para a mesa, Croyd contou o dinheiro e passou para o companheiro.

— Está aqui. Não pode dizer que não mereceu.

Croyd olhou os guardanapos espalhados, o chão melado e a umidade do saco vazio.

— O que você acha que devemos fazer com a sujeira?

Darlingfoot deu de ombros.

— Os garçons vão cuidar disso — disse ele. — Estão acostumados. Só não se esqueça de deixar uma boa gorjeta.

♣

Croyd ficou para trás enquanto seguiam na direção do parque. Duas figuras estavam sentadas em um banco no meio dele, e mesmo a distância era visível que o rosto de um dos homens era vermelho e brilhante.

— Bem? — Devil John perguntou.

— Vou fazer uma tentativa — disse Croyd. — Finja que não estamos juntos. Eu continuo andando e você vai lá e conta pra eles a história. Volto num minuto e corto pelo parque. Vou

tentar fazer a jogada assim que me aproximar. Mas fique pronto. Se não funcionar desta vez, podemos ter que recorrer a algo mais físico.

— Entendi. Tudo bem.

Croyd desacelerou o passo, e Darlingfoot seguiu adiante, atravessando a rua e entrando num caminho de cascalho que levava ao banco. Croyd foi até a esquina, cruzou-a lentamente e voltou.

Podia ouvir as vozes se elevarem, como se fosse uma discussão, quando chegou mais perto. Ele entrou na trilha e caminhou até o banco, o pacote ao lado.

— … pedaço de merda! — ouviu Matthias dizer.

O homem olhou na sua direção, e Croyd percebeu que ele era o mesmo policial que encontrara mais cedo. Não havia sinal de reconhecimento no rosto do homem, mas Croyd estava certo de que seu talento devia estar dizendo a ele que um ás estava se aproximando. Então…

— Senhores — disse ele, concentrando os pensamentos —, tudo que Devil John Darlingfoot disse aos senhores está correto. O corpo foi destruído por cães. Não há nada para lhes entregar. Vocês terão que dispensá-lo. Esquecerão tudo assim que eu tiver…

Ele viu Darlingfoot virar a cabeça de repente para olhar através do outro. Croyd virou-se e olhou na mesma direção.

Uma oriental, jovem e de aparência simples, se aproximava, mãos nos bolsos do casaco, gola levantada para se proteger do vento. O vento…

O vento mudou, soprando diretamente na direção deles naquele instante.

Algo sobre a mulher…

Croyd continuou a encarar. Como pôde ter pensado que ela era simples? Deve ter sido um efeito da luz. Ela era de tirar o fôlego de tão encantadora. De fato… Queria que ela sorrisse para ele. Queria abraçá-la. Queria correr as mãos sobre ela inteira. Queria acariciar o cabelo, beijá-la, fazer amor com ela. Era a mulher mais linda que já vira até então.

Ele ouviu Devil John sussurrar levemente.

— Você está vendo o que estou vendo?

— Difícil não olhar — ele respondeu.

Ele abriu um sorriso para ela, ela sorriu de volta. Queria agarrá-la. Em vez disso, falou:

— Olá.

— Gostaria de apresentar minha mulher, Kim Toy — ele ouviu o homem vermelho dizer. Kim Toy! Até o nome soava como música…

— Me diz o que você quer e eu consigo pra você — ele ouviu Devil John dizer para ela. — Você é tão especial que dói.

Ela gargalhou.

— Que galanteador — ela declarou. — Não preciso de nada. Não agora. Espere um pouco, talvez eu pense em algo. E você — disse ela ao marido —, conseguiu?

— Não. Foi levado por cachorros — ele respondeu.

Ela inclinou a cabeça, levantando uma sobrancelha.

— Que incrível — disse ela. — E como você sabe disso?

— Esses cavalheiros nos disseram.

— É mesmo? — ela observou. — E é isso? É o que você disse para ele?

Devil John concordou com a cabeça.

— É o que dissemos para ele — disse Croyd. — Mas…

— E a bolsa que você deixou cair quando me viu chegar — disse ela. — O que tem dentro dela? Abra, por favor, e me mostre.

— Claro — disse Croyd.

— O que você quiser — Devil John concordou.

Os dois homens ficaram de joelhos na frente dela e fuçaram desajeitados e sem sucesso por muitos segundos antes de conseguirem começar a desenrolar o saco.

Croyd queria beijar os pés dela enquanto estava na posição certa para fazê-lo, mas ela pediu para ver dentro do pacote e aquilo deveria realmente vir primeiro. Talvez pudesse sentir-se inclinada a recompensá-lo depois disso, e…

Ele abriu o saco e uma nuvem de vapor agitou-se em torno deles. Kim Toy recuou de imediato, engasgando. Quando seu estômago se revirou, Croyd percebeu que a mulher não era mais linda, e não mais desejável que centenas de outras pelas quais passara naquele dia. De soslaio, viu Devil John mudar de posição e começar a se levantar… e, naquele momento, Croyd percebeu a natureza do reposicionamento do camarada.

Quando o cheiro se dissipou, algo da onda inicial de glamour ergueu-se de novo da pessoa dela. Croyd apertou os dentes e baixou a cabeça, próximo à boca do saco de lixo, respirando profundamente.

Sua beleza morreu naquele instante, e ele ampliou seu poder.

Sim, como estava dizendo, o corpo está perdido. Foi destruído por cães. Devil John fez seu melhor por vocês, mas não tem nada para entregar. Agora vamos embora. Vocês vão esquecer que eu estava com ele.

— Vamos embora! — disse ele para Darlingfoot, enquanto se levantava.

Devil John balançou a cabeça.

— Não posso deixar essa mulher, Croyd — ele respondeu. — Ela me pediu para…

Croyd balançou o saco de lixo aberto na frente do rosto dele. Os olhos de Darlingfoot arregalaram-se. Ele engasgou. Balançou a cabeça.

— Vamos embora! — Croyd repetiu, jogando o saco de lixo sobre o ombro e correndo para longe dali.

Com um salto enorme, Devil John aterrissou três metros à frente dele.

— Bizarro, Croyd! Bizarro! — comentou enquanto atravessavam a rua.

— Agora você sabe tudo sobre feromônio — Croyd disse para o outro.

♠

O céu ficou totalmente nublado de novo, e alguns turbilhões de neve passaram por ele. Croyd separou-se de Darlingfoot quando saíram de outro bar e começou a caminhar, descendo e atravessando a cidade. Esquadrinhava as ruas regularmente à procura de um táxi, mas nenhum apareceu. Ele não queria acreditar no fardo de se espremer e se apertar num ônibus ou metrô.

A neve havia aumentado em intensidade durante a caminhada nos quarteirões seguintes, e rajadas de vento lançavam os flocos para cima e os conduzia entre os prédios. Veículos

começaram a ligar os faróis, e Croyd percebeu como a visibilidade diminuíra a ponto de não conseguir distinguir um táxi mesmo se um passasse ao seu lado. Praguejando, arrastava-se, examinando os prédios mais próximos em busca de uma lanchonete ou um restaurante onde pudesse beber uma xícara de café e esperar a tempestade passar, ou chamar um táxi. Mas todos pelos quais passou pareciam ser de escritórios.

Minutos depois, os flocos começaram a ficar menores e mais duros. Croyd levantou a mão livre para proteger os olhos. Embora a queda brusca de temperatura não o perturbasse, as pelotas gélidas o incomodavam. Ele se agachou na próxima abertura que viu — a entrada de um beco —, e suspirou e abaixou os ombros quando a força do vento foi interrompida.

Melhor. A neve caía ali de forma mais lenta. Limpou o casaco e os cabelos, bateu os pés. Olhou em volta. Havia um recanto no prédio à esquerda, vários passos para trás, muitos degraus acima do nível da rua. Parecia completamente coberto, seco. Ele seguiu até lá.

Já havia colocado o pé no primeiro degrau quando percebeu que um canto da área que parecia uma caixa diante de uma porta de metal fechada já estava ocupada. Uma mulher pálida, de cabelos desgrenhados e aparência corpulenta sob camadas inimagináveis de roupas, estava sentada entre um par de sacolas de compras, olhando além dele.

— … então, Gladys disse para Marty que ela sabia que ele estava saindo com aquela garçonete do Jensen's… — a mulher murmurou.

— Desculpe — disse Croyd. — A senhora se importaria de dividir a entrada comigo? A neve está muito forte.

— … eu disse que ela podia ficar grávida amamentando, mas ela riu da minha cara…

Croyd deu de ombros e entrou na alcova, seguindo para o canto oposto.

— Quando ela encontrar outro no caminho, vai ficar realmente perturbada — e a mulher continuou —, especialmente com Marty tendo se mudado para a casa da garçonete…

Croyd lembrou-se do colapso da mãe após a morte do pai, e uma ponta de tristeza nesse caso óbvio de demência senil despertou em seu peito. *Mas*… ele se perguntou. Seu novo poder, sua capacidade de influenciar os padrões de pensamento alheios, poderia ter algum efeito terapêutico em uma pessoa como essa? Tinha um pouco de tempo para passar ali. Talvez…

— Ouça — disse ele para a mulher, pensando de forma clara e simples, concentrando-se nas imagens. — Você está aqui, agora, no presente. Você está sentada na entrada de uma porta, observando a neve…

— Desgraçado! — a mulher gritou para ele, seu rosto não mais pálido, a mão lançando-se na direção das bolsas. — Cuide da sua vida! Não quero o agora e a neve! Machuca!

Ela abriu a bolsa, e a escuridão dentro desta se expandiu enquanto Croyd assistia… seguindo na direção dele, preenchendo todo o seu campo de visão, levando-o de repente para várias direções, torcendo-o e…

A mulher, agora sozinha na porta, fechou a bolsa, olhou para a neve por um momento e disse:

— … então eu disse para ela: "Os homens não são bons de pagar pensão. Às vezes você precisa botar advogado em cima deles. Aquele moço bacana da Defensoria Pública vai dizer a você o que fazer". E, então, o Charlie, que estava trabalhando na pizzaria…

◆

A cabeça de Croyd doía e ele não estava acostumado a sentir essa dor. Nunca tinha ressacas, porque metabolizava o álcool com grande rapidez, mas aquela sensação era como ele imaginava uma ressaca.

Então, sentiu as costas, as pernas e o traseiro molhados, além da parte de trás dos braços. Estava estirado em algum lugar frio e úmido. Decidiu abrir os olhos.

O céu estava claro e a tarde caía entre os prédios, com algumas poucas estrelas brilhantes já no céu. Era para estar nevando. Também era tarde. Ele se sentou. O que acontecera nas últimas horas e…

Viu uma caçamba de lixo. Viu um monte de garrafas de uísque e de vinho vazias. Estava num beco, mas…

Não era o mesmo beco. Os prédios eram baixos, não havia caçamba no outro, e não conseguia localizar a porta onde estivera com a velha.

Massageou as têmporas, sentiu o pulsar começando a diminuir. Aquela velha… Que diabos era aquela coisa preta com a qual ela o atingiu quando estava tentando ajudá-la? Ela havia tirado de uma de suas sacolas e…

Sacolas! Ele procurou freneticamente pelo saco de lixo com os restos cuidadosamente separados do diminuto joão-ninguém. Então, viu que ainda o segurava na mão direita, e que havia sido virado de cabeça para baixo e rasgado.

Levantou-se e olhou em volta para o brilho tremeluzente de um poste distante. Viu as embalagens espalhadas ao redor e as contou rapidamente. Nove. Ufa. Todas as nove estavam à vista, e viu então os membros, a cabeça, o tórax — embora o tórax estivesse quebrado em quatro partes e a cabeça parecesse muito mais brilhante do que antes. Por causa da umidade, talvez. O pote! Onde está? O líquido poderia ser muito importante para fosse lá quem quisesse os restos mortais. Se o pote tiver se quebrado…

Ele lançou um grito rápido quando o viu nas sombras, próximo da parede à sua esquerda. A tampa não estava lá, nem cerca de três centímetros de vidro abaixo de onde ela deveria estar. Ele foi até ele e, pelo cheiro, sabia que era a coisa de verdade e não apenas água da chuva.

Juntou as embalagens, que pareciam surpreendentemente secas, e as colocou no peitoril protegido de uma janela de porão fechada. Então, recolheu as peças de quitina em um montinho. Quando recuperou as pernas, observou que ambas estavam quebradas, mas refletiu que poderia ser melhor para embalar. Então, voltou a atenção para o jarro de picles com a parte de cima cortada, e sorriu. Que simples. A resposta estava toda ao seu redor, dada pelos indigentes que frequentavam a área.

Ele juntou uma braçada de garrafas vazias e as carregou para o lado, onde ele as pousou e começou a tirar as rolhas e tampas. Quando terminou, decantou o líquido escuro.

Foram oito garrafas de vários tamanhos, e ele as deixou no peitoril com as embalagens em cima de um pequeno amontoado de exoesqueleto e cartilagens estilhaçados. Parecia que havia cada vez menos do cara toda vez que era desembalado. Talvez tivesse algo a ver com o jeito que estava dividido agora. Talvez precisasse de álgebra para entender.

O som de passos rápidos ia e vinha. Ele se virou, erguendo as mãos para se defender, mas não havia ninguém por perto. Então, ele o enxergou. Um pequeno homem de casaco muitas

vezes mais largo que ele parou por um momento no parapeito da janela, onde pegou uma das garrafas maiores e duas das embalagens. Então, saiu correndo de imediato, na direção do fim beco, onde duas outras figuras surradas esperavam.

— Ei! — Croyd gritou. — Pare! — E estendeu seu poder, mas o homem estava fora de alcance.

Tudo o que ouviu foram gargalhadas e um grito de "Hoje vamos festejar, rapazes!".

Suspirando, Croyd retirou uma grande bola de papel vermelho e verde de Natal da caçamba e voltou à janela para embalar de novo o que sobrara dos restos.

Após ter caminhado vários quarteirões com o pacote brilhante embaixo do braço, passou por um bar que chamava The Dugout e percebeu que estava no Village. Sua testa franziu-se por um momento, mas então viu um táxi e acenou, e o carro encostou. Tudo estava bem. Até a dor de cabeça havia passado.

Jube levantou a cabeça, olhou para Croyd, sorrindo para ele.

— Como… como foi? — perguntou.

— Missão cumprida — Croyd respondeu, passando-lhe a chave.

— Você conseguiu? Rolaram uns rumores sobre Darlingfoot…

— Eu consegui.

— E os pertences.

— Não havia nenhum.

— Está certo disso, camarada?

— Absolutamente. Nada além dele, e ele está na banheira.

— Quê?

— Tudo bem, eu fechei o ralo.

— O que você está dizendo?

— Meu táxi sofreu um acidente no caminho e algumas das garrafas quebraram. Então, cuidado com o vidro quebrado quando você desembalar.

— Garrafas? Vidro quebrado?

— Ele estava, digamos… reduzido. Mas peguei tudo que restou.

— Restou?

— Disponível. Ele, tipo, se despedaçou e derreteu um pouco. Mas salvei a maior parte dele. Ele está enrolado num papel brilhante com uma fita vermelha em volta. Espero que esteja ok.

— Claro… Tudo bem, Croyd. Parece que você deu o seu melhor.

Jube passou para ele um envelope.

— Vou pagar um jantar para você no Aces High — Croyd comentou —, assim que eu tomar um banho e me trocar.

— Agradeço. Mas eu… tenho coisas a fazer.

— Leve um desinfetante se passar no apartamento.

— Tá… Acho que você teve alguns problemas…

— Que nada, foi moleza.

Croyd foi embora, assobiando, com as mãos nos bolsos. Jube olhou para a chave enquanto

as horas badalavam num relógio distante.

♣ ♦ ♠ ♥

Até a sexta geração

Walter Jon Williams

Parte Um

A chuva fria tamborilava nas claraboias. A garoa finalmente silenciara o Papai Noel do Exército da Salvação na esquina, e Maxim Travnicek agradeceu — o tilintar persistiu por dias. Ele acendeu um cigarro russo e pegou uma garrafa de bebida.

Travnicek tirou os óculos de leitura do paletó e deu uma olhada nos controles dos geradores de fluxo. Era um homem ameaçadoramente alto, nariz aquilino, de uma beleza fria. Entre os ex-colegas no MIT, era conhecido como "a resposta da Tchecoslováquia para Victor Frankenstein", um rótulo cunhado por um amigo professor, Bushmill, que mais tarde conseguiu uma nomeação para reitor e na primeira oportunidade mandou Travnicek embora.

— Foda-se a sua mãe, Bushmill — disse Travnicek, em eslovaco. Tomou a bebida da garrafa. — E foda-se você também, Victor Frankenstein. Se soubesse uma porcaria que fosse de programação de computador, nunca teria causado problemas.

A comparação com Frankenstein doía. Parecia que a imagem do ressurreicionista sempre o perseguia. Seu primeiro trabalho como professor no Ocidente *foi* na *alma mater* de Frankenstein, Ingolstadt. Odiou cada minuto que passou na Baviera. Nunca gostou muito dos alemães, especialmente no papel de modelos. O que poderia explicar sua demissão de Ingolstadt após cinco anos.

Agora, depois de Ingolstadt, depois do MIT, depois de Texas A&M, foi rebaixado a este apartamento. Por semanas, viveu num transe, sobrevivendo de comida enlatada, nicotina e anfetaminas, perdendo a noção primeiro das horas, então dos dias, seu cérebro fervilhante numa perpétua explosão de ideias, conceitos, técnicas. Num nível consciente, Travnicek mal sabia de onde vinha tudo aquilo; nesses momentos, parecia que algo nas profundezas de sua constituição celular estava falando com o mundo por meio de corpo e mente, contornando sua consciência, sua personalidade…

Sempre foi assim. Quando ficava muito obcecado por um projeto, tudo o mais ficava à margem. Sequer precisava dormir, a temperatura do corpo flutuava desenfreadamente, os pensamentos eram ligeiros e objetivos, conduzindo-o com coerência até o objetivo. Tesla, ele tinha lido, era igual — o mesmo espírito, anjo, ou demônio, que agora falava através de Travnicek.

Mas agora, no fim da manhã, o transe havia enfraquecido. O trabalho estava feito. Não tinha certeza de como… mais tarde teria de ir a fundo, peça por peça, e compreender o que havia realizado; suspeitava que tinha cerca de meia dúzia de patentes básicas ali que fariam dele um homem rico para sempre, mas isso aconteceria mais tarde, pois Travnicek sabia que logo a

euforia desapareceria e o cansaço chegaria. Tinha de terminar o projeto antes disso. Tomou outro gole da bebida e sorriu, enquanto olhava o comprimento que dava ao apartamento uma aparência de estábulo.

O apartamento era iluminado por uma fileira fria de lâmpadas fluorescentes. Mesas improvisadas estavam cheias de moldes, barris, gravadores de ROM, computadores. Papéis, latas de comida vazias e cigarros amassados cobriam o piso grosseiro de madeira prensada. Ampliações dos desenhos de Leonardo da anatomia humana estavam grampeados nas vigas.

Atado ao fim da mesa estava um homem alto e nu. Não tinha cabelos e o tampo de seu crânio era transparente, fora isso parecia ter sido tirado dos melhores sonhos eróticos de Leonardo.

O homem na mesa estava conectado a outro equipamento por cabos elétricos grossos. Seus olhos estavam fechados.

Travnicek ajustou um controle no macacão de paraquedista camuflado. Não conseguia pagar aquecimento para o apartamento inteiro e, em vez disso, usava um conjunto elétrico projetado por seus designers para manter caçadores aquecidos enquanto rastejassem em esconderijos nos arbustos. Encarou as claraboias. A chuva parecia estar diminuindo. Bom. Não precisava do teatro barato de Victor Frankenstein, raio e trovão, como pano de fundo de sua obra.

Arrumou a gravata como se para uma plateia invisível — vestir-se adequadamente era importante para ele, e ele usava uma gravata e um paletó por baixo do macacão — e, então, apertou o botão que iniciaria os geradores de fluxo. Um lamento baixo encheu o apartamento, parecia uma vibração profunda que passava pelo assoalho. As lâmpadas fluorescentes no teto diminuíram e tremeluziram. Metade apagou-se. O lamento tornou-se um grito. O fogo de santelmo dançava entre as vigas do telhado. Havia um cheiro de queimado.

Travnicek ouviu indistintamente estampidos regulares. A senhora no apartamento de baixo estava batendo no teto com um cabo de vassoura.

O grito alcançou seu auge. Sons ultrassônicos fizeram as mesas de trabalho de Travnicek dançarem, e estilhaçaram a louça em todo o prédio. No apartamento de baixo, a televisão implodiu. Travnicek virou outro interruptor. O suor pingava de seu nariz.

O androide na mesa contorceu-se quando a energia dos geradores de fluxo foi despejada em seu corpo. A mesa brilhava com o fogo de santelmo. Travnicek mordia o tubo de papelão do cigarro. Uma ponta fumegante caiu despercebida no chão.

O som dos geradores começou a diminuir. Ao contrário do som do cabo de vassoura e das ameaças indistintas vindas de baixo.

— Você vai me pagar pela televisão, desgraçado!

— Enfia o cabo de vassoura no rabo, minha querida — disse Travnicek em alemão, o idioma ideal para as nojeiras.

As lâmpadas fluorescentes abaladas começaram a tremeluzir novamente.

Os desenhos sérios de Leonardo olhavam para o androide quando ele abriu os olhos escuros. As lâmpadas fluorescentes piscando davam um efeito estroboscópico que fazia o branco dos olhos parecer irreal. A cabeça virou-se, os olhos enxergaram Travnicek, então focalizaram. Sob a cúpula transparente que cobria o crânio, um disco prateado girava. O som do cabo de vassoura cessou.

Travnicek aproximou-se da mesa.

— Como você está?

— Todos os sistemas monitorados em funcionamento. — A voz do androide era grave e ele falava inglês americano.

Travnicek sorriu e cuspiu a ponta do cigarro no chão. Havia invadido um computador nos laboratórios de pesquisa da AT&T e roubado um programa que modelava a voz humana. Talvez pagasse *royalty* para a empresa telefônica Ma Bell um dia desses.

— *Quem* é você? — perguntou.

Os olhos do androide varreram o apartamento intencionalmente. Sua voz era prosaica.

— Sou Modular — disse ele. — Sou uma inteligência artificial de sexta geração multifuncional polivalente, um sistema de ataque defensivo-reativo flexível capaz de realizar ação independente enquanto equipado com armamentos de última geração.

Travnicek abriu um sorriso.

— O Pentágono vai amar isso — disse. — Quais são suas ordens?

— Obedecer ao meu criador, Dr. Maxim Travnicek. Resguardar sua identidade e bem-estar. Testar a mim mesmo e aos meus equipamentos sob condições de batalha, combatendo os inimigos da sociedade. Obter o máximo de publicidade para as futuras Empresas Modular ao fazê-lo. Preservar minha existência e bem-estar.

Travnicek sorriu para a criação.

— Suas roupas e módulos estão no armário. Pegue-os, pegue suas armas e saia para encontrar alguns inimigos da sociedade. Volte antes do pôr do sol.

O androide desceu da mesa e seguiu até um armário de metal. Abriu a porta.

— Insubstancialidade do campo de fluxo — disse ele, tomando uma unidade de conexão da prateleira. Com ela, poderia controlar seus geradores de fluxo para retirar o corpo suavemente do plano da existência, permitindo que se movesse através da matéria sólida. — Voo, 1.300 quilômetros por hora no máximo. — Outro módulo apareceu, um que permitiria aos geradores de fluxo manipularem a gravidade e a inércia de forma a produzir voo. — Receptor de rádio sintonizado às frequências da polícia. — Outro módulo.

O androide moveu um dedo abaixo do peito. Uma fenda invisível abriu-se. Ele afastou a carne sintética e a placa torácica de liga metálica, revelando seu interior. Um gerador de fluxo em miniatura emanava uma leve aura de santelmo. O androide conectou os dois módulos no esqueleto de liga metálica, então selou o peito. Havia uma conversa urgente na frequência da polícia.

— Dr. Travnicek — disse. — O rádio da polícia relata uma emergência no Zoológico do Central Park.

Travnicek gargalhou.

— Ótimo. Hora da sua estreia. Pegue as armas. Você pode ter que machucar alguém.

O androide puxou um macacão flexível azul-marinho.

— Canhão laser de micro-ondas — disse ele. — Lançador de granadas com granadas de gás sonífero. Pente com cinco granadas. — O androide abriu dois zíperes no macacão, revelando que duas entradas se abriram nos ombros, pelo visto espontaneamente. Puxou dois longos tubos do armário. Cada um tinha uma protuberância na parte de baixo. O androide encaixou as protuberâncias nos ombros, então tirou as mãos. Os canos das armas giraram, apontando para

todas as direções possíveis.

— Todos os equipamentos modulares em funcionamento — disse o androide.

— Leve sua cúpula pra fora daqui.

Houve um estalo e um leve gosto de ozônio. O campo de insubstancialidade produzia um efeito de obscurecimento enquanto o androide subia através do teto. Travnicek olhou para o lugar no teto onde o androide se erguera, e sorriu de satisfação. Elevou a garrafa para o alto, num brinde.

— Prometeu moderno — disse ele —, uma ova!

O androide espiralou no céu. Os elétrons cruzavam sua mente a toda velocidade, como as gotas da chuva que atravessavam seu corpo insubstancial. O Empire State lançava-se na direção das nuvens como uma lança *art déco*. O androide ficou novamente substancial — o campo drenava sua força com muita rapidez para ser usado casualmente. A chuva chocava-se contra sua cúpula de radar.

A programação de sistemas especializados corria por seus interruptores macroatômicos. Sub-rotinas, imitações embutidas da razão humana e autorizadas dentro de limites a se alterarem, ajustavam-se de formas mais eficientes. Travnicek era um programador genial, mas desleixado, e sua gramática de programação era mais elaborada e discursiva do que o necessário. O androide editava a linguagem de Travnicek enquanto voava, sentindo-se crescer em eficiência. Enquanto o fazia, contemplava um programa que aguardava dentro de si. O programa, chamado ETCETERA, ocupava um espaço imenso e parecia ser uma tentativa abstrata, bagunçada e intrincada de descrever o caráter humano.

Aparentemente, Travnicek pretendia que o programa fosse consultado quando o androide precisasse lidar com problemas de motivação humana. O ETCETERA era volumoso, mal-arranjado, a linguagem em si cheia de ideias tardias e contradições aparentes. Se usado da forma que Travnicek pretendia, o programa seria, em comparação, ineficaz. O androide sabia que seria muito mais útil dividir o programa em sub-rotinas e absorvê-lo na porção da programação principal projetada para ser usada ao tratar com os humanos. A eficiência seria aperfeiçoada.

O androide decidiu fazer a alteração. O programa foi analisado, dividido, adicionado à programação principal.

Se fosse humano, teria cambaleado, talvez perdido o controle. Sendo um androide, continuou no curso que determinara enquanto sua mente reluzia como uma nova em miniatura por baixo do ataque violento da experiência humana codificada. Suas percepções do mundo externo, complexas para um humano e compostas de luz infravermelha visível, ultravioleta, e imagens de radar, pareciam turvas em contraste com a vasta onda de paixão humana. Amor, ódio, luxúria, inveja, medo, transcendência… tudo alinhavava um padrão elétrico análogo na mente do androide.

Enquanto a mente do androide queimava, ele continuou a voar, aumentando a velocidade até o vento tornar-se um rugido em seus ouvidos. Receptores infravermelhos estalavam. As armas em seus ombros giraram e lançaram rajadas de teste no céu. Seu radar fez uma busca, tocando

telhados, ruas, tráfego aéreo, sua mente maquinal comparando as imagens de radar com aquelas geradas anteriormente, buscando discrepâncias.

Havia definitivamente algo errado com a imagem de radar do Empire State. Um objeto grande estava escalando sua lateral, e parecia haver diversos objetos pequenos, de tamanho humano, orbitando o pináculo dourado. O androide comparou esse fato com as informações em seus arquivos, então alterou o curso.

Com dificuldade, suprimiu o turbilhão dentro de si. Não era o momento adequado.

Havia um gorila de mais de 13 metros escalando o prédio, aquele que os arquivos do androide haviam mostrado que era mantido no Zoológico do Central Park desde que fora descoberto passeando pelo parque durante o grande blecaute de 1965. Algemas quebradas balançavam dos pulsos do gorila. Uma mulher loira era mantida num dos punhos. Pessoas voadoras pairavam ao lado dele. No momento em que o androide chegou, a nuvem de ases que orbitava havia ficado mais densa, pequenos elétrons giratórios em torno de um núcleo peludo e rosnador. O ar ressoava com o som de foguetes, asas, campos de força, propulsores, arrotos. Armas, varinhas, projetores de raios e armas menos identificáveis eram brandidas na direção do gorila. Nenhuma estava sendo acionada.

O gorila, com uma determinação cretina, continuou a escalar o prédio. Janelas estilhaçavam-se quando ele enfiava os dedos através delas. Os gritos abafados do alarme eram ouvidos lá dentro.

O androide equiparou a velocidade à de uma mulher com garras, penas e uma envergadura de asa de seis metros. Seus arquivos sugeriam que seu nome era Peregrina.

— A segunda escapada do gorila este ano — disse ela. — Sempre agarra uma loira e sempre escala o Empire State. Por que uma loira? Queria saber.

O androide observou que a mulher alada tinha um cabelo castanho brilhoso.

— Por que ninguém faz nada? — ele perguntou.

— Se atirarmos no gorila, ele pode esmagar a garota — disse Peregrina. — Ou soltá-la. Em geral, o Grande e Poderoso Tartaruga simplesmente abre os dedos do macaco e leva a garota até o chão, e então tentamos nocautear o gorila. Ele se regenera, então não podemos feri-lo permanentemente. Mas o Tartaruga não está aqui.

— Acho que entendo o problema agora.

— Ah, a propósito… O que aconteceu com sua cabeça?

O androide não respondeu. Em vez disso, entrou novamente em seu campo de fluxo de insubstancialidade. Houve um estalo. Energias internas derramaram-se no espaço dimensional *n*. Ele alterou o curso e precipitou-se na direção do gorila. O animal rosnou para ele, arreganhando os dentes. O androide navegou para o meio da mão que segurava a loira, recebendo uma imagem impressionista dos cabelos pálidos desgrenhados, lágrimas, olhos azuis suplicantes.

— Puta merda — disse a garota.

Modular girou o laser insubstancial de micro-ondas dentro da mão do gorila e lançou uma rajada de força total na extensão do braço do animal. O gorila reagiu como se fosse uma ferroada, abrindo a mão. A loira tombou para fora. Os olhos do símio se arregalaram em horror.

O androide desligou o campo de fluxo, esquivou-se de um pterodátilo de seis metros, agarrou a garota em seus braços, agora substanciais, e saiu de lá voando.

Os olhos do gorila ficaram ainda mais aterrorizados. Havia escapado nove vezes nos últimos vinte anos e, até aquele momento, ele sabia o que esperar.

Por trás dele, o androide ouviu uma série de explosões, estalos, tiros, mísseis, raios sibilantes, gritos, pancadas e rugidos fúteis. Ouviu um lamento vibrante final e percebeu a sombra escura de um gigante de braços longos que tombou e escorreu pela fachada do arranha-céu. Houve um chiado, e uma rede do que parecia ser fogo azul frio surgiu sobre a Quinta Avenida; o gorila caiu sobre ela, sacudiu uma vez, e então foi levado, inconsciente e balbuciante, na direção de sua casa no Zoológico do Central Park.

O androide começou a procurar câmeras de vídeo nas ruas. Começou a descer.

— Importa-se de pairar um pouco mais? — a loira disse. — Se vai pousar na frente da imprensa, gostaria de retocar a maquiagem primeiro, tudo bem?

Recuperação rápida, o androide pensou. Começou a orbitar sobre as câmeras. Conseguia ver seu reflexo nas lentes distantes.

— Meu nome é Cyndi — a loira disse. — Sou atriz. Acabei de chegar de Minnesota alguns dias atrás. Esta pode ser minha grande estreia.

— A minha também — disse o androide. Ele sorriu para ela, esperando estar com a expressão correta. Ela não pareceu perturbada, então provavelmente estava.

— Por falar nisso — ele acrescentou —, acho que o gorila tem excelente gosto.

♠

— Nada mau, nada mau — ponderou Travnicek, assistindo na televisão a um vídeo do androide, que, após uma breve entrevista para a imprensa, foi mostrado erguendo-se aos céus com Cyndi nos braços.

Ele se voltou à sua criação.

— Por que diabos você ficou com as mãos sobre a cabeça o tempo todo?

— Minha cúpula de radar. Fiquei envergonhado. Todos perguntavam o tempo todo sobre o que havia de errado com a minha cabeça.

— Um sistema de ataque defensivo polivalente envergonhado e ruborizado — disse Travnicek. — Jesus. É tudo de que o mundo precisa.

— Posso fazer um solidéu? Não vou aparecer em diversas capas de revista do jeito que estou agora.

— Está bem, vá em frente.

— O restaurante Aces High oferece um jantar gratuito para duas pessoas para qualquer um que recapturar o gorila quando ele escapa. Posso ir esta noite? Parece que eu poderia conhecer um monte de pessoas úteis. E Cyndi, a mulher que resgatei, queria me encontrar lá. A Peregrina também me pediu para aparecer em seu programa de televisão. Posso ir?

Travnicek estava animado. Seu androide provou ser um sucesso. Decidiu enviar sua criação para o gabinete do lixo do Bushmill, no MIT.

— Claro — disse ele. — Você será visto. Será bom. Mas abra sua cúpula primeiro. Quero fazer alguns ajustes.

◆

O céu do inverno estava cheio de estrelas cintilantes. Onde o tempo estava claro, milhões assistiam enquanto padrões reluzentes de vermelho, amarelo, azul e verde avançavam pelos céus. Mesmo durante o dia terrestre, os dedos esfumaçados riscavam o céu enquanto a tempestade alienígena descia.

A jornada deles durou 33 anos, desde que a Mãe do Enxame partiu do último planeta conquistado, seguindo a esmo pelo céu como uma vagem de sementes buscando solo fértil. Trinta quilômetros de comprimento, vinte de largura, a Mãe do Enxame parecia um asteroide acidentado, mas feito totalmente de material orgânico, seu casco grosso e resinoso protegendo o interior vulnerável, as teias de nervos e fibras, a rede vasta de bolsas de biomassa e material genético a partir do qual a Mãe do Enxame construía seus servos. Por dentro, o Enxame existia em estagnação, pouco vivo, pouco consciente da existência de qualquer coisa fora de si mesmo. Era apenas quando se aproximava do Sol que o Enxame começava a acordar.

Um ano após a Mãe do Enxame cruzar a órbita de Netuno, detectou emissões de rádio caóticas da Terra na qual foram percebidos padrões reconhecidos pelas memórias implantadas dentro de seu DNA ancestral. Existia vida inteligente ali.

A Mãe do Enxame, à medida que tinha uma preferência, considerava as conquistas sem derramamento de sangue as mais convenientes. Um alvo sem vida inteligente cairia em repetidas invasões dos predadores do Enxame superior, então o material genético e a biomassa capturados eram usados para construir uma nova geração de mães do Enxame. Porém, espécies inteligentes eram conhecidas por proteger seus planetas contra ataques. Essa contingência precisava ser enfrentada.

A maneira mais eficiente de conquistar um inimigo era por meio de microvidas. Dispersão de um vírus sob medida poderia destruir qualquer coisa que respirasse. Mas a Mãe do Enxame não podia controlar um vírus da forma que controlava espécies maiores. E os vírus tinham o hábito irritante de transformar-se em coisas venenosas para seus hospedeiros. A Mãe do Enxame, com trinta quilômetros de comprimento e cheia de biomassa e DNA mutagênico adaptado, era muito vulnerável a ataques biológicos para correr o risco de criar prole que poderia devorar sua mãe. Outra abordagem era necessária.

Aos poucos, nos 11 anos seguintes, a Mãe do Enxame começou a se reestruturar. Pequenos servos idiotas do Enxame — os brotos — adaptavam material genético sob condições cuidadosamente controladas e o inseriam por meio de implante de vírus domado na biomassa que aguardava. Primeiro, uma inteligência monitora era construída, recebendo e registrando as transmissões incompreensíveis da Terra. Então, devagar, uma inteligência racional tomava forma, uma capaz de analisar os dados e agir de acordo com eles. Uma inteligência-mestra, enorme em suas capacidades, mas ainda compreendendo apenas uma fração da radiação padronizada que recebia.

Hora de agir, decidiu a Mãe do Enxame. Como um garoto remexe o formigueiro com um galho, a Mãe do Enxame decidiu remexer a Terra. Os servos do Enxame multiplicaram-se em seu corpo, movimentando material genético, reconstruindo os predadores mais formidáveis que o Enxame mantinha dentro de sua memória. Propulsores de combustível sólido cresciam

como raras orquídeas em câmaras especiais construídas para tanto. Vagens resistentes ao espaço eram formadas a partir de resinas rígidas por servos cegos nas profundezas do ventre da Mãe do Enxame. Um terço da biomassa disponível era dedicado a isso, à primeira geração da prole do Enxame.

A primeira geração não era inteligente, mas podia responder de forma geral aos comandos telepáticos da Mãe do Enxame. Idiotas formidáveis, eram programados simplesmente para matar e destruir. Táticas eram plantadas dentro de sua memória genética. Eram colocadas em suas vagens, os propulsores de combustível sólido inflamados, e eram lançadas, como uma invasão de vaga-lumes cintilantes, para a Terra.

Cada broto individual era parte de um ramo, cada qual tinha de 2 a 10 mil brotos. Quatrocentos ramos foram espalhados em diferentes partes da massa terrestre.

A resina ablativa das vagens queimava na atmosfera da Terra, iluminando o céu. Fios se desdobravam de cada vagem, retardando a queda, estabilizando os botes salva-vidas giratórios. Então, logo acima da superfície da Terra, as vagens estouravam, espalhando sua carga.

Os brotos, após sua longa estase, acordavam famintos.

Através do balcão do bar em forma de ferradura, um homem vestido em algum tipo de armadura de batalha complicada estava em pé, pisando no trilho de latão, e abordou uma mulher loira, mascarada e ágil, que, em estranhos momentos de distração, ficava transparente.

— Perdão — disse ele. — Não vi você na fuga do gorila?

— Sua mesa está quase pronta, Modular — disse Hiram Worchester. — Desculpe, mas não sabia que Fortunato convidaria todos os seus amigos.

— Tudo bem, Hiram — o androide disse. — Tá tudo bem. Obrigado. — Ele estava experimentando usar contrações. Não tinha certeza de quando eram adequadas e estava determinado a descobrir.

— Há um punhado de fotógrafos esperando também.

— Deixe que tirem algumas fotos depois de sentarmos, então mande-os embora. Tudo bem?

— Claro — Hiram, o dono do Aces High, sorriu para o androide. — Aliás, sua tática esta tarde foi excelente. Meu plano é deixar a criatura sem peso se ela subir até aqui. Mas ele nunca sobe. O recorde é 72 andares.

— Da próxima vez, Hiram. Tenho certeza de que funcionará.

O dono do restaurante deu um sorriso satisfeito e saiu apressado.

Cyndi estava usando algo azul-celeste que expunha mais do seu esterno e ainda mais de suas costas. Ela olhou para Modular e sorriu.

— Gostei do solidéu.

— Obrigado. Eu mesmo fiz.

Ela olhou para o copo de uísque vazio dele.

— Isso deixa você, sabe, alegrinho de verdade?

O androide observou seu *single malt*.

— Não. De verdade, não. Eu apenas coloco num reservatório com a comida e faço meus

geradores de fluxo transformarem tudo em energia. Mas, de alguma forma… — Seu novo copo de *single malt* chegou e ele o aceitou com um sorriso. — De alguma forma, sinto-me bem em ficar aqui, colocar meu pé no trilho, e bebê-lo.

— Claro. Sei o que quer dizer.

— E eu consigo sentir o gosto, claro. Não sei o que deve ser um gosto bom ou ruim, então experimento tudo. Estou testando. — Ele segurou o *single malt* embaixo do nariz, fungou, então experimentou. Os receptores de gosto estalaram. Sentiu o que parecia ser uma explosão menor na cavidade nasal.

O homem em armadura de combate tentou colocar o braço em torno da mulher mascarada. Seu braço passou através dela. Ela olhou para ele com olhos azuis sorridentes.

— Estava esperando por isso — disse ela. — Estou num corpo insubstancial, bobo.

Hiram chegou para lhes mostrar a mesa. Flashes começaram a pipocar quando Hiram abriu uma garrafa de champanhe. Olhando pela janela de vidro laminado para o céu, o androide viu uma estrela cadente numa brecha nas nuvens.

— Eu me acostumo fácil com isso — disse Cyndi.

— Espere — o androide falou. Estava ouvindo algo no receptor de rádio. O Empire State era alto o bastante para captar transmissões de longe. Cyndi olhava para ele com curiosidade.

— Qual é o problema?

A transmissão terminou.

— Tenho que pedir desculpas. Posso ligar para você depois? — o androide falou. — Há uma emergência em Nova Jersey. Parece que a Terra foi invadida por extraterrestres.

— Bem, se você precisa ir…

— Ligo mais tarde. Prometo.

A forma do androide turvou-se. O ozônio estalou. Ele subiu, passando pelo teto.

Hiram ficou olhando, a garrafa de champanhe na mão. Ele se virou para Cyndi.

— Ele falou sério? — perguntou.

— É um cara legal, para uma máquina — disse Cyndi, apoiando o queixo na mão. — Mas certamente tem um parafuso solto. — Ela levantou a taça. — Vamos festejar, Hiram.

Não muito longe dali, um homem é assombrado por pesadelos. Monstros babam sobre ele em seus sonhos. Imagens passaram diante da sua mente, uma mulher morta, um pentagrama invertido, um homem nu e esguio com cabeça de chacal. Gritos inacabados unem-se na garganta dele. Ele acorda com um grito, coberto de suor.

Às cegas, esticou o braço até a luminária ao lado da cama e a acendeu. Buscou os óculos. Seu nariz estava escorregadio de suor e os óculos grossos e pesados escorregaram por sobre ele. O homem não percebeu.

Ele pensou no telefone, então se deu conta de que teria de manobrar até a cadeira de rodas para alcançá-lo. Existem maneiras mais fáceis para se comunicar. Dentro de sua mente, chegou até a cidade. Sentiu uma mente sonolenta respondendo dentro de si.

Acorde, Hubbard, disse ao outro, mentalmente, empurrando os óculos de volta para o nariz. *TIAMAT chegou.*

♠

Um pilar de escuridão ergueu-se sobre Princeton. O androide viu no radar e primeiro pensou que fosse fumaça, mas então percebeu que a nuvem não se dissipava com o vento, e era composta de milhares de criaturas vivas circulando sobre a paisagem como uma revoada de abutres. O pilar estava vivo.

Havia um toque de incerteza no coração macroatômico do androide. Sua programação não o preparara para aquilo.

As transmissões de emergência estalavam em sua cabeça, questionando, implorando por assistência, chorando em desespero. Modular reduziu a velocidade, suas percepções buscando a terra escura logo abaixo. Grandes assinaturas infravermelhas — mais brotos do Enxame — rastejavam entre as ruas ladeadas de árvores. As assinaturas espalhavam-se, mas seu movimento tinha um objetivo: a cidade. Parecia que Princeton era o ponto de partida. O androide desceu, ouviu barulhos de rasgos, gritos, tiros. As armas nos seus ombros rastreavam enquanto mergulhava, aumentando a velocidade.

O broto do Enxame não tinha pernas, movia-se como uma lesma com impulsos ondulados de um corpo escorregadio de nove metros. A cabeça era encouraçada, com mandíbulas laterais que pingavam. Um par de braços gigantes, sem ossos, terminavam em garras. A criatura estava enfiando a cabeça numa casa colonial de dois andares, abrindo buracos, os braços buscando pelas janelas, procurando as coisas que viviam lá dentro. Tiros vinham do segundo andar. Luzes de Natal piscavam nas beiradas do telhado, nos arbustos ornamentais.

Modular pairou sobre ele, lançando uma rajada precisa de laser. A micro-onda enviada era invisível, silenciosa. A criatura vibrou, rolou para o lado, começou a se retorcer. A casa estremeceu com as pancadas a esmo. O androide atirou novamente. A criatura tremeu e ficou imóvel. O androide deslizou primeiro com os pés para dentro da janela de onde vieram os tiros, viu um homem gordo e totalmente nu com um rifle nas mãos, um adolescente com uma pistola com mira, uma mulher agarrada em duas garotinhas. A mulher gritava. As duas garotas, perplexas, tremiam.

— Jesus — o gordo disse.

— Eu matei a coisa — o androide falou. — Pode ir para o seu carro?

— Acho que sim — o gordo respondeu. Ele enfiava cartuchos no rifle. A esposa ainda gritava.

— Siga para leste, na direção de Nova York — disse Modular. — Parecem estar em maior número por aqui. Talvez possa ir em comboio com alguns vizinhos.

— O que está acontecendo? — o homem perguntou, engatilhando o rifle com a alavanca para trás e para a frente. — Outro surto do carta selvagem?

— Aparentemente, monstros do espaço.

Houve um som de explosão atrás da casa. O androide girou, viu o que parecia ser uma serpente de 18 metros, movendo-se sinuosamente como uma cobra do deserto enquanto abria espaço entre os arbustos, árvores e postes de energia. A parte de baixo do corpo da serpente retorcia-se com cílios de três metros. Modular saiu rápido pela janela, lançou outra rajada de micro-ondas na cabeça daquela coisa. Sem efeito. Outra rajada, sem sucesso. Atrás dele, o rifle de veados estrondou. A mulher ainda gritava. Modular concluiu que o cérebro da

serpente não estava na cabeça. Começou a atirar rajadas precisas pelo corpo do animal.

As tábuas rangeram quando a serpente atingiu a casa. A construção cambaleou nas fundações, uma parede desmoronou, o andar de cima inclinou-se perigosamente. O androide atirava repetidamente. A serpente ergueu a cabeça e atravessou a janela de onde o gordo estava atirando. O corpo da serpente pulsou diversas vezes. Sua cauda se retorceu. O androide atirava. A gritaria parou. A serpente retirou a cabeça e começou a se enrolar em direção à próxima casa. A energia do androide estava quase esgotada, mal retinha força suficiente para ficar no ar.

Essas táticas, decidiu Modular, não estavam funcionando. As tentativas de ajudar as pessoas resultariam num esforço disperso e bastante fútil. Precisava examinar o inimigo, descobrir seus números e estratégia, então encontrar resistência organizada em algum lugar e ajudar.

Partiu voando na direção de Princeton, seus sensores procurando, tentando reunir uma imagem do que acontecia.

Sirenes começaram a soar embaixo dele. As pessoas saíam das casas em ruínas. Veículos de emergência corriam sob luzes intermitentes. Alguns poucos automóveis ziguezagueavam loucamente, descendo ruas cheias de escombros. Aqui e ali incêndios irrompiam, mas a umidade e a garoa ocasional os mantinham confinados. Modular viu mais uma dúzia de serpentes, uma centena de predadores menores que se moviam como panteras sobre seis pernas, vintenas de uma estranha criatura que parecia uma aranha saltadora, seu corpo largo de quatro patas balançando em cima das árvores sobre pernas parecidas com muletas. Um carnívoro bípede de seis metros arreganhava dentes como um tiranossauro. Outras coisas, difíceis de ver pelo infravermelho, moviam-se como tapetes junto ao solo. Algo invisível lançou uma nuvem de lanças de um metro, mas ele percebeu a aproximação pelo radar e desviou. A nuvem ainda orbitava sobre Princeton. O androide decidiu investigar.

Havia milhares deles, criaturas ondulantes, escuras e sem penas como capachos voadores. No meio do rugir orquestrado de suas asas, soltavam ruídos baixos de lamentos, arranhando como as cordas de um baixo. Subiam e desciam, e o androide entendeu sua tática quando viu um veículo sair em disparada de uma garagem em Princeton e derrapar pela rua. Um grupo de ondulantes desceu em grupo, batendo com o corpo no carro e envolvendo o alvo dentro de suas formas de couro, deslizando-o sob o seu peso. O androide, com as energias parcialmente recuperadas, atirou nos voadores, derrubando alguns, mas o carro desviou sobre o meio-fio e bateu contra um prédio. Mais voadores desceram quando o primeiro grupo começou a espremer-se através de janelas estilhaçadas. Ácido corrosivo manchou a pintura do carro. O androide se ergueu e começou a atirar sobre a massa que pairava, tentando atrair a atenção.

Uma nuvem o seguiu, centenas de uma vez, e Modular aumentou a velocidade, mantendo a direção sul, tentando levá-los para longe, voadores mortos caindo como folhas quando ele atirava pequenas rajadas para trás. Mais e mais dos orbitais eram atraídos para a perseguição. As criaturas não pareciam muito inteligentes. Desviando e contorcendo-se, ficando pouco à frente da nuvem esvoaçante, logo o androide tinha milhares dos voadores em seu encalço. Passou por sobre uma elevação e viu o hospedeiro do Enxame à sua frente. Por um momento, seus sensores foram devastados pelo sinal descomunal.

Um exército de criaturas avançava numa onda curvada, um crescente de ângulo acentuado

apontando para Princeton, ao norte. O ar ficou cheio de rangidos, farfalhares, quando o Enxame aplainou a rota até a cidade — casas, árvores, prédios de escritórios, tudo —, terraplenando o que estivesse no caminho. O androide subiu, fazendo cálculos, os voadores gemendo e ondulando logo atrás dele. O hospedeiro movia-se rapidamente para fazer um serviço tão completo; o androide estimava entre 25 a 30 quilômetros por hora.

Modular teve uma boa ideia do tamanho médio da criatura do Enxame. Dividindo a emissão vasta de infravermelho por seus componentes, concluiu que observou um mínimo de 40 mil criaturas. Mais se juntavam ao grupo a todo momento. Havia ao menos outros 20 mil voadores. Os números eram insanos.

O androide, diferentemente de um humano, não poderia duvidar de seus cálculos. Alguém tinha de ser informado sobre aquilo que o mundo enfrentaria. As armas acopladas aos seus ombros giraram para trás para permitir uma melhor aerodinâmica, e ele circulou de volta para o norte, aumentando a velocidade. Os voadores circularam, mas não conseguiram alcançá-lo. Começaram a voar de volta para Princeton.

Modular chegou a Princeton numa questão de segundos. Mil ou mais do Enxame penetraram na cidade, e o androide detectou a invasão constante de prédios, as rajadas esparsas de armas de fogo, e de um local o estouro, o estrondo e a explosão de armas mais pesadas. Ele rumou às pressas na direção do som.

O arsenal da Guarda Nacional estava sitiado. Uma das criaturas-serpentes, cortada ao meio por projéteis explosivos, contorcia-se na rua em frente, lançando para cima nuvens do gás lacrimogênio derramado. Predadores mortos e corpos humanos manchavam a paisagem em torno do prédio. Um tanque M60 estava tombado sobre o concreto à frente; outro bloqueava uma porta de aço de garagem, inundando o acesso com luz infravermelha. Três homens da Guarda, com equipamento de controle de tumultos completo com máscaras de gás, estavam no tanque atrás da torre de tiro. O androide lançou oito tiros efetuados com precisão, matando a onda de agressores, e passou voando pelo tanque, bem próximo dos soldados. Eles olharam para ele abismados através de suas máscaras. Atrás deles, uma dúzia de civis com armas e rifles de caça e, mais atrás, cerca de cinquenta refugiados. Em algum lugar no prédio, motores acionados explodiram.

— Quem está no comando?

Um homem usando uma insígnia de tenente levantou a mão.

— Tenente Goldfarb — disse ele. — Sou o oficial no comando. Que diabos está acontecendo?

— Você precisa tirar essas pessoas daqui. Alienígenas pousaram na cidade.

— Não achei que fossem chineses. — Sua voz ficava abafada pela máscara de gás.

— Estão vindo de Grovers Mills nesta direção.

Um dos outros guardas começou a ofegar. Mal dava para reconhecer o som como uma risada.

— Igual à *Guerra dos mundos*. Ótimo.

— Cala a boca — Goldfarb endureceu com raiva. — Tenho apenas vinte dos efetivos aqui. Você acha que podemos detê-los no canal de Raritan?

— São no mínimo 40 mil deles.

Goldfarb despencou contra a torre.

— Vamos para o norte, então. Tentar chegar a Sommerville.

— Sugiro que se movam rápido. Os voadores estão voltando. Vocês os viram?

Goldfarb apontou para os corpos espalhados de alguns dos ondulantes.

— Bem ali. Gás lacrimogênio parece pará-los.

— Chefe, tem alguma coisa vindo dali. — Um dos soldados ergueu um lançador de granadas. Sem olhar, Modular disparou sobre os ombros dele e derrubou um bicho-aranha.

— Deixa pra lá — o soldado disse.

— Olhe — Goldfarb falou. — A mansão do governador é na cidade. Morven. Ele é nosso comandante-chefe, devemos tentar tirá-lo de lá.

— Posso fazer uma tentativa — disse o androide —, mas não sei onde é a mansão.

Sobre seu ombro, ele se livrou de uma lesma encouraçada e olhou para Goldfarb.

— Consigo voar com você nos braços.

— Certo. — Goldfarb pendurou sua M16 no ombro e deu ordens para os outros homens da Guarda Nacional levarem os civis para os carros blindados e depois formarem um comboio.

— Sem faróis — o androide disse. — Os voadores não devem perceber que vocês estão de prontidão.

— Temos equipamentos de infravermelho. Padrão nos veículos.

— Eu usaria ele. — Achou que estava sendo gramaticalmente correto.

Goldfarb terminou de dar as ordens. As tropas da Guarda Nacional apareceram de outras partes do prédio, carregando armas e munição. Veículos rastreados eram postos em movimento. O androide envolveu Goldfarb nos braços e partiu para o céu.

— Para o *alto*! — Goldfarb gritou. Modular entendeu que esta era uma expressão de aprovação militar.

Um farfalhar gigantesco no céu indicou que os voadores estavam de volta. O androide mergulhou, trançando entre casas destruídas e pedaços de troncos de árvores.

— Puta merda! — Goldfarb disse. Morven estava em ruínas. Não restava nada da mansão do governador. Não se via nada vivo por ali.

O androide devolveu o guarda ao seu comando, derrubando no caminho um grupo de vinte agressores que se preparava para atacar os quartéis-generais da Guarda Nacional. Dentro, a garagem estava cheia de descarga de escapamento de veículos. Seis viaturas de tropas e dois tanques estavam prontos. Goldfarb foi deixado próximo de uma viatura. O ar estrondava com o ruído dos voadores.

— Vou tentar atrair os voadores para longe — o androide disse. — Espere até o céu estar limpo antes de seguir adiante.

Ele partiu novamente para o céu, lançando rajadas curtas do laser, atirando na direção do céu que escurecia. Mais uma vez, os voadores rugiam atrás dele. Ele os levou novamente para Grovers Mills, vendo o vasto crescente do Enxame terrestre avançando em seu ritmo contínuo, espantoso. Ele voltou, deixando-os bem atrás de si, e acelerou na direção de Princeton. Abaixo, poucos voadores elevaram-se, perseguindo-o. Parecia que estavam jantando o cadáver de um homem que usava uma armadura de batalha complicada. A mesma armadura que Modular viu no Aces High agora manchada e escurecida por ácido gástrico.

Em Princeton, viu o comboio de Goldfarb abrindo caminho até a Highway 206 em um feixe de luz infravermelha e tiros de metralhadora. Refugiados, atraídos pelo som dos tanques e viaturas blindadas, agarravam-se aos veículos. O androide atirava o tempo todo, derrubando as criaturas do Enxame quando pulavam para atacar, suas energias sendo drenadas. Seguiu o comboio até parecer que estavam fora da área de perigo, quando o grupo teve de desacelerar pelo imenso congestionamento de refugiados que partiam para o norte.

O androide decidiu rumar para Fort Dix.

O tenente-detetive John F. X. Black, da delegacia do Bairro dos Curingas, não retirou de fato as algemas dos pulsos de Tachyon até estarem fora do gabinete do prefeito. Os outros detetives mantinham as espingardas a postos.

Medo, Tachyon pensou. Essas pessoas estão aterrorizadas. Por quê? Ele esfregou os pulsos.

— Meu casaco e meu chapéu, por favor. — O acréscimo de gentileza não reduziu o caráter da ordem.

— Se você insiste — disse Black, entregando o chapéu de cavaleiro com pena e a casaca de rabo de andorinha cor lavanda, que combinava com os olhos de Tach. O rosto bem marcado dividiu-se num sorriso sarcástico. — Seria difícil encontrar até um detetive de primeira classe com seu gosto — ele comentou.

— Muito provável que não — Tach disse, friamente. Ele balançou os cabelos para trás sobre o colarinho.

— Por aqui — disse Black. Tach inclinou o chapéu sobre um dos olhos e empurrou-o.

Era uma sala grande com painéis, uma mesa comprida, e estava um caos. Havia policiais, bombeiros, homens em uniformes militares. O prefeito gritava no rádio e, a julgar pela expressão selvagem, não estava conseguindo o que queria. O olhar de Tach pairou até a parte mais distante da sala e seus olhos estreitaram-se. O senador Hartmann estava de pé, numa conversa restrita com diversos ases: Peregrina, Pulso, o Uivador, a turma toda do CRISE-A.

Tach sempre se sentiu desconfortável com Hartmann… fosse um liberal de Nova York ou não, era o presidente do Comitê de Recursos Internos do Senado para Empenho dos Ases, o comitê CRISE-A, que estava à altura do seu nome sob a batuta de Joseph McCarthy. As leis eram diferentes agora, mas Tach não queria ter nada a ver com uma organização que recrutava ases para servir aos propósitos dos que estavam no poder.

O prefeito entregou o telefone para um assistente e, antes que pudesse correr para qualquer outro lugar, Tach marchou em sua direção, arremessando as algemas e encarando o prefeito com um olhar frio.

— Suas tropas de assalto me trouxeram — disse. — Arrombaram minha porta. Acredito que a prefeitura vá substituí-la, bem como qualquer coisa que possa ser roubada enquanto a porta estiver arrombada.

— Temos um problema — o prefeito disse, e então um assistente entrou às pressas com as mãos cheias de mapas de postos de gasolina de Nova Jersey. O prefeito mandou que os espalhasse sobre a mesa. Tachyon continuou falando, mesmo com a interrupção.

— Vocês poderiam ter me telefonado. Eu viria. Seus esquadrões nem bateram à porta. Ainda

existem proteções constitucionais neste país, mesmo no Bairro dos Curingas.

— Nós batemos — disse Black. — Batemos de verdade. — Ele se virou para um dos detetives, um curinga com a carne marrom, cheia de escamas. — Você me ouviu bater, não foi, Kant?

Kant sorriu, um lagarto com dentes. Tachyon teve um calafrio.

— Claro que sim, tenente.

— E você, Matthias?

— Ouvi bater também.

Tach travou os dentes.

— Eles… não… bateram.

Black deu de ombros.

— O doutor provavelmente não nos ouviu. Estava ocupado. — Olhou de soslaio. — Estava acompanhado, se é que você me entende. Uma enfermeira. Muito bonita. — Ele ergueu um documento em papel-ofício. — Além do mais, nossa busca era legal. Assinada pelo juiz Steiner bem aqui, meia hora atrás.

O prefeito virou-se para Tachyon.

— Queríamos ter certeza de que você não tinha nada a ver com isso.

Tach tirou o chapéu e, indiferente, balançou-o à frente do rosto, enquanto olhava para a sala cheia de pessoas correndo para lá e para cá, inclusive… meu Deus, um tiranossauro de quase um metro que tinha acabado de se transformar num pré-adolescente nu.

— Do que vocês estão falando, meu bom homem? — finalmente perguntou.

O prefeito encarou Tachyon com olhos parecidos com lascas de gelo.

— Temos relatórios do que poderia ter sido um ataque do carta selvagem em Jersey.

O coração de Tach acelerou. *De novo não*, pensou, lembrando-se daquelas primeiras semanas terríveis, as mortes, a mutilação que fez seu sangue gelar, a loucura, o *cheiro*… Não, não era possível. Ele engoliu seco.

— O que posso fazer para ajudar? — falou.

— Quarenta mil em um grupo — o general murmurou, fixando os números na mente. — Provavelmente em Princeton agora. Vinte mil voadores. Talvez outros 20 mil espalhados na zona rural, movendo-se para o ponto de encontro em Princeton. — Ele olhou para o androide. — Alguma ideia de para onde vão depois de Princeton? Filadélfia ou Nova York? Sul ou norte?

— Não consigo dizer.

O tenente-general mordeu o punho fechado. Era magro, de óculos, e seu nome era Carter. Nem parecia perturbado pelo pensamento de alienígenas carnívoros aterrissando em Nova Jersey. Comandava o Primeiro Exército dos Estados Unidos de seu quartel-general em Fort Meade, Maryland. Modular fora enviado para lá por um major-general suarento em Fort Dix, que no fim das contas era um centro de treinamento.

O caos cercava a aura de calma de Carter. Telefones tocavam, assistentes se acotovelavam e, lá fora, no corredor, homens gritavam.

— Até agora, consegui apenas a Octogésima Segunda e a Guarda Nacional — Carter comentou. — Não é o suficiente para defender Nova York e Filadélfia contra esses números. Se tivesse regimentos de fuzileiros de Lejeune, poderíamos nos sair melhor, mas o comandante dos Fuzileiros não quer liberá-los da Força de Deslocamento Rápido, que é comandada por um fuzileiro. Quer que a FDR assuma o comando aqui, especialmente porque a Octogésima Segunda também está abaixo de seus protocolos. — Deu um gole no suco de *cranberry* e suspirou. — Trata-se do processo de mover um exército em tempo de paz para uma condição de guerra. Nossa hora chegará, e então teremos nossa vez.

O androide havia descoberto que o Enxame aterrissara em quatro lugares na América do Norte: Nova Jersey; Kentucky, sul de Louisville; uma área central em torno de McAllen, Texas, exceto nos dois lados da fronteira Estados Unidos-México; e uma aterrissagem extremamente difusa que parecia espalhada por grande parte a norte de Manitoba. A aterrissagem de Kentucky também estava dentro da jurisdição do Primeiro Exército, e Carter ordenou a intervenção dos soldados de Fort Knox e Fort Campbell. Felizmente, não tinha de obter a permissão dos fuzileiros navais antes.

— Norte ou sul? — Carter perguntou-se. — Que inferno, queria saber pra onde estão rumando. — Esfregou as têmporas. — Hora de arriscar — decidiu. — Você os viu seguirem para o norte. Vou mandar a Força Aérea para Newark e dizer para a Guarda se concentrar lá.

Outro assistente entrou apressado e passou um bilhete para Carter.

— Tudo bem — disse o general. — O governador de Nova York pediu para todos os ases na área se reunirem na prefeitura. Uma conversa sobre usar vocês como tropas de choque. — Ele espreitou o androide através dos óculos. — Você *é* um ás, certo?

— Sou uma máquina inteligente de sexta geração programada para defender a sociedade.

— Então, você é uma máquina? — Carter olhou como se não tivesse entendido isso até aquele momento. — Alguém te construiu?

— Isso aí. — Seu linguajar informal estava cada vez melhor, sua fala mais concisa. Estava satisfeito consigo mesmo.

A reação de Carter foi rápida.

— Existem mais de você? Podemos *construir* mais de você? Temos urgência aqui.

— Posso transmitir sua solicitação ao meu criador. Mas não acho que poderá prestar ajuda imediata.

— Faça isso. E, antes que você decole, quero que fale com um da minha equipe. Diga a ele sobre você, suas capacidades. Podemos fazer melhor uso de você dessa forma.

— Sim, senhor — o androide estava tentando soar militar, e pensou estar conseguindo.

♣

— Não — Tachyon falou. — Não é carta selvagem.

Outros fatos revelaram-se, inclusive imagens. Nenhuma praga carta selvagem — nem mesmo uma versão avançada — conseguiria produzir resultados como esses. *Ao menos, não serei culpado por este*, pensou.

— Acho — Tach disse — que aquilo que acabou de assolar Jersey é uma ameaça que minha raça já encontrou em diversas ocasiões… essas criaturas atacaram duas colônias; destruíram

uma e quase acabaram com a outra. Nossas expedições *os* destruíram mais tarde, mas sabemos que existem muitos outros. O *T'zand'ran*…

— Ele fez uma pausa pelos olhares vazios. — A tradução seria Enxame, eu acho.

O senador Hartmann parecia cético.

— Não é carta selvagem? Você está me dizendo que Nova Jersey foi atacada por abelhas assassinas do espaço?

— Não são insetos. Estão a caminho de se tornar… como eu digo isso? — Ele deu de ombros. — São levedos. Brotos de levedo gigantes, carnívoros, telepáticos, controlados por um levedo-mãe gigante no espaço. Muito famintos. Eu me mobilizaria, se fosse vocês.

O prefeito olhou aflito.

— Tudo bem. Temos meia dúzia de ases reunidos aqui embaixo. Quero que você vá lá e faça um resumo pra eles.

Os sons de pânico entravam pela claraboia. Eram quatro da manhã, mas parecia que metade de Manhattan tentava fugir da cidade. Foi o pior engarrafamento desde o Dia da Carta Selvagem.

Travnicek sorriu enquanto folheava as notas científicas que tinha rabiscado em papel de embrulho e maços de cigarro usados durante longos meses do período criativo.

— Então, o Exército quer mais de você, hein? Uau. Quanto estão oferecendo?

— O general Carter apenas expressou interesse. Ele não é o encarregado pelas compras, tenho certeza disso.

O sorriso de Travnicek transformou-se num franzir de cenho quando aproximou as notas dos olhos. Sua caligrafia era péssima, e a nota estava totalmente ilegível. Que diabos ele quis dizer?

Olhou em volta do apartamento, para a assustadora dispersão de lixo. Havia *milhares* de anotações. Muitas estavam no chão, onde haviam se integrado ao assoalho de compensado.

Ele soprava fumaça ao respirar no apartamento frio.

— Peça uma boa oferta. Diga a ele que quero 10 milhões por unidade. Suba para 20. *Royalties* sobre a programação. E quero as primeiras dez unidades para mim, como meus guarda-costas.

— Sim, senhor. Quando posso dizer a ele que poderemos esperar os planos serem entregues?

Travnicek olhou novamente para o lixo.

— Pode ser em pouco tempo. — Ele teria de reconstruir tudo do zero. — Primeira coisa, consiga um compromisso firme sobre o dinheiro.

— Sim, senhor.

— Antes de sair, limpe essa bagunça. Ponha minhas notas em pilhas ali em cima. — Ele apontou para uma parte razoavelmente vazia de uma das mesas.

— Senhor. Os alienígenas.

— Eles vão segurar — Travnicek deu uma risadinha. — Você será mais valioso para os militares após essas criaturas comerem metade de Nova Jersey.

O rosto do androide estava sem expressão.

— Sim, senhor.

E, então, começou a limpar o laboratório.

— Meu Deus — disse Carter.

Finalmente, o caos que o cercava deixou de existir. O silêncio no posto de comando improvisado no saguão de embarque do Aeroporto Internacional de Newark foi quebrado apenas pelo chiado dos jatos militares expelindo tropas e equipamentos. As tropas de paraquedistas em suas calças largas e novos modelos de capacete Kevlar estavam em pé ao lado dos oficiais da Guarda Nacional com suas panças e dos ases em roupas de salto. Todos esperavam pelo que Carter diria em seguida. Carter segurava uma série de fotografias de infravermelho contra a luz fraca que estava começando a entrar pelas janelas.

— Estão seguindo para o sul. Na direção de Filadélfia. Postos avançados, guardas de flanco, corpo principal, retaguarda. — Carter olhou para a equipe. — Parece que estão lendo nossos manuais táticos, senhores. — Ele largou as fotografias sobre a mesa. — Quero que vocês preparem seus garotos e vão para o sul. Direto para a rodovia de Jersey. Peguem veículos de civis, se precisarem. Queremos flanqueá-los e entrar do leste na direção de Trenton. Se entrarmos no flanco deles, talvez possamos parar a retaguarda antes que passem Princeton. — Virou-se para um assistente. — Chame a Guarda da Pensilvânia. Queremos as pontes até Delaware destruídas. Se não tiverem engenheiros para implodir, façam um bloqueio. Com caminhões de carroceria grande, se precisar.

Carter virou-se para os ases que estavam num canto, próximos de uma pilha de cadeiras de plástico colocadas às pressas. Modular, Uivador, Mistral, Pulso. Um pterodátilo que, na verdade, era o garoto que tinha a habilidade de se transmutar em répteis e cuja mãe estava a caminho para buscá-lo pela segunda vez em poucas horas. Peregrina, com uma equipe de cinegrafistas. O Tartaruga orbitava sobre o terminal em sua imensa carapaça blindada. Tachyon não estava lá; fora chamado a Washington como consultor científico.

— Os fuzileiros de Lejeune estão seguindo para a Filadélfia — comentou Carter. Sua voz era suave. — Alguém caiu em si e os colocou sob meu comando. Mas apenas um regimento chegará a Delaware a tempo para encontrar a tropa avançada de alienígenas, e eles não terão blindagem, nem armas pesadas, e terão de chegar às pontes em ônibus escolares e sabe Deus o que mais. Isso significa que vão ser arrasados. Não posso dar ordens para vocês, mas gostaria que fossem para a Filadélfia e ajudassem os fuzileiros. Precisamos de tempo para posicionar o restante deles. Vocês poderiam salvar um monte de vidas.

Coleman Hubbard estava diante de um grupo de homens e mulheres com sua máscara de falcão de Rá. Estava sem camisa, usando seu jaleco maçônico, e sentiu-se um pouco constrangido… muito de sua pele com cicatrizes estava exposto, as queimaduras que cobriram seu torso após o incêndio no velho templo do centro da cidade. Teve um calafrio pela lembrança das chamas,

então olhou para cima para tirar a recordação da mente…

Sobre ele, reluzia a figura de um ser astral, um homem gigante com a cabeça de um carneiro e um falo colossal ereto, segurando na mão a cruz ansata e o cajado curvo, símbolos de vida e poder — o deus Amon, criador do universo, reluzindo entre uma aura multicolorida de luz.

Lorde Amon, pensou Hubbard. O Mestre dos Maçons Egípcios, e de fato um velho meio inválido em um quarto a quilômetros de distância. Sua forma astral poderia tomar qualquer forma que quisesse, mas em seu corpo era conhecido como o Astrônomo.

O brilho de Amon cintilava nos olhos dos adoradores reunidos. A voz do deus soava na cabeça de Hubbard, e este elevava os braços e narrava as palavras do deus para a congregação.

— TIAMAT chegou. Nosso momento está próximo. Precisamos concentrar nossos esforços no novo templo. O dispositivo Shakti deve ser montado e calibrado.

Sobre a cabeça de carneiro do deus surgiu outra forma, uma massa mutante de protoplasma, tentáculos e olhos, e carne fria, muito fria.

— Contemplem TIAMAT — disse Amon. Os adoradores murmuravam. A criatura crescia, reduzindo o brilho do deus.

— Minha Irmã Obscura está aqui — disse Amon, e sua voz ecoou na cabeça de Hubbard. — Precisamos preparar as boas-vindas.

Um jato Harrier dos fuzileiros sugou um voador por uma abertura, gritou enquanto vomitava a liga derretida e deslizou inclinado para a Trenton já condenada. O som dos voadores abafava o chiado dos jatos e o estrondo dos helicópteros. Napalm queimando reluzia enquanto flutuava sobre a água represada. Sinais coloridos de fumaça giravam no ar.

O corpo principal do Enxame abria violentamente seu caminho para Trenton, e a guarda avançada já estava atravessando o rio. Bloquear e implodir as pontes não foram o bastante para detê-los: eles apenas mergulharam no rio gélido e atravessaram como uma onda vasta e escura. Centenas de voadores cercaram o helicóptero do comandante dos fuzileiros navais e o derrubaram, e depois disso não havia ninguém no comando: apenas grupos de homens desesperados, mantendo-se onde podiam, tentando formar um quebra-mar contra a onda do Enxame.

Os ases separaram-se, cuidando das emergências. Modular estava queimando o inimigo, tentando ajudar os bolsões esparsos de resistência enquanto, um após o outro, eram atacados. Era uma tarefa vã.

De algum lugar à esquerda ele conseguia ouvir os gritos do Uivador, solidificando ossos e nervos do Enxame. Seu talento era mais útil que o do androide; o laser de micro-ondas era uma arma precisa demais para lidar com uma onda de ataque, mas os gritos ultrassônicos do Uivador conseguiam em um segundo destruir pelotões inteiros de inimigos.

Um tanque da Guarda Nacional virou a esquina atrás de onde Modular flutuava no meio do conflito, então se chocou contra um prédio, misturando-se aos escombros. Os voadores cobriram a blindagem do tanque, obscurecendo as fendas de visibilidade. O androide mergulhou na direção do tanque, arrancou os voadores, rasgando-os como papel. Suco ácido

respingava em sua roupa. A carne artificial soltava fumaça. O tanque esmagou tijolos sob suas lagartas, retirando-se de dentro do prédio.

Quando o androide se ergueu, o Grande e Poderoso Tartaruga formava uma enorme imagem luminosa no radar. Estava pegando os brotos do Enxame no corpo a corpo, arremessando-os no ar, deixando-os cair em seguida. Era como uma fonte de cascata. Os voadores batiam-se desesperadamente contra a carapaça blindada. O ácido não era suficiente para atravessar sua armadura de batalha.

O ar estalou quando foi rasgado por fótons energizados: Pulso, seu corpo se transformou em luz. O laser humano ricocheteou os inimigos para longe, levando uma dúzia ao chão, então desapareceu. Quando Pulso finalmente ficasse sem energia, reverteria à forma humana, e então ficaria vulnerável. O androide esperava que os voadores não o encontrassem.

Mistral flutuou, colorida como uma bandeira de batalha. Com 17 anos, aluna em Columbia, vestia-se em cores brilhantes e patrióticas como o pai, Ciclone. Mantinha-se em voo pela capa que ela enchia com os ventos que gerava, e abatia os voadores com tufões, atirando-os, despedaçando-os. Nada se aproximava dela.

Peregrina voava inutilmente em círculos em torno dela. Era muito fraca para combater o Enxame, em qualquer de suas corporificações.

Nenhum deles era suficiente. O Enxame continuava a se mover pelas aberturas entre os ases.

O gemido preencheu o ar quando as sombras negras dentadas, os jatos A-10 da Guarda Nacional da Força Aérea, cruzaram os céus, suas armas martelavam, deixando Delaware branco. Bombas caíam debaixo de suas asas, abrindo-se em flores brilhantes de napalm.

O androide disparou até seus geradores ficarem drenados, e então lutou contra os voadores com as próprias mãos. O desespero tomou conta dele, depois a raiva. Nada parecia ajudar.

O corpo principal do inimigo alcançou o rio e começou a nadar. Poucos soldados estavam vivos para combatê-los. A maioria dos sobreviventes estava tentando se esconder ou fugir.

O 6º Regimento dos Fuzileiros já chegou sem vida, e nada poderia alterar esse fato.

♠

Entre Trenton e Levittown, bombas e incêndios deixaram negra a paisagem amarronzada de dezembro. Os brotos do Enxame moviam-se pelo cenário devastado como uma onda de pesadelo. Mais dois regimentos de fuzileiros estavam entrincheirados nas áreas residenciais de Filadélfia, dessa vez com o apoio da artilharia e um pequeno grupo de blindados leves dos fuzileiros.

Os ases esperavam em um hotel Howard Johnson fora da rodovia da Pensilvânia. O plano era entrarem em qualquer contra-ataque.

Uma bateria de canhões de 155 mm foi instalada no estacionamento e disparava constantemente. O crescendo do som já estourara a maior parte das janelas dos restaurantes. O som dos jatos pairava o tempo todo.

Pulso estava deitado numa tenda de hospital em algum lugar; ultrapassou seus estoques de energia e se encontrava à beira de um colapso. Mistral estava enrolada ao lado, numa cabine plástica de cor laranja forte. Seus ombros balançavam a cada estrondo das armas lá fora. Lágrimas corriam em rios por seu rosto. O Enxame ainda não havia se aproximado, mas vira

muita gente morrer, e manteve-se firme durante a luta e no longo pesadelo da retirada, e naquele momento a reação havia começado. Peregrina estava sentada ao seu lado, falando com ela num tom gentil que o androide não conseguia ouvir. Modular seguiu o Uivador quando o ex-escavador saiu para buscar algo para comer no restaurante. O peito do homem era imenso, a caixa de voz mutante ampliando o pescoço de forma que o androide não conseguiria pegá-lo com as duas mãos. O Uivador vestia um conjunto emprestado da roupa de batalha dos fuzileiros: o ácido dos voadores havia comido suas roupas de civil. O androide teve de voar com ele no fim das contas, segurando o ás nas mãos que tinham sido corroídas até os ossos de metal de liga.

— Peru em lata — disse o Uivador. — Ótimo. Vamos fazer um dia de Ação de Graças. — Ele olhou para Modular. — Você é uma máquina, certo? Você come?

O androide enfiou dois dedos num soquete de luz. Surgiu um flash de luz, o cheiro do ozônio:

— Isto aqui funciona melhor — ele falou.

— Vão colocar você em produção logo? Sei que o Pentágono vai se interessar.

— Dei as condições do meu criador ao general Carter. Ainda não responderam. Acho que a estrutura de comando está desarranjada.

— Ah, é. Me conte mais sobre isso.

— Espere — o androide falou. Atrás dos barulhos das armas, o rugir dos jatos, ele começou a ouvir outro som. O estalar do disparo de armas leves.

Um fuzileiro correu para dentro do restaurante, as mãos segurando o capacete.

— Começou — disse ele. O androide deu início às verificações dos sistemas.

Mistral olhou para o oficial com olhos marejados. Parecia muito mais jovem que uma garota de 17 anos.

— Estou pronta — falou.

O Enxame parou nas cercanias da Filadélfia. Os dois regimentos dos fuzileiros navais mantiveram-se, seus fortes cercados por paredes dos mortos do Enxame. A vitória foi possível graças ao apoio das forças aéreas e dos aviões da Marinha e do navio de batalha *New Jersey*, que lançava projéteis de 50 centímetros a partir do Oceano Atlântico; graças também à Guarda Nacional e às tropas de paraquedistas de Carter, atacando o Enxame a partir do flanco traseiro.

Graças aos ases, que lutaram durante a noite inteira, até mesmo após o Enxame hesitar em seu ataque violento, e então começar a se mover para oeste, na direção das distantes Blue Mountains.

O aeroporto da Filadélfia ficou ocupado por toda a noite com o transporte que trazia outra divisão de fuzileiros da Califórnia.

Na manhã seguinte, o contra-ataque começou.

Após anoitecer, o dia seguinte. Uma televisão em cores balbuciava com sobriedade no canto do saguão de embarque. Carter estava se preparando para mover o posto de comando para Allentown, a oeste, e Modular chegou voando com notícias dos últimos movimentos do Enxame. Mas Carter estava ocupado, falando no rádio com os comandantes em Kentucky, e assim o androide ouviu as notícias do restante do mundo.

A violência de Kentucky espalhou-se pela tela. Imagens, tiradas de uma distância segura por lentes de longo alcance, sacudiam e estalavam. No meio dela, havia um homem alto de uniforme militar sem insígnia, o corpo reluzindo como uma estrela de ouro, enquanto usava um tronco de árvore de seis metros para esmagar os brotos do Enxame. Seguiu-se uma entrevista com ele: não parecia ter mais de 20 anos, mas os olhos tinham fantasmas de milhares de anos dentro deles. Não falou muito, pediu licença, saiu para voltar à guerra. Jack Braun, o Golden Boy dos anos 1940 e Judas dos Ases dos anos 1950, de volta à ativa pelo período de emergência.

Mais ases: Ciclone, o pai de Mistral, combatendo o Enxame no Texas com a ajuda da própria equipe de gravação, todos com armas automáticas. O Enxame batia completamente em retirada, atravessando a fronteira do México, levado pelos fortes Bliss e Hood, e pela infantaria de Fort Polk, os voadores dizimados pelo uso abundante de armas químicas da era Vietnã. Os mexicanos, mais lentos para se mobilizarem e com um exército despreparado para a moderna guerra de larga escala, não ficaram felizes com o Enxame sendo empurrado para Chihuahua e protestaram em vão.

Mais imagens, mais locais, mais corpos espalhados por uma paisagem em farrapos. Cenas das planícies outonais ao norte da Alemanha, onde o Enxame baixou bem no meio de uma manobra de larga escala do Exército britânico no rio Reno, e onde nunca conseguiram se concentrar. Mais imagens inquietantes da Trácia, onde um ataque furioso do Enxame cobria a fronteira greco-turco-búlgara. Os governos humanos não cooperavam, e seus povos sofriam.

Imagens de esperança e oração: cenas de Jerusalém e Belém, já lotadas com peregrinos cristãos que naquele momento enchiam as igrejas em longas e infinitas sessões de orações murmuradas.

Fortes imagens em preto e branco da China, refugiados e longas colunas de tropas do Exército de Libertação Popular marchando. Estimativa de 50 milhões de mortos. África, Oriente Médio, América do Sul — retratos do avanço do Enxame sobre o Terceiro Mundo, imagens de uma onda infinita de morte. Nenhum continente saiu ileso, exceto a Oceania. Ajuda era prometida tão logo as superpotências limpassem os próprios quintais.

Havia especulações sobre o que estaria acontecendo no bloco oriental: apesar de ninguém comentar, parecia que o Enxame havia aterrissado no sul da Polônia, na Ucrânia e, ao menos, em dois pontos da Sibéria. Forças do pacto se mobilizaram e moviam-se para a batalha. Comentaristas previam fome disseminada na Rússia: a mobilização de força total assumiu caminhões e ferrovias que a população civil usava para o transporte de comida.

Imagens antigas vieram à tela: Mistral voando imune no céu; Carter dando uma coletiva de imprensa desanimada, relutante; o prefeito da Filadélfia às raias da histeria… o androide virando as costas. Tinha visto demais dessas imagens.

E, então, sentiu algo se mover através dele, algum vento fantasma que tocou seu coração

cibernético. De repente, sentiu-se mais fraco. O aparelho de televisão chiou, as imagens desapareceram. Um tagarelar crescente veio dos técnicos de comunicação: alguns de seus equipamentos tinham pifado. Modular ficou alarmado. Algo estava acontecendo.

O vento fantasma passou novamente, tocando seu núcleo. O tempo pareceu diminuir um compasso. Mais comunicações caíram. O androide seguiu até Carter.

A mão do general tremia quando pousou o telefone no gancho. Foi a primeira vez que o androide o viu apavorado.

— Isso foi um pulso magnético — disse Carter. — Alguém acabou de usar energia nuclear, e não acho que fomos nós.

Os jornais ainda alardeavam manchetes sobre a invasão. Pedia-se para que as crianças no meio-oeste americano evitassem beber leite: havia o perigo de envenenamento das bombas aéreas que os soviéticos usaram para esmagar os Enxames siberianos. As comunicações ainda estavam interrompidas: as bombas tinham espalhado radiação o suficiente na ionosfera para enferrujar muitos dos chips de computador americanos.

Pessoas nas ruas pareciam clandestinas. Havia um debate sobre se Nova York deveria sofrer um blecaute ou não, mesmo que o Enxame estivesse obviamente batendo em retirada após seis dias de combate intenso.

Coleman Hubbard estava ocupado demais para se importar. Caminhava pela Sixth Avenue, rangendo os dentes, a cabeça aos pedaços com o esforço que a recente aventura lhe tinha custado.

Ele falhou. Um dos membros mais promissores da Ordem, o garoto Fabian, foi preso sob acusação de um ataque estúpido — o garoto não conseguia tirar as mãos das mulheres, quisessem elas ou não —, e Hubbard foi enviado para entrevistar o capitão de polícia encarregado. Não teria exigido muito, apenas alguma papelada perdida, ou uma sugestão implantada na cabeça do capitão de que a prova era insuficiente… mas a mente do homem era escorregadia, e Hubbard não conseguiu agarrá-la. Finalmente, o capitão McPherson, rosnando, jogou-o para fora. Tudo que Hubbard fez foi identificar-se com o caso de Fabian, e talvez provocar o andamento das investigações.

O Lorde Amon não aceitava bem as falhas. Suas punições podiam ser selvagens. Hubbard ensaiava a defesa na mente.

Então, uma mulher esguia e ruiva, usando um terninho Burberry de executiva, entrou na rua na frente de Hubbard, quase o atropelando, depois movendo-se rapidamente rua acima, sem pedir desculpas. Levava uma pasta de couro e usava tênis. Um calçado mais aceitável saía furtivamente de uma bolsa a tiracolo.

A raiva tomou conta de Hubbard. Ele odiava grosseria.

Seu sorriso pervertido começou a se espalhar pelo rosto. Estendeu a mente, tocando os pensamentos dela, sua consciência. Sentiu vulnerabilidade ali, uma abertura. O sorriso congelou em seu rosto quando invocou seu poder e atacou.

A mulher estremeceu quando ele tomou controle de sua mente. A pasta foi ao chão. Ele a pegou e tocou o ombro dela.

— Aqui — disse. — Você parece um pouco mal-humorada.

Ela piscou para ele.

— Quê? — Na mente dela, apenas confusão. Com gentileza, ele a acalmou.

— Meu apartamento é aqui perto, na 57th Street. Talvez você deva ir até lá e descansar.

— Apartamento? Quê?

Tranquilamente, ele assumiu o comando da mente da mulher e a conduziu rua acima. Era raro encontrar alguém tão maleável. Uma grande bolha de alegria brotou dentro dele.

Certa vez, usou seus poderes apenas para levar alguém para a cama, ou talvez para ajudar a ganhar uma promoção ou duas no trabalho. Então, conheceu o Lorde Amon e descobriu *para que* realmente serviam seus poderes. Pediu as contas no emprego e vivia agora como um dependente da Ordem.

Ele ficara na mente dela por poucas horas, pensou. Descobriu quem era, quais terrores secretos viviam dentro dela. E, então, os fez com ela, um atrás do outro, vivendo dentro da mente da mulher e da sua, desfrutando da sua subserviência, da autodepreciação, quando ele a forçou a implorar, bem alto, por tudo que fez com ela. Afagaria sua mente, aproveitaria da loucura crescente enquanto a fazia pedir cada humilhação, cada medo. Essas foram apenas algumas das poucas coisas que aprendeu observando o Lorde Amon. As coisas que faziam com que ele vivesse. Pelo menos por algumas horas, conseguiu submergir no medo de outra pessoa, e esquecer os próprios medos.

♣ ♦ ♠ ♥

Até a sexta geração

Walter Jon Williams

Parte Dois

Uma corrente de ar congelante abateu a cidade, vindo diretamente da Sibéria. Assolava os vãos entre os prédios, empurrando as tímidas decorações de Natal que a cidade montara, espalhando minúsculos pedaços de partículas radioativas russas nas ruas. Era o inverno mais frio em anos. O Enxame de Nova Jersey/Pensilvânia foi oficialmente declarado morto dois dias antes, e os ases, fuzileiros e o Exército voltaram para uma parada na Quinta Avenida. Poucos dias depois, tropas americanas e todo tipo de ás que pudesse ser persuadido a juntar-se a elas estariam voando de norte a sul para lidar com invasões do Enxame na África, no Canadá e na América do Sul.

O androide enfiou um dedo recém-revestido de carne na fenda do telefone público e sentiu algo clicar. Alguém simplesmente tinha de entender dessas coisas. Ele discou um número.

— Olá, Cyndi. Como está a busca por trabalho?

— Mod! Ei… queria dizer… ontem foi maravilhoso. Nunca pensei em estar numa parada ao lado de um herói de guerra.

— Desculpe se demorou tanto para eu ligar de volta.

— Acho que combater o Enxame era um tipo de prioridade. Não se preocupe. Você compensou o tempo perdido. — Ela riu. — Noite passada foi incrível.

— Ah, não. — O androide estava recebendo outra chamada da polícia. — Acho que preciso ir.

— Não estão invadindo de novo, estão?

— Não. Acho que não. Te ligo, ok?

— Estarei esperando.

Algo que lembrava uma massa gelatinosa verde-mucosa irrompeu de um buraco nas ruas do Bairro dos Curingas, um broto do Enxame que tinha escapado do confronto diante do rio Hudson. O broto conseguiu devorar dois fregueses natalinos e um vendedor de pretzel antes de a emergência ser chamada e os rádios da polícia começarem a tocar.

O androide chegou primeiro. Quando mergulhou no cânion urbano, viu algo que parecia uma tigela de dez metros de largura de gelatina que havia ficado no refrigerador tempo demais. Na gelatina estavam as frutas pretas que eram as vítimas que ela digeria lentamente.

O androide pairou sobre a criatura e começou a disparar o laser, tentando evitar as frutas na esperança que pudessem ser reavivadas. A gelatina começou a ferver onde os raios silenciosos e invisíveis a atingiam. O broto fez um esforço inútil de alcançar seu torturador voador com um pseudópodo, e falhou. A criatura começou a rolar na direção de um beco,

buscando escapatória. Estava faminta ou era estúpida demais para abandonar a comida e procurar abrigo nos esgotos.

A criatura espremeu-se no beco e correu para dentro dele. O androide continuou a disparar. Pedaços eram chamuscados e a coisa parecia perder energia rapidamente. Modular olhou para a frente e viu uma figura curvada adiante no beco.

A figura era uma mulher branca, vestida com camadas de roupas, todas esfarrapadas, todas sujas. Um chapéu de feltro frouxo estava enfiado sobre um antigo gorro da Marinha. Algumas sacolas de compras caíram de seus braços. Cabelos grisalhos embaraçados pendiam da testa. Ela estava revirando uma caçamba de lixo, lançando jornais amassados sobre os ombros no beco. Modular aumentou a velocidade, lançando tiros direcionados por radar sobre os ombros quando ele pairava rapidamente através do ar frio que chuviscava. Desceu na calçada em frente à caçamba, seus joelhos amortecendo o impacto.

— Então, eu falei pra Maxine, falei… — a senhora dizia.

— Perdoe-me — disse o androide. Ele agarrou a mulher e voou ligeiro. Atrás dele, murchando sob a chuva de micro-ondas coesas, o broto do Enxame começou a evaporar.

— Maxine fala, minha mãe quebrou o quadril de manhã, você não vai acreditar… — A senhora debatia-se contra ele enquanto continuava o monólogo. Silenciosamente ele aguentou um cotovelo no maxilar e flutuou para uma aterrissagem no telhado seguinte. Deixou a passageira. Ela virou para ele, enrubescida de ódio.

— Tudo bem, babaca — disse ela. — Hora de ver o que a Hildy tem na bolsa.

— Mais tarde eu desço a senhora — disse Modular. Ele já estava virando para perseguir a criatura quando, de canto de olho, viu a senhora abrir a bolsa.

Havia algo preto lá dentro. O objeto preto estava ficando maior.

O androide tentou se mover, fugir voando. Algo o segurava e não o deixava escapar.

Fosse lá o que houvesse na sacola de compras, estava aumentando. Crescia com grande rapidez. Fosse o que segurasse o androide, puxava-o na direção da sacola de compras.

— Pare — disse ele, simplesmente. A coisa não parava. O androide tentou lutar contra ela, mas as descargas de laser lhe custaram muita energia, e ele não parecia ter força de sobra.

A escuridão cresceu até envolvê-lo. Ele sentiu como se estivesse caindo. Então, não sentiu mais nada.

♣

Os ases de Nova York, respondendo à emergência, finalmente dominaram o broto do Enxame. O que restou dele, borbulhas verde-escuras, congelou-se em pedaços de gelo sujo. Suas vítimas, parcialmente comidas, foram identificadas pelos cartões de crédito não digeríveis e carteiras de identidade plastificadas que carregavam.

Ao cair da noite, os habitantes insensíveis do Bairro dos Curingas estavam chamando a criatura de O Incrível e Colossal Monstro de Meleca. Nenhum deles percebeu quando a mendiga desceu a escada de incêndio e vagou pelas ruas congelantes.

♠

O androide acordou numa caçamba em um beco atrás da 52nd Street. As verificações internas

mostraram danos: o laser de micro-ondas havia sido curvado numa onda senoidal, o monitor de fluxo estava quebrado, o módulo de voo ficou retorcido como se fosse pelas mãos de um gigante. Ele lançou a tampa da caçamba para trás com um estrondo. Cuidadosamente, olhou em volta no beco.

Ninguém à vista.

O deus Amon brilhava na mente de Hubbard. Os olhos de carneiro cintilavam com ódio, e o deus segurava a cruz ansata e o bastão com os pulsos cerrados.

— TIAMAT foi derrotado — disse ele. Hubbard recuou com a força da raiva de Amon. — O dispositivo Shakti não foi preparado a tempo.

Hubbard encolheu os ombros.

— A derrota foi temporária — disse ele. — A Irmã Obscura voltará. Poderia ser em qualquer ponto do sistema solar… os militares não têm como encontrá-la ou identificá-la. Não vivemos em segredo todos esses séculos apenas para sermos derrotados agora.

O apartamento estava bem-arrumado se comparado ao caos anterior. As notas de Travnicek foram reunidas com esmero e classificadas, ao máximo possível, por assunto. Travnicek começou folheando-as. Eram difíceis de entender.

— Então — disse Travnicek. Sua respiração congelava na frente do rosto e condensava-se nos óculos de leitura. Ele os tirou. — Você foi deslocado espacialmente cerca de cinquenta quarteirões e uma hora à frente no tempo, certo?

— Aparentemente, sim. Quando saí da caçamba, descobri que a luta no Bairro dos Curingas havia acabado quase uma hora antes. A comparação com meu relógio interno mostrou uma discrepância de 72min15,333s.

O androide tinha aberto o peito e havia substituído alguns componentes. Não era possível recuperar o laser, mas restituiu sua habilidade de voo e conseguiu improvisar um monitor de fluxo.

— Interessante. Você diz que a mendiga não parecia estar trabalhando com a tal bolha?

— Muito provavelmente foi uma coincidência estarem na mesma rua. O monólogo dela não parecia ser estritamente racional. Não acho que seja mentalmente sã.

Travnicek virou o controle de aquecimento na roupa de paraquedista. A temperatura havia caído sete graus em duas horas e o gelo se formava nas claraboias do apartamento no meio da tarde. Travnicek acendeu um cigarro russo, ligou o fogão de uma boca para esquentar água para o café, e então enfiou as mãos nos bolsos quentinhos da roupa.

— Quero olhar sua memória — disse. — Abra o peito.

Modular obedeceu. Travnicek tirou um par de cabos de um minicomputador encaixado sob uma série de equipamentos de vídeo e ligou-os aos soquetes no peito do androide, próximo de seu cérebro eletrônico blindado.

— Faça o backup da memória no computador — disse. Efeitos tremeluzentes do gerador de

fluxo brilharam nos olhos atentos de Travnicek. O computador sinalizou tarefa concluída. — Pode fechar — ordenou Travnicek. Enquanto o androide removia os fios e fechava o peito, Travnicek ligou o vídeo, então apertou botões nos controles. Uma imagem em vídeo começou a correr ao contrário.

Ele chegou ao ponto onde a mendiga apareceu e correu a imagem diversas vezes. Foi até um terminal de computador e digitou instruções. A imagem do rosto da mendiga preencheu a tela. O androide olhou o rosto marcado e sujo da mulher, seus cabelos bagunçados, as roupas rasgadas e esfarrapadas. Pela primeira vez percebeu que lhe faltavam alguns dentes. Travnicek levantou-se, foi até o quarto nos fundos do apartamento e voltou com uma câmera Polaroid surrada. Usou as três fotos remanescentes e deu uma à sua criação.

— Aqui. Você pode mostrá-la para as pessoas. Pergunte se a viram.

— Sim, senhor.

Travnicek pegou um percevejo e afixou as outras duas fotos nas colunas baixas do teto.

— Quero que descubra onde a mendiga está e pegue o que está na bolsa dela. E quero que descubra onde ela achou. — Ele balançou a cabeça, jogando cinzas de cigarro no chão, e murmurou. — Não acho que tenha inventado isso. Acho que encontrou essa coisa em algum lugar.

— Senhor? O Enxame? Combinamos que eu partiria para o Peru em dois dias.

— Fodam-se os militares — Travnicek retrucou. — Não pagaram um centavo pelos nossos serviços. Nada além de uma parada nojenta, e os militares nem pagaram por isso, e sim a prefeitura. Vamos deixá-los perceber como é fácil combater o Enxame sem você. Então, talvez, nos levem a sério. — A verdade era que Travnicek não estava nem próximo de ser capaz de reconstruir sua obra. Levaria semanas, talvez até meses. Os militares exigiam garantias, planos, conhecimento da sua identidade. O problema da mendiga era mais interessante, de qualquer forma. Ele começou a repassar preguiçosamente a memória do androide.

Modular retraiu-se profundamente em sua mente computadorizada. Começou a falar rapidamente, esperando distrair seu inventor das imagens.

— No que diz respeito à mendiga, eu poderia tentar os centros de refugiados, mas poderia levar um tempo. Meus arquivos me dizem que existem normalmente 20 mil sem-teto em Nova York, e agora existe um número incontável de refugiados de Jersey…

— Puta merda! — exclamou Travnicek em alemão. O androide sentiu outra contração a caminho. Travnicek olhou para a televisão, surpreso.

— Você está transando com aquela atriz! — disse ele. — Aquela Cyndi Sei-lá-o-quê!

O androide resignou-se àquilo que estava prestes a vir.

— Sim — disse ele.

— Você não passa de uma torradeira — disse Travnicek. — O que te fez acreditar que poderia foder?

— Você me deu o equipamento — o androide disse. — E implantou emoções em mim. Além disso, você me criou com boa aparência.

— Hum — Travnicek tirou os olhos de Modular para o vídeo e de volta para ele. — Te dei o equipamento para que pudesse se passar por humano se precisasse. E dei emoções para que

pudesse entender os inimigos da sociedade. Não achei que você *faria* qualquer coisa. — Ele jogou a ponta de cigarro no chão. Um olhar malicioso cruzou seu rosto.

— Se divertiu? — ele perguntou.

— Foi agradável, sim.

— Parece que a putinha loira gostou muito — Travnicek riu, cacarejando, e pôs as mãos no controle. — Quero começar essa festa do início.

— Não quer olhar para a mendiga novamente?

— Vamos às prioridades. Pega uma Urquell pra mim. — Ele olhou para cima, como se um pensamento lhe ocorresse. — Temos pipoca aí?

— Não! — O androide lançou a resposta abrupta sobre os ombros.

Modular trouxe a cerveja e observou enquanto Travnicek tomava o primeiro gole. O tcheco ergueu os olhos, incomodado.

— Não gosto do jeito que você está olhando para mim — disse ele.

O androide fez suas considerações.

— Prefere que olhe de outro jeito? — perguntou.

Travnicek ficou vermelho.

— Vai para aquele canto, forno de micro-ondas comedor! — berrou. — Vire a cabeça pra lá, videocassete tarado!

Pelo resto da tarde, enquanto sua criação estava em pé num canto do apartamento, Travnicek assistiu ao vídeo. Ele se divertiu imensamente. Assistiu às melhores partes diversas vezes, gargalhando com o que via. Então, aos poucos, suas gargalhadas se turvaram. Uma sensação fria, incerta subiu por trás de seu pescoço. Começou lançando olhares para a figura impassível do androide. Tirou os olhos da unidade de vídeo, deixou cair a ponta do cigarro na garrafa de Urquell, então acendeu outro.

O androide estava mostrando um nível surpreendente de independência. Travnicek analisou os elementos de sua programação, concentrando-se no arquivo ETCETERA. O abstrato da emoção humana de Travnicek foi compilado de uma variedade de fontes de especialistas que se estendiam de Freud ao Dr. Spock. Foi um desafio intelectual para Travnicek fazer a programação — transformar as irracionalidades do comportamento humano na retórica fria de um programa. Realizou a tarefa durante o segundo ano na A&M do Texas, quando mal saiu do quarto durante todo o ano e sabia que tinha uma missão imensa para não enlouquecer com o ambiente lunático de uma universidade que parecia uma incorporação das fantasias do inconsciente coletivo de Stonewall Jackson e Albert Speer. Não teria ficado na A&M por dez minutos se soubesse antes que era um erro — os estudantes de cabeça raspada com seus uniformes, botas e sabres lembravam muito a SS que mal deixara Travnicek vivo embaixo do corpo de sua família em Lídice, sem mencionar as forças de segurança soviéticas e tchecas que seguiram os alemães. Travnicek sabia que para sobreviver no Texas precisaria encontrar algo imenso para trabalhar e não permitir que suas memórias o engolissem vivo.

Travnicek nunca se interessou particularmente por psicologia humana dessa forma — paixão, decidira havia muito, não era apenas algo bobo, mas genuinamente enfadonho, perda de tempo. No entanto, colocar paixão num programa, sim, isso era interessante.

Mal conseguia se lembrar daquele período. Quantos meses gastou no transe criativo, um

canal para o próprio espírito mais profundo? O que forjou durante esse tempo? Que diabos *havia* no ETCETERA?

Por um momento, um tremor de medo percorreu o corpo de Travnicek. O fantasma da criação de Victor Frankenstein avultou-se por instantes em sua mente. Uma rebelião por parte do androide era possível? Paixões hostis poderiam desdobrar-se contra o criador? Mas não, havia imperativos predominantes que Travnicek inscrevera no sistema. Modular não poderia se desviar de suas diretivas primárias enquanto sua consciência computadorizada estivesse fisicamente intacta, assim como um ser humano não poderia, desassistido, evoluir sua constituição genética em uma única vida.

Travnicek começou a sentir um conforto crescente. Olhou para o androide com uma espécie de admiração. Sentiu orgulho em ter programado um pupilo tão rápido.

— Você não é ruim, torradeira — disse ele, finalmente, desligando o vídeo. — Lembra a mim mesmo nos velhos tempos. — Ele levantou um dedo admoestador. — Mas nada de transar hoje à noite. Vá encontrar a mendiga.

A voz do Modular saiu abafada, pois estava de frente para a parede.

— Sim, senhor — disse ele.

Neon lançou seu brilho sobre o respirar congelado dos integrantes da gangue de limpos que estava na frente da placa em tons pastéis que indicava o Run Run Club. O detetive John F. X. Black, dirigindo sua viatura sem identificação e esperando o semáforo abrir para virar na Schiff Parkway, automaticamente correu os olhos sobre a multidão, registrando rostos, nomes, possibilidades… Acabara de encerrar o expediente e saiu com um carro sem identificação, pois deveria passar o dia seguinte congelando o traseiro num plantão, o que na TV chamavam de vigilância policial. Ricky Santillanes, ladrãozinho liberado com fiança desde o dia anterior, sorriu para Black com uma boca cheia de dentes cobertos de aço e *deu o dedo* para o detetive. *Deixa curtir,* Black pensou. As gangues de limpos eram malhadas pelos Príncipes Demoníacos do Bairro dos Curingas toda vez que se encontravam.

Black viu num pôster que a banda que tocava naquela noite chamava Mãe do Enxame — ninguém poderia dizer que os grupos *hardcore* eram lentos na percepção do *zeitgeist*. Foi puro acaso que Black tivesse olhado o pôster no momento em que o policial Frank Carroll cambaleou na luz. Carroll parecia maluco — estava com o quepe na mão, cabelo bagunçado, e o sobretudo respingado com algo que reluzia num amarelo brilhante sob a placa reflexiva. Parecia estar a caminho da delegacia a poucos quarteirões dali. Os limpos riram quando passaram por ele. Black sabia que o setor atribuído a Carroll estava a quarteirões de distância e não o traria nem próximo desta esquina.

Carroll estava na corporação havia dois anos, entrou assim que acabou a escola. Era um homem branco com cabelos ruivo-escuros, um bigode aparado, constituição média levemente corpulenta por treinamento irregular de musculação. Parecia sério com o trabalho na polícia, era diligente e metódico, e fazia muita hora extra desnecessária. Black o definia como dedicado, mas sem imaginação. Não era do tipo que perambulava por aí com olhos arregalados à meia-noite numa noite de inverno.

Black abriu a porta, levantou-se e chamou Carroll. O policial virou-se, olhando de forma enlouquecida, e então uma expressão de alívio surgiu em seu rosto. Correu para o carro de Black e puxou de uma vez a porta do passageiro quando Black a destrancou.

— Jesus Cristo! — Carroll disse. — Acabei de ser lançado num monte de lixo por uma mendiga.

Black riu por dentro. O semáforo mudou, e ele fez a volta.

— Ela te pegou de surpresa? — perguntou.

— Foi isso. Estava num beco no fim da Forsyth. Tinha uma caixinha de fósforo e um monte de papel embolado, e estava tentando botar fogo numa caçamba inteira para se aquecer. Disse para ela parar e tentei fazê-la entrar na viatura para levá-la ao abrigo perto do Rutger Park. E, então, *pá*! A bolsa me pegou. — Ele olhou para Black e mordeu o lábio. — Acha que ela pode ser algum curinga, TN?

"TN" era tenente no Departamento de Polícia de Nova York.

— Como assim? Ela bateu em você com a bolsa, certo?

— Não. É a bolsa… — O olhar amalucado estava novamente nos olhos de Carroll. — A bolsa me comeu, TN. Algo me puxou para dentro da bolsa e me engoliu. Era… — Ele buscava as palavras. — Sem dúvida, paranormal. — Ele olhou para o uniforme. — Olha isto aqui, TN. — Seu distintivo tinha sido retorcido de uma maneira estranha, como um relógio numa pintura de Dalí. Assim como dois dos botões. Ele os tocava com uma espécie de assombro.

Black entrou numa zona de carga e puxou o freio de mão.

— Me fale mais sobre isso.

Carroll parecia confuso. Esfregou a testa.

— Senti algo me agarrar, TN. E, então… fui sugado direto para a bolsa. Vi a bolsa ficando cada vez maior e… a próxima coisa que sei é que estava nesse monte de lixo em Ludlow, a norte de Stanton. Estava correndo para a delegacia quando você me parou.

— Você foi teletransportado da Forsyth para a Ludlow, a norte da Stanton.

— Teletransportado. Isso aí, essa é a palavra. — Carrol parecia aliviado. — Então, você acredita em mim. Meu Deus, TN, tinha certeza de que ia tomar um gancho por isso.

— Estou há muito tempo no Bairro dos Curingas, vi um monte de coisas estranhas. — Black deu partida no carro novamente. — Vamos achar a tal mendiga — disse ele. — Foi há poucos minutos, certo?

— Sim. E minha viatura ainda está lá. Merda. Os curingas provavelmente já a depenaram.

O brilho da caçamba em chamas, laranja nas paredes de tijolos do beco, era visível da Forsyth. Black parou numa zona de embarque.

— Vamos a pé.

— Não é melhor ligarmos para os bombeiros?

— Ainda não. Pode não ser seguro para eles.

Black na frente, caminharam até o fim do beco. A caçamba queimava, as chamas subindo a quase cinco metros no meio de uma nuvem de cinzas pairando. A viatura de Carroll estava intacta, como se por mágica, mesmo com a porta traseira aberta. Em pé, na frente da caçamba, trocando o peso do corpo de um pé para o outro, estava uma mulher branca e pequena com uma sacola de compras cheia em cada mão. Vestia diversas camadas de roupas maltrapilhas.

Parecia estar murmurando consigo mesma.

— É ela, tenente!

Black observou a mulher e não disse nada. Ele se perguntava como abordá-la.

As chamas subiam ainda mais, estalando, e de repente luzes estranhas e piscantes, como fogo de santelmo, planaram em círculos em volta da mulher e de suas bolsas. Então, algo numa das bolsas pareceu se erguer, uma sombra escura, e o fogo curvou-se como a chama de uma vela ao vento forte, e foi sugado pela bolsa. Num instante, fogo e sombra desapareceram. As luzes estranhas coloridas brincavam gentilmente sobre a figura da mulher. Cinzas oleosas caíam na calçada.

— Puta merda — murmurou Carroll. Black tomou uma decisão. Fuçou no bolso e pegou a carteira e as chaves de sua unidade sem identificação. Deu uma nota de dez para Carroll.

— Pegue minha viatura. Vá até o Burger King na West Broadway e pegue dois hambúrgueres duplos, duas batatas grandes e um café grande para viagem.

Carroll ficou olhando para ele.

— Normal ou forte, TN?

— Vai logo! — Black ralhou. Carroll saiu depressa.

Atrair a mulher da bolsa para a viatura sem identificação de Black custou os dois hambúrgueres, o café e um pacote de fritas. Ele pensou que ela provavelmente não entraria num azul e branco como o de Carroll. Havia trancado o casaco do uniforme e a arma de Carroll no porta-malas para não alarmar a mulher, e Carroll estava tremendo quando se sentou no banco do passageiro.

No banco de trás, a mulher estava murmurando para si mesma e devorando as batatas. Seu cheiro era terrível.

— Para onde agora? — Carroll perguntou. — Um dos centros de refugiados? A clínica?

Black deu partida no carro.

— Algum lugar especial. Na parte alta. Existem coisas sobre essa mulher que não sabemos.

Carroll gastou a maior parte de sua energia tremendo enquanto Black saía a toda velocidade do Bairro dos Curingas. A mendiga dormiu no banco de trás. Seu ronco assobiava por entre os dentes faltantes. Black parou na frente de um prédio com fachada de arenito pardo na East 57th.

— Espere aqui — disse. Desceu as escadas até uma entrada de apartamento de porão e apertou a campainha. Uma guirlanda natalina de plástico estava pendurada na porta. Alguém olhou pelo olho mágico na porta, que se abriu em seguida.

— Não estava esperando você — disse Coleman Hubbard.

— Tenho alguém com… poderes… no banco de trás. Ela não está em sã consciência. Pensei que poderíamos colocá-la no quarto dos fundos. E tem um policial comigo que não consegue saber o que acontece.

Os olhos de Hubbard voejaram na direção do carro.

— O que você disse a ele?

— Disse para ficar no carro. É um bom garoto, e é isso que vai fazer.

— Tudo bem. Vou pegar um casaco.

Enquanto Carroll observava com curiosidade, Hubbard e Black atraíram a mendiga para o apartamento de Hubbard, usando como isca a comida de sua geladeira. Black perguntou-se o que Carroll diria se pudesse ver a decoração no apartamento especial trancado ao lado, o escuro quarto à prova de som, com velas, altar, o pentagrama pintado no chão, as calhas de liga embutidas, as correntes brilhantes fixadas a ganchos… Não era tão elaborado quanto o templo que a Ordem tinha no centro antes de ele explodir, mas de qualquer forma era apenas uma sede temporária, até o novo templo na cidade alta ser terminado.

No apartamento de Hubbard havia dois quartos prontos para hóspedes, e a mendiga foi colocada num deles.

— Ponha um cadeado na porta — Black disse. — E chame o Astrônomo.

— Lorde Amon já chamou — Hubbard comentou, e deu um tapinha na própria cabeça.

Black voltou ao carro e seguiu novamente para o Bairro dos Curingas.

— Pegaremos sua viatura — Black falou. — Então, seguimos para a delegacia para o seu relatório.

Carroll olhou para ele.

— Quem era aquele cara, tenente?

— Um especialista em doenças mentais e curingas.

— Aquela senhora pode machucá-lo.

— Ele estará mais seguro que nós dois.

Black parou na frente da viatura de Carroll. Saiu e abriu o porta-malas, tirando o casaco e o quepe de Carroll, e passou-os para o jovem policial. Então pegou uma flauta — no Departamento de Polícia de Nova York, uma garrafa inocente de refrigerante cheia de bebida alcoólica — que planejava usar para se manter aquecido durante o plantão do dia seguinte. Ofereceu a flauta para Carroll. O patrulheiro, agradecido, aceitou a garrafa. Black esticou a mão até o coldre de Carroll.

— Foi sorte encontrar você, TN.

— Sim, foi mesmo.

Black atirou quatro vezes no peito de Carroll com a arma deste, então, após o policial estar caído, deu mais dois tiros na cabeça. Limpou as impressões digitais da arma e jogou-a no chão, pegou a garrafa de Coca-Cola e voltou para o carro. Talvez, com o rum derramado, pareceria que Carroll parou um bêbado, e este conseguiu tomar a arma dele.

O carro cheirava a cheeseburger. Black lembrou-se de que não havia jantado.

A mendiga ignorou a cama e foi dormir num canto do quarto. As bolsas estavam empilhadas à frente e em cima dela como uma fortaleza. Hubbard estava sentado num banco, observando-a intensamente. Seu sorriso deformado havia congelado numa paródia desagradável de si mesmo. A dor pulsava no seu cérebro. O esforço de ler sua mente lhe custava.

Sem voltar atrás, ele pensou. Tinha de ver isso até o fim. Seu fracasso com o capitão McPherson lhe custou a estima da Ordem e de Amon; e quando Black apareceu com a mendiga, Hubbard percebeu que esta era a chance de reaver seu lugar. Hubbard mentiu para

Black quando disse ao detetive que tinha alertado Amon.

Havia poder ali. Talvez o suficiente para fornecer energia ao dispositivo Shakti. E, se o dispositivo Shakti fosse energizado pela coisa na sacola, então Amon não seria mais necessário.

A coisa na sacola podia engolir pessoas, Hubbard sabia disso. Talvez pudesse até comer Amon. Hubbard pensou no incêndio no velho templo, Amon andava a passos largos pelas chamas com os discípulos atrás dele, ignorando os gritos de Hubbard.

Sim, Hubbard pensou. *Valeria o risco*.

O detetive Harry Matthias, conhecido na Ordem como Judas, estava sentado na cama, de queixo nas mãos. Ele deu de ombros.

— Ela não é um ás. Nem aquilo que está na bolsa.

Hubbard falou mentalmente para ele. *Sinto duas mentes. Uma é a dela — é desordenada. Não consigo tocá-la. A outra está na bolsa — está em contato com ela, de alguma forma… existe uma ligação empática. A outra mente também parece estar danificada. Como se estivesse adaptada a ela.*

Judas levantou-se. Estava vermelho de ódio.

— Por que, em nome de Deus, não pegamos a maldita bolsa e pronto?

Ele foi até a mendiga com as mãos fechadas.

Hubbard sentiu um estalo elétrico de consciência na mente. A mendiga acordou. Por meio do seu elo mental com Judas, sentiu o homem hesitar com a malevolência súbita nos olhos da velha. Judas alcançou a bolsa.

A bolsa alcançou Judas.

Uma escuridão mais rápida que o pensamento cresceu no quarto. Judas desapareceu nela. Hubbard encarava o espaço vazio. Na sua mente, a loucura afiada da mulher dançava.

Judas estremeceu e seus lábios estavam azuis. O enfeite de natal estava pendurado em seu cabelo. Um pedaço de papelão grudou na sola do sapato. Fora transportado para uma caçamba na Christopher Street e deixou de existir por cerca de vinte minutos. Pegou um táxi de volta.

Poder, Hubbard pensou. *Poder incrível*. *A coisa na sacola distorce de alguma forma o espaço-tempo*.

— Por que no lixo? — Judas disse. — Por que pilhas de merda? E olhe para minha arma… — Ele viu o papelão e tentou arrancá-lo do sapato. Ele se descolou com um ruído grudento.

— Ela está estabelecida no lixo, eu acho — disse Hubbard. — E, às vezes, parece retorcer objetos inanimados. Consegui sentir que está quebrado — talvez haja um problema com ele.

Ele precisava descobrir alguma forma de dominar a mendiga. Esperar até ela dormir não adiantou — ela acordou no primeiro movimento ameaçador de Judas. Ele imaginou vagamente um gás venenoso, e então foi acometido por uma ideia.

— Você tem acesso a uma arma de tranquilizantes na delegacia?

Judas balançou a cabeça.

— Não. Acho que talvez os bombeiros tenham alguma para quando lidam com animais fugitivos.

A ideia cristalizou-se na mente de Hubbard.

— Quero que você e Black roubem uma para mim.

Na verdade, ele faria Black atirar — se a coisa na sacola retaliasse, atacaria Black. E, então, com a mendiga dormindo, Hubbard pegaria o dispositivo…

E então, seria a vez de Hubbard. Poderia usar todo o tempo necessário, jogando com a mente da mendiga, e ela teria o suficiente no cérebro para se deixar saber o que estava acontecendo com ela. Ah, sim.

Poderia testar o poder do dispositivo capturado nas pessoas que ele agarrasse na rua. E, depois disso, talvez fosse a vez de Amon.

Lambeu os lábios. Mal podia esperar.

♣

As legiões da noite pareciam infinitas em quantidade. O conhecimento abstrato do androide da classe baixa de Nova York, o fato de que havia milhares de pessoas que perambulavam entre as torres de vidro e fachadas sólidas de arenito numa existência quase tão remota para os habitantes dos prédios quanto aquela dos alienígenas de Marte… Os fatos abstratos digitalizados não eram, de alguma forma, adequados para descrever a realidade, os aglomerados de homens que passavam garrafas em torno de fogos em latas de lixo, os despossuídos cujos olhos refletiam luzes cintilantes de Natal, enquanto viviam atrás de paredes de papelão, os insanos que se abraçavam em becos ou entradas de metrô, entoando a litania dos loucos. Era como se um feitiço do mal tivesse caído sobre a cidade, aquela parte da população que fora exposta à guerra ou à devastação, feitos refugiados sem-teto, enquanto outros foram encantados para que não os vissem.

O androide encontrou dois mortos, o resto de seu calor saindo deles. Ele os deixou em seus caixões de jornal e prosseguiu. Encontrou outros que estavam morrendo ou doentes e os levou para o hospital. Outros correram dele. Alguns fingiam olhar para a imagem da mendiga, levantando a foto Polaroid para olhar a imagem contra a luz do fogo na lata de lixo, e então pediam dinheiro em troca de relacionar uma visão que era obviamente falsa.

A tarefa, ele pensou, era quase inútil.

Seguiu em frente.

♠

Black e Hubbard esperaram fora do quarto trancado da mendiga. Black estava tomando sua flauta de rum e Coca-Cola.

— Sonhos, cara. Sonhos incríveis. Jesus. Monstros como você não acreditaria… corpos de leão, rostos humanos, asas de águia, todo tipo de coisa que possa imaginar… e todos estavam famintos, e todos queriam me devorar. E, então, havia aquela coisa gigante atrás deles, como uma sombra, como, e daí… Jesus. — Ele abriu um sorriso nervoso e bateu na própria testa. — E daí percebi que todos os monstros estavam de alguma forma *conectados*, que eram todos uma *parte* daquela coisa. Foi quando acordei gritando. Acontecia repetidamente. Estava quase pronto para ver os psicólogos do departamento.

— Sua mente sonhadora tocou TIAMAT.

— Sim. É o que Matthias… Judas… me disse quando me recrutou. De alguma forma, ele sentiu TIAMAT chegando em mim.

Hubbard deu seu sorriso torto. Black ainda não sabia que o Espectro entrava na sua mente todas as noites, colocando sonhos em sua mente, fazendo-o acordar gritando noite após noite, e levou-o à beira de uma psicose, de forma que, quando Judas explicou aquilo que acontecera a ele e como a Ordem poderia fazer os sonhos desaparecerem, os maçons pareceriam a única resposta possível. Tudo porque a Ordem precisava de alguém de posto mais alto que o de Matthias no Departamento de Polícia de Nova York, e Black era um policial corajoso, marcado para progredir…

— E então fui vetado. — O detetive balançou a cabeça. — Balsam e os outros, maçons da velha guarda, não queriam um cara que tivesse criação católica. Filhos da mãe. E TIAMAT já estava a caminho. Ainda não consigo acreditar.

— Ter o nome em homenagem a Francisco Xavier não ajudou, eu suponho.

— Ao menos nunca descobriram que minha irmã é freira. Isso teria acabado comigo de uma vez. — Ele terminou a flauta e caminhou na direção da sala de estar para jogar a garrafa no lixo.

— E eu consegui na segunda tentativa.

Você nunca saberá por quê, pensou Hubbard. *Você nunca saberá que Amon estava usando sua associação como ferramenta contra Balsam, que ele queria o ex-Mestre, com seus preconceitos irracionais e maneiras de velho e estupidez mística herdada, totalmente fora do caminho. Como usou a decisão contra Black para convencer Kim Toy, Red e o Espectro de que Balsam precisava sair. E, então, houve o incêndio no velho templo, de alguma forma orquestrado por Amon, e Amon salvou os seus das chamas, e Balsam e todos os seus seguidores morreram.*

Hubbard lembrou-se da explosão, do incêndio, da dor, do jeito que sua carne enegreceu na chama de maçarico. Ele gritou por ajuda, vendo a figura astral gigante de Amon liderando os próprios discípulos para fora, e se Kim Toy não tivesse insistido em voltar por ele, teria morrido naquele momento. Amon não confiava plenamente nele, não naquela época. Hubbard tinha acabado de entrar na Ordem, e Amon não tivera a chance de jogar com ele ainda, de entrar em seu cérebro e fazê-lo se retorcer, fazer jogos mentais infinitos e torcê-lo em nós com uma longa série de humilhações… *Sim*, pensou, *assim é Amon. Eu sei, porque também sou assim.*

Bateram à porta. Hubbard supôs que fosse Judas, que trazia a arma tranquilizadora roubada em sua caixa de metal vermelha com os adesivos APENAS PARA USO OFICIAL.

— Ufa. Que saco. Pensei que o capitão McPherson nunca me deixaria sair.

Black e ele tiraram a grande pistola de ar preta da caixa, colocando em seguida um dardo na câmara.

— Isso deve apagá-la por horas — Black disse, confiante. — Vou dar um pouco de comida, então acertá-la da porta quando estiver comendo.

Ele prendeu a pistola na parte de trás do cós da calça, pegou um prato de papel de pizza fria do refrigerador, e caminhou até a porta da mendiga. Destrancou o cadeado pesado e, cuidadosamente, abriu a porta. Hubbard e Matthias, de forma inconsciente, deram um passo

para trás, meio que esperando Black desaparecer em qualquer estranheza de espaço-tempo que habitava a bolsa… mas a expressão de Black mudou, ele enfiou a cabeça no quarto, olhou para a direita e para a esquerda. Quando voltou para o corredor, sua expressão era de perplexidade.

— Ela sumiu — disse ele. — Não está em nenhum lugar do quarto.

Modular olhou para os drinques alinhados no bar diante dele. *Irish coffee*, martíni, margarita, *boilermaker*, conhaque Napoleon. Queria experimentar a sério esses novos gostos naquele momento e perguntou-se se ter suas peças esmagadas pela engenhoca da mendiga despertara nele um sentido de mortalidade.

— Estou começando a perceber — disse o androide, levando o *Irish coffee* até os lábios — que meu criador é um sociopata sem cura.

Cyndi refletiu sobre aquilo.

— Se você não se importa com um pouco de teologia, acho que isso só te coloca no mesmo barco que todos nós.

— Ele está começando a… bem, deixa isso pra lá. Mas acho que o homem é doente. — O androide limpou o creme do lábio superior.

— Você poderia fugir. Pelo que eu saiba, escravidão é ilegal. Ele não te paga nem um salário mínimo, eu suponho.

— Não sou uma pessoa. Não sou humano. Máquinas não têm direitos.

— Isso não significa que precisa fazer tudo que ele diz, Modular.

O androide balançou a cabeça.

— Não vai funcionar. Tenho inibições estruturais contra desobediência a ele, desobediência a instruções ou revelação da identidade dele de qualquer maneira.

Cyndi parecia assustada.

— Ele é meticuloso, preciso admitir isso. — Ela olhou para Modular cuidadosamente. — Por que ele te construiu?

— Ia me produzir em massa e vender para os militares. Mas acho que está se divertindo tanto brincando comigo que pode chegar a nunca vender meus direitos para o Pentágono.

— Eu agradeceria, se fosse você.

— Eu não saberia. — O androide pegou outra bebida, então mostrou a Polaroid da mendiga para Cyndi.

— Preciso encontrar esta pessoa.

— Parece uma mendiga.

— *É* uma mendiga.

Ela riu.

— Você não ouviu o noticiário? Sabe quantos milhares de mulheres assim existem nesta cidade? Tem uma recessão acontecendo lá fora. Bêbados, fugitivos, pessoas sem emprego ou sem sorte, pessoas que foram chutadas das instituições para doentes mentais por conta dos cortes no financiamento do Estado… Os abrigos dão preferência aos refugiados do Enxame e não aos sem-teto. Meu Deus… e numa noite como esta também. Sabe que já é a noite de

dezembro mais fria da história? Tiveram de abrir igrejas, delegacias… todo tipo de lugares para que os errantes não morressem de frio. E muitos deles não vão para qualquer tipo de abrigo, porque estão muito assustados com as autoridades ou porque são loucos demais para perceber que vão ajudá-los. Não invejo você, Modular, não mesmo. As caçambas de lixo estarão cheias de cadáveres amanhã.

— Eu sei. Encontrei alguns.

— Se quiser encontrá-la antes de ela morrer congelada, tente as latas de lixo com fogueiras, depois os abrigos. — Ela franziu a sobrancelha novamente para olhar a foto. — Por que quer encontrá-la?

— Acho… que ela pode ser testemunha de algo.

— Certo. Muito bem. Boa sorte, então.

O androide olhou sobre o ombro para o deck de observação com sua camada brilhante de gelo. Além do parapeito, Manhattan cintilava friamente para ele, com uma claridade que não tinha visto antes, como se os prédios, as pessoas, as luzes, todas estivessem congeladas dentro de um imenso cristal. Era como se a cidade não estivesse mais perto que as estrelas, e como se fosse tão incapaz de dar calor quanto elas.

Dentro da sua mente, o androide teve um tremor puramente mental. Queria ficar ali, no aconchego do Aces High, experimentando os movimentos perfeitamente abstratos — para ele — de levantar uma bebida quente até os lábios. Havia algo reconfortante nisso, apesar da inutilidade lógica do ato. Não entendia completamente o impulso, apenas o conhecia. Provavelmente a parte humana de sua programação.

Contudo, havia restrições impostas sobre seus desejos, e uma delas era a obediência. Poderia ficar no Aces High apenas se isso pudesse ajudá-lo na missão de encontrar a mendiga.

Terminou a fileira de bebidas e se despediu de Cyndi. A menos que um milagre acontecesse e encontrasse a mendiga logo, passaria o resto da noite nas ruas.

Quatro horas da manhã. O carro passou por uma valeta e derrubou café quente na coxa de Coleman Hubbard. Ele ignorou. Levantou o copo grande de isopor do meio das pernas e tomou apressadamente. Tinha de ficar acordado.

Procurava pela mendiga, passando em cada abrigo, descendo cada rua escura, vasculhando com a mente, esperando encontrar o padrão de loucura e raiva que tinha visto no cérebro perturbado dela.

Estava fazendo isso por boa parte das últimas 24 horas. O aquecedor no carro velho alugado já pifara. Seu corpo era uma massa de cãibras e o crânio pulsava num ritmo de bate-estaca lento. O fato de que Black e Judas estivessem congelando na mesma missão não servia de consolo.

Hubbard esmagou o copo de café entre as coxas, ligou a luz interna do carro e olhou para o papel com a lista de abrigos. Havia uma escola para meninas cheia de refugiados nas proximidades, e ele ainda não a havia rastreado.

Quando se aproximou do local, Hubbard começou a sentir uma familiaridade perturbadora, algo como um *déjà vu*. A dor de cabeça pulsava em seus olhos. O estômago embrulhou.

Demorou poucos segundos antes de ele reconhecer a sensação.

Ela estava ali. A euforia o arrebatou. Ele desviou a mente dos padrões deturpados da mente da mendiga e a expandiu para onde Black patrulhava, a arma de dardo carregada no assento ao lado dele.

— *Rápido!* — gritou. — *Encontrei a mulher!*

♣

Modular caminhou pelas longas fileiras, rastreando à esquerda e à direita. Oitocentos refugiados foram socados no ginásio da escola secundária. Havia catres para a metade, aparentemente trazidos de algum depósito da Guarda Nacional, e o restante dos refugiados dormia no chão. O grande salão ecoava o som de roncos, gritos e choramingos das crianças.

E ela estava lá. Caminhando entre as fileiras de catres, murmurando consigo mesma, arrastando as bolsas pesadas. Ela ergueu os olhos no mesmo momento em que o androide a viu, e houve um choque mútuo de reconhecimento, um sorriso de dentes corroídos, malevolente.

O androide levantou voo num picossegundo de seu pensamento na velocidade da luz. Queria estar longe de qualquer inocente, se ela soltasse aquela coisa que tinha na bolsa. Mal tinha saído do chão antes de o campo de fluxo de força conectar-se, estalando em volta do seu corpo. A coisa na bolsa não conseguiria agarrar qualquer coisa sólida.

O radar fez a busca, o lançador de granada de gás em seu ombro esquerdo zumbiu enquanto mirava. Seu ombro absorveu o tranco. A granada tomou substância assim que saiu do campo de fluxo, mas manteve a velocidade. O gás opaco cercou a mendiga.

Ela sorriu para si mesma. Uma escuridão estendeu-se ao redor dela, e o gás mergulhou no escuro, sugado pela bolsa como por uma calha.

O pânico ergueu-se entre os refugiados, quando acordaram com a batalha.

A mendiga abriu a sacola de compras. O androide conseguiu ver a escuridão que havia lá dentro. Sentiu algo frio passar por ele, algo que tentava puxar sua forma insubstancial. As vigas de aço que sustentavam o teto tilintaram como sinos sobre a cabeça dele.

O sorriso deformado da mendiga desapareceu.

— Filho da puta — disse ela. — Você lembra o Shaun.

Modular ergueu voo até se aproximar do teto. Mergulharia até ela, se solidificaria no último segundo, agarraria a bolsa e esperaria que ela não o engolisse.

A mendiga começou a esgarçar os dentes num sorriso novamente. Quando o androide chegou ao ponto de mergulho logo acima dela, ela abriu a bolsa sobre a cabeça.

Ela foi engolida. Sua cabeça desapareceu dentro da sacola, seguida pelo restante do corpo. Suas mãos, agarradas nas bordas, puxou a bolsa atrás dela para o vazio. A bolsa dobrou-se em si mesma e desapareceu.

— Não é possível — alguém disse.

O androide buscou cuidadosamente pela sala. A mendiga havia sumido.

Ignorando a perturbação crescente lá embaixo, alçou voo, atravessando o teto. As luzes frias de Manhattan surgiram ao seu redor. Ele voou sozinho noite adentro.

♠

Hubbard olhou por um longo tempo, infinito, para o espaço onde a mendiga estava. *Então, é assim que ela faz*, pensou.

Esfregou as mãos geladas e pensou nas ruas, as ruas com o frio sem fim, as longas horas gélidas de sua busca. A mendiga deve ter ido para Jersey, pelo que ele podia prever.

Aquela seria uma longa noite.

♦

— Mulherzinha maldita! — disse Travnicek. Sua mão, que segurava uma carta, tremia de ódio. — Estou sendo despejado! — Ele brandia a carta. — Perturbações! — murmurou. — Equipamento sem segurança! Sessenta dias, que merda! — Ele começou a pisotear com suas botas pesadas, tentando deliberadamente trepidar o apartamento de baixo. Sua respiração congelava a cada palavra. — Aquela puta! — urrou. — Conheço o jogo dela! Quer que eu arrume o apartamento com dinheiro do meu bolso para que ela possa me despejar e então cobrar um aluguel maior. Não gastei uma fortuna em benfeitorias para agora ela querer encontrar outro babaca. Algum membro da classe dos malditos aburguesados.

Ele olhou para o androide que, pacientemente, esperava com um pacote de croissants e café quentes.

— Quero que vá até o escritório dela hoje à noite e acabe com aquele lugar — disse Travnicek. — Não deixe nada intacto, nem um pedaço de papel, nem uma cadeira. Quero apenas móveis estraçalhados e confete. E quando ela estiver limpando o escritório, faça o mesmo com o apartamento.

— Sim, senhor — o androide disse, resignado.

— O estúpido Lower East Side — Travnicek falou. — O que vai restar, se este bairro começar a ficar pretensioso? Vou ter que me mudar para o Bairro dos Curingas para ter um pouco de paz. — Pegou o café da mão do androide, enquanto continuava a pisotear o chão de compensado.

Ele olhou sobre o ombro para sua criação.

— E você? — rugiu. — Está procurando pela mendiga ou o quê?

— Sim, senhor. Mas como o lançador de gás não funcionou, pensei em mudar para a luz ofuscante.

Travnicek pulou para lá e para cá várias vezes. O som ecoava pelo apartamento.

— Como quiser. — Ele parou de pular e sorriu. — Tudo bem — disse ele. — Sei o que fazer. Vou ligar os geradores *grandes*!

O androide pousou o saco de papel na bancada de trabalho, trocou as armas e voou silenciosamente até atravessar o teto. Lá fora, o vento frio continuava a chicotear a cidade, inundando os espaços entre os prédios altos, sacudindo as pessoas como juncos na água. A temperatura mal subira além do congelamento, e o frio do vento derrubava a temperatura efetivamente abaixo de zero.

Mais pessoas, o androide sabia, morreriam.

— Ei — disse Cyndi. — Que tal fazermos uma pausa?

— Tudo bem.

Cyndi levantou as mãos, tomando a cabeça do androide entre elas.

— Todo esse esforço — ela falou. — Você não sua nem um pouco?

— Não. Só ligo minhas unidades de refrigeração.

— Incrível. — O androide deslizou para fora dela. — Fazer isso com uma máquina — ela comenta, pensativa. — Sabe, teria pensado que isso é, no mínimo, um pouco bizarro. Mas não é.

— Legal da sua parte dizer isso. Eu acho.

Modular procurou pela mendiga durante 48 horas e concluiu que precisaria de algumas horas para si. Justificou a parada como necessária para o seu moral. Planejava mover o corpo da memória noturna de seu local sequencial para outro lugar, e preencher o espaço vazio com uma reprise chata da patrulha da noite anterior atrás da mendiga. Com sorte, Travnicek apenas passaria rápido a patrulha e não procuraria a parte pornô da memória.

Ela se sentou na cama, esticando a mão para pegar algo no criado-mudo.

— Quer coca?

— Para mim é desperdício. Vá em frente.

Ela ajustou o espelho cuidadosamente à sua frente e começou a alinhar o pó branco. O androide observava enquanto ela cheirava algumas carreiras e se recostava nos travesseiros com um sorriso. Olhou para ele e pegou sua mão.

— Você não precisa mesmo ser tão ligado em desempenho, viu? — disse ela. — Quer dizer, você poderia ter gozado se quisesse.

— Eu não gozo.

O olhar dela estava um pouco opaco.

— Quê? — ela perguntou.

— Eu não gozo. Orgasmo é uma complexa descarga aleatória de neurônios. Não tenho neurônios e nada que faço é realmente aleatório. Não funcionaria.

— Puta merda — Cyndi piscou para ele. — Então, como é?

— Agradável. De uma forma muito complicada.

Ela tombou a cabeça e pensou sobre essa frase por um momento.

— É isso, então — disse ela. Ela fungou outro par de carreiras e olhou para ele com vivacidade. — Consegui um emprego — falou. — Por isso consegui pagar a coca. Um presente de Natal para mim mesma. — Ela sorriu.

— Parabéns.

— É na Califórnia. Um comercial. Eu fico na mão desse gorila gigante, sabe, e sou resgatada pelo Bud Man. Sabe, o cara dos comerciais de cerveja. E, então, no final… — Ela revira os olhos. — No final ficamos todos felizes e bêbados, o Bud Man, o gorila e eu, e pergunto pro macaco como ele está, e o macaco *arrota*. — Ela franziu a sobrancelha. — É meio nojento.

— Eu ia dizer isso.

— Mas então há uma chance para atriz convidada no *Twenty-Dollar Hotel*. Preciso ter um

caso com um valentão ou algo assim. Meu agente não explicou direito. — Ela deu um risinho. — Pelo menos não há nenhum gorila gigante nesse. Digo, um foi o bastante.

— Vou sentir saudades — o androide disse. Ele não estava bem certo em como se sentia a esse respeito. Ou mesmo se o que sentiu poderia de qualquer forma ser descrito como *sentimento*. Cyndi pressentiu seus pensamentos.

— Você vai precisar salvar outras mulheres bacanas.

— Acho que sim. Mas nenhuma mais bacana que você.

Ela riu um pouco mais.

— Você é bom de elogio — disse ela.

— Obrigado.

Ela deu um tapinha em sua cúpula.

— Ainda vai demorar mais ou menos uma semana até eu ir embora. Podemos passar algum tempo juntos.

— Eu adoraria. — O androide estava pensando no anseio por experiências, a maneira estranha que sua ocupação tinha de fornecê-la, um jeito que parecia para ele que a experiência fornecida não era suficiente, nunca se mostraria suficiente.

♣

Os detectores infravermelhos ligavam e desligavam nos olhos plásticos do androide enquanto ele flutuava sobre a rua. Rajadas de vento tentavam lançá-lo na direção dos prédios. Exceto pelas poucas horas que passou com Cyndi, estava fazendo aquilo havia quatro dias sem parar.

Lá embaixo, na rua, alguém lançou um copo de isopor pela janela de um Dodge azul. Modular perguntou-se onde ele tinha visto aquela cena antes.

Interruptores macroatômicos realizaram um filtro superliminar silencioso de dados. E o androide percebeu que estava vendo aquele Dodge azul demais, e em muitos dos mesmos lugares que Modular esteve nos últimos dias — centros de refugiados, abrigos, um patrulhamento incessante das ruas à meia-noite. O androide perguntou-se se o Dodge estaria procurando a mendiga. Modular decidiu manter o Dogde sob observação.

A busca do carro era mais lenta que a do androide — assim, Modular começou a cortar, buscando ruas à esquerda e à direita do carro, voltando ao Dodge de vez em quando. No centro do Exército da Salvação do Bairro dos Curingas, deu uma boa olhada no ocupante do Dodge — um homem branco de meia-idade, o rosto deformado exausto e perturbado. Memorizou a placa do carro e subiu novamente ao céu.

E, então, horas depois, lá estava ela — bem na frente do Dodge, aconchegada ao lado dos degraus de entrada de uma casa com as bolsas empilhadas sobre ela. O androide pousou no telhado e esperou. O Dodge estava reduzindo a velocidade.

♠

— E Shaun diz para mim, ele diz, eu quero que você vá ao médico…

Hubbard encurvou-se em seu sobretudo. Parecia que o vento estava soprando através do seu corpo, viajando diretamente entre sua carne e ossos. Seus dentes batiam. Estava dirigindo pelo que parecia anos a fio, novamente tendo aquela sensação terrível e nauseante de *déjà vu*.

— Não tem nada errado com sua mãe que uma dose de uísque irlandês não cure…

Black, eu a encontrei. Lower West Side.

A resposta de Black foi cínica. *Tem certeza de que nada vai dar errado desta vez?*

O robô não está aqui. Ficarei fora da visão.

Dez minutos.

Traga comida, disse Hubbard. *Tentaremos pegá-la de surpresa*.

— Vai se foder, Shaun, eu digo. Vai se foder. — A mendiga levantou-se num pulo, estava sacudindo o punho para o céu.

Hubbard olhou para ela.

— Estou com você, minha senhora — ele murmurou. E, então, olhou para cima. — Ai, merda — ele falou.

Modular flutuou para fora do telhado. Não conseguia dizer se a mendiga estava gritando para ele ou para o céu de modo geral. O motorista do Dodge estava a muitas casas de distância, escondido atrás de outra escadaria. Não parecia que o homem pretendia fazer alguma coisa.

Pensou sobre o jeito como ela retorceu seus componentes, na obliteração da existência que aconteceria se esmagasse seus geradores ou cérebro. As memórias surgiram em sua mente; o estalo do *single malt* no nariz, o gordo com o rifle, Cyndi gemendo suavemente em seus braços, o rugir espumante do gorila… Ele não queria perder nada daquilo.

— Ai, merda — disse Hubbard, olhando para cima, horrorizado. O androide flutuava a menos de 15 metros sobre a mendiga. Ela estava gritando para ele, pegando a bolsa. A coisa na bolsa não conseguiu agarrá-lo da última vez.

Em fúria repentina, Hubbard expandiu a mente. Ele tomaria o controle do androide para batê-lo na calçada diversas vezes até não sobrar nada além de componentes estilhaçados…

Sua mente tocou o cérebro macroatômico frio do androide. O fogo floresceu na consciência de Hubbard. Ele começou a gritar.

Havia algo preto na sacola de compras da mendiga. Estava crescendo.

O androide mergulhou direto até a coisa. Seus braços estavam bem abertos. Se a mulher movesse a bolsa no último minuto, as coisas ficariam muito complicadas.

O negror crescia. O vento o arrastava, tentando tirá-lo do curso, mas o androide corrigiu.

Quando atingiu o negrume do portal, sentiu novamente a nulidade destruidora dominá-lo. Mas, antes que perdesse o controle sobre si mesmo, sentiu as mãos se fechando nas bordas da bolsa, prendendo-as, sem deixar escapar.

Por uma pequena fração de segundo, ele se sentiu satisfeito. Então, conforme esperado, não sentiu mais nada.

♠

Os ventos siberianos não esfriaram o ar quente sobre o aterro sanitário próximo de St. Petersburg, na Flórida. O lugar tinha um cheiro horrível. Modular perdera quase quatro horas do seu tempo. Suas verificações não mostraram nenhum dano interno. Teve sorte.

Ele se levantou no meio do lixo fedorento e o revirou em busca da sacola de compras. Trapos, pedaços de roupa, de comida, e então a coisa, fosse lá o que fosse. Uma esfera preta com cerca de dois quilos, do tamanho de uma bola de boliche. Não havia nenhum interruptor aparente ou meio de controlá-la.

A superfície era morna. Prendendo-a ao peito, o androide rumou para o céu agradável.

♦

— Ótimo — disse Travnicek. — Bom trabalho, torradeira. Eu me parabenizo pelo excelente trabalho de programação.

O androide trouxe para ele uma xícara de café. Travnicek riu, deu um gole, e virou-se para contemplar o orbe alienígeno, sentado na bancada de trabalho. Tentou manipulá-lo com diversos tipos de controles remotos, mas não conseguiu nada.

Travnicek moveu-se na direção da bancada e estudou a esfera de uma distância respeitosa.

— Talvez seja necessária proximidade para acioná-la — o androide sugeriu. — Talvez você deva tocá-la.

— Talvez você deva cuidar da porra da sua vida. Não vou me aproximar desse treco.

— Sim, senhor. — O androide ficou em silêncio por um momento. Travnicek bebericava do café. Então, balançou a cabeça e afastou-se da bancada.

— Você pode voar para o Peru amanhã e juntar-se aos seus amigos do Exército. E faça contato com os governos sul-americanos enquanto estiver lá. Talvez paguem mais do que o Pentágono.

— Sim, senhor.

Travnicek esfregou as mãos.

— Quero comemorar, batedeira. Vá até a loja e me traga uma garrafa de champanhe e algumas rosquinhas com geleia.

— Sim, senhor. — O androide, sem expressão, tornou-se insubstancial e atravessou o teto voando.

Travnicek entrou no pequeno quarto aquecido no qual dormia, ligou a televisão e sentou-se na poltrona gasta. No meio da agitação de último minuto da noite de Natal para os compradores atrasados, o aparelho exibia um desenho japonês sobre um androide gigante que lutava contra lagartos cuspidores de fogo. Travnicek amava isso. Recostou-se para assistir.

Quando o androide voltou, encontrou Travnicek dormindo. Reginald Owen estava fazendo papel de Scrooge na tela. Modular pousou a sacola em silêncio e retirou-se.

Talvez Cyndi estivesse em casa.

♥

Coleman Hubbard estava sentado com as roupas institucionais em sua ala em Bellevue.

Pessoas mentalmente perturbadas caminhavam, brigavam, jogavam cartas. Uma pequena árvore de plástico piscava na ala das enfermeiras. Sem ser visto por ninguém, exceto o detetive John F. X. Black, Amon flutuava majestosamente sobre a cabeça de Hubbard, ouvindo-o enquanto ele falava.

— Um, um, zero, um, zero, zero, zero, um, um, zero, um, um, um…

— Vinte e quatro horas — Black disse. — Não conseguimos nada dele além disso.

— Um, zero, zero, zero, um, zero…

A imagem de Amon pareceu sumir por um momento, e Hubbard viu de soslaio a figura de um velho magro com olhos de sombras quebradiças. Então, Amon estava de volta.

Não consigo entrar em contato com ele. Nem mesmo causar dor. É como se a mente dele estivesse em contato com… algum tipo de máquina. Suas mãos cerradas. *O que* aconteceu *com ele*? *Que tipo de máquina fez contato com ele lá fora?*

Black ergueu uma sobrancelha. *TIAMAT?*

Não. TIAMAT não é assim… TIAMAT é mais vivo do que qualquer coisa que você já tenha visto.

— … zero, um, um, zero, zero, zero, um, zero…

Quando o encontrei, vi a mendiga, coloquei-a para dormir e não encontrei nada em suas bolsas. Seja lá o que tenha acontecido, outra pessoa está com a coisa agora.

— … um, zero, zero, um, zero…

Os olhos do carneiro se incendiaram, e então seu corpo se contorceu, ficando na forma esguia de um galgo com um focinho curvado e presas à mostra, um rabo gigante bifurcado erguendo-se das costas. O medo escalou o pescoço de Black. Amon tornou-se Setekh, o destruidor. A ilusão astral era assustadoramente real. Black esperava ver o sangue pingando do focinho do animal, mas não aconteceu. Ainda não, de qualquer forma.

Ele te usou numa missão não autorizada, disse Setekh. *Como parte de uma trama que provavelmente tinha a mim como alvo. Agora, ele é um perigo para todos nós. Se sair deste estado, poderá dizer algo que não deve.*

Destrua-o, Mestre, Black disse.

Uma espuma respingava do focinho daquela coisa, esfumaçando no assoalho. Os outros pacientes não prestavam atenção. O grande cão hesitou.

Se eu entrar na mente dele poderia ver… o que ele viu.

Black deu de ombros. *Quer que eu faça isso?*

Sim. Acredito que seja melhor.

Já plantei o testamento no apartamento dele. Aquele que deixa tudo para nossa organização.

A língua da fera se desenrolou. O olhar dela se suavizou. *Você pensa adiante. Gosto disso. Talvez possamos lhe dar uma promoção*.

♣

A milhões de quilômetros da Terra, quase eclipsada pelo sol, a Mãe do Enxame contemplava seus brotos sobreviventes, espalhados. Observadores na Terra teriam ficado surpresos de saber que o Enxame não considerava seu ataque uma falha. Havia sido lançado mais como um

teste do que como uma tentativa séria de conquista, e o Enxame, analisando os dados recebidos de sua criatura, desenvolveu diversas hipóteses.

O Enxame traciano foi confrontado por três reações que falharam totalmente em cooperar uma com a outra. Era possível, o Enxame considerou, que a Terra fosse dividida entre diversas entidades, equivalentes à Mãe do Enxame, que não se ajudaram mutuamente nos seus esforços.

Grandes quantidades do Enxame siberiano foram destruídas de uma vez, transmitindo sua agonia telepática à sua matriz. Era óbvio que as mães da Terra possuíam alguma forma de arma devastadora, que, no entanto, estavam relutantes em usar, exceto em áreas desabitadas. Talvez os efeitos ambientais fossem penosos.

Possivelmente, o Enxame ponderou, se as mães da Terra fossem divididas e todas possuíssem essas armas, poderiam se voltar umas contra as outras. Se a Terra fosse, dessa forma, desolada, o Enxame estaria disposto a esperar milhares de anos necessários para a Terra tornar-se útil novamente. O período não seria nada se comparado aos anos que o Enxame já esperara.

O Enxame, dessa maneira eclipsado pelo sol, decidiu concentrar as atividades de monitoramento para confirmar essas hipóteses.

Sentia oportunidades ali.

♠

— Então eu digo para Maxine, eu digo, quando você vai fazer alguma coisa sobre sua doença? Eu digo, é hora de ir ao médico…

A mendiga, com uma sacola de compras pendurada no braço, enquanto espreme uma segunda sacola contra o peito, caminhava lentamente pelo beco, lutando contra o vento siberiano.

Os cabelos loiros de Cyndi debatiam-se na brisa, enquanto tremia dentro de uma jaqueta de pele de cordeiro. Ela viu quando Modular tentou falar com a mulher, lhe dar um pacote cheio de comida chinesa, mas a mendiga continuava a murmurar consigo mesma e caminhar com pesar pelo beco. Finalmente, o androide enfiou o pacote de comida na sacola da mulher e voltou até onde Cyndi o esperava.

— Desista, Mod. Não há nada que você possa fazer por ela.

Ele a tomou nos braços e voou em espiral na direção do céu.

— Continuo achando que posso.

— Poderes super-humanos não são respostas para tudo, Mod. Você precisa aprender a lidar com suas limitações.

O androide se calou.

— O que você precisa entender, se esse negócio não deixar você maluco, é que ninguém inventou um poder carta selvagem que possa fazer qualquer porcaria por senhoras que estão fora de si e que carregam o mundo todo com elas em sacolas de compra e vivem em latas de lixo. Não tenho nenhum poder, e até eu sei disso. — Ela fez uma pausa. — Está me ouvindo, Mod?

— Sim. Eu te ouvi. Sabe de uma coisa, você é teimosa demais para ser uma garota que

acabou de chegar de Minnesota.

— Ei! Hibbing é uma cidade difícil durante a recessão.

Subiram, pairando na direção do Aces High. Cyndi pôs a mão no bolso da jaqueta e mostrou um pacotinho enrolado em fita vermelha.

— Seu presente — disse ela. — Acho que é nossa última noite juntos. Feliz Natal.

O androide parecia envergonhado.

— Não pensei em comprar nada para você.

— Tudo bem. Você estava bastante ocupado.

Modular abriu o pacote. O vento agarrou a fita brilhante e a rodopiou para dentro da escuridão. Dentro do embrulho havia um broche dourado no formato de uma carta de baralho, o ás de copas, com as palavras MEU HERÓI gravadas.

— Achei que poderia usar para se sentir melhor. Pode usar na sua cueca boxer.

— Obrigado. Bela dica.

— De nada. — Cyndi o abraçou.

O Empire State lançava um feixe de luzes coloridas para dentro da noite. O casal aterrissou no terraço de Hiram. Dava para ouvir os sons de agitação do bar, mesmo com as rajadas de vento. Uma multidão natalina comemorava. Cyndi e Modular olharam por um bom tempo através da janela.

— Ei — disse ela. — Estou cansada de comida chique.

O androide pensou por um momento.

— Eu também.

— Que tal um restaurante chinês? Depois podemos ir para o meu apartamento.

Ele foi preenchido pelo calor humano, mesmo ali, na corrente de vento siberiana. Numa fração de segundo, estava no ar.

Lá embaixo, no beco, algo brilhante chamou a atenção da mendiga. Ela se curvou e apanhou um fio da fita vermelha. Enfiou-o numa sacola e continuou sua caminhada.

♣ ♦ ♠ ♥

Jube: Três

— A época de festas é a mais cruel — Croyd disse a ele numa noite de Ano-Novo, anos atrás. A Times Square ficava cheia de bêbados esperando o globo descer. Jube viera observar, e Croyd o saudou na frente de um prédio. Ele não reconhecera o Dorminhoco, mas raramente o fazia. Naquela época, Croyd estava com uma cabeça menor que a de Jube, sua pele solta, inchada e levemente rosada de cima a baixo. Tinha os dedos dos pés ligados por membrana e uma garrafa de rum escuro, e queria falar sobre sua família, sobre os amigos perdidos, sobre álgebra.

— A época de Festas é a mais cruel — repetia sem parar até o globo descer e Croyd se inflar como um balão da parada de Ação de Graças da Macy's e sair voando. — *A época mais cruel!* — gritou para baixo mais uma vez, pouco antes de desaparecer de vista.

Apenas agora Jube entendeu o que ele quis dizer. Sempre gostara dos feriados humanos, que permitiam aquelas cerimônias coloridas, as demonstrações abundantes de avareza e generosidade, costumes fascinantes para estudo e análise. Naquele ano, enquanto estava em pé na sua banca de jornal na manhã do último dia de dezembro, descobriu que o dia havia perdido o sabor.

A ironia era muito cruel. Em todo lugar da cidade as pessoas preparavam-se para celebrar o início daquilo que poderia ser o último ano de suas vidas, de sua civilização e espécie. Os jornais estavam cheios de retrospectivas do ano que estava terminando, e todos reforçavam a Guerra do Enxame como a principal história do ano, e todos faziam descrições como se ela já tivesse acabado, exceto por algumas operações de limpeza no Terceiro Mundo. Jhubben sabia que não era bem assim.

Folheou alguns jornais, vendeu uma *Playboy*, e olhou com melancolia para o céu claro da manhã. Nada a ser visto, exceto alguns cirros bem altos que se moviam rapidamente. Mesmo assim, ela ainda está lá, ele sabia. Longe da Terra, movendo-se através da escuridão espacial, tão preta e gigantesca como um asteroide. Ocultaria as estrelas ao passar ao lado delas, silenciosa e fria, para todas as aparências externas, fria e morta. Quantos mundos e raças morreram acreditando nessa mentira? Por dentro ela vive, evolui, sua inteligência e sofisticação crescendo diariamente, suas táticas se aprimorando a cada revés.

Entre as raças da Rede, ela era o inimigo com uma centena de nomes: semente do demônio, grande câncer, mãe infernal, devoradora de mundos, mãe dos pesadelos. Nas mentes vastas das rainhas-deusas kondikki, seu nome era um símbolo que significava, simplesmente, *pavor*. As inteligências maquinais dos kregs referiam-se a ela como uma corrente de impulsos binários que significava disfunção, os lyn-ko-neens cantavam-na em notas altas, estridentes e deformadas pela dor. E os ly'bahres lembravam-se dela melhor do que todos. Para aqueles ciborgues de vida tão longa, ela era *Thyat M'hruh*, escuridão da raça. Dez mil anos se

passaram, um Enxame desceu no planeta natal dos ly'bahres. Encapsulados em suas conchas autossustentáveis, os ly'bahres ciborgues continuaram a viver, mas aqueles que ficaram para trás revestidos de carne, e não de metal, desapareceram, e com eles todas as gerações vindouras. Os ly'bahres permaneceram extintos por 10 mil anos.

"Mãe!", Ekkedme gritou, e Jube não entendeu, não até romper o cordão na pilha de jornais no dia em que os brotos aterrissaram em Nova Jersey. *Deve haver algum engano*, pensou de forma insensata quando viu as manchetes. O Enxame foi um horror de história e uma lenda, foi o pesadelo que aconteceu em outros planetas muito distantes, não naquele em que realmente *vivia*. Estava fora de sua experiência e especialidade; não era surpresa alguma que tivesse suspeitado dos takisianos quando a nave unitária foi perdida. Ele se sentiu um tolo.

Pior, era um tolo desesperado e condenado.

Ela estava lá em cima ainda, uma escuridão viva e palpável que Jube quase conseguia sentir. Dentro dela, inflamavam-se novas gerações de brotos, a vida-que-é-morte. Logo seus filhotes voltariam e devorariam esta raça perversamente esplêndida pela qual ele chegou a desenvolver certa afeição… *o* devorariam também, aliás, e o que poderia fazer para impedi-los?

— Você está com cara de bosta hoje, Morsa — uma voz parecida com uma lixa rascou casualmente.

Jube olhou para cima… e para cima, e mais acima. Troll tinha quase três metros. Vestia um uniforme cinza sobre a pele verde enverrugada e, quando sorriu, dentes amarelos e tortos apontaram em todas as direções. A mão verde do tamanho de uma tampa de bueiro ergueu um exemplar do *New York Times* delicadamente entre dois dedos de unhas pretas e afiadas como garras. Atrás dos óculos espelhados feitos sob medida, os olhos vermelhos afundados por trás da protuberância da sobrancelha voejavam sobre as colunas do jornal.

— Eu me sinto uma bosta — disse Jube. — A época de Festas é a mais cruel, Troll. Como vão as coisas na clínica?

— Agitadas — respondeu Troll. — Tachyon vai e volta de Washington o tempo todo para reuniões. — Ele sacode o *Times*. — Esses alienígenas acabaram com o Natal de todo mundo. Sempre soube que Jersey era apenas uma grande infestação de levedo. — Enfiou a mão no bolso e passou para Jube uma nota de um dólar amarrotada. — O Pentágono quer jogar umas bombas atômicas na coisa-Mãe, mas não conseguem encontrá-la.

Jube fez que sim com a cabeça enquanto separava o troco. Ele mesmo tentou encontrar a Mãe do Enxame, usando os satélites sensíveis que a Rede deixou em órbita, mas sem sucesso. Poderia estar escondida atrás da Lua, ou do outro lado do Sol, ou em qualquer lugar na vastidão do espaço. E se ele não conseguiu localizá-la com a tecnologia à sua disposição, os humanos não tinham a menor chance.

— O doutor não tem como ajudar — disse para Troll, com tristeza.

— Provavelmente não — o outro respondeu. Lançou a moeda de cinquenta centavos no ar, pegou-a com destreza e enfiou-a no bolso. — Mesmo assim, temos que tentar, certo? O que mais podemos fazer além de tentar? Feliz Ano Novo, Morsa. — Assim, ele saiu a passos largos sobre pernas tão grossas e tortas como troncos de pequenas árvores, e tão longas quanto a altura de Jube.

Jube observou o caminhar do outro. *Ele estava certo*, pensou enquanto Troll desaparecia, virando a esquina. Temos de tentar.

Ele fechou a banca de jornal mais cedo naquele dia e foi para casa.

Flutuando nas águas geladas da banheira, mergulhado na luz vermelha tremeluzente, considerava as opções. Na verdade, havia apenas uma.

A Rede poderia salvar a humanidade da Mãe do Enxame. Claro, teria um preço. A Rede não dá nada de graça. Mas Jube tinha certeza de que a Terra ficaria muito feliz em pagá-lo. Mesmo se o Mestre Comerciante exigisse direitos sobre Marte, ou sobre a Lua, ou todos os gigantes de gás, o que isso valia se comparado à vida da espécie?

Mas a *Opportunity* estava a anos-luz de distância, e não retornaria a este sistema solar por cinco ou seis décadas humanas. Era necessária uma convocação, o Mestre Comerciante precisaria ser informado de que uma raça consciente com enorme potencial lucrativo estava ameaçada de extinção. E o transmissor de táquion havia se perdido com o embe e a nave unitária.

Jhubben precisava construir um substituto.

Sentia-se desesperadamente insuficiente para a tarefa. Era um xenólogo, não um técnico. Usava uma centena de dispositivos da Rede que não poderia começar a construir, reparar ou mesmo compreender. Conhecimento era a *commodity* mais preciosa da galáxia, a única moeda verdadeira das Redes, e cada espécie-membro guardava os próprios segredos tecnológicos com zelo. Porém, cada posto avançado da Rede tinha um transmissor de táquion, mesmo em mundos primitivos, como Glabber, que não podiam comprar naves estelares próprias. A menos que espécies inferiores tivessem meios de convocar as grandes naves estelares para seus mundos atrasados e espalhados, como o comércio aconteceria, como os planetas poderiam ser comprados e vendidos, como os lucros se acumulariam para os Mestres Comerciantes de Starholme?

A biblioteca de Jube consistia em nove pequenas hastes cristalinas. Uma continha uma coleção de canções, literatura e erotismo de seu mundo natal; a segunda, seu trabalho de uma vida inteira, inclusive todas as pesquisas sobre a Terra. As outras continham conhecimento. Certamente, os diagramas de um transmissor de táquion estariam ali em algum lugar. Qualquer conhecimento que acessasse seria observado, claro, e seu valor debitado dos valores das pesquisas aqui na Terra, mas era certo que valia a pena para salvar uma raça consciente?

Haveria gastos, ele sabia. Mesmo se encontrasse os projetos, era improvável que tivesse as peças necessárias. Teria que fazê-lo com componentes eletrônicos humanos primitivos, o melhor que conseguisse obter, e provavelmente seria forçado a canibalizar alguns dos próprios equipamentos. Que fosse. Tinha equipamentos que nunca usara: os sistemas de segurança que guardava no apartamento (cadeados extras resolveriam), o traje espacial de metal líquido que não servia mais nele, o caixão criogênico no armário dos fundos (comprado por contingência de uma guerra termonuclear durante seu período na Terra), as máquinas de jogos…

Havia um problema mais sério. Poderia construir um transmissor de táquion, disso estava certo. Mas como *energizá-lo*? Suas células de fusão poderiam ser suficientes para lançar um raio até Hoboken, mas havia muitos anos-luz entre Hoboken e as estrelas.

Jhubben se levantou da banheira e se enxugou. Sabia muito bem o que havia acontecido quando o Dorminhoco foi atrás do corpo de Ekkedme. Croyd dissera para ele, uma semana após aquela tarde terrível na qual Jhubben passou descarregando os restos mortais do irmão embe de volta para o mar salgado do qual todos tinham surgido, ao menos metaforicamente. Mas nada disso pareceu importar quando os brotos aterrissaram.

Agora, isso importava.

Caminhou até a sala de estar e abriu a última gaveta de um aparador que comprara da loja Goodwill, em 1952. A gaveta estava cheia de pedras: verdes, vermelhas, azuis, brancas. Quatro das pedras brancas compraram aquele prédio em 1955, mesmo que o velho de viseira verde tivesse pagado para ele apenas metade do que as pedras valiam. Jube sempre usava esse recurso com parcimônia, pois não seria possível sintetizar mais pedras até a *Opportunity* retornar. Mas a crise exigia.

Não era um ás, não tinha poderes especiais. *Esses* teriam de ser seus poderes. Esticou a mão grossa de quatro dedos e puxou um punhado de safiras não lapidadas. Com elas, localizaria o deslocador de singularidade para dar energia à sua transmissão estelar.

Ou, ao menos, tentaria.

♣ ♦ ♠ ♥

1986

Se olhares pudessem matar

Walton Simons

Escolher a vítima certa sempre foi assassinato. Tinham de ter muito dinheiro para fazer a morte valer a pena, e precisava ser levada a cabo num local isolado. O aluguel era adequado e matar alguém na rua fazia muito mais sentido do que assassinar o zelador. Isso poderia alertar aos outros sobre onde estava, e tinha cansado de mudar de apartamento.

O frio o incomodava. Penetrava na magreza de seu um metro e oitenta e alojava-se nos ossos. Levantou o colarinho de pele do casaco folgado. Antes de ter morrido, quando era apenas James Spector, os invernos de Nova York eram entorpecentes. Agora, apenas a agonia de sua morte, constantemente jorrando dentro dele, causava uma dor real.

Passou pela Igreja de São Marcos e caminhou a leste para a Tenth Street. A vizinhança era mais barra-pesada naquela direção, e provavelmente atendia mais às suas necessidades.

— Merda — disse ele quando a neve começou a cair novamente. As poucas pessoas nas ruas certamente buscariam refúgio dentro de casa. Se não conseguisse encontrar uma vítima ali, precisaria tentar no Bairro dos Curingas. O pensamento não o agradava. Os flocos pousavam sobre os cabelos e bigode escuros. Ele os limpava com a mão enluvada e seguia em frente.

Alguém acendeu um fósforo na escadaria da entrada de uma casa próxima. Spector caminhou devagar até a escadaria, procurando um cigarro.

O homem no portão era alto e de constituição robusta. Tinha uma pele pálida, esburacada, e olhos azuis. Tragou profundamente o cigarro e soprou fumaça no rosto de Spector.

— Tem fogo? — Spector perguntou, ousado.

O homem franziu a testa.

— Te conheço? — Ele olhou para Spector com cuidado. — Não. Mas talvez alguém tenha te enviado.

— Talvez.

— Rapaz esperto, hein. — O jovem sorriu, revelando dentes brancos e alinhados. — É melhor falar o que quer, cara, ou vou chutar sua bunda magra até você cair das escadas.

Spector decidiu apostar num pressentimento.

— Não estou conseguindo nada esses dias. Minha fonte secou, mas um amigo disse que tinha alguém por aqui que poderia me ajudar. — Ele projetou a necessidade com voz e postura.

O homem deu tapinhas nas costas dele e riu.

— Deve ser seu dia de sorte. Entre aqui na casa do Mike e vamos ajeitar as coisas para você agora mesmo.

O apartamento de Mike cheirava pior que uma caixa de areia de gato de uma semana. O chão estava cheio de roupas sujas e revistas pornográficas.

— Belo apartamento — Spector disse, mal escondendo o desprezo.

Mike empurrou-o com violência contra a parede e puxou as mãos de Spector para cima da cabeça. Ele o revistou rápido, mas completamente.

— Agora, me diz do que precisa, e te digo quanto vai custar. Se me der problema, estouro seus miolos. Já fiz isso antes. — Mike puxou um .38 cromado com silenciador e sorriu novamente.

Spector se virou devagar e parou quando seus olhos encontraram os de Mike, então conectou suas mentes. As sensações terríveis da morte de Spector correram para dentro do corpo de Mike. Conseguia sentir o peso que esmagou seu peito. Os músculos se contraíram involuntariamente com tal força que os ossos estalaram e os tendões romperam. A garganta sufocou quando o vômito subiu para a boca. O coração batia descontrolado, forçando o sangue contaminado a correr pelo corpo. A dor ardente gritava em sua mente a partir dos tecidos agonizantes. Os pulmões estouraram e pararam. O coração palpitou e parou. Mesmo após a escuridão, ainda havia dor. Spector manteve os olhos presos, fazendo Mike sentir cada detalhe, convencendo o corpo do traficante de que estava morto. Não parou até Mike estremecer de uma maneira que ele já conseguia reconhecer. Então, acabou.

Os olhos de Mike se reviraram e ele tombou sem vida no chão. Um reflexo do seu dedo morto disparou o .38. O projétil acertou Spector no ombro, girando-o contra a parede. Ele mordeu o lábio, mas tirando isso ele ignorou o ferimento e virou Mike.

— Agora você sabe como é tirar a rainha negra. — Ele pegou a arma e acionou a trava de segurança, enfiando-a cuidadosamente no cinto. — Mas olhe pelo lado bom. Você precisa passar por isso apenas uma vez. Eu acordo com ela toda manhã. — Spector revistou o corpo do homem. Pegou todo o dinheiro, até os trocados. Havia apenas seiscentos dólares.

— Imbecil barato. Estou tão feliz que poderia dividir alguma coisa com você — Spector disse, abrindo a porta para olhar para a entrada. Não viu ninguém e desceu as escadas rapidamente. O frio e a neve amorteceram os sons da cidade, abafando a vida.

Seu ombro estava curado no momento em que chegou ao seu apartamento.

Estava sendo seguido. Dois homens do outro lado da rua mantiveram o ritmo dele, ficando atrás apenas o suficiente para evitar seu campo de visão. Spector sentiu-os vários quarteirões antes. Seguiu para sul, longe de seu apartamento, para dentro do Bairro dos Curingas. Seria mais fácil despistá-los ali. Caminhava devagar, reservando energia caso tivesse que correr.

Talvez fossem amigos de Mike, o traficante. Provavelmente não; estavam muito bem-vestidos, e pessoas como Mike não tinham amigos. Mais provavelmente, trabalhavam para Tachyon. Por necessidade, Spector matara um ajudante na clínica no dia em que escapou. O merdinha cabeça de cenoura, quase sem dúvida, tentaria encontrá-lo e jogá-lo na cadeia. Ou, pior, levá-lo de volta para a clínica. As únicas lembranças que tinha da clínica do Bairro dos Curingas eram ruins.

Você, seu desgraçadinho, pensou, *já não fez o suficiente?* Ele odiava Tachyon por tê-lo trazido de volta. Odiava-o ainda mais do que qualquer um ou qualquer coisa no mundo. Mas o alienigenazinho o assustava. Spector começou a suar por baixo do sobretudo pesado.

Um curinga de quatro pernas bloqueou a calçada à sua frente. Quando se aproximou, moveu-

se como um caranguejo pelo beco para evitá-lo. Virou-se e olhou para o outro lado da rua.

Os dois homens estavam lá. Pararam e se agacharam juntos. Um cruzou a rua em sua direção. Spector poderia matá-los, mas Tachyon viria atrás dele com mais força. Melhor despistá-los e esperar que o takisiano o esquecesse.

As ruas, escorregadias pelo gelo, estavam quase desertas. Mesmo os curingas precisavam respeitar o frio feroz. Spector mordeu o lábio. O Crystal Palace estava apenas a um quarteirão de distância. Era um lugar tão bom como qualquer outro para tentar se livrar deles. Talvez Sascha pudesse pegá-los e escorraçá-los de lá.

O leão de chácara lançou-lhe um olhar realmente maldoso quando entrou. Spector queria lhe mostrar o que era um olhar realmente maldoso, mas deixar Crisálida irritada era a última coisa que precisava fazer naquele momento. Além disso, tão poucos lugares no Bairro dos Curingas tinham leões de chácara.

O interior do Crystal Palace sempre o deixava desconfortável. Era mobiliado do chão ao teto com antiguidades da virada do século. Se quebrasse ou danificasse qualquer coisa por acidente, provavelmente teria de matar vinte pessoas para pagá-la.

Sascha não estava ali, então o lugar não seria de grande ajuda. Caminhou rapidamente pelo bar principal e entrou numa sala contígua com cabines privadas. Ele se esgueirou para dentro da mais próxima e fechou as pesadas cortinas cor de vinho.

— Posso fazer algo por você?

Spector virou-se devagar. O homem sentado do outro lado da mesa vestia uma máscara da morte e uma capa preta com capuz.

— Eu disse, tem algo que possa fazer por você?

— Bem — disse ele, tentando ganhar tempo —, tem algo para beber?

A máscara o assustara, e Spector não precisava de desculpa para beber naqueles dias.

— Temo que apenas para mim. — O homem apontou para o copo pela metade diante dele. — Você parece estar com algum problema.

— Quem não está? — Spector não gostava do fato de ser tão transparente quanto a pele de Crisálida.

— Claro, problemas são universais. Um dos meus conhecidos mais próximos foi comido, devorado, por um dos visitantes extraterrestres, no mês passado. — Ele tomou um gole da bebida. — Tão incerto este mundo onde vivemos.

Spector abriu uma fenda na cortina. Os dois homens estavam no bar. O barman estava à frente deles, balançando a cabeça.

— É óbvio que você está sendo seguido. Talvez, se tivesse algum tipo de disfarce, poderia sair sem ser notado. — Ele tirou o capuz e a capa e deitou-os sobre a mesa.

Spector roía as unhas. Odiava confiar em qualquer um.

— Tudo bem. Agora, me diga o que tenho que fazer por você. Tem alguma coisa, não é?

— Apenas encher meu copo. Conhaque. O barman saberá qual tipo. — Ele tirou a máscara e jogou sobre a mesa.

Spector virou o rosto. O rosto do homem era idêntico à máscara. Sua pele era amarela e bem grudada nos ossos faciais salientes. Não tinha nariz. O curinga olhava para ele com olhos fundos e injetados.

— Bem…

Rapidamente, ele se vestiu com o disfarce, então pegou o copo.

— Volto num minuto. — Ele abriu as cortinas e saiu. Os homens estavam sentados a pouco mais de cinco metros. Olharam para ele enquanto caminhava até o bar. Estava suando de novo.

— Mais um — disse ele, após chamar a atenção do barman. O homem fez o que ele pediu. Spector voltou lentamente até a cabine. Apenas um dos homens estava olhando para ele, mas olhava com insistência.

— Aqui está — disse ele, entregando a bebida. — E aqui vou eu.

— Talvez você queria manter a roupa — disse o homem com cara de caveira. — Acho que vai precisar disso. — Ele fechou as cortinas.

Spector caminhou com lentidão medida até a porta. Os dois homens ainda estavam sentados.

Assim que botou os pés na rua, Spector correu. Saiu em disparada pelas calçadas congeladas, uma visão encapuzada da morte, até seu fôlego acabar. Esgueirando-se num beco, tirou a capa e a máscara e as enfiou no sobretudo, então partiu para casa.

♣

Foi para a cama bêbado pela terceira vez em tantas noites. Aliviava a dor o suficiente para ele dormir. Não tinha certeza se realmente precisava dormir, mas acostumou-se a fazê-lo nos anos antes de sua morte.

Um clique. Spector abriu os olhos e respirou fundo, levemente consciente de que algo estava acontecendo. A porta abriu um pouco, revelando uma réstia de luz externa. Spector esfregou os olhos e sentou-se. Enquanto procurava suas roupas, a porta parou, presa pela corrente. Ele voltou em direção às janelas, enquanto vestia as calças.

Ao encolher os ombros no sobretudo, ouviu algo bater à porta. A porta fechou. Spector sentiu cheiro de fumaça e frutos cítricos apodrecendo. Seus olhos encheram de água e ele hesitou em pernas vacilantes. Precisava se mover ou o gás o nocautearia. Abriu a janela e chutou a tela, mas um pé ficou preso no parapeito e ele caiu na escada de incêndio. Aterrissou desequilibrado e bateu a cabeça contra o corrimão de aço coberto de neve. A dor e o ar frio limparam sua mente momentaneamente. Havia um homem no topo da escada de incêndio, descendo às pressas, e ele ouviu o barulho de outro subindo. Em um momento, os dois estariam sobre ele.

Spector esforçou-se para levantar. O homem de baixo virou para subir o último lance. Spector saltou sobre ele, pegando o homem de guarda baixa, empurrando-o contra o corrimão. Spector ouviu a espinha do homem estalar com o impacto. Ele se recompôs e correu escada abaixo, deixando o homem gritando no patamar.

De dois andares acima da rua, ele saltou. Seu pé escorregou na calçada congelada quando ele aterrissou, e o corpo se dobrou. Buscou fôlego e conseguiu rolar. Uma mulher usando óculos de sol espelhados estava se curvando em sua direção. Segurava uma seringa hipodérmica. Ele a reconheceu assim que sentiu a agulha penetrando na sua carne.

♦

Spector entrou num corredor, mãos e pés bem presos com cordões de náilon. A mulher que o havia drogado supervisionava enquanto dois homens, vestindo sobretudos pesados e óculos espelhados, o levavam para uma sala escura. Como usavam óculos de proteção, ele não conseguia fazer contato visual com eles.

Spector foi jogado numa poltrona de madeira maciça. A sala tinha um cheiro de velho, como um sótão ou uma casa havia muito tempo abandonada.

— Ah, Enfermeira Gresham, vejo que trouxe de volta nosso encrenqueiro. — A voz era de um homem mais velho; seu tom era firme e frio.

— Foi osso duro de roer. Morreu mais um.

O homem estalou a língua.

— Então, ele é mesmo perigoso como você disse. Podemos dar uma boa olhada nele?

Spector ouviu um atrito de pedras quando o teto acima dele se abriu. A lua e as estrelas brilhavam intensamente através da claraboia. Ele vivera na cidade de Nova York a vida toda. A fumaça e as luzes da cidade dificultavam ver as estrelas, ainda assim elas brilhavam com força suficiente para ferir seus olhos ali. Seus interrogadores permaneciam fora da área iluminada.

— Bem, Sr. Spector, o que tem a dizer em sua defesa? — Silêncio. — Fale. Coisas ruins acontecem com quem me faz perder tempo.

Spector estava assustado. Sabia que Jane Gresham trabalhava para o Dr. Tachyon na clínica do Bairro dos Curingas, mas o homem que o interrogava definitivamente não era Tachyon.

— Até onde posso dizer — ele falou —, vocês vieram atrás de mim sem motivo nenhum. Peço desculpas pelo cara que morreu, mas não foi minha culpa.

— Não estamos falando disso, Sr. Spector. Três noites atrás o senhor matou um dos nossos sem razão. Ele estava apenas tentando satisfazer sua necessidade de drogas.

— Olha só, vocês entenderam tudo errado. — Spector entendeu que ele deve ter se enroscado numa operação de tráfico importante. A Enfermeira Gresham devia estar roubando todo tipo de drogas na clínica de Tachyon. — A negociação foi boa. Outra pessoa deve ter feito aquilo.

Houve um murmúrio, e o velho se moveu até a luz. Estava sentado numa cadeira de rodas elétrica. Sua cabeça era uma anormalidade de grande e parcamente coberta por cabelos brancos. O corpo magro era torto, como se forças dentro dele o estivessem movendo para direções diferentes. Sua pele era pálida, mas saudável, e usava óculos grossos.

— Lembra-se disto? — O velho segurava uma moeda. Spector reconheceu-a instantaneamente. Era uma moeda antiga que ele tirou do corpo de Mike. Como era do tamanho de meio dólar e datava de 1794, ele a guardou, pensando que pudesse valer alguma coisa.

— Não — disse, tentando ganhar tempo.

— Mesmo? Olhe com atenção. — A moeda brilhava num vermelho-sangue à luz da lua.

Spector ouvira o suficiente para saber que estava em apuros. Gresham e o velho o matariam. Se fosse impedi-los, agora era a hora.

— Ninguém se mexa, ou eu mato esse velho do mesmo jeito que apaguei seu amigo traficante.

Eles riram.

— Olhe para mim, Sr. Spector. — O velho inclinou-se para a frente. — Use seu poder em mim.

Spector encarou os olhos do homem e tentou partilhar sua morte. Pôde sentir que não estava funcionando, fosse lá por qual motivo. O velho parecia bloqueá-lo de alguma forma. Ele despencou na cadeira.

— Desculpe por desapontá-lo. Você não é o único com poderes extraordinários. Desamarre-o, Enfermeira Gresham.

A mulher, hesitante, fez o que ele mandou.

— Cuidado com ele — ela alertou o velho. — Ainda pode ser perigoso.

Spector não se sentia perigoso. Não sabia no que havia se envolvido, certamente não era uma operação de tráfico comum.

— Como sabem de mim? O que vocês querem?

— A Enfermeira Gresham mantinha um prontuário bem completo sobre o senhor na clínica. — O velho abriu um caderno e começou a ler. — James Spector, auditor fracassado de Teaneck, Nova Jersey, infectado pelo vírus carta selvagem há nove meses. Chegou clinicamente morto na clínica do Bairro dos Curingas. Como você não tinha familiares vivos para contestar, o Dr. Tachyon o ressuscitou com um processo experimental agora abandonado. Passou seis meses na UTI gritando de forma incontrolável. Por fim, com ajuda de medicamentos, foi trazido de volta à sanidade. Desapareceu aproximadamente há três meses. Coincidentemente, um assistente da clínica morreu misteriosamente no mesmo dia. Está tudo aqui. Bem completo.

— Vaca. — Spector tentou localizar a enfermeira na escuridão.

— Bem, bem — disse o velho. — Se eu deixar o senhor vivo, Sr. Spector, talvez tenha que gostar dela.

— Você me deixaria vivo? — Ele percebeu que não era a maneira certa de dizer aquilo. — Digo…

— Na realidade — o senhor interrompeu —, o senhor tem um grande talento. Ases são raros, não se deve jogá-los na privada e dar descarga. O senhor pode ser bem útil para a nossa causa.

— Que causa?

O velho sorriu.

— O senhor descobrirá se o aceitarmos em nossa… sociedade. Mas, antes de considerarmos isso, terá de provar seu valor. Temos um trabalhinho para o senhor, mas, com suas capacidades e as informações que lhe dermos, provavelmente não será difícil.

— E se eu não entrar no jogo? — Spector estava assustado, mas queria saber as consequências exatas.

O velho arrancou uma página do caderno e lhe entregou com uma caneta.

— Escreva seu endereço nesta folha e ponha no bolso.

Spector estava confuso, mas fez o que lhe foi pedido. O velho fechou os olhos com força e juntou a ponta dos dedos.

Spector estremeceu. Sentiu como se derramassem água fria no seu cérebro exposto.

— Estou sentindo… — Ele parou de falar, solapado pela sensação.

— Sim, eu sei. Diferente de qualquer coisa, não é? Agora, me diga seu endereço.

Spector abriu a boca para responder e percebeu que não conseguia lembrar. A informação simplesmente desaparecera.

— Amnésia seletiva. Quando uma pessoa está fisicamente diante de mim, posso arrancar dela o que quiser. — Ele levantou uma sobrancelha desgrenhada. — Ou posso remover tudo.

Spector ficou abalado, mas sabia que o poder do velho também poderia ser usado para retirar a memória de sua morte. A perda desse poder seria um preço pequeno a pagar para voltar a dormir à noite.

— Sei o que quer dizer. Farei qualquer coisa que quiser.

— Viu, Enfermeira Gresham, ele não será problema mesmo. Seria estúpido matar alguém que pode ser tão útil. Dê outra injeção e leve-o para seu apartamento antes que acorde.

— Esperem um minuto. Quem são vocês? Se não for pedir muito que vocês me digam.

— Meu nome verdadeiro significaria menos para o senhor do que para mim. Pode me chamar de Astrônomo.

Spector entendia que qualquer pessoa que chamasse a si mesmo de Astrônomo era realmente insano, mas não era hora nem lugar para discutir isso.

— Ótimo. Bem, Astrônomo, o que quer que eu faça por você? A única coisa que faço bem é matar pessoas.

O Astrônomo balançou a cabeça.

— Exatamente.

Spector estava nervoso por ter que matar um policial, especialmente por ser o Capitão McPherson. Ninguém fora estúpido ou corajoso o suficiente para procurar confusão com o chefe da Unidade de Forças Especiais do Bairro dos Curingas. O Astrônomo não lhe dera opção. A morte de McPherson tinha de parecer acidental, pois um dos aliados do Astrônomo deveria sucedê-lo. Se Spector falhasse ou tentasse fugir, o Astrônomo arrancaria todas as suas memórias, exceto sua morte.

Ele amarrou as caneleiras com força e desenrolou as pernas da calça jeans sobre elas. Também usava proteção adicional por baixo da camisa, nos antebraços.

O Astrônomo deveria estar planejando matar McPherson havia algum tempo. Spector estava sentado num sofá do apartamento logo abaixo do seu alvo. A mulher que vivia ali era uma das subalternas do Astrônomo. Pelo que tinham lhe dito, a empregada de McPherson também estava na operação.

— Se você quer substituir alguém, primeiro substitua as pessoas ao seu redor — o Astrônomo dizia.

Spector olhou para o relógio de parede. Os ponteiros estavam entre uma e duas da manhã. Ele verificou para garantir que a seringa hipodérmica estava no seu bolso, então apagou as luzes e abriu a porta da sacada.

Ele pegou a corda e amarrou o gancho de escalada acolchoado na ponta. A distância até a sacada acima era de aproximadamente seis metros. Inclinou o corpo para fora da sacada e lançou o gancho. Ele se encaixou com perfeição, uma das alças agarrando na beirada acima.

Um punhado de neve caiu em seu rosto. Ele puxou a corda. Ela estalou forte e o gancho se firmou.

Spector escalou rapidamente e ergueu-se sobre a beirada da sacada de McPherson. A neve acumulada abafava o som dos pés no concreto. Ele esperou um momento. Não ouvia nada lá de dentro.

A empregada fizera o que lhe foi ordenado. A porta da sacada estava destrancada. Spector empurrou-a para abrir; uma rajada de vendo frio correu para dentro do apartamento. Entrou em silêncio e fechou a porta.

O cão o aguardava. Conseguia ver o brilho vermelho refletido na retina do animal. O cão rosnou, ameaçador, e atacou. Spector não conseguia ver o animal claramente e levantou um braço para proteger a cabeça e o pescoço vulneráveis. Com a mão livre, pegou a seringa hipodérmica que a Enfermeira Gresham lhe dera.

O dobermann o golpeou, prendendo o braço estendido do homem entre as mandíbulas. Conseguia senti-lo tentando atravessar a proteção do braço para rasgar seus tendões.

Ele espetou a seringa no estômago do animal. Ele continuou a rosnar e mastigar o braço do homem. Uma luz acendeu-se no cômodo ao lado. Agora que conseguia ver, Spector empurrou o cão para o lado. O dobermann caiu pesadamente e tentou, imediatamente, levantar-se.

— Pegue ele, Oscar. Estraçalha. — A voz vinha do cômodo iluminado.

Oscar tentou reagir. Esgarçou os dentes e deu um passo, então seus olhos se fecharam e ele despencou.

Até aqui, tudo bem, pensou Spector. Ele fingiu mancar na direção do cômodo iluminado.

— Eu desisto. Seu cachorro me machucou bastante. Preciso de um médico. Por favor, me ajude. — Ele tentou soar ferido.

— Oscar? — A voz de McPherson era vacilante. — Você está bem, garoto?

O cão respirava ofegante e não se movia. A luz foi desligada no quarto ao lado.

Spector combatia o pânico. Não tinha pensado que McPherson desligaria as luzes. Seu poder era inútil no escuro. Ele ficou em pé, imóvel, por muito tempo. Não havia sons vindo do outro cômodo.

Ele deu um passo adiante. Conhecia a planta do apartamento. O interruptor de luz era ao lado da porta, no lado direito. Para alcançá-lo, teria de ficar totalmente exposto na entrada. Sabia que McPherson tinha uma arma e estaria pronto para usá-la. Começou a suar. A dor crescia dentro dele, preparando-se para o ataque. Deu mais um passo. Mais um e estaria na entrada.

Spector ouviu o som de um telefone sendo tirado do gancho. Deu um passo para a frente e alcançou o interruptor de luz. Seu dedo chegou embaixo dele e ligou as luzes.

McPherson estava encolhido atrás de uma grande cama de latão. Tinha o gancho do telefone numa mão e uma pistola automática na outra. A arma estava apontada para o coração de Spector. Seus olhos se encontraram e se fixaram. Spector lembrou-se do dedo morto de Mike e estremeceu quando a experiência da morte fluiu para dentro de McPherson.

O policial tremeu e engasgou, então se inclinou devagar por trás da cama. Spector fechou as mãos em punhos e suspirou. Foi até o lado do morto e tirou a arma de sua mão. Abriu a gaveta do criado-mudo com a mão enluvada e, cuidadoso, pousou a arma dentro dela. Spector sentiu

uma onda de alívio. Tinha imaginado vivamente a bala atravessando sua cavidade peitoral, fazendo com que sangrasse até a morte antes que pudesse se regenerar.

Apanhou um travesseiro e jogou-o no chão, como um recebedor encravando uma bola de futebol americano após um *touchdown*. Agora, talvez o Astrônomo e a Enfermeira Gresham o deixassem em paz. Ele devolveu o travesseiro para o lugar.

O telefone começou a apitar.

Spector pousou o fone sobre o gancho e arrumou o telefone no criado-mudo. Sentou sobre os lençóis desarrumados e examinou a vítima. O olhar no rosto de McPherson era igual ao que imaginou ter sido seu próprio rosto quando morrera.

— A morte lhe cai tão bem, McPherson — disse ao cadáver. — Mais impressionante que quebrar copos, não é, policial?

E gargalhou.

Spector tomou um gole do uísque Jack Daniel's Black Label e saboreou o calor enquanto ele se espalhava por dentro. Estava deitado no seu colchão grumoso, olhando para a pequena televisão em preto e branco. Um programa de notícias tardio fazia uma retrospectiva da invasão alienígena. As notícias sobre os monstros ainda eram importantes o suficiente, de forma que a morte de McPherson nem mesmo apareceu na primeira página do *New York Times*.

Pela milionésima vez, mostravam o videoteipe do ataque em Grovers Mill. Uma unidade da Guarda Nacional estava usando um lança-chamas em uma daquelas coisas. Ela deu um grito agudo enquanto pegava fogo e queimava. Spector sacudiu a cabeça. Poder matar alguém apenas ao olhá-los deveria ser o suficiente para dar certa segurança a uma pessoa, mas esse não era o caso. Os monstros do espaço lhe causavam a mesma sensação bizarra nas entranhas que o Astrônomo. Spector esperava nunca mais ver ou ouvir o velho novamente, agora que cumprira sua parte no acordo.

O vídeo terminara.

— E agora — o locutor disse —, para as considerações finais sobre essa tragédia, temos o prazer de receber nosso convidado, Dr. Tachyon.

Spector agarrou a garrafa quase vazia e preparou para lançá-la no aparelho. O ar tremulava ao lado da cama, e ele sentiu o quarto ficar cada vez mais frio. O contorno translúcido formou uma cabeça de chacal sem corpo. Fogo colorido descia de sua boca e narinas.

Spector caiu da cama, puxando as cobertas por cima dele.

— Bebendo de novo — o chacal disse. — Se não lhe conhecesse, diria que está com a consciência pesada. — A cabeça transformou-se em vapor e rapidamente deu forma ao Astrônomo.

— Puta merda. Tem alguma coisa que você não consiga fazer? — Ele jogou as cobertas para o lado e subiu novamente na cama.

— Todos temos nossas limitações. Aliás, se você vir a cabeça do chacal novamente, dirija-se a ela como Lorde Amon. Eu apareço dessa forma apenas usando uma forma avançada de projeção astral. Uma das minhas capacidades menos impressionantes, mas tem sua utilidade. — O Astrônomo olhou para a televisão, que desligou com um estalido. — Não quero

distrações.

— Olha, fiz o que você queria. O cara está morto e todo mundo está dizendo que foi um ataque cardíaco. Podemos dizer que estamos quites, e você pode me deixar em paz agora. — Ele lançou a garrafa na imagem. Atravessou-a silenciosamente e estourou na parede. — Então, cai fora.

O Astrônomo coçou a cabeça.

— Não seja tolo. Isso não vai ajudar nem a mim, nem a você. Podemos usá-lo. Um homem com seu poder seria de grande ajuda. Mas não sou tão egoísta para tentar fazer você se juntar a nós. Seria criminoso ficar parado e ver você desperdiçar seu talento desse jeito. Você precisa apenas de um guia para perceber seu potencial.

— Ah — Spector disse, tentando não gaguejar. — Meu potencial para quê?

— Para integrar a elite dominante numa nova sociedade. Para deixar as pessoas pálidas ao pensarem em você. — O Astrônomo estendeu as mãos fantasmagóricas. — O que ofereço não é uma promessa vazia. O futuro está nas nossas mãos neste exato momento. O que estamos fazendo é de importância cósmica.

— Parece bom — Spector disse, sem convicção. — Acho que, se você fosse me matar, já o teria feito. Mas, de verdade, não estou em condições de lidar com problemas cósmicos agora.

— Claro. Tenha uma boa noite de sono, se puder. Meu carro pegará você na porta do seu apartamento às dez da noite de amanhã. Você conhecerá um grande plano e dará seu primeiro passo no caminho da grandeza. — A imagem do Astrônomo piscou e desapareceu.

Spector estava bêbado e confuso. Ainda não confiava no Astrônomo, mas o velho estava certo sobre uma coisa. Estava desperdiçando seu novo poder e sua nova vida. Estava na hora de fazer algo nesse sentido. De um jeito, ou de outro.

♣

A limusine preta do Astrônomo estacionou no horário. Spector enfiou o .38 no casaco e caminhou devagar até a porta da frente. Quando tivesse a chance, mataria o velho. O Astrônomo era perigoso, e sabia demais para ser confiável. Uma janela espelhada abaixou-se e uma mão pálida acenou para ele entrar no carro. A cabeça do Astrônomo estava inchada, com grandes rugas que não estavam ali na noite anterior. Estava vestido num robe de veludo preto e usava um colar feito de moedas de 1794.

— Aonde vamos? — Spector tentou parecer despreocupado. Sabia que o revólver era a única arma possível contra o Astrônomo.

— Curiosidade. Isso é bom. Significa que está interessado. — O Astrônomo ajustou o cinto. — Você teve uma quantidade grande de dor e morte na vida. Hoje à noite haverá mais. Mas não será dor ou morte para você.

Spector inquietou-se.

— Olhe, o que você realmente quer de mim? Está causando problemas demais para um intruso. Deve ter algo especial em mente.

— Sempre tenho algo especial em mente, mas precisa confiar em mim quando digo que não sairá machucado. Foram anos de experimentação para controlar meus poderes. Alguns deles você já conhece. Outros — ele coçou a testa inchada — você testemunhará hoje à noite. Tive

um vislumbre do futuro, e você terá uma participação grande na nossa vitória. Mas seus poderes precisam ser fortalecidos e aprimorados. Isso poderá acontecer apenas se receber a instrução correta.

— Ótimo. Se quer que eu mate mais gente pra você, apenas diga. Claro, espero ser pago por isso. Mas não ache que pertenço ao seu grupinho. — Spector balançou a cabeça. — Ainda não sei quem diabos são vocês.

— Somos aqueles que entendem a verdadeira natureza de TIAMAT. Por meio dela, receberemos poderes inimagináveis. — O Astrônomo encarava os olhos do outro sem medo. — A tarefa será difícil, e será necessário grande sacrifício para concluí-la. Quando o trabalho estiver concluído, você pode dar seu preço.

— TIAMAT — Spector murmurou. O fervor do Astrônomo parecia genuíno, mas soava insano. — Olha só, é um pouco demais para mim agora. Apenas me diga para onde vamos.

— Após uma breve parada, para o Mosteiro.

— Não é um pouco perigoso? Muitos problemas aqui e ali com gangues de adolescentes. Muita gente sendo morta lá.

O Astrônomo riu baixinho.

— As gangues trabalham para nós. Mantêm as pessoas longe, inclusive a polícia, e os ajudamos a solidificar sua base de poder local. O Mosteiro é perfeito para nós, um prédio antigo em solo antigo. Perfeito.

Spector quis perguntar para que era perfeito, mas pensou melhor.

— Você não tem uma participação controladora no Metropolitan Museum, tem? — Sua tentativa de humor passou despercebida.

— Não. Tínhamos outro templo no centro, mas foi destruído numa explosão infeliz. Um dos meus irmãos mais queridos morreu. — Havia um sarcasmo satisfeito na voz do Astrônomo. — Escolha uma mulher para nós, Sr. Spector.

A limusine transitava metodicamente pela área da Times Square.

— Por que simplesmente não mandamos uma garota de programa para o Mosteiro? — Spector sempre quis destruir uma bela mulher. — Essas putas são a escória da Terra.

— Uma agenciada faria falta — o Astrônomo o advertiu. — E não precisamos de uma beleza estonteante. Tivemos dificuldades no passado, quando mulheres caras foram usadas. Desde então, tivemos de ser mais cuidadosos.

Spector, decepcionado, aceitou o conselho e olhou em volta.

— A loira ali não é tão má.

— Boa escolha. Pare perto dela. — O Astrônomo esfregou as mãos.

O motorista desacelerou a limusine e o Astrônomo baixou o vidro.

— Me desculpe, senhorita, estaria interessada numa festinha? Particular, claro.

A mulher inclinou-se para olhar dentro do carro. Era jovem com cabelo tingido platinado e uma disposição prática. Ela abriu o casaco de pele sintética para revelar um corpo bem proporcional, que era apenas parcialmente escondido por sua minissaia preta e justa.

— Economizando, rapazes? — Ela fez uma pausa, esperando um comentário, então continuou. — Como são dois, vai custar o dobro. Tem extra se for bizarrice ou algo especial que tenham em mente. Se são policiais, arranco a merda do seu coração fora.

O Astrônomo aquiesceu com a cabeça.

— Para mim parece ótimo. Se meu amigo concordar.

— Eu sou o que você tinha em mente, queridinho? — A mulher lançou um beijo molhado para Spector.

— Claro — disse ele, sem olhar para a garota.

A West Side Highway estava quase vazia e a viagem levou pouco tempo. O Astrônomo injetou uma droga na mulher que a deixou consciente, mas sem saber onde estava. Quando o carro entrou na via de acesso, Spector viu diversas formas espremidas contra árvores nuas. Na penumbra, viu o brilho do aço frio. Apalpou o .38 no bolso do casaco para saber se ainda estava lá.

Spector saiu do carro e caminhou rapidamente para o outro lado. Tirou a mulher do veículo e a guiou até o prédio. O Astrônomo caminhava lentamente na direção das portas.

— Pensei que você fosse aleijado.

— Às vezes, sou mais forte que os outros. Hoje à noite devo ficar o mais forte possível.

Uma rajada de vento frio sacudiu o robe em torno dele, mas ele não mostrou nenhum sinal de desconforto. Trocou algumas palavras com um homem na porta e balançou a mão como num ritual. O homem abriu a porta e apontou para Spector prosseguir.

Ele esteve no Mosteiro diversas vezes quando era bem jovem. A era conjurada pela arquitetura, pinturas e tapeçarias parecia mais agradável para Spector do que aquela na qual era forçado a viver.

No vestíbulo, uma fera esculpida em mármore os observava de cima. Tinha um físico angular e pequenas asas grudadas nas costas largas. A cabeça e a boca eram imensas. Mãos magras com garras seguravam um globo diante da boca cheia de presas. Spector reconheceu o globo como a Terra.

Uma figura moveu-se de trás da estátua e distanciou-se deles. Vestia um jaleco de laboratório sobre sua forma vagamente humana. Escondeu o rosto amarronzado de inseto e desapareceu nas sombras. Spector sentiu um arrepio.

A mulher sorriu e se agarrou nele.

— Sigam-me — o Astrônomo disse, impaciente.

Spector obedeceu. Observou que o interior do prédio era adornado com outras estátuas e pinturas repugnantes.

— Vocês fazem magia, não é?

O Astrônomo retesou-se com a palavra.

— Magia. Magia é apenas uma palavra que o ignorante usa para poder. As capacidades que você e eu possuímos não são mágica. São produtos da tecnologia takisiana. Certos rituais que até agora eram percebidos como magia negra, de fato, apenas abrem canais sensoriais para esses poderes.

O corredor abria-se para um pátio. A lua e as estrelas lançavam sobre o chão coberto de neve um brilho cintilante. Spector percebeu que foi onde devem tê-lo interrogado. Havia dois altares de pedra no centro do pátio. Ele viu um jovem nu e amarrado a um deles. O Astrônomo

caminhou até ficar ao lado do refém.

— Tire as roupas da mulher e amarre-a — disse o Astrônomo.

Spector a deixou nua e amarrou suas mãos e seus pés. A mulher ainda ria.

— Extra pra bizarrice. Extra pra bizarrice — disse ela.

O Astrônomo lançou uma mordaça para ele. Spector enfiou na boca da prostituta.

— Quem é o cara? — Spector perguntou, apontando o homem nu.

— O líder de uma gangue rival. Ele é jovem, seu coração é forte e seu sangue, quente. Agora, fique quieto.

O Astrônomo ergueu as palmas das mãos e começou a falar num idioma que Spector não entendia. Outros homens e mulheres de robe entraram, silenciosos, no pátio. Muitos tinham os olhos fechados. Outros encaravam o céu noturno. O Astrônomo pousou a mão sobre o peito do jovem. Ele gritou.

O Astrônomo apontou com a mão livre o fundo do pátio para um grupo de pessoas. Uma dúzia delas mais ou menos carregou uma jaula grande na direção do altar.

A criatura que estava dentro dela era imensa. Seu corpo peludo, com forma de salsicha, era rastejante e apoiado por muitas pernas curtas. A fera era em grande parte boca e dentes brilhantes como a estátua no vestíbulo. Tinha dois olhos grandes e pretos, e orelhas pequenas, que ficavam dobradas contra a cabeça. Spector reconheceu-a como uma das monstruosidades alienígenas.

O homem continuou a gritar e implorar. Estava a uma distância curta da boca aberta do bicho. A jaula foi lentamente empurrada para a frente até a cabeça do homem estar entre as barras de ferro. As mandíbulas da criatura fecharam de uma vez, interrompendo o grito final.

O Astrônomo ergueu o cadáver decapitado, cortando as cordas que o prendiam. O sangue do homem jorrava sobre sua pele e robe. O corpo do Astrônomo ficou forte e sua pele brilhou com uma vitalidade anormal enquanto continuava a entoar as palavras. Tirou a mão do peito do homem e levantou-a acima da cabeça, então lançou um objeto aos pés de Spector. O coração fora removido com precisão cirúrgica. Spector tinha visto filmes de cirurgiões psíquicos, mas nada tão espetacular assim.

O velho caminhou para a jaula e olhou para a coisa dentro dela.

— TIAMAT, por meio do sangue dos vivos, eu me torno seu mestre. Não poderá ter segredos comigo.

A criatura gemeu suavemente e afastou-se do Astrônomo o máximo que a jaula permitiu. O corpo do Astrônomo enrijeceu-se, sua respiração diminuiu. Por muito tempo, nada se moveu. Então, o velho apertou os punhos e gritou. Era um uivo diferente de tudo que Spector tinha ouvido antes.

O Astrônomo avançou sobre o cadáver e começou a rasgá-lo, lançando pedaços de carne e vísceras como um turbilhão. Correu de volta para a jaula e enterrou os dedos na cabeça da criatura. Ela tentou livrar-se, mas não conseguia morder nenhum braço do Astrônomo. O Astrônomo uivava e girava com maldade a cabeça da coisa. Um estalo alto, e o pescoço se partiu. O velho desabou no chão.

Spector ficou paralisado, enquanto os outros correram na direção do Astrônomo. A cena sangrenta o inundara com um brilho intoxicante. Ele conseguia sentir a necessidade de matar

crescendo rápido e forte dentro dele, dominando seus outros pensamentos. Ele se virou para a garota no altar.

— Não! — O Astrônomo aprumou-se e inclinou-se para a frente. — Ainda não.

Spector sentiu uma calma tomando conta dele. Sabia que o Astrônomo estava causando aquilo.

— Você fez isso comigo. Tenho que matar logo. Preciso disso.

— Claro. Claro, eu sei. Mas espere. Espere e será melhor do que você pode imaginar. — Ele cambaleou e respirou profundamente várias vezes. — TIAMAT não se revela tão facilmente. Ainda assim, precisei tentar. — O Astrônomo gesticulou para os outros no pátio e eles, rapidamente, saíram.

— O que estava tentando fazer com aquela coisa? Por que você a matou? — Spector perguntou, tentando controlar seu desejo.

— Estava tentando entrar em contato com TIAMAT por meio de uma de suas criaturas menores. Fracassei. Por isso, era inútil para nós. O Astrônomo tirou o robe e virou-se para a mulher. Correu os dedos cobertos de sangue entre os pelos púbicos escuros dela, então pousou as duas mãos em seu abdômen. Enquanto se apoiava nela, deslizou as mãos sob sua pele e começou a esmagar os órgãos internos. A mulher choramingava, mas não gritava. Aparentemente, estava desorientada demais para aceitar o que estava acontecendo com ela.

Spector assistiu ao ato com certa preocupação. Pelo que podia notar, o homem estava massageando a si mesmo dentro do corpo da loira. Spector tinha apenas um interesse moderado em sexo antes de morrer. Agora, mesmo esse interesse desaparecera.

Se quisesse atirar no velho, provavelmente não teria chance melhor. Ele pegou a arma. Quando o fez, a necessidade de matar o dominou. O Astrônomo dissipou sua influência calmante. Spector tirou a mão do casaco. Sabia do que precisava. A satisfação agora era o que vinha do cano da arma.

O Astrônomo ficava cada vez mais excitado. As rugas da sua testa começaram a pulsar visivelmente, e ele rasgava pequenos pedaços da mulher. Agora a mulher gritava.

Spector sentiu seu desejo crescer em harmonia com o do velho.

— Agora — disse o Astrônomo, investindo de modo selvagem. — Mate-a agora.

Spector aproximou-se, seu rosto apenas a poucos centímetros do dela. Conseguia ver o medo nos olhos da prostituta e estava certo de que ela conseguia ver a morte nos olhos dele. Ele entregou sua morte a ela. Lentamente. Não quis afogá-la, seria rápido demais. Ele preencheu a mente e o corpo da mulher. Ela se retorcia, receptáculo berrante do líquido preto e viscoso da morte.

O Astrônomo gemeu e caiu sobre ela, sacudindo Spector de seu estado de transe. Ele arrancava pedaços dela com os dentes e as mãos. A mulher estava morta.

Spector afastou-se e fechou os olhos. Nunca tinha desfrutado do ato de matar até agora, mas a satisfação e o alívio que sentira estavam além do que ele havia pensado ser possível. Tinha controlado seu poder, feito com que ele o servisse pela primeira vez. E sabia que precisava do Astrônomo para ser capaz de fazê-lo novamente.

— Ainda quer me matar? — O Astrônomo ergueu-se, exausto, do cadáver. — Acredito que a arma ainda esteja no seu casaco. É ela ou isto. — Ele ergueu uma das moedas.

Não havia chance real. Quaisquer dúvidas foram apagadas por aquilo que ele acabara de vivenciar. Pegou a moeda sem hesitação.

— Ei, todo mundo em Nova York tem um revólver. Esta cidade é cheia de pessoas bem perigosas.

O Astrônomo deu uma gargalhada alta, o som ecoou para fora dos muros de pedra.

— É apenas o primeiro passo. Com minha ajuda, você será capaz de coisas que nunca sonhou serem possíveis. De agora em diante, você não será mais James Spector. Nós, do círculo interno, chamaremos você de Ceifador. Para aqueles que se opuserem a nós, você será a morte. Rápida e implacável.

— Ceifador, gostei, é sonoro. — Ele concordou com a cabeça e enfiou a moeda no bolso.

— Confie apenas naqueles que se identificarem com a moeda. Seus amigos e inimigos são escolhidos por você agora. Passe a noite aqui, se quiser. Amanhã continuaremos suas aulas.

O Astrônomo pegou o robe e retirou-se para o fundo do pátio.

Spector esfregou as têmporas e caminhou para trás do prédio. A dor começou a crescer novamente. Ele a aceitava, até mesmo a amava. Seria a fonte de seu poder e satisfação. Havia tirado a rainha negra e sofrera uma morte terrível, mas um milagre ocorrera. Seu dom para o mundo seria o horror dentro dele. Talvez não fosse o bastante para o mundo, mas era o bastante para ele.

Ele se enroscou sob a estátua no vestíbulo e dormiu o sono dos mortos.

♣ ♦ ♠ ♥

Jube: Quatro

No terceiro andar do Crystal Palace havia câmaras privadas que Crisálida reservava para si. Ela esperava por ele numa sala de estar, sentada numa poltrona estofada de veludo vermelho atrás de uma mesa de carvalho. Crisálida fez um gesto na direção de um assento. Ela não perdia tempo.

— Você provocou minha curiosidade, Jubal.

— Não sei do que está falando — disse Jube, relaxando na ponta de uma cadeira com encosto de couro.

Crisálida abriu um antigo moedeiro de seda e tirou um punhado de pedras preciosas. Ela as alinhou sobre a toalha de mesa branca.

— Duas safiras estreladas, dois rubis e um diamante azul e branco perfeito — disse ela com voz seca e fria. — Todos não lapidados, da mais alta qualidade, nenhum pesando menos de quatro quilates. Todas apareceram nas ruas do Bairro dos Curingas dentro das últimas seis semanas. Curioso, não é mesmo? O que você conclui disso?

— Não sei — Jube respondeu. — Vou prestar atenção. Ouviu falar do curinga com poder de espremer um diamante até transformá-lo num torrão de carvão?

Ele estava blefando e ambos sabiam disso. Ela empurrou uma safira pela toalha de mesa com o dedinho da mão esquerda, sua carne tão clara quanto vidro.

— Você deu esta aqui a um agente sanitário por uma bola de boliche que ele encontrou numa caçamba?

— Sim — disse Jube. Era magenta e branca, furada sob medida para algum curinga, seus seis buracos arranjados num círculo. Não é surpresa que tenha sido jogada no lixo.

Crisálida empurrou o rubi com o dedo mínimo, e ele se moveu pouco mais de um centímetro.

— Esta foi para um escrivão de polícia. Você quis ver registros com relação a um corpo liberado do necrotério, e qualquer coisa que eles tivessem sobre essa bola de boliche perdida. Nunca soube que você tinha uma paixão assim por boliche, Jubal.

Jube deu um tapa na barriga.

— Não pareço um jogador de boliche? Não há nada de que eu goste mais do que fazer alguns *strikes* e beber umas cervejas.

— Você nunca pisou numa pista de boliche na sua vida, e não saberia diferenciar um *strike* de um *touchdown*. — Os ossos de seu dedo nunca pareceram tão assustadores como quando eles ergueram o diamante. — Este item foi oferecido a Devil John Darlingfoot no meu próprio salão vermelho. — Ela o rolou entre os dedos transparentes, e os músculos de sua face retorceram-se naquilo que deve ter sido um sorriso irônico.

— Era da minha mãe — Jube revelou.

Crisálida deu uma risadinha.

— E ela nunca se importou de tê-lo cortado ou encravado? Que estranho. — Ela baixou o diamante, pegou a segunda safira. — E esta aqui… sinceramente, Jubal! Acha mesmo que Elmo não me diria? — Ela juntou cuidadosamente a pedra com as outras. — Você precisa contratar alguém para realizar algumas tarefas e investigações não específicas. Muito bem. Por que não veio até mim, simplesmente?

Jube coçou uma de suas presas.

— Você faz perguntas demais.

— Muito justo. — Ela passou a mão sobre as joias. — Temos quatro aqui. Existem outras?

Jube concordou com a cabeça.

— Uma ou duas. Estão faltando as esmeraldas.

— Que pena. Adoro verde. A cor de competição britânica. — Ela suspirou. — Por que pedras preciosas?

— As pessoas relutaram em pegar meus cheques — Jube disse para ela —, e era mais fácil que carregar grandes quantias em dinheiro.

— Se existem mais de onde essas vieram — Crisálida disse —, cuide para que fiquem onde estão. Deixe que o boato se espalhe no Bairro dos Curingas de que o Morsa tem uma caixinha secreta de pedras preciosas, e não darei um mero centavo por suas chances. Você já pode ter remexido as águas, mas esperamos que os tubarões não tenham percebido. Elmo falou apenas comigo, claro, e Devil John tem seu senso de honra peculiar, acho que podemos confiar nele para manter o bico calado. Quanto ao lixeiro e ao escrivão, quando adquiri as pedras preciosas, comprei também o silêncio deles.

— Você não precisava fazer isso!

— Eu sei — ela comentou. — Da próxima vez que quiser informação, sabe onde está o Crystal Palace. Não sabe?

— Quanto você já sabe? — Jube perguntou.

— O bastante para dizer quando você está mentindo — Crisálida respondeu. — Sei que você está procurando uma bola de boliche por razões incompreensíveis para homens, mulheres ou curingas. Sei que Darlingfoot roubou aquele cadáver curinga do necrotério, o corpo era pequeno e peludo, com pernas de gafanhoto, e bem chamuscado. Nenhum curinga correspondente a essa descrição é conhecido por qualquer das minhas fontes, uma circunstância curiosa. Sei que Croyd fez um depósito em dinheiro bem grande no dia em que o corpo foi roubado, e um ainda maior no dia seguinte, e entre os depósitos teve um confronto público com Darlingfoot. E sei que você pagou um bom dinheiro para Devil John revelar quem ele representava neste pequeno melodrama, e tentou, sem sucesso, contratar seus serviços. — Ela se inclinou para a frente. — O que não sei é o que tudo isso significa, e você sabe quanto eu abomino um mistério.

— Dizem que toda vez que um curinga peida em qualquer lugar de Manhattan, a Crisálida tampa o nariz — Jube diz. Ele a encarava intensamente, mas a transparência de sua carne tornava sua expressão impossível de decifrar. O rosto de caveira atrás de sua pele cristalina encarava-o implacável pelos olhos azul-claros.

— Qual seu interesse nisso? — perguntou a ela.

— Incerto, até eu saber o que é “isso”. No entanto, você tem sido tão útil para mim por tanto tempo, e eu odiaria perder seus serviços. Sabe que sou discreta.

— Até ser paga para ser indiscreta — Jube enfatizou.

Crisálida riu e tocou no diamante.

— Segundo suas fontes, o silêncio pode ser mais lucrativo que a fala.

— É verdade — disse Jube. Decidiu que não tinha nada a perder. — Na verdade, sou um alienígena espião de um planeta distante — ele começou.

— Jubal — Crisálida interrompeu —, você está me fazendo perder a paciência. Nunca apreciei esse seu humor. Vá direto ao ponto. O que aconteceu com Darlingfoot?

— Nada de mais — Jube admitiu. — Sei por que quero o corpo. Não sei por que outra pessoa o quer. Devil John não me disse. Acho que eles estão com a bola de boliche. Tentei contratá-lo para tê-la de volta, mas ele não quis mais negócio comigo. Acho que está com medo deles, sejam lá quem forem.

— Acho que está certo. Croyd?

— Dormiu de novo. Quem sabe que utilidade ele terá quando acordar? Posso ficar esperando seis meses e ele acordar como um hamster.

— Por uma comissão — Crisálida disse com uma certeza gélida —, posso contratar os serviços de alguém que lhe trará respostas.

Jube decidiu ser direto, pois a evasão não estava levando a lugar algum.

— Não sei se eu confiaria em qualquer um que você contratasse.

Ela riu.

— Meu garoto, é a coisa mais inteligente que você disse em meses. E está certo. Você é um alvo fácil, e alguns dos meus contatos são menos do que respeitáveis, admito. Comigo intermediando, no entanto, a equação muda. Tenho certa reputação. — Ao lado do cotovelo dela havia um pequeno sino de prata. Ela o tocou levemente. — De qualquer forma, o melhor homem para este caso é uma exceção à regra geral. De fato ele tem ética.

Jube ficou tentado.

— Quem é?

— Seu nome é Jay Ackroyd. Um ás que é investigador particular. Nos dois sentidos da palavra. Às vezes, ele é chamado de Popinjay, pois aparece quando quer, mas não na cara dele. Jay e eu trocamos favores de vez em quando. Afinal, lidamos com o mesmo produto.

Jube tocou uma presa, pensativo.

— Tudo bem. O que me impede de contratá-lo diretamente?

— Nada — Crisálida disse. Um garçom alto com impressionantes chifres de marfim entrou, carregando um amaretto e um Singapore sling numa bandeja de prata antiga. Quando saiu, ela continuou. — Quer dizer, se preferir que a curiosidade dele recaia sobre você em vez de mim.

Ele fez uma pausa.

— Talvez fosse melhor eu ficar nos bastidores.

— Exatamente o que pensei — Crisálida disse, bebericando o amaretto. — Jay nem saberá que você é o cliente.

Jube olhou para a janela. Estava uma noite escura e sem nuvens. Conseguia ver as estrelas e sabia que, em algum lugar lá em cima, a Mãe ainda aguardava. Precisava de ajuda e tinha de

deixar de lado o medo.

— Você conhece um bom ladrão? — perguntou a ela, sem rodeios.

Aquilo a surpreendeu.

— Talvez — disse ela.

— Eu preciso — começou, sem jeito —, hum, de peças. Instrumentos científicos e, hum, componentes eletrônicos, microchips, coisas assim. Posso fazer uma lista para você. Envolve invadir alguns laboratórios corporativos, talvez algumas instalações federais.

— Estou fora de qualquer coisa que seja assim *tão* ilegal — Crisálida disse. — Por que precisa de eletrônicos?

— Para montar um radioamador pra mim — disse Jube. — Você faria isso pra salvar o mundo?

Ela não respondeu.

— Faria isso por seis esmeraldas perfeitamente iguais do tamanho de ovos de pombo?

Crisálida sorriu lentamente, e propôs um brinde.

— A uma relação longa e *lucrativa*.

Ela quase poderia ser um Mestre Comerciante, Jube pensou com certa admiração. Sorrindo com as presas à mostra, levantou o Singapore sling e levou o canudinho até a boca.

♣ ♦ ♠ ♥

Até a sexta geração

Walter Jon Williams

Epílogo

Foi fácil. Enquanto Rubor e Suado fingiam brigar na calçada em frente à van, Ricky e Loco simplesmente subiram no veículo, tiraram um par de caixas cada um e fugiram pela rua. O sujeito esquisito e alto que fazia o transporte nem notou que duas estavam faltando. Ricky se parabenizou pela ideia.

Não conseguiam oportunidades como essa com tanta frequência. O território dos limpos ficava cada vez menor. As gangues de curingas, como os Príncipes Demoníacos, estavam engolindo mais território. Que diabos, como lutar com uma coisa que parecia uma lula?

Ricky Santillanes enfiou a mão no bolso da calça jeans, tirando as chaves, e entrou no quartel do clube. Rubor foi até a geladeira pegar umas cervejas e os outros colocaram as caixas no sofá surrado e as abriram.

— Uau. Um videocassete.

— Que tipo de fitas?

— Parece que são filmes de monstros japoneses. E alguma coisa aqui chamada PORNÔ.

— Ei! Põe aí, cara!

As cervejas espocaram.

— Loco! Um computador.

— Não é um computador. É um equalizador gráfico.

— Claro que não, idiota. Já vi um computador antes. Na escola, antes de eu largar. Ricky olhou para a coisa.

— Wang não faz componentes de estéreo, cara.

— Foda-se.

Suado ergueu um gravador de CD e DVD-ROM.

— Que droga é essa aqui, cara?

— Aposto que é caro.

— Como vamos vender se não sabemos quanto pedir?

— Ei! Consegui colocar o videocassete!

Suado levantou uma esfera preta sem graça.

— Que é isso aqui, cara?

— Uma bola de boliche.

— O cacete que é. Leve demais. — Ricky a agarrou.

— Ei. Essa mina loira é gostosa.

— O que ela tá fazendo? Dando pro câmera? Cadê o cara?

— Eu já a vi em algum lugar.

— Onde tá o cara, camarada? É estranho. É como um close da orelha dela.

Ricky assistia enquanto manipulava a esfera preta. Sua superfície era morna.

— Ih! Parece que a mina tá voando ou algo assim!

— Para com isso.

— Sério. Olha. O cenário tá mexendo.

A loira pareceu estar voando, acelerando na direção do espaço ao fundo enquanto realizava atos sexuais vagamente percebidos. Era como se o parceiro invisível dela pudesse voar.

— Bizarro demais.

Loco olhou para a esfera preta.

— Me dá isso aqui — disse ele.

— Assiste ao filme aí, cara.

— Fala sério. Dá isso pra mim. — Ele esticou o braço.

— Vai se foder, idiota!

Luzes estranhas acenderam sobre as mãos de Ricky. Algo escuro cobriu Loco e, de repente, ele não estava mais lá.

Ricky levantou-se em silêncio, chocado, enquanto os outros se levantaram e gritaram. Era como se houvesse algo varrendo sua mente.

A esfera preta estava falando com ele. Parecia perdida e, de alguma forma, quebrada.

Podia fazer as coisas desaparecerem. Ricky pensou sobre os Príncipes Demoníacos e sobre o que ele poderia fazer com alguém que parecia uma lula. Um sorriso começou a se abrir em seu rosto.

— Ei, rapazes — disse ele. — Acho que tive uma ideia.

♣ ♦ ♠ ♥

Frio invernal

George R. R. Martin

Finalmente, o dia chegou, como ele sabia que chegaria. Era um sábado, frio e cinzento, com um vento ligeiro soprando do estreito de Kill van Kull. A cafeteira Mister Coffee estava programada para preparar o café às 10h30, quando ele acordasse; nos fins de semana, Tom gostava de dormir até mais tarde. Acrescentou generosamente leite e açúcar à caneca e levou-a para a sala de estar.

Havia correspondência antiga espalhada sobre o aparador: uma pilha de contas, folhetos de supermercado anunciando vendas havia muito passadas, um cartão-postal enviado por sua irmã quando ela foi para a Inglaterra no verão anterior, um envelope pardo e longo dizendo que Sr. Thomas Tudbury já poderia ter ganhado 3 milhões de dólares, e uma porção de porcarias com as quais precisava lidar com urgência. Embaixo disso tudo estava o convite.

Ele tomou um gole de café e olhou para a correspondência. Quantos meses tinha ficado ali? Três? Quatro? Tarde demais para fazer algo sobre ela agora. Até mesmo um *RSVP* seria lamentavelmente inadequado naquele momento. Lembrou-se do jeito que terminava *A primeira noite de um homem*, e saboreou a fantasia. Contudo, ele não era Dustin Hoffman.

Como alguém cutucando uma velha casca de ferida, Tom fuçou na correspondência até reencontrar um pequeno envelope quadrado. O cartão dentro dele era branco e direto.

SR. & SRA. STANLEY CASKO
TÊM A HONRA DE CONVIDAR V.SA.
PARA O CASAMENTO DE SUA FILHA BARBARA
COM O SR. STEPHEN BRUDER, DE WEEHAWKEN,
NA IGREJA DE ST. HENRY
ÀS 14H DO DIA 8 DE MARÇO
EM SEGUIDA RECEPÇÃO NO TOP HAT LOUNGE
RSVP 555-6853

Tom correu os dedos por um longo tempo sobre o papel em relevo, então o pousou de volta no aparador, jogou o lixo no cesto de vime que ficava ao lado do sofá, e foi até a janela.

No fim da First Street, havia pilhas de neve escura ao longo das trilhas de pedestre do pequeno e estreito parque da orla. Um cargueiro com a bandeira da Noruega seguia para o Kill van Kull na direção da ponte Bayonne e do Port Newark, rebocado por uma barcaça azul. Tom estava em pé ao lado da janela da sala de estar, mão no caixilho, a outra enfiada no bolso, observando as crianças no parque, observando o avanço contínuo do cargueiro, observando a água verde e fria do Kill e os embarcadouros e os montes de Staten Island mais

adiante.

Havia muito tempo, sua família vivera nos projetos habitacionais federais no fim da First Street, e a janela da sala de estar tinha visão para o parque e o Kill. Às vezes, à noite, enquanto os pais dormiam, ele se levantava, preparava um leite com chocolate e olhava pela janela para as luzes de Staten Island, que parecia impossivelmente distante e promissora. O que ele sabia? Era um projeto de criança que nunca havia deixado Bayonne.

Os grandes navios passavam mesmo à noite, e não era possível ver no escuro as trilhas de ferrugem ao lado deles ou o óleo que soltavam na água; à noite, os navios eram mágicos, ligados a altas aventuras e romances, a cidades lendárias onde as ruas reluziam numa escuridão perigosa. Na vida real, mesmo a cidade de Jersey era a terra do desconhecido, pelo que ele sabia, mas nos seus sonhos conhecia os brejos da Escócia, os becos de Xangai e a poeira de Marrakesh. Quando fez 10 anos, Tom aprendeu a reconhecer as bandeiras de mais de trinta nações diferentes.

Mas não tinha mais 10 anos. Faria 42 naquele ano e saiu de todos os quatro blocos dos projetos para uma pequena casa de tijolos vermelhos na First Street. No colégio, trabalhava nos verões arrumando aparelhos de TV. Ainda estava na mesma loja, mas subiu de cargo até gerente, e era proprietário de quase um terço dos negócios; naquela época, o lugar era chamado Broadway ElectroMart e vendia videocassetes, CD players e computadores, bem como aparelhos de televisão.

Você chegou longe, Tommy, ele pensou, com amargura. E, agora, Barbara Casko se casaria com Steve Bruder.

Não podia culpá-la. Ele não podia culpar ninguém, além de si mesmo. E, talvez, o Jetboy, e o Dr. Tachyon… sim, poderia culpá-los um pouco também.

Tom virou-se para sair e deixou as cortinas caírem de volta na frente da janela, sentindo-se um merda. Caminhou até a cozinha e abriu a típica geladeira de solteiro. Sem cerveja, apenas um dedo de um refrigerante Shop Rite sem gás no fundo de uma garrafa de dois litros. Arrancou o papel-filme de uma tigela com salada de atum, pretendendo fazer para si um sanduíche para o café da manhã, mas havia uma coisa verde crescendo sobre ela. De repente, ele perdeu o apetite.

Tirou o telefone de parede do gancho, discou os sete números familiares. No terceiro toque, uma criança atendeu.

— Aiô?

— Oi, Vito — Tom disse. — Seu velho está em casa?

Ele escutou o som da extensão sendo atendida.

— Alô? — uma mulher disse. A criança deu uma risadinha. — Já peguei aqui, meu amor — Gina falou.

— Tchau, tchau, Vito — Tom falou, enquanto a criança desligava.

— *Vito* — Gina falou, soando irritada e se divertindo ao mesmo tempo. — Tom, você é louco, não é? Por que quer confundir o menino o tempo todo? Da última vez foi Giuseppe. O nome dele é Derek.

— Bah — Tom respondeu. — Derek, que tipo de nome é esse? Dois belos filhos de italianos como você e o Joey, e vocês dão o nome pra criança de um palhaço de uma novela.

Dom teria um treco. Derek DiAngelis — parece uma crise de identidade ambulante.

— Então, faça um filho pra você e ponha nele o nome Vito — Gina retrucou.

Era apenas uma piada. Gina também só estava brincando, ela não quis dizer nada mais com isso. Mas saber disso não ajudou. Ele ainda sentia como se tivesse tomado um chute no estômago.

— O Joey tá aí? — perguntou de forma brusca.

— Está em San Diego — ela respondeu. — Tom, tudo bem com você? Parece estranho.

— Estou bem. Só queria falar um "oi". — Claro que Joey estava em San Diego. Joey viajava muito nessa época, safado sortudo. Joey DiAngelis "Ferro-velho" era um motorista estrela no circuito Derby de demolição, e no verão o circuito ia para climas mais amenos. Era um tipo de ironia. Quando eram crianças, mesmo seus pais imaginavam que Tom fosse aquele que sairia da cidade, enquanto Joey ficaria em Bayonne e cuidaria do ferro-velho do pai. E agora Joey era conhecido em quase todos os lugares, enquanto o ferro-velho de sua família pertencia a Tom. Era de se imaginar: até mesmo na escola primária, Joey era um demônio nos carrinhos bate-bate. — Bem, diga a ele que eu liguei.

— Eu tenho o número do hotel em que ele está — ela ofereceu.

— Não, obrigado. Não é tão importante. Até mais, Gina. Cuide bem do Vito. — Tom pousou o telefone no gancho.

As chaves do carro estavam no balcão da cozinha. Ele vestiu um casaco de camurça marrom meio disforme e saiu para a garagem no porão. A porta se fechou automaticamente atrás do seu Honda verde-escuro. Ele seguiu para leste na First Street, passou os projetos habitacionais e virou na Lexington. Na Fifth Street, pegou à direita e deixou a área residencial para trás.

Era um sábado frio e cinzento de março, com neve no chão e o frio invernal no ar. Estava com 41 anos e Barbara estava se casando, e Thomas Tudbury precisava voltar para a carapaça.

Eles se encontraram na Junior Achievement, organização de educação prática para os negócios, formados em dois colégios diferentes.

Tommy tinha pouco interesse em saber como o sistema de empresas livres funcionava, mas tinha muito interesse em garotas. Sua escola secundária era apenas de garotos, mas a JA atraía gente de todas as escolas secundárias locais, e Tom entrou inicialmente como primeiranista.

Tinha grande dificuldade em fazer amizade com *garotos*, e as garotas o aterrorizavam. Não sabia o que dizer para elas e ficava com medo de falar algo estúpido, então ficava quieto. Após poucas semanas, algumas começaram a provocá-lo. A maioria apenas o ignorava. As reuniões de terça-feira à noite tornaram-se algo que ele temeu durante todo o primeiro ano.

No último ano foi diferente. A diferença era uma garota chamada Barbara Casko.

Na primeira reunião, Tom estava sentado num canto, sentindo-se rechonchudo e triste, quando Barbara veio até ele e se apresentou. Ela era honestamente *amigável*; Tom ficou estupefato. Realmente incrível, e ainda mais surpreendente do que esta garota se desviar do seu caminho para ser gentil com ele era ela ser a garota mais linda da empresa, e talvez a mais linda de Bayonne. Tinha cabelos loiro-escuros que caíam sobre os ombros com as pontas

curvadas para cima, e olhos azul-claros, e o sorriso mais caloroso do mundo. Vestia suéteres de angorá, nada muito apertado, mas mostravam muito bem sua figura pequena e bela. Era bonita o suficiente para ser líder de torcida.

Tommy não foi o único que ficou impressionado com Barbara Casko. Quase imediatamente, ela se tornou presidente da empresa da JA. E, quando seu mandato expirara, após o Natal, e chegara o tempo de novas eleições, ela o nomeou para sucedê-la como presidente, e ela era tão popular que, de fato, o elegeram.

— Chame-a para sair — Joey DiAngelis disse em outubro, quando Tom ficou nervosíssimo para falar sobre ela. Joey tinha saído da escola um ano antes. Estava treinando como mecânico numa oficina na Avenue E. — Ela gosta de você, cabeça de bosta.

— Fala sério — Tom disse. — Por que ela sairia comigo? Você precisava vê-la, Joey, poderia sair com qualquer um que quisesse. — Thomas Tudbury nunca tivera um encontro na vida.

— Talvez ela tenha mau gosto — Joey falou, rindo.

Mas o nome de Barbara surgiu novamente. Joey era o único com quem Tom podia falar, e Barbara foi seu único assunto naquele ano.

— Dá um tempo, Tuds — Joey falou numa noite de dezembro, quando bebiam cerveja dentro do velho e decadente Packard, ao lado da baía.

— Se você não a convidar, eu convido.

Tommy odiou aquela ideia.

— Ela não faz seu tipo, italianinho bobo.

Joey sorriu, malicioso.

— Pensei que tinha dito que ela era uma garota.

— Ela faz faculdade, quer ser professora.

— Ah, esquece essa merda. Ela tem peitão?

Tom deu um murro no ombro dele.

Em março, quando ainda não havia chamado Barbara para sair, Joey disse:

— Que diabos você tá esperando? Ela te nomeou presidente da bosta da sua empresinha, não? Ela gosta de você, babaca.

— Só porque ela sabia que eu seria um bom presidente da empresa não significa que ela quer sair comigo.

— Chama ela, cabeça de bosta.

— Talvez — Tom disse, desconfortável. Duas semanas depois, numa quarta-feira à noite após uma reunião na qual Barbara estava especialmente gentil, ele chegou ao ponto de tentar encontrar o número dela na lista telefônica. Mas nunca telefonou.

— Há nove Casko diferentes na lista — falou para Joey quando se encontraram. — Não tenho certeza qual é o dela.

— Liga pra todos, Tuds. Que saco, eles todos são parentes.

— Vou me sentir um idiota — Tom comentou.

— Você *é* um idiota — Joey retrucou. — Olha só, se é tão difícil, da próxima vez que encontrar com ela peça o número do telefone.

Tom engoliu seco.

— Mas daí ela vai pensar que quero chamá-la pra sair.

Joey gargalhou.

— E daí? Você quer *mesmo* chamá-la pra sair!

— Só não tô pronto ainda, é isso. Não sei como. — Tom estava infeliz.

— É fácil. Telefona e, quando ela atender, você diz "Oi, aqui é o Tom, quer sair comigo?".

— E se ela disser não?

Joey deu de ombros.

— Então você liga para todas as pizzarias da cidade e manda entregar pizzas a noite inteira na casa dela. De anchova. Ninguém consegue comer pizza de anchova.

Naquele momento, maio já havia chegado, Tom havia descoberto à qual família Casko Barbara pertencia. Ela fez um comentário casual sobre a vizinhança, e ele prestou atenção de forma obsessiva, observou tudo que ela disse. Ele foi para casa e rasgou aquela página do catálogo telefônico e circulou o número de telefone com sua Bic. Até começou a discar. Cinco ou seis vezes. Mas nunca completou a chamada.

— Por que não, droga? — Joey perguntou.

— É muito tarde — disse Tom, com tristeza. — Quer dizer, a gente se conhece desde setembro, e eu não a chamei para sair; se chamar agora, ela vai pensar que sou um cagão ou algo assim.

— Você é um cagão — Joey disse.

— Pra quê? Vamos pra faculdades diferentes. Provavelmente a gente nunca mais vai se ver de novo depois de junho.

Joey amassou uma lata de cerveja na mão e disse três palavras.

— Baile de formatura.

— O que é que tem?

— Chame-a pro baile de formatura. Você quer ir ao baile, não é?

— Sei lá — Tom respondeu. — Quer dizer, não sei dançar. E que pergunta é essa? Você nunca foi a nenhuma porcaria de baile de formatura?

— Bailes de formatura são uma merda — Joey disse. — Quando saio com uma garota, prefiro levar pra a Estrada 44 e ver se consigo ver uns peitinhos do que segurar a mão dela num ginásio, sabe? Mas você não sou eu, Tuds. Não tenta me enganar. Você quer ir para aquele baile estúpido e nós dois sabemos disso, e se você entrar lá com a garota mais linda do lugar, vai estar no céu, caramba.

— Estamos em maio — Tom disse, com pesar. — Barbara é a garota mais linda de Bayonne, impossível ela já não ter companhia pro baile.

— Tuds, vocês são de escolas diferentes. Ela provavelmente conseguiu um acompanhante para o baile *dela*, mas qual a probabilidade de ela ter um pro *seu* baile? As garotas amam essas bostas de baile, se empetecar e vestir corpetes e dançar. Vai lá, Tuds. Não tem nada a perder. — Ele sorriu. — A não ser sua virgindade.

Na semana seguinte, Tom não pensava em nada além daquela conversa. O tempo estava acabando. A Junior Achievement estava no fim, e assim que terminasse nunca mais veria Barbara novamente, a menos que fizesse algo. Joey estava certo: ele precisava tentar.

Na terça-feira à noite, seu estômago parecia um nó durante a longa viagem de ônibus até a

parte alta da cidade, e ele foi ensaiando a conversa na cabeça. As palavras não viriam certas, não importava quantas vezes ele as rearranjasse, mas estava determinado que *alguma coisa* sairia, de algum jeito. Estava aterrorizado com a possibilidade de ela dizer não, e ainda mais temeroso que ela pudesse dizer sim. Mas precisava tentar. Não poderia apenas deixá-la ir embora sem que soubesse quanto gostava dela.

Sua maior preocupação era como diabos, ele poderia de alguma forma levá-la para outro lugar, longe dos outros jovens. Com certeza, não queria chamá-la para sair na frente de todo mundo. O pensamento lhe dava arrepios. As outras garotas pensavam que ele era hilário o suficiente do jeito que era, a presunção de ele chamar Barbara Casko para o baile faria com que rolassem de tanto rir. Ele apenas esperava que ela não dissesse a elas depois. Ele não achava que ela iria.

O problema estava resolvido para ele. Era a última reunião, e os consultores estavam entrevistando os presidentes de todas as empresas diferentes. Davam um título do Tesouro para o jovem escolhido como presidente do ano. Barbara fora presidente da empresa pelo primeiro semestre, Tom para o segundo; teriam de ficar esperando do lado de fora do corredor, apenas os dois, sozinhos, juntos, enquanto os outros estariam na reunião e os consultores estariam fora fazendo entrevistas.

— Espero que você vença — Tom disse, enquanto esperavam.

Barbara sorriu para ele. Estava com um suéter azul-claro e uma saia plissada um pouco abaixo dos joelhos, e em torno do pescoço tinha um medalhão em forma de coração numa corrente de ouro fina. Seus cabelos loiros pareciam tão macios que ele queria tocá-los, mas claro que não ousou. Ela estava em pé bem perto dele, e ele conseguia sentir como eles estavam limpos e cheirosos.

— Você está muito bonita — ele soltou, desajeitado.

Sentiu-se um idiota, mas Barbara pareceu não notar. Ela olhou para ele com seus olhos azuis, tão azuis.

— Obrigada — disse. — Espero que eles não demorem.

E, então, ela fez algo que o deixou surpreso — esticou o braço e o tocou, colocando a mão no braço dele, e disse:

— Tommy, posso te fazer uma pergunta?

— Uma pergunta — ele repetiu. — Claro.

— Sobre seu baile de formatura — Barbara disse.

Ele ficou como um zumbi por um longo momento, consciente do frio no corredor, dos risos distantes da sala de aula, das vozes dos consultores atravessando a porta de vidro jateado, da leve pressão da mão de Barbara e, acima de tudo, da proximidade dela, aqueles olhos azuis profundos olhando para ele, o medalhão pendurado entre as pequenas saliências arredondadas dos seios, o cheiro limpo e fresco dela. Para variar, não estava sorrindo. A expressão no rosto dela quase poderia ser de nervosismo. Isso apenas a deixava mais bonita. Ele queria abraçá-la e beijá-la. Estava desesperado de medo.

— O baile de formatura — ele finalmente se controlou. Com fraqueza. Ridiculamente, ele de súbito tomou ciência de uma imensa ereção apertando-se dentro das calças. Ele esperava apenas que ela não fosse notada.

— Você conhece o Steve Bruder? — ela perguntou.

Tom conhecia Steve Bruder desde a segunda série. Era o presidente de classe e jogava como pivô do time de basquete. Na escola primária, Stevie e seus amiguinhos costumavam humilhar Tom com socos. Agora, eram sofisticados alunos do último ano do secundário; usavam apenas as palavras.

Barbara não esperou pela resposta dele.

— A gente estava saindo — ela disse a ele. — Pensei que ele me chamaria para o baile, mas não chamou.

Você poderia ir comigo! Tom pensou loucamente, mas tudo que disse ele foi:

— Não chamou?

— Não — disse ela. — Você sabe, quer dizer, se ele chamou outra pessoa? Acha que ele vai me chamar?

— Não sei — Tom disse, chateado. — A gente não conversa muito.

— Ah — Barbara disse. Sua mão se afastou, e então a porta se abriu e o chamaram.

Naquela noite, Tom ganhou um título do Tesouro de cinquenta dólares como Presidente do Ano da Junior Achievement. Sua mãe não entendia por que ele parecia tão infeliz.

O ferro-velho ficava na praia de Hook, entre o amontoado de uma refinaria de petróleo abandonada e as águas verdes e frias da baía de Nova York. A cerca de alambrado com três metros de altura estava caindo aos pedaços, e a placa à direita do portão que alertava contra a entrada de estranhos tinha ferrugem. Tom saiu do carro, abriu o cadeado, desenroscou as pesadas correntes e entrou.

A cabana onde Joey e o pai, Dom, viveram havia muito tinha desaparecido nas ruínas. Não se lia mais os escritos esmaecidos da placa no telhado, mas Tom ainda via as letras apagadas: PEÇAS DE AUTOMÓVEIS E FERRO-VELHO DI ANGELIS. Tom comprara e fechara o ferro-velho dez anos antes, quando Joey se casou. Gina não queria viver num ferro-velho e, além disso, Tom estava cansado de todas as pessoas que rondavam por horas procurando uma transmissão DeSoto ou um para-choque para um Edsel 1957. Nenhum deles jamais deu de cara com seus segredos, mas houve situações que passaram por um triz, e mais de uma vez foi obrigado a passar a noite em algum telhado escuro no Bairro dos Curingas, porque em casa a barra não estava limpa.

Agora, após uma década de negligência benigna, o ferro-velho era um campo desordenado de ferrugem e desolação, e ninguém sequer se importava de dirigir até lá.

Tom estacionou seu Honda atrás da cabana e entrou a passos largos no ferro-velho com as mãos enfiadas nos bolsos e o capuz sobre a cabeça para se proteger do vento frio e salino vindo da baía. Ninguém tirara a neve dali, e não havia tráfego que a transformasse numa lama marrom imunda. Os montes de entulho e lixo pareciam polvilhados com açúcar de confeiteiro, e ele passou por pilhas maiores que ele, ondas brancas congeladas que arrebentariam quando as temperaturas aumentassem na primavera.

Bem no fundo, entre as pilhas agigantadas de automóveis enferrujados como lâminas de navalha, havia um lugar vazio. Tom chutou para longe a neve com a sola do sapato até

descobrir a placa de metal plana. O metal congelara, e ele estava ofegante antes de conseguir virar a tampa um metro para o lado e abrir o túnel embaixo dela. Teria sido muito mais fácil usar a telecinesia, arrastá-la com a mente. No passado, poderia ter feito isso. Não agora. O tempo prega peças engraçadas na gente. Dentro da concha, ficou cada vez mais forte, mas do lado de fora sua telecinesia enfraqueceu com o passar dos anos. Era tudo psicológico, Tom sabia disso; a concha transformou-se numa espécie de muleta, e sua mente recusava-se a deixá-lo usar a telecinesia sem ela, era isso. Porém, em alguns dias, quase parecia que Thomas Tudbury e o Grande e Poderoso Tartaruga tinham se tornado duas pessoas diferentes.

Ele mergulhou na escuridão, no túnel que ele e Joey cavaram juntos, noite após noite, nos idos de… que ano foi aquilo? 1969? 1970? Algo assim. Encontrou a grande lanterna de plástico no gancho, mas o facho de luz estava pálido e fraco. Precisava se lembrar de trazer pilhas novas da loja quando voltasse. Alcalinas da próxima vez, pois duravam muito mais.

Caminhou cerca de vinte metros antes de o túnel acabar, e a escuridão do bunker abriu-se em torno dele. Era apenas um grande buraco no chão, que ele escavou com sua telecinesia, seu teto rústico coberto por uma camada fina de terra e entulho para esconder o que havia embaixo. O ar estava denso e bolorento, e ele ouviu os ratos correndo da luz da lanterna. Na revista em quadrinhos, o Tartaruga tinha uma Caverna Tartaruga nas profundezas das águas da baía de Nova York, um lugar maravilhoso com teto abaulado e bancadas com computadores, e um mordomo que vivia lá e espanava todos os troféus e preparava refeições *gourmet*. Os roteiristas da Cosh Comics tinham feito algo muito melhor para ele do que ele jamais conseguiria fazer para si mesmo.

Passou pelas duas carapaças mais antigas até o último modelo, apertou a combinação e ergueu a escotilha. Rastejando para dentro, Tom fechou a carapaça e encontrou sua cadeira. Tateou pelo cinto de segurança e o afivelou. O assento era amplo e confortável, com apoios de braços com estofado grosso e o cheiro agradável de couro. Os painéis de controle estavam encaixados nas pontas dos braços da poltrona para fácil acesso com os dedos, os quais tatearam os botões com a facilidade de uma longa familiaridade, ligando ventiladores, aquecimento e luzes. O interior da carapaça era confortável e aconchegante, revestido com carpete felpudo verde. Tinha quatro televisões coloridas de 23 polegadas pregadas nas paredes acarpetadas, cercadas por bancadas de pequenas telas e outros instrumentos.

Seu dedo indicador esquerdo fez pressão numa tecla e as câmeras externas voltaram à vida, preenchendo as telas com formas cinzentas e vagas, até ele ligar o infravermelho. Tom empertigou-se devagar, verificando as imagens, testando as luzes, certificando-se de que tudo estava funcionando. Fuçou numa caixa de fitas cassete até encontrar Bruce Springsteen. *Um cara bacana de Jersey*, Tom pensou. Enfiou a fita no toca-fitas e Bruce lançou direto "Glory Days". Isso fez com que ele abrisse um sorriso superficial, difícil.

Tom inclinou-se para a frente e acionou uma alavanca. De algum lugar lá fora veio um zumbido. Pelo som, aquele mecanismo de abertura de garagem precisaria ser trocado logo. Nas telas, viu a luz entrar no bunker de cima. Uma cascata de neve e gelo caiu no chão de terra. Ele forçou com a mente; e a carapaça blindada se ergueu, e começou a flutuar na direção da luz. Então, Barbara Casko estava se casando com aquele babaca do Steve Bruder, e o que lhe importava? O Grande e Poderoso Tartaruga estava saindo para acabar com algum

monstrengo.

Uma coisa que Tom Tudbury havia descoberto havia muito tempo era que a vida não dava muitas segundas chances. Ele era sortudo. Teve uma segunda chance com Barbara Casko.

Aconteceu em 1972, uma década depois de tê-la visto pela última vez. A loja ainda chamava Broadway Television and Eletronics na época, e Tom era assistente de gerente. Estava atrás da caixa registradora, de costas para o balcão, enquanto arrumava algumas prateleiras, quando uma voz feminina disse:

— Com licença.

— Sim — ele falou, virando-se e encarando a mulher.

Seu cabelo loiro-escuro estava muito mais longo, chegando à metade das costas, e estava usando óculos espelhados de armações plásticas superfaturadas, mas atrás das lentes os olhos eram daquele azul. Vestia um suéter Fair Isle e calças jeans desbotadas, e alguma coisa na sua figura estava ainda melhor aos 27 do que era aos 17. Ele olhou para a mão dela e tudo que viu foi um anel de faculdade.

— Barbara — disse ele.

Ela olhou, surpresa.

— O senhor me conhece?

Tom apontou para o bóton de McGovern no suéter dela.

— Você me nomeou presidente, há muitos anos — ele falou.

— Eu não — ela começou, com um franzir perplexo no rosto, ainda aquele rosto mais lindo que sempre sorria para Tom Tudbury em toda a sua vida.

— Eu costumava usar corte escovinha — disse ele. — E uma jaqueta de veludo aberta. Preta. — Ele tocou seus óculos de aviador. — Essas eram armações de tartaruga da última vez que você me viu. Eu pesava quase o mesmo, mas era uns centímetros menor. E estava tão a fim de você que você mal poderia acreditar.

Barbara Casko sorriu. Por um momento, pensou que ela estava blefando. Mas os olhos dela encontraram-se com os dele, e ele soube.

— Como vai você, Tom? Faz tempo, hein?

Muito tempo, ele pensou. Ah, sim. Outra era.

— Estou bem — disse ele. Ao menos, era uma meia verdade. Era o fim da década mais emocionante do Tartaruga. A vida de Tom estava rapidamente se perdendo — saiu da faculdade após JFK ter sido baleado, e desde então vivia em um apartamento ruim num porão da 31st Street. Na verdade, nem se importava. Tom Tudbury e seu emprego estúpido eram secundários na sua vida *real*; eram o preço que pagava por aquelas noites e fins de semana na carapaça. No colégio, foi um gorducho introvertido com cabelo escovinha, todo inseguro, e com um poder secreto que apenas Joey conhecia. E agora era o Grande e Poderoso Tartaruga. Herói misterioso, celebridade, ás dos ases, e toda essa merda.

Claro que não poderia contar nada disso a ela.

Contudo, de alguma forma, isso nem importava. Apenas o fato de ser o Tartaruga mudou Tom Tudbury, lhe dera mais confiança. Por dez anos, teve fantasias e sonhos eróticos com

Barbara Casko, arrependeu-se de sua covardia, se perguntou sobre a estrada que não tomou e o baile ao qual nunca foi. Uma década depois, Tom Tudbury finalmente abriu o jogo.

— Você está magnífica — disse ele com toda a sinceridade. — Saio às cinco. Quer jantar comigo?

— Claro — disse ela. Então, riu. — Eu me perguntava quanto demoraria para me chamar para sair. Nunca pensei que seriam dez anos. Acho que você acabou de bater um novo recorde escolar.

Monstros eram como policiais, Tom concluiu; nunca estavam por perto quando realmente precisava deles.

Em dezembro, a história foi outra. Lembrou a primeira visão deles, lembrou que viagem longa e surreal pela rodovia de Jersey em direção à Filadélfia. Atrás dele havia uma coluna blindada; à frente, a rodovia estava deserta. Nada se movia, além de alguns jornais flutuando pelas pistas vazias. Nos dois lados da estrada, os aterros de lixo tóxico e as usinas petroquímicas se espalhavam como tantas cidades-fantasma. Aqui e ali, encontravam alguns refugiados exaustos escapando do Enxame, mas era isso. *Como num filme*, Tom pensou. Não acreditava naquilo.

Até entrarem em contato.

Um arrepio subiu pela sua espinha quando o androide arremeteu de volta para a coluna com a notícia de que o inimigo estava próximo e seguindo para Filadélfia.

— É isso — Tom disse para Peregrina, que pegara uma carona na carapaça para descansar as asas.

Ele demorou demais para encontrar uma fita — *Creedence Gold* — e a deslizou no toca-fitas antes de os brotos surgirem no horizonte como uma onda preta. Os voadores enchiam o ar na distância que as câmeras podiam captar, uma nuvem móvel de escuridão como uma imensa tempestade se aproximando. Ele se lembrou do tornado de *O mágico de Oz*, e como isso o deixou assustado na primeira vez que viu o filme.

Embaixo daquelas asas pretas, outros brotos se moviam — rastejando em barrigas segmentadas, caminhando sobre pernas de aranha de um metro, vazando pela estrada como *A bolha assassina*, e nada de Steve McQueen por aquelas bandas. Cobriam a estrada de lado a lado e transbordavam pelas beiradas, e moviam-se mais rápido do que ele conseguia imaginar.

Peregrina alçou voo. O androide já mergulhava na direção do inimigo, e Tom viu Mistral chegando, de baixo para cima, um relampejar azul entre as nuvens frias e finas. Engoliu em seco e colocou os alto-falantes no último volume; "Bad Moon Rising" retumbava no céu escuro. Ele se lembrou de pensar que a vida nunca seria a mesma. Quase quis acreditar naquilo. Talvez o novo mundo fosse melhor que o antigo.

Porém, era dezembro, e aquilo havia acontecido em março, e a vida era muito mais resiliente do que podia reconhecer. Como pombos-passageiros, os brotos ameaçaram escurecer o sol, e como os pombos-passageiros, desapareceram quase que imediatamente. Após aquele momento inesquecível, mesmo a guerra dos mundos havia se transformado em apenas outra tarefa. Era mais pesquisa do que combate, como matar baratas especialmente

grandes e feias. Garras, pinças e unhas venenosas eram inúteis contra sua armadura; o ácido secretado pelos voadores ferraram bem suas lentes, mas aquilo era mais um incômodo do que um perigo. Ele se pegou tentando pensar em maneiras novas e imaginativas de matar aquelas coisas para aliviar o tédio. Voava com eles até bem alto no céu, cortava-os ao meio, agarrava-os em punhos invisíveis e os esmagava como guacamole. Dia após dia, de novo e novamente, sem fim, até pararem de chegar.

E, depois disso, de volta para casa, ficou surpreso com a rapidez na qual a Guerra do Enxame desapareceu das manchetes, e como a vida voltou tão facilmente ao curso normal. No Peru, em Chade e nas montanhas do Tibete, as principais infestações alienígenas continuavam sua devastação, e remanescentes menores ainda causavam problemas aos turcos e nigerianos, mas os enxames do Terceiro Mundo eram apenas conteúdo da página quatro na maioria dos jornais norte-americanos. Enquanto isso, a vida continuava. As pessoas faziam pagamentos de hipoteca e trabalhavam; aqueles cujas casas e trabalhos haviam sido destruídos, preenchiam devidamente os pedidos de pagamento de seguro e se inscreviam no seguro-desemprego. As pessoas reclamavam do tempo, contavam piadas, iam ao cinema, brigavam sobre os esportes.

As pessoas faziam planos de casamento.

Os brotos não tinham sido *completamente* exterminados, é claro. Alguns monstros remanescentes espreitavam aqui e ali, em lugares distantes e em alguns nem tão distantes. Tom ansiava encontrar um hoje. Podia ser até um pequeno — voador, rastejador, não importava para ele. Teria ficado contente com criminosos comuns, um incêndio, um acidente de carro, qualquer coisa que tirasse Barbara de sua cabeça.

Nada para fazer. Era um dia cinzento, frio, deprimente, *estúpido*, mesmo no Bairro dos Curingas. Seu rádio de monitoramento da polícia não relatava nada além de alguns problemas domésticos, e tinha a regra de nunca se envolver neles. Com o passar dos anos ele descobriu que mesmo a mulher mais maltratada tende a ficar de alguma forma horrorizada quando uma carapaça do tamanho de um automóvel Lincoln Continental atravessa a parede do quarto e diz ao seu marido para tirar as mãos dela.

Ele cruzou toda a extensão da Bowery, flutuando no nível dos telhados, a carapaça lançando uma longa sombra preta que mantinha o ritmo com ela nas calçadas abaixo. O tráfego passava por baixo dele sem nem desacelerar. Todas as câmeras rastreavam, dando-lhe visualizações de mais ângulos do que poderia precisar. Tom olhava incansavelmente tela por tela, observando os transeuntes. Eles mal o notavam. Uma olhada rápida para cima quando a carapaça pairava pela sua visão periférica, um lampejo de reconhecimento, e então voltavam a cuidar da vida, entediados. *É só o Tartaruga*, ele os imaginou dizendo. Notícia antiga. Os dias de glória se extinguiram.

Vinte anos antes as coisas eram diferentes. Foi o primeiro ás a vir a público após uma longa década de ocultação, e tudo que fazia ou dizia era celebrado. Os jornais ficavam cheios com suas façanhas, e quando o Tartaruga sobrevoava, as crianças gritavam e apontavam, e todos os olhos se voltavam para sua direção. Multidões vibravam intensamente com fogos de artifício, desfiles e assembleias públicas. No Bairro dos Curingas, os homens tiravam suas máscaras para ele, e as mulheres lhe mandavam beijinhos quando passava. Era o próprio herói do Bairro dos Curingas. Como ele se escondia numa carapaça blindada e nunca mostrava o rosto,

muitos dos curingas supunham que ele fosse um deles, e o amavam por isso. Era um amor baseado na mentira, ou ao menos na incompreensão, e às vezes se sentia culpado por causa disso, mas, naqueles dias, os curingas precisavam desesperadamente de um dos seus para aplaudir; assim, ele deixou que os rumores continuassem. Nunca se esquivou para dizer ao público que na verdade era um ás; em algum momento, nem conseguia mais lembrar quando, o mundo parou de se importar com quem ou o que poderia estar dentro da carapaça do Tartaruga.

Naqueles dias, havia setenta ou oitenta ases apenas em Nova York, talvez até uma centena, e ele era apenas o mesmo velho Tartaruga. Agora, o Bairro dos Curingas tinha seus verdadeiros heróis curingas: Estranheza, Troll, Quasiman, as Irmãs Bizarras, além de ases-curingas que não tinham medo de mostrar o rosto para o mundo. Por anos, sentiu-se mal por aceitar a adulação dos curingas sob falsas premissas, mas assim que isso acabou descobriu que sentia falta dela.

Passando pelo Sara Roosevelt Park, Tom percebeu um curinga com cabeça de bode agachado na base do monumento abstrato de ferro vermelho em homenagem àqueles que morreram na Grande Revolta do Bairro dos Curingas, em 1976. O homem olhou para a carapaça com aparente fascinação. No fim das contas, talvez ele não estivesse totalmente esquecido, Tom pensou. Deu um zoom para olhar melhor seu fã. Foi quando percebeu o grosso cordão de muco verde e úmido pendurado do canto da boca do homem-cabra, e o vazio naqueles mínimos olhos pretos. Um sorriso triste espalhou-se pela boca de Tom. Ele ligou o microfone.

— Ei, rapaz — anunciou nos alto-falantes. — Tudo bem com você aí embaixo? — O homem-cabra mexia a boca, silenciosamente.

Tom suspirou. Alcançou o curinga com a mente e o ergueu no ar. O homem-cabra nem mesmo lutou. Apenas olhava à distância, vendo sabe-se lá Deus o que, enquanto a baba lhe corria da boca. Tom o segurou num ponto sob a carapaça e partiu na direção da South Street.

Pousou o homem-cabra delicadamente entre os deteriorados leões de pedra que guardavam os degraus da clínica do Bairro dos Curingas e aumentou o volume dos alto-falantes.

— Tachyon — disse ao microfone, e "TACHYON" retumbou pela rua, sacudindo janelas e assustando motoristas na avenida Franklin D. Roosevelt. Uma enfermeira de olhar penetrante apareceu na porta da frente e o encarou com raiva.

— Trouxe um pra vocês — Tom disse, num volume mais ameno.

— Quem é ele? — ela perguntou.

— Presidente do Fã-Clube do Tartaruga — Tom falou. — Como posso saber quem ele é? Mas precisa de ajuda. Olhe para ele.

A enfermeira lançou um olhar superficial para o curinga, então chamou dois assistentes que ajudaram o homem a entrar.

— Onde está Tachyon? — Tom perguntou.

— Almoçando — respondeu a enfermeira. — Deve voltar às 13h30. Provavelmente está no Hairy's.

— Deixa pra lá — Tom disse. Deu impulso e a carapaça ergueu-se na direção do céu. A via expressa, o rio, os telhados do Bairro dos Curingas diminuíam embaixo dele.

Engraçado, mas quanto mais alto estivesse, mais bela parecia Manhattan. Os magníficos arcos de pedra da ponte do Brooklyn, as alamedas retorcidas de Wall Street, a Senhora Liberdade na ilha, os navios no rio e as balsas na baía, as torres altivas do edifício da Chrysler e do Empire State, a vastidão verde e branca do Central Park; das alturas, o Tartaruga inspecionava tudo. O padrão intrincado do tráfego fluindo pelas ruas da cidade era quase hipnótico, se você olhasse por bastante tempo. Olhando para baixo do céu frio invernal, Nova York era linda e incrível, como nenhuma outra cidade no mundo. Apenas quando se descia entre aqueles cânions de concreto era possível ver a sujeira, sentir o cheiro do lixo podre em milhões de latas amassadas, ouvir os xingamentos e os gritos, e sentir a profundidade do medo e da desgraça.

Ele pairava bem alto sobre a cidade, um vento frio gemendo em torno da carapaça. O rádio da polícia chiava trivialidades. Tom ligou a frequência da Marinha, pensando que talvez pudesse encontrar um barquinho em perigo. Uma vez, salvou seis pessoas de um iate que havia emborcado numa borrasca de verão. Mais tarde, o grato proprietário entregou-lhe uma recompensa gigantesca. O cara era esperto também: pagou em dinheiro, pequenas notas gastas, nada maior do que vinte dólares. Seis malditas maletas. Os heróis que Tom lia quando criança sempre recusavam os prêmios, mas nenhum deles vivia num apartamento pequeno ou dirigia um Plymouth com oito anos de uso. Tom pegou o dinheiro, aliviou a consciência dando uma maleta para a clínica, e usou as outras cinco para comprar sua casa. Não havia como conseguir comprar uma casa própria com o salário de Tom Tudbury. Às vezes, preocupava-se com as auditorias da receita federal, mas até agora isso não havia acontecido.

Seu relógio mostrava 13h03. Hora do almoço. Abriu o pequeno refrigerador no assoalho, onde havia deixado uma maçã, um sanduíche de presunto e um engradado com seis latas de cerveja.

Quando acabou de almoçar, eram 13h17. Menos de 45 minutos, ele pensou, e lembrou-se daquele filme do velho Cagney sobre George M. Cohan e da música “Forty-Five Minutes From Broadway”. Naquele momento, um ônibus saindo da rodoviária de Port Authority levaria 45 minutos para chegar a Bayonne, mas era mais rápido pelo ar. Dez minutos, 15 no máximo, e ele poderia voltar.

Mas para quê?

Ele desligou o rádio, enfiou de novo o Springsteen no toca-fitas e rebobinou até encontrar “Glory Days” novamente.

♣

Na segunda vez, as coisas foram muito melhores.

Após a graduação, ela foi para Rutger, Barbara disse a ele naquela primeira noite, em meio a sanduíches de steak e canecas de cerveja no Hendrickson’s. Ela recebeu o diploma de professora, passou dois anos na Califórnia com um namorado e voltou para Bayonne quando terminaram. Estava dando aulas lá agora, jardim de infância, e na antiga escola primária de Tom, por ironia do destino.

— Eu amo — disse ela. — As crianças são fantásticas. Cinco anos é uma idade mágica.

Tom a deixou falar sobre a vida por um longo tempo, feliz apenas por estar ali sentado com

ela, ouvindo sua voz. Gostava do jeito como os olhos dela reluziam quando falava das crianças. Quando finalmente ela cansou, ele fez aquela pergunta que o incomodara todos aqueles anos.

— Steve Bruder chamou você para o nosso baile?

Ela fez uma careta.

— Não, aquele filho da puta. Foi com Betty Moroski. Chorei por uma semana.

— Ele era um idiota. Meu Deus, ela não chegava aos seus pés.

— Não — Barbara contestou, com um retorcer irônico na boca —, mas já transava, e eu não. Esqueça isso. E você? O que você tem feito nos últimos dez anos?

Seria infinitamente mais interessante se tivesse dito a ela sobre o Tartaruga, sobre a vida nos céus frios e nas ruas malvadas, sobre os apuros, os bons tempos e as manchetes. Poderia ter se vangloriado de ter capturado o Grande Gorila durante o grande blecaute de 1965, poderia ter dito a ela como salvou a vida e a sanidade do Dr. Tachyon, poderia ter, como quem não quer nada, mencionado nomes dos famosos e infames, ases e curingas, e celebridades de todos os níveis. Mas tudo aquilo era parte de outra vida e pertencia a um ás que vinha enlatado numa carapaça de ferro. A única coisa que tinha para oferecer a ela era Thomas Tudbury. Enquanto falava sobre si, percebeu pela primeira vez como sua vida "real" era verdadeiramente vazia e triste.

Ainda assim, parecia ser o suficiente.

Aquele primeiro encontro levou a um segundo, o segundo a um terceiro, e logo se encontravam regularmente. Não era o namoro mais empolgante do mundo. Durante a semana, iam aos cinemas locais, no DeWitt ou no Lyceum; às vezes, apenas assistiam à televisão juntos e se revezavam na preparação do jantar. Aos fins de semana, iam para Nova York; peças da Broadway quando podiam pagar por elas, jantares tardios em Chinatown e Little Italy. Quanto mais ficava com ela, mais achava impossível estar sem ela.

Os dois gostavam de vinho tinto, pizza e rock and roll. Ela havia participado de passeatas em Washington um ano antes para tirar as tropas do Vietnã, e ele esteve lá também (dentro de sua carapaça, flutuando sobre a alameda com símbolos de paz na sua armadura e uma linda loira de bustiê e jeans sentada sobre a carapaça, cantando as canções antiguerra que retumbavam dos alto-falantes, mas não podia contar a ela aquela parte). Ela amou Gina e Joey, e os pais dela pareciam aprová-lo. Ela era torcedora de beisebol, levada a abominar os Yankees e a amar os Brooklyn Dodgers, como ele. Quando chegou outubro, ela se sentou ao lado dele nas arquibancadas do Ebbetts Field, quando Tom Seaver arremessou os Dodgers para a vitória sobre o Oakland A's, no 17o e decisivo jogo da série. Um mês depois, ele estava lá para compartilhar sua angústia na derrota esmagadora de McGovern. Eles tinham tanto em comum.

Ele apenas não percebera *quanto* até a semana depois do dia de Ação de Graças, quando ela chegou ao apartamento dele para o jantar. Ele foi para a cozinha, abriu o vinho e verificou o molho do espaguete, e quando voltou a encontrou em pé na frente de sua estante de livros, folheando uma edição em brochura de *O dia da carta selvagem*, de Jim Bishop.

— Você deve ter interesse nessa coisa — disse ela, erguendo a cabeça na direção dos livros. A coleção sobre o carta selvagem tomava quase três prateleiras. Ele tinha tudo: todas

as biografias do Jetboy, a coleção de discursos de Earl Sanderson e as memórias de Archibald Holmes, o *Wild Card Chic*, de Tom Wolfe, a autobiografia de Ciclone escrita por Robin Moore, o *Information Please Almanac of Aces*, e muito mais. Inclusive, claro, tudo que havia sido publicado sobre o Tartaruga.

— Sim — ele comentou —, isso, hum, sempre me interessou. Essas pessoas. Eu amaria conhecer um carta selvagem.

— Você conhece — disse ela, sorrindo, devolvendo o livro para a estante ao lado do *Homem invisível*, de Ralph Ellison.

— Conheço? — Ele estava confuso e um pouco surpreso. Ele teria se denunciado de alguma forma? Joey contou para ela? — Quem?

— Eu — Barbara disse. Ele deve ter olhado com incredulidade. — Não, é sério — disse ela. — Eu sei, não parece. Não sou um ás nem nada disso. Ele não *fez* nada comigo, ao menos ninguém pode dizer. Mas eu peguei. Tinha apenas dois anos, então não me lembro de nada. Minha mãe disse que eu quase morri. Os sintomas… eu devo ter ficado com uma aparência inacreditável. Nosso médico primeiro pensou que fosse caxumba, mas meu rosto não parava de inchar, até ficar parecendo uma bola de basquete. Então, eles me transferiram pro Hospital Mt. Sinai. Era lá que o Dr. Tachyon trabalhava na época.

— Sei — Tom disse.

— Bem, eu me recuperei. O inchaço durou apenas alguns dias, mas ele me reteve lá por um mês, fazendo exames. Era mesmo o carta selvagem, mas poderia ter sido também catapora, por tudo que causou. — Ela riu. — Ainda assim, era nosso segredo de família profundo, obscuro. Papai saiu do emprego e nós nos mudamos para Bayonne, onde ninguém nos conhecia. As pessoas suspeitavam dos cartas selvagens naquela época. Eu mesma soube apenas quando entrei na faculdade. Mamãe teve medo que eu contasse.

— Você contou?

— Não — Barbara falou. Parecia estranhamente séria. — Para ninguém. Até esta noite, pelo menos.

— Então, por que você me contou? — Tom perguntou.

— Porque eu confio em você — disse ela, num sussurro.

Ele quase contou para ela, ali, na sala de estar. Ele quis. Mais tarde, sempre que pensava sobre aquela noite, flagrava-se desejando ter contado, e se perguntava o que teria acontecido.

Mas, quando abriu a boca para dizer as palavras, para lhe falar sobre a telecinesia e o Tartaruga e os segredos do ferro-velho, foi como se os anos tivessem voltado e ele estivesse novamente no colégio, em pé ao lado dela naquele corredor, querendo desesperadamente chamá-la para ir ao baile e, de alguma forma, incapaz de fazê-lo. Ele guardou seus segredos por tanto tempo. As palavras não vieram. Tentou, por um bom tempo ele tentou. Então, vencido, ele a abraçou e murmurou:

— Fico feliz que você tenha me dito. — E se retirou para a cozinha a fim de se recompor. Ele olhou para o molho do espaguete quase fervendo no fogão, e de repente esticou o braço e desligou o fogo.

— Pegue seu casaco — disse ele quando voltou até ela. — Os planos mudaram. Vou te levar para jantar fora.

— Fora? Onde?

— Aces High — disse ele enquanto pegava o telefone para fazer a reserva. — Vamos ver aqueles cartas selvagens hoje à noite.

Eles jantaram entre ases e estrelas. Custou a ele duas semanas de salário, mas valeu a pena, mesmo que o *maître* tenha olhado para seu terno de veludo cotelê e os levado para uma mesa no fundo, ao lado da cozinha. A comida foi quase tão extraordinária quanto a luz nos olhos de Barbara. Estavam se deliciando com a entrada quando Dr. Tachyon entrou, vestindo um smoking de veludilho e acompanhado pela Liza Minelli. Tom foi até a mesa deles e pegou o autógrafo de ambos num guardanapo de coquetel.

Naquela noite, Barbara e ele fizeram amor pela primeira vez. Depois, enquanto ela dormia com o corpo encolhido encostado no dele, Tom se deu conta do calor dela, sonhando com os anos vindouros, e se perguntando por que diabos ele demorou tanto.

Ele estava dando uma volta sobre o lago do Central Park, ouvindo Bruce e comendo um pacote de Doritos sabor queijo nacho, quando percebeu que estava sendo seguido por um pterodátilo.

Através de uma lente telescópica, Tom observou-o circulando sobre ele, flutuando com o vento numa envergadura de quase dois metros de couro. Franzindo a testa, parou a fita e falou no alto-falante.

— EI! — ele reverberou no ar invernal. — NÃO TÁ FRIO AÍ? VOCÊ É UM RÉPTIL, VAI CONGELAR A BUNDA ESCAMOSA.

O pterodátilo respondeu com um grito alto, fino, fez uma volta grande e aproximou-se para pousar sobre a carapaça, batendo as asas com força ao descer para evitar escorregar pelas beiradas. Suas garras riscaram o metal e encontraram apoio nas ranhuras entre as placas da armadura.

Suspirando, Tom observou numa das grandes telas quando o pterodátilo estremeceu, fluiu e transformou-se no Kid Dinossauro.

— Também deve estar frio pra você — o garoto disse.

— Eu tenho aquecedores aqui dentro — Tom disse. O garoto já estava ficando azulado, o que não era surpreendente, visto que estava nu. Não parecia muito estável ali também. O topo da carapaça era bem amplo, mas tinha mesmo uma inclinação pronunciada, e dedos humanos não conseguiam agarrar nas fendas entre as placas tão bem quanto as garras do pterodátilo. Tom começou a pairar para descer.

— Seria muito bem feito para você se eu desse um loop e te jogasse direto no lago.

— É só me transformar de novo e voar — o Kid Dinossauro disse. Ele tremia. — Está frio. Eu não tinha percebido. — Na sua forma humana, o único ás pirralho de Nova York era um adolescente desajeitado de 13 anos com uma pequena marca de nascença na testa. Era bobo e atrapalhado, com cabelos desgrenhados que caíam sobre os olhos. O olhar implacável das câmeras mostrava os cravos no nariz com detalhes agonizantes. Tinha uma espinha enorme na covinha do queixo. E não era circuncidado, Tom percebeu.

— Caramba, onde estão suas roupas? — Tom perguntou. — Se eu te deixar no parque, você

vai ser preso por atentado ao pudor.

— Eles não ousariam — Kid Dinossauro disse com a certeza excessiva da adolescência. — Que está acontecendo? Tá numa aventura? Posso ajudar.

— Você está lendo muitos livros estranhos — Tom lhe disse. — Fiquei sabendo o que houve da última vez que você ajudou alguém.

— Hum, eles costuraram as mãos dele de volta, e Tacky disse que ficaria tudo bem. Como eu poderia saber que o cara era um policial disfarçado? Eu não morderia se soubesse disso.

Aquilo não era nem um pouco engraçado, mas Tom sorriu. Kid Dinossauro lhe trazia recordações de si mesmo. Ele lera um monte de livros estranhos também.

— Garoto — disse ele —, você não fica o tempo todo correndo por aí pelado, se transformando em dinossauros, não é? Você tem outra vida?

— Não vou te dizer minha identidade secreta — Kid Dinossauro disse, rapidamente.

— Tá com medo que eu diga pros seus pais? — Tom quis saber.

O rosto do garoto enrubesceu. O resto do corpo estava mais azul do que nunca.

— Não tenho medo de nada, seu velho cagão — disse ele.

— Pois deveria — Tom falou. — De mim, para começar. Sim, eu sei, você pode se transformar num tiranossauro de um metro e enfiar os dentes na minha armadura. Tudo que eu posso fazer é esmagar cada osso do seu corpo em 12 ou 13 pontos diferentes. Ou entrar em você e esmagar seu coração até ele virar mingau.

— Você não faria isso.

— Não — Tom admitiu —, mas algumas pessoas fariam. Você tá metendo os pés pelas mãos, seu merdinha. Droga, não me importo em que tipo de dinossauro de brinquedo você pode se transformar, uma *bala* ainda pode te matar.

Kid Dinossauro parecia chateado.

— Vai se foder — disse ele. A maneira enfática com a qual disse aquilo deixou claro que não usava aquele tipo de palavreado em casa.

Não tá indo bem, Tom pensou.

— Olha só — disse ele num tom reconciliador —, só queria te contar algumas coisas que aprendi do jeito mais difícil. Você não quer ser pego também. É ótimo que você seja o Kid Dinossauro, mas você também é, hum, seja lá quem você for. Não se esqueça disso. Em que série você está?

O garoto murmurou.

— Que há com todos vocês? Se vai começar a falar de álgebra, pode esquecer!

— Álgebra? — Tom falou, confuso. — Não disse nada sobre álgebra. Suas aulas são importantes, mas não é nada disso. Faça amigos, caramba, marque encontros, não deixe de ir ao baile de formatura. Ser capaz de se transformar num brontossauro do tamanho de um dobermann não vai fazer você ganhar prêmios na vida, entende?

Ele pousou com um estampido suave na grama coberta de neve na campina. Ali perto, um vendedor de pretzel com protetor de orelhas e sobretudo estava observando, perplexo, a carapaça blindada e o garoto trêmulo sobre ela.

— Você ouviu o que eu disse? — Tom perguntou.

— Sim. Você parece meu pai falando. Vocês, velhos cagões, pensam que sabem tudo.

Sua risada alta e nervosa se transformou num longo chiado de réptil quando os músculos e ossos se transformaram e mudaram, e sua pele macia engrossou e ficou escamada. Com muita delicadeza, o pequeno triceratope depositou um protocoprólito no topo da carapaça, desceu rapidamente, e caminhou bamboleando através da campina com os chifres balançando de forma arrogante no ar.

Aquele foi o melhor ano na vida de Thomas Tudbury.

Mas não para o Grande e Poderoso Tartaruga.

Nas revistas em quadrinhos, os heróis pareciam nunca precisar *dormir*. As coisas não eram tão simples na vida real. Com um emprego em tempo integral das 9h00 às 17h00 para mantê-lo ocupado, Tom fez quase todas as tartaruguices à noite e no fim de semana, mas naquele momento Barbara estava preenchendo aquele tempo. Enquanto a vida social tomava cada vez mais seu tempo, sua carreira de ás sofria proporcionalmente, e a carapaça de aço era cada vez menos vista pairando sobre as ruas de Manhattan.

Finalmente, raiou um dia no qual Thomas Tudbury percebeu, com certo choque, que havia passado quase três meses e meio desde a última vez que fora ao ferro-velho e às suas carapaças. O estopim dessa percepção foi uma pequena história na página 24 do *New York Times*, com a seguinte manchete: TARTARUGA DESAPARECIDO, TEME-SE SUA MORTE. A história mencionava que dúzias de chamados pelo Tartaruga não tinham sido atendidos nos últimos meses (havia desligado o radioamador desde sabe-se lá Deus quando), e que o Dr. Tachyon estava especialmente preocupado, ao ponto de ter colocado anúncios nos jornais e oferecido uma pequena recompensa para quem trouxesse notícias de qualquer aparição do Tartaruga (Tom nunca lia os classificados, e naqueles dias ele mal lia os jornais).

Deveria entrar em sua carapaça e dar um alô na clínica, pensou quando leu aquilo. Mas não havia tempo. Tinha prometido ajudar Barbara a dar uma aula numa pequena excursão escolar até a Bear Mountain, e partiriam em duas horas. Em vez disso, foi até uma cabine telefônica e ligou para a clínica.

— Quem é? — Tachyon perguntou com irritação quando Tom finalmente conseguiu falar com ele. — Estamos bem ocupados aqui e não posso perder tempo com pessoas que se recusam a dar seu nome.

— Aqui é o Tartaruga — Tom disse. — Quero que você saiba que estou bem.

Houve um momento de silêncio.

— O senhor não parece o Tartaruga — Tachyon disse.

— O sistema de som na carapaça é projetado para disfarçar minha voz. Claro que eu não falo como o Tartaruga. Mas sou o Tartaruga.

— Você terá de me convencer disso.

Tom suspirou.

— Cara, você é um pé no saco. Mas eu devia esperar isso. Você choramingou para mim durante dez anos apenas porque quebrou o braço, e a culpa foi só sua. Você não me disse que ia se esconder embaixo de uma empilhadeira, cacete. Não sou telepata como algumas pessoas que eu poderia mencionar.

— Eu também não mandei que você derrubasse metade do armazém — Tachyon disse. — Você teve sorte de eu não ter sido esmagado até a morte. Um homem com poderes como os seus deveria… — Ele fez uma pausa. — Você *é* o Tartaruga.

— Né? — Tom disse.

— O que você tem feito da vida?

— Sendo feliz. Não se preocupe, voltarei de vez em quando. Mas não com tanta frequência quanto antes. Estou bem ocupado. Acho que vou me casar. Assim que reunir coragem para pedi-la em casamento.

— Parabéns — Tachyon disse. Ele parecia contente. — Quem é a noiva sortuda?

— Ah, isso seria revelador. Mas você a conhece. Uma de suas pacientes lá do início. Ela teve um episódio de carta selvagem quando estava com dois anos. Nada sério. Ela é completamente normal hoje. Eu te convidaria para o casamento, Tacky, mas seria como entregar o jogo, não seria? Talvez a gente batize um dos filhos com o seu nome.

Houve um momento longo e desconfortável de silêncio.

— Tartaruga — o alienígena finalmente disse, numa voz de alguma forma fria —, precisamos conversar. Você teria um tempo para passar na clínica? Eu arrumo minha agenda para te receber.

— Estou terrivelmente ocupado — Tom falou.

— É importante — Tachyon insistiu.

— Tá, tudo bem. Tarde da noite, então. Não hoje à noite, vou estar bem cansado. Amanhã, digo, depois do programa do Johnny Carson.

— Combinado — Tachyon falou. — Encontro você no telhado.

A essa altura, o casamento certamente já havia acabado. Ao menos, ele poderia agradecer ao Kid Dinossauro por isso; o merdinha o distraiu durante a pior parte.

Sua carapaça pairou lentamente pela Broadway na direção da Times Square, mas sua mente estava além da baía de Nova York, no Top Hat. A última vez que estivera no Top Hat tinha sido para a recepção após o casamento de Joey e Gina. Ele fora o padrinho. Aquela noite foi boa. Conseguia se lembrar de tudo, tudo desde o papel de parede estampado até o gosto do salsichão defumado e o som da banda.

Barbara usaria o vestido de casamento da avó. Ela mostrou para ele uma vez, há uma década. Mesmo agora conseguia fechar os olhos e ver a expressão no rosto dela enquanto deslizava a mão sobre a renda antiga.

Espontaneamente, a imagem dela entrou em sua mente. Barbara no vestido, seus cabelos loiros por trás do véu, seu rosto erguido. “Eu aceito.”

E ao lado dela, Steve Bruder. Alto, moreno, bem esguio. No mínimo, o filho da mãe estava mais bonito agora do que era no colégio. Era um fanático por raquetebol, Tom sabia. Com um sorriso de menino e um bigode moderno de Tom Selleck. Ficaria maravilhoso no seu smoking. Juntos, formariam um casal explosivo.

E o filho deles seria um galã.

Ele deveria ir. E daí se não respondera ao convite, ainda o deixariam entrar. Jogaria a

carapaça no ferro-velho, jogaria a carapaça na merda do *rio*, não importava, pegaria seu carro e poderia estar lá bem rápido. Dançaria com a noiva, sorriria para ela, e desejaria felicidade, toda a felicidade do mundo. E cumprimentaria o noivo com um aperto de mão. Um aperto na mão de Bruder. Sim.

Bruder tinha um bom aperto de mão. Estava no ramo imobiliário agora, principalmente em Weehawken e Hoboken; comprou no passado e ficou perfeitamente posicionado quando todos os *yuppies* de Manhattan acordaram um dia e descobriram que Nova Jersey era bem depois do rio Hudson. Fez uma fortuna enorme, seria milionário aos 45. Ele mesmo dissera isso a Tom, naquela noite horrível, quando Barbara levou os dois para jantar. Bonito e confiante, com aquele sorriso elegante de garoto, e seria um milionário também, mas sua vida não era um mar de rosas, sua TV de tela grande estava dando alguns problemas, e talvez Tom pudesse dar uma olhada nela, hein? Em nome dos velhos tempos.

Na escola primária, eles se cumprimentaram com um aperto de mão uma vez, e Steve espremeu a mão de Tom tão forte que ele ficou de joelhos, chorando, incapaz de se soltar. Mesmo agora, o aperto de mão sofisticado e adulto de Steve Bruder era muito mais firme do que precisava ser. Gostava de ver o outro cara se retorcendo.

Eu gostaria que o Tartaruga apertasse a mão desse bosta, Tom pensou com raiva. Agarrar a mão com sua mente e lhe dar um apertão pouco amigável, até a mão começar a se amassar e retorcer, até aquela pele macia e bronzeada rasgar e os dedos se separarem como pequenos palitinhos vermelhos, ossos atravessando a carne. O Tartaruga poderia sacudir o braço do desgraçado para cima e para baixo até ele sair do ombro, e então arrancaria os dedos um a um. *Bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me QUER.*

A garganta de Tom estava seca, e ele se sentiu enjoado e zonzo. Abriu o refrigerador e pegou uma cerveja. O gosto era bom. A carapaça planava sobre o abandono da Times Square. Seus olhos passavam, incansáveis, de tela para tela. *Peep shows* e cinemas pornô, livrarias adultas, sexo ao vivo no palco, placas de neon que gritavam MULHERES, MULHERES, MULHERES NUAS e O SHOW MAIS QUENTE DA CIDADE e MODELOS ADOLESCENTES NUAS, garotos de programa com roupas de brim e chapéus de caubói, cafetões com grandes casacos de visom e navalhas no bolso, prostitutas insolentes com meia arrastão e vestidos de couro com fendas. *Ele poderia pegar uma puta*, Tom pensou de repente. Literalmente. Erguê-la a seis metros do chão, fazê-la mostrar o que estava vendendo, fazê-la tirar a roupa ali mesmo no meio da Times Square, dar aos turistas de merda um verdadeiro show. Ou arrancar a roupa *dela*, rasgá-la pedacinho por pedacinho e deixá-la flutuar até o chão. Poderia fazer isso, claro. Deixe Bruder ter sua noite de núpcias com Barbara, o Tartaruga podia ter uma noite de núpcias própria.

Ele deu mais um gole na cerveja.

Ou talvez devesse apenas limpar essa sujeira. Todo mundo sempre reclamando sobre como a Times Square tinha se transformado num antro, mas ninguém fazia nada a respeito. Foda-se, ele faria isso por eles. Mostraria como limpar um bairro ruim, se era isso que queriam. Derrubar aquelas marquises uma a uma, enxotar aquelas malditas putas e cafetões e garotos de programa para o rio, lançar alguns carros de cafetão pelas janelas daqueles estúdios fotográficos de terceiro andar com modelos adolescentes nuas, arrancar as malditas calçadas se quisesse. Já era hora de alguém fazer aquilo. Olhe para este lugar, apenas *olhe* para ele, e

tão perto de Port Authority, então era a primeira coisa que uma criança veria após sair do ônibus.

Tom esvaziou a cerveja. Atirou a lata no chão, girou e buscou outra, mas não restara nada no pacote além do suporte plástico.

— Merda — disse ele. De repente, ficou furioso. Ligou o microfone, aumentou o volume no máximo. — MERDA — gritou, e a voz do Tartaruga rebombou pela 42nd Street, distorcida e amplificada num rugido vermelho. As pessoas ficaram paralisadas na calçada, e os olhos ergueram-se na sua direção. Tom sorriu. Parecia que tinha atraído a atenção delas. — FODA-SE TUDO — disse ele. — FODAM-SE TODOS VOCÊS.

Ele fez uma pausa e estava prestes a fazer um discurso, quando a voz de uma policial, chiando no seu rádio de monitoramento, chamou sua atenção. Estava repetindo o código de policial em perigo, repetindo várias e várias vezes.

Tom deixou as pessoas espantadas, enquanto ouvia cuidadosamente os detalhes. Parte dele sentiu pena pelo pobre babaca que estava prestes a ter sua cabeça entregue a ele.

Sua carapaça subiu, bem acima das ruas e prédios, e saiu em disparada na direção do Village.

— Pensei que você só era lento — Barbara disse, enquanto ela se recompunha. — Sempre demorou para levar as coisas adiante. Não entendo, Tom.

Ele não conseguia olhar nos olhos dela. Olhava em volta da sua sala de estar com as mãos nos bolsos. Sobre a mesa dela estava pendurado o diploma e o certificado de docente. Ao redor deles, fotos estavam arranjadas: Barbara fazendo careta enquanto trocava a fralda da sobrinha de quatro meses, Barbara e as três irmãs, Barbara mostrando para a classe como recortar bruxas pretas e abóboras de cartolina para o Dia das Bruxas, supervisionando seis presidentes dançarinos para uma peça de escola, carregando um projetor para rodar desenhos animados. E lendo uma história. Esta era a foto favorita dele. Barbara com uma garotinha negra bem pequena no colo e outra dúzia de crianças em torno dela, olhando para ela com rosto enlevado, enquanto lia alto *O vento nos salgueiros*. O próprio Tom tinha tirado aquela fotografia.

— Não há nada para entender — ele soltou, áspero, quando tirou os olhos das fotografias. — Acabou, é isso. Vamos terminar numa boa, tudo bem?

— Tem outra pessoa? — ela perguntou.

Poderia ter sido mais gentil mentir para ela, mas ele era um péssimo mentiroso.

— Não — disse ele.

— Então, por quê?

Ela estava perplexa e magoada, mas seu rosto nunca ficou tão amoroso, Tom pensou. Ele não conseguia encará-la.

— É apenas melhor — disse ele, virando o rosto para a janela. — Não queremos as mesmas coisas, Barbara. Você quer se casar, não é? Eu não. Esquece, não tem jeito. Você é maravilhosa, não é você, sou… merda, é que não está funcionando. Crianças, toda vez que eu olho tem uma multidão de crianças. Quantas suas irmãs têm, três? Quatro? Estou cansado de

fingir. Odeio crianças. — A voz dele aumentou. — Eu desprezo crianças, entende?

— Você não pode estar falando sério, Tommy. Vi você com as crianças na minha classe. Você as levou para casa e mostrou para elas sua coleção de quadrinhos. Você ajudou Jenny a montar aquele modelo do avião do Jetboy. Você gosta de crianças.

Tom riu.

— Ai, que bosta, como você é ingênua! Só estava tentando impressionar você, queria mesmo era te comer. Eu não… — A voz dele se partiu. — Saco — disse ele. — Se gostasse tanto de crianças, então por que fiz uma vasectomia? Como, hein? Diga!

Quando ele se virou, o rosto dela estava vermelho como se a tivesse estapeado.

O playground estava cercado por viaturas policiais, seis delas, o sinalizador piscando em vermelho e azul sobre o anoitecer cada vez mais escuro. Os policiais estavam agachados atrás dos carros com as armas sacadas. Além da cerca alta de alambrado, duas formas escuras espalhavam-se sob a cesta de basquete, e uma terceira estava estendida sobre um dos tubos de cimento. Alguém gemia de dor.

Tom viu um detetive que conhecia, segurando o colarinho de um curinga jovem e magrelo, cujo rosto era tão suave e branco quanto um creme de tapioca, e o sacudia com tanta força que seu papo balançava. O garoto estava vestido com as cores dos Príncipes Demoníacos, Tom viu num *close* da câmera. Ele planou mais baixo.

— EI, VOCÊS — retumbou. — O QUE TÁ ACONTECENDO?

Eles lhe contaram.

Uma briga de gangues, era isso. Merda sem valor. Alguns garotos limpos agindo nas fronteiras do Bairro dos Curingas ultrapassaram a área dos Príncipes Demoníacos. Estes tinham reunido 15 ou 20 membros e foram para o East Village para ensinar um pouco de respeito territorial aos invasores. Foram parar no playground. Facas, correntes, algumas armas. Desagradável.

E, então, a coisa ficou esquisita.

Os limpos *tinham* alguma coisa, o cara de tapioca gritou.

Eles terminaram, mas continuaram amigos. Ele ficou orgulhoso disso. Era mais complicado quando as feridas ainda estavam frescas, e pelos primeiros 11 meses eles se evitaram. Mas Bayonne era uma cidade pequena de um jeito peculiar, e conheciam muita gente em comum; essa situação não poderia durar para sempre.

Talvez tenham sido os 11 meses mais difíceis da vida de Tom Tudbury. Talvez.

Uma noite, ela ligou para ele do nada. Ele ficou feliz. Sentia desesperadamente a falta dela, mas sabia que nunca poderia ligar depois do que acontecera entre eles.

— Preciso conversar — disse ela. Soava como se tivesse tomado umas cervejas. — Você era meu amigo, Tom. Acima de tudo, você era meu amigo, certo? Preciso de um amigo hoje, tudo bem? Pode vir aqui em casa?

Ele comprou um pacote de seis cervejas em lata e foi para lá. A irmã mais nova dela tinha morrido num acidente de motocicleta. Não havia nada a ser feito ou dito, mas Tom fez e disse todas as coisas habituais e inúteis, e estava lá por ela, e deixou que ela falasse até o amanhecer e, depois disso, colocou-a na cama. Ele dormiu no sofá.

Ele acordou no fim da tarde, com Barbara curvada sobre ele, vestindo um robe de tecido felpudo e com os olhos vermelhos de chorar.

— Obrigada — disse ela. Sentou-se no canto do sofá e pegou a mão dele e a segurou por um longo tempo, em silêncio. — Quero você de volta à minha vida — disse ela, finalmente, com dificuldade. — Não quero que a gente se perca de novo. Amigos?

— Amigos — Tom disse. Ele queria agarrá-la e cobri-la de beijos. Em vez disso, apertou a mão dela. — Não importa o que acontecer, Barbara. Para sempre. Entendeu?

Barbara sorriu. Ele fingiu um bocejo e afundou o rosto num travesseiro para evitar que ela visse seu olhar.

— FIQUEM ABAIXADOS — o Tartaruga alertou os policiais. Eles não precisaram ouvir duas vezes. O garoto estava escondido dentro de um dos tubos de cimento, e eles viram o que aconteceu com o policial que tentou entrar no playground atrás dele. Desapareceu, como se nunca tivesse existido, sumiu, foi engolido por uma escuridão repentina e, de algum jeito… escafedeu-se.

— A gente ia picar os desgraçados — o Príncipe Demoníaco disse —, dando uma boa lição neles, ensinando o preço de incomodarem o Bairro dos Curingas, malditos limpos fracotes, íamos matá-los, e então esse *chicano* veio até aqui com uma porra de uma bola de boliche, a gente riu da cara do desgraçado, o que ele ia fazer, tentar fazer um strike na gente, babaca estúpido, e então ele segurou a bola na direção do Cera e ela cresceu, cara, tipo, como se estivesse viva. Uma merda escura saiu dela, muito rápido, luz negra ou uma mãozona escura ou algo assim. Não sei, apenas se movia muito rápido, e o Cera sumiu. — A voz dele se transformou num grito. — Ele sumiu, não estava mais lá. E o maldito limpo fez a mesma coisa com o Lâmina e o Fantasma. Foi quando o Relincho atirou nele e ele quase soltou a bola, pegou em seu ombro eu acho, mas então ele fez aquilo com o Relincho. Não dá pra lutar contra uma coisa daquelas. Nem o policial desgraçado conseguiu, que merda.

A carapaça deslizou sobre a cerca de alambrado que circundava o playground, em silêncio e devagar.

— Temos algo — Barbara disse. — Temos algo especial. — Seus dedos traçavam padrões na condensação do lado de fora do copo. Olhou para ele, seus olhos azuis corajosos e francos, como se ela o desafiasse. — Ele me pediu em casamento, Tom.

— O que você respondeu? — Tom quis saber, tentando manter a voz calma e firme.

— Disse que ia pensar — ela respondeu. — Por isso eu pedi pra gente se ver. Queria falar com você antes.

Tom fez um sinal, pedindo outra cerveja.

— A decisão é sua — disse ele. — Espero que você me deixe conhecer o cara, mas de tudo que você me contou, parece bem bacana.

— Ele é divorciado — disse ela.

— Como metade do mundo — Tom disse quando a cerveja chegou.

— Todos, menos eu e você — disse Barbara, sorrindo.

— É. — Ele franziu a testa para a espuma da cerveja e suspirou de modo desconfortável. — Esse namorado misterioso tem filhos?

— Dois. A ex tem a guarda. Mas eu os conheci. Eles gostam de mim.

— É óbvio — disse Tom.

— Ele quer ter mais. Comigo.

Tom olhou em seus olhos.

— Você o ama?

Barbara enfrentou seu olhar com calma.

— Acho que sim. Às vezes, fico meio incerta. Talvez eu não seja tão romântica quanto eu costumava ser. — Ela ergueu os ombros. — Às vezes, penso o que seria da minha vida se as coisas tivessem sido diferentes para mim e você. Poderíamos estar comemorando nosso décimo aniversário de namoro.

— Ou talvez o nono aniversário do nosso divórcio amargo — Tom retrucou. Ele esticou o braço e pegou na mão de Barbara. — As coisas nem ficaram tão ruins, não é? Nunca teria funcionado de outro jeito.

— Os caminhos não escolhidos — disse ela, com saudades. — Tive muitos "poderia ter sido" na minha vida, Tom, muitos arrependimentos por coisas sem ser feitas e escolhas não feitas. Meu relógio biológico está rodando. Se esperar muito mais, vou esperar pra sempre.

— Só queria que você conhecesse o cara há mais tempo — Tom disse.

— Ah, eu o conheço faz tempo — disse ela, rasgando um canto de seu guardanapo.

Tom ficou confuso.

— Pensei que você tinha dito que o encontrou numa festa no mês passado.

— Sim. Mas já nos conhecíamos. Do colégio. — Ela olhou para o rosto dele novamente.— Por isso eu não disse o nome dele. Você ficaria chateado, e no início eu não sabia se daria em alguma coisa.

Tom não precisava ouvir. Ele e Barbara eram amigos há mais de uma década. Ele olhou para as profundezas azuis dos olhos dela, e soube.

— Steve Bruder — disse ele, entorpecido.

Ele pairou sobre o playground e transportou os guerreiros caídos pelo ar sobre a cerca, um por um, até a polícia que aguardava lá fora. Os dois da quadra de basquete estavam moribundos. Levaria um tempo para tirar as manchas de sangue do cimento. O garoto pendurado sobre o tubo de cimento, na verdade, era uma garota. Ela gemeu de dor quando ele a levantou com a telecinesia, e pelo jeito que se encolhia parecia que seus intestinos tinham sido fatiados. Ele esperava que pudessem fazer algo por ela.

Todos os três eram limpos. O campo de batalha estava livre de curingas caídos. Ou os

Príncipes Demoníacos realmente botaram pra quebrar, ou seus mortos estavam em outro lugar. Ou as duas coisas.

Ele apertou um controle no braço da poltrona, e todos os refletores acenderam, banhando o playground com um brilho quente e esbranquiçado.

— ACABOU — disse ele, e seus alto-falantes rugiram as palavras no crepúsculo. Durante os anos, ele aprendeu que o volume máximo assustava muito os punks. — SAIAM CRIANÇAS. AQUI É O TARTARUGA.

— Vá embora — uma voz rouca e fina gritou de volta dentro do tubo de cimento. — Vou desintegrar você, seu curinga cara de merda. Estou com a coisa aqui, comigo.

Durante o dia todo, Tom esteve procurando alguém para machucar; um monstro para estraçalhar, um matador para esmagar, um alvo para a ira, uma esponja para absorver a dor. Agora o momento estava finalmente disponível, e ele descobriu que não havia mais ódio dentro dele. Estava cansado. Queria ir para casa. Por trás da ousadia, o garoto no tubo com certeza era jovem e estava assustado.

— VOCÊ É MESMO DURÃO — Tom disse. — QUER JOGAR O JOGO DA CARAPAÇA? ÓTIMO. — Ele se concentrou no tubo à esquerda da proteção do garoto, segurou-o com a mente e esmagou. Foi destruído como se uma bola de ferro o tivesse estourado, cacos e poeira voando para todos os lados quando o cimento estilhaçou. — NÃO ESTÁ NESSE, NÃO É? — Ele fez o mesmo com o tubo do outro lado do garoto. — NEM NESSE AQUI. ACHO QUE VOU TENTAR O DO MEIO.

O garoto saiu a tal velocidade que bateu a cabeça na parte de cima do tubo quando se levantou. O impacto o deixou tonto por um momento. A bola de boliche à qual ele estava agarrado com as duas mãos de repente escapou. Ela voou direto. O garoto gritou obscenidades entre os dentes brilhantes cobertos de aço. Deu um pulo desesperado na direção da sua arma, mas tudo que conseguiu foi deslizar a ponta dos dedos contra o lado de baixo. Então, tombou de uma vez, esfolando as mãos e os joelhos no concreto.

Nesse momento, os policiais já estavam em movimento. Tom observou quando o cercaram, puxando-o para fazê-lo ficar de pé, e leram os direitos dele. Tinha uns 19 anos, talvez fosse mais novo, usava as cores da gangue e uma coleira com pontas, cabelos pretos desgrenhados e espetados. Perguntaram a ele onde estavam os outros, e ele rosnou xingamentos para eles e gritou que não sabia.

Enquanto eles o empurravam na direção das viaturas, Tom abriu o portal blindado e flutuou a bola de boliche para dentro da carapaça para olhar de perto, tremendo com a rajada de ar frio que entrou com ela. Era uma coisa estranha. *Leve demais para ser uma bola de boliche*, pensou quando a ergueu; quase dois quilos, talvez um pouco mais. Sem buracos também. Quando ele correu a mão sobre ela, seus dedos formigaram, e cores tremeluziram rapidamente sobre a superfície, como um arco-íris numa mancha de óleo. Ela o deixou inquieto. Talvez Tachyon soubesse o que fazer com ela. Ele a deixou de lado.

A escuridão caía sobre a cidade. Tom levou a carapaça para o alto, cada vez mais alto, até flutuar sobre a torre distante do Empire State Building. Ficou lá por muito tempo, assistindo às luzes avançarem sobre a cidade, transformando Manhattan num mundo encantado elétrico.

Daquela altura, numa noite fria e clara, ainda podia ver as luzes de Jersey para além da água

escura e gélida. Um daqueles pontos era o Top Hat Lounge, disso ele sabia.

Ele não deveria flutuar ali, pensou. Deveria levar a bola de boliche para a clínica; era o próximo passo a tomar. Ele não se moveu. Faria isso no dia seguinte, pensou. Tachyon não iria a lugar algum, nem a bola. De alguma forma, Tom não poderia encarar Tachyon naquela noite. Poderia ser em todas, menos naquela.

♠

Em outros tempos, sua carapaça era muito mais primitiva. Sem lentes telescópicas, sem zooms, nem câmeras infravermelhas. Apenas um anel de holofotes quentes, tão brilhantes que faziam Tachyon espremer os olhos. Mas ele precisava deles. Estava escuro no telhado da clínica, onde a carapaça pousou.

As fotografias que Tachyon segurava no alto não eram do tipo que Tom gostaria de ver em maiores detalhes. Ele se sentou na escuridão, olhando para suas telas, sem dizer nada, enquanto Tachyon mostrava uma a uma. Todas haviam sido tiradas na ala de maternidade da clínica. Uma ou duas das crianças viveram o suficiente para serem transferidas para a enfermaria.

Por fim, ele retomou sua voz.

— As mães eram *curingas* — disse ele, sua voz enfática, com falsa convicção. — Bar… Ela é normal, estou te dizendo. Limpa. Teve aquilo quando estava com *dois anos*, caramba; é como se nunca tivesse acontecido.

— Mas aconteceu — Tachyon disse. — Ela pode parecer normal, mas o vírus ainda está lá. Latente. É provável que nunca vá se manifestar, e geneticamente ele é recessivo, mas quando você e ela tiverem…

— Conheço um monte de gente que acha que sou curinga — Tom interrompeu. — Mas eu não sou, acredite em mim, sou um ás. Eu sou um *ás*, caramba! Então, se a criança tiver o gene carta selvagem, ela terá telecinesia de primeira. Será ás, como eu.

— Não — Tachyon disse. Ele deslizou as fotografias de volta para o prontuário, seus olhos se desviaram das câmeras. Deliberadamente? — Desculpe, meu amigo. As probabilidades de dar errado são astronômicas.

— *Ciclone* — Tom disse, à beira da histeria. Ciclone era um ás da Costa Oeste cuja filha herdara seu domínio sobre os ventos.

— Não — Tachyon rebateu. — Mistral é um caso especial. Temos quase certeza de que o pai dela, de alguma forma, manipulou o plasma germinativo enquanto ela ainda estava no útero. Em Takis… bem, o processo não é totalmente desconhecido por nós, mas raramente funciona. Você é o telecinético mais poderoso que já vi, mas às vezes isso exige um controle preciso que está anos-luz além de você, sem mencionar os séculos de experiência em microcirurgia e divisão genética. E, mesmo se você tivesse tudo isso, provavelmente fracassaria. Ciclone não tinha ideia do que estava fazendo num nível consciente e, além disso, foi estranhamente sortudo. — O takisiano balançou a cabeça. — Seu caso é totalmente diferente. A única garantia é que você tirará um carta selvagem, e as probabilidades são exatamente as mesmas como se…

— Eu sei das probabilidades — Tom disse, bruscamente. De cada cem humanos atingidos

pelo carta selvagem, apenas um desenvolveu poderes de ás. Havia dez curingas horrivelmente deformados para cada ás, e dez mortes por rainha negra para cada curinga.

Na sua cabeça, viu Barbara sentada na cama, o lençol enrolado na cintura, seus cabelos loiros caindo macios sobre os ombros, o rosto solene e doce enquanto o filho deles sugava o seio. E, então, o bebê levantou o olhar, e ele viu os dentes e os olhos esbugalhados e os traços monstruosos, deformados; e quando sibilou para ele, Barbara gritou de dor, enquanto leite e sangue jorravam livremente de seu mamilo arrancado.

— Desculpe — Dr. Tachyon repetiu, entorpecido.

♥

Passava da meia-noite quando Tom voltou para sua casa vazia na First Street.

Ele se desvencilhou do casaco, sentou-se no sofá e observou o Kill pela janela e as luzes de Staten Island. Uma chuva gelada havia começado. As gotículas chiavam contra a janela com um som agudo, cristalino, como garfos tilintando em taças de vinho quando os convidados do casamento querem que os recém-casados se beijem. Tom ficou ali sentado, no escuro, por um bom tempo.

Finalmente, ligou uma luminária e pegou o telefone. Digitou seis números, e não conseguia apertar o sétimo. Como um colegial apavorado antes de chamar uma garota bonita para sair, pensou, sorrindo melancólico. Pressionou a tecla com firmeza e escutou o chamado.

— Top Hat — uma voz brusca atendeu.

— Gostaria de falar com Barbara Casko — Tom disse.

— Quer dizer a nova senhora Bruder — a voz respondeu.

Tom deu um longo suspiro.

— Sim — ele falou.

— Então, os recém-casados foram embora horas atrás. Direto pra noite de núpcias. — O homem estava obviamente bêbado. — Vão passar a lua de mel em Paris.

— Ah, sim — Tom respondeu. — O pai dela ainda está aí?

— Deixa eu ver aqui.

Um longo silêncio se passou antes de o fone ser agarrado de novo.

— Aqui é Stanley Casko. Quem está falando?

— Tom Tudbury. Desculpe por eu não estar presente, Sr. Casko. Estava, hum, ocupado.

— Sim, Tom. Tudo bem com você?

— Está. Não poderia estar melhor. Eu só queria…

— Sim?

Ele engoliu em seco.

— Apenas diga para ela ser feliz, tudo bem? É isso. Apenas diga que eu quero que ela seja feliz.

Ele pousou o telefone de volta no gancho.

Na noite lá fora, um imenso cargueiro descia o Kill. Estava muito escuro para ver sua bandeira. Tom desligou as luzes e assistiu ao navio passar.

♣ ♦ ♠ ♥

Jube: Cinco

O rastro era inconfundível.

Jube sentou-se no console enquanto as leituras escorriam através do holocubo, seu coração palpitando com medo e esperança. Passou a maior parte dos primeiros quatro meses na Terra em cinemas escuros, sentado para ver os mesmos filmes dúzias de vezes, reforçando seu inglês e ampliando a compreensão das nuanças culturais humanas conforme refletidas na ficção. Aprendeu a amar os filmes, especialmente os faroestes, e sua parte favorita sempre fora quando a cavalaria chegava estrondando pelo monte, com as bandeiras tremulando.

A Rede não agitava bandeiras; ainda assim, Jube pensou que poderia ouvir o som abafado das cornetas e o golpear das batidas dos cascos naqueles contornos aracnídeos de luz dentro do seu holocubo.

— *Táquions!* Cornetas e táquions!

Seus satélites de observação detectaram uma chuva de táquions, e isso poderia significar apenas uma coisa: uma nave estelar nas proximidades da órbita terrestre. O veredicto estava ao alcance da mão.

Agora, os satélites varriam os céus procurando a fonte. Não era a Mãe do Enxame, Jhubben sabia disso. A Mãe rasteja por entre as estrelas a velocidades menores que a da luz; ela não se importava com o tempo. Apenas as raças civilizadas usavam naves estelares movidas a táquions.

Se Ekkedme conseguiu mandar uma transmissão antes de a nave unitária ter sido esmagada no céu… se o Mestre Comerciante decidiu verificar os avanços humanos mais cedo do que o planejado… se a Mãe de alguma forma foi detectada por uma nova tecnologia inimaginável quando Jhubben começou sua missão na Terra… se, se, se… então poderia bem ser a *Opportunity* lá em cima, a Rede voltou para entregar este mundo, apenas com os meios e o preço ainda a serem determinados. Mesmo assim, não seria fácil, mas do resultado final ele não tinha dúvida. Jube sorriu enquanto os satélites sondavam e os computadores analisavam.

Então, o holocubo ficou violeta, e seu sorriso morreu. Fez um som de gorgolejo no fundo da garganta. Os sensores sofisticados nos satélites retiraram as telas que escondiam a nave espacial da instrumentação humana e exibiu a imagem dentro do violeta sinistro do cubo. Ele se revolveu lentamente, gravado em linhas de luz vermelha e branca, como algum terrível constructo de fogo e gelo. Os visores piscavam abaixo da imagem: dimensões, saída de táquions, rota. Mas tudo de que Jube precisava saber estava escrito nas linhas da nave: escrito em cada pináculo retorcido, proclamado pelas saliências extravagantes, trombeteado em cada espiral e projeção barroca, gritado em cada panóplia de luzes desnecessárias. Parecia o resultado de uma colisão em alta velocidade entre um enfeite de Natal e uma pera espinhosa. Apenas os takisianos tinham essa estética rococó.

Jube levantou-se de uma vez, cambaleando. *Takisianos!* Será que o Dr. Tachyon os convocara? Achou bem difícil, depois de todos esses anos que o doutor passou no exílio. O que isso *significava?* Os takisianos estavam monitorando a Terra todo esse tempo, observando o experimento do carta selvagem, mesmo enquanto a Rede o fazia? Se sim, por que Jhubben não havia encontrado traços deles até agora, e como conseguiram esconder-se de Ekkedme? Teriam destruído a Mãe do Enxame? Teriam conseguido destruir a Mãe? A *Opportunity* era quase do tamanho da ilha de Manhattan e transportava dezenas de milhares de especialistas que representavam espécies, culturas, castas e vocações infinitas — mercadores e aventureiros, cientistas e sacerdotes, técnicos, artistas, guerreiros, emissários. A nave takisiana era uma coisa minúscula; possivelmente não conteria mais do que cinquenta seres conscientes, talvez apenas metade disso. A menos que a tecnologia militar takisiana tenha progredido de forma astronômica nos últimos quarenta anos, o que aquela coisinha poderia esperar fazer, sozinha, contra a devoradora dos mundos? E os takisianos se *importariam* mesmo com a vida de suas cobaias?

Enquanto Jhubben olhava fixamente para os contornos da nave com ódio e confusão cada vez maiores, seu telefone tocou.

Por um instante, pensou numa insanidade, que de alguma forma os takisianos o haviam encontrado, que sabiam que estava olhando para eles e telefonaram para lhe passar uma descompostura. Mas isso era ridículo. Ele bateu um dedão no console, e o holocubo escureceu enquanto Jube se arrastava até a sala de estar. Precisou desviar da geometria tortuosa de um transmissor de táquions parcialmente construído que dominava o centro da sala como uma peça imensa de escultura de vanguarda. Se a coisa não funcionasse quando ele a energizasse, Jube planejava chamá-la de "Desejo Curinga" e vendê-la em alguma galeria no Soho. Mesmo pela metade, seus ângulos eram curiosamente enganosos, e ele sempre trombava neles. Dessa fez, ele se esquivou direitinho e pegou o telefone da mão do Mickey Mouse.

— Alô? — disse, tentando soar com sua jovialidade normal.

— Jubal, é a Crisálida. — Era a voz dela, mas nunca havia soado daquele jeito. Ela nunca ligara para ele em casa antes.

— Algum problema? — ele perguntou. Ele havia pedido para ela conseguir outro lote de microchips na semana anterior, e a contundência da sua voz fez com que ele temesse que o agente dela tivesse sido preso.

— Jay Ackroyd acabou de ligar. Não havia conseguido dar notícias até agora. Ele descobriu algumas coisas sobre as pessoas que contrataram o Darlingfoot.

— Mas isso é bom. Ele localizou a bola de boliche?

— Não. E não é tão bom quanto você pensa. Sei que vai parecer insano, mas Jay diz que essas pessoas estavam convencidas de que o corpo era extraterrestre. Parece que esperavam usar o cadáver em algum tipo de ritual nojento para ganhar poderes sobre aquele monstro alienígena.

— A Mãe do Enxame — disse Jube, surpreso.

— Sim — Crisálida falou, quase estridente. — Jay diz que eles são ligados de alguma forma. Ele acha que eles veneram aquela coisa. Olha, não devemos falar sobre isso por telefone.

— Por que não? — Jube quis saber.

— Por que essas pessoas são *perigosas* — Crisálida respondeu. — Jay está vindo para o Palace esta noite para me passar um relatório completo. Esteja lá também. Estou tirando meu time de campo nessa questão, Jubal. Você pode negociar direto com Jay a partir de agora. Mas, se quiser, peço para Fortunato aparecer. Acho que ele ficaria interessado no que Jay descobriu.

— *Fortunato!* — Jube ficou horrorizado. Ele conhecia Fortunado mais pela reputação. O cafetão alto com olhos amendoados e testa inchada era um cliente habitual do Crystal Palace, mas Jube sempre tentava evitá-lo. Telepatas o deixavam nervoso. Dr. Tachyon nunca entrara numa mente sem um bom motivo, mas com Fortunato a história era outra. Quem sabe como e por que usaria seus poderes, ou o que poderia fazer se descobrisse o que Jube, o Morsa, *realmente* era? — Não — disse ele, apressado. — Não, não mesmo. Isso não tem nada a ver com Fortunato!

— Ele conhece mais sobre esses maçons do que qualquer outra pessoa na cidade — Crisálida disse. Ela suspirou. — Bem, você está pagando esse enterro, então suponho que você queira levar o caixão. Não vou dizer palavra. Nos falamos depois que o bar fechar.

— Depois que o bar fechar — Jube repetiu. Ele desligou antes que pudesse pensar em perguntar o que ela quis dizer com maçons. Jube conhecia os maçons, claro. Fez um estudo das organizações fraternais humanas décadas atrás, comparando os *Shriners*, os Cavaleiros de Colombo, os *Odd Fellows*, e os Maçons a cada irmandade de laços das luas de Thdentien. Reginald era um maçom, Jube parecia lembrar, e Denton tentou se unir à ordem dos Alces, mas eles o rejeitaram por conta dos chifres. O que os maçons tinham a ver com aquilo?

Naquele dia, Jube estava agitado demais para fazer piadas. Não sabia quem temer mais, se as Mães do Enxame, as naves de guerra takisianas ou os maçons. *Mesmo se a cavalaria* viesse *cavalgando por sobre o monte*, Jube pensou, *será que conseguiria reconhecer os índios?* Ele olhou para o céu e balançou a cabeça.

Quando ele trancou a banca à noite, fez suas entregas no Funhouse e no Chaos Club, então decidiu interromper seu zigue-zague pelo Bairro dos Curingas e seguir direto para o Crystal Palace o mais rápido possível. Mas primeiro precisava fazer uma última parada, na delegacia.

O sargento de plantão ficou com um *Daily News* e folheou a página de esportes, enquanto Jube deixou um *Times* e um *Grito do Bairro dos Curingas* para o capitão Black. Ele estava se virando para ir embora quando um cara à paisana o viu.

— Ei, gordinho — o homem chamou. — Você tem a *Informer*? — Ele estava recostado no banco em frente à parede de azulejos, quase como se tivesse esperando alguém. Jube o conhecia de vista: um tipo desmazelado, indefinível, com um sorriso desagradável. Nunca tinha se dado o trabalho de chamar Jube pelo nome, mas aparecia na banca às vezes para pegar um tabloide. Às vezes, até pagava.

Mas não aquela noite.

— Obrigado — disse ele, enquanto aceitava a edição da *National Informer* que Jube lhe oferecia. Os TAKISIANOS INVENTARAM O HERPES?, berrava a manchete. Jube teve um mau pressentimento. Logo abaixo, outra história perguntava se Sean estava prestes a largar a Madonna pela Peregrina. O cara à paisana nem mesmo olhou para as manchetes. Estava

encarando Jube de um jeito estranho. O canto da boca se retorceu num sorrisinho peculiar.

— Você é só um curinga feio, não é? — o policial perguntou.

Jube esgarçou as presas num sorriso insinuante.

— Que, feio eu? Que nada, eu tenho tetas maiores que a Miss Outubro!

— Já passei tempo demais ouvindo suas piadas idiotas — o cara à paisana soltou. — Mas o que eu podia esperar? Você não é muito brilhante também, não é?

Brilhante o suficiente para enganar sua raça por 33 anos, pensou Jube, mas não disse nada.

— Bem, sabe quantos curingas são necessários para trocar uma lâmpada? — disse ele.

— Leva esse seu rabo gordo de curinga pra fora daqui — o homem falou.

Jube cambaleou até a porta. No topo das escadas, ele se virou e gritou:

— Esse jornal é por minha conta! — E então se dirigiu ao Crystal Palace.

Chegou mais cedo aquela noite, e o Palace ainda estava lotado. Jube sentou num banquinho no fim do bar, onde poderia descansar as costas contra a parede e ver o salão inteiro. Era a noite de folga do Sascha, e Lupo estava atendendo no bar.

— Que vai ser, Morsa? — ele perguntou, a língua vermelha e longa se estendendo de um canto da boca.

— Piña colada — disse Jube. — Com rum duplo.

Lupo concordou com a cabeça e saiu para fazer o drinque. Jube olhou em volta, cuidadosamente. Tinha uma sensação desconfortável, como se estivesse sendo observado. Mas por quem? O bar estava cheio de estranhos, e não se via Crisálida em lugar algum. Três bancos adiante, um homem grande com máscara de leão acendia um cigarro para uma jovem cujo vestido curto mostrava um amplo decote com três seios grandes. Mais adiante no bar, uma forma curvada com um manto cinza fitava seu drinque. Uma mulher esguia, vivaz e verde fez contato visual quando Jube olhou para ela, e deslizou, provocante, a ponta de uma língua rosa sobre o lábio superior (ao menos poderia ter sido provocante para um macho humano), mas obviamente era uma prostituta, e ele a ignorou. Em outro lugar no salão, viu Yin-Yang, cujas duas cabeças estavam numa discussão acalorada, e o Velho Senhor Cricket também. O Pena desmaiou e flutuava perto do teto novamente. Mas havia muitos rostos e máscaras que Jube não reconhecia. Qualquer um deles poderia ser Jay Ackroyd. Crisálida nunca disse qual a aparência dele, apenas que era um ás. Poderia até ser o homem com a máscara de leão que — Jube percebeu de relance — tinha deslizado um braço em torno da garota de três seios e estava passando as pontas dos dedos levemente no topo dos seios à direita.

Lupo passou a flanela no bar, lançou um descanso de copo e botou a piña colada sobre ele. Jube tinha tomado apenas o primeiro gole quando um estranho se sentou no banco ao seu lado.

— Você que está vendendo aqueles jornais?

— Sim, sou eu.

— Bom. — A voz era abafada pela máscara, uma cabeça branca como um crânio. Vestia uma capa preta de capuz sobre um terno puído que pouco melhorava seu corpo magro, de peito fundo. — Vou levar um *Grito*, então.

Jube achou que tinha algo desagradável nos olhos dele. Ele desviou o olhar, encontrou uma edição do *Grito* e lhe entregou. O homem encapuzado deu a ele uma moeda.

— O que é isso? — Jube perguntou.

— Uma moeda — o homem respondeu.

A moeda era maior do que deveria ser, e um vermelho vívido contra a palma da mão negra de Jube. Nunca tinha visto algo assim.

— Não sei se…

— Deixa pra lá — o homem interrompeu. Pegou a moeda da mão de Jube e deu a ele um dólar com a estampa de Susan B. Anthony, a sufragista. — E o meu troco, Morsa? — o homem exigiu. Jube deu a ele de volta três moedas de 25 centavos. — Você me deu o troco errado — o homem disse com maldade quando embolsou as moedas.

— Não dei — disse Jube com indignação.

— Olhe nos meus olhos e diga isso, seu imbecil safado.

Atrás do homem com cara de caveira, a porta se abriu e Troll entrou rapidamente no bar, seguido por um homem baixo de cabelos vermelhos num terno verde-limão.

— *Tachyon* — disse Jube, apreensivo, lembrando-se de repente da nave de guerra takisiana em órbita.

A companhia desagradável de Jube girou a cabeça com tanta força que o capuz caiu, revelando um cabelo castanho fino e um sério problema de caspa. Ele se sacudiu em pé, hesitou, depois correu para a porta assim que Tachyon e Troll se aproximaram por trás.

— Ei! — Jube o chamou. — Ei, senhor, seu jornal!

Ele deixou o *Grito* no bar. O homem saiu tão rápido que quase prendeu a ponta da longa capa preta na porta. Jube deu de ombros e voltou para sua piña colada.

Muitas horas e uma dúzia de drinques depois, Crisálida ainda não tinha aparecido, nem Jube percebeu ninguém que parecesse como ele imaginava o tal Popinjay. Quando Lupo anunciou a última rodada, Jube acenou para ele.

— Onde ela está? — ele perguntou.

— Crisálida? — Lupo devolveu a pergunta. Os olhos vermelhos e profundos reluziram em cada lado de seu focinho longo e peludo. — Ela tá te esperando?

Jube concordou com a cabeça.

— Tenho uma coisa pra falar com ela.

— Tudo bem — Lupo disse. — Na sala vermelha, terceira cabine da esquerda pra direita. Está com um amigo. — Ele sorriu. — Finja que não está vendo ele, se é que você me entende.

— Tudo que ela quiser.

Jube pensou que o amigo tinha de ser Popinjay, mas não disse nada. Saiu cuidadosamente do banquinho e foi para a sala vermelha, bem à direita do bar principal. Dentro dele, estava escuro e esfumaçado. As luzes eram vermelhas, o carpete grosso e felpudo era vermelho, e as pesadas cortinas de veludo em torno das cabines eram de um vinho-escuro vivo. A maioria das cabines estava vazia àquela hora da noite, mas ele conseguiu ouvir uma mulher gemendo de uma que não estava. Foi até a terceira cabine da esquerda para a direita, puxou a cortina e botou a cabeça lá dentro.

Lá dentro, estavam conversando, em tom baixo e sério, mas a conversa foi interrompida. Crisálida olhou para ele.

— Jubal — disse ela com firmeza. — Que posso fazer por você?

Jube olhou para o acompanhante, um homem branco, forte e compacto de camiseta preta e uma jaqueta de couro escuro. Vestia a máscara mais comum, um capuz preto que cobria tudo, menos os olhos.

— Você deve ser Popinjay — disse Jube, antes de se lembrar que o detetive não gostava que o chamassem assim.

— Não — o mascarado respondeu, a voz surpreendentemente suave. Ele olhou para Crisálida. — Podemos voltar a conversar mais tarde se você tem negócios a fazer. — Ele deslizou para fora da cabine e desapareceu sem dizer qualquer palavra.

— Entre — disse Crisálida. Jube se sentou e fechou as cortinas. — Seja lá o que tenha pra mim, espero que seja bom. — Ela parecia bastante irritada.

— Ter para você? — Jube estava confuso. — Do que está falando? Onde está o Popinjay, ele não deveria estar aqui agora?

Ela o encarou. Encapsulada na carne transparente e nos músculos cinzentos fantasmagóricos, seu crânio fez Jube lembrar-se do homem desagradável que sentou ao lado dele no bar.

— Não sabia que você conhecia o Jay. Que ele tem a ver com você? Tem alguma coisa sobre ele que preciso saber?

— O relatório — Jube soltou. — Ele ia nos falar sobre aqueles maçons que contrataram o Devil John para roubar o corpo do necrotério. Eles eram perigosos, você disse.

Crisálida riu dele, abriu as cortinas e levantou-se languidamente.

— Jubal, não sei quantos drinques exóticos com rum você desfrutou hoje, mas acho que foram muitos. É sempre um problema quando Lupo está no bar. Sascha consegue dizer quando um cliente já bebeu demais, mas não nosso pequeno lobinho. Vá para casa e durma.

— *Para casa!* — disse Jube. — Mas, e o corpo, e o Devil John e os *maçons*…

— Se você quiser se juntar a uma fraternidade, os Odd Fellows seriam perfeitos para você, eu acho — disse Crisálida num tom entediado. — Tirando isso, não tenho a mais vaga ideia do que você está falando.

A caminhada para casa foi longa e quente, e Jube teve uma sensação inquietante, como se estivesse sendo observado. Parou e olhou em volta furtivamente diversas vezes para tentar perceber qualquer um que o estivesse seguindo, mas não havia ninguém por ali.

Na privacidade do seu apartamento, Jube afundou agradecido na banheira gelada e ligou a televisão. O filme da madrugada era *Trinta minutos sobre a Broadway!*, mas não era a versão com Howard Hawks, era o *remake* horrível de 1978 com Jan-Michael Vincent como o Jetboy e Dudley Moore fazendo um Tachyon divertido numa peruca vermelha horrível. Jube acabou vendo mesmo assim; precisava de uma fuga nada intelectual. Ele se preocuparia com Crisálida e o resto no dia seguinte.

Jetboy tinha acabado de bater o JB-1 no dirigível quando a tela de repente estalou e ficou preta.

— Ei — disse Jube, apertando o controle remoto com força. Nada aconteceu.

Então, um cão do tamanho de um pônei saiu do aparelho de televisão.

Ele era seco e terrível, o corpo cinza esfumaçado e terrivelmente macilento, os olhos eram janelas que se abriam para uma câmara mortuária. Uma cauda longa e bipartida curvava-se sobre as costas como o ferrão de um escorpião e se retorcia de um lado para o outro.

Jube se encolheu tão rápido que derramou água sobre todo o chão do quarto, e começou a gritar para a coisa. O cão arreganhava os dentes, que eram adagas amarelas. Jube percebeu que murmurava na língua de contato da Rede, e mudou para o inglês.

— Saia! — falou para o animal. — Vá embora!

Arranhava o lado da banheira, espalhando mais água, e se retraiu. O controle remoto ainda estava na sua mão, se pudesse alcançar seu gabinete… Mas o que teria de bom lá contra algo que atravessava paredes? Sua carne ficou quente com o terror súbito.

O cão caminhou em sua direção, então parou. Seu olhar estava fixo entre as pernas de Jube. Pareceu por um momento se divertir com o pênis duplo dividido, e a genitália feminina inteira sob ele. Jube decidiu que sua melhor chance estava em lançar-se para a rua. Ele correu para trás.

— Gordinho — o cão falou numa voz que era malícia pura e grudenta. — Vai correr de mim? Você me procurou, seu tolo. Acha que suas pernas grossas de curinga podem te fazer escapar de Setekh, o destruidor?

Jube ficou boquiaberto.

— Quem…

— Sou aquele cujos segredos você buscou descobrir — disse o cão. — Curinga pequeno e patético, achou que não perceberíamos, achou que não nos importássemos? Soube pela mente dos seus contratados, e segui o rastro até você. E agora você vai morrer.

— *Por quê?* — Jube perguntou. Não tinha dúvida de que a criatura poderia matá-lo, mas se precisasse perecer, esperava ao menos saber o motivo.

— Por que me fez perder tempo — o cão respondeu. Sua boca se remexia em formas obscenas, afetadas quando falava. — Pensei que encontraria um grande inimigo e, em vez disso, encontro um curinga gordo e baixote que faz dinheiro vendendo fofocas a uma dona de bar. Quanto você achou que valiam os segredos da nossa Ordem? Quem achou que poderia pagar por eles, Morsa? Diga e eu não o farei sofrer. Minta, e sua morte vai durar até o raiar do dia.

O cão não tinha ideia do que ele era, Jhubben percebeu. Como poderia? Soube dele por Crisálida, pela rua; não olhou para dentro do seu segredo. De repente, por razões que não conseguiria explicar, Jube sabia que Setekh não *deveria* saber. Ele deveria levar aquela coisa para longe dos seus segredos.

— Não quis incomodá-lo, poderoso Setekh — disse ele em voz alta. Tinha posado de curinga por 33 anos, ele sabia como rastejar. — Peço sua misericórdia — disse, afastando-se de costas para a sala de estar. — Não sou seu inimigo — falou ainda. O cão o seguia, olhos faiscantes, língua rolando de seu focinho comprido. Jube pulou para a sala de estar, fechou a porta e correu.

O cão se lançou através da parede e o interceptou, e Jube perdeu o equilíbrio quando tentou fugir. Estatelou-se no chão, e o cão ergueu uma pata terrível para bater… e parou quando Jube se encolheu de medo do golpe fatal. A boca do cão se torceu e derramou uma baba fantasmagórica, e Jube percebeu que ele estava rindo. A coisa estava olhando algo atrás dele e rindo. Ele virou a cabeça e viu apenas o transmissor de táquions.

Quando olhou de volta, o cão havia desaparecido. Em vez dele, um homem frágil numa

cadeira de rodas estava sentado, encarando-o.

— Somos uma Ordem antiga — disse o homenzinho. — Os segredos passaram por muitas bocas, e alguns se desviaram, alguns ramos foram perdidos e esquecidos. Fique feliz por não ter morrido, irmão.

— Ah, sim — disse Jube, ficando de joelhos. Não tinha ideia do motivo pelo qual estava sendo poupado, mas não discutiria a questão. — Obrigado, mestre. Não vou incomodá-lo de novo.

— Deixarei que viva, assim você poderá nos servir — a aparição de cadeira de rodas disse a ele. — Mesmo alguém estúpido e fraco como você poderá ter sua utilidade na grande batalha que está por vir. Mas não diga nada do que descobrir, ou não viverá para ser iniciado.

— Eu já esqueci — disse Jube.

O homem na cadeira de rodas pareceu achar aquilo imensamente divertido. Sua testa pulsava enquanto ria. Um momento depois, ele desapareceu. Jube ergueu-se com muito cuidado.

Bem cedo na manhã seguinte, um curinga com a pele carmesim vívida comprou uma edição do *Daily News* e pagou por ela com uma moeda vermelha e brilhante do tamanho de uma de cinquenta centavos de dólar.

— Eu ficaria com ela se fosse você, meu chapa — disse ele, sorrindo. — Acho que pode ser sua moeda da sorte.

Então ele contou quando e onde seria a próxima reunião.

♣ ♦ ♠ ♥

Dificuldades relativas

Melinda M. Snodgrass

O Dr. Tachyon desceu os degraus da clínica Blythe van Renssaeler e parou para dar um tapinha em um dos abatidos leões de arenito que flanqueavam as escadas. Percebeu que seu companheiro ao norte ainda tinha um topete de neve suja adornando a cabeça decadente. Apesar de ele já estar atrasado para um almoço com o senador Hartmann no Aces High, não conseguia evitar carinhosamente tirar sua neve. Um vento ríspido e frio soprava do East River, conduzindo farrapos de névoa branca diante dele, e trazendo consigo o som das buzinas do tráfego imenso na ponte do Brooklyn.

A urgência das buzinas lembrou-o da passagem do tempo, e ele ultrapassou os dois últimos degraus num longo salto. E se deparou com uma superfície rosada. *Um colete*, Tach identificou antes de sua visão ser interrompida por um buquê de gladíolos bem embaixo do seu nariz. Tach olhou para cima, bem para cima, e percebeu que encarava um estranho… e havia perigo ou potencial de perigo em todo estranho. Três passos rápidos para trás o levaram para fora do alcance de tudo, menos de uma bala ou de algum poder esotérico de ás, e ele estudou cuidadosamente a aparição.

O homem era muito alto, sua altura ossuda aumentada pela cartola enorme, alta, púrpura, enfiada sobre os cabelos longos, lisos e loiros. Um casaco, também púrpura, pendurava-se de seus ombros estreitos, e fazia — na opinião de Tach — um contraste adorável à camisa laranja e violeta com estampa *paisley* e calças verdes. O espantalho sorridente novamente ofereceu as flores.

— Sabe, sou o Capitão Viajante, cara — ele falou, e ficou ali em pé, cambaleando e sorrindo como um farol bêbado. Fascinado, Tachyon olhou para os olhos azuis pálidos nadando atrás de lentes que pareciam ter sido tiradas do fundo de garrafas de Coca-Cola. Incapaz de pensar qualquer coisa coerente para dizer, Tach simplesmente aceitou as flores.

— Este não é meu nome de verdade, cara — o Capitão confiou numa espécie de sussurro que teria chegado até as últimas fileiras do Carnegie Hall. — Sou um ás, então preciso ter uma identidade secreta, sabe? — O Capitão correu a mão ossuda pela boca, ajeitando levemente o bigode e o tufo desgrenhado de barba. — Ah, uau, sabe, nem posso acreditar. Dr. Tachyon, em pessoa. Eu admiro você, de verdade, cara.

Tach, que nunca foi daqueles que recusavam um elogio, ficou lisonjeado, mas também estava ciente do tempo que passava. Enfiou as flores no bolso do casaco e voltou a andar, seu acompanhante recém-encontrado seguindo ao seu lado. Havia uma sensação boa sobre o homem que tomou conta dele com um odor leve de ginseng, sândalo e suor velho, mas Tach não conseguia se livrar da sensação de que o Capitão era um lunático amigável. Afundando as mãos nos bolsos de trás da calça azul-marinho, lançou um olhar de canto de olho para o

Viajante e decidiu que precisava dizer algo. Óbvio que não se livraria do homem tão cedo.

— Então, teria algum motivo especial para me procurar?

— Bem, acho que preciso de um conselho. Tipo, sabe, pareceu que você era a pessoa a quem eu devia perguntar. — As mãos do homem buscaram a gravata verde gigantesca com pontinhos amarelos e deram uma bela puxada, como se ele a achasse sufocante. — Não sou realmente o Capitão Viajante.

— Sim, eu sei, você já disse — Tach retrucou, persistindo com sua paciência, agora quase desaparecida.

— Meu nome de verdade é Mark Meadows. *Doutor* Mark Meadows. Tipo, temos muito em comum, cara.

— Você só pode estar brincando — soltou Tach e, no mesmo instante, arrependeu-se da grosseria.

A figura desajeitada pareceu murchar, perdendo alguns centímetros.

— Sou eu, cara, de verdade.

Dez anos atrás, Mark Meadows foi considerado o bioquímico mais brilhante do mundo, o Einstein da sua área. Houve uma dúzia de explicações diferentes para sua aposentadoria repentina: estresse, deterioração da personalidade, o término do casamento, abuso de drogas. Mas pensar que o jovem gigante fora reduzido a esse desajeitado…

— Estou, sabe, procurando pelo Radical, cara.

A memória estalou: 1970?, a revolta no People's Park, quando um misterioso ás apareceu na cena, resgatou o Rei-Lagarto e sumiu para nunca mais ser visto.

— Você não é o único. Tentei localizá-lo nos anos 1970, mas ele nunca reapareceu.

— Sim, é realmente uma vergonha — o Capitão concordou, com tristeza. — Uma vez eu… bem, *acho* que eu o tive uma vez, mas nunca consegui tê-lo de volta, então talvez eu não tenha tido. Talvez seja só, tipo, ilusão, cara.

— *Você* está dizendo que é o Radical? — A descrença fez a voz de Tach aumentar muitas oitavas.

— Ah, não, cara, porque não tenho prova. Eu fiz esses pozinhos, tentando encontrá-lo, trazê-lo de volta, mas quando como as poeiras consigo essas *outras* pessoas.

— Outras pessoas? — Tach repetiu num tom artificialmente calmo.

— Sim, meus amigos, cara.

Tachyon tinha certeza agora. Estava com um maluco nas mãos. Se ao menos tivesse pedido a limusine. Ele começou a buscar uma maneira de se livrar da companhia indesejável e chegar à reunião antes que cancelassem o subsídio ou sabe-se lá Ideal mais o quê… Viu uma travessa que ele sabia ser um atalho para um ponto de táxi. Com certeza ele conseguiria se livrar…

Viajante estava caminhando de novo.

— Você é, tipo, o pai de todos os ases, cara. E sempre está fazendo coisas pra ajudar o povo. E eu gostaria de ajudar o povo, então pensei que você poderia, tipo, me ensinar a ser um ás, e combater o mal e…

Fosse lá o que o Capitão quisesse se perdeu numa freada brusca quando um carro entrou com tudo na travessa e sacudiu numa parada. Instintos de sobrevivência, treinados na infância, tomaram conta dele, e Tach girou e correu daquilo que agora percebeu ser uma caixa mortal.

Viajante olhava de um lado para o outro, sua cabeça apontando para o carro e para o takisiano em fuga como um flamingo perplexo.

Screeeech! Bum! Outro carro, de fato bloqueando sua escapada. E as figuras — figuras familiares — saindo aos borbotões dos veículos. Ele não tinha tempo de ponderar sobre a presença inexplicável de seus parentes na Terra; em vez disso, seus escudos se armaram a tempo de rebaterem um poderoso choque mental. Seu poder se expandiu, escudos se chocaram, caíram, e um de seus algozes despencou.

Ele tentou outra vez; os escudos aguentaram. *São muitos*. Tempo para tentar e enganá-los fisicamente. O vazamento da mente deles indicava uma captura simples, mas então ele viu um laçador no bracelete do seu primo Rabdan. Era uma arma especialmente perigosa, e uma arma de assassinato popular. Uma pressão no peito da vítima e o coração parava. Rápida, limpa, simples, e o trabalho estava terminado. Uma voadora traseira fez Rabdan pousar num monte de latas de lixo. As latas caídas foram abaixo com estouro e estardalhaço, soltando o fedor de lixo apodrecendo, e quatro ou cinco gatos de rua choramingaram e chiaram. O disco prateado do laçador rolou da mão de Rabdan e Tach pulou para pegá-lo.

De canto de olho, viu o Capitão segurar a cabeça e desmaiar com um gemido sobre a calçada escorregadia. Outro ataque mental que seus escudos revidaram, mas de nada adiantaram contra um bastão manejado com destreza por Sedjur, seu antigo mestre de armas, e quando seu crânio explodiu em fragmentos de luz e dor, Tachyon sentiu uma sensação profunda de agonia e traição, e um desejo imenso de ter uma *arma*.

♣

— … trazer este outro?

— Você disse para não deixar nem testemunhas, nem corpos.

Os tons zangados e defensivos de Rabdan pareciam filtrados por muitos quilômetros de algodão, e aquela outra voz… não poderia ser. Tach fechou os olhos com mais força, desejando voltar à inconsciência, qualquer coisa menos a presença da *Kibr*, Benaf'saj.

A velha suspirou.

— Muito bem, talvez ele possa servir como um controle. Leve-o para a cabine com os outros.

Os passos de Rabdan recuaram, acompanhados por um som de arrasto.

— O garoto se saiu bem — Sedjur disse assim que Rabdan saiu, e ele não poderia se ofender com suas observações. — Os anos aqui o fortaleceram. Venceu Rabdan.

— Sim, sim. Agora vá. Preciso falar com meu neto.

Os passos de Sedjur diminuíram, e Tach continuou a fingir que estava dormindo. Sua mente estendeu-se, tocou a presença da nave, (era definitivamente uma nave de guerra da classe Corcel), sentiu o padrão familiar das mentes takisianas, o pânico de dois… não, de *três* mentes humanas. E, finalmente, uma mente cujo toque trouxe um ataque de medo e ódio e arrependimento tingidos pela tristeza. Seu primo, Zabb, tomando consciência da sondagem suave, rebateu, e o escudo imperfeito de Tachyon permitiu que parte do revide passasse. Sua dor de cabeça aumentou em intensidade.

— Sei que está consciente — Benaf'saj disse, começando a conversa.

Com um suspiro, Tach abriu os olhos e observou os traços bem marcados da sua parente viva mais velha. A luminescência opalina das paredes da nave formava uma auréola em torno do seu cabelo prateado e aumentava a rede de linhas entalhadas em seu rosto. Contudo, mesmo com toda a devastação, era possível ver traços da beleza formidável que fascinara muitas gerações de homens. Existe a lenda de que um membro da família Alaa arriscou tudo para passar uma noite com ela. Perguntava-se se ele achava que o júbilo valia o preço, pois ela o mataria antes da manhã. (Ou assim contava a história.) A mão retorcida pegou uma mecha de cabelo que estava solta do penteado elaborado, enquanto os olhos cinzentos esmaecidos o examinavam com uma frieza que beirava o desinteresse.

— Vai me cumprimentar a contento ou seus anos na Terra empobreceram suas boas maneiras?

Ele se ergueu com dificuldade, fez uma mesura e abaixou-se com um joelho ao chão diante da mulher. Seus dedos longos e secos envolveram o rosto dele, puxando-o para perto, e os lábios murchos beijaram-lhe a testa.

— Você nem sempre foi silencioso. Em casa, seu tagarelar era considerado um defeito. — Ele permaneceu quieto, sem querer perder a compostura fazendo a primeira pergunta. — Sedjur disse que você aprendeu a lutar. A Terra lhe ensinou também a esconder sua opinião?

— Rabdan tentou me matar.

Ela não ficou desconcertada pela aspereza da declaração, tampouco insultada pelo tom hostil, direto.

— Nem todos receberiam bem seu retorno a Takis.

— E Zabb está a bordo.

— E daí você pode tirar suas próprias conclusões.

— Eu sei. — Ele desviou o olhar, a repulsa espalhada sobre o fundo da língua como um gosto de podridão. — Não voltarei, nem os seres humanos vão para lá.

Os dedos finos fecharam-se como garras no queixo dele e forçaram-no a encará-la.

— Você é um rapaz ressentido. Que me diz sobre sua obrigação e responsabilidades perante a família?

— E o que dizer sobre minha busca pela virtude? — ele retrucou, jogando para ela o outro princípio igualmente importante e extremamente contraditório da vida takisiana.

— O tempo não parou em casa enquanto você se divertia na Terra. Quando você desapareceu, Shaklan suspeitou que havia seguido a nave até a Terra. Mas você não estava sozinho em sua preocupação sobre o grande experimento. Outros observavam, mas em vez de se adiantar para impedir o lançamento, eles atacaram a fonte. L'gura, aquele animal sem mãe, formou uma coalizão de 15 outras famílias, e eles vieram.

Ela encarou suas mãos, e de repente pareceu muito velha.

— Muitos morreram no ataque. Mas por Zabb, eu acho, *todos* poderíamos ter morrido.

Tach mordeu o lábio inferior, retendo as desculpas por sua ausência.

— Você nunca se perguntou, enquanto os anos passavam e nós não vínhamos, o que podia ter acontecido?

Uma lâmina fria parecia se retorcer em sua barriga, e ele forçou:

— Meu pai?

— Um ferimento na cabeça. A carne vive, mas a mente se foi.

Uma dormência tomou conta dele, e a lembrança das palavras dela pareciam chegar a ele de uma longa distância.

— Sem você, Zabb fez agitação pelo cetro, mas muitos temeram sua ambição. Para bloquear sua ascensão, seu tio Taj manteve a regência, mas foi decidido que você precisava ser encontrado, pois há dúvida sobre quanto tempo mais o corpo de Shaklan poderá continuar…

Manhãs tão frias, e seu pai deixava um cone de papel cheio de nozes torradas na sua mão, enquanto um vendedor de rua se balançava e sorria para os nobres… Balançando com tristeza numa porta, enquanto Shaklan conduzia negócios e esquecia que prometera ensinar o filho a cavalgar naquele dia. O término da reunião e os braços bem abertos. Correndo para aquele abraço, sentindo-se seguro enquanto aqueles braços poderosos o envolviam, e a cócega de uma gravata de babados contra sua bochecha, e o calor, o cheiro masculino coberto com o tempero de sua colônia…

A dor indescritível quando o pai o atingiu na coxa durante uma de suas sessões de treinamento psíquico. As lágrimas que derramaram quando Shaklan tentou explicar por que tinha feito aquilo. Que Tisianne precisava ser capaz de aguentar qualquer coisa deste lado da morte sem perder o controle mental. Algum dia sua vida poderia depender daquilo… O tremeluzir da luz da lareira na superfície marcada de seu rosto quando eles dividiam uma garrafa de vinho, e choravam, a noite que eles souberam do suicídio de Jadlan.

Tach cobriu o rosto com as mãos e soluçou. Benaf'saj não se moveu, física ou mentalmente, para aliviar sua angústia, e ele a odiou por isso. A tempestade consumiu-se e ele limpou os olhos lacrimejantes e o nariz escorrendo com um lenço oferecido por sua muitas vezes tataravó. Seus olhos se encontraram e ele viu nos dela… dor? Mal podia acreditar naquilo, e o momento passou antes que pudesse ter certeza da realidade daquilo que tinha visto.

— Tomaremos o caminho de casa assim que tivermos limpado a área dos brotos. Não estamos armados o suficiente para combater um ataque de uma das devoradoras, e nossas coberturas devem cair antes de podermos entrar no voo-fantasma. É uma vergonha — continuou a ponderação — que pudemos salvar tão poucas espécimes. É provável que T'zan-d'ran destrua este mundo.

A cabeça dele se moveu rapidamente, negando.

— Você discorda?

— Acho que os humanos podem surpreender vocês.

— Duvido. Mas ao menos reunimos nossos dados. — Ela o agulhou com um olhar frio e cinzento. — Claro, você terá o controle da nave, mas, por favor, não aborde os humanos. Isso apenas os agitará e trará dificuldades para se adaptarem à nova vida.

Ela deu ordens telepáticas e uma mulher esguia entrou na sala. Tach percebeu, com um susto, que a última vez que ele a tinha visto ela era uma garotinha rechonchuda de 5 anos, cuidando de uma bela família de bonecas e fazendo-o prometer que se casaria com ela quando crescesse para que pudessem ter bebês lindos. Agora, ela nunca se casaria. O fato de estar na nave, e não seguramente protegida nos alojamentos femininos, significava que era *bitshuf'di*, uma das neutralizadas que fora destinada a carregar recessivos perigosos, ou tinha valor genético insuficiente para ser autorizada a procriar.

Seus olhos piscaram (com tristeza?… era difícil medir a emoção, de tão rápido que aconteceu) sobre ele, e ela fez uma mesura.

— Sire, se você me acompanhar.

Ele fez a Benaf'saj uma reverência final e seguiu os passos de Talli, ponderando como quebrar o silêncio. Decidiu que uma conversa fiada seria inadequado — *claro que ela cresceu, passaram-se décadas!*

— Nenhum cumprimento, Talli? — O corredor curvou-se à frente deles, reluzindo como madrepérola polida, enquanto espiralavam cada vez mais fundo no coração da nave.

— Você não fez nenhum na despedida.

— Foi algo que precisei fazer.

— Outros também vivem com esse mandamento. — Ela olhou nervosamente ao redor e entrou no modo telepático, impenetrável e íntimo. — *Zabb queria você morto. Não coma ou beba nada que não seja eu a trazer, e tome cuidado.* Ela encaixou uma pequena adaga afiada na mão dele, que a escondeu rapidamente na manga da camisa.

Suspeitei disso. Mas obrigado pelo aviso e pela arma.

Ele vai me matar se suspeitar.

Ele não vai saber por mim. Nunca foi páreo nas artes mentais.

Mas ela olhou em dúvida, e ele percebeu com constrangimento como seus escudos estavam relaxados. Ele os fortaleceu, e ela balançou a cabeça, aliviada.

Melhor assim.

Não, é terrível. É uma situação horrível.

Olhou para ela com seriedade.

Não tenho a intenção de voltar para Takis.

Chegaram à porta da cabine, e a nave, obediente, abriu-se para ele.

Ela pousou as mãos nos ombros dele e insistiu.

Você precisa. Precisamos de você.

E, enquanto a porta fechava como uma lente, ele decidiu que talvez ela não fosse tão aliada assim no fim das contas.

Tom Tudbury estava tendo um dos piores dias da sua vida. O pior dia fora 8 de março, quando Barbara casou-se com Steve Bruder, mas aquele era praticamente o segundo pior. Estava a caminho da clínica de Tachyon com o aparelho estranho que havia pegado do punk, quando uma estranha nave, parecendo uma concha de molusco, pairou sobre as nuvens, ao lado dele, e o convidou a bordo. Talvez *convidou* não fosse a palavra certa; *obrigou* estava mais próximo da realidade. Garras gélidas pareciam agarrar sua mente, e ele flutuou calmamente a carapaça para dentro das portas escancaradas de um compartimento de carga. Não se lembrava de nada até se encontrar em pé numa sala gigantesca, a carapaça pousada ao lado.

Diversos homens esguios em uniformes dourados e brancos de ópera cômica aproximaram-se e o examinaram, enquanto outro se lançou para dentro da carapaça e saiu de lá com a estranha bola preta e um pacote de seis cervejas pela metade. Ele fez um gesto com as latas, o que causou um som metálico e abafado, e houve um estouro de gargalhadas. Em seguida, o

aparelho foi examinado entre uma onda de palavras musicais cheias de pausas aleatórias e inexplicáveis. Dando de ombros, o aparelho foi colocado numa prateleira que se estendia de um lado da sala curva. Um de seus captores gesticulou polidamente na direção de uma porta de entrada. A cortesia do gesto removeu seu pior medo — era óbvio que não estava nas mãos do Enxame. De alguma forma, a gentileza não parecia se encaixar com os monstros.

Saíram num corredor serpenteante cujas paredes, chão e teto brilhavam como concha de abalone polida. Enquanto prosseguiam, o teto abaulado se iluminava antes deles e escurecia depois de passarem. Uma parede trazia um adereço de linhas róseas como as pétalas de uma flor. Essa seção escancarou-se de repente, e Tom foi conduzido até uma cabine luxuosa.

Uma explosão de riso delicado e feminino o recebeu, e ele olhou para a bela mulher curvada no centro de uma grande cama redonda.

— Bem, você não parece gostar muito — disse ela com um olhar avaliador. Ele murchou a barriga e desejou que sua camiseta estivesse limpa. — Sou Asta Lenser. Quem é você, afinal? — Ele estava assustado, mas o medo o deixou cuidadoso. Ele balançou a cabeça. — Ah, foda-se! Estamos nisso aqui juntos.

— Sou um ás. Tenho que ser cuidadoso.

— Bem, grande merda! Eu também sou.

— É?

— Sim, faço a dança dos sete véus. — Seus braços longos e graciosos sacudiram formas sobre ela. — Deixo Salomé no chinelo. — Ele olhava perplexo. — Você nunca foi ao balé?

— Não.

— Babaca. — Ela fuçou numa grande bolsa disforme e tirou de lá um pacote de pó branco, um espelho e um canudinho. Suas mãos tremiam tanto que levou cinco tentativas para conseguir estender as carreiras. Sugou a cocaína e recostou-se com um longo suspiro de alívio. — Onde estamos? Ah, sim, meu poder. Posso hipnotizar as pessoas com minha dança. Em especial, homens. Mas é um poder insignificante quando você é sequestrado por alienígenas. Ainda assim. Ele mesmo com certeza apreciou. Consegui muitas informações boas com meu poder insignificante e o segurei… em pé. — Ela fez um gesto obsceno entre as pernas.

Tom perguntou-se de quem e que diabos ela estava falando, mas francamente não se importou em decifrar. Cambaleou pelo quarto, e caiu num banco baixo que parecia uma extrusão da própria nave. Quando se sentou na almofada grossa adornada, houve estalidos de folhas e pétalas secas, e um aroma muito forte preencheu o ar.

Não tinha certeza de quanto tempo ficou no banco, torturando-se sobre sua situação — Takisianos! Jesus Cristo! O que vai acontecer com eles? Tach? Ele poderia ajudar? Ele tá sabendo? Que merda!

— Ei — Asta chamou. — Desculpe. Olha, nós dois somos ases, poderíamos fazer alguma coisa pra sair dessa bagunça.

Tom apenas balançou a cabeça. Como poderia dizer a ela que deixou seus poderes para trás com sua carapaça?

O riscar do fósforo soou alto na sala silenciosa. Tach observou com atenção desnecessária quando a vela reluziu. A luz atingiu a cor da parede da nave e espalhou um aroma suave de flores. Puxando uma moeda de 25 centavos do bolso, ele a pousou no altar. Parecia incongruente entre as moedas takisianas de ouro. Ele levantou a faca mínima com cabo perolado, murmurou uma breve oração para a libertação do espírito do pai e fez um pequeno corte na ponta do dedo indicador. O sangue correu devagar, e ele encostou a gota reluzente na moeda. Abaixou-se para se sentar de pernas cruzadas diante do altar familiar, lambendo o corte do dedo, e rolando a faquinha de meio centímetro na mão.

— Esta não é uma grande arma.

Zabb estava recostado à porta, braços cruzados à frente do peito. Tinha quase um metro e oitenta, com corpo magro, peito grande e ombros largos de nadador ou de lutador de artes marciais. Cabelos ondulados, de um cinzento dourado, caíam de uma testa alta e branca, e apenas encostavam no colarinho de sua túnica branca e dourada. Os olhos frios e cinzentos adicionavam-se à impressão de metal e cristal. Não havia calor naquele homem. Mas havia poder e comando, e um carisma assolador.

— Não era o que eu estava pensando.

— Pois deveria.

Algo aconteceu naquele momento, a disposição dos ombros de Zabb, ou talvez o entortar indulgente da cabeça, que fez Tach se lembrar do passado… antes de a política familiar irromper, antes de ele entender os sussurros que ligavam a mãe de Zabb à morte de sua mãe, antes… Um tempo quando Tach, então com 5 anos, adorava o glamoroso primo mais velho.

— Estava lembrando que você me deu meu primeiro animalzinho. Daquela ninhada que a velha Th'shula teve.

— Não, Tis. Isso está morto e enterrado.

— Assim como eu estarei?

Seus olhos se encontraram, cinza com lilás. Os de Tach baixaram primeiro.

— Sim. — A mão fina e bem cuidada esfregava nervosamente o bigode e as costeletas cheias. — Pretendo matá-lo antes de chegarmos a Takis. — O tom de Zabb era de uma conversa.

— Não quero voltar à família. Quero ficar na Terra.

— Não importa. Enquanto você estiver vivo, *eu* não conseguirei.

— E os humanos?

— São cobaias. Úteis se nos movermos para o segundo estágio. — Ele se virou para sair.

— Zabb, o que aconteceu?

Os ombros do primo se curvaram, então se soltaram para trás naquela rigidez militar.

— Você atingiu a maturidade.

A porta sussurrou ao se fechar atrás dele.

Tom e Asta assustaram-se quando os dois homens entraram, arrastando entre eles uma forma esparramada, desengonçada num terno púrpura de Tio Sam. O homem mais jovem ficou de joelhos, apalpou rapidamente os bolsos do casaco volumoso de hippie e tirou um pequeno

frasco cheio de um pó azul salpicado de prata. O mais velho aceitou o frasco, destampou-o e, curioso, cheirou o conteúdo. Uma sobrancelha ergueu-se.

— Este aqui estava com Tisianne? — disse ele, em inglês.

— Sim, Rabdan.

— E eles pareceram amigáveis? — Seus olhos pálidos voltaram-se para Tom.

— S-sim.

— É um tipo de droga. E muito de uma droga pode causar efeitos terríveis. Certamente, espero que meu estimado sobrinho esteja familiarizado com o tratamento de uma overdose. De outra forma, o amigo dele poderia morrer. — Outro olhar misterioso, como o de um gato, para Tom.

Os dedos de seu acompanhante apertaram rapidamente os lábios, então disse ele, hesitante:

— Não deveríamos perguntar a Zabb?

— Bobagem, ele não se importará com o que acontecerá a um amigo humano de Tisianne.

Ajoelhando-se, derramou o conteúdo do frasco entre os lábios frouxos do hippie. Tom fez menção de se levantar, um protesto nos lábios, mas um olhar de Rabdan o fez cair de volta sobre o banco. Os olhos de todos se voltaram para a figura muito magra no chão; Asta, com entusiasmo, a ponta da língua apenas à mostra entre os lábios; Tom, horrorizado; o jovem takisiano, preocupado; e Rabdan com um bom humor jovial.

O homem ser retorceu, virou-se, e por um instante todos ficaram boquiabertos quando uma figura azul brilhante se ergueu do chão, majestosa. Dentro de sua capa de capuz escura como o espaço, seus olhos eram fendas de fogo branco, e o forro da capa reluzia com estrelas brilhantes, nébulas, espirais galácticas. Os takisianos pularam para a frente, agarrando o ar, enquanto a forma exótica afundava rápida e suavemente através do assoalho.

♣

Tachyon voltou à sua cabine e estirou-se de bruços sobre a cama, queixo apoiado nas mãos, e tentou decidir o que fazer. A breve conversa com Zabb indicou não apenas perigo a ele, mas também aos seres humanos. Era óbvio que serviriam de cobaias, apesar das observações de Benaf'saj.

Não demorou muito para identificar a nave como a *Hellcat*, a embarcação favorita e mais amada do primo. Assim, uma tentativa de assumir a nave seria inútil. Não havia maneira de ele conduzir *aquela* nave. Ainda conseguia se lembrar do dia em que os cultivadores de nave chamaram para dizer que seria melhor retroceder com a mais nova nave do primo para que pudessem começar de novo. Ela era selvagem, arrogante, extremamente indomável. Aquilo foi o bastante para Zabb. Mesmo entre as outras famílias, notoriamente sovinas com os elogios, ele era conhecido como o treinador de naves mais brilhante do planeta. E não conseguia resistir a um desafio. Tisianne, com 9 anos, esteve presente com seu pai no centro de treinamento orbital. Zabb entrou na nave, os poderosos feixes de luta foram liberados, e a nave começou a fugir na direção geral do centro galáctico. Ninguém sequer esperava ver Zabb novamente, mas duas semanas depois a nave e o takisiano voltaram com dificuldade para casa, e nada poderia ser mais dócil que o comportamento da *Hellcat* quando sob o comando de seu conquistador. Era nave de um homem só.

Bem do jeito que Baby *é comigo*, pensou Tach, na defensiva.

O problema era que a nave não poderia ser controlada apenas por meros poderes psíquicos. Além disso, era uma nave militar, o que significava que havia de fato consoles de controle embutidos no casco de forma que, se fosse muito danificada, a tripulação poderia ser capaz de cuidar dela até voltar para casa. Mas se ele tentasse tomar a nave usando os consoles, ela simplesmente desconsideraria suas ordens e gritaria por Zabb. E, embora ele pudesse enfrentar Zabb num confronto mental homem a homem, havia 19 outros takisianos na nave.

Então, o que fazer? Benaf'saj estava mesmo no comando. E, se precisasse dar a ordem de levar Tachyon e os prisioneiros para a Terra… Ele rolou para fora da cama e saiu em busca da sua *Kibr*.

Ela estava na ponte, olhando furiosamente para Andami, enquanto Sedjur olhava com desdém para uma projeção que *Hellcat* lançava gentilmente no chão. O homem mais novo se contorcia.

— Faça o favor de explicar para mim por que você administrou uma substância desconhecida num prisioneiro?

— Foi Rabdan quem fez isso — Adami disse, mal-humorado.

— Então, os dois são estúpidos, ele por fazê-lo e você por permiti-lo. Agora temos uma criatura alienígena com capacidades desconhecidas solta pela nave.

— Ele está se movendo de novo — Sedjur irritou-se. — Está no nível cinco. Não, voltou para dois. Agora está na sua cabine.

A boca de Benaf'saj torcia-se em desaprovação.

— Não sei por que todos estão tão irritados. *Hellcat* pode nos dizer onde ele está.

— Porque ele se move através de paredes e pisos, e quando chegamos num lugar, ele já se moveu de novo — a senhora explicou com paciência cuidadosa, como se estivesse falando com uma criança retardada.

Tach deu um passo adiante, tentando não chamar a atenção do triângulo na porta principal, agarrou o espaldar de uma cadeira de aceleração e enviou uma pequena linha. Ele tinha o dom de se insinuar através dos escudos, mas Benaf'saj teve muito mais que duzentos anos para aperfeiçoar os dela. Sua boca estava seca e ele conseguiu sentir a pulsação martelando na garganta quando atravessou a primeira barreira.

Segundo nível. Mais complexo aqui. Armadilhas postas para alguém descuidado que lançam o infiltrado em loops *mentais infinitos até Benaf'saj achar adequado liberá-lo.*

Ele rompeu um dos escudos e rapidamente teceu um desvio para cobrir seu erro. Ele se instalou como um floco de neve dançante no meio da cabeça de sua *Kibr*, atenuando a incisão irregular que deixara. Mais um vencido. *Quantos níveis a velha diaba tem?*

*Brrrrrrang************!* Ele nunca via o golpe vindo. Tropeçou num alarme, uma lâmina branca e quente ergueu-se como uma onda de fogo, e despencou. Sentiu como cada sinapse de seu cérebro fora simultaneamente incinerada, e sua mente parecia chacoalhar no crânio como uma noz podre dentro da casca. Percebeu que deslizava para o chão para cair sentado, seus dedos arranhando o chão perolado da *Hellcat*. Bateu na parede, e o ar saiu dele numa rajada.

Benaf'saj olhou para ele, divertimento e irritação tremeluzindo no rosto. Ele conseguia sentir o sangue subindo para suas bochechas finas.

— Estou com meus escudos armados! — anunciou de forma intermitente e irracional. Estava se sentindo terrivelmente maltratado.

— Quem controla minha mente sou *eu*, rapaz idiota. E você não pode formar um escudo que eu não possa romper. Troquei suas fraldas quando você era um bebê chorão! Não há nada que eu não saiba sobre você! — Ela se virou, o repúdio escrito em cada linha do seu corpo frágil, e a humilhação ergueu-se para sufocá-lo. — Levem-no — ela lançou por sobre os ombros para Sedjur. — E desta vez *tranque*-o na cabine. — A última ordem foi direcionada à nave.

Sem expressão, Sedjur ofereceu a mão para ajudá-lo a se levantar, e o conduziu de volta para a cabina. Ele se apressou à frente, de cabeça baixa, ombros encolhidos, sentindo-se com 5 anos. O velho saiu, e Tach tomou vários goles deliberados do frasco cinza que carregava no cinto. O uísque ajudava a equilibrar seus nervos em frangalhos, mas não a melhorar seus processos mentais. Andou em círculos pela cabine luxuosa, tentando pensar num plano; entrando em pânico quando nada lhe ocorreu. Imaginando o que estava solto na nave. Perguntando-se.

Decidiu que determinaria precisamente quais humanos estavam sendo mantidos na nave. Tocou uma mente feminina familiar. Asta Lenser, a primeira bailarina do American Ballet Theater. Estava pensando num homem. Um homem que estava tendo um grande problema de desempenho. Enquanto seu corpo atarracado e suado se debatia sobre o dela, ela estava pensando como era irônico que um homem com seus poderes não conseguisse "levantar". *O homem mais temido em…*

Envergonhado por sua intromissão e sentindo-se um *voyeur*, Tach retirou-se e continuou a busca. Não havia nada que parecesse com o lunático amigável que o abordara fora da clínica, e ele tinha a esperança de que o Viajante não tivesse sido considerado inútil e descartado. Tinha algo estranho. Uma mente tão bem bloqueada que era quase opaca. Nunca sentira isso sem uma sensação repentina de terror, mas rapidamente foi suprimida, e ele perdeu a fonte. Talvez fosse o intruso. Ele buscou ainda mais e encontrou…

— Tartaruga! — ele exclamou, surpreso e preocupado, fazendo com que ele se erguesse.

Ele estreitou e refinou sua sondagem, construiu uma penumbra para dar a ilusão para qualquer bisbilhoteiro mental de que estava dormindo, e fez contato. Era mais difícil do que esperava. Seu primeiro toque breve mostrou a ele um Tartaruga que ele não conhecia, e ele não queria perturbar o homem aparecendo de repente na cabeça dele. Começou a buscar maneiras para fazer com que ele aos poucos tomasse ciência da sua presença, ficando mais deprimido a cada momento que passasse. Emoções escuras, pesadas, rolavam como ondas viscosas, tristes pela mente do Tartaruga: medo, raiva, perda, solidão e uma sensação avassaladora de desesperança e futilidade.

Sentindo-se como um intruso, e sem querer que Tartaruga pensasse que estava espiando em questões particulares que não lhe diziam respeito, ele tocou com firmeza os escudos primitivos do homem até que uma faísca de surpresa e interesse cuidadoso mostrou a ele que atraiu a atenção do Tartaruga.

Tartaruga.

Tacky, é você?

Sim. Ele sentiu desconfiança e suspeita. Machucava, e ele se perguntou novamente o que

acontecera ao seu amigo mais antigo na Terra. *Sou prisioneiro, como você.*

Ah. Uma daquelas outras famílias de que você sempre falava?

Não, minha família. Vieram ver os resultados do experimento e me encontrar. A dúvida do Tartaruga era como uma lâmina rígida. *O que posso fazer para te convencer de que não tenho parte nisso?*

Talvez você não possa.

Meu amigo, você não costumava ser assim.

É mesmo. A amargura envolveu o pensamento. *E eu não costumava ter mais de 40, e estar totalmente sozinho, e indo para lugar nenhum, a não ser na direção da morte.*

Tartaruga, o que é isso? O que há de errado? Deixe-me ajudar.

Como você e todo o resto dos seus ajudaram quando trouxeram o vírus pra Terra? Não, obrigado.

A dor e a culpa antiga voltaram, mais forte do que foram em anos; anos durante os quais ele construiu a clínica, tornou-se mais famoso que odiado, amado por muitos dos seus "filhos". Anos que cegaram as lâminas de sua culpa. Eram abertos um com o outro, e Tach pensou que sentiu no Tartaruga uma satisfação perversa com sua dor.

Como eles te capturaram?

Não foi muito difícil. Devem ter usado o controle mental, porque simplesmente voei na direção deles.

Aliás, o que estava fazendo lá fora? Tach disse, tentando de forma irritada e irracional mudar o foco da culpa para o Tartaruga.

Estava levando a porra da bola de boliche pra você, pensei que você quisesse jogar um pouco, que merda você acha que eu estava fazendo?

Não sei, por isso perguntei, retrucou Tach, seu tom mental tão grosseiro quanto o de Tartaruga.

Era a porra de uma bola de boliche esquisita que arranquei de uns garotos na rua.

Onde ela está agora?

Eles a tiraram da carapaça e a colocaram numa prateleira na sala.

Que sala? Me mostre.

A exasperação do Tartaruga era como ácido contra sua mente, mas ele forçou. E Tach realmente não sabia por que ele estava sendo tão insistente sobre o aparelho. Provavelmente apenas algo para desviá-lo de sua aflição presente.

Estou ponderando sobre a viabilidade de uma insurgência, disse ele, após uma longa pausa. *Entre sua telecinesia, meu controle da mente e a adaga que minha sobrinha bisneta, Talli, me deu, penso que poderia conseguir. Fico feliz que você não tenha tentado ir embora antes.*

Eu… não posso.

Desculpe?

Eu disse que não posso.

O passado voltou e, de repente, era ele, não o Tartaruga, dizendo aquelas palavras. Ele ficou em pé tremendo e chorando nos degraus do túmulo de Jetboy, tentando explicar que, embora *quisesse* ajudar, não poderia. O Tartaruga o atingira; o poder de telecinesia do ás atacando

como um imenso punho invisível lançando-o escada abaixo. Mas ele não queria atingir o Tartaruga, queria apenas entender.

Por que Tartaruga? Por que não pode?

Estou sem minha carapaça. O Grande e Poderoso Tartaruga poderia deixar esses nojentos em pedacinhos, mas não eu. Eu sou apenas o velho e normal Tom. — Ele recuou, mas o restante do pensamento foi claramente até Tachyon.

Tom Tudbury.

Felizmente, o nome não significava nada para Tachyon. Então, a identidade secreta do Tartaruga ainda estava intacta para todos os fins.

Tudo bem, ele tranquilizou. *Provavelmente não funcionaria de qualquer jeito. O plano dependeria de pegarmos um a um, e no minuto que você arrancasse a porta, a* Hellcat *gritaria para Zabb, e viriam todos para cima de nós. E, mesmo se conseguíssemos, eu voltaria exatamente no dilema original — como lidar com a* Hellcat.

Quem?

A nave. Ela tem consciência.

Então, deve estar um pouco surpresa, pois tem um cara flutuando por aí dentro dela.

Você viu? O que…

— VOCÊ! — anunciou uma voz, preenchendo a palavra com toda a indignação palpitante possível.

Os olhos de Tach arregalaram-se, a concentração necessária para manter o elo telepático perdeu-se completamente. Uma figura azul brilhante e misteriosa surgiu no meio da cabine. Rapidamente ele rolou para fora da cama, a lâmina escorregando para baixo da manga até sua mão. Ele se pôs em posição de guarda, a lâmina e a mão livre sacudindo-se num padrão intrincado e confuso diante dele. De trás da barreira dos seus escudos mentais, lançou uma sonda telepática e encontrou um bloqueio mental poderoso.

— Tire isso daqui, seu homenzinho horrível! Você não pode *me* fazer mal.

— Não estou preocupado com isso. Estou um pouco mais preocupado sobre *suas* intenções para *comigo*.

A criatura levitou, seus olhos estranhos reluzindo como diamantes no rosto sem feições.

— É tudo sua culpa. Tentei manter aquele hippie entupido de droga longe deste rumo ultrajante, mas ele era intratável, extremamente intratável! Pai para os ases, de fato. Ele tem um muito bom que nunca encorajaria esse tipo de irresponsabilidade juvenil. O mundo teria ficado muito bem, de fato, sem sua interferência. Não foi o bastante você ter nos sujeitado a substâncias alienígenas estranhas e artificiais, agora precisa trazer sua *família* para o meio de nós? Uma tribo inteira da sua espécie! Nossa única esperança é que sejam tão fracassados e inúteis quanto você se mostrou. Primeiro você perde o vírus, então permite a liberação, ajuda a devastar e atormentar seus amigos e amantes na prisão, hospícios e…

— SILÊNCIO! — rugiu Tachyon. — *Oh, Blythe* — ele gritou, e o pensamento agiu como água numa fogueira, extinguindo sua ira inflamada e deixando para trás apenas uma confusão fria e lodosa de lama e cinzas.

Ainda assim, sua explosão pareceu fazer efeito no visitante. A boca do homem apertou-se bem firme, e ele respirava rapidamente através das narinas estreitas. Então, com dignidade

suprema, começou a afundar através do chão. Por um instante, Tachyon observou, mas apenas por um instante. Aquele homem poderia ser útil, e ele o mandara embora de forma estúpida. Ele se orgulhava de sua astúcia e da capacidade de ler as pessoas e lidar com elas. Agora era o momento de testar quanto era real essa habilidade.

Ele deu um passo adiante.

— Não, espere, eu imploro, meu bom senhor. Permita-me me desculpar pela minha grosseria e falta de maneiras. — A aparição parou com apenas a cabeça e o torso visíveis no chão. — Não tive a honra de fazer as apresentações. Sou o Dr. Tachyon.

— Caminhante Cósmico.

— Queira me desculpar. Eu… eu fiquei sob uma carga muito grande de estresse hoje. Fui descuidado quando o senhor chegou, ou teria percebido sua força desde o início.

O Caminhante sorriu com afetação, então uma expressão de calma e sabedoria do Olimpo varreram suas feições. E Tachyon percebeu que não precisaria nem mesmo lutar pela sutileza. Com aquele homem, mesmo a mais flagrante bajulação serviria.

— O senhor poderia ficar? Minha mente está uma confusão, e sinto de verdade que alguns momentos de conversa com o senhor me ajudariam.

O Caminhante flutuou graciosamente de volta para cima e sentou-se numa cadeira. Quando o fez, as linhas do seu corpo ficaram mais firmes e mais bem definidas. *Então, ele pode ficar mais substancial*, ponderou Tachyon.

— O senhor viu os outros prisioneiros?

— Sim. Quando aquele idiota patético do Viajante foi levado para a cabine, percebi um homenzinho gordo de jeans azul e camiseta, e uma jovem extremamente bela. — A ponta da língua apareceu entre seus lábios finos, umedeceu o lábio superior, e desapareceu.

— Onde o senhor estava?

— Eu estava… presente — disse ele, cuidadoso. — Felizmente, pude me libertar. Tenho calafrios de pensar o que poderia ter acontecido se um daqueles outros idiotas pretenciosos tivesse aparecido. Eles não têm a menor consideração com meu bem-estar. — Ele olhou direto para Tachyon, obviamente incluindo-o na sua afirmação.

Tach estava sem rumo com toda aquela conversa sobre outras pessoas e hippies entupidos de drogas. Meadows, talvez? Mas no momento ele estava menos preocupado com problemas metafísicos apresentados pelo Caminhante Cósmico e muito mais interessado nas suas capacidades únicas.

— Caminhante, acho que podemos escapar com *sua* ajuda e voltar à Terra.

— É? — A suspeita recobriu a palavra.

— Volte para a cabine onde o Tartaruga, o Capitão e a mulher estão sendo mantid…

— O Capitão não está mais lá.

— Hein?

— *Estou* aqui.

— Ah… sim… bem, não importa. Vá até a cabine e diga a eles para ficarem prontos. Então, leve Zabb e seus comparsas até o final da nave. — Tachyon virou a cabeça para o lado e contemplou seu estranho aliado. — Seria mais rápido se o senhor não precisasse vir até aqui para me dar informações. Estaria disposto a retirar o bloqueio mental para que eu pudesse

permanecer em contato telepático com o senhor?

— Não! Deixar um alienígena bisbilhoteiro dentro da minha cabeça? Isso está fora de questão.

Tachyon olhou para ele, exasperado.

— Não tenho interesse particular no que há dentro da sua cabeça. Estou interessado em…

A porta abriu, e o Caminhante se foi, mergulhando com elegância através da cadeira e do assoalho, ainda sentado. Zabb e outros cinco dos seus soldados entraram com alarido na sala. Tach fechou a boca e assumiu uma expressão de interesse inocente.

— Onde ele está? — disse Zabb entredentes.

Tach apontou um dedo para baixo.

— Ele foi naquela direção.

As coisas estavam ficando cada vez mais confusas. Primeiro o hippie desaparecera, então a aparição azul brilhante sumira, e os takisianos lançaram-se numa busca acalorada, senão um tanto desorganizada; então Tachyon o contatou, e agora ele interrompeu bruscamente a conversa telepática no meio. Tom tentou várias vezes refazer o contato com o amigo, chegou até mesmo a murmurar "Tach?", diversas vezes. Olhou para cima, encontrou o olhar desconfiado de Asta e passou, envergonhado, a mão pelos cabelos.

— Eu… eu estava tentando contatar o Tach.

— Certo. — E o fato de que ela pensara claramente que ele fosse maluco não fez nada além de reforçar seu moral já estremecido.

Se o Tartaruga estivesse aqui, ela não estaria olhando para ele desse jeito, pensou, dividido entre o ressentimento e o cansaço. Estaria agarrada ao topo da carapaça por segurança, enquanto ele estourava a cabine, espalhando takisianos como pinos de boliche, resgataria Tach e voaria com eles para casa, triunfante. Ou, melhor, forçaria os takisianos a levarem-nos para casa. Não havia espaço na carapaça para passageiros, tampouco ele sabia quão selada ela era. Pareceria um verdadeiro idiota se todos ali sufocassem…

Apertou um punho entre as coxas, interrompendo os pensamentos atormentadores, mas inúteis. Não era o Tartaruga, era apenas Tom Tudbury, o garoto de Nova Jersey que em trinta anos havia conseguido mudar para uma casa dois quarteirões à frente. Fechou os olhos e observou as imagens escuras e fantasmagóricas de navios passando pelo Kill, com luzes que se refletiam nas águas escuras e invisíveis. E percebeu que finalmente estava prestes a viajar, mas não uma viagem de sua escolha.

Um grito agudo de Asta trouxe-o de volta. A criatura estava lá novamente.

— Sou o Caminhante Cósmico — anunciou, então fez uma pausa como se esperasse o som de trombetas. Asta e Tom olhavam para ele, fascinados. — Aquele homenzinho ridículo me mandou aqui para verificar o paradeiro de nossos captores, e para informar a vocês que ele está concatenando um plano de fuga, sem dúvida extremamente impraticável e altamente perigoso.

Asta bamboleou para a frente da cama, erguendo-se suavemente sobre os joelhos.

— Você pode se mover à vontade pela nave — sussurrou. — Você também pode voltar para

a Terra?

— Sim.

Ela esticou os braços, os ossos da clavícula marcados por baixo da pele branca.

— Se importaria de me levar contigo? — ronronou.

Tom queria enfatizar para ela que, primeiro, o que a fazia pensar que o homem estava falando a verdade?, e, segundo, mesmo que pudesse suportar o frio e o vácuo do espaço, como ele a levaria?

Ela arqueou o pescoço como um cisne e ergueu os cabelos com as mãos. Os gestos forçaram os peitos pequenos e duros contra a roupa de malha, os mamilos como botões rígidos embaixo do tecido fino.

— Posso ser muito generosa com quem me ajuda, e meu empregador poderia fazer uma oferta interessante a um homem com suas habilidades únicas.

A incongruência total da situação deixou Tom atônito. Ficou pensando se aquela mulher realmente se despiria e transaria com aquele estranho bem diante dos seus olhos surpresos. Claro que o homem perceberia que questões mais urgentes os pressionavam. Mas o Caminhante Cósmico estava embarcando na dela em grande estilo. Os giros de Asta o levaram a arquejar, e seus dedos tamborilavam, espasmódicos, ao lado do corpo. Ele lançou um olhar nervoso por sobre o ombro na direção da porta, e Tom viu desejo e medo em guerra naquela boca azul suave. E o desejo ganhou.

Com um "eu topo" sussurrado, que foi metade gemido, metade palavras, ele cambaleou para a ponta da cama. Asta já estava arrancando o jeans. Por baixo dele, usava meia-calça rosa-claro. Eles e a malha foram removidos com rapidez, e ela abriu os braços. O Caminhante despencou com um gemido sobre o corpo magro e branco da mulher, e começaram as preliminares frenéticas.

Tom, envergonhado e fascinado, percebeu (com aquela estranha atenção ao detalhe que parece surgir quando alguém está numa posição extremamente desconfortável) que os pés da mulher eram muito feios. Os dedos eram cobertos com inflamações e calosidades, e um dos dedões tinha um hematoma preto causado pelos golpes da sapatilha.

Dez minutos depois, ainda estavam naquilo. Asta, com irritação crescente, dizia "Vai! Vai!". Sons ásperos e rosnantes saíam às vezes do Caminhante, enquanto a bunda azul bombeava vigorosamente e com desespero crescente para cima e para baixo, para cima e para baixo.

A argola de um salto de bota arrancou um suspiro de Asta, seguido por um grito agudo e selvagem, enquanto o Caminhante afundava *através* de seu corpo de bruços, e desaparecia nas profundezas da cama. Tom também quase perdeu aquilo, e correu para a cama para verificar se Asta ainda estava viva. Ela estava lá deitada, parada como morta, e ele esticou o braço e tocou um ombro nu. Ela gritou novamente, e Tom, assustado pela explosão, perdeu o equilíbrio e caiu de cabeça na cama. O takisiano olhou para a cama, então gritou:

— Capitão, ele estava… — O fechamento da porta interrompeu o restante da frase.

O Caminhante Cósmico voltou.

— Muito bem! Sinceramente espero que não precise servir como brinquedo erótico para os takisianos. Você tem o dom de não possuir a mínima habilidade erótica.

— Eu? — latiu Asta, empurrando Tom para longe. — Você que não conseguiu…

— E do que você está rindo aí, gordinho? — rugiu o Caminhante. Tom não rira de nada, não mesmo, mas o ridículo da situação fez com que parecesse.

— Você sabe o que estão planejando para você? — O Caminhante continuou. — Vivissecção! Sabe o que isso significa? Não consigo imaginar por que pegaram você. Deve ser o mais insignificante dos ases. Sacudindo como uma tigela de gelatina, e choramingando como uma virgem relutante. — Ele lançou um olhar cintilante e ressentido para Asta, que lhe mostrou um semblante de reprovação.

Tom explodiu.

— Quer fazer o favor de dar o fora daqui? Vá a merda! Você acha que é tão esperto, mas também está preso, como o resto de nós. Não pode sair desta nave. Se pudesse, já o teria feito. Agora, vai embora. Sai! — Tom lançou-se contra ele, sacudindo os braços loucamente como um homem enxotando galinhas. O Caminhante se foi, suas feições parecendo realmente congeladas.

— Onde você esteve, caramba? — Tachyon parou suas perambulações nervosas. — Quanto tempo demora para sondar a nave…

O Caminhante, metade do caminho através da parede da cabine, começou a se retirar. Tachyon correu na direção dele.

— Não, por favor, espere. Desculpe. O estresse… O que descobriu?

— Nossos captores estão percorrendo a nave *me* buscando. Mas não posso imaginar como estão me rastreando. Sem dúvida, logo estarão aqui…

— E minha *Kibr*? A velha com joias no cabelo — ele explicou ao ver o olhar de interrogação do Caminhante.

— Não tenho ideia.

Tach segurou a língua, decidindo que o paradeiro de Benaf'saj talvez não fosse tão importante.

— Tudo bem, deixa pra lá, vamos tentar. À esquerda das portas da cabine existe uma pequena protuberância na parede. É um painel manual das portas. Abra a minha, e então iremos…

— Não.

— Perd… — ele começou, educadamente, então parou e rugiu. — Quê?

— Você ouviu, eu disse não. Não tenho a mais ínfima fé na sua capacidade de ser bem-sucedido na execução deste plano de fuga, e não farei parte dele. Além disso, como eu fico substancial e indefeso fora de sua porta, aqueles brutamontes poderão me ferir.

— Vai levar apenas um instante.

O Caminhante cruzou os braços e olhou de forma majestosa para a parede dos fundos.

— Não.

— Por favor?

— Não.

Tachyon agarrou as mãos à frente do peito.

— Por favor, por favor, por favor?

— Não.

— Seu covarde chorão e abjeto. — Tach urrou. — Está colocando todos nós em perigo. Você é apenas um…

Mas o Caminhante estava saindo. Tachyon pulou até um nicho de parede, arrancou um lindo vaso de Membres e jogou-o no ás que saía rapidamente. O vaso passou através dele, estourou na parede, e o Caminhante lhe lançou um olhar de desdém extremo e ódio. O incidente todo fez Tach estremecer, parte de ódio, parte de desespero, por sua reação violenta. Ele desatou a gravata de babados e alargou o colarinho, buscando ar. Tentou com tanto empenho deixar essas reações controladas, lidar com gentileza e educação com todas as pessoas. E perdera tudo aquilo. Estava se comportando como… Fez uma pausa, buscando por alguma comparação adequadamente desagradável.

Como Zabb.

Esse pequeno gesto de autopunição foi bom, mas não removeu seu principal problema. Estavam num mato sem o proverbial cachorro.

E isso tudo é minha culpa, pensou Tach, sem parar para considerar se qualquer quantidade de suborno ou lisonja poderia ter comovido o teimoso ás.

♥

Sua hora estava quase no fim. Com ódio contra a excentricidade de um universo cruel e indiferente que o deixou preso dentro do corpo do homem que ele considerava pouco melhor que um vegetal, ele perambulava pela nave takisiana, escapando daquela busca cada vez mais histérica por ele. Mas isso não poderia durar. Se ele demorasse, voltaria a ser aquele idiota do Meadows, e os alienígenas poderiam *fazer mal* a ele. E, por mais que o Caminhante pudesse desprezar seu corpo hospedeiro, ele percebeu que sem Mark não havia vida. Observou que as entradas deixavam linhas esmaecidas nas paredes como a impressão fossilizada de pétalas de flores antigas. Algumas abriam automaticamente, outras pareciam adquirir um comando telepático, e outras ainda usavam painéis de acesso que Tachyon descreveu. Ele foi em busca de uma que não abrisse automaticamente. Uma que parecesse firme e solidamente trancada por fora.

♣

Mark voltou a si lentamente. E piscou… piscou de novo, porque estava *escuro*. Suas mãos tatearam irregularmente sobre o rosto e a cabeça, até ter garantido sua total consciência. Mas ainda estava escuro. Arrastou os pés para a frente e bateu o longo nariz numa parede. Segurando o nariz contundido com uma das mãos, olhou para a escuridão horrível. Lentamente, esticou os braços, explorando as dimensões da prisão. Era pequena. Do tamanho de um armário. Do tamanho de um caixão.

Aquele pensamento era deprimente, então ele o afastou e tentou por meio do filtro confuso das memórias do Caminhante juntar as peças do que havia acontecido.

— Alienígenas, cara. Ah, que droga.

E Tachyon… um prisioneiro? Sim, isso estava certo. Ele ficou nervoso, o Viajante fez ou deixou de fazer… alguma coisa. Mark suspirou e esfregou o rosto com as mãos. Sim, aquilo

soava bem correto no que dizia respeito ao Caminhante. Por um momento, ficou numa contemplação ressentida das desvantagens sociais e emocionais da sua personalidade alternativa.

Ele se perguntou que horas eram. Sprout estaria em casa agora, retornando do jardim de infância. Poderia confiar que Susan manteria um olho nela enquanto a Pumpkin estivesse aberta, mas, assim que a tabacaria fechasse, quem cuidaria dela? Com certeza, Susan não a deixaria sozinha se Mark não retornasse. Tentou andar em sua prisão mínima, mas continuava a calcular mal na escuridão e se debatia nas paredes.

— Tenho que sair daqui e ajudar o Dr. Tachyon. Ele saberá o que fazer.

Ele começou a fuçar na bolsa de couro e tirou um frasco. Ergueu diante dos olhos e espiou, mas sem sucesso. Estava escuro demais para ver o vidro, muito menos a cor do pó que havia dentro dele.

— Ah, que droga, cara. Se eu conseguir o Flash, ele pode queimar esta porta, mas Estelar não funciona no escuro. E a Menina Lua… — Ele empurrou a parede inflexível. — Não sei se conseguiria quebrar isso aqui ou não.

Ele enfiou o frasco novamente na bolsa e pescou outro. E tremeu. E voltou com ele, tentando o próximo. E finalmente puxou dois. Sua cabeça girava para lá e para cá entre os frascos, como uma cegonha confusa. Ele guardou os dois e agarrou a cabeça.

— Tenho que fazer algo. Sou um ás, cara. As pessoas dependem de mim. Isso aqui é como um teste, e preciso provar que tenho valor.

Ele voltou a tatear inutilmente dentro da bolsa. Imaginou que poderia sentir a nave se movendo, levando-os para fora da órbita de Netuno, levando-os para longe de Sprout. Sua filha linda de cabelos loiros que nunca avançaria mentalmente mais que 4 anos de idade. Sua querida Alice no País das Maravilhas que precisava dele. E ele precisava ser necessário. Seus dedos fecharam-se convulsivamente sobre o frasco, ele o tirou da bolsa, murmurando:

— Ah, foda-se.

Destampou o frasco e engoliu o conteúdo. Mais tarde ele saberia se sua escolha fora a mais adequada.

Talli trouxe a refeição para ele. Crepes delicados de carne e com recheio de frutas que foram seus favoritos em seu lar. A primeira bocada o fez enjoar, e ele jogou o resto na privada e deu descarga. Seu caminhar incessante não lhe trouxe nada além de uma cãibra na panturrilha esquerda, então pegou uma escova da penteadeira no lavatório e tentou acalmar-se penteando o cabelo. O trilhar das cerdas sobre o escalpo lhe fazia bem e um pouco da tensão se aliviou dos ombros.

Então, *Hellcat* estremeceu um pouco e, soando através de sua mente, veio um AI! alto e aflito. Obviamente, esta nave não acreditava no sofrimento em silêncio.

Caminhante?, ele pensou. Aquele covarde choroso finalmente decidira fazer algo? Ou poderia ser o Tartaruga, superando seu bloqueio psicológico, rasgando a porta, esmagando Zabb e transformando-o em geleia…

Hellcat estava fazendo tanta confusão psíquica que ele achou que ninguém fosse notar uma

comunicação não protegida com o Tartaruga. A sonda foi lançada.

Que merda!

Desculpe, não quis assustá-lo.

Não havia senso de perigo na mente de Tartaruga, e Tach suspirou.

Vejo que você não está no processo de nos resgatar.

Não posso, o Tartaruga retrucou com tristeza. *Já te disse.*

Tom, disse com gentileza, e lembrou-se apenas quando ouviu o suspiro do Tartaruga de que não devia ter revelado seu conhecimento da identidade secreta do homem. Ele insistiu. *Você não poderia apenas tentar? Estou certo de que, se tentasse, poderia…*

NÃO POSSO! Quantas vezes preciso dizer isso a você?. Não posso. E pareço lembrar um bêbado rejeitado que ficava o tempo todo choramingando não ser capaz de fazer algo, e então ficava magoado quando eu não era muito compreensivo. Bem, sinta na pele essa emoção, Tachy. Seja compreensivo.

O tapa doeu. Ele tinha plena ciência da dívida que tinha com o Tartaruga, mas não queria ter seus pecados do passado esfregados na cara. Eram apenas… passado.

O vírus está codificado nas suas células…

Eu sei disso. Como eu poderia esquecer? Arruinou a bosta da minha vida! Você e o Jetboy e seus malditos takisianos. Me deixe em paz, que saco.

O Tartaruga não tinha poderes mentais para de fato bloquear Tachyon, mas poderia cobrir cada pensamento significativo com uma camada grossa de raiva, tornando difícil de ler ou enviar algo. Tach tomou fôlego várias vezes pelo nariz e lembrou-se de que esse era seu amigo mais antigo na Terra. Pensou se poderia controlar a mente do Tartaruga e forçá-lo a superar o bloqueio emocional. Mas não, o trauma estava tão profundamente arraigado que não dava para alcançar com aquela técnica pesada. Seu pai, com suas capacidades, poderia… Tach abraçou-se, rolando para a frente e para trás, enquanto a tristeza o atingia em cheio e o perfurava uma vez mais.

O som de gritos, quebras e xingamentos o trouxe de volta. Ele franziu a testa e olhou para a porta, então começou a se retrair devagar na direção da cama enquanto percebia que os sons se aproximavam cada vez mais. Muito mais perto. Muito perto. Um punho cinza e grande atravessou a porta. Os dedos espatulados fecharam-se nas beiradas irregulares do buraco e uma grande parte da porta se soltou. *Hellcat* guinchou, e o fluido claro e viscoso que servia como sangue para a nave consciente escorria da ferida. Logo formou filetes claros e frios. Tach olhou com fascinação apreensiva quando a porta veio abaixo, parte a parte. E arrastando-se pelo buraco desnivelado entrou um homem grande e troncudo com uma pele cinzenta e lisa, cabeça careca com uma testa inchada. Os takisianos estavam pendurados nele como enfeites numa árvore de Natal.

— Explodam a mente dele! — gritou Zabb, esmurrando o rosto da criatura. Ele desviou quando o monstro arrancou um soldado das costas e lançou na direção de Zabb.

Um takisiano não era vencido mesmo pela grande força da criatura. Um rosto delicadamente esculpido encaixado num corpo montanhoso, e uma expressão de ferocidade perversa. *Durg at'Morakh bo* Zabb. O monstro de estimação de Zabb. A náusea e o nojo arranharam o fundo da garganta de Tach. Ele correu para a porta arruinada, pensamentos caindo com selvageria.

Não por aquelas mãos. Lave-se no meu sangue se precisar, Zabb, mas não…

E encontrou quase um metro de aço temperado. Devagar, ergueu os olhos para fitar o primo.

Não, pela minha mão.

Um sorriso arrependido, mas predatório, abriu-se nos lábios de Zabb, e ele deu o bote. Tach, pulando para trás, perdeu o equilíbrio no chão gosmento e desabou. Isso lhe salvou a vida, pois a lâmina passou apenas a centímetros da sua cabeça. Ouviram-se mais batidas e estrondos quando a aparição cinza e grotesca entrou na sala, arremessando takisianos e batendo em vão em Durg. Benaf'saj entrou na sala com passos firmes, e Zabb baixou a espada; aparentemente, ele ainda não estava preparado para praticar o assassinato na presença de uma *Ajayiz'et*. Tachyon nunca ficou tão feliz ao ver alguém.

A velha dama soltou uma onda de energia mental que sacudiu as sinapses de todos na sala, e a criatura despencou como uma árvore cortada. Os membros da tripulação, contundidos e surrados, reuniram-se sobre a montanha de bruços, prendendo-a com cordas.

Ela lançou um olhar frio e cinza para o comandante.

— Faça o favor de explicar este tumulto.

— Encontramos a criatura.

— Verdade? — Seu tom era congelante.

Zabb engoliu em seco, seus olhos evitavam os da avó.

— Bem, ele parece ter mudado de forma novamente.

Benaf'saj fixou os olhos em Rabdan.

— E podemos supor que os frascos têm a ver com essas mudanças?

Um pigarrear nervoso soou.

— Isso seria lógico.

— Então, onde estão esses frascos?

— Não sei, *Kibr*. Talvez ele tenha escondido em algum lugar na nave.

— … ou, talvez, estejam presentes apenas quando ele está na sua forma humana. — Ela olhou para a porta arruinada. — Levará algum tempo para *Che Chu-erh of Al Matraubi* — disse ela, mencionando o nome inteiro do pedigree da nave — reparar esta porta. Chame os guardas. Eles podem vigiar Tisianne e a criatura, e, se o humano voltar, procurem pelos frascos. Então, creio, não teremos mais comoções grosseiras. — Ela saiu com um farfalhar das saias bordadas.

Tach sacou um lenço do bolso e se ajoelhou ao lado do estranho prisioneiro.

— Você é? — perguntou enquanto limpava gentilmente o sangue que fluía lentamente de um corte de espada.

O homem olhou para ele e grunhiu, relutante:

— Aquarius.

— Como vai? Sou Tisianne brant Ts'ara sek Halima sek Ragnar sek Omian, mais conhecido como Dr. Tachyon.

— Eu sei. — Ele fitou friamente por sobre o ombro esquerdo de Tachyon.

O takisiano curvou-se e sussurrou.

— Tem qualquer um dos seus truques na manga? Algo que possa nos ajudar a fugir… — apontou com o queixo na direção da porta e dos dois guardas a postos — … deles?

Aquarius olhou para ele com rancor.

— Eu me transformo num golfinho e nado bem rápido.

A expressão, juntamente com o tom rude e agressivo, rompeu a linha tênue de paciência à qual Tachyon estava conseguindo se ater.

— Perdoe a minha grosseria, mas isso ajuda muito pouco em nossa presente situação.

— Não pedi para estar aqui, imbecil. — E, fechando os olhos, Aquarius continuou a ignorar seu colega prisioneiro e seus captores.

Tach desatou sua garrafa do cinto e, enquanto caminhava, fez várias incursões uísque adentro. Vinte minutos depois, percebeu que a pele de Aquarius começara a rachar e cair.

— Você está bem?

— Não. Preciso ficar úmido ou fico ferido.

— Bem, por que não disse isso 15 minutos atrás?

Aquarius não respondeu, e, após bufar de irritação, Tach foi rápido até o lavatório e voltou com um copo d'água. Não fez muita diferença na forma imensa no chão.

— *Andami*, poderia me trazer um jarro ou um balde?

O homem mais jovem, preocupado, mordeu o lábio inferior.

— Minhas ordens são para ficar aqui.

— Vocês são dois.

— Você vai tentar algo.

— Não sou seu príncipe?

— Sim. Mas ainda assim você tentará algo, e não quero receber outra reprimenda de Zabb.

— Que sua linhagem feneça — ele rosnou entredentes, e voltou ao seu trotar perturbado.

Os trinta minutos seguintes passaram lentamente, enquanto Tach tentava evitar o rápido ressecamento da pele do tritão. Ele derramava um copo d'água no rosto de Aquarius, quando de repente a forma estremeceu e mudou, e lá estava o Capitão Viajante, tossindo e cuspindo enquanto a água escorria pelo nariz.

Assustado pela transformação abrupta, Tach gritou, derrubou o copo e se afastou.

Confuso, Viajante olhou para a cabine, então para sua forma longa, magra ainda adornada com cordas frouxamente enroladas. Perdera muito de sua massa com a partida de Aquarius e, quando se levantou, as cordas lhe escorreram pelo corpo, aterrissando num monte embaraçado no chão em torno dos pés.

Ele tirou os óculos e os limpou furiosamente, enquanto piscava, míope, na direção de Tachyon. Os óculos foram recolocados, e ele murmurou.

— Ah, que droga, cara.

Andami apressou-se por sobre ele e apalpou rapidamente os bolsos do Viajante. Localizou uma bolsa de couro com três frascos não utilizados. Tachyon esticou o pescoço para vê-los, mas os pós coloridos brilhantes pareciam singularmente inócuos. Ele desejou botar as mãos nas substâncias para realizar uma análise completa. Algo que podia transmutar uma forma humana… e então lhe ocorreu. Capitão Viajante não era um maluco — era um ás.

— Capitão. — Ele esticou a mão. — Devo desculpas a você.

— Hum… para mim, cara?

— Sim. — Tach agarrou a mão molenga do homem e deu um aperto afetuoso. — Duvidei da

sua história. De fato, pensei que era só um lunático inofensivo. Mas você *é* um ás. E um bastante incomum. Essas poções?

— Me ajudam a chamar meus amigos.

Ele chegou mais perto e baixou a voz.

— E eu não suponho que você tenha mais algum… — Ele piscou, e o Viajante olhou para ele sem entender. Tach suspirou. Ótimo, o homem poderia ser um ás, mas não era tão rápido assim no entendimento. — Você tem mais algum segredo sobre sua pessoa?

— Ah, não, cara. Leva um tempo para fazer essa coisa, e não acho que eu enfrentaria os alienígenas. Digo, acabamos com o Enxame, e não espero… Sinto muito, de verdade, cara. Não queria deixar você pra baixo…

— Não, não. Você não tinha como saber e fez muito bem. — O Capitão sorriu, e Tach percebeu, com um senso assolador de fracasso e desmerecimento, que aquele homem o adorava e admirava.

E vou desapontá-lo.

Tach seguiu até a cama e desmoronou, suas mãos pendendo fracas entre as coxas. Viajante, com uma sensibilidade que o alienígena não esperava, atravessou para o outro lado do quarto e o deixou sozinho com seus pensamentos infelizes. Algum tempo depois, houve um toque vacilante em seu ombro.

— Com licença, cara, desculpe incomodá-lo, mas estava pensando, tipo, quanto tempo até você nos tirar… — Ele interrompeu, e manchas vermelhas cobriram seu rosto esguio. — Veja, eu tenho uma filha, e ela provavelmente está indo para casa agora, vindo da escola, e a loja vai fechar, e estou com medo de que Susan não fique com ela, e Sprout, tipo, não pode ficar sozinha. — Seus dedos longos torciam-se desesperadamente.

— Sinto muito. Eu queria poder fazer algo. Queria ser o líder que todo mundo pensa que sou. Mas não sou. Sou uma fraude, Viajante, para o meu próprio povo e para o seu. — O hippie desengonçado pousou um braço sobre os ombros de Tach, e este recostou a cabeça ao apoio ossudo do ombro de Viajante.

Viajante sacudiu desoladamente a cabeça.

— Não é assim nos quadrinhos. Nos quadrinhos, os caras bons sempre vencem. Eles, tipo, sempre têm o poder certo na hora certa.

— Infelizmente, a vida não funciona desse jeito. Estou muito cansado.

— Por que não dorme um pouco? Eu fico de vigia.

Tach quis perguntar a ele "Contra o quê?", mas apreciou a generosidade que brotava da oferta e ficou quieto. Arrancou os sapatos, e Viajante carinhosamente puxou uma colcha até seu queixo.

Ele percebeu, confuso, enquanto o sono o chamava, que sempre usava a cama e a bebida como válvula de escape, e hoje tinha usado ambas. *O poder certo na hora certa*. O pensamento atiçava as bordas de sua consciência. *O poder certo*...

— Pelo Ideal! — Ele se levantou de uma vez e chutou a colcha.

— Ei, o quê, cara?

Ele agarrou, caloroso, as lapelas do casaco de Viajante.

— Sou um idiota. Um idiota. A resposta estava bem na minha frente, e eu perdi.

— O quê?
— O aparelho da Rede.
— Hein?
Andami olhava para ele com curiosidade, e Tach rapidamente baixou a voz.
— Aquilo não é uma bola de boliche. É um deslocador de singularidade. — Ele rapidamente deslizou os pés nos sapatos. — Anos atrás, antes de eu deixar meu lar, um dos Mestres Comerciantes discutia a possibilidade de vender ao meu clã um novo dispositivo experimental de teletransporte. Ele demonstrou um e disse que eles poderiam estar logo disponíveis após alguns testes. Aquele deve ser um daqueles dispositivos. E está no porão principal.
Viajante estava totalmente desnorteado com o tagarelar do outro. Ele se agarrou na única observação que entendeu.
— Sim, mas, tipo, não estamos no porão principal.
— Como chegamos todos lá? — Tach coçou os cabelos com a ponta dos dedos. — Se todos estivermos juntos, acho que posso ativar o dispositivo e nos mandar para casa. Quanto maior a capacidade telepática, maior a precisão, e o tamanho daquilo que pode ser carregado. Essa era a teoria. Claro que o Mestre Comerciante podia estar apenas propagandeando. Difícil dizer quando se trata da Rede. Eles têm a alma de comerciantes gananciosos.
— Hum… o que é a Rede?
— Outra raça espacial; de fato, diversas raças interestelares, mas não precisamos nos preocupar com isso agora. O ponto é que um deslocador de singularidade está aqui, nesta nave, e pode nos levar para casa. Claro, se o Tartaruga estava com o dispositivo, isso significa que a Rede está presente na Terra, e que isso pode significar problemas. — Ele coçou o rosto. — Não, um problema por vez. Como chegar ao porão.
— Tipo, o que vai pra lá?
— Bem, obviamente ele é usado para armazenagem de carga, e quando não há carga – que é o que acontece na maioria das vezes, numa nave desta classe – é usado para recreação. Danças e coisas assim.
Viajante olhou com hesitação.
— Não acho que podemos convidar todo mundo pra dançar.
Tach riu.
— Não. — Sua expressão ficou vazia. — Mas podemos convidá-los para um duelo.
— Hein?
— Silêncio por um momento. Preciso pensar nisso.
E ele finalmente fez o que devia ter feito desde o início. Pensou como um takisiano, em vez de como um ser humano.
— Conseguiu? — Viajante perguntou quando ele voltou a abrir os olhos.
— Sim.
Ele se deitou e sondou por uma mente familiar.
Tartaruga. Tem um jeito de sair daqui.
Sim? O tom mental era de derrota e desespero extremos.
O dispositivo que estava com você, ele pode nos levar pra casa.

Sim, mas ele está…

Fique quieto e ouça. Vamos todos para o compartimento de carga…

Por quê?

Você poderia parar um pouco? Porque eu vou tirar a gente daqui. A atenção estará em mim e, enquanto isso, você precisa pegar aquele dispositivo.

Como?

Você sabe como.

Não posso!

Tom, você precisa! É nossa única esperança.

É impossível. O Grande e Poderoso Tartaruga poderia fazer isso, mas sou apenas…

Thomas Tudbury — o Grande e Poderoso Tartaruga.

Não, sou apenas um homem comum que já passou dos 40, bebe cerveja demais e não come direito, e que trabalha numa bosta de uma loja de conserto de eletrônicos. Não sou um maldito herói.

Pra mim, você é. Você trouxe minha sanidade de volta e, provavelmente, minha vida.

Esse foi o Tartaruga.

Tom, o Tartaruga é um aglomerado de placas de ferro, TV, câmeras, luzes e alto-falantes. O que faz o Tartaruga o que ele é? O homem dentro dele. Você é o ás, Tom, é hora de sair da carapaça.

O terror brotava da mente do homem em ondas poderosas, chocava-se contra os escudos de Tach, fazendo-o duvidar de seu próprio plano.

Não posso. Me deixe em paz.

Não, vou até o fim nisso, e você precisa atender às expectativas, porque, se não o fizer, terei morrido por nada.

Morrer! O que você vai…

Ele interrompeu o elo telepático, pensando se teria colocado muita pressão nas emoções frágeis do Tartaruga. Tarde demais para pensar nisso.

Kibr?

Que foi, rapaz?

Achamos que o tom da senhora é menos que agradável, Ajayiz'et Benaf'saj.

Ela moderou o tom, acrescentando uma camada formal de respeito, se não por ele, ao menos por sua posição.

O que deseja, chefe do clã?

Convoque a tripulação, há uma cerimônia de adoção a ser realizada.

Qual é seu truque agora?

Espere para ver ou me negue e fique curiosa para sempre, disse ele, insolente.

Ela riu, reluzindo na mente dele.

Um desafio. Muito bem, meu pequeno príncipe, veremos o que está aprontando.

Todos se reuniram no compartimento. Tom olhou ao redor e soltou um grito angustiado.

— Minha carapaça!

Os lábios de Zabb se esgarçaram num sorriso grosseiro.

— Nós a jogamos no espaço. Estava tomando muito espaço.

Tach prestou pouca atenção no desespero do Tartaruga. Seus olhos pairaram rapidamente em torno do compartimento para assegurar-se de que o deslocador de singularidade ainda estava no lugar.

— Tinha infravermelho e lentes de zoom, e estofado costurado e…

Zabb ria.

— Seu merda!

Zabb deu um passo à frente, punho erguido.

— Zabb brant Sabina sek Shaza sek Risala, toque minha *estirpe*, e não lhe darei a cortesia de me enfrentar. Vou matá-lo como um cão vadio na rua.

Zabb estremeceu e virou-se lentamente para encarar o primo mais novo.

— Que farsa é esta?

— Como um membro reprodutor da casa de Ilkasam, exerço meu direito de adotá-los, em carne e osso, à minha linhagem.

— Você adotará esses seres humanos? — perguntou Benaf'saj.

— Sim.

Ela o mediu com um olhar imperioso.

— Acredito que pouco adicionarão à sua importância.

Tach caminhou até ficar entre Viajante e Tartaruga, e agarrou ambos pelos pulsos.

— Eu preferiria tê-los ligados e unidos a mim do que muitos que podem fazer uma reivindicação maior a tal direito. — Seus olhos deslizaram para Zabb.

— Muito bem, é seu direito. — A senhora sentou-se numa banqueta que *Hellcat* delicadamente expeliu para ela. — Vocês concordam com esta adoção, entendendo os deveres e obrigações daqueles que são assim honrados?

Três pares de olhos estavam fixos em Tach, e ele meneou levemente a cabeça.

— Concordamos — Asta disse com firmeza enquanto os dois homens continuavam parados e hesitantes.

— Saibam então que vocês, e todos os seus herdeiros e sucessores, estarão eternamente ligados à casa de Ilkasam, linhagem de Sennari, por seu filho, Tisianne. Em todas as questões, sejam grandes e tragam a glória e a servidão a esta casa.

— Somos, tipo, takisianos agora, cara? — Viajante perguntou num sussurro penetrante.

— Este ritual serve para ligar os cegos psíquicos a uma casa. Você não tem permissão para casar com qualquer membro da classe mental, mas merece nossa ajuda e proteção.

— Então somos servos — Tom rascou.

— Não, mais como cavalariços. Meros serviçais nunca são formalmente adotados. — Ele deu meia-volta e lançou a Zabb um olhar severo. — Mas pelos meus pais, você, primo, me insultou, e mostrou desprezo e violência contra minha *estirpe*, e me deve satisfação.

Antes que Zabb pudesse se mover, Benaf'saj tomou a palavra.

— Você não precisa aceitar o duelo. A cortesia não se aplica retroativamente a cegos psíquicos.

O comandante fez uma mesura.

— Mas, *Ajayiz'et*, isso me dará o grande prazer de enfrentar meu amado primo. Rabdan, você me servirá?

— Sim, comandante.

— E, Sedjur, você me servirá? — Tachyon perguntou. O velho conseguiu concordar com a cabeça.

Os dois homens moveram-se rapidamente para um armário de armas, e Tach juntou-se aos seus amigos. Enquanto tirava os sapatos, o casaco e o colete bordado, e começou a prender seus babados, disse em voz baixa:

— Fiquem bem juntos. Tom, você sabe o que fazer, mas pelo amor dos deuses aja rapidamente. — Ele ignorou o sacudir de cabeça frenético do homem. — Felizmente, a espada pequena dá a vantagem da defesa, mas serei muito pressionado para afastar Zabb. A atenção da minha família estará concentrada em mim. Ninguém deve perceber seus atos, e, assim que tiver o dispositivo, mando vocês pra casa.

— E você? — murmurou Tom.

Tachyon deu de ombros.

— Fico aqui. Afinal, é uma questão de honra. Não fugirei.

— Odeio esses malditos heróis.

— Alguém tem alguma coisa para prender meu cabelo?

Asta abaixou-se sobre um joelho e fuçou na grande bolsa de dança. Puxando uma sapatilha de ponta, ela arrancou uma fita rosa e entregou ao takisiano. Ficou horrível com seus cachos vermelhos metálicos.

— Senhor — disse Sedjur, suavemente. Ele segurava a manga de malha de aço que cobria o braço da espada até o cotovelo, e uma espada lindamente entalhada e forjada. O punho era encravado com pedras semipreciosas, e o trabalho de filigrana na guarda do punho era tão fino que parecia um laço.

— Não fique tão deprimido, velho amigo.

— Como não ficar? Você não é páreo para ele.

— Não é gentil da sua parte dizer isso. Especialmente porque você me treinou.

— E a ele; e eu digo de novo, você não é páreo para ele.

— É necessário. — Seu tom indicou que o assunto estava encerrado, e ele olhou de forma autocrática para a cabeça do velho empregado, enquanto a armadura era presa ao seu antebraço direito.

Asta riu histericamente quando uma caixa de resina foi trazida e Tach cuidadosamente cobriu a sola dos pés com meias. Ela cobriu a boca com as mãos e se aquietou.

Tach, movendo-se para o centro do salão, ergueu seu florete diversas vezes para acostumar-se com o peso, e para lembrar seus músculos das antigas habilidades, havia muito destreinadas. Ele não culpou Asta pelo riso contido. Para os humanos modernos, esse ritual arcaico combatido com armas antigas devia parecer estranho, especialmente numa raça interestelar. Mas havia motivos sólidos para a devoção takisiana às armas brancas. Tinham armas atômicas e a laser, mas, para o combate *corpo a corpo* dentro da pele de uma das naves vivas, uma arma que não excedesse o alcance do braço era melhor. Um disparo indiscriminado de projéteis ou armas de luz equivalentes poderia danificar muito uma nave, e

não importaria muito se a tripulação vencesse ou não. Também havia o fato de os takisianos amarem o drama. Em geral, qualquer idiota poderia aprender a atirar. Para ser um espadachim era necessário habilidade verdadeira.

Zabb juntou-se a ele e disse em voz baixa:

— Espero por este momento há anos.

— Então, fico feliz por poder lhe dar este prazer. Não deve ser desprezada uma ocasião tão desejada.

As espadas estalaram numa breve saudação, e o tilintar de aço contra aço começou.

Tom não era um especialista nos requintes da esgrima, mas conseguia ver que aquela luta pouco lembrava os breves relances que vira da esgrima olímpica pela televisão. A velocidade era a mesma, mas havia uma intensidade mortal sobre os dois homens enquanto lutavam pela vida. Os olhos estavam fixados um no outro, e o deslizar dos pés em meias no chão da nave fazia um contraponto leve e sussurrante à respiração ofegante de Tach.

Seus companheiros estavam olhando para ele, Viajante com o olhar de um *basset hound* desesperado, Asta com a ponta da língua umedecendo os lábios. Tom virou a cabeça lentamente e olhou a bola preta pousada numa prateleira a pouco menos de um metro de distância. Ele se expandiu, esforçando-se tanto que o suor brotou da testa e sobre os lábios, e ele sentiu um vazio imenso, escancarado. O aparelho nem mesmo tremeu.

Viajante gemeu, e Tom olhou para trás apenas a tempo de ver a ponta flexível da espada atravessar o braço de Tach. Uma trilha vermelha seguiu seu caminho. Tach recuou com mais pressa que graça, e mal desviou-se de um empurrão malicioso de seu primo. Viajante, com os olhos azuis rasos d'água por trás das lentes grossas dos óculos, lançou-se para a frente e aterrissou nos ombros de Zabb. Com um resmungo, o takisiano agarrou o hippie e o jogou primorosamente através do salão. Viajante ficou caído, surpreso, no convés luminoso, buscando ar como um peixe. Vários guardas de Zabb o arrastaram de volta e o jogaram no chão entre os outros seres humanos.

— Não posso, simplesmente não posso — sussurrava Tom com nervosismo.

— Seu fracote de merda — Asta falou em alto e bom som, e virou-se de costas para ele, voltando a atenção ao duelo que recomeçara.

Tach piscava muito, tentando limpar o suor incômodo dos olhos. Cada suspiro queimava, e ínfimas labaredas pareciam lamber os músculos do braço com a espada.

Atenção, atenção, ele se encorajava.

Lâmina, vindo tão rápida que era apenas um borrão.

Ele desviou com uma batida vigorosa, a força da pancada vibrando em seus músculos já extenuados.

Um contragolpe… mas não com a lâmina. Com a mente. Uma seção do escudo fluiu, ondulou. Ele avançou, bateu, e Zabb cambaleou com o ataque mental. E contra-atacou. *Corpo a corpo*. O calor da respiração de Zabb no seu rosto. As lâminas irremediavelmente enroscadas. Tach esforçava-se, tentando lançar Zabb para trás, mas sentia-se vencido. A mente, uma parede cinzenta, implacável. *Não, não totalmente!*

Tach virou o corpo para o lado, evitando uma joelhada maldosa na virilha, pulou para trás e chutou as pernas de Zabb, livrando-se dele. Aplicou um *Envelopment*, mas o primo era rápido demais para ele. Zabb esquivou-se e seguiu com um contragolpe rápido, e um ataque mental que resvalou nos escudos de Tach.

Sua visão parecia turvar-se nos cantos. Sem forças. Quase perdendo o fôlego.

Tartaruga!

Ele tentou um golpe selvagem e desesperado em terceira. Zabb o rebateu quase com desdém. Era um demônio. Aquele sorriso ainda no rosto, e apenas umas poucas gotas de suor misturadas às costeletas onduladas. Seus cílios caíram, escondendo os olhos, e ele forçou um ataque. Uma camada de náusea cobriu a língua quando Tach percebeu que Zabb estava apenas brincando com ele até então.

— Gostaria de dar o assunto por encerrado, amado primo? — sussurrou seu torturador. — Claro que gostaria. Mas não será assim. Como prometido, vou matá-lo.

Sem fôlego para responder ao insulto, apenas sacudiu a cabeça, mais para livrar-se do suor do que para negar aquelas palavras. Atirou um golpe mental desesperado que foi bloqueado pelos escudos de Zabb, e então, como um milagre, viu uma abertura. Ele atacou, a lâmina raspando a de Zabb. Zabb agarrou a parte flexível da espada numa esquiva faiscante e continuou, sua ponta buscando o coração.

O tempo urge! Atração do incauto. Morte!

♣

Ele teve certeza de ver aquilo: o breve tremer das narinas, o meio sorriso sardônico. Steve Bruder, com os mesmos maneirismos de quando esmagou a mão de Tom. *Foda-se!,* ele se lançou contra Zabb enquanto o poder o invadia, fazendo suas extremidades formigarem. Ele se expandiu e…

♦

A lâmina veio rápida e certeira, então milagrosamente passou por um fio. Sem muito espaço, mas o suficiente! Tachyon ergueu a espada, defendendo o golpe.

Uma imensidão de alvos se ofereceu. O coração, a barriga, um corte no ombro? Tach prendeu o lábio inferior entre os dentes e por um momento selvagem e glorioso considerou enfiar a ponta fundo, bem fundo naquele corpo odioso. Atacou, os olhos deles se encontraram por um instante eterno, congelado. A lâmina girou na sua mão, o cabo acertando bem no queixo de Zabb com um som de machado batendo na madeira. A espada de Zabb foi ao chão num estrondo, e ele projetou o rosto. Houve um suspiro como um vento se erguendo da plateia reunida. Por um momento, Tach olhou para sua espada, então a jogou de lado, ajoelhando-se ao lado do primo. Gentilmente puxou-o de barriga para cima, e tomou o homem maior que ele nos braços.

— Veja, eu não pude fazer isso — ele sussurrou, e se perguntou por que lágrimas rolavam de suas pálpebras. — Sei que você preferiria que eu o matasse, mas não posso. E, apesar de nosso treinamento, a morte não é preferível à desonra.

Tom se levantou, suas mãos fechadas ao lado do corpo, e alegrou-se pelas ondas de entusiasmo e felicidade que percorriam seu corpo. Ele *conseguiu*. Verdade, usou concentração suficiente para arrastar uma empilhadeira, e o resultado final foi apenas um desvio de um minuto. *Mas foi o suficiente!* Tach sobreviveu — de fato, venceu — graças ao ato de Tom. Com um pouco de orgulho, ele encarou o dispositivo alienígena. Ele pairou pelo ar, pousando com um estalido satisfatório nas mãos de Tom.

— Venha, Tachy, hora de irmos — ele cantou, suas bochechas redondas vermelhas de empolgação.

Tach deixou o corpo de Zabb com suavidade no chão e saltou para perto dos amigos. Nem um parente se moveu.

Tom entregou a ele o aparelho com uma reverência um pouco desajeitada.

Tach respondeu à saudação.

— Muito bem, Tartaruga. Eu sabia que você era capaz.

Ele olhou para Benaf'saj, fez uma mesura elegante, acenou e os enviou de volta para *casa*.

♠

Foi como estar no centro de um turbilhão de vazio. Uma escuridão gélida e absoluta, e para Tachyon a sensação de que sua mente estava sendo despedaçada em faixas mínimas e esfarrapadas pelo estresse de carregar todos os quatro viajantes dentro do invólucro do deslocador de singularidade.

Pelos ancestrais, ele gemeu. *Ao menos permita que desçamos em terra seca.*

♥

Tachyon se retorceu, o aparelho rolando de seus dedos inertes. Viajante estava agachado na sarjeta, segurando a cabeça entre as mãos e murmurando sem parar "Oh, uau!". Tom teve ânsia de vômito algumas vezes, enquanto seu estômago tentava decidir onde no tempo e espaço ele estava naquele momento. Houve uma comoção crescente, pessoas gritando, janelas se escancarando, buzinas tocando enquanto carros freavam bruscamente, seus ocupantes olhando abobalhados a imagem na calçada. Tom enterrou a palma das mãos nos olhos, olhou para Tach, e de pronto ajoelhou-se ao lado do takisiano. O sangue corria lentamente do corte longo e profundo de seu braço, descia ainda do nariz, e ele estava tão pálido que alarmava. O alienígena mal parecia estar respirando, e Tom encostou o ouvido no peito do amigo. As batidas do coração eram erráticas.

— Vai ficar tudo bem, cara? — Viajante murmurou.

— Não sei. — Tom ergueu a cabeça e olhou para um círculo de rostos negros. — Alguém chame um médico.

— Que merda, cara, eles apareceram do nada.

— Branquelos teleportadores. Acha que são ases ou o quê?

— Médico, arranja um médico — gritou um homem musculoso.

Asta afastou-se devagar do círculo de espectadores, os olhos buscando rapidamente a bola preta. Algumas crianças inspecionavam o aparelho, e ela foi até elas.

— Dou cinco dólares pra cada um por isso aí.

— Cinco dólares! Caraca! É só uma bola de boliche sem buraco. Que vai fazer com ela?

— Ah, vocês ficariam surpresos — disse ela num tom suave, e pescou um bolo de notas da bolsa. A troca foi feita às pressas, e ela escondeu o aparelho alienígena.

O uivo das sirenes pressagiava a chegada da polícia e de uma ambulância. Tach foi embarcado, e Tom começou a subir na ambulância com ele.

— Ei, onde está aquele treco?

Asta abriu a boca, piscou diversas vezes e a fechou.

— Ai, não sei. — Ela olhou em volta como se esperasse que a bola se materializasse na paisagem do Harlem. — Talvez alguém da multidão a tenha levado.

— Ei, camarada, quer levar seu amigo para o hospital ou não? — rosnou um dos enfermeiros na ambulância.

— Bem… procure ela aí — Tom ordenou e subiu no carro.

Asta deu uma aceno irônico para a ambulância.

— Pode deixar.

E Kien vai ficar muito feliz com ela.

Ela saiu à procura de uma estação de metrô para chegar aos braços ansiosos de seu amante e comandante.

O cadeado abriu-se com um rangido, e Tach empurrou a pequena porta lateral do armazém. Viajante e o Tartaruga o seguiram na escuridão ecoante, e Viajante murmurou algo ininteligível ao ver a nave pousada no meio do prédio vasto e vazio. As luzes âmbar e lavanda nos pontos de sua espinha dorsal brilhavam levemente no escuro, e a poeira espiralava de todos os lados enquanto ela sintetizava as pequenas partículas em combustível. Estava cantando uma das muitas baladas heroicas que formavam grande parte da cultura da nave, mas interrompeu ao perceber a entrada de Tach. A música, claro, era inaudível para os dois humanos.

Baby, disse ele para ela telepaticamente.

Meu lorde. Vamos sair?, ela perguntou com ansiedade patética.

Não, não hoje à noite. Abra, por favor.

Há humanos com o senhor. Eles também entrarão?

Sim. Esses são Capitão Viajante e o Tartaruga. São como irmãos para mim. Respeite-os.

Sim, Tisianne. Fico feliz em saber seus nomes.

Eles não podem lhe ouvir. Como a maioria da espécie deles, são cegos psíquicos.

Que tristeza.

Ele sentiu uma dor de outro tipo de tristeza no peito quando caminhou até o recinto privado. A memória — podia ser tão clara — do dia em que seu pai o levou para escolher esta nave. Tudo se foi agora.

Ele se acomodou entre as almofadas na cama e ordenou: *Busca e contato.*

Há nobres presentes?

Sim.

E algum da minha família? Baby perguntou, novamente com ansiedade patética.

Sim.

Segundos estenderam-se por minutos, Tach relaxado à vontade na cama, Viajante empoleirado como um pássaro nervoso numa poltrona, e Tom em pé, balançando-se, agitado.

A parede diante de Tachyon brilhou, e o rosto de Benaf'saj apareceu. A nave impulsionou sua poderosa telepatia e a conexão foi feita.

Tisianne.

Kibr. *Estava esperando o contato?*

Claro. Sabia que você...

Desde que eu estava nas fraldas, sim, eu sei.

Você me surpreendeu, Tisianne. Acho que a Terra teve um efeito benéfico sobre você.

Ensinou-me muitas coisas, ele corrigiu num tom seco. *Algumas mais agradáveis que outras.* Ele parou e brincou com o laçarote sob o queixo. *Então, ainda existem arestas não aparadas entre nós?*

Não, meu filho. Você pode ficar com seus humanos rústicos. Após a derrota que você impôs a ele, Zabb não tem mais esperança no cetro. Você deveria tê-lo matado, você sabe. Tach apenas balançou a cabeça. Benaf'saj franziu a testa, olhando para as próprias mãos, e arrumou os anéis. *Então, partiremos. É uma decepção que não tenhamos exemplares, mas o sucesso do experimento não pode ser negado, e Bakonur ficará encantado com os dados. Este esforço ainda será a salvação de nossa família.*

Claro, Tach respondeu, sem muita sinceridade.

Enviarei uma nave a cada dez anos mais ou menos para saber de você. Quando estiver pronto para voltar para nós, será bem-vindo. Adeus, Tis.

Adeus, ele sussurrou.

— E então? — Tom perguntou.

— Eles nos deixarão em paz.

— Sabe, fiquei bem feliz que você não vai embora.

— Eu também — disse ele, mas seu tom tinha um traço de incerteza, e ele fitou com pesar a parede brilhante como se tentasse puxar de volta a imagem de sua parente mais velha.

A mão morna e talentosa com seus dedos curtos e grossos se fechou com firmeza sobre seu ombro. Um momento depois, Viajante pegou o outro braço, e ele se sentou em silêncio, aquecendo-se no banho de amor e afeição que vinham dos dois homens, deixando de lado sua saudade de casa.

Ele pousou a mão sobre a de Tom.

— Meus amigos queridos. Que aventura tivemos.

— Sim, a vida é, tipo, bem bacana, cara.

— Por que você não matou aquele lá? — Tom perguntou.

Tach virou-se e fitou os olhos castanhos de Tom.

— Porque gosto de acreditar na possibilidade da redenção.

Tom apertou a mão do amigo com firmeza.

— Pois acredite.

♣ ♦ ♠ ♥

Com uma ajudinha dos amigos

Victor Milán

Cientista controverso brutalmente assassinado no laboratório foi a manchete.

— O senhor deveria ver o que estão dizendo no *Daily News*.

— Minha jovem — disse Dr. Tachyon, empurrando a pilha de *New York Times* com as pontas dos dedos melindrosas e recostando-se perigosamente na cadeira de balanço —, não sou policial. Sou médico.

Ela franziu a testa diante do retângulo meticuloso da mesa dele, limpou a garganta, um som baixo, inquieto.

— O senhor tem uma reputação de pai e protetor do Bairro dos Curingas. Se não agir, um curinga inocente será preso por assassinato.

Foi a vez dele de franzir a testa. Ele tamborilou o salto alto da bota contra a beirada de metal da mesa.

— Tem provas? Se tiver, precisa levá-las para o advogado do infeliz.

— Não, nada.

Ele pegou um narciso amarelo de um vaso ao lado do seu cotovelo, girou suas pétalas diante do nariz.

— Imagino. Você é perceptiva o suficiente para tirar proveito do meu sentimento de culpa, com certeza.

Ela sorriu de volta, acenou com desdém, rápida como um animal silvestre, quase furtiva, mas levemente formal. De repente estava começando a se dar conta de que tinha se adaptado a este mundo cão; sua primeira impressão foi de que ela era quase doentiamente magra, e só agora percebia como ela se aproximava do ideal de beleza takisiana, pálida e élfica. Quase albina, pele clara como papel, cabelos loiros platinados, olhos azuis esmaecidos. Aos olhos dele, ela estava vestida com monotonia, um *tailleur* cor de pêssego, cortado com rigor, sobre uma blusinha branca, um cordão no pescoço, tão pálido e fino quanto os fios de seus cabelos.

— É meu trabalho, doutor, como o senhor bem sabe. Meu jornal espera saber de mim o que acontece no Bairro dos Curingas. — Sara Morgenstern era a especialista do *Washington Post* para assuntos de ases e curingas desde que sua cobertura das revoltas no Bairro dos Curingas dez anos antes lhe trouxe uma indicação para o Pulitzer.

Ela não reagiu. Baixou os olhos.

— O Doughboy não faria aquilo, não mataria ninguém. Ele é gentil. É retardado, o senhor sabe.

— Sei.

— Vive com um curinga chamado Engraxado, no fim da Eldrige. O Engraxado está procurando por ele.

— Um inocente.

— Como uma criança. Ah, ele foi preso em 1976 por atacar um policial. Mas foi… diferente. Ele… aquilo estava no ar. — Ela parecia querer dizer mais, mas sua voz falhou.

— Estava mesmo. — Ele inclinou a cabeça. — Você parece envolvida de uma maneira incomum.

— Não consigo ver o Doughboy machucado. Ele está perplexo, assustado. Simplesmente não consigo manter minha objetividade jornalística.

— E a polícia? Por que não vai até eles?

— Eles têm um suspeito.

— Mas e o seu jornal? Com certeza o *Post* tem sua influência.

Ela sacudiu o cabelo glacial para trás.

— Ah, posso escrever uma denúncia fatal, doutor. Talvez os jornais de Nova York aceitem. Talvez até o *Sixty Minutes*… ah, em um ano ou dois… haverá comoção pública, talvez seja feita justiça. Nesse meio-tempo, ele estará preso no Tombs, doutor. Uma criança, sozinha e amedrontada. Tem ideia do que é ser injustamente acusado, ter sua liberdade privada por engano?

— Sim, tenho.

Ela mordeu o lábio.

— Eu me esqueci, desculpe.

— Não foi nada.

Tach reclinou-se para a frente.

— Sou um homem ocupado, minha cara. Tenho uma clínica para tocar. Estou tentando convencer as autoridades de que a Mãe do Enxame não irá embora simplesmente porque derrotamos sua primeira incursão, mas, em vez disso, pode estar preparando um ataque novo e até mais mortal. — Ele suspirou. — Bem. Suponho que preciso investigar isso.

— O senhor ajudará?

— Sim.

— Graças a Deus.

Ele se levantou e contornou a mesa para ficar ao lado dela. Ela tombou a cabeça para trás, lábios curiosamente frouxos, e ele teve a sensação de que ela tentava ser atraente sem saber muito bem como começar.

O que é isso?, ele se perguntou. Ele não era do tipo que normalmente recusaria um convite de uma mulher tão atraente, mas havia algo oculto ali, e os velhos instintos de disputa familiar takisiano o fizeram se desviar. Não que tenha sentido uma ameaça; apenas um mistério, e só isso já era ameaçador para alguém da sua casta.

Num capricho, meio irritado por ela estar fazendo uma oferta e tornando-a impossível de aceitar, ele esticou o braço e esbarrou no cordão na garganta da mulher. Surgiu um medalhão de prata chato, com as iniciais A.W. gravadas em letras cobreadas. Ela tentou agarrá-lo, mas com agilidade felina ele o abriu.

A foto de uma garota, uma criança, não mais do que 13 anos. O cabelo era amarelo, as feições cheias, um risinho arrogante, mas com uma semelhança inequívoca com Sara Morgenstern.

— Sua filha?
— Minha… minha irmã.
— A.W.?
— Morgenstern era meu nome de casada, doutor. Mantive depois do divórcio. — Ela deu um meio giro na cadeira, joelhos grudados, ombros arqueados.
— Andrea era o nome dela. Andrea Whitman.
— Era?
— Ela morreu. — Ela levantou-se rapidamente.
— Me desculpe.
— Faz tempo.

— Tio Tachy! Tio Tachy!
Um projétil loiro o atingiu na canela e enrolou-se como uma alga na porta do Cosmic Pumpkin ("Alimento para o corpo, a alma e o espírito") Tabacaria e Delicatéssen, na Fitz-James O'Brien Street, próximo às fronteiras do Bairro dos Curingas e do Village. Rindo, ele se curvou, agarrou a garotinha e a abraçou.
— O que você trouxe pra mim, tio Tachy?
Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma bala.
— Não diga ao seu pai que te dei.
Com olhos arregalados e solenidade, ela balançou a cabeça.
Ele a levou para dentro do aglomerado agradável. Lá dentro, ele ficou apertado. Difícil acreditar que a linda garota de 9 anos tinha um atraso mental, como o Doughboy, preso para sempre nos 4 anos de idade.
Doughboy era mais fácil, de alguma forma. Era imenso, mais de dois metros de altura, uma massa quase esférica de carne branca, sem pelos, levemente azulada, rosto inchado quase a perder as feições, olhos de uvas-passas fitando a partir da gordura e de lágrimas. Estava com quase 30 anos. Não conseguia se lembrar de ser chamado de outra coisa que não o apelido cruel de uma marca registrada de uma padaria. Estava assustado. Sentia falta do Sr. Engraxado e do Sr. Benson, o vendedor de jornais que morava embaixo deles, queria o Go-Bot que o Engraxado trouxe para ele pouco antes de os homens virem e o levarem embora. Queria ir para casa, fugir dos homens estranhos e brutos que o cutucavam com os dedos e o chamavam por nomes ridículos. Sentiu uma gratidão patética por Tachyon por ter ido vê-lo; quando Tach precisou ir embora, na sala de visitas verde-bile no Tombs, Doughboy agarrou a mão dele e chorou.
Tach também chorou, mas depois, longe dos olhos de Doughboy.
Mas Doughboy era, obviamente, um curinga, vítima do vírus carta selvagem. O próprio clã de Tach o havia trazido para este mundo. Sprout Meadows era uma criança perfeita fisicamente, refinada mesmo para os padrões severos das linhagens nobres de Ilkazam ou Alaa ou Kalimantari, de temperamento mais doce do que qualquer filha de Takis. Ainda assim, não era menos deformada do que Doughboy, não menos monstruosa pelos padrões da terra natal de Tach — e, como ele, teria sido instantaneamente destruída.

Ele olhou ao redor. Algumas das secretárias beliscavam o almoço tardio ao lado da vitrine frontal, sob a égide de um índio de loja de charuto.

— Onde está seu pai?

Com a boca fechada e cheia de caramelo, ela balançou a cabeça na direção da tabacaria.

— O que você está olhando, babaca? — uma voz resmungou.

Ele piscou, enxergando com atraso uma mulher jovem e troncuda num moletom cinza e sujo da CUNY, Universidade da Cidade de Nova York, atrás do mostruário de vidro da loja.

— Perdão?

— Olha aqui, seu babaca chauvinista, sei qual é a sua. Fica esperto.

Demorou, mas Tach lembrou-se da dupla de funcionários alternados de Mark Meadows.

— Ah… Brenda, não é? — Um sacudir de cabeça combativo. — Muito bem, Brenda, posso garantir que não tive a intenção de te encarar.

— Ah, tudo bem. Não sou do tipo debutante, como a Peregrina, não faço seu tipo. Sou uma daquelas mulheres que homens como você não vê. — Ela correu a mão sobre uma mecha de cabelo crespo avermelhado com raízes cor de chá e fungou.

— Doutor! — Um figura familiar, semelhante a uma cegonha, estava em pé, curvada na porta de entrada da loja.

— Mark, fico muito feliz em vê-lo — Tachyon disse, emocionado. Beijou Sprout na testa, sacudiu o cabelo trançado dela e deixou-a sobre o linóleo escuro. — Vá brincar, criança querida. Preciso falar com seu pai.

Ela correu para longe.

— Tem um minuto, Mark?

— Ah, claro, cara. Para você, sempre.

Algumas crianças com casacos de couro e cabelos de dente-de-leão eriçados espiavam entre a parafernália e os pôsteres vintage do outro lado, mas Mark não era do tipo desconfiado. Apontou uma mesa na parede dos fundos para Tach, pegou um jarro de chá e um par de canecas, e seguiu, com movimentos ligeiros, balançando a cabeça lentamente enquanto caminhava. Estava com uma camisa de um rosa antigo da Brooks Brothers, um colete de couro com franjas, calças boca de sino imensas e desbotadas, quase no tom das queimas de fogos esbranquiçadas, com tingimento *tie-dye* nelas. O cabelo loiro até os ombros estava preso nas têmporas por uma faixa entrelaçada. Se Tachyon não o tivesse visto no pleno esplendor de sua identidade secreta, pensaria que o homem não tinha nenhum senso estético para se vestir.

— Então, o que posso fazer por você, cara? — Mark perguntou, radiante por trás das lentes grossas dos óculos arredondados.

Tach pousou os ombros na toalha de mesa — também com *tie-dye* — e torceu os lábios enquanto Mark servia.

— Um curinga chamado Doughboy foi preso por assassinato. Uma jovem repórter veio até mim garantindo que ele é inocente. — Ele deu um suspiro. — Também acredito nisso. É uma pessoa muito gentil, mesmo assim ele é imenso e horrível e possui força meta-humana. Ele é… retardado.

Esperou um momento, com o coração preso na garganta, mas o que Mark disse foi:

— Então isso é uma fraude, cara. Por que os porcos dizem que foi ele? — O epíteto foi dito

sem rancor.

— O homem assassinado é o Dr. Warner Fred Warren, um colunista popular de astronomia, usando o termo de forma imprecisa, de tabloides. Para dar uma ideia, ele escreveu um artigo no ano passado intitulado "O cometa Kohoutek trouxe a Aids?".

Mark fez uma careta. Ele não era o hippie padrão, que desdenhava/desacreditava toda a ciência. Então, de novo, ele era um retardatário da fé, que entrou no *Flower Power* na época em que todo mundo na área da Baía de São Francisco estava se envolvendo com fervor com Stálin.

— O prognóstico mais recente do Dr. Warren é que um asteroide está prestes a atingir a Terra e terminar com toda a vida, ou ao menos com a civilização como vocês a conhecem. Isso criou um pouco de controvérsia; incrível a atenção que vocês, terráqueos, dão a esse tipo de bobagem. A teoria da polícia é que o Doughboy ouviu seus amigos falando disso, ficou aterrorizado, e numa noite, na semana passada, entrou no laboratório do doutor e espancou-o até a morte.

Mark sussurrou suavemente.

— Alguma prova?

— Três testemunhas. — Tach fez uma pausa. — Uma delas identifica positivamente Doughboy como o homem que viu deixando o prédio de Warren na noite do crime.

Mark fez um aceno com a mão.

— Sem problemas. Vamos tirar ele de lá, cara.

Tachyon abriu a boca, fechou-a. Finalmente, disse:

— Precisamos saber quais outras informações eles reuniram sobre o caso. A polícia não está se provando cooperativa. Quase me falaram para eu cuidar da minha vida!

Os olhos azuis de Mark se afastaram da linha de visão de Tach. Este bebericou do chá. Era forte e revigorante, algum tipo de hortelã.

— Sei como você pode cuidar disso. O Doughboy, tipo, tem um advogado?

— Defensoria Pública.

— Por que não entra em contato com ele, oferecendo-se para atuar como especialista médico não remunerado?

— Esplêndido. — Ele fitou o amigo com um olhar zombador, cabeça curvada como um pássaro curioso. — Como você pensou nisso?

— Sei lá, cara. Apenas me ocorreu. Então, tipo, onde eu entro nisso?

Tach olhou o tampo da mesa. No fundo, garfo, dente de alho, tofu, amassados sobre a louça e amaciados pela alface romana encharcada. Foi muito mais pelo efeito tônico que Mark coloca em suas bebidas que ele viera aqui lá do Tombs. Mas ainda assim…

Ele estava fora de sua área; não era, como garantiu para Sara, detetive. Agora, Mark Meadows, o Último Hippie, não parecia, superficialmente, um candidato muito mais promissor a investigador, mas por acaso também era o Professor Doutor Marcus Aurelius Meadows, o mais brilhante bioquímico vivo. Antes de largar tudo, foi responsável por diversos avanços e lançou as bases para muitos mais. Foi treinado para observar e para pensar. Era um gênio.

Além disso, Tach gostou do corte do casaco dele, que em si era bem adequado para um

takisiano.

— Você já me ajudou, Mark. Este é seu mundo, no fim das contas. Você entende os caminhos dele melhor do que eu. — *Embora eu viva nele há mais tempo*, percebeu. — E há seus amigos. Você tem, hum, outros além dos dois que encontramos na nave do meu primo?

Mark fez que sim com a cabeça.

— Outros três pelo menos.

— Ótimo. Espero que se provem mais dóceis que os outros. — Ele esperava que um ou outro *alter ego* do Capitão tivesse capacidades que pudessem ser úteis; felizmente, não via para que o grosseiro golfinho-homem Aquarius poderia servir, mas o covarde arrogante Caminhante Cósmico era outra questão. E mesmo para salvar o pobre Doughboy da morte em vida, ele não estava pronto para aguentar o Caminhante outra vez tão cedo.

Ele arrastou a cadeira para trás e se levantou.

— Vamos brincar de detetives juntos, você e eu.

O garoto estava com calças camufladas e uma camiseta do Rambo, em pé lá na esquina da Hester com a Bowery, tentando segurar as páginas da revista contra a força do vento. Tach olhou por sobre os ombros dele. O artigo era impactante: "Dr. Morte: Soldado Ciborgue Autoconstruído e Afortunado Combate Comunistas em Salvo."

O garoto olhou para cima quando os dois homens ficaram ao lado dele na banca de jornal, a truculência pressionando as magras feições porto-riquenhas. Sua expressão de espanto escorreu como cera.

Estava olhando no botão central de um casaco amarelo com estampa *paisley*. Na direção de sua testa, uma gravata-borboleta verde imensa com bolinhas amarelas florescia de uma gola de camisa rosa. Dos dois lados, pendia um fraque púrpura. Uma cartola púrpura com fita verde, encravada com símbolos dourados de paz, ameaçava a melancolia leitosa.

Os dedos enluvados de amarelo fizeram um sinal de V.

— Paz — disse o rosto norte-americano narigudo que pairava lá entre todas aquelas cores.

O rapaz jogou a revista para o proprietário e fugiu.

Capitão Viajante ficou em pé, piscando, atrás dele, magoado.

— O que eu falei, cara?

— Deixa pra lá — gargalhou o ser atrás da banca. — Ele não compraria de qualquer jeito. O que posso fazer pelo senhor, doutor? E seu amigo colorido aí?

— Hum — disse Mark, fungando, narinas bem abertas —, pipoca fresca.

— Sou eu — disse Jube. — É meu cheiro.

Tachyon fez uma careta.

— Batuta!

Por um momento, os olhos de bola de gude encararam, a pele azul-escuro dobrou-se na testa de Jubal: surpresa orogênica. Então, ele riu.

— Entendi! Você é hippie.

O Capitão sorriu.

— É isso aí, cara.

O gordo sacudiu-se.

— *Goo-goo-goo-Jube* — uivou. — Sou o Morsa. Prazer em conhecê-lo.

Ele *parecia* uma morsa, um metro e meio, pelancas de gordura, um crânio grande e liso com tufos de cabelos saindo daqui e dali como pincéis de barbear velhos, fluindo para dentro do colarinho da camisa havaiana verde, preta e amarela sem a intermediação de um pescoço. Tinha pequenas presas brancas em cada lado do sorriso. Ele esticou a mão de um personagem da Warner Brothers, três dedos e um polegar, que o Capitão apertou com entusiasmo.

— Este é o Capitão Viajante. Um ás, meu mais recente aliado. Capitão, conheça Jubal Benson. Jube, precisamos de algumas informações.

— Manda bala. — Ele fez um gesto de pistola com a mão direita, rolando os olhos para o Viajante.

— O que você sabe sobre o curinga chamado Doughboy?

Jube fez uma careta tectônica.

— É uma acusação injusta. O garoto não mata nem mosca. Ele vive no mesmo prédio que eu. Eu o vejo quase todo dia… costumava ver, antes de ele entrar em cana.

— Tipo, ele não ouviu as pessoas falando sobre um asteroide batendo na Terra e ficou perturbado com isso, não é? — Viajante perguntou. Um pedaço errante de papel-jornal havia se enroscado nas panturrilhas por um vento que não percebera ainda que já era primavera. Ele ignorou o papel e o frio também.

— Se tivesse ouvido algo assim, se esconderia embaixo do berço e você não conseguiria tirá-lo de lá até convencer que era uma piada. É *isso* que eles estão alegando?

Viajante concordou com a cabeça.

— Vocês precisam falar com o Engraxado. Ele aluga o apartamento, alimenta o Doughboy e o deixa ficar lá. Ele tem uma banca de engraxates na Bowery quase com a Delancey, onde o Bairro dos Curingas fica mais turístico.

— Ele estará lá agora? — Tach perguntou.

Jube consultou o relógio de Mickey Mouse cuja pulseira quase desaparecia no pulso borrachento.

— A hora do almoço acabou, o que significa que está parando agora para almoçar. Deve estar em casa. Apartamento 6.

Tachyon agradeceu. Viajante, solene, inclinou o chapéu. Eles se viraram para ir embora.

— Doutor.

— Sim, Jubal.

— Melhor resolver isso logo. As coisas podem ficar muito pesadas por aqui neste verão se Doughboy ficar atrás das grades injustamente. Dizem que Gimli está de volta às ruas.

Uma sobrancelha se ergueu.

— Tom Miller? Mas eu pensei que ele estivesse na Rússia.

O Morsa pousou um dedo ao lado do nariz grande e chato.

— É o que eu digo, doutor. É o que eu digo.

♠

— Eu o encontrei, hum, 15, 16 anos atrás. — O homem com o nome de Engraxado estava

sentado em seu catre no quarto único do apartamento na Eldridge Street, balançando para a frente e para trás com as mãos entre os joelhos magros. — Nos anos 1970. Era inverno. Estava sentado lá, perto de uma caçamba de lixo num beco atrás da loja de máscaras, chorando a plenos pulmões. A mamãe simplesmente o levou até lá e o deixou.

— Isso é terrível, cara — disse Viajante. Ele e Tach estavam em pé no chão de madeira maciça meticulosamente varrido do apartamento. O catre do Engraxado e um grande colchão com riscas manchadas eram os únicos móveis.

— Ah, acho que consigo entender. Ele tinha 11 ou 12, já duas vezes maior do que eu, mais forte que muito homem por aí. Deve ter sido difícil pra caramba cuidar dele.

Era pequeno para um terráqueo, menor do que Tach. À distância, parecia um homem normal nos seus 50 anos, com cabelos grisalhos e incisivo direito de ouro. Até chegar mais perto e perceber que ele brilhava como um lustre não natural, mais como obsidiana do que como pele.

— Eu faço minha própria propaganda, sabe? — ele explicou para Viajante quando Tachyon o apresentou. — Atraio negócios para minha "barraca do lustre".

— Quanto o Doughboy consegue andar bem pela cidade sem ajuda? — Tachyon perguntou.

— Não consegue. Ele se vira no Bairro dos Curingas muito bem, sempre com curingas cuidando dele, sabe, vendo se não vai se perder. — Por um momento, ele ficou sentado e fitou uma nesga de luz do sol ao lado da qual estava uma Ferrari pequenina de metal. — Dizem que ele matou o tal cientista lá no parque. Ele só foi ao parque duas vezes. Ele não sabe nada sobre astronomia.

Ele fechou os olhos, apertando-os. Lágrimas rolaram.

— Olha, doutor, o senhor precisa fazer algo. É meu garoto, é como se fosse meu filho, e ele está ferido. E não há nada que eu possa fazer.

Tach passava o peso do corpo de um pé para o outro. O Capitão pegou uma margarida, a pior para se usar, de sua lapela, agachou-se e deu ao Engraxado.

Aos soluços, o negro abriu os olhos. Eles se apertaram uma vez, desconfiados, confusos. Viajante apenas agachou-se com a flor estendida. Após um momento, o Engraxado a pegou.

Viajante apertou a mão dele. Ele verteu uma lágrima. Tachyon e o Capitão saíram em silêncio.

— O Dr. Warren não era apenas um cientista — Martha Quinlan disse quando ela os guiou de volta pelo apartamento. — Era um santo. A busca em obter a verdade perante as pessoas era infinita para ele. É um mártir para a busca humana pelo conhecimento.

— Ah, uau — disse Capitão Viajante.

Até onde Tachyon conseguiu saber, o falecido Warner Fred Warren não tinha parentes. Uma batalha jurídica se formava pela posse do fundo fiduciário que possibilitava a ele manter uma cobertura no Central Park e devotar a vida à ciência — seu avô fora um milionário do petróleo de Oklahoma que atribuía seu sucesso à radiestesia e morreu afirmando que era a Rainha Vitória —, mas em suas funções de editora-chefe da *National Informer*, a Srta. Quinlan parecia estar atuando como testamenteira do espólio de Warren.

— É muito gentil de sua parte vir prestar seus respeitos a um colega falecido, Dr. Tachyon.

Teria significado tanto para o querido Fred saber que nosso distinto visitante das estrelas teve um interesse pessoal nele.

— A contribuição do Dr. Warren à causa da ciência não teve precedentes — Tachyon disse de forma sonora… *desde Trofim Lysenko*, emendou mentalmente. *Ah, Doughboy, acredito que você nunca imaginará o que eu aguento para lhe trazer justiça*. Foi uma pequena parte reflexiva da desinformação takisiana, a história que Tachyon apresentou a Quinlan quando ele pediu para olhar a cena do assassinato.

— É algo terrível — Quinlan gorjeou, levando-os pelo corredor com as paredes cheias de pinturas emolduradas de cães caçadores de revistas dos anos 1920. Ela era um pouco mais alta que Tach, trajava um vestido como um saco preto que ia do pescoço e dos ombros às coxas, meias-calças escarlate, sapatos brancos, e grossos braceletes de plástico. O cabelo loiro-grisalho tinha um estilo reto e um corte diagonal. Seus olhos estavam maquiados como os de Theda Bara; não usava batom. — Uma tragédia. Felizmente, pegaram o indivíduo que fez isso. Não é bom da cabeça, eles dizem, e ainda por cima um curinga. Provavelmente, algum pervertido sexual. Nossos repórteres estão cuidando desta história com *muito* cuidado, posso garantir.

Viajante fez um barulho. Quinlan parou no fim do corredor.

— Aqui está, senhores. Preservado como no dia em que ele morreu. Queremos transformar em museu quando a grandeza do pobre Fred for finalmente reconhecida pelo *establishment* científico que tanto o perseguia. — Ela fazia gestos grandiloquentes para eles.

A porta do laboratório do Dr. Fred era de madeira, sólida até mesmo para um apartamento pomposo de Nova York. Não parecia ter diminuído a velocidade do seu último visitante. Duendes conscientes do laboratório forense na torre de tijolos do One Police Plaza varreram a maior parte dos fragmentos, mas o resto estilhaçado da porta ainda estava pendurado nas dobradiças de latão tortas.

Tachyon ainda tinha certa dificuldade de ajustar os olhos sobre as formas utilitárias e retilíneas dos equipamentos científicos terráqueos. A ciência em Takis era a província de poucos, mesmo entre os Lordes Psíquicos; seus equipamentos cresciam de organismos geneticamente modificados, bem como suas naves, ou eram personalizados por artesãos preocupados em fazer cada peça única, significativa. Aqui ele não encontrava muitos problemas. A parafernália que ocupava as bancadas de trabalho emborrachadas foi destruída. Papéis e vidro partido estavam espalhados por todo o lugar.

— O observatório dele era, tipo, aqui? — Viajante perguntou, olhando em volta com seu casaco estupendo nas mãos.

— Ah, não. Tinha um observatório em Long Island, onde ele fazia a maior parte das investigações. Analisava os resultados aqui, eu suponho. Há uma sala escura e tudo o mais. — Ela pousou uma unha longa na linha da mandíbula. — Qual é exatamente o nome do senhor mesmo? Capitão…?

— Viajante.

— Como naquele livro do Stephen King? Qual era mesmo? *Dança da morte*?

— Hum, não. É, tipo, o que usavam para chamar o Jerry Garcia. — Quando ela não mostrou nenhum sinal de reconhecimento, ele continuou. — Ele era o líder dos Grateful Dead. Ele,

hum, ainda é. Ele não tirou um ás, você sabe, como Jagger ou Tom Douglas e… — Ele observou que os olhos dela tinham ficado vítreos e concentrados no esquecimento, esvanecendo suas palavras, e perdendo-se no perímetro da sala arruinada, grande e entulhada de coisas.

— Diga, doutor, o que são esses respingos escuros em todas as paredes?

Tach olhou para cima.

— Ah, aqueles? Sangue seco, é claro.

Viajante empalideceu e seus olhos se arregalaram um pouco. Tachyon percebeu que ainda ignorava as sensibilidades terráqueas. Para um povo tão robusto, os terrestres tinham estômagos muito delicados.

Mesmo assim, até mesmo ele ficou surpreso com a selvageria praticada no laboratório da cobertura. Havia uma qualidade maquinal nela, uma emanação psíquica palpável de fúria e maldade. Dado à imaginação limitada da maioria dos policiais que encontrou, Tachyon não estava mais surpreso de terem considerado Doughboy um suspeito plausível; pensaram nele como um maluco demente, uma caricatura de um filme de horror, e que certamente descrevia o agressor do Dr. Warner Fred Warren. Assim, Tach estava mais convencido de que aquela criança gentil fosse incapaz de tal ato, mesmo que provocado.

A editora da *Informer* desapareceu, sem dúvida tomada pela emoção.

— Ei, doutor, olhe isso aqui — Viajante chamou. Ele estava curvado sobre uma mesa de desenho com fotografias salpicadas de estrelas que espreitavam ali intencionalmente.

Tach curvou-se ao lado dele. Havia uma mancha fina de cinza, enrugada, como um pequeno lenço de papel que tivesse sido umedecido, esticado sobre a superfície plástica e deixado para secar. Havia uma curiosa característica membranosa que desafiava o conhecimento.

— Que coisa é essa? — perguntou Viajante.

— Não sei. — Seus olhos deslizaram com interesse sobre as fotografias. Uma data marcada a lápis à margem de uma delas chamou sua atenção: 5.4.1986, o dia no qual Warren fora assassinado.

De um bolso, o Capitão Viajante apresentou um pequeno frasco e um bisturi num estojo de plástico descartável.

— Você carrega sempre esses utensílios? — Tach perguntou enquanto começou a raspar alguns poucos flocos daquele material cinzento.

— Pensei que eles pudessem ser úteis, cara. Se eu fosse um detetive e tudo o mais.

Dando de ombros, Tach voltou a atenção para a fotografia com que se intrigara. Estava no topo de uma pequena pilha. Ao pegá-la, descobriu uma dúzia ou mais de fotos que, para seus olhos não treinados, pareciam mostrar o mesmo campo estelar.

— Tudo bem, doutor, Capitão — uma voz estranha retumbou detrás deles. — Deem um grande sorriso para a posteridade.

Com uma destreza que surpreendeu até ele mesmo, Tach enrolou as fotos e as deslizou para dentro de uma manga do volumoso casaco enquanto se virava para encarar o intruso. Martha Quinlan estava dentro da sala sorrindo, enquanto um jovem negro ficava sobre um joelho e estourava um flash de câmera sobre eles que poderia ter carregado um raio laser até Marte.

Com certa relutância, Tach tirou os dedos do cabo de madeira exagerado da Magnum .357

bem escondida no coldre de ombro atrás de seu casaco amarelo.

— Acredito que a senhora tenha uma explicação para isso — disse ele com a fina frieza takisiana.

— Ah, este é Rick — Quinlan cacarejou. — É um dos nossos fotógrafos da equipe. Simplesmente *tinha* que trazê-lo aqui para registrar este evento.

— Senhora, temo que não faço isso para notoriedade — Tach disse, alarmado.

Erguendo-se, Rick acenou para dar segurança.

— Não esquenta, cara — disse ele. — É apenas para nossos arquivos. *Confie* em mim.

— Tezcatlipoca — disse Dr. Allan Berg, lançando a impressão de volta para o topo do amontoado de livros, papéis e fotos sob o qual sua mesa supostamente se ocultava.

— É o quê? — Viajante quis saber.

— 1954C-1100. É uma pedra, senhores. Nada mais, nada menos.

O pequeno escritório tinha um cheiro forte de suor e tabaco. O Viajante fitava pela janela a tarde no campus de Columbia, observando um esquilo cinzento na metade do caminho de subida de um bordo que implicava com um garoto negro que passava com um estojo de trompa.

— Um nome curioso — disse Tachyon.

— É uma divindade asteca. Uma muito mal-humorada, pelo que entendo, mas é assim que funciona: você encontra um asteroide, dá nome pra ele. — Berg sorriu. — Pensei em caçar um para dar meu nome. Olha só… que tipo de imortalidade. — Ele tinha o olhar de um garoto judeu bonzinho, olhos ansiosos, rosto longo e ovalado, nariz grande, exceto pelo cabelo encaracolado e desgrenhado, que era grisalho. Vestia uma camisa azul e gravata marrom embaixo de um suéter com uma trama tão larga que era possível pescar com ele. Sua conduta era contagiante.

— É grande o suficiente para, tipo, causar algum dano se cair aqui? — o Viajante perguntou. — Ou é mais exagero?

— Não, hã, Capitão, posso garantir que não é. — Ele se atrapalhava um pouco com títulos. As normas, especialmente na região de Nova York, tinham de se ajustar muito bem ao jeito dos ases, especialmente daqueles que escolheram emular heróis dos quadrinhos do passado e vestir uniformes coloridos. E o Capitão Viajante era mais estranho que a maioria. — Tezcatlipoca é uma forma oblonga de ferro-níquel com mais ou menos um quilômetro por um quilômetro e meio, pesando mais de um milhão de toneladas métricas. Dependendo do ângulo no qual ele bater, poderia criar maremotos e terremotos devastadores, efeitos como o hipotético inverno nuclear; é plausível que possa rachar a crosta ou destruir muito da atmosfera. Quase certeza de que seria a maior catástrofe registrada da história… Poderia dar uma estimativa melhor se tirasse algum tempo para trabalhar num artigo sobre isso.

— Mas não vou. Por que ele não vai atingir o planeta. — Ele tomou café de uma caneca rachada. — Pobre Fred.

— Admito que fiquei surpreso com a simpatia usada para falar dele quando liguei para o senhor, Dr. Berg — disse Tachyon.

Berg baixou a caneca, olhando para a superfície preta e morna.

— Fred e eu frequentamos o MIT juntos, doutor. Fomos colegas de quarto por um ano.

— Mas eu pensei que todo mundo dizia que o Dr. Warren era algum tipo de maluco — comentou o Viajante.

— É o que eles dizem. E ele era um excêntrico, por mais que eu odeie falar isso. Mas não era um excêntrico *qualquer*.

— Não consigo imaginar como um cientista treinado conseguia defender as teorias pelas quais o Dr. Warren ficou assim, hum…

— Famoso, doutor. Vá em frente e diga. Tem certeza de que não aceitam um café?

Eles recusaram com educação. Berg suspirou.

— Fred tinha o que se poderia chamar de vontade de aço. E tinha um traço romântico. Sempre sentiu que deviam haver coisas fantásticas lá fora… astronautas antigos, máquinas alienígenas na Lua, criaturas desconhecidas para a ciência. Queria ser o primeiro a sair e provar rigorosamente tantas coisas respeitáveis das quais os cientistas riam. — Sua boca abriu-se num sorriso triste. — E quem sabe? Quando Fred e eu éramos garotos, as pessoas pensavam que a ideia de vida inteligente em outros planetas era forçada. Talvez ele pudesse ter conseguido. Mas Fred era impaciente. Quando não via os resultados que queria, o motivo, ele começava a vê-los de qualquer jeito, se é que os senhores me entendem.

— Então, foi como o Dr. Sagan disse no artigo no *New York Times* — disse Tachyon —, que o Dr. Warren concentrou-se numa rocha que cai ao lado da Terra em intervalos regulares e a recobriu com perigo.

Berg franziu a testa.

— Com todo o respeito, Dr. Sagan se enganou dessa vez. Senhores, o Dr. Warren tinha uma capacidade infinita de autoilusão, mas não era apenas um bobo que o *Informer* tirou da Seventh Avenue. Ele sabia como usar uma efeméride, certamente tinha conhecimento do histórico do 1954C-1100. Era um astrônomo treinado e, no que diz respeito a detalhes técnicos e observacionais, muito bom mesmo. — Ele balançou os cabelos desgrenhados. — Como ele se persuadiu a acreditar nessa maluquice sobre o Tezcatlipoca, só Deus para saber.

O Viajante estava limpando os óculos na sua fantástica gravata-borboleta.

— Alguma chance de ele estar certo, cara?

Berg riu.

— Me perdoe, Capitão. Mas a mais nova aproximação do Tezcatlipoca foi vista e traçada há oito meses por astrônomos japoneses. De fato, haverá uma intersecção com a rota orbital da Terra, mas bem longe do planeta em si.

Ele se levantou, ajeitando o suéter que subira até o meio da barriga.

— É uma pena, senhores. Ah, não isso aqui — disse, batendo na pança incipiente —, mas o desserviço que Fred fazia aos colegas cientistas. Nossos instrumentos são muito mais sofisticados do que aqueles que existiam na última vez que o Tezcatlipoca passou, em 1970. E, ainda assim, qualquer astrônomo que ousar apontar seu telescópio na direção dele terminará sendo confundido com Däniken e Velikovsky eternamente.

Era tarde da noite. Tach estava sentado, caído numa cadeira em seu apartamento num terno de smoking marrom e na penumbra, ouvindo Mozart em violinos, bebericando uísque, e ficou muito emotivo quando o telefone tocou.

— Doutor? Sou eu, Mark. Descobri algo.

O tom na voz do amigo atravessou a neblina de uísque como uma mangueira de incêndio.

— Sim, Mark, o que é?

— Acho que é melhor vir e ver você mesmo.

— Estou indo.

Quinze minutos depois, ele estava no andar acima do Cosmic Pumpkin, boquiaberto e paralisado.

— Mark? Você tem um laboratório completo em cima da loja?

— Não está completo, cara. Não tenho nenhum equipamento real em escala grande, nem microscópios de elétrons, nem nada disso. Apenas o que consegui recolher durante os anos.

Parecia um cruzamento de laboratório de Crick e Watson e um apartamento riponga de 1967, enfiado num espaço pouco maior do que uma despensa. Diagramas de filamentos de DNA e polissacarídeos dividiam a parede com pôsteres dos Stones, Jimi, Janis e, claro, o herói de Mark, Tom Marion Douglas, o Rei-Lagarto — uma pontada de dor aqui para Tom, que ainda se culpava pela morte de Douglas em 1971. Ferramentas de um bioquímico terrestre eram mais familiares a Tach do que as de um astrônomo, então ele reconheceu ali uma centrífuga, um micrótomo e assim por diante. Muito daquilo foi bastante utilizado antes de passar para as mãos do Viajante, alguns eram improvisados, mas todos pareciam úteis.

Mark estava com um jaleco, parecia sinistro.

— Claro, não precisava de nada muito sofisticado, assim que vi a cromatografia a gás naquela amostra de tecido.

Tach piscou e balançou a cabeça, percebendo que a grande peça espiralada do equipamento cuja identidade ele tentava imaginar no último meio minuto era, possivelmente, o bongo mais intrincado do mundo.

— O que você descobriu? — perguntou.

Mark passou para ele um pedaço de papel.

— Olha, não tenho dados suficientes para confirmar a estrutura daquela cadeia proteica. Mas a composição química, as proporções…

Tachyon sentiu como se uma moeda estivesse sendo puxada da sua nuca pela coluna abaixo.

— Biomassa do Enxame — ele suspirou.

Mark apontou para um pacote de papéis na bancada.

— Você pode verificar as referências ali, análises da invasão do Enxame. Eu…

— Não, não. Confio no seu trabalho, Mark, mais do que no de qualquer pessoa, exceto no meu. — Ele balançou a cabeça. — Então, brotos mataram o Dr. Warren. Por quê?

— Que tal sabermos *como*, cara? Pensei que os brotos eram coisas imensas, como num filme japonês de monstros.

— De primeiro, sim. Mas uma cultura de Enxame… uma Mãe… como dizer?… *evolui* em resposta aos estímulos. Seu primeiro ataque de força bruta fracassou. Agora ele refina sua abordagem… como já alertei aqueles tolos em Washington que poderia fazer, o tempo todo. —

Sua boca se apertou. — Suspeito que agora ele esteja tentando emular a forma de vida que o repeliu antes. É um padrão comum para esses monstros.

— Então, você já tinha muita experiência com essas coisas.

— Eu, não. Mas meu povo, sim. Eles são, como eu poderia dizer, nossos inimigos mais cruéis, essas criaturas do Enxame. E nós, os deles.

— E agora eles estão, tipo, infiltrados entre nós? — Mark estremeceu.

— Acho que estão a caminho de poder passar despercebidos. Ainda assim, algo me perturba. Em geral, nesse estágio de uma incursão do Enxame, eles não são tão seletivos.

— E por que pegaram o pobre Fred?

— Você começa a soar como aquela mulher horrenda, meu amigo. — Tach sorriu, dando tapinhas no ombro do outro. — Espero que encontremos a resposta a essa pergunta quando rastrearmos esses horrores. Que é a próxima coisa que faremos.

— E Doughboy?

Tach suspirou.

— Você está certo. Vamos ligar para a polícia, logo pela manhã, e contaremos o que descobrimos.

— Eles nunca vão acreditar nessa história.

— Mas posso tentar. Descanse, meu amigo.

Eles não acreditaram na história.

— Então, o senhor encontrou tecido de broto no laboratório de Warren — falou ríspida a tenente de homicídios da área sul, responsável pelo caso. Por telefone, ela parecia jovem, porto-riquenha, incomodada, e como se no momento não amasse *Tisianne brant Ts'ara*, da Casa Ilkazam. — O senhor está bastante interessado neste caso para uma testemunha médica perita, doutor.

— Estou tentando cumprir minha obrigação cívica. Impedir que um homem inocente sofra ainda mais. E, casualmente, alertar as autoridades competentes quanto ao perigo assustador que pode ameaçar este mundo inteiro.

— Compreendo sua preocupação, doutor. Mas sou uma investigadora de homicídios. A defesa planetária não é da minha alçada. Até para ir ao Queens eu preciso conseguir permissão.

— Mas resolvi um homicídio para a senhora!

— Doutor, o caso Warren está sob investigação pelas autoridades competentes, que somos nós. Temos uma testemunha que identificou o Doughboy saindo da cena bem na hora.

— Mas as amostras de tecido…

— Talvez estivesse criando numa placa de Petri. Não sei, doutor. Nem eu tenho a credencial de qualquer um que tenha identificado esse suposto tecido de brotos…

— Garanto que sou um especialista em bioquímica alienígena…

— Em muitos sentidos.

Ele se afastou um pouco do fone; de forma perversa, estava começando a gostar daquela mulher.

— Não estou dizendo que duvido do senhor, doutor. Mas não posso apenas dar um aceno e liberar o homem. Depende do advogado jurisdicional. Seja lá o que o senhor tenha, leve para o advogado do Doughboy e peça para ele apresentar. E, se o senhor realmente encontrou mais brotos, sugiro que leve-os ao general Meadows, na SPACECOM.

Que era o pai de Mark.

— E mais uma coisa, doutor.

— Pois não, tenente Arrupe.

— Saia do caso ou vou arrancar o senhor à força. Não preciso de amadores turvando ainda mais a situação.

♥

Crisálida olhou para ele com um rosto transparente e louças na mão.

— Algo estranho acontecendo no Bairro dos Curingas? — ela falou naquele sotaque britânico arrastado e hermafrodita. — O que faz você pensar que algo estranho poderia acontecer aqui?

Ele se sentou no fim do bar, bem longe dos *habitués* matutinos. Não era um perfeito estranho no Crystal Palace. Nunca relaxou de verdade ali, apesar de tudo.

— Não apenas no Bairro dos Curingas. Neste lado de Manhattan, a partir do sul de Midtown.

Ela baixou o copo que estava polindo.

— Está falando sério?

— Quando eu digo estranho, digo estranho para o Bairro dos Curingas. Não a última revolta na Jokers Wild. Nem o Sombra pendurando algum assaltante num poste pelos pés. Nem mesmo outro assassinato com arco e flecha por aquele maníaco com suas cartas de baralho. Algo que vai além das cercanias comuns.

— Gimli está de volta.

Tach bebericou o uísque com soda.

— É o que dizem.

— Quanto você está pagando?

Ele ergueu a sobrancelha.

— Inferno, não sou uma fofoqueira de janela! Pago pelas minhas informações.

— E são bem pagas. Eu já fiz minha contribuição, Crisálida.

— Sim. Mas tem tantas coisas que você não me diz. Coisas que acontecem na clínica… coisas confidenciais.

— Que permanecerão confidenciais.

— Tudo bem. Fundos de comércio nesta comunidade mutante são meus títulos nos negócios também, e você não precisa lembrar quanto é influente. Mas algum dia você irá longe demais, sua raposinha alienígena de cabelo metalizado.

Ele sorriu para ela. E foi embora.

♣

Trim. Tach levantou a pálpebra de um olho. O mundo estava escuro, exceto pela neblina

luminosa comum de Manhattan e, talvez, um pouco de luz da lua vazando através das cortinas abertas, prateando o traseiro feminino nu virado para cima ao lado dele na colcha marrom sobre seu colchão d'água. Ele piscou, grudento, e tentou se lembrar do nome da pessoa a quem aquela bunda pertencia. Era uma bunda realmente excepcional.

Trim. Mais persistente dessa vez. Uma das invenções mais satânicas do mundo, o telefone. Ao lado dele, o traseiro glorioso se mexeu levemente e um par de ombros se mostrou por trás de uma ponta do edredom.

Trrrr… Ele atendeu o telefone.

— Tachyon.

— É Crisálida.

— Contente em ouvi-la novamente. Tem ideia de que horas são agora?

— Uma e meia, que é mais do que você sabe. Tenho algo para você, querido doutor.

— Quem é, Tach? — resmungou a mulher ao seu lado. Ele deu um tapinha no traseiro, distraído, tentando lembrar o nome dela. Janet? Elaine? Saco.

— O que é? — Cathy? Candi? Sue?

Crisálida murmurou uma canção.

— Em nome do Ideal, o que foi? — ele exigiu. Mary? Malditos sejam Crisálida e seu murmúrio desgraçado.

— Uma canção que costumávamos cantar, quando eu estava no acampamento, "Johnny Rebeck".

— Você me ligou à uma e meia da manhã para me cantar uma música de fogueira? — Belinda? Estava começando a passar dos limites.

— *E todos os gatos e cães do vizinho nunca mais foram vistos/Todos eles eram moídos pra virar salsicha na máquina de Johnny Rebeck.*

Tach sentou-se.

— O que é? — a mulher ao seu lado perguntou, agora petulante, virando-lhe um rosto mascarado com cabelos escuros e amassados.

— Você conseguiu alguma coisa.

— Como eu lhe disse, meu amor. Não do Bairro dos Curingas, mas nas cercanias. Nas proximidades de Division, perto de Chinatown. Cães e gatos desaparecendo… vira-latas, cães com dono; pessoas nessas partes não estão preocupadas com as leis da coleira. E pombas. E ratos. E esquilos. Muitos quarteirões estão simplesmente vazios da vida selvagem urbana comum. Tirando as piadas sobre a cozinha oriental, acho que isso poderia ser qualificado como evento estranho.

— Claro. — *Meus ancestrais, como assim?*

Ela ronronou.

— Você me deve uma, Tachyon.

Ele estava balançando as pernas para fora da cama, desejando, em nome da cortesia, lembrar-se do nome da jovem para poder mandá-la embora.

— Com certeza.

— E, a propósito — Crisálida disse —, o nome dela é Karen.

◆

— Doutor — disse o Viajante através de uma nuvem de sua própria respiração —, você tem ideia do que Brenda me *chamou* quando eu telefonei para ela para cuidar de Sprout a essa hora da noite?

Desde que conheceu Mark, havia semanas, foi a primeira vez que ouviu dele uma reclamação de qualquer tipo. Ele se compadeceu.

— Não quero nem imaginar, querido Mark. Mas isso é crucial. E sinto que não temos tempo a perder.

Mark curvou-se.

— Sim. Você tem razão. Doughboy vai ficar em lençóis piores do que eu jamais vi. Desculpe, doutor.

Tachyon olhou para aquele homem, um cientista brilhante cujos demônios pessoais o levaram a ruir para pouco mais que um indigente, e admirou-se honestamente. Ele bateu no braço do amigo.

— Não foi nada, Mark.

Não muito longe, os carros guinchavam sobre a ponte de Manhattan. Havia ali uma ruela escura numa parte nada impressionante da cidade, pequenas lojas e sombras e agiotas e casarões abandonados, prédios cinzentos em ruínas piscando aqui e ali com janelas quebradas à luz de um único poste de luz turva. Não era hora para estar ali fora, mesmo sem a perspectiva da ameaça sobrenatural.

— Pode ser apenas um alarme falso — disse Tach. — Quando Crisálida me falou sobre o desaparecimento de animais, me ocorreu que os brotos precisam de comida e, a menos que esta cultura avance mais rapidamente do que eu saiba, dificilmente poderiam comprá-la no mercado.

Ele parou, encarou o amigo, pegou-o pelo braço.

— Entenda isto agora, Mark. Pode não haver nada aqui. Mas, se encontrarmos o que estamos procurando, estaremos enfrentando um monstro parecido com os de filme de horror. Mas é real. É o inimigo de cada organismo vivo deste planeta e ele não tem escrúpulo nenhum.

Timidamente, Mark apontou para a frente no quarteirão.

— É algo parecido com aquilo ali, cara?

Tach o fitou por um momento. Devagar, ele girou a cabeça para a direita.

Uma figura estava em pé na esquina, no fim do quarteirão, mais próxima do viaduto. Um casaco estava esticado em torno dela, um chapéu enfiado na cabeça, mas mesmo disfarçada não escondia ter proporções que não cabiam num ser humano normal.

— Com licença, cara — o Viajante disse. Ele se afastou e, segurando o chapéu na cabeça, correu da aparição, virando a esquina com joelhos cambaleantes e passos sonoros.

Covarde!, uma chama acendeu-se no peito de Tach e, em seguida… *Mas eu não posso ser tão duro com ele, pois não é um combatente e essa é uma estranha ameaça para sua espécie.* Ele endireitou os ombros, ajeitou a gravata e se virou para enfrentar a criatura.

A coisa deu um passo oscilante para a frente, então outro. Um pé fazia um som de sucção como se viesse do asfalto. Da escuridão, outra figura espreitava, vestida da mesma forma, seus contornos diferentes, mas certamente parecidos. *Ah, Benaf'saj, você tinha razão em*

duvidar de mim. Nunca imaginei que poderia haver dois. Ele preparou seu espírito para a morte.

— Doutor.

Sua cabeça virou para o lado. Uma jovem estava ao seu lado, vestida dos pés à cabeça de preto, interrompido apenas pelas vírgulas laterais no formato de *yin-yang* no peito. O emblema combinava com uma máscara preta que se curvava da maçã do rosto esquerda até o lado direito de sua testa, deixando metade do rosto nu. Era maior que ele. O cabelo era preto e lustroso. O que ele podia ver do rosto dela parecia oriental e de uma beleza estonteante.

Ele fez uma mesura cortês, mas breve.

— Não acredito que tive tal prazer.

— Sou a Menina Lua, doutor. E tenho a honra de conhecer o senhor… mesmo que não exatamente pela primeira vez.

Aquilo estava começando a vazar sua barreira hematoencefálica.

— Você é um dos amigos do Capitão.

— Sou.

O perigo sempre fazia sua pressão sanguínea subir. Ao menos foi a desculpa posterior para a cobiça que o assolava naquele momento.

— Querida menina — ele suspirou, tomando suas mãos —, você é a visão mais atraente que estes olhos já contemplaram em eras…

Mesmo no brilho difuso, ele a viu corar.

— Farei o meu melhor para ajudá-lo, doutor — ela disse, sem entender… ou não.

Ela se soltou dele e deslizou rua abaixo, relaxada, equilibrada e parecendo mortal como um leopardo à espreita. Ele admirava a aura de força, a graça líquida, o jogo do traseiro por baixo de sua roupa preta e justa — naquela noite, as bundas estavam deixando Tach maluco. Ele correu atrás dela com a relutância takisiana de deixar uma mulher enfrentar o perigo.

Quando ela estava a vinte metros do broto mais próximo, fluiu num ataque, a dez metros lançou-se para o alto com uma desenvoltura que o fez engasgar. Ela deu uma pirueta no voo, jogou o calcanhar direito para trás, virando em torno do eixo ao dar uma voadora giratória perfeita no ombro do monstro. Causou um esmagar seco, som de abóbora lançada ao chão. A coisa foi para trás. Ainda girando, a Menina Lua ricocheteou, tocou levemente o chão e recuperou a posição de batalha.

O braço do monstro caiu. Despencou da manga do casaco.

Ela enlouqueceu.

De repente, estava em todos os lados sem sequer se mover. Gritando, uivando, batendo-se como três gatos em briga, caindo na calçada o tempo todo. *Mas ela fez uma entrada tão forte,* ele pensou, queixoso.

Por um momento, os brotos pareciam fitá-la também. Então, quando um deles virou-se para encarar Tachyon, os receptores químicos que os alertavam quanto à proximidade os levaram inexoravelmente na direção do takisiano odioso, terrível. Uma manga vazia sacudia-se de forma grotesca contra os lados do primeiro.

Tach expandiu-se para alcançar a mente da coisa. Era como névoa sufocante. Seu pensamento passou despercebido pela difusão de sinais eletroquímicos que formavam a mente

do monstro.

Sem surpresa, ele sacou a Smith & Wesson cano curto, apoiou-se de pernas abertas, segurou a arma com as duas mãos, mira alinhada no centro daquela massa desagradável, inalou, segurou o fôlego, apertou o gatilho duas vezes. A pistola produziu uma quantidade muito satisfatória de chama, recuo e barulho. Nada mais.

Chocado, ele abaixou a pistola. A fera estava a vinte metros de distância; ele não erraria àquela distância. Então, viu dois pequenos buracos, bem onde eles deveriam estar, um em cada lado da frente do casaco abotoado. Ataques mentais não eram as únicas coisas que passavam direto por um broto.

— Estou encrencado — anunciou. Ele mirou a sombra por baixo do chapéu de brim, deu mais dois tiros. O chapéu voou. Assim como grandes pedaços da massa de batata podre dentro daquilo que servia de cabeça para o ser. Ele avançou.

A Menina Lua havia parado de gritar e se debater, e sentou-se com as mãos entre os joelhos, observando atentamente.

— As balas não os machucam — disse ela, a voz rouca de tanto gritar. — Eles… eles não são humanos.

— Muito observadora. — Ele deu os últimos dois tiros, começou a se afastar, buscando no bolso um carregador rápido, esperando ainda ter um.

— Pensei que tivesse mutilado um ser humano, um curinga — disse ela. Estava em pé. Correu na direção de um prédio à direita de Tach, cruzando por trás os brotos desajeitados, lançando-se novamente, dessa vez numa trajetória que Tach juraria levá-la ao terceiro andar da estrutura. Mas ele não viu, porque, quando ela entrou na sombra do prédio, desapareceu.

Para reaparecer segundos depois, com os pés bem no meio do segundo broto. Roupas rasgadas, biomassa fendida, e o ser simplesmente se desintegrou quando ela atingiu o solo e rolou.

Num instante ela estava em pé novamente, correndo adiante, agachando-se para se apoiar sobre a mão enquanto a perna varria num chute alto. As pernas do primeiro broto se desgrudaram abaixo do joelho. Ele aterrissou sobre os tocos de perna, continuou a caminhar sem se perturbar. Fechando o rosto, a Menina Lua terminou o serviço.

As sirenes perseguiam-se até o céu quando ela terminou. Tachyon aplaudiu suavemente enquanto ela caminhava na sua direção.

— Devo desculpas, pela senhorita, pelo que estava pensando sobre você.

Ela começou a jogar os cabelos para trás, olhou para os dedos, usou o pulso em vez disso.

— Você não precisa se desculpar, doutor. Teve motivo para pensar o que pensou. Mas nunca devo usar minhas artes para prejudicar permanentemente um ser pensante. E pensei que tivesse.

Ele a puxou para os braços. Ela recostou a cabeça no ombro dele. *De fato*, ele pensou. Não conseguia imaginar como explicaria aquilo para Mark…

Ela se afastou.

— Não devo ser vista aqui. Perguntas demais.

— Mas… espere. Não vá… há muito o que dizer!

— Mas não há tempo de dizê-lo. — Ela o beijou no rosto. — Tome cuidado, Pai — ela

disse, e mais uma vez desapareceu.

— Então, o senhor descobriu mesmo os brotos, doutor — disse a tenente Pilar Arrupe, tirando um *cigarrillo* preto com piteira de plástico da boca. — Você é mesmo a testemunha perita mais ativa que já vi.

Pai, ele ficou pensando. *Um honorífico*, nada mais.

— Com certeza destruiu aqueles filhos da mãe — observou um patrulheiro que se prendia a uma arma não letal como a um talismã.

— Com uma ajudinha dos amigos, Dr. Smith e Dr. Wesson — outra pessoa comentou.

As ruas estavam cheias de luzes azuis piscando e uniformes e equipes de reportagem.

— As armas não adiantam muito contra os malditos do Enxame — disse o primeiro policial.

— Então, como você venceu essas criaturas, doutor? — perguntou um repórter, empurrando a espuma fálica do microfone embaixo do seu nariz.

— Artes marciais místicas.

— Leve esses babacas pra longe daqui — disse Arrupe. Para decepção de Tach, ela não era bonita. Era atarracada e tinha pernas grossas, rosto de buldogue e cabelo curto e crespo, como o da Brenda da Pumpkin. Tinha sardas escuras em abundância no nariz achatado e arrebitado. Mas os olhos eram brilhantes como cacos de vidro.

— Bem, tenente — disse ele. — Vai liberar o Doughboy agora?

— Você pegou suposto material do broto no laboratório da vítima e espalhou pedaços inquestionáveis de brotos numa rua inteira, exceto que eles costumavam parecer bebês do Godzilla e agora parecem indigentes, o que pode ou não ser uma melhoria. É uma ocorrência e tanto.

— A senhora não vai…

— Tenho uma testemunha, doutor.

— Céus em chamas, mulher, não tem compaixão? Não se importa com a justiça?

— O senhor acha que acabei de pular de um bote direto de San Juan? Trata-se de um cidadão decente, não saberia diferenciar o Doughboy do papa, não tem rixa com curingas e ele chega e descreve o rapaz pessoalmente. E não me venha dizer que essas testemunhas não são confiáveis. Elas são. E este é *sério*.

Tach passou a mão pelos cabelos com os dedos espremidos.

— Deixe-me falar com ele.

Ela revirou os olhos.

— É importante. Está acontecendo algo, não apenas o caso Doughboy. Eu sei disso.

— O senhor tem algum tipo de *brujería* alienígena maldita em mente.

O sedutor sorriu:

— Mas é claro.

Ela cedeu.

— Você virou herói com esses brotos, doutor. E sabe mais dessa coisa do que eu. — Virando-se, continuou. — Mas se o senhor me ferrar com uma queixa de liberdade civil sobre isso, *manito*, eu acabo com o senhor.

♥

Assim que tocou a mente, ele soube.

Era um dentista, homem baixo, atlético, vermelho, em seus 50 anos, que morava no prédio ao lado do de Warren. Estava saindo para passear com o cachorro no quarteirão — um ato ousado naquela hora da noite — e viu um homem de aparência peculiar saindo da ruela que dividia os prédios. O homem parou por um momento, pouco mais de três metros de distância, olhou o intrépido dentista direto nos olhos e cambaleou para dentro do Central Park.

A história batia com aquela das outras duas testemunhas, uma das quais era o zelador do prédio de Warren, que estava investigando uma porta traseira arrombada quando foi acertado pelas costas; a outra era uma mulher que, por razões mais bem conhecidas por ela, estava olhando para baixo no beco entre os prédios. Eles olharam de relance uma forma grande, pálida, parecida com um homem saindo da porta dos fundos e descendo a ruela. Mas nenhum podia oferecer algo além de uma descrição mais geral.

Tachyon precisou apenas tocar a mente do dentista para saber que sua história não era verdadeira. Não uma mentira; ele acreditava nela implicitamente. Porque fora implantada.

Relutante, Tach foi mais fundo. A velha dor de Blythe recuou, não ficava mais viscoso por dentro com o mero pensamento de usar seus poderes mentais; não era isso. A natureza do implante claramente revelou que tipo de ser fez aquilo. Tudo que restava era descobrir o indivíduo entre algumas poucas alternativas. O doutor tinha uma boa ideia.

De certa forma, não importava. As implicações já eram inescapáveis.

E mais monstruosas do que qualquer coisa que Tach imaginara.

♣

— Tenho aversão a este lugar — resmungou Durg at'Morakh bo Zabb Vayawand-sa quando eles subiram a vacilante escada traseira de seu flat numa esquina pouco badalada do Village.

Rabdan olhou com desprezo sobre a insígnia de ombro dourada.

— Como pode criticar? Você nunca entrou.

— O Leão de Chácara, aquele com uma cara estranha de morto, ele não vai me deixar entrar.

— Rá! O que os Vayawand diriam se soubessem que um de seus preciosos garotos Morakh permitiu que um brutamontes lhe dissesse não? Sério, o esperma deles ficaria ralo.

Durg fechou a mão que poderia desintegrar granito. A sarja branca e grossa da manga do seu uniforme partiu no bíceps com um som parecido com o de um tiro de pistola.

— Zabb brand Sabina sek Shaza sek Risala ordena que eu lute apenas quando necessário para a missão — disse ele entredentes. — Mesmo que ele me mande servir alguém tão sem valor como você para testar minha devoção. Mas lhe aviso: algum dia, sua incompetência fará você perder a preferência do mestre. E, nesse dia, arranco seus braços e pernas, homenzinho, e esmago sua cabeça como uma espinha.

Rabdan tentou rir. Engasgou-se, então tentou de novo.

— Tão hostil. Tal lástima você não poderia ter visto: uma mulher esfolada, uma serva desmaiada; entretenimento elegante. Quando os terráqueos forem destruídos, alguns raros

talentos serão perdidos, preciso admitir.

Chegaram ao patamar e à porta. Rabdan fez uma pausa do lado de fora, franziu a sobrancelha enquanto a mente sondava lá dentro. Não seria bom serem pegos numa emboscada por ladrões terráqueos. Durg ficou em pé, em silêncio, alguns degraus abaixo. Seus parentes eram da classe dos Lordes Psíquicos, mas, como a maioria dos Morakh, era praticamente cego psíquico. Se Rabdan detectasse perigo, então cumpriria sua função.

Satisfeito, Rabdan destrancou a porta e entrou. Durg seguiu, fechando-a atrás de si. Do corredor para os quartos saiu uma figura.

— Tisianne! Mas eu sondei…

— Você, de todos os meus primos, nunca poderia lançar uma sonda da qual eu não pudesse desviar — disse Tachyon. — É mau presságio para todos nós que eu tenha encontrado vocês aqui. De fato, talvez para todos os de Takis.

— Mas é pior para você — disse Rabdan. Ele deu um passo para o lado. — Durg, desmembre-o.

— Monstro de Zabb! — Tach chiou, apesar dele.

— O pequeno príncipe — disse Durg. — Será moleza.

Uma segunda figura apareceu ao lado de Tachyon.

— Doutor, quem são? — Menina Lua perguntou, apertando os olhos um pouco à luz brilhante da única luminária na mesa baixa.

Ela viu um homem pequeno — mesmo para ele, um takisiano inequívoco feições finas, cabelos loiros metálicos, olhos pálidos que se arregalavam e piscavam rapidamente. Ela achou mais difícil de classificar o ser que balançava sobre o carpete gasto da pequena sala de estar. Era pequeno, pouco mais de um metro e meio, mas pavorosamente musculoso, literalmente quase mais largo que alto. Ainda assim, sua cabeça era de um lorde elfo takisiano, de feições longas, magras e austeras; bonito. O contraste era surpreendente.

— O adulador do meu primo, Rabdan — disse Tach —, e seu monstro, Durg.

Por tudo que vivera em quatro décadas entre os curingas, Tach não conseguia ter estômago para ver o matador Morakh. Não era um terráqueo parecido com um takisiano deformado numa grotesca desfiguração; era a visão mais abominável para o povo de Tach, uma perversão da própria forma takisiana. Parte do que tornava Morakh tão terrível na guerra era a repugnância que causava aos inimigos.

— Ele é uma criatura gerada por uma família hostil à minha. Uma máquina assassina orgânica, poderosa como um elefante, treinado à perfeição. — Durg parou, a sobrancelha perfeita franzida pela nova aparição. — Mesmo para os nossos padrões, eles são quase indestrutíveis. Zabb tomou este num ataque quando ele era um filhote; e a criatura transferiu sua lealdade a ele.

— Doutor, como você pode falar de um ser humano dessa forma?

— Ele não é humano — disse entredentes —, e *cuidado com ele.*

Atarracado como um troll, Durg se movia com uma velocidade que nenhum humano poderia superar. Mas a Menina Lua não era estritamente humana; independentemente do quê, ela era, fosse lá de onde viesse, uma ás. Ela agarrou a manga bordada a ouro atrás da mão que se esticara para pegá-la, puxou-a, girou os quadris. Durg passou direto para bater na parede,

numa explosão de gesso.

— Como você nos encontrou? — Rabdan perguntou, recostando-se ao batente da porta.

— Primeiro encontramos o homem cuja mente você adulterou, sabia que os takisianos ainda estavam na Terra — disse Tach, desviando-se de Durg —, e da inépcia técnica deduzi que só poderia ter sido você. Assim que soubemos o que procurar, não foi difícil encontrá-los. Sua aparência é distinta, e dificilmente vocês se esconderiam num armazém abandonado e viveriam de ratos e gatos vira-latas, como os brotos.

— Claro — ele fez com a cabeça na direção do uniforme branco e dourado de Rabdan —, nunca pensei que mesmo você seria tolo o bastante para se aventurar no próprio uniforme de Zabb.

— Os terráqueos acharam que estávamos no topo da moda. E se você está entre os cisnes, andaria vestido de ganso?

— Quando a missão dos cisnes — Durg surgiu de uma depressão que fizera na placa de gesso, gemendo, balançando o pó de gesso como água — é se passar por gansos, sim.

A Menina Lua avançou para o bar destruído, deu dois passos mínimos para a frente, chutou Durg na lateral do joelho. A perna dele se dobrou. Ela soltou um segundo chute no lado da mandíbula do monstro. Ele gemeu — a mão dele se agitou, agarrou a canela da menina, puxou-a para a frente ao alcance de seu outro braço.

Ele se esforçou para dar um golpe eficaz. Tach começou a avançar novamente. A mão de Rabdan saiu da túnica com o brilho fosco e preto de um aprisionador.

— Vá até lá e eu acabo com você agora, Tis.

A Menina Lua bateu com o cotovelo no topo da cabeça de Durg. Tach ouviu os dentes se batendo como uma ratoeira. Ela estapeou maldosamente com as palmas em concha contra as orelhas dele. Ele gemeu, sacudiu a cabeça, e ela se contorceu até se ver livre.

… Durg estava em pé, encarando-a. Ela chutou o peito dele. Ele bloqueou sem esforço. Ela voou para cima dele com a fúria de *boleadeiras*, chutando a cabeça, o joelho, a virilha. Ele deu vários passos para trás, então, quando ela bateu novamente, ele saltou e atacou com as duas pernas, chutando a Menina Lua através da sala para rebentar contra a parede externa.

Tachyon hesitou. Poderia tentar apossar-se da mente de Durg, mas ele toparia com a capacidade psiônica única que os Morakh possuíam, uma resistência quase intransponível à coerção mental. Enquanto ele se concentrasse em Durg, Rabdan o mataria… se tentasse combater os escudos bem fracos de Rabdan, Durg mataria a Menina Lua. Ele pegou a pistola, esperando que a garota não fosse muito severa em seu julgamento…

Ela se virou. Durg estava chocado; quando ele chutava alguém com tanta força, este desmaiava. Ele se lançou para a frente, negligente.

Ela o encontrou no meio do caminho. Agarrando a túnica de frente, ela caiu de costas com as botas na barriga do monstro e projetou-o sobre esta. A força combinada do salto e o impulso dela lançaram-no como um rebite através da parede, quatro andares acima da rua.

— Ai, meu Deus — disse ela, ficando em pé. — Espero que não o tenha machucado. — Ela correu até o buraco. — Ele ainda está se movendo. — Sem hesitar, ela desceu, escalando a parede.

Pensando que ela poderia se cuidar, Tach a deixou ir, ainda surpreso. Durg era tão forte

quanto alguns ases humanos poderosíssimos. A Menina Lua, de qualquer forma, tinha força meta-humana, não era páreo para ele — havia dominado o monstro apenas com habilidade. Durg, o mestre assassino.

Rabdan saiu do estado atônito e escancarou a porta. A mente de Tachyon agarrou a de Rabdan como mão de ferro. E espremeu.

— E agora, amigo — ele falou —, vamos conversar.

Era ruim. Rabdan era um incompetente e, mais do que outra coisa, um covarde. Ainda assim, era um Lorde Psíquico, e ao menos ele se comportava como um, o pior para ele. Nenhum escudo normal que ele pudesse erguer poderia refrear o sutil Tisianne de espiar até a última migalha de informação de seu cérebro. Mas Rabdan, em situações extremas, ficava heroico, colocava a trava mortal, deitava seu nome sobre ela. *Tudo o que ele era* se opunha a Tachyon, e nenhuma sutileza, nenhum artifício ou força poderia superar essa oposição e deixar qualquer coisa de Rabdan intacta.

Talvez esta fosse a astúcia final de Rabdan: sabendo do coração mole de seu primo distante, apostou que Tisianne evitaria a determinação de deslindar sua mente, pedaço a pedaço.

O discernimento de Rabdan nunca foi dos melhores.

Alegria, alegria, alegria. Meu mestre chega novamente e tão cedo. Ou tem algo errado para ele ter tanto tempo assim para mim de repente?

Corta essa, Baby.

— Olá, *Baby*. E aí, tudo bem? — Ela piscou suas luzes num feliz cumprimento e abriu uma trava em sua lateral.

A maldita rocha estava a caminho da Terra, claro. O povo de Zabb a desviara meses atrás. Não muito; exigiria quantidades tremendas de força para mudar o momento de tal massa até qualquer valor notável. Uma fenda de um grau, pouco perceptível, mas, com o passar do tempo, suficiente.

Era uma rocha familiar para os terráqueos; seu reaparecimento, imperceptível. Mesmo assim, Rabdan e Durg vieram à Terra para garantir que seus destinatários pretendidos não percebessem que o itinerário havia mudado. Que sorte, então, quando a alteração no curso fora notada por um homem que absolutamente nenhuma autoridade ouviria — cuja alegação da descoberta da rocha, por assim dizer, significaria que todos os outros cientistas do planeta a julgariam como algo inferior. Os takisianos não poderiam ter pedido algo melhor para selar o destino do planeta. Ninguém perceberia o que estava acontecendo até o asteroide estar tão perto que sua rota seria incontornável. E, assim, seria tarde demais, nem todas as armas termonucleares dos estoques do planeta poderiam evitar a desgraça vindoura.

Mas os aliados entraram em pânico. Os aliados de Zabb. Embora odiasse seu primo, Tachyon mal poderia ser capaz de acreditar naquilo.

A vasta massa de perversidade que era a Mãe do Enxame detectara a *Hellcat* enquanto ela

flutuava na órbita do mundo que almejava, da sua forma turva e insistente, para dominá-lo, e atacou. E, de alguma forma, por suas próprias razões maléficas, assim que o ataque fora repelido, o cão de guerra dos Ilkazam fez uma aliança com o maior inimigo da sua casa — de todos os takisianos.

Juntos, traçaram um plano. Semiconsciente, a Mãe percebeu apenas que o plano fora detectado quando Dr. Warren fez seu anúncio. Agiu às pressas, deixando Rabdan com nada menos que o prazer de tentar desfazer o dano que ela havia moldado.

Pareceu um destino fabuloso distinguir nas ruas do Bairro dos Curingas um ser que poderia ser confundido com um broto. Assim, Rabdan e Durg foram até o Central Park e conseguiram uma testemunha. *Como pode falhar?* Rabdan alegrou-se com o camarada.

Tach dera a Rabdan a misericórdia final que nenhum takisiano poderia negar a outro. A Menina Lua acreditou que o coração dele parou inesperadamente sob a sonda mental, e Tach sentiu-se imundo por ter mentido para ela. Tach levou as imagens roubadas do laboratório de Warren para *Baby*. Sua análise astrogacional confirmou a história de Rabdan. Uma sessão de planejamento apressada, uma noite gasta tentando dormir.

Agora, Viajante e Tachyon estavam prontos para lançar um esquema genuinamente imprudente para Salvar o Mundo. Não havia tempo para pensar em outro. Já poderia ser tarde demais.

E, lá fora, Zabb aguardava. Zabb. Aquele que assassinara a *Kibr* de Tach. E traiu todos os takisianos. Em sua nave de guerra: Zabb.

♥

Jake cambaleava pela rua com sua garrafa de La Copita na mão, dentro de um saco de papel. Na orla, no Bairro dos Curingas, ele, um limpo, sem droga nenhuma para fazer àquela hora da noite, especialmente se estiver bêbado daquele jeito. Mas Jake não sabia muito bem para onde estava indo desde que o merda com cabeça de iguana o jogou para fora do bar por fazer arruaça. Uma coisa boa, ele pensou, era que carregava uma reserva no bolso do casaco.

Um ronco tomou seu ouvido. Ele parou e observou quando o topo de um prédio veio abaixo bem à sua frente — sem explodir, sem implodir, mas saindo numa peça, impecável, como queira, como a tampa de uma caixa. Pousou gentilmente no telhado do prédio ao lado, e então aquela concha gigantesca coberta com pequenas manchas de luz flutuou para fora do edifício. Nenhum som saía dela. Pairou contra o céu laranja embotado enquanto o telhado flutuava de volta para o lugar. Então, ela se inclinou para cima e sumiu, partindo para a Grande Escuridão.

Deliberadamente, Jake caminhou para o bueiro mais próximo e, com mira precisa, lançou para dentro dele sua garrafa de La Copita pela metade. Então, partiu rapidamente para fora do Bairro dos Curingas.

♣

— Nunca pensei em, tipo, voar com uma espaçonave bem do seu quarto, cara — disse o Capitão Viajante, visivelmente encantado.

— Acho que seu povo chama isso de cabine, não é?

De fato, parecia um cruzamento de harém otomano com as cavernas de Carlsbad. No meio de tudo isso havia uma imensa cama de dossel cheia de grandes almofadas, e num roupão no meio dela estava Tach. Havia muito ele jurara morrer na cama; a biotecnologia takisiana tornou possível alcançar esse objetivo e um fim heroico ao mesmo tempo, se esta for sua inclinação.

— Não há centro formal de comando… ponte de comando?… numa nave como esta. Na maioria das naves de guerra, como na nave *Hellcat* do meu primo, existe, mas numa nave de passeio, não. — Ele sentiu um chiado de fúria de *Baby* pela menção do nome *Hellcat*. Eram rivais de longa data.

— Uma nave simbiôntica takisiana é controlada psionicamente. O piloto pode receber informações de forma direta, mental ou visualmente. Por exemplo…

Tach gesticulou e uma imagem da Terra saltou para ficar numa curva de um anteparo membranoso próximo à cama. Uma linha amarela saía dela, descrevendo sua órbita. Então, como uma animação computadorizada, o globo girou, diminuiu, até uma imagem fora de escala de sua trajetória inteira do voo projetado da Terra ao 1954C-1100 ser mostrada.

O Viajante aplaudiu.

— É fantástico, cara. Muito bom!

— Sim, é isso. Vocês, terráqueos, estão tentando criar a consciência nos seus computadores; nós criamos inteligências capazes de realizar funções computacionais. E muito mais.

— Como *Baby* se sente sobre tudo isso?

A imagem desapareceu. E palavras apareceram: *Fico honrada em transportar lordes como o Mestre Tis e o senhor… embora eu tema que o senhor me cutuque com este chapéu; é tão alto.*

O Viajante deu um pulo.

— Não sabia que ela podia fazer isso.

— Nem eu. Ela está roubando meus conhecimentos do inglês escrito com um dreno muito sutil… o que é levemente perverso. Contudo, ela sabe que sou complacente, e a perdoarei.

O Viajante sacudiu a cabeça, surpreso. Estava sentado numa cadeira que havia brotado do chão para ele, e agora ajustava-se ao corpo do ás quando Tach finalmente convenceu-o a se sentar.

— Não que eu não confie na *Baby* — disse ele —, mas a nave do seu primo não é, tipo, uma nave de guerra?

— Sim. E você não precisa fazer a pergunta que esperava não ter de fazer. Em circunstâncias normais, *Baby* não teria nenhuma chance contra a *Hellcat*… e não faça estática desse jeito na minha cabeça, *Baby*, ou vou te espancar! De verdade. Mas *Baby* é rápida, mesmo com seu piloto automático acionado, nenhuma é mais rápida. E manobrável. E, francamente, mais esperta que a *Hellcat*. Mas o fator importante é que a *Hellcat* foi bastante danificada pelo ataque do Enxame. Uma Mãe de Enxame tão antiga e vasta como aquela em geral desenvolve armas biológicas – anticorpos, quase – contra takisianos e suas naves-fantasma. Usamos armas similares contra eles, porque só uma frota de guerra inteira pode levar poder de fogo suficiente para prejudicar mesmo uma da pequena, considerando que a infecção pode se espalhar a partir dela. Zabb combateu um ataque a bordo, com espada e

pistola e armas biológicas, e conseguiu afugentar os brotos. Mas a *Hellcat* ficou infectada e prejudicada e, embora tenham impedido a doença, ficará um bom tempo se recuperando.

E, suavemente:

— E Zabb sentiu cada um dos ferimentos da nave como seu próprio, seja lá o que você possa pensar dele. — Seus olhos arderam.

Com tristeza, o Viajante balançou a cabeça.

— Falar sobre batalhas me deprime, cara.

— Deve ser difícil pra você, já que tem convicções pacifistas. Mas seu papel naquilo que se aproxima não é marcial, e vou lutar apenas se atacado.

— Mas a Menina Lua luta. A maioria dos outros também. Nunca briguei na minha vida. Bati apenas em uma pessoa, e *ele* se esquivou e estourou meu nariz, e então um dia eu estou, tipo, no corpo de outra pessoa enquanto ela joga um alienígena musculoso através da parede.

— Foi um espetáculo glorioso — disse Tach, rindo, sem conseguir se controlar.

— Ser um ás parece ser uma viagem bem pesada.

Tisianne, eu a sinto! Hellcat *está vindo.*

Tach despenteou o cabelo e suspirou.

— Temo que seja o momento, amigo. — Ele balançou as pernas para fora da cama e levantou-se. — Vou te levar até a comporta.

A iluminação os conduziu até um corredor curvo.

— Tem certeza de que você… ele… consegue encontrar a rocha? — disse Tachyon.

— Acho que não haverá muitas outras na vizinhança, doutor.

A vadia está formando a órbita de interceptação. Limite de armas máximo em vinte minutos.

Bloqueie, Baby.

Eles pararam ao lado do esfíncter interno da comporta de tripulação. Tach e o Viajante abraçaram-se, ambos chorando, tentando não transparecer.

— Boa sorte, Mark.

— Pra você também, doutor. Diga, esta nave inteira é *Baby*, não é?

— Isso aí.

Constrangido, o Viajante recostou-se e beijou levemente uma viga cuja forma fluía como uma estalagmite.

— Tchau, *Baby*. Paz.

— Adeus, Capitão. Que a sorte lhe acompanhe.

Aproveitando-se de superstições primitivas, Tach repreendeu enquanto eles se retiravam educadamente numa curva.

Divertimento. *Como parecerá a nova pessoa, Tis?*

Não sei. Estou ávido para ver. Outra Menina Lua era demais para se esperar. Era sorte que tinham acesso a um ás com uma combinação de poderes que lhes dava uma pequena chance de sucesso.

— Doutor? — a voz rolou em torno deles como âmbar líquido, profunda e forte. Tachyon caminhou adiante.

O impacto visual o fez parar de uma vez. Ás como um deus grego: alto, de musculatura

trabalhada, uma mandíbula de dique, um olhar verde-claro, uma nuvem loira encaracolada de cabelos, tudo envolvido por um uniforme amarelo colado à pele com um sol raiado no peito.

— Eu sou — disse a visão — Estelar.

— A honra é inteiramente minha — disse Tach, pensativo.

— Está correto. Você é um militarista, representante de uma civilização decadente e repressiva. Estou prestes a tentar impedir um horror trazido à minha civilização por sua tecnologia desenfreada, enquanto você se envolve num combate com outra facção do mesmo bando tecnocrata que afligiu a Terra com seu vírus satânico em primeiro lugar. Sob tais circunstâncias, acredito ser difícil desejar sucesso ao senhor, doutor. Mesmo assim, eu o faço.

A voz de Tachyon parecia ter desaparecido, e *Baby* fazia pequenos estalos de fosfeno estático na cabeça dele.

— Sou muito grato — ele conseguiu dizer, por fim.

— Sim. — Estelar moveu sua mandíbula heroica. — Talvez eu componha um poema sobre o dilema moral que enfrento…

— Será que não é melhor você enfrentar o asteroide primeiro? — Tach quase gritou.

Estelar olhou com fúria, como Zeus apanhado por Hera, mas disse:

— Acho que sim.

A comporta dilatou-se.

— Adeus — Tach disse.

— Obrigado.

Ele deu um passo adiante.

Quando a comporta externa abriu-se num círculo, *Baby* transmitiu à mente de Tach um panorama externo — cada centímetro quadrado da pele da nave era fotossensível quando necessário. Estelar flutuava no vácuo, virou o rosto para o brilho intenso do sol, agora mais ou menos à popa, e pareceu respirar profundamente. Então, afastou-se da nave, braços e corpo estirados numa linha, e tornou-se um raio único, amarelo e brilhante, a atravessar a noite eterna.

— Transformação fotônica — disse Tach, impressionado. — Como a transformação de táquions de nosso piloto automático, mas permitindo apenas a velocidade da luz. Incrível.

Por um momento, ele quase se sentiu orgulhoso pelo carta selvagem.

Ele se livrou daquela sensação.

— Vai ser bem difícil — ele observou — gostar desse aí.

Ele é um babaca. Eu gostava muito mais do Capitão.

Tis, eles estão chegando.

Flutuando, atemporal. Liberação pura, inexistência/coexistência com todo o universo. A consumação final: *satori* num raio laser.

Mas é preciso continuar. Resolução, abaixo ao ego. Objetivo.

O asteroide aguardava. Uma massa desagradável e idiota de escória, parecendo cair na direção de Estelar, embora sua linha de visão corresse perpendicular à sua trajetória.

Ele esfregou a mandíbula e franziu a testa. Tinha muito mais a dizer àquele doutor

alienígena, sobre o mal que a espécie dele trouxera ao mundo, sobre sua própria culpa por atrair aquele patético depressivo do Viajante para perigos selvagens.

Ele se perguntou quanto tempo teria. Das memórias que compartilhava com Mark e o restante, sabia que a droga duraria uma hora. Esperava que pudesse fazer o que tinha de ser feito a tempo.

Ele esticou a mão. Um raio de luz saltou dela para a superfície irregular do Tezcatlipoca, um calor branco e ofuscante. Um círculo da rocha sulcou-se com o espectro e ferveu na superfície com um jato incandescente.

Ele era fabulosamente forte. Mas toda a sua força não desviaria a massa maligna. Nem tinha poder suficiente para destruir a rocha. O que poderia fazer era usar seu raio solar para aquecer um ponto no flanco do asteroide, de forma que a matéria da rocha se afastasse como um foguete exaurido nos ângulos direitos à sua órbita. Mesmo agora, a milhões de milhas da Terra, um pequeno desvio faria toda a diferença.

Mas mesmo uma variação mínima no curso do asteroide exigiria quantidades fantásticas de energia. E uma quantidade desconhecida de tempo.

Com o incremento, Estelar aumentou sua emissão. Sentia-se vivo, imenso e cheio de poder; não poderia falhar, aqui diante do olho nu do sagrado Sol, com sua energia a sustentá-lo.

O planeta estava em risco, seu planeta, a Terra, verde e grávida.

E, por acaso, sua própria vida, e a de Mark Meadows e de outras entidades cujas existências estavam de alguma forma presas à dele.

No instante da detecção, Tach sabia que a arma mais mortal da *Hellcat* estava fora do jogo. Os táquions sólidos de sua lança-fantasma teriam espalhado os átomos constituintes da *Baby* — e os seus — por uma dúzia de dimensões num attosegundo, se ainda funcionasse, e com a glândula do piloto automático de *Baby* também se fora seu senso de táquions, de forma que eles não teriam um alerta. Mas Tach apostou que o ataque do Enxame desativara o feixe de táquions. Teria sido o alvo mais urgente da Mãe; os seres planetoides temiam o feixe, mesmo os menores, como naves da classe de *Hellcat* carregavam.

No entanto, a nave de Zabb estava longe de ser indefesa. Quando *Baby* se lançou num trajeto tangente ao dela, cruzando o sistema externo do caminho que Estelar havia tomado, um pulso de luz púrpura passou rapidamente a bombordo. *Eu já esperava isso, Baby* disse com orgulho, enquanto balançava numa dança evasiva, intrincada como um minueto, o que a manteve cruzando a proa da *Hellcat* enquanto a outra nave a circundava.

Ao mesmo tempo, enviaram uma sonda, Tach direcionando a maior força psiônica pura da *Baby* para examinar a outra embarcação. Sentiu um dano que trouxe bile à sua garganta, feridas expostas com cantos queimados ou atrofiados escancarando os flancos da *Hellcat*. *Ela quer a nossa vida*, ele pensou, *mas nenhuma nave fiel de Takis merece a infecção do contágio do Enxame.*

Antes que pudesse obter uma visão mais nítida, foi interrompido por uma força mental semelhante a uma lâmina de guilhotina. Não importava; *Baby* sentiu o suficiente para avaliar a capacidade que a rival ainda possuía. Mesmo assim, ele ficou surpreso.

Vadia estropiada, acompanhante de barcaças! Tach sentiu a fúria de *Hellcat* fustigar *Baby* como uma lança. *Tu e teu mestre fracote provarão este sol doentio.*

Palavras valentes as tuas, mas não podes bambolear rápido o suficiente para me alcançar!

Teus poderes mentais cresceram, primo, ele projetou.

Uma risada seca veio até sua mente. *A adversidade força o crescimento. Você veio, Tisianne. Acredito que encontrou meus emissários na Terra.*

Baby estava apresentando a situação de *Hellcat*: *invólucro enfraquecido em diversas seções, uma lesão no órgão principal de propulsão…*

Sim, pensou Tach.

Rabdan foi um tolo. Você se livrou dele? Percebo que sim. E Durg? Sua morte foi limpa, eu acredito.

Ele está vivo, primo. Com malícia: *Ele transferiu sua lealdade ao terráqueo que o derrotou. Seu antigo prisioneiro, Capitão Viajante.*

Uma fúria quente e branca surgiu:

Você mente! Um momento passou. *Mas não. Talvez você tenha começado a entender por que eu tomei as medidas que tomei, então, Tis.*

De acordo com o plano, *Baby* descreveu uma órbita curvilínea em velocidade constante. Apesar de seus melhores esforços, *Hellcat* não conseguia acompanhá-la. Seu controle de disparo também havia sofrido; àquela distância, a superioridade aterradora de seu poder de fogo foi cancelada pela mira mais precisa do único laser pesado de *Baby*, atingindo-a, forçando-a a trocar a perseguição pela evasão.

Entendo que você traiu nosso clã e nosso povo, Tach pensou.

Assim lhe parece, Tis. Mas considere: este vírus que você soltou naquele mundo quente e pesado ameaça nossa existência muito mais do que o Enxame estúpido.

O experimento foi um sucesso.

Nele reside o perigo. Esses terráqueos alterados, esses ases, ajudaram você a escapar apesar de toda a nossa força. Agora, me diga, um fracote magrelo derrotou o lutador braçal mais mortífero que Takis já produziu. Você não vê nisso, Tisianne, o eclipse da nossa espécie?

Talvez a queda dos Lordes Psíquicos já tenha passado da hora.

E você me chama de traidor. O pensamento parecia muito mais de uma satisfação cansada do que de ultraje.

Você teria destruído espécies inteiras.

Claro. São terráqueos.

A agonia espalhou-se no cérebro de Tach como ácido. Metade dele foi lançada para fora da cama quando o compensador de aceleração de *Baby* falhou.

Baby! *Você está bem?*

Um arranhão, Lorde Tis. Estou bem. Mas havia um tom vacilante; ela nunca havia sido danificada em batalha antes.

Ele cuidou dela com um toque mental breve e curativo, lançou-se ferozmente contra Zabb. *Então, você entrou em acordo com o Enxame nojento?*

Você viu o que eles fizeram à pobre Hellcat. *Esta Mãe encontrou takisianos antes, ou compartilhou plasma com outra que encontrara, e sobreviveu — o que deve lhe dizer muito, meu primo. Uma vagem semeou brotos na órbita do lado mais distante deste seu mundo adotivo, que permaneceram inertes até passarmos entre eles. Então, estavam sobre nós, como ácido, patógenos de ação rápida e força bruta.*

Conseguimos expulsá-los. A mente de Tach encheu-se com imagens roubadas de Rabdan, da batalha na luz tremeluzente contra seres amorfos cujo toque poderia significar a morte por dissolução irreversível. De espadas cintilantes e gritos, e a defesa mais desesperada de todas, pistolas a laser flamejando nos corredores, enquanto os espasmos peristálticos assolavam todo o tecido da *Hellcat*. *Perdemos quatro dos nossos, seu velho mestre de armas entre eles. O próximo ataque teria acabado conosco. Optei pela negociação.*

Os olhos violeta se apertaram. *Sedjur.*

Após repelirmos o ataque, Zabb continuou, *consegui tocar o ofuscamento soberbo que é a consciência da Mãe enquanto cuidávamos de nossos feridos e lavávamos nossos corredores com emulsão antibiótica, para mostrar a ela que desejávamos negociar. Ela entendeu, mas vagamente; acredito que sentiu algo relacionado à curiosidade quanto à minha temeridade, quis me examinar mais de perto. Viajei até ela numa nave salva-vidas individual, passei dentro dela.*

Baby estava de novo no controle; sua manobra violenta de alta velocidade não fez mais do que causar ondulações na superfície do uísque que permanecia no cálice ao lado da cama. O suor brotava na cúpula fria da testa de Tach. Mesmo sem querer, sentiu respeito por seu primo — até mesmo admiração. Viajar sozinho e sem armas para dentro do corpo colossal da Mãe, inimigo ancestral, fantasma de um milhão de histórias de terror — ele tirou coragem das canções épicas.

E, acima de tudo, Tach sabia por que Zabb tinha feito aquilo: fora humilhado pelas mãos de Tach, ele, que nunca conhecera a derrota. Tinha de empreender um feito fabuloso ou teria seu significado, sua *virtù*, drenada dele como água de um receptáculo rachado. E para um takisiano, mesmo uma traição era gloriosa, se grande o suficiente em tamanho.

Dentro de uma grande caverna, saí da minha nave e fiquei em pé na própria matéria de nosso mais antigo inimigo. As paredes ao redor pareciam fixadas com faixas de musgo preto, iluminadas por luzes mortiças em metade de uma centena de coberturas pálidas; o fedor era tal que turvou minha visão. Mas fiz contato com uma mente tão imensa e difusa quanto uma nebulosa. Após uma adaptação, nos comunicamos.

O monstro e eu tínhamos interesse em destruir a vida nesta sua Terra. Então, entramos num acordo.

A bile borbulhou na boca de Tach num reflexo apavorado. *Entramos num acordo*. Que tranquilidade a do primo em passar o pensamento, como se não estivesse descrevendo a maior traição e o maior ato de coragem que sua espécie conhecera.

Respeito você, Zabb. Tenho de respeitar. Se você vencer este dia, cantarão suas venturas por milhares de gerações. Mas… desprezo você.

Tentarei resistir.

Tach estremeceu num suspiro. *E você assassinou Benaf'saj.*

Fui obrigado. Ela nunca teria consentido em tomar uma atitude contra você e sua preciosa Terra, ainda mais entrar num acordo com o Enxame. Para todos os efeitos, ela morreu no ataque dos brotos; Rabdan assistiu, você ficará satisfeito em saber.

Uma lágrima caiu sobre a manta de seda.

Zabb. Eu irei matá-lo.

Talvez você até possa, de tão fraca que está a Hellcat. *Ou pode ser que eu te mate.* Uma risada enfastiada. *Qualquer resultado é satisfatório do meu ponto de vista.*

Baby gritou.

De repente, Tach estava saltando na opulência organiforme de sua cabine. Sentiu o cheiro de silicone quente; sua mente reverberou com a agonia de sua nave.

Agora, vadia, veio o pensamento de *Hellcat*, sibilando de ódio, *não podes fugir mais.* Uma luz azul esbranquiçada desdobrou-se quando *Hellcat* acionou sua turbina em marcha acelerada terminal triunfante, aproximando-se para a matança.

Baby, Baby! A mente dela estava cheia com o ruído branco de terror e medo. As naves simbiônticas tinham vantagens sobre embarcações não vivas, podiam pensar por si mesmas, curar-se dos danos. Mas tinham vontade própria, e esta podia ser rompida.

Tach segurou uma projeção, agarrou-se, expandiu a mente para abraçar sua nave atormentada. O ar soprava de um arranhão de dois metros no casco, empurrando-a pelo espaço. *Ah,* Baby*, controle-se!*

Ele sentiu o bafo demoníaco de um laser passar ao lado dela. *Papai, Papai, não consigo, não consigo!*

A luz pulsava das paredes em manchas aleatórias de cor. Ele invocou toda a sua força curativa, todo o seu amor e empatia pela nave, derramou todo o ser nas chamas de terror dentro dela. *Eu te amo,* Baby. *Mas você precisa me deixar ajudá-la.*

Não!

Nossas vidas correm risco. O mundo todo corre risco. Aos poucos, o terror cedeu. Os giros selvagens da nave foram amortecidos, e Tach sentiu o campo de telecinesia do compensador dela envolverem-no de novo. Ele suspirou mais uma vez.

Hellcat tinha agora um aspecto sem ampliação, uma escuridão pontuda viva com pequenas luzes, cavalgando uma imensa onda de fogo. Seu triunfo encheu a cabeça de Tach como um laser encravado para a frente, e um dos contrafeitos de Baby evanesceu num brilho. *Grita por misericórdia, covarde! Irás flutuar para sempre na solidão!*

DANE-SE! As luzes internas de *Baby* diminuíram enquanto ela canalizava todo o poder em seu laser. Uma lança escarlate empalou a *Hellcat* bem acima da turbina. Ela berrou — então novamente, mais alto, um tumulto de agonia que continuou até Tach pensar que seu cérebro explodiria.

O 1954C-1100 vomitava sua própria substância no espaço. Por um momento, Estelar quase desejou ter trazido algum tipo de instrumento para medir seu progresso. O tempo estava se esgotando rapidamente e nenhum sinal do retorno daquele tecnocrata alienígena traidor. Seria bom saber se seu sacrifício fora em vão.

Ele reprimiu aquele pensamento com firmeza. Ao menos morreria livre das correntes sutis da tecnologia. E a Terra verdejante sobreviveria por algum tempo ainda, antes que os violentadores da terra e os malucos tecnológicos a queimassem por completo. Mas ele teria feito a sua parte.

Ele começou a compor seu poema final; uma peça pujante, ainda mais porque não havia ninguém para ouvir sobre o grito fotônico silencioso do asteroide, além das outras entidades que formavam a composição chamada Capitão Viajante.

Quando conseguiu pensar novamente:

Baby, você está bem?

Vencemos! Lorde Tis, eu a venci! — Uma imagem da *Hellcat*, sem luzes e rasgada, afastando-se numa trajetória cometária, longe do mundo que seu mestre buscava devastar.

Zabb! Zabb, ainda está vivo? Sem resposta, e ele *se* perguntou por que seu pulso aumentava de forma ansiosa.

E então… *Estou. Maldito seja. Não consegue fazer nada direito?*

E o nosso povo?

Três mortos quando seu tiro estourou o propulsor: Aliura, Zovar S'ang, aquela serva à qual você tanto se afeiçoara. Todos desapareceram num jorro de chamas. Orgulhoso agora, Tisianne?

Ele se sentou petrificado, o *vazio* frio dentro dele. Assassinara seus próprios parentes, primeiro Rabdan, então esses outros. E Talli, sua companheira de jogo, que o avisou das intenções de Zabb quando ele, o Tartaruga e o Viajante tinham sido sequestrados. Tudo por uma boa causa, claro. Ainda assim, Zabb não poderia alegar o mesmo?

Você venceu. Cumpra sua vingança, Tisianne.

Baby*, ajustes os vetores com a* Hellcat. *Precisa ser rápido.*

Mas, Mestre…

O quê?

O Estelar.… está prestes a se reverter em Capitão Viajante.

O que está esperando? Um tom mais alto. *Vai ter compaixão, Tisianne? Não parece com você*. Acabe com isso.

Tach olhava sem expressão para a parede-membrana adiante, onde *Baby* formou uma imagem da sua inimiga abatida. Seu orgulho exigia a consumação. E, o aspecto prático: enquanto Zabb vivesse, Tachyon estaria em perigo mortal, e a Terra também.

Tis, quando minha mãe ajudou aquela cadela mestiça que te pariu escada abaixo, eu assisti. Estava na balaustrada e gargalhei. O jeito que a cabeça dela rolava sobre o pescoço…

Mas Tachyon riu. *Basta. Guarde seu veneno para o Vazio, Zabb.*

Atire, então. Maldito seja, atire.

Não. Arrume sua nave se puder, volte manquejando para Takis, voe até o espaço da Rede e viva como um renegado. Viva sabendo que eu lhe derrotei novamente. Que você traiu sua linhagem… e falhou.

Ele ergueu rapidamente uma parede contra um surto de fúria.

Baby*, encontre o* Capitão*, rápido!* Ela deu uma guinada, suas turbinas uma névoa amarela.

... destruir você, Tisianne, eu prometo… ele sentiu. Então Zabb desapareceu, sendo tragado pela noite infinita.

O brilho de suas mãos tremeluziu. Quando aconteceu, Estelar sentiu uma fraqueza, uma mudança da própria estrutura do seu ser. Ao menos eu morri no abraço do Sol…

Trezentos segundos depois, Baby freou para ajustar a velocidade com uma forma que pendia aparentemente sem vida sobre uma cratera ainda incandescente no flanco do asteroide. Gentilmente, ela expandiu seu campo de atração, agarrou a forma coberta de púrpura com sangue seco em torno da boca e orelhas e o chapéu de seda que seguia como um satélite púrpura, trazendo-os para dentro de si. Quando seu mestre curvou-se chorando sobre o amigo, ela apontou a proa para o mundo que havia se tornado o lar de ambos.

— Mark, Mark, meu velho! — Dr. Tachyon entrou de uma vez pela porta da Cosmic Pumpkin, braços cheios de buquês e garrafas de vinho em sacos de papel.

Mark rolou com sua cadeira de rodas pela loja.

— Doutor! Há quanto tempo não te vejo. Onde é a festa?

Seu rosto assumiu uma vermelhidão onde o vácuo estourou os vasos capilares por baixo da pele, e, até seus tímpanos se curarem, ele ouvia por uma pequena unidade de condução óssea grudada por um processo mastoide sob a orelha esquerda, mas no geral ele não parecia tão mal, apesar do que havia passado.

— Onde é a festa? Onde é a festa? O Doughboy foi liberado de todas as acusações, volta para casa hoje. Você é um herói… quer dizer, seu amigo, o Capitão, é. E você, claro. Vai ter uma celebração no Crystal Palace, e as bebidas são por conta da casa.

— E essas garrafas?

— Estas? — Um sorriso. — Talvez eu tenha uma celebração particular, após as festividades da Crisálida.

Ele estendeu um buquê.

— São para você. Deixe-me ser o primeiro a te congratular, Mark.

Mark as cheirou.

— Hum, obrigado, doutor.

— Podemos ir? Por que você não veste… você sabe… algo mais formal?

Mark virou o rosto.

— Eu, hum, tipo, eu acho que é melhor ficar por aqui. Tenho a loja e Sprout para cuidar, e não estou muito bem para sair por aí.

— Bobagem. Você *precisa* vir. Você merece a adulação, Mark. *Você*. Você é um herói.

O amigo baixou os olhos.

— Brenda ficará mais que feliz em cuidar da loja e de Sprout por você.

— Não tão rápido, bonitão — a mulher atrás do balcão disse. — E meu nome é Susan.

Tach a fitou com um olhar penetrante. Após um momento, ela cedeu.

— Eu, eu acho que posso.

— Mas esta *cadeira* — Mark se lamentou.

— Você precisa de ajuda, senhorita Isis? — uma voz perguntou vinda do fundo da loja, profunda e ressonante como um gongo alienígena. Durg at'Morakh bo-Isis Vayanwand-sa emergiu na delicatéssen, uma camiseta de colecionador dos Steppenwolf esticada quase até estourar sobre o peito gigante. Ele mancava, suas bochechas inchadas e machucadas, mas de modo geral pouco ferido.

— Posso levá-la para onde desejar ir, senhorita.

O rubor de bêbado de Mark aumentou.

— Desejo que você pare de me chamar assim, cara. Meu nome é *Mark*.

Durg concordou com a cabeça.

— Como quiser, senhorita. Se você deseja esconder seu nome da inveja de seus camaradas mais fracos como esconde sua forma, eu devo usar seu *nom de guerre* quando houver terráqueos presentes.

— Meu Deus — Mark disse. De sua parte, Tach ficava incomodado que o Morakh conseguira saber que o nome real da Menina Lua (seja lá o que significava) era Isis Lua, que era mais do que ele sabia. Também ficou mais do que levemente satisfeito.

— Esplêndido — disse ele, trocando seus pacotes de mão. — Você vai lá pra cima se trocar e eu te encontro no Palace.

— Aonde você vai?

— Tenho um encontro primeiro.

Durg levantou Mark, com cadeira e tudo, e o levou para cima.

O rosto de Sara Morgenstern ficou tão vermelho quanto o de Mark, ali na penumbra de fim de tarde do escritório de Tach.

— Então, o senhor conseguiu — ela suspirou.

Ele tinha consciência do odor dela, sentiu sua excitação. Ele mal conseguia conter a dele.

— Foi simples — ele mentiu.

— Me diga. Como o crime foi cometido?

Ele contou para ela, com um mínimo de embelezamento, pois o desejo sexual desfrutava de uma prioridade maior até mesmo do que inflar seu ego. E, quando ele terminou, viu para sua surpresa que a expressão ansiosa dela murchou como um suflê arruinado.

— Alienígenas? Foram alienígenas? — Ela mal conseguia expressar as palavras; sua decepção bateu nos lobos frontais dele como a arrebentação.

— Pois sim, brotos num novo estágio numa aliança com meu primo Zabb. E essa é uma parte importante da história que você escreverá, o perigo imposto por esta nova manifestação do Enxame. Porque isso significa que a Mãe não ficou satisfeita a ponto de ir embora e deixar o mundo em paz.

O buquê que ele havia dado a ela caíra no chão. Uma dúzia de rosas jazia em torno dos pés

de Sara como árvores derrubadas por uma bomba aérea.

— *Andi* — ela soluçou, o rosto retorcido, lavado com lágrimas. Então, ela se foi, os saltos estalando negligentes pelo corredor.

Quando sumiram, Tach ajoelhou-se, carinhosamente tomou um botão vermelho-sangue. *Nunca entenderei esses terráqueos,* ele pensou.

Enfiando o botão na lapela de seu casaco azul-celeste, pisou delicadamente nas outras flores, fechou a porta, trancou-a e saiu assobiando para juntar-se à celebração.

♣ ♦ ♠ ♥

Jube: Seis

Os metrôs eram uma perversão humana com a qual Jube nunca se acostumava. Eram sufocantes e quentes, o cheiro de urina nos túneis às vezes era avassalador e ele odiava como as luzes piscavam enquanto os vagões trepidavam pelos trilhos. A longa jornada na linha A até a 190th Street era pior do que a maioria. No Bairro dos Curingas, Jube sentia-se confortável. Era parte da comunidade, alguém familiar e aceito. Em Midtown, no Harlem e além deles, era um esquisito, algo que as crianças encaravam e os pais cuidadosamente ignoravam. Isso fazia com que ele se sentisse, bem, um *alienígena*.

Mas não havia como evitar. O cara da banca de jornal chamado Morsa nunca conseguiria chegar ao Mosteiro de táxi.

Nesses últimos meses, parecia que sua vida estava em ruínas, mas seus negócios estavam melhores do que nunca. Jube descobrira que os maçons também liam jornais, então trazia uma braçada cheia para cada reunião e os lia na linha A (quando as luzes estavam acesas) para desviar sua mente dos cheiros, barulhos e olhares de nojo no rosto dos passageiros ao seu redor.

A manchete no *Times* anunciava a formação de uma força-tarefa especial federal para lidar com a ameaça do Enxame. As disputas jurisdicionais contínuas entre a NASA, o alto escalão militar, o CRISE-A e o secretário de Defesa — todos reivindicavam o Enxame como sua alçada — finalmente terminaram, era o que se esperava, e a partir de então todas as atividades anti-Enxame seriam coordenadas. A força-tarefa seria liderada por um homem chamado Lankester, um diplomata de carreira dos Estados Unidos, que prometia iniciar as investigações imediatamente. A força-tarefa esperava a requisição do uso exclusivo dos telescópios a rádio de longa distância no Novo México para localizar a Mãe do Enxame, mas essa ideia estava atraindo críticas ferrenhas da comunidade científica.

O *Post* enfatizava o último assassinato do ás de espadas com imagens da vítima com uma flecha atravessada no olho esquerdo. O morto era um curinga com uma ficha corrida tão grande quanto sua cauda com ferrão e possuía igações com uma gangue de rua de Chinatown, alternadamente conhecida como Pássaros da Neve, Garotos da Neve e Garças Imaculadas. O *Daily News* — que trazia o mesmo assassinato, menos a especulação artística — concluiu que o assassino de arco e flecha era um matador de aluguel da máfia, pois sabia-se que os Garças Imaculadas de Chinatown e os Príncipes Demoníacos do Bairro dos Curingas estavam entrando nas operações dos Gambione, e Frederico "O Açougueiro" Macellaio não era alguém que aceitaria calmamente essa interferência. A teoria não conseguia explicar por que o matador usava um arco e flecha, por que deixava um ás de espadas laminado em cada corpo e o motivo pelo qual deixara intocado um quilo de pó de anjo, fenilciclidina, que sua última vítima carregava.

O *National Informer* trazia na primeira página uma fotografia colorida do Dr. Tachyon em pé num laboratório com um acompanhante desajeitado com costeletas suíças num fraque púrpura de Tio Sam. Era uma imagem pouco lisonjeira. A chamada era *Dr. Tachyon e Capitão Ambulante prestam tributo ao Dr. Warner Fred Warren*. "*Sua contribuição à ciência não tem precedentes"*, *diz gênio alienígena paranormal*. O artigo relacionado sugeria que o Dr. Warren salvara o mundo e preconizava que se declarasse o laboratório um monumento nacional, sugestão atribuída ao Dr. Tachyon. As páginas centrais do tabloide dedicavam-se ao testemunho de uma faxineira do Bronx, que dizia que um broto tentara estuprá-la nos túneis do metrô até um funcionário do próprio metrô se transformar num crocodilo de quase quatro metros e comer a criatura. A história deixou Jube inquieto. Olhou para cima e observou os outros passageiros do trem A, esperando que nenhum deles fosse um broto ou um crocodilo.

Estava com a nova edição da revista *Ases* também, com sua matéria de capa sobre Jumpin' Jack Flash, "O Mais Novo e Quente Ás da *Big Apple*". Flash era um completo desconhecido até duas semanas antes, quando apareceu de repente — numa roupa de paraquedista laranja com uma fenda na barriga — para extinguir o fogo num armazém na South Street que ameaçava engolir a clínica do Bairro dos Curingas nas proximidades, atraindo as chamas para si e de alguma forma absorvendo-as. Desde então, estava em todos os lugares — flamejando pelo céu de Manhattan numa coluna barulhenta de fogo, atirando bolas de fogo das pontas dos dedos, dando entrevistas cínicas e crípticas, e levando mulheres belas ao Aces High, onde sua predileção em flambar os próprios filés deixava Hiram à beira de um colapso. A *Ases* era a primeira revista a estampar o sorriso astuto do rapaz e sua capa, mas não seria a última.

Na estação da 59th Street, um homem magro e calvo num terno de três peças tomou o trem e sentou-se na frente de Jube. Ele trabalhava para a Receita Federal e era conhecido na Ordem como Colete. Na 125th Street, juntou-se a eles uma mulher negra corpulenta e de cabelos grisalhos num uniforme rosa de garçonete. Jube a conhecia também. Eram pessoas comuns, os dois. Não tinham poderes de ases, tampouco deformidades de curinga. Os maçons revelaram-se cheios de pessoas assim: trabalhadores da construção civil e contadores, universitários e homens sem emprego fixo, trabalhadores dos esgotos e motoristas de ônibus, donas de casa e prostitutas. Nas reuniões, Jube encontrou um advogado bastante conhecido, um homem da previsão do tempo da TV e um dedetizador profissional que amava conversar sobre o trabalho e lhe dava cartões o tempo todo ("Muita barata no Bairro dos Curingas, aposto"). Alguns eram muito ricos, poucos pobres, a maioria trabalhava duro para viver. Nenhum deles parecia muito feliz.

Os líderes eram de uma lavra extraordinária, mas todo grupo precisa de sua camada baixa, todo exército, de seus soldados rasos.

Jay Ackroyd nunca saberia onde errou. Era um investigador particular profissional, arguto e experiente, e fora meticulosamente cuidadoso assim que percebeu com o que estava lidando. Se fosse apenas um pouco menos talentoso, se Crisálida tivesse enviado um tipo de homem mais comum, eles poderiam ter se safado facilmente. Fora sua habilidade que o derrubara, o poder de ás escondido. Popinjay, que era o nome de guerra que ele odiava: ele era um teleportador saltador que podia apontar o dedo e *mandar* as pessoas para outro lugar. Fez o seu melhor para permanecer discreto, não teleportou um único maçom, mas de qualquer forma

Judas sentira seu poder, e aquilo fora o suficiente. Agora, Ackroyd não tinha mais memória dos maçons do que tinham Crisálida ou Devil John Darlingfoot. Apenas a falta de poderes visível e as características de curinga tinham poupado sua mente e sua vida… isso e a máquina na sua sala de estar.

Estava escuro quando o trem A chegou à 190th Street. Spoons e Colete saíram rapidamente do metrô enquanto Jube arrastava-se atrás deles, jornais embaixo do braço. A tira que os segurava friccionava por baixo de sua camisa, e ele se sentiu desesperadamente sozinho. Não tinha aliados. Crisálida e Popinjay haviam se esquecido de tudo. Croyd acordou como uma coisa inflada verde acinzentada, com a carne como uma medusa, e dormiu prontamente, com extrema dificuldade. Os takisianos iam e vinham, sem fazer nada, importando-se pouco. O deslocador de singularidade, se ainda estivesse intacto e funcional, estava perdido em algum lugar da cidade, e seu transmissor de táquions era inútil sem ele. Não podia ir a qualquer autoridade humana. Os maçons estavam em todos os lugares; infiltrados na polícia, nos bombeiros, na Receita, na autoridade de trânsito, na mídia. Numa reunião, Jube reconheceu até mesmo uma enfermeira que trabalhava na clínica do Bairro dos Curingas.

Essa situação lhe trazia sérios problemas. Passou muitas noites em claro flutuando na banheira fria, perguntando-se se deveria dizer algo para alguém. Mas para quem? Poderia dar o nome da Enfermeira Gresham para o Troll, poderia denunciar Harry Matthias ao capitão, poderia espalhar a história inteira para o Patola no *Grito*. Mas e se o Troll fosse maçom? Ou o Capitão Black, ou o Patola? Os maçons comuns viam seus líderes apenas à distância, e com frequência de máscara, e houve rumores de iniciados de alto nível que nunca vinham às reuniões, ases e pessoas influentes e outras em posições de autoridade. O único no qual ele realmente confiava era ele mesmo.

Então, ele ia às reuniões, ouvia, aprendia. Assistia com fascinação quando colocavam suas máscaras e realizavam seus desfiles e rituais, pesquisava os atributos dos deuses mitológicos que eles imitavam, contava suas piadas e ria com elas, fez amigos com aqueles que faziam amizade com um curinga e observava os outros que não faziam. E começava a suspeitar de algo, algo monstruoso e preocupante.

Ele se perguntou, não pela primeira vez, por que estava fazendo aquilo. E viu-se lembrando de muito tempo atrás, a bordo da grande nave da Rede, a *Opportunity*. O Mestre Comerciante chegou à sua cabine, com os trajes de um glabberiano ancião, seus cabelos crespos ficando pretos com a idade, e Jhubben perguntou por que ele estava sendo honrado com aquela missão.

— Você é como eles — disse o Mestre Comerciante. — Sua forma é diferente, mas entre aqueles deformados e entortados pela biociência takisiana, você se misturará, outra vítima sem rosto. Seus padrões de pensamento, sua cultura, seus valores, moralidades… são mais próximos aos dos humanos do que qualquer outro poderia selecionar. Com o tempo, como você residirá entre eles, ficará ainda mais parecido, e assim conseguirá entendê-los e será de grande valia em nosso benefício.

Era verdade, tudo verdade; Jube era mais humano do que jamais imaginou. Mas o Mestre Comerciante omitiu algo. Não disse a Jhubben que ele chegaria a amar os humanos e se sentir responsável por eles.

Na sombra do Mosteiro, dois jovens em cores das gangues saíram para confrontá-lo. Um

deles tinha um canivete. Àquela altura, eles o conheciam, mas ele ainda precisava mostrar a moeda vermelha brilhante que carregava no bolso. Aquelas eram as regras. Eles concordaram silenciosamente com a cabeça, e Jube entrou no grande salão onde aguardavam com seus tabardos e máscaras, com suas palavras rituais e segredos que ele se apavorava em aprender, onde esperavam para que ele chegasse para conduzir sua iniciação.

♣ ♦ ♠ ♥

Por caminhos perdidos

Pat Cadigan

Estava excessivamente quente para maio, quase uma prévia do verão profundo, e as crianças reunidas em torno do hidrante faziam uma cena atemporal. A única coisa que faltava era um especialista — ninguém sabia como liberar a água do hidrante. Não importava que tal fato resultasse em uma redução precipitada na pressão da água local, prejudicando seriamente o combate a incêndios, motivo pelo qual os incendiários sempre estavam dispostos a ajudar um grupo de crianças suadas num dia quente. Mas nunca havia um incendiário quando se precisava de um.

O homem na lojinha do bairro não estava observando as crianças; assistia à jovem com cabelos castanhos avermelhados na altura dos ombros e grandes olhos verdes que olhava as crianças. Ele a rastreava desde que saíram do ônibus três dias antes, em geral ao abrigo de um dos seus tabloides favoritos, como um que segurava naquele instante. A manchete dizia: MULHER VIRA CURINGA E COME MARIDO NA NOITE DE NÚPCIAS! Harry Matthias sempre teve um gosto pelo sinistro.

A garota do outro lado da rua, no entanto, era tudo, menos sinistra. *Garota* encaixava-se melhor do que *jovem*, mesmo que tivesse quase certeza de que ela estava com mais de 21 anos. Seu rosto em formato de coração não tinha marcas nem linhas; inacabado. Sem sofisticação, muito atraente se olhado pela segunda vez, e ele imaginou que a maioria das pessoas o fazia. Você nunca pensaria que ela era outra coisa senão um pedaço de carne jogando-se nas mandíbulas da cidade grande. No entanto, Harry, mais conhecido como Judas, via diferente. O Astrônomo lhe daria uma recompensa polpuda por aquela ali.

Ou melhor, o pessoal do Astrônomo daria. Por sorte, o Astrônomo mesmo não se incomodava com ele, e Judas era bem sortudo, quase sortudo demais para continuar vivo. Escapou de ser um tiete de curinga, o que ele chamava de curinguete (e ria-se também quando diziam isso), para ser ele mesmo um ás. Um ás muito sutil, com certeza, mas muito útil com sua capacidade de detectar outro ás e seu poder. Seu poder veio à tona naquela noite, naquele cabaré maluco, o Jokers Wild. Salvou sua vida; estavam prestes a detoná-lo quando o esporo se transformou e ele expôs aquela mulher que mudava de forma. Ou que eles a faziam mudar, para ser mais exato. Não gostava de pensar naquilo, mas antes ela do que ele. Antes qualquer um do que ele, mesmo a garota do outro lado da rua, embora isso lhe doesse; ela *era* atraente. Mas ele apenas a entregaria para os maçons, com quem ela não seria desperdiçada. Que talento tinha a moça; provavelmente lhe dariam uma medalha quando a entregasse. Bem, pagariam para ele de qualquer forma o suficiente para atenuar o incômodo de ser chamado de Judas. Se sentisse qualquer incômodo, o que não era o caso.

A garota sorriu e ele sentiu sua reação, um sorriso. Conseguia sentir o poder dela se

acumulando. Distraidamente, deixou algumas moedas no caixa pelo tabloide e saiu na calçada com o jornal debaixo do braço. De novo, flagrou-se maravilhado; mesmo que soubesse ser necessário um poder especial para detectar um ás, ainda ficava surpreso que as pessoas nunca soubessem quando estavam diante de algo maior do que elas mesmas, fosse um ás, TIAMAT ou o Deus Único e Verdadeiro. Olhou de relance para o céu. Deus estava na pausa para o café e TIAMAT ainda não havia chegado; naquele momento, eram apenas ele e a garota, e aquela companhia era suficiente.

Apenas ele sentiu quando ela liberou sua habilidade. O poder brotou dela como uma onda e uma descarga imensa de partículas. A magnitude era assustadora. Era um poder primitivo, algo que parecia antigo apesar da relativa novidade que era o vírus carta selvagem, como se ele tivesse ativado alguma habilidade nativa, mas adormecida por séculos.

Pode ser, ele pensou de repente, *todo povo primitivo tem algum tipo de ritual para chamar a chuva, não é?*

Sem aviso, o hidrante abriu e a água jorrou na rua. As crianças correram, comemorando e rindo, e ela curtia tanto aquilo que nem percebeu sua aproximação.

— Polícia, senhorita. Venha comigo em silêncio. — Toda a surpresa no rosto dela enquanto encarava o distintivo que ele segurava diante do seu nariz a fez parecer ainda mais jovem. — Não acha mesmo que se livraria, não é? E não se faça de inocente… você não é a única ás que temos nesta cidade, sabe?

Com obediência, ela concordou com a cabeça e deixou que ele a levasse.

♣

O Mosteiro era um completo desperdício para ela. Não se importou em olhar para a arquitetura gótica francesa elevada ou mesmo para a porta de madeira esculpida onde ele a deixou como uma mercadoria nas mãos expectantes de Kim Toy O'Toole e Red. Ele resistiu à ânsia de beijá-la. Para um cara chamado Judas, beijar seria passar um pouco dos limites. Olá, garotinha; ela mal notara a ausência de uniformes policiais.

♦

Red era um pouco avermelhado até o vírus carta selvagem o infectar. Então, ficou vermelho por completo e não contava com pelo ou cabelo algum. Achava que era uma condição comparativamente tolerável. Às vezes, ele dizia "Talvez eu tivesse algum índio vermelho em mim". Não tinha. Sua mulher, Kim Toy, era filha de um militar de carreira irlandês e o amor verdadeiro o arrebatou enquanto ele servia na R&R em Hong Kong. Sean O'Toole fora maçom, mas mal reconheceria a organização na qual sua filha entrou após seu próprio esporo ter florescido e ela descobrir que a combinação de poder mental e feromônios poderia enlouquecer os homens muito mais do que o usual para uma mulher razoavelmente atraente. A parte boa: às vezes ela não conseguia impedir que isso fosse fatal.

Eles tomaram a peça fresca que Judas trouxera e a enfiaram num dos antigos escritórios no andar inferior, onde podiam realizar os interrogatórios (*entrevistas,* Roman sempre os corrigia) com privacidade. Então, sentaram-se no lado de fora do salão para uma pausa não

programada. Roman chegaria a qualquer momento e, em seguida, fariam com a garota o que o Astrônomo achasse melhor.

— Bem bizarro — Red murmurou, aceitando um cigarro já aceso de Kim Toy. *Bem bizarro* era um termo que sempre se referia ao Astrônomo. — Às vezes, acho que devíamos dar um pé na bunda do cara e correr.

— Ele será o dono do mundo — Kim Toy disse com tranquilidade. — E vai nos dar um pedaço. Acho que vale a pena mantê-lo por perto.

— Ele *diz* que vai nos dar um pedaço. Como se fosse um senhor feudal. Mas nem todos somos samurais, minha querida.

— Muito menos eu. Sou chinesa, idiota. Lembra? — Kim Toy desviou o olhar do marido. — Roman está chegando. *E* Kafka.

Red e ela estavam sentados e tentavam parecer impassíveis. Roman era um dos lacaios mais próximos do Astrônomo, alguém que poderia frequentar aqueles segmentos da sociedade que poderiam ser considerados acima da maioria dos indivíduos questionáveis que o Astrônomo recrutava. Sua boa aparência loira e os trajes impecáveis lhe davam passe livre quase em qualquer lugar. Corria à boca pequena que ele era um dos raros "curingas reversos", alguém cujo esporo transformou uma deformidade horrenda e nojenta no seu presente estado de beleza masculina. O próprio Roman não comentava.

Atrás dele vinha sua antítese, aquele a quem chamavam de Kafka, ou o Barata (embora não na frente dele), pois parecia bastante com a ideia humana de uma barata. Ninguém gozava dele, no entanto; o dispositivo Shakti que o Astrônomo disse ser a salvação deles foi, em grande parte, um feito do Kafka. Ele entendeu o instrumento alienígena que estava sob a custódia maçônica por séculos e, com as próprias mãos, projetou e construiu a máquina que completava seu poder. Ninguém o incomodava; ninguém queria incomodá-lo.

Roman lançou um aceno mínimo de cabeça a Red e Kim Toy enquanto seguia para a porta do escritório e, então, parou de uma vez, quase fazendo Kafka trombar com ele. Kafka deu um pulo para trás, passando os braços finos em volta do corpo, com pânico pela ideia de qualquer contato com alguém que se lavava menos que 12 ou 13 vezes ao dia.

— O que acha que está fazendo? — O sorriso de Roman era desinteressado.

Kafka deu um passo valente adiante.

— Encontramos seis alienígenas passando por seres humanos nas últimas três semanas. Quero apenas me certificar de que ela é humana.

— *Você* quer ter certeza de que ela é humana. — Roman mediu-o dos pés à cabeça. — Judas a trouxe pra cá. Aqueles que Judas traz são sempre humanos. E o Astrônomo não quer que a gente assuste os bons, por isso *eu* entrevisto quando eles chegam. Desculpe por dizer isso assim, meu velho Kafka, mas não acho que sua aparência seja tão tranquilizadora.

O exoesqueleto de Kafka chiou quando ele se virou e voltou para o salão. Kim Toy e Red observaram sua saída sem se importar em interromper o silêncio com mais que um suspiro.

— Ele estava observando os monitores quando ela entrou — disse Roman, arrumando seu casaco de *tweed* caro e de bom gosto. — Pena. Eu digo, o homem com certeza não se importaria em chegar perto de uma mulher tão bonita, mas do jeito que ele é…

— Como vai sua mulher, Roman? — Red perguntou de repente.

Roman congelou no meio do gesto de tirar um fio imaginário da manga. Houve uma pausa longa. Uma das lâmpadas fluorescentes incongruentes começou a zumbir.

— Bem — Roman falou por fim, baixando devagar o braço. — Vou comentar que você perguntou por ela.

Kim Toy deu uma cotovelada nas costelas do marido quando Roman entrou no escritório.

— Por que *diabos* você tinha que fazer aquilo? Por que isso agora?

Red deu de ombros.

— Roman é um babaca.

— *Kafka* é um babaca! *Todos* são babacas! E você é um idiota. Da próxima vez que quiser atingir o homem, levante e dê um soco no nariz dele. Ellie Roman nunca fez nada para você.

— Primeiro você me diz que quer ser dona do mundo… desculpe, de um pedaço dele… e então você me dá uma bronca por comentar sobre a mulher de Roman para ele. Minha querida, às vezes você é mesmo um quebra-cabeças chinês.

Kim Toy franziu a testa para a luz zumbidora, que agora também piscava.

— O mundo é um quebra-cabeças chinês, meu querido.

Red resmungou.

— Bobagem de samurai.

— Diga seu nome, por favor. Completo.

Indiscutivelmente, era o homem mais bonito que ela já conhecera pessoalmente.

— Jane Lillian Dow — disse ela. Nas cidades grandes, eles tinham de tudo, inclusive homens lindos para interrogatórios. *Eu "coração" Nova York*, ela pensou, e suprimiu a histeria que quis brotar como gargalhada.

— E qual é a idade da senhorita?

— Vinte e um. Nascida em 1º de abril de 19…

— Eu sei subtrair, obrigado. *Onde* a senhorita nasceu?

Ela ficou aterrorizada. O que Sal teria pensado? *Ah, Sal, queria que você pudesse me salvar agora.* Era mais uma oração que um pensamento, feita para o vazio com a esperança diminuta de que talvez o vírus carta selvagem pudesse ter afetado a vida pós-morte, bem como a esta aqui, e o falecido Salvatore Carbone pudesse vir trotando de volta do além como a cavalaria ectoplásmica. Até então, sonhar não custava nada.

Ela respondeu a todas as perguntas do homem. O escritório não tinha uma mobília especial — paredes nuas, poucas cadeiras, e uma mesa com um terminal de computador. O homem puxava os registros dela em menos de um minuto, verificando os fatos contra as respostas dela. Tinha acesso a toda a vida da moça com aquele computador, razão pela qual ela relutou tanto em registrar-se na polícia após o esporo do vírus carta selvagem florescer no colégio, cinco anos antes. A lei foi promulgada na sua cidade natal bem antes de ela ter nascido e nunca foi abolida quando o clima político de alguma forma mudou. Mas, então, nada mudou muito na pequena cidade de Massachusetts, onde ela nasceu. "Vou ser licenciada e numerada como um cachorro também", ela disse a Sal. "Talvez até mesmo levada para um canil e ser envenenada com gás." Sal convenceu-a a obedecer, dizendo que chamaria menos atenção se

obedecesse às leis. Se puderem se responsabilizar por você, deixarão você em paz. “Sim”, ela disse. “Percebi como esse tipo de coisa funcionou bem na Alemanha nazista.” Sal apenas balançou a cabeça e prometeu que tudo daria certo.

E o que me diz agora, Sal? Eles não vão me deixar em paz, não está dando certo. Nova York era o último lugar onde esperava ser capturada pela polícia por ser uma ás, ela disse quando houve uma pausa no interrogatório.

— Mas não somos da polícia — o belo homem disse de forma agradável, fazendo seu coração ficar ainda mais apreensivo.

— N-não são? Mas aquele camarada me mostrou um distintivo…

— Quem? Ah, aquele. — O homem, que disse para chamá-lo de Roman, riu. — Judas é policial. Mas eu não. E isso aqui dificilmente seria uma delegacia. Não é óbvio?

Jane fechou o rosto para o sorriso levemente incrédulo dele.

— Não sou daqui. E vi no noticiário o que aconteceu poucos meses atrás. Entendi depois disso que a polícia apenas armaria emboscadas em qualquer lugar onde precisasse ou tivesse que armar. — Ela baixou os olhos para o colo onde suas mãos se retorciam como duas criaturas separadas num combate silencioso. — Não teria falado nada sobre o Sal se soubesse que vocês não eram da polícia.

— Que diferença isso faz, Srta. Dow? Ou posso chamá-la de Jane, já que não gosta de ser chamada de Nenúfar?

— Faça o que quiser — disse ela, desgostosa. — Vai fazer de qualquer jeito.

Ele a surpreendeu ao levantar e dizer às pessoas no corredor para trazer café e algo para comer.

— Me ocorreu que a mantivemos aqui muito tempo sem um lanche. A polícia não faria isso por você, Jane. Ao menos, não a polícia da cidade de Nova York.

Ela inspirou fundo e soltou o ar lentamente.

— Claro. Então, acho que posso beber meu café e ir embora.

O homem nunca parava de sorrir.

— Aonde você precisa ir?

— Vim pra cá… para cá, Nova York. Digo… estou procurando o Jumpin’ Jack Flash. Eu o vi no noticiário…

— Esqueça. — O sorriso ainda estava lá, mas os olhos eram gelados. — Vocês não podem fazer nada um pelo outro.

— Mas…

— Eu disse *esqueça*.

Ela baixou os olhos para o colo novamente.

— Olha só, Jane — a voz dele se suavizou. — Estou apenas tentando te proteger. Você precisa disso. Imagino o que um cachorro-quente daqueles faria a um petisquinho inocente como você. Considerando que o Astrônomo acredita que você tem uma utilidade.

Ela ergueu novamente a cabeça.

— Uma *utilidade*?

— Uma utilidade para os seus poderes, eu deveria ter dito. Perdoe-me.

O riso de Jane foi breve e amargo.

— Uma utilidade para o meu poder é uma utilidade para mim. Talvez eu *seja* inocente perto do senhor, mas não sou idiota. Sal costumava me alertar sobre isso.

— Sim, mas Sal não era um ás, era? Era apenas um mariquinhas patético, um daquele tipo de curinga lá do passado que sempre tivemos no mundo. Um dos erros da natureza.

— Não fale dele desse jeito! — ela explodiu, a umidade de repente brotou de seu rosto e correu pelos seus braços e pernas. O homem a encarou, admirado.

— Está fazendo isso de propósito? Ou é apenas uma reação ao estresse?

Antes que ela pudesse responder, o homem vermelho e a mulher oriental entraram com uma bandeja cheia de sanduíches pequenos e feitos com esmero. Jane acalmou-se e observou o casal deixando tudo sobre a mesa, até mesmo servindo café.

— Fresquinhos, da cozinha do Mosteiro — Roman disse, apontando a bandeja. — Um ás precisa manter suas forças.

— Não, obrigada.

Ele balançou a cabeça para o casal, eles haviam tomado posições em cada lado da porta. Mais água correu do rosto de Jane e pingava das pontas dos cabelos. As roupas estavam ficando encharcadas.

— É água retirada do ar à minha volta — ela disse a Roman, que começava a ficar alarmado. — Acontece às vezes quando estou sob pressão ou… ou sei lá.

— Lutar ou fugir — disse ele. — A adrenalina produz suor para deixar você mais escorregadia, mais difícil de agarrar. Provavelmente o mesmo princípio em ação.

Ela o encarou com outros olhos. Nem mesmo Sal havia pensado nisso e ele era bem esperto, com todos aqueles experimentos para testar a profundidade e o alcance do seu poder. Apenas por conta de Sal ela sabia que seu poder agia em objetos a não menos de um quilômetro de distância. Ele também percebeu que ela poderia fazer com que átomos se combinassem para criar água, bem como retirar água já existente das coisas, e foi ele quem calculou que levaria 48 horas para se recarregar após exaurir seu poder, e a treinou para estender sua energia de forma que não se esgotasse de uma vez. “Não é bom ficar totalmente indefesa”, ele dizia. “Nunca deixe acontecer.” E desde aquela vez na volta para casa em Massachusetts, ela não deixou e nunca deixaria novamente. Sal cuidou dela naqueles dois dias quando ela ficou meio assustada e meio esperançosa de que o poder havia acabado de uma vez por todas. Porém, Sal estava certo sobre a volta; ela estava preparada para entregar-se totalmente a ele.

Ele a rejeitou. Novamente, ela se ofereceu e ele a evitou. Não poderia ser seu amante, ele disse, e não seria seu pai. Ela teria de se responsabilizar por si mesma, como todo mundo. E, então, como se para se fazer entender, voltou ao seu apartamento e afogou-se na banheira.

Como alguma ideia sádica da piada mais cruel do mundo, Sal Carbone, seu único amigo de verdade, caiu, bateu a cabeça e respirou água ensaboada até morrer. Apenas cinco semanas antes.

“Sal, você é minha alma gêmea”, dizia para ele a todo o momento, e ele permitiu que fosse verdade. Tinham uma amizade rara, uma união de mente, coração e espírito. Perfeitos um para o outro, exceto pelo fato de que ele era gay. A segunda piada mais cruel do mundo.

— Nenúfar.

O nome a lançou de volta ao presente.

— Já disse para não me chamar assim. Apenas Sal me chamava de Nenúfar.

— A opção exclusiva de Sal expirou com ele. — O homem, de repente, suavizou novamente a voz. — Deixe pra lá, minha cara. Me diga apenas quanto você sabe sobre o que vem acontecendo nos últimos meses.

— Tanto quanto qualquer outra pessoa. — Ela esticou o braço, tímida, e pegou a xícara de café mais próxima a ela. — Assisti ao noticiário. Acho que mencionaram isso.

— Bem, não acabou. No próximo mês, esta cidade… este país, o mundo inteiro… verá algo que faria aquilo que aconteceu meses atrás parecer um piquenique de escola bíblica. Apenas as pessoas que recrutarmos terão a chance de terminar do lado certo do túmulo.

Mais água brotou do rosto dela.

— Se vocês não são a polícia, quem são vocês?

O homem sorriu, como numa aprovação, quando ela bebericou o café.

— O que sabe sobre os maçons, Jane?

— Maçons? *Maçons?* — Apesar de tudo, ela deu uma gargalhada. — Meu *pai* é maçom! — Ela forçou até seu riso se acalmar antes que ficasse histérico. — O que os *maçons* têm a ver com tudo isso?

— Rito escocês.

— Perdão? — O riso de Jane cedeu e desapareceu. A frieza invariável havia voltado ao sorriso do homem.

— A afiliação do seu pai provavelmente era do rito escocês. Somos egípcios. Os egípcios são muito diferentes.

Suas risadinhas ameaçaram voltar.

— Engraçado, você não parece egípcio.

— Não seja abusada, não combina com você.

Ela olhou para o homem e a mulher ao lado da porta.

— Vocês que sabem de tudo. Eu acabei de chegar. — Mais umidade saltava do seu rosto e escorria pescoço abaixo. — E não posso ir embora, posso?

— Precisamos de você, Jane. — Ele parecia quase gentil agora. Puxou um guardanapo da mesa e enxugou o rosto dela. — Precisamos muito mesmo de você. Seu poder pode fazer toda a diferença.

— Meu poder — ela repetiu, pensativa, lembrando-se do garoto na cafeteria cinco anos antes, lágrimas rolando dos olhos enquanto ele gritava. Não havia chorado nem um pouco com a notícia do suicídio de Debbie (hemorragia advinda de lacerações autoinfligidas – jargão médico para *ela cortou os pulsos e sangrou até a morte* – e, ah, sim, a vítima estava na 13a semana de gravidez). Ela sempre se perguntou o que Debbie teria pensado sobre o que faria com seu namorado infiel. Debbie era sua melhor amiga antes de Sal, mas nunca rezou para Debbie como fez para Sal, como se Debbie pertencesse a algum outro universo. Talvez fosse assim. E talvez ainda houvesse outro universo onde Debbie não tirasse sua vida quando o pai do bebê a rejeitasse, e assim Jane não teria precisado arrancar lágrimas dos olhos do garoto, nem o vírus carta selvagem teria se manifestado. E, então, talvez houvesse mesmo outro universo no qual Sal não se afogasse na banheira, deixando-a sozinha e precisando de alguém, qualquer um, para confiar. Talvez…

Ela olhou para o homem sentado à sua frente. Talvez se porcos tivessem asas, eles poderiam voar alto como as águias.

— Precisamos de você — disse ele. Fosse lá quem fosse *nós*. Maçons egípcios, sei lá. Como seria bom ela se entregar aos cuidados de alguém e saber que seria observada e protegida.

Consegue entender isso, Sal?, ela pensou para o grande vazio. *Pode entender o que é estar totalmente sozinha com um poder grande demais para você? Eles precisam de mim, Sal, é o que dizem. Não gosto deles — e* você *os odiaria, mas eles cuidam de mim e eu preciso de alguém para fazer isso bem agora. Estou sozinha, Sal, não importa onde eu esteja, e cheguei aqui por caminhos perdidos e não há outro lugar para ir. Entende, Sal?*

Não houve resposta do grande vazio. Ela se flagrou concordando com o homem bonito.

— Tudo bem. Eu fico. Digo, sei que não vão me deixar ir embora, mas vou ficar por livre e espontânea vontade.

O sorriso dado como resposta por ele quase aliviou o coração dela.

— Entendemos a diferença. Red e Kim Toy levarão você ao seu quarto. — Ele se levantou e esticou o braço para lhe dar a mão. — Bem-vinda, Jane. Você é um dos nossos agora.

Ela se encolheu, erguendo as duas mãos como se estivesse na linha de tiro.

— Não sou, não — disse com firmeza. — Fico aqui por vontade própria, mas é tudo. Não sou uma de vocês.

Aquela frieza assustadora voltou aos olhos dele. Ele deixou a mão cair.

— Tudo bem. Você fica, mas não é uma das nossas. Entendemos essa diferença também.

O quarto que deram a ela ficava no canto de alguma área maior de pedras lúgubres e frias convertidas num aglomerado de quartos menores com paredes de gesso pré-fabricadas. Cuidadosamente, haviam buscado seus poucos pertences do conjugado mínimo que alugara, e também com cuidado lhe trouxeram uma televisão e uma cama. Ela assistiu ao noticiário, buscando mais vídeos do Jumpin' Jack Flash. Ou se ocupava produzindo gotículas de água com as pontas dos dedos e vendo-as se distenderem e caírem.

— Ela é bonita? — perguntou o Astrônomo, sentando-se em sua cadeira de rodas ao lado do túmulo de Jean d'Alluye. Ainda havia um pouco de sangue na imagem de pedra; ultimamente, o Astrônomo sentia a necessidade de recarregar seu poder.

— Bem bonita. — Roman deu um golinho da taça de vinho e a descartou sobre a mesa do pregador ao lado. O Astrônomo sempre lhe oferecia coisas – álcool, drogas, mulheres. Ele experimentava por cortesia e deixava o que fosse de lado. Ninguém sabia exatamente até onde o Astrônomo deixaria aquilo continuar. Cedo ou tarde, ele teria de fazer algum pedido bizarro que envolvesse a humilhação de Roman. Ninguém saía da associação com o Astrônomo ileso. A atenção de Roman pairou sobre uma área sombria embaixo de um arco de tijolos onde a ruína maldita e magrela chamada Ceifador se arrastava taciturno, seu olhar insondável fixo em algo que ninguém podia ver. Em outra parte da sala, próximo dos postes com lamparinas,

Kafka chiava impaciente. Não conseguia parar de chiar com aquele maldito exoesqueleto. Parecia uma multidão de baratas passando de élitro para élitro. Roman não se importava em tentar esconder sua repulsa pela aparência de Kafka. E o Ceifador – bem, ele era mais que nojento. Às vezes, Roman pensava que mesmo o Astrônomo ficava cheio de dedos com o Ceifador. Porém, tanto o Ceifador como Kafka passaram pelas humilhações reservadas do vírus carta selvagem, enquanto ele conseguia apenas esperar e conferir o que o Astrônomo tinha em mente para ele. Esperava que houvesse tempo o suficiente para saber para que lado saltar. E, então, havia Ellie… O pensamento em sua mulher era um soco no estômago. Não, por favor, não mais por Ellie. Ele olhou para a taça de vinho e recusou-se pela milionésima vez a sucumbir ao desejo por anestesia. *Se eu cair… não, quando eu cair, caio em plena posse das minhas faculdades…*

De repente, o Astrônomo riu.

— Melodramas combinam com você, Roman. É sua boa aparência. Posso ver você em outra vida, resgatando viúvas e órfãos em nevascas. — O riso esmaeceu, deixando um sorriso malicioso. — Cuide-se ao lado da garota. Pode acabar um pouco cedo demais como o pó que todos somos.

— Eu poderia. — O olhar de Roman foi até a galeria superior. As esculturas de madeira italiana estavam desgastadas; ele não conseguia lembrar a aparência delas. — Mas não irei.

— E o que te dá tanta certeza?

— Ela é tranquila. Boa moça. Uma inocente de 21 anos, não tem o assassinato na alma. — Tardiamente, olhou para o Ceifador, que o encarava de um jeito que ninguém gostaria de ser encarado pelo Ceifador.

Roman agarrou um pedestal partido. Seria horrível, mas não duraria muito, não mesmo. A eternidade de poucos segundos. Ao menos, o colocaria além do alcance do Astrônomo por todo o tempo. Mas também significaria que ele não poderia ajudar Ellie. *Desculpe, querida*, ele pensou, e esperou pela escuridão.

Um quarto de segundo depois, o Astrônomo ergueu um dedo. Ceifador mergulhou de volta em si mesmo e voltou a olhar para o nada. Roman forçou-se a não suspirar.

— Vinte e um — refletiu o Astrônomo, como se alguém do seu pessoal não tivesse escapado por pouco de ser morto por uma de suas máquinas assassinas. — Que bela idade. Cheia de vida e força. Não é a idade mais criteriosa. Uma idade impulsiva. Tem certeza de que não tem nem um pouco de medo dos impulsos dela, Roman?

Roman não conseguiu evitar um olhar furtivo para o Ceifador, que não estava mais prestando atenção.

— Não ligo de arriscar minha vida por alguém cujo coração está no lugar certo.

— Sua vida. — O Astrônomo deu uma risadinha. — Que tal algo que tenha valor?

Roman permitiu-se um sorriso em resposta.

— Desculpe, senhor, mas se minha vida não tem valor algum para o senhor, teria deixado o Ceifador acabar comigo há muito tempo.

O Astrônomo estourou numa gargalhada surpreendentemente animada.

— Cérebro *e* boa aparência. São eles que fazem você útil demais para todos nós. Deve ter sido o que atraiu sua mulher também, não acha?

Roman manteve seu sorriso.

— É muito provável.

Os sonhos dela estavam cheios de figuras estranhas, coisas que ela nunca tinha visto antes. Atrapalhavam seu sono, passando pela cabeça com uma urgência que parecia direcionada, e a lembrava dos pedidos ardentes de Roman para que ela se juntasse a eles. Fossem lá quem fossem. Maçons egípcios. Seus sonhos lhe diziam tudo sobre eles. E o Astrônomo.

O Astrônomo. Um homúnculo, menor do que ela, esquálido, cabeça grande demais. O que Sal teria chamado de olhos malditos enquanto fazia aquele sinal com a mão, o indicador e o dedo mínimo erguidos como chifres, o do meio curvado sobre a palma, algum tipo de coisa italiana. O rosto de Sal flutuava brevemente pelos sonhos e era varrido de repente.

Ela via a entrada de algum tipo de igreja… não, um templo, definitivamente não uma igreja. Viu, mas ela não estava lá, não poderia ter estado lá; era um tempo antes de ela ter nascido. Sua presença desencarnada percorria uma rua noturna e então flutuava pelos degraus do templo, passando por um homem na porta que parecia estar congelado. Teve um lampejo de uma sala grande brilhando com velas, duas colunas, e um homem numa plataforma, vestindo uma coisa gritante, vermelha e branca sobre a fronte, pouco antes de os gritos começarem.

Não apenas gritos, mas *gritos,* GRITOS, arrancados da garganta de uma alma que se perdia. O som a aguilhoava. Era o momento, do ponto de vista dela, de dar uma volta como uma câmera para que pudesse ver que era o homenzinho gritando, o Astrônomo, cambaleando para dentro do salão. Então, houve uma rápida confusão de imagens, um rosto de chacal, uma cabeça de falcão, outro homem, seu rosto largo e pálido; luz reluzindo dos óculos do homenzinho e, então, uma coisa, uma criatura-coisa-lodo-massa-maldita-coisa-coisa-coisa…

Ela se flagrou sentando na cama, seus braços erguidos na frente do rosto.

— TIAMAT. — Espontânea, a palavra brotou dela, e indesejada pairou lá na escuridão. Ela esfregou o rosto com as mãos e deitou-se novamente.

O sonho voltou de imediato, arrastando-a com força horrível. O homenzinho com cabeça enorme sorria para ela — não, não para ela, ela não estava lá e ficou feliz; não queria ninguém sorrindo para ela daquele jeito. Seu ponto de vista retrocedeu e ela viu que ele agora estava em pé, na plataforma, e em torno dele viu diversas figuras —Roman, o homem vermelho, a oriental, uma ruína de homem com o sentimento de morte em torno dele, uma mulher com o arrependimento tão talhado nas suas feições que doía olhar para ela (de alguma forma, ela sabia que a mulher era uma enfermeira), um jovem albino com um rosto prematuramente velho, uma criatura — macho, ela pensou — que poderia ser uma barata antropomórfica. Pela graça de Deus não foi comigo, ela pensou.

Deus ainda está na pausa para o café, garotinha. Ela estava olhando para o rosto do homem que a levara ali, aquele que chamavam de Judas. Era o único que podia vê-la. *É apenas a sorte da carta que tiramos, querida, e você foi sortuda. E eu também. Blackjack!*

Tudo ficou escuro. Uma sensação de movimento incrivelmente rápido. Algo a impelia na direção de um pontinho de luz adiante na escuridão.

E, então, de repente, ela estava lá; a luz cresceu de um ponto para uma massa ardente e ela

se chocou com toda a força na velocidade do pensamento. A luz estilhaçou-se e ela tropeçou de leve no chão musgoso de uma floresta. Rolou uma vez e pousou gentilmente na base de uma grande árvore.

Bem, ela pensou, *melhor assim. Devo ter perdido o Coelho Branco, mas o Chapeleiro Maluco deve estar em algum lugar por aqui.* Ela mudou de posição e teve de se agarrar a uma grande raiz para evitar a flutuação.

Olhe, sussurrou uma voz bem perto dela. Ela virou a cabeça, os cabelos flutuando em torno dela como se estivesse sob a água, mas ela não viu ninguém. *Olhe. Olhe! Olhe e você os verá!*

Uma baforada de névoa soprou entre dois lariços diante dela e se desintegrou, deixando para trás um homem vestido no alto do refinamento do século XVIII. Seu rosto era aristocrático, os olhos tão penetrantes que ela tomou fôlego enquanto seu olhar pousava nela. Mas ela não tinha o que temer. Ele se virou, o ar atrás dele reluziu e uma máquina estranha surgiu. Ela piscou diversas vezes, tentando vê-la claramente, mas os ângulos recusavam-se a se firmar. Por mais que tentasse, ela não conseguia dizer se era grande e pontuda ou pequena e moldada, esculpida em mármore ou cravejada com madeira e pregos. Algo brilhou e soltou-se da máquina. Ela ficou maravilhada; uma parte dela simplesmente se ergueu e afastou-se.

Não. O que ela pensou foi que parte da máquina era um ser vivo. Ela queria desviar o olhar por um momento, mas não conseguia. Ele não a deixaria. Alienígena. Reminiscente de outros alienígenas que ela tinha visto no noticiário no ataque. *Jumpin' Jack Flash*. O pensamento foi impecavelmente descartado.

O alienígena virou-se para o homem e esticou um braço, ou um apêndice. Agora, ele começou a parecer mais uma matéria viva do que parte de uma máquina. O alienígena transformou-se suavemente em algo quase bípede, embora parecesse manter a forma apenas por uma vontade intensa — a hipótese ergódica (de onde veio *aquilo*?). O apêndice tocou a máquina e se integrou a ela. Um momento depois algo se projetou da lateral próxima ao homem. Ele o segurou e removeu-o com todo o cuidado. O alienígena afundou um pouco, diminuído. Ela percebeu que ele despendeu uma quantidade grande de sua força vital para dar ao homem… o quê?

O homem levou a coisa até os lábios, à testa, e então ergueu-a sobre a cabeça. Por um momento, aquilo assumiu a forma de um osso humano, um taco, uma arma, então algo mais.

Shakti, sussurrou a voz. *Lembre-se disso. O dispositivo Shakti*.

Nunca esquecerei, ela pensou. A sensação flutuante estava começando a sair dela e o medo cresceu.

Agora, olhe. Olhe para cima.

Sem querer, ela ergueu a cabeça e olhou para o céu. Sua visão subiu, correndo através da luz do sol, através do azul, das nuvens, até deixar totalmente a Terra, e ela estava olhando para as estrelas nuas. As estrelas dispersaram-se diante dela até que enxergasse a escuridão do espaço e, tranquilamente, sua visão estava viajando.

Havia algo à sua frente, invisível na escuridão. Algo… estava tão distante que ela não conseguia começar a conceber a distância. Estava a caminho da Terra. Estava nesta distância em 1777, quando aquele homem (*Cagliostro*, disse sua mente e ela não se perguntou como ela o conhecia) aceitou a coisa… Shakti… do alienígena, e então… e então… *seguiu para*

realizar muitas façanhas vistas como milagrosas, inclusive leitura da mente, levitação, transubstanciação, surpreendendo a todos nas cortes da Europa, enquanto recrutava apaixonadamente maçons egípcios...

Ela lutou para absorver as informações despejadas nela pelo sonho. Não que importasse, porque quando acordasse não se lembraria de nada daquilo. É como são os sonhos. Não é?

... porque queria uma organização que mantivesse o dispositivo Shakti seguro e passasse de geração para geração, apenas a pessoas das mais confiáveis, até seus mistérios poderem ser desencadeados e concluídos, quando seria necessário para a chegada na Terra de...

Algo se contorceu diante dela na escuridão. Ou, talvez, a própria escuridão tivesse se retorcendo em agonia por precisar conter aquela coisa, este…

... para a chegada na Terra de...

Surgiu diante dela sem aviso ou misericórdia, muito pior do que foi quando ela a tocou na mente do Astrônomo. Era a reunião, a cristalização das formas mais finas, baixas, mais desenvolvidas, polidas e refinadas do mal no universo, mal que faria as maiores atrocidades humanas parecerem pequenas, mal que ela não conseguia entender, a não ser com suas entranhas, mal que corria na direção deste mundo havia milhares de anos, engolindo tudo em seu caminho, mal que chegaria em qualquer dia agora, qualquer dia.

TIAMAT.

Ela acordou aos gritos. Tinha mãos sobre ela, e ela lutava contra as mãos, contorcendo-se, golpeando. A água brotava dela, deixando o ar denso, encharcando a cama e o tapete.

— Sh, sh, tudo bem — disse uma voz. Não a voz do seu sonho, mas uma voz feminina. A oriental, Kim Toy, estava lá, tentando acalmá-la como se ela fosse uma criança delirante. Uma luz acendeu; Kim Toy a envolveu num abraço tranquilizador. Ela se deixou abraçar e quis que a água escorrendo sobre as duas parasse.

— Estou bem — disse quando conseguiu falar. O cabelo molhado pingava sobre os olhos, mesclando-se com as lágrimas. A cama inteira estava ensopada, mas ela viu com um pouco de alívio que havia poupado o restante do quarto.

— Você estava gritando — disse Kim Toy. — Pensei que alguém estivesse te matando.

TIAMAT.

— Tive um pesadelo.

Kim Toy acariciou gentilmente o cabelo da outra.

— Um pesadelo?

— Sonhei que alguém jogava um balde de minhocas no meu rosto.

O Astrônomo rugiu uma gargalhada.

— Ah, ela é excelente, realmente excelente!

O albino que estava sentado no chão próximo à cadeira de rodas olhou para cima, implorando.

— Foi um sonho bom, então?

— Ah, sim, o sonho foi excelente também. — O Astrônomo deu tapinhas sobre o cabelo branco. — Você fez certinho, Espectro.

O homem sorriu, a pele prematuramente envelhecida em torno dos olhos róseos enrugados com alegria patética.

— Roman.

No outro lado da sala sombria, Roman tirou os olhos da tela do terminal de computador.

— Vamos dar a ela apenas um pouco mais de tempo para que o horror amadureça antes de você apresentá-la ao resto de nossa pequena confederação. E mantenha Kim Toy protegendo-a.

Roman concordou com a cabeça, olhando furtivamente para o computador.

— Amanhã à noite de novo, Espectro — o Astrônomo disse para o albino. — Fará mais uma vez. Quero que ela acorde gritando nas próximas duas noites.

Os olhos róseos baixaram-se, envergonhados.

— Agora, agora. Você sabe que está bem melhor do que antes, quando vendia sonhos pervertidos a dez pratas. Perdoe-me a expressão. — O Astrônomo deu uma risadinha. — Você é um dos meus ases mais úteis. Agora, vá descansar um pouco.

Assim que o albino desapareceu numa galeria escurecida, o Astrônomo afundou na cadeira de rodas.

— Ceifador.

O Ceifador chegou ao lado dele de imediato.

— Sim, Ceifador. Nós dois precisamos disso agora, não? Chame o carro.

Roman permaneceu no terminal de computador enquanto Ceifador empurrava a cadeira do Astrônomo para fora. Sair para encontrar andando pela rua algum pobre-diabo, que não sabia que esse seria seu último encontro. Recusava-se a pensar naquilo. Não sentiria pena por nenhuma delas, *não* sentiria. Todos eles — Espectro, Kim Toy, Red, Judas, John F. X. Black, Coleman Hubbard (ah, não foi uma parte da obra, o grande ás do Astrônomo no buraco, um-zero-zero-um), mesmo aquele pedacinho de inocência chamado Jane Nenúfar — todos eram os mesmos, cada um deles. Peças no xadrez do Astrônomo. Ele mesmo também, mas apenas em nome de Ellie, para protegê-la.

ELLIE, ele digitou, as letras brilhando no monitor. EU TE AMO.

As palavras EU TE AMO TAMBÉM brilharam por um instante na tela antes que fossem substituídas por ENTRADA INVÁLIDA, PROGRAMA NULO.

Em algum outro lugar na cidade, Fortunato acordou, tremendo, o rosto coberto pelo suor frio.

— Calma. Calma, querido. — A voz de Michelle era suave, suas mãos macias e mornas. — Michelle está aqui. Estou aqui, meu amor, estou aqui.

Fortunado deixou que ela o embalasse nos braços e apertou o rosto em seus seios perfeitos.

— São aqueles sonhos de novo, não? Não se preocupe, estou aqui.

Ele esfregou o nariz no dela, acariciando a carne morna e desejando que ela dormisse. Então, escorregou para fora de seu abraço e trancou-se no banheiro elegante.

Uma vez que você entrou, entrou. O que aprendeu não pode ser desaprendido. Conhecimento era poder e o poder poderia aprisionar.

Ele teria que ligar para Tachyon; melhor, ir até o Village e acordá-lo.

Eileen.

Fortunato apertou os olhos até o pensamento sobre ela ter passado. Deveria ter feito Tachyon lhe dar algo para aquilo, algum tipo de droga do esquecimento para que não ficasse o tempo todo tropeçando nela dentro da mente, mas de alguma forma não conseguia fazer isso. Porque, então, ela realmente estaria acabada.

Ele jogou água no rosto e parou no ato de enxugá-lo com uma toalha, olhando para si mesmo no espelho. Por meio segundo, viu outro rosto coberto com água; jovem, mulher, olhos grandes e verdes, cabelos escuros avermelhados, muito bonita, uma estranha para ele, pedindo ajuda. Sem chamar por ele especificamente, mas clamando sem esperança por uma resposta. Rezando. Então, o rosto desapareceu e ele estava sozinho com seu reflexo.

Ele apertou a toalha contra o rosto. Um conjunto macio e luxuoso que Michelle havia trazido. Quando ela o levou para casa, esfregaram-se com elas e fizeram amor.

Kundalini. Sinta o poder.

(Lenore. Erika. Eileen. Todas perdidas para ele.)

Ele saiu para encontrar Michelle.

♣

Jane aceitou a xícara fumegante de chá verde de Kim Toy e bebericou delicadamente.

— Já é a segunda noite seguida sem pesadelos — disse ela com um leve sorriso. — Eu espero.

O sorriso em resposta de Kim Toy foi menos que entusiasmado. A garota deveria ter virado um amontoado trêmulo de gelatina após os sonhos que o Astrônomo enviou para ela, e aquele mal foi um gostinho de TIAMAT. O contato real a teria deixado louca para sempre. Mas aqui está ela, a frágil e pequena inocente, bebendo chá e recuperando a cor. Foi feita de uma matéria mais dura do que qualquer um deles poderia acreditar. *Sempre foi dos inocentes que você precisou cuidar*, Kim Toy pensou, irônica. Sua força era como a força de dez, pois seus corações eram puros e sua sinceridade os tornava letais. Ela pensou se velhos pervertidos malucos como o Astrônomo tinham qualquer suspeita ou se ele estava tão longe de qualquer coisa que sequer lembrasse remotamente a inocência que ele mal conseguia conceber algo assim. Quando ela pensou sobre o jeito pelo qual o Astrônomo recarregava seus poderes, sim, ela poderia imaginar que era totalmente possível. O que um velho maldito e doente como esse saberia sobre inocência?

E ele estava prestes a dominar o mundo. Com certeza.

Mas ela *acreditava* naquilo. Era inabalável naquilo. Tinha sido inabalável. Não, ainda era. Não era? E quem estava chamando de velho maldito e doente? Então, o que era quando você confundia o cérebro de um homem para fazer com que ele se apaixonasse por você e, em seguida, quando ele servia ao seu propósito, você passava de confundir a liquefazer, e as mesmas pessoas que se livraram dos corpos para o Astrônomo se livrariam daquele também. Ela olhou para Jane. Não era de surpreender que preferisse a companhia das mulheres se não podia estar com Red.

Jane esticou o braço e apertou o botão Ligar do controle remoto. A tela da TV veio à vida, piscando.

— Eu assisti ao *Pouso da Peregrina* na noite passada e não tive sonhos — disse ela, um

pouco tímida. — Virou uma superstição. Sinto como se tivesse que assistir para manter os pesadelos longe de mim. Mesmo se for reprise.

Kim Toy concordou com a cabeça.

— Você e cerca de um bilhão de outras pessoas.

— Sal adorava *talk shows*. Especialmente o *Pouso da Peregrina*. Dizia que assistia porque morria de ansiedade para saber como eles enfeitariam aquelas asas toda noite. — Ela fez uma pausa quando um comercial deu lugar às feições estonteantes da Peregrina. — Sal dizia que eles nunca o decepcionavam.

— Quem?

— O departamento de figurinos.

— Ah. — Kim Toy ficou em silêncio e assistiu ao programa com a garota, cumprindo o dever. Meia hora depois, a imagem de um homem bonito e ruivo com olhos cor de mel e um rosto magro e esculpido apareceu na tela, fazendo com que Jane pulasse da cadeira.

— É ele! — Ela ajoelhou perto da TV. — Jumpin' Jack Flash. Acompanhei todas as histórias de noticiários sobre ele. É um dos meus heróis.

Kim Toy aumentou o som. O rosto do homem desapareceu e foi substituído pelo set do *talk show*, onde Peregrina entrevistava uma mulher com roupas muito caras segurando uma câmera que parecida ainda mais cara.

— Acho que você capturou exatamente o espírito do Jumpin' Jack Flash — Peregrina estava dizendo. — Não poderia ter sido mais fácil.

— Bem, foi tudo mais difícil, porque foi uma foto ingênua — disse a outra mulher. — Acredite ou não, só tive sorte, estando no lugar certo na hora certa. J.J. não sabia que eu estava tirando a foto, embora mais tarde ele tenha me dado permissão para usá-la.

— J.J.? — perguntou Peregrina.

A fotógrafa baixou os olhos, modesta.

— Assim que as pessoas íntimas o chamam.

— Posso apostar — murmurou Kim Toy.

— Oi? — Jane perguntou.

— As "pessoas íntimas". Dá um tempo. Ele deve dizer a todas as mulheres com quem dorme para chamá-lo de J.J., assim ele pode rastrear. É mais fácil que lembrar os nomes, e muito menos problemático do que cortar um pedaço da orelha ou arrebanhar todas e marcá-las.

Jane olhou um pouco magoada. Um dos seus heróis, certo. Kim Toy balançou a cabeça. Na idade dela, a garota já havia passado do tempo de aprender que certos heróis não tinham… bem, paus de barro, mas certamente uns bem hiperativos.

Como seus heróis, senhora? Como o Astrônomo, talvez?

Kim Toy espantou aquele pensamento e se forçou para se concentrar na entrevista. A fotógrafa aparentemente especializada em fotografar ases. Mais fotos piscaram na tela; para alegria de Jane, Jumpin' Jack Flash reapareceu várias vezes entre as imagens de Modular, Dr. Tachyon, a carapaça do Grande e Poderoso Tartaruga, Estelar e da própria Peregrina.

— Que pena que ela não possa tirar sua foto — disse Kim Toy quando o quadro acabou e o programa foi novamente para o comercial.

Jane deu de ombros.

— Sou curinga.

— Você está começando a me dar nos nervos.

— Mas o curinga está comigo. Uma a cada duas pessoas que significavam muito para mim se afogou; a outra sangrou até a morte. — Ela virou as costas para a TV. — Sim, o curinga está definitivamente comigo e não tem graça nenhuma.

Kim Toy estava prestes a responder quando algo brilhou no ar à direita do aparelho de TV. As duas mulheres ficaram muito quietas enquanto a imagem do Astrônomo se cristalizava nas sombras.

— Kim Toy. Jane. Quero ver vocês.

Não havia necessidade de responder. Kim Toy permaneceu numa espécie de atenção, esperando não mostrar sua chateação. Um teatrinho barato para o bem de Jane. O Astrônomo deve ter pensado que ela era um inferno de bilhete premiado, já que foi tão longe a fim de impressioná-la. Poderia ter conservado a energia e enviado Red para buscá-las.

Dr. Tachyon ainda estava no seu melhor estilo, mesmo já passando da meia-noite.

— Sei que ele tinha alguns ases lá. Mas a máquina que você descreve dos sonhos… bem, ela não existe e é muito velha para os seus padrões. — Seus olhos apertaram-se enquanto estudava a testa inchada de Fortunato. — Muito mais estranho para você ter uma experiência fora do corpo espontânea, não é?

Fortunato virou as costas para Tachyon (*maricas maldito, tudo de que precisamos, maricas do espaço*) e olhou para a janela na direção do Mosteiro.

— Vim aqui só pra te contar. Há um poder imenso se acumulando lá. Ele me chamou. Poder atrai poder.

— De fato — murmurou Tachyon. Maricas do espaço. Fortunato nunca o amaria, mas nunca tinha visto o terráqueo alto e exótico nesse estado abertamente emocional antes.

— Estão chamando aquela coisa lá. TIAMAT. Toda a organização já existe há séculos apenas para trazer aquele horror até nós.

O suspiro de Tachyon foi pesado. De repente, sentiu-se muito cansado. Quarenta anos de um horror atrás do outro, tinha direito de se sentir fatigado. Sabia que Fortunato, ali, em pé, em sua sala de estar elegante com sua testa protuberante e o poder praticamente estalando no ar, não teria concordado com ele.

Poder atrai poder? Ah, o que ele poderia ter dito sobre isso, Tachyon pensou. E se pudesse voltar o suficiente para ver o grandioso desenho do universo, o que poderia ter aprendido sobre seu próprio povo e o Dia da Carta Selvagem e a aproximação de TIAMAT ou do Enxame ou fosse lá o que tiver sido. Talvez houvesse um grande desenho verdadeiro para o universo; ou talvez fossem apenas os poderes do carta selvagem chamando o Enxame. Claro, isso significaria que o vírus atraiu o Enxame antes de ele sequer existir, mas Tachyon estava acostumado a lidar com os absurdos do espaço e do tempo.

Não que isso importasse de qualquer jeito. Ele olhou para Fortunato, que estava energizado com *kundalini* e impaciência. O tempo de agonizar já havia passado havia muito, muito; agora era tempo de fazer, de fazer o máximo que podia, e nem um pouco menos. Talvez, para expiar

por um tempo em que poderia ter feito mais, mas falhou.

Quando ele falhou com Blythe.

Após tantos anos, a sensação da perda não arrefeceu. Não estaria escondida no fundo de uma garrafa, não poderia ser obscurecida por uma fileira interminável das amantes mais belas. Apenas o trabalho que fazia na clínica parecia dar a ele algum tipo de conforto, inadequado, mas melhor do que nada.

Seu olhar encontrou o de Fortunato, e ele reconheceu o olhar nos olhos do outro.

— Poder atrai poder e aflição atrai aflição. — Ele deu a Fortunato seu sorriso mais sincero. — Todos perdemos algo de precioso para nós nesta batalha contra o horror. Mas ainda precisamos seguir em frente, seguir em frente e virar as costas para a escuridão, se pudermos.

Fortunato não retribuiu o sorriso. Tudo parecia levar para um de seus malditos discursos de maricas de merda.

— Sim, claro — disse ele, ríspido, virando-se. — Vamos lá pra cima dar uma surra nos caras, você e eu e qual exército?

Tachyon pegou o telefone.

— Temos que convocá-lo.

♠

O policial jogou mesmo uma rede sobre ele. Foi tão assustador que ele se reverteu para a forma humana, ralando cotovelos e joelhos e arranhando a carne enquanto rolava várias vezes na calçada. O policial estava rindo enquanto ele puxava a arma e enfiava através da rede.

— Nem pense em se transformar — disse o policial —, ou terei que tirá-lo de sua desgraça. Meu Deus, espere até eles verem o que você faz lá no Mosteiro. Mal posso acreditar.

Ele estremeceu na rede, incapaz de tirar os olhos do cano da pistola. O policial realmente atiraria nele, disso ele não duvidava. Em silêncio, xingou-se por não ter se contentado em simplesmente pairar sobre a cidade, aproveitando as luzes e matando de medo os casais ocasionais nos telhados. Quantas pessoas poderiam dizer que foram assustadas por um pterodátilo… ultimamente?

O policial o jogou no banco traseiro do carro e seguiu até a cidade, ainda abafando o riso enquanto falava.

— Não sei o que o Astrônomo vai querer fazer com você, mas provavelmente ele vai se divertir à beça. Você se transforma no menor tiranossauro que já houve.

— Ornithosuchus — ele murmurou, engolindo com dificuldade. Outro ignorante sobre dinossauros portando uma arma. Não tinha certeza do que deveria temer mais – a arma, o tal Astrônomo, ou o próprio pai, que logo descobriria que ele não estava no quarto, dormindo. Tinha apenas 13 anos e não devia estar a essa hora numa escola noturna, especialmente na forma de um carnívoro veloz do período triásico.

♥

— Venha aqui, minha querida. Para que eu possa te ver melhor.

Jane hesitou. A aura de maldade que seus sonhos sugeriram estava mesmo presente em torno do velho na cadeira de rodas. A umidade começou a brotar levemente do seu rosto e pescoço.

Olhou para Kim Toy, mas a atenção da mulher estava voltada para o Astrônomo, como a de todos no grande salão. Fossem quem fossem. Maçons. Ela reconheceu o homem que a trouxera — Judas, assim Roman o chamava. Roman estava sentado diante de um terminal de computador afastado, na lateral, perto de uma parede de tijolos baixa que parecia ter sido atacada com uma picareta. Escrito com spray em dourado metálico estava a legenda: COMA-ME.

— Você tem um grande poder, minha querida — disse o velho. — Um que seria de grande utilidade para o visitante que está chegando das estrelas. TIAMAT. — Ele fez uma pausa, aguardando a reação dela. Ela estava em pé, desconfortável sob o olhar dele. A iluminação extra que trouxeram e penduraram de forma tão negligente apenas fez as sombras nos cantos mais distantes ficarem ainda mais escuras. Dava a sensação de coisas horríveis esperando por um sinal desse Astrônomo, para rastejar para longe das sombras e devorá-la. COMA-ME. Pousou o cotovelo no punho, apertando a outra mão contra a boca para que não pudesse começar a rir e nunca mais parar.

— Este nome é familiar para você? TIAMAT? — continuou o Astrônomo. Jane apertou a mão com mais força sobre a boca e deu de ombros de uma forma desajeitada.

— Bem. — O velho reclinou-se um pouco para a frente. — Seria útil se pudéssemos ter uma demonstração do seu poder. Além daquilo que você fez na rua com o hidrante. — Ele semicerrou os olhos para ela. — Ou você está fazendo isso agora, minha querida?

— Ah, é realmente sutil — disse o homem magro e pálido em pé do lado direito do Astrônomo. Seus olhos faziam Jane pensar em lápides. — Era tudo de que precisávamos, uma ás cujo grande poder é suar muito. Dominação do mundo, aí vamos nós.

O Astrônomo deu uma risadinha e Jane pensou que foi o som mais maléfico que ela já tinha ouvido.

— Muito bem. Todos sabemos que os poderes dela são muito maiores. Não é? Claro. Por exemplo, você poderia supostamente tirar toda a água de um corpo, deixando… bem, não muito. — Ele gesticulou para o restante das pessoas e riu novamente, olhando para o rosto dela. — Não, acho que não. O único em quem você poderia querer usar bem agora é em mim, e eu sou imune. — Ele balançou a cabeça na direção de Red, que desapareceu sob um dos arcos de pedra. Momentos depois, ele reapareceu, trazendo dois homens que empurravam uma jaula sobre rodas para o meio da sala. Jane piscou diversas vezes, incapaz de acreditar em seus olhos naquela penumbra.

Havia um dinossauro na jaula. Um *tyrannosaurus rex* com quase um metro de altura.

Enquanto ela observava, ele arreganhou os dentes ferozes e correu para a frente e para trás dentro da jaula, seus braços pequenos enrolados perto do corpo escamoso. Um olho escuro de réptil observava Jane com um lampejo de inteligência.

— Criatura odiosa — disse o Astrônomo. — Se eu a deixasse sair, poderia arrancar sua perna com uma mordida. Mate-a. Tire toda a água do corpo dela.

Jane baixou os braços, as mãos ainda fechadas em punhos.

— Ah, vamos lá. — Outra daquelas risadinhas maléficas. — Não me diga que você se emociona com cada dinossauro perdido que passa.

— Há alguém dentro dele — ela falou. — Quer uma amostra do meu poder? Aqui está um

close-up!

Algo *quase* aconteceu. Ela se concentrou numa área bem na frente do rosto do Astrônomo, pretendendo jogar uns três litros de água nos olhos dele. O ar ficou difuso por um momento, então clareou. O velho lançou a cabeça para trás e rugiu uma gargalhada.

— Você estava certo, Roman, ela fica bem ousada nos momentos mais estranhos! Eu disse a você, minha queridíssima, que seu poder não funcionará se eu não quiser. Não importa quanto poder tenha, eu tenho *mais*. Não é mesmo, Ceifador?

O homem esquálido deu um passo à frente, pronto para obedecer a alguma ordem. O Astrônomo sacudiu a cabeça.

— Existe outro esperando por nós, muito mais receptivo. Ela não tentará jogar um balde de água na nossa cara.

Jane enxugou o próprio rosto, em vão. A água estava começando a empoçar ao redor dos seus pés. O Astrônomo a observava, imóvel.

— Para ter um poder verdadeiro, é necessário ser capaz de usá-lo, ser capaz de fazer certas coisas, não importa quanto você possa achá-las terríveis. Há mais poder do que você pode imaginar em ser capaz de fazer essas coisas, ou ser capaz de obrigar alguém a fazê-las. — Ele gesticulou na direção da jaula. Jane seguiu o movimento e então teve de cobrir a boca com as mãos para não berrar.

O tiranossauro tinha sido substituído por um garoto com não mais do que 12 ou 13 anos, com cabelos castanho-claros, olhos azuis acinzentados e uma pequena marca rósea na testa. Ele já seria surpreendente o bastante, exceto que também estava completamente nu. Encolheu-se nas barras, fazendo o máximo para se cobrir.

— Não há mais tempo para tentar cortejá-la, minha querida — disse o Astrônomo e toda a gentileza pretensa desapareceu da sua voz. — TIAMAT está muito próximo agora e não posso gastar nem um momento tentando convencê-la a ficar conosco. É muito ruim; matar uma criança, mesmo disfarçada de um dinossauro perigoso, teria unido você a nós de uma vez, de forma traumática, mas completa. Mas se eu tivesse mais algumas semanas, você teria sido nossa, sem nenhuma dor. Agora, é uma questão de escolher entre sua vida e sua pequena e corajosa ética. Você precisa decidir até eu acabar de cruzar esta sala. Não tenho dúvida de que você escolherá. Que sua ética possa sustentá-la na próxima vida. Se houver uma. — Ele gesticulou para o homem esquálido. — Ceifador…

Diversas coisas aconteceram ao mesmo tempo. O homem-barata deu um passo à frente com um som alto chiado e gritou *Não!*, bem quando a água espirrou no rosto do Ceifador com força suficiente para fazê-lo tombar e, então, outra voz, incrivelmente alta, rugiu "AQUI É O GRANDE E PODEROSO TARTARUGA! VOCÊS SAIRÃO PACIFICAMENTE, CERCAMOS ESTE LOCAL E NINGUÉM PRECISA SE MACHUCAR!". E, então, como se fosse impossível, Jane pensou ter ouvido algo que soava como o velho tema dos desenhos *Super Mouse*: *Vai salvá-los do perigoooooooo!* Foi seguido por um miado terrível que foi do baixo extremo a um agudo ensurdecedor, sacudindo o prédio inteiro. Houve um estouro quando a jaula tombou no chão, lançando o garoto para fora. Jane lutou para manter o equilíbrio e alcançou o garoto no meio do caos de pessoas tentando correr em todas as direções. Ele se transformou num outro dinossauro menor, muito magro e com aparência ágil,

com dedos finos e garras. Ela se forçou a agarrar os dedos enquanto ele corria na direção dela.

— Precisamos sair daqui! — ela disse, sem fôlego, e mais do que um pouco desnecessário, e olhou em volta. O Ceifador e o Astrônomo haviam desaparecido. O pequeno dinossauro a puxou pelo salão e entrou numa galeria sombria sob as passagens abobadadas. De mãos dadas com um dinossauro, ela pensou enquanto fugiam pela galeria. Só em Nova York.

Ela não percebeu Kafka se movendo com dificuldade atrás deles.

Era realmente uma visão linda, o Grande e Poderoso Tartaruga disse mais tarde. Ases de todo o jeito saindo das árvores em torno do Mosteiro, lançando-se sobre os maçons que corriam para fora do prédio sobre os caminhos de tijolos e jardins arruinados. Ele viu praticamente tudo durante a batalha. Uma das coisas que ele perdeu, contudo, foi Jane e o garoto-dinossauro esgueirando-se em parte de uma arcada de colunas que cercava uma área externa coberta por ervas daninhas. Eles viram o Tartaruga pairando sobre eles com diversos ases em trajes coloridos agarrando-se à carapaça. Um dos ases apontou para algo; no momento seguinte, ele estava flutuando suavemente sobre a terra, sustentado pelo poder do Tartaruga. Jane, alarmada, ouviu o chiado do dinossaurinho. Quando ela se virou para ver o que acontecia, ele voltou a ser um garoto, sua nudez coberta pelas sombras.

— Aquele é o Tartaruga — ele sussurrou para Jane. — Se pudéssemos chamar a atenção dele, poderíamos sair daqui!

— Que tal você fazer isso?

Como resposta, ele se reverteu num dinossauro novamente, este bem musculoso e com olhos quase tão ferozes quanto o tiranossauro. Parecia levemente familiar a Jane, que não conseguia diferenciar um crocodilo de um jacaré. Tentou lembrar o nome. Um Alice-alguma-coisa-assim. Alice ou talvez *alas*, pelo olhar malvado que tinha, não era muito maior do que um pastor-alemão. Ele rosnou e a empurrou com suas mãos de três garras. Outro daqueles uivos grotescos; Jane sentiu o arrepio passando por ela e o pequeno dinossauro — alossauro, ela lembrou de repente, sem motivo — rugiu em resposta, agarrando a cabeça, cheio de dor. Ela se curvou com a intenção de abraçá-lo ou confortá-lo, quando houve uma lufada de penas, um tinir de metal, e então uma mulher extraordinariamente bonita pousou numa parede de mármore baixa.

— Peregrina! — Jane suspirou.

O alossauro fez um som baixo, empolgado, mirando a mulher alada com seus olhos selvagens.

— Melhor sair daqui — disse Peregrina, carinhosa. — O Uivador vai gritar até derrubar este lugar. Vocês conseguem aguentar, você e seu, hum, lagarto de estimação?

— É um garoto. Digo, ele é um garotinho, um ás…

O alossauro rugiu, concordando ou protestando por ter sido chamado de garotinho.

— Cruel, realmente cruel. — Peregrina sorriu para Jane enquanto ela se lançava para o alto, suas grandes asas batendo no ar. — Melhor saírem agora. É sério — ela falou e voou para longe, as famosas garras de titânio erguidas e prontas.

Jane e o alossauro correram pelo jardim arruinado e derrubaram outra arcada. Ela ouviu o pequeno dinossauro ficar para trás, e parou, apertando os olhos na escuridão.

— O que houve?

Ela conseguiu apenas vislumbrar uma silhueta humana.

— Tive que mudar. Preciso de um corredor mais rápido, estou ficando cansado. Hipsilofodonte é melhor do que um alossauro para correr.

Um momento depois ela sentiu longas garras tomando-a gentilmente e arrastando-a. Este era mais ou menos do tamanho de um canguru.

— Não acho que estamos indo pro caminho certo da saída — ela bufou quando chegaram a uma área de luz difusa e uma escadaria que descia. O dinossauro transformou-se num garoto por um instante antes de virar um pterodátilo e deslizar escada abaixo. Jane conseguia apenas trotar atrás dele. No fim da escada, o pterodátilo de repente arremeteu e voltou para ela. Por reflexo, ela desviou, tropeçou e bateu no fundo a tempo de ficar cara a cara com um homem mais bonito do que Roman. Vestia um traje de paraquedista azul-marinho e um capacete justo e havia armas que pareciam estar presas diretamente aos ombros.

— Olá — disse ele. — Não vi você na fuga do macaco?

Jane piscou, sacudindo a cabeça, atordoada.

— O que… eu não… — E então, quando as armas do homem se voltaram para rastrear o pterodátilo que o circundava. — Não! Ele é apenas um garoto, é um *bom garoto*!

— Ah, tudo bem, então — disse o homem, sorrindo para ela. — É melhor vocês dois irem. — Jane passou correndo por ele, o pterodátilo pairou sobre a cabeça dela. — Você tem *certeza* de que não vi você na fuga do macaco? — ele gritou atrás dela.

Ela não teria fôlego para responder, mesmo se quisesse. O pterodátilo planava diante dela, enquanto ela sentia as pernas enfraquecerem. Arfando, ela continuou aos tropeções, observando a distância entre ela e o pterodátilo começar a crescer.

O pterodátilo virou bruscamente numa esquina do corredor e desapareceu. Meio segundo depois, houve um flash de luz azul, um guinchado e um baque. Jane parou, encostando-se na parede de pedra. *Por favor*, ela rezou. *O garotinho não. Não deixe que machuquem o garotinho, e eles podem fazer o que quiserem comigo.* Ela se forçou a continuar, apoiando-se na parede, e espiou na curva.

Ele estava novamente transformado num garoto quando bateu no chão, mas ela conseguiu ver o peito subindo e descendo enquanto ele respirava. O homem-barata estava em pé diante dele com uma arma que parecia maldosa, como um ferrão.

— Tive de pará-lo — o homem-barata disse, olhando para ela. — Não está ferido de verdade. Sairá dessa em poucos minutos. Eu juro. Preciso de sua ajuda. — Ele esticou sua mão livre para Jane. Ela deu um passo à frente. O rosto não era humano, mas os olhos eram. Somente antes que ela pudesse pegar a mão dele, ele a tirou de volta.

— Foi apenas um gesto. Não me toque. Pegue ele no colo e venha comigo.

Jane ajoelhou-se ao lado do garoto inconsciente.

Judas estava em pé ao lado da tumba com as mãos sobre as orelhas, incapaz de clarear a

mente tempo suficiente para decidir o que deveria fazer. Todas as vezes que tentava pensar, outro daqueles uivos terríveis vibrava através dele. Ele jurou que seus ouvidos estavam sangrando.

O caos estava além do acreditável. O pessoal do Astrônomo estava correndo para dentro e para fora do salão como o bando de perdedores de merda que realmente eram. Ele sabia que eram todos merdas no início, era policial tempo o bastante para reconhecer a raça. Isso era suficiente para fazer uma pessoa querer mudar de lado e começar a se livrar deles, e talvez aquela não fosse uma má ideia, com os ases detonando o lugar; claro, tinha sua insígnia, tinha sua arma, podia alegar que estava disfarçado, que se deu ao trabalho de verificar, ao menos aquela noite. Claro.

Olhou em volta e viu Red e Kim Toy seguindo para uma das galerias escuras, procurando a saída. Poderia começar com eles antes de qualquer outro, pensou, e sacou a arma.

— Parados! Parados ou eu atiro!

A cabeça de Kim Toy virou-se, seu cabelo longo, escuro e liso voando com o movimento.

Judas voltou sua mira do rosto dela para o de Red.

— Disse para não se mover!

Red ergueu a mão diante da cabeça quando Judas estava prestes a puxar o gatilho e então, de repente, Judas estava apaixonado. Pássaros estavam cantando, fazendo ninhos em seu cérebro, e o mundo todo era lindo, especialmente Kim Toy, a mais excitante e exótica das mulheres. Lançou sua arma longe e cambaleou na direção de Kim Joy, amando-a tanto que sentiu doer quando ela fugiu dele com Red.

Seus ouvidos estavam realmente sangrando agora, mas ele não se importava mais com a descoberta.

Como todos os cômodos naquele lugar, aquele ali lembrava uma capela. Ela conseguiu ver onde um altar ou uma pia batismal poderia ter existido; aquele local agora era ocupado por uma máquina.

— Você viu isso num sonho — Kafka disse para Jane, pousando a mão num dos ângulos impossíveis da máquina. Jane teve de virar o rosto – a loucura do contorno ameaçava embolar sua visão. Ela encarou para a forma mais prosaica de um gabinete de computador próximo com um monitor grande apagado e silencioso sobre ele.

— O dispositivo Shakti — disse ela.

— Sim. O dispositivo Shakti. — Ele se encolheu quando outro daqueles uivos horríveis atravessou o prédio. — Hoje à noite, todos poderemos morrer, mas isso deve ser protegido.

A boca de Jane torceu-se com aversão.

— Aquela criatura, TIAMAT…

— Nossa única chance…

Houve um farfalhar quando o garoto-dinossauro — Kid Dinossauro, ele disse a ela — enrolou um lençol do catre de Kafka bem forte em volta do corpo. Ela pediu para que ele ficasse na forma humana para que pudesse falar com ele e, de modo relutante, ele concordou, desde que o homem-barata lhe desse algo para se cobrir.

— Não sei quanto você acha que pode confiar neste cara — disse o garoto —, mas com certeza eu não confiaria.

Os passos eram ouvidos como baques surdos no salão lá fora, e Roman correu para dentro com olhos arregalados.

— O gabinete do computador… está tudo bem? — Sem esperar a resposta, ele empurrou Kafka de lado, mexendo loucamente no computador. — Ellie! Estou aqui, Ellie, estou aqui!

Kafka foi até ele.

— Onde está o Astrônomo?

— Quero que ele se foda — Roman disse e empurrou Kafka para longe. — Que ele e vocês todos se fodam! — Outro uivo sacudiu o prédio e os dois caíram contra o computador. Um dos painéis se soltou nas mãos de Roman, expondo parte dos circuitos do computador.

— Puta merda! — disse o garoto. — Que nojento!

Mesmo na penumbra, Jane conseguiu ver os circuitos pulsando, podia ver a textura das placas e a umidade nelas, a carne viva misturada com o maquinário rígido, morto. Ou a carne havia apenas endurecido? — Jane pousou a mão sobre os olhos, sentindo-se enjoada.

— Nenúfar!

O aviso de Kafka chegou apenas quando ela sentiu as mãos que vinham de trás. Elas a giraram e Jane encarou o olhar tumular do Ceifador. Ela pousou as mãos nos ombros dele e, por um momento absurdo, era como se ela o abraçasse.

— Está com medo de morrer? — ele perguntou para ela.

A essa altura, ela não achava a pergunta estranha.

— Sim — disse ela, simplesmente.

Algo no rosto dele mudou e suas mãos soltaram-se devagar.

— Nenúfar! — Kafka gritou novamente, a voz cheia de desespero. Mas ela permaneceu em pé, permaneceu viva, pousando uma das mãos no rosto seco do Ceifador. Ele recuava ao sentir o toque dela.

— Dói, não é?

— Tudo dói — disse ele com violência e empurrou-a para longe. Ela foi ao chão, perto da máquina de Kafka, e começou a levantar quando uma janela de vitrais grossos explodiu, espalhando estilhaços multicoloridos na sala. Ela cobriu a cabeça com os braços, encolhendo-se no chão; uma chama longa atravessou a sala, chamuscando madeira e pedra. Ouviu alguém gritar. Houve um chiado quando Kafka rastejou pelo chão até ela e tentou empurrá-la para perto da máquina.

— A única coisa — ele arquejou. Outro uivo os sacudiu como um terremoto. — … TIAMAT… proteger… precisa da sua ajuda para TIAMAT…

Ele foi separado dela; ouviu-o gritar com o contato. Então, alguém a ergueu e ela viu Kafka cair de costas depois de levar um chute na cabeça.

— Nãااão! — ela gritou. — Não o machuque, *não*! — Ela tinha visto aqueles olhos castanhos-claros milhares de vezes, a mais recente naquela noite. Sua boca movia-se, mas ela não conseguia emitir um som. Os olhos claros enrugaram-se com um sorriso rápido antes de eles a empurrarem para o lado.

— Para trás, querida, não quero que você se machuque. — Ele virou e começou a apontar

para Kafka, para o dispositivo Shakti e para o garoto, que havia se transformado num dinossauro, um estegossauro dessa vez, e era muito óbvio que estava na linha de tiro. Jane lutou por sua voz e pelas palavras certas e soltou possivelmente a única coisa que poderia tê-lo parado de transformar todos em cinzas.

— J.J., *não*!

Jumpin' Jack Flash virou-se para ela, boquiaberto com a surpresa.

Um momento depois, ficou ainda mais surpreso ao ver que ela estava coberta de água.

Fortunato entrava e saía correndo de cada cômodo, galeria e alcova que pudesse encontrar, buscando ases ou qualquer outra pessoa, o maricas do espaço em sua bota de saltos. Até então, haviam encontrado apenas um palhaço rastejando num chão de pedra com sangue correndo dos ouvidos. O maricas espacial quis parar e examiná-lo, mas Fortunato teve de dar um jeito. Aquilo não era a clínica à tarde, ele disse, e puxou o maricas espacial pelo colarinho pomposo do seu casaco de maricas… maricas, sim, claro, cara, vamos falar de maricas, chame o tal de Crowley de maricas, e, já que estamos aqui, como foi que você acordou aquele garoto dos mortos, falando em maricas… ele fechou o fluxo de pensamentos com firmeza enquanto descia para uma sala estreita.

— Fortunato… onde… o que você… está tentando fazer? — arfou Tachyon.

— Eu o sinto — Fortunato disse por sobre os ombros.

— Sente quem?

— Ele fez Eileen. E Balsam. E muitos outros. — Ele cambaleou quando o Uivador lançou mais um dos seus gritos longos e terríveis. Tachyon tropeçava sobre ele, e os dois quase caíram. — Merda, eu queria que ele calasse a boca — Fortunato murmurou. Parou de repente e agarrou Tachyon pelas abas de seu casaco afrescalhado. — Ouça aqui, você fica pra trás. Ele é todo meu, entende?

Tachyon olhou para a testa inchada de Fortunato, seus olhos escuros e raivosos. Então, ele empurrou as mãos de Fortunato.

— Nunca te vi desse jeito.

— Sim, bem, você não viu merda nenhuma ainda — Fortunato rosnou e continuou o trajeto, enquanto o maricas espacial o seguia.

Por vários e longos momentos, parecia que ninguém sabia o que fazer. Roman havia levantado e estava protegendo com o corpo o computador exposto. Kafka correu para a máquina Shakti; o pequeno estegossauro estava olhando de um lado para o outro. Até mesmo Jumpin' Jack Flash parecia congelado, olhando de Jane para a máquina estranha e para Kafka, para Roman e de volta para Jane.

Então, tirou os olhos dela e o tempo recomeçou, e viu-se esticando um braço na direção da máquina de Kafka.

— Ele não — Jane disse, desesperada, e estendeu a mão na direção dele quando o Ceifador falou, quase muito suave para se ouvir:

— Ei. Você.

Antes que Jumpin' Jack Flash pudesse reagir, o estegossauro transformou-se num garoto nu e, em seguida, num tiranossauro, e lançou-se pela sala para enterrar os dentes na coxa do Ceifador. O Ceifador gritou e caiu de costas, lutando com o tiranossauro. Kafka começou a gritar; surgiu um redemoinho de luz, um cintilar, e o Astrônomo estava em pé no meio da sala. A cabeça era algo saído de um pesadelo agora — tinha um focinho estranho, curvado, orelhas retangulares e olhos caídos, mas Jane sabia que aquilo era o Astrônomo. Ouviu Kafka dizer "O deus Setekh!", com medo e alívio ao mesmo tempo. O Astrônomo sorriu para Jane, e ela viu o sangue escorrendo dos dentes e lábios dele. Sem cadeira de rodas agora, parecia estar pleno de vitalidade e força. Como se para confirmar seus pensamentos, ele de repente se ergueu um metro e meio no ar.

Jumpin' Jack Flash deu um passo para trás, ergueu as duas mãos e, então, parecia confuso. O Astrônomo sacudiu um dedo para ele como se fosse uma criança malvada, e voltou-se para o Ceifador, que ainda estava rolando no chão com o tiranossauro. Um momento depois, o dinossauro era novamente um garoto nu.

— Ai, merda! — o garoto berrou, e escapou das mãos do Ceifador, lutando para chegar até a porta. Quando chegou, um homem negro e alto, com a testa inchada, apareceu na soleira. Jane engasgou, não pelo surgimento dele, mas ao sentir o poder em torno dele; conseguia sentir as forças não liberadas carregando o ar.

— Eu senti você — disse o Astrônomo — agitando as margens, aqui e ali.

— Mais do que agitando, desgraçado. — O homem empertigou-se tanto que parecia até mais alto e esticou o braço na direção do Astrônomo, como se para abraçá-lo. O Astrônomo desceu levemente, ainda sorrindo.

— Eu gostaria de colocar você à prova… — disse o Astrônomo e, de repente, se afastou flutuando pela sala até a máquina de Kafka. Girou os punhos para cima rapidamente. O homem alto cambaleou para a frente vários passos, parou e preparou-se com os pés bem afastados.

— Não seja tímido, Fortunato. Chegue mais perto. — A atração sobre Fortunado parecia crescer cada vez mais. Jumpin' Jack Flash olhou para Jane.

— Se você sabe outros truques além de se afogar, querida — disse ele em voz baixa —, é melhor usá-los.

Outro homem apareceu de repente na porta. Jane teve apenas tempo suficiente para observar o impensável cabelo vermelho e as roupas extravagantes antes que houvesse ainda mais vermelho, um corpo todo vermelho, acertando o homem. As duas formas rolaram pelo chão, Red lutando para imobilizar o homem menor. Então, Kim Toy estava lá, puxando o marido, dizendo a ele para esquecer, apenas esquecer e sair dali.

Perto da máquina de Kafka, Astrônomo e Fortunato ainda estavam equilibrados frente a frente. Jane tinha a sensação de que o Astrônomo tinha um pouco de vantagem. O esforço no rosto de Fortunato intensificou-se com um brilho estranho ao lado dele e chifres se projetaram de sua testa inchada. Em resposta, o corpo do Astrônomo estava assumindo uma forma animal, como um cão cinzento, com cauda grande e forcada erguendo-se como algo venenoso. Seu medo começou a aumentar e não havia ninguém para apoiar, ninguém que oferecesse abrigo, conforto ou escapatória.

O garoto-dinossauro, magro e de cauda longa agora, voltou rapidamente para a sala e caiu sobre Red, arrancando-o de cima do homem em roupas pomposas. Kim Toy saltou para trás e uma quarta pessoa estava confundindo as coisas, lançando-se sobre Kim Toy. Com um choque, Jane viu que era Judas. O sangue pingava de suas orelhas, mas ele não pareceu notar quando ajoelhou-se sobre as pernas de Kim Toy, prendendo o peito dela com uma das mãos e então, de forma absurda, começou a tirar as calças.

Jane sacudiu a cabeça, incrédula. Era uma visão bizarra do inferno, o Astrônomo, Roman, aquele computador obsceno, Kafka, a máquina Shakti, o dinossauro e Red e o negro com chifres e o outro — Tachyon, ela o reconheceu, ele parecia atordoado —, e Jumpin' Jack Flash, incapaz de reagir, e aquele nojento desmazelado que a trouxera até ali — que ela permitiu trazê-la ali, ela se corrigiu, como o cão de alguém em coleira curta —, o nojento tentava estuprar Kim Toy no meio de uma luta pela vida de todos.

Tudo aquilo passou na sua mente num segundo e o poder reuniu-se sem esforço e fluiu para fora dela.

Dessa vez, Judas foi o único que não percebeu o que ela estava fazendo. Ele nunca soube, mesmo quando o atingiu, que tudo que ela queria era cegá-lo causando uma inundação de lágrimas nos olhos dele, mas o poder estava se acumulando sem a liberação adequada por tempo demais e ela estava muito assustada e muito forte no seu receio. Ele nunca soube, mesmo quando se recuperou. Então ele *não* era, e no seu lugar estava uma forma feita de pó que pairou brevemente no ar por um momento impossível antes de se desintegrar. A umidade respingou nas paredes, no chão e em Kim Toy.

Jane tentou gritar, mas deu apenas um suspiro leve. Tudo parou; até mesmo a luta entre o Astrônomo e Fortunato parecia diminuir aos poucos. Então, Jumpin' Jack Flash gritou:

— Ninguém se mexe ou ela fará isso de novo!

Jane irrompeu em lágrimas.

A sala inteira irrompeu em lágrimas; de repente, houve uma tempestade dentro da sala, água espirrando de todas as direções. Jumpin' Jack Flash lançou-se pela janela e ficou suspenso no ar.

— Afogue todos ou desliga isso! — ele gritou.

Então, aquilo *desligou*, com um gesto do Astrônomo, que presenteou Jane com outro sorriso odioso.

— Faça de novo. Por mim.

Ela sentiu que era virada pela mão invisível e o poder reuniu-se novamente dentro dela, mirando para o negro, Fortunato…

Que não estava mais lá, mas atrás do Astrônomo, em pé sobre a máquina Shakti de Kafka com os dois braços erguidos…

E Kafka berrou *NÃO*!, e a palavra ecoou na mente de Jane enquanto o poder fluía dela contra sua vontade, desviado no momento final com seu último fiapo de força para que contornasse a todos, até mesmo o Astrônomo, e atingisse o computador assim que a máquina Shakti fosse destruída com um som muito parecido com um grito humano.

A força de Fortunato atingiu a máquina novamente e houve outro grito, dessa vez muito humano, enquanto os horríveis circuitos vivos do computador se retorciam até virar pó que

escoava sobre os braços e o peito de Roman.

Fortunato virou-se para o Astrônomo, estendendo os braços para ele. A forma animal se dissolveu, deixando o Astrônomo humano novamente e muito pequeno. Ele agitou a mão no ar por um instante e a luz em torno dele começou a diminuir.

— Tolo — ele sussurrou, mas o sussurro penetrou a sala inteira e todos nela. — Tolo preto, cego e estúpido. — Ele olhou ao redor para todos eles. — Vocês todos morrerão gritando.

E, então, como fumaça, desapareceu.

— Espere! Espere, seu maldito! — O Ceifador lutou para ficar em pé, puxando a perna quase boa. — Você prometeu, maldito, *você prometeu*!

Sob seus berros irados, os soluços de Roman traziam um contraponto bizarro.

Jane sentiu seus joelhos começarem a ceder. Nada restava dentro dela. Mesmo com seu poder, não tinha mais forças. Tachyon estava ao seu lado, segurando-a em pé.

— Venha — disse ele, gentil, conduzindo-a até a porta. Ela sentiu algo fluir sobre a incipiente histeria em sua mente, tão consoladora quanto um cobertor quente. Meio em transe, ela se deixou levar para fora da sala. Com a outra parte de sua mente, ouviu Kafka chamá-la e, de longe, ficou triste por não poder responder-lhe.

Sob o abrigo de um grupo de árvores, ela observou as últimas ações do que ficou conhecido como o Grande Ataque ao Mosteiro. Ocasionalmente, ela vislumbrava Peregrina precipitando-se em torno da torre ou voando em círculos ao redor da carapaça do Tartaruga, às vezes acompanhada por um pteranodonte gracioso, mesmo que pequeno (aos seus olhos). Colunas de fogo erguiam-se noite adentro, explodindo através dos telhados, chamuscando as pedras. Em vão ela buscou um lampejo de Kafka ou do Ceifador nos grupos de pessoas — maçons, ela pensou, sacudindo sua cabeça diante do absurdo, *maçons* — reunidos de forma organizada e retirados do perigo pelo poder do Tartaruga.

— No fim, tentei cuidar de alguém. Tentei cuidar do garotinho — ela murmurou, sem se importar se Tachyon, que estava ao seu lado, sabia do que ela estava falando. Mas ele sabia. Ela podia sentir a presença dele buscando os pensamentos dela, tocando suas memórias de Debbie e Sal e de como Judas a encontrou. E onde ele tocava, sentia o calor do conforto e da compreensão.

O Uivador soltou outro de seus berros horrendos, mas foi um curto.

Ela poderia ter chorado, exceto que parecia não haver mais lágrimas pelos próximos tempos.

Pouco depois, vozes familiares a trouxeram de volta à consciência. Jumpin' Jack Flash estava lá com o garoto-dinossauro, que havia escolhido outra forma estranha que ela não conhecia. ("Iguanodonte", Tachyon sussurrou para ela. "Olhe como se apreciasse." E, de alguma forma, ela obedeceu.) Fortunato emergiu de uma entrada que reluzia com o fogo que apagava; ele pisou em fragmentos incandescentes e foi até eles, parecendo muito mais cansado do que Jane

se sentia.

— Eu os perdi — disse para Tachyon. — O barata, o maluco da morte, o outro. Aquele cara vermelho e a mulher. Fugiram, a menos que o Tartaruga tenha pegado eles. — Ele apontou o queixo para Jane. — Qual é a história dela?

Ela olhou através dele para o Mosteiro em chamas, recuperou-se, buscou poder. Havia um valor espantoso restante, suficiente para o que ela queria fazer.

A água caiu sobre a pior das chamas, ajudando um pouco, não muito. Havia um incendiário nas proximidades quando você precisava de um no fim das contas, ela pensou, lançando um olhar para Jumpin' Jack Flash.

— Não desperdice sua energia — disse ele e, como se para apoiá-lo, ela ouviu o som dos carros de bombeiros se aproximando.

— Nasci num corpo de bombeiros — ela falou. — Minha mãe não chegou ao hospital a tempo.

— Fascinante — ele falou —, mas eu tive de sair bem antes. — Ele olhou para Tachyon. — Eu, hum, gostaria de saber como você sabia… hum, por que você me chamou de J.J.

Ela deu de ombros.

— J.J. Jumpin' Jack. Era mais rápido para dizer. — Ela conseguiu abrir um sorriso mínimo. — É isso. Nunca nos encontramos antes. Sério.

O alívio tomou todo o rosto do rapaz.

— Ah. Bem, olha, talvez a gente possa se conhecer melhor em breve…

— Sessenta minutos — disse Tachyon. — Eu diria que você está quase sem tempo. O que poderíamos chamar de fator Cinderela. Quando alguém precisa viajar.

Jumpin' Jack Flash lançou um olhar de reprovação para ele e ergueu-se no ar. Um halo de fogo inflamou-se ao redor dele enquanto se afastava num rugido para dentro da escuridão.

Jane o encarou por um momento e, em seguida, olhou para baixo com tristeza.

— Eu quase o machuquei lá dentro. Eu machuquei alguém… eu…

Tachyon passou o braço na cintura dela.

— Apoie-se em mim. Tudo bem.

Gentilmente, ela tirou o braço dele.

— Obrigada. Mas já estou bem apoiada. — Certo, Sal?

Ela virou-se novamente para o Mosteiro incendiado e continuou a lançar água nas chamas piores.

Curvado num beco, o Ceifador tremia. Sua perna estava bem ruim, pois ainda não tinha se recuperado totalmente, mas se curaria; sabia disso da mesma forma como sabia quanto odiava o Astrônomo por abandoná-lo, por sempre enganá-lo com promessas e favores no início. TIAMAT, inferno. Levaria aquele velho desgraçado diante de TIAMAT, e aquilo era uma promessa. Colocaria aquele velho maldito numa dança que ele levaria para o inferno com ele.

Estava à deriva num semidelírio. Não muito longe, mas sem que ele soubesse, Kafka observava a destruição do Mosteiro. Quando a água foi derramada sobre as chamas vindas do nada, ele virou o rosto, disposto a deixar que a morte fria do ódio permanecesse nele.

♣ ♦ ♠ ♥

O cometa do Sr. Koyama

Walter Jon Williams

Parte um: março de 1983

Em junho de 1981, um executivo da terceira geração da Mitsubishi, Koyama Eido, aposentou-se em meio a elogios extravagantes e respeito bem-merecido de seus pares e subordinados. Ficou exageradamente bêbado, pagou sua acompanhante, e logo no dia seguinte colocou em operação um plano no qual trabalhava havia quase quarenta anos. Mudou-se com a mulher para uma casa que construíra na ilha de Shikoku. A casa ficava num terreno acidentado na parte sul da ilha e era de difícil acesso; custou ao Sr. Koyama uma quantia extraordinária de dinheiro para conseguir telefone e serviços públicos; e a casa foi construída num estilo pouco habitual, com um telhado achatado que não resistiria bem às intempéries — mas para o Sr. Koyama nada daquilo importava. O que importava era que a casa era tão remota que havia pouca poluição luminosa, que estava voltada para leste do Pacífico e a sudoeste do canal Bungo, e que a *visão* era melhor sobre a água.

Em um abrigo feito no telhado achatado, o Sr. Koyama instalou um telescópio reflexivo de 14 polegadas que havia construído com as próprias mãos. Durante o tempo bom, ele o rolava para fora na plataforma e olhava para o céu, para as estrelas e planetas e galáxias distantes, e tomava cuidado, estudava fotografias que revelava na sua câmara escura e, mais tarde, pendurava nas paredes. Mas simplesmente observar o céu não era suficiente; o Sr. Koyama queria mais. Queria algo lá em cima que levasse seu nome.

Todo dia, portanto, pouco depois do pôr do sol e pouco antes da alvorada, o Sr. Koyama seguia para o telhado com um par de binóculos navais Fujinan, que comprou em Chiba de um ex-capitão de submarino que estava morrendo de fome em 1946. Com paciência, enrolado num sobretudo quente de algodão, ele focalizava suas lentes objetivas de cinco polegadas no céu e o inspecionava cuidadosamente. Ele buscava cometas.

Em dezembro de 1982 ele encontrou um, mas infelizmente teve de dividir o crédito com Seki, um caçador de cometas de certa reputação que o tinha descoberto alguns dias antes. O Sr. Koyama ficou desgostoso por ter perdido o Seki-Koyama 1982P por cerca de 72 horas, mas continuou olhando, prometendo dedicação e vigilância maiores. Queria um todo para si.

Março de 1983 começou frio e com chuviscos; o Sr. Koyama tremia sob chapéu e sobretudo enquanto varria o céu noite após noite. Um surto de gripe arrancou-o do telhado até o 22o dia, e ficou chateado ao descobrir que Seki e Ikeya tinham descoberto juntos um novo cometa enquanto ele estava convalescente. Dedicação e vigilância maiores, prometeu novamente.

Na manhã do dia 23, o Sr. Koyama finalmente encontrou seu cometa. Lá, próximo ao sol que mal havia nascido, viu uma bola de luz indistinta. Espirrou, tomou o Fujinan com força e

observou novamente para confirmar a visão. Nada mais deveria estar naquela parte do céu.

Com coração palpitando, o Sr. Koyama desceu ao escritório e pegou o telefone. Ligou para a agência telegráfica e enviou um telegrama para a União Astronômica Internacional. (Os telegramas são *de rigueur* para a UAI; chamadas telefônicas seriam consideradas vulgares.) Oferecendo preces vagas a uma legião de deuses na qual ele não professava uma fé genuína, o Sr. Koyama voltou para o telhado com uma estranha sensação de que seu cometa havia desaparecido enquanto ele não estava olhando. Ele soltou um suspiro de alívio.

O cometa ainda estava lá.

♣

A confirmação da UAI chegou dois dias depois e atestou também o que o Sr. Koyama já sabia por meio de suas próprias observações: Koyama 1983D era um verdadeiro corpo luminoso. Vinha do sol como um morcego saindo do inferno.

Outros relatórios indicaram todo tipo de anomalia. Uma análise espectrográfica de rotina mostrou que Koyama 1983D era um cara bem estranho: em vez de hidroxilas e carbono normais, o cometa do Sr. Koyama registrava grandes quantidades de oxigênio, nitrogênio, hidrogênio, carbono, silício e diversos sais minerais. Em suma, tudo que era necessário para haver vida orgânica.

Uma tempestade de controvérsias imediatamente surgiu sobre o cometa de Koyama. Quão anômalo era e qual vida orgânica seria possível nas faixas frias e poeirentas da Nuvem de Oort? O Sr. Koyama foi entrevistado por equipes da BBC, NBC e da televisão soviética. Teve seu perfil publicado na revista *Time*. Concedeu declarações modestas sobre sua posição de amador e sua surpresa quanto a todo aquele estardalhaço; mas, no seu íntimo, estava mais feliz do que jamais esteve por qualquer outra coisa, mesmo pelo nascimento do filho mais velho. Sua mulher o observava caminhando pela casa com a altivez de um rapaz de 20 anos e o sorriso largo de um palhaço.

Toda noite e manhã, o Sr. Koyama ficava no telhado. Era difícil ir além daquilo, mas ele tentaria.

Parte dois: outubro de 1985

A ASTRONOMIA estava atraindo mais atenção naqueles dias com a reaparição do P/Halley 1982I, mas o Sr. Koyama mantinha o equilíbrio em face da confusão. Era assunto antigo agora. Tinha descoberto outros quatro cometas desde o Koyama 1983D, e garantiu um lugar proeminente na história dos cometas. Cada um deles era chamado de “tipo Koyama” com sua espectrografia estranha e sua velocidade de morcego-saindo-do-inferno. Os cometas tipo Koyama estavam sendo descobertos por toda sorte de amadores, sempre envolvendo o Sol.

A controvérsia não havia fenecido; de fato, intensificou-se. Era possível que o sistema solar estivesse passando por uma tempestade de cometas contendo elementos orgânicos, ou era uma ocorrência bem comum que de alguma forma não havia sido observada até então? Fred Hoyle

sorriu e expediu uma declaração “eu te disse”, reiterando a teoria de mudas cósmicas contendo vida orgânica; e mesmo seus oponentes mais encarniçados concordaram que o velho irritante de Yorkshire poderia ter vencido essa rodada.

O Sr. Koyama recebeu muitos convites para se pronunciar; declinou todos. Tempo falando significava tempo longe de seu observatório no telhado. Naquele momento, o número recorde de descobertas de cometa era nove, mantido por um ministro australiano. O Sr. Koyama venceria a honra pelo Japão ou morreria tentando.

Parte três: fim de junho de 1986

LÁ: OUTRO COMETA, POUCO visível, fendendo o Sol sobre o céu. Já eram seis. O Sr. Koyama desceu para o escritório e ligou para a agência telegráfica. As batidas do coração aceleraram. Precisava da confirmação deste desesperadamente — não a confirmação da visão, mas da espectrografia.

O Sr. Koyama estava subindo no ranking dos caçadores de cometas, e aquele era um período de observação aumentada e nervosa do céu; as pessoas estavam olhando muito para cima naqueles dias, esperando encontrar a matriz do Enxame preta e não reflexiva que provavelmente espreitava nas proximidades. Porém, a perspectiva do número seis não era o que agitava o Sr. Koyama — estava ficando bastante *blasé* sobre encontrar novos cometas naqueles dias. O que precisava era a confirmação dessa nova teoria.

Sr. Koyama aceitou as congratulações do telégrafo e desligou o telefone. Olhou de cenho franzido para o gráfico que tinha na mesa. Isso sugeria algo que ele suspeitava que era o único a perceber. Era o tipo de coisa que era percebida apenas por pessoas que passam suas noites no telhado, contando horas e dias, ignorando o sereno e encarando pedaços da noite através de longas lentes refrativas.

Os cometas de estilo Koyama pareciam possuir não apenas elementos orgânicos estranhos e velocidade incomum, mas uma periodicidade ainda mais incomum. A cada três meses, mais ou menos, um novo cometa do tipo Koyama aparecia próximo ao Sol. Era como se a Nuvem de Oort estivesse dispensando uma bola de compostos orgânicos para marcar cada nova temporada terrestre.

Sorrindo, o Sr. Koyama saboreava a ideia da sensação que sua observação causaria, o pânico entre os cosmógrafos tentando descobrir novas fórmulas para explicá-la. Seu lugar na astronomia estaria garantido. Os cometas Koyama estavam se provando tão regulares quanto planetas. De uma forma, ele pensou, era uma sorte que o Enxame tivesse aterrissado, porque de outra forma a observação poderia ter sido feita antes…

O pensamento ecoou com vagar em sua mente. O sorriso do Sr. Koyama se transformou num franzir de sobrancelha. Olhou para seu gráfico e fez alguns cálculos matemáticos na cabeça. O franzir se aprofundou. Tirou uma calculadora do bolso e confirmou os cálculos. Seu coração deu um pinote. Ele se sentou bem rápido.

O Enxame: um casco duro com quilômetros de largura protegendo imensas quantidades de biomassa. Algo assim seria vulnerável a mudanças de temperatura. Se chegasse perto do Sol,

teria de expelir o calor excessivo de alguma forma. O resultado seria uma fluorescência não muito diferente da de um cometa.

Suponhamos que o Enxame estivesse em uma órbita rápida com o Sol em um foco e a Terra no outro. Com a Terra em movimento relativo ao Sol, a órbita seria complicada, mas não impossível. Porém, com todas as visões de cometas tipo Koyama, seria impossível identificar a localização aproximada do Enxame. Algumas centenas de mísseis revestidos de hidrogênio então encerrariam a Guerra dos Mundos em estilo primoroso.

— *Filho da puta* — suspirou o Sr. Koyama, uma expressão forte que tinha aprendido com os praças durante a ocupação. Para quem deveria falar sobre isso?, ele se perguntou. O UAI era um fórum de discussão forte. O primeiro-ministro? O Jieitai, as forças de defesa japonesas?

Não. Não teriam motivo para acreditar num empresário obscuro aposentado que liga desvairado para falar sobre o Enxame. Sem dúvida, eles receberam ligações suficientes desse tipo.

Ligaria para os camaradas da Mitsubishi. Eles tinham influência suficiente para fazer com que fosse ouvido.

Quando chegou ao telefone e começou a discar, o Sr. Koyama sentiu o coração começar a afundar. Seu lugar na história astronômica estava garantido, ele sabia, mas não como ele queria. Em vez de seis cometas, tudo que ele descobriu foi um maldito bloco de levedo.

♣ ♦ ♠ ♥

Metade morta

John J. Miller

I.

Brennan seguiu o Mercedes cheio de Garças Imaculadas até o portão do cemitério numa BMW cinza que havia roubado da gangue três dias antes.

Ele parou a quase cem metros atrás deles, seus faróis desligados, enquanto um dos Garças saía do Mercedes e abria com tudo o portão de ferro forjado caindo aos pedaços. Esperou até entrarem no cemitério, então se esgueirou para fora da BMW, pegou o arco e a aljava de flechas do banco traseiro, puxou o capuz sobre a cabeça e cruzou a rua atrás deles.

O muro de tijolos de um metro e oitenta em torno do cemitério estava manchado com a imundície da cidade e esfarelando com a idade. Ele o escalou facilmente e desceu sem fazer nenhum ruído.

O Mercedes estava em algum lugar perto do centro do cemitério. O motorista desligou o motor e os faróis enquanto Brennan observava. As portas do carro se abriram e fecharam num estrondo. Ele não conseguia ouvir ou ver nada de significativo de onde estava. Precisava se aproximar dos Garças.

Era uma noite escura, a lua cheia seguia escondida atrás das nuvens densas e móveis. As árvores que cresciam selvagemente dentro do cemitério filtravam a maior parte daquela luz urbana que havia. Ele se moveu lentamente na escuridão, os sons dos passos cobertos pelo soprar do vento com uma centena de vozes sussurrando através dos galhos acima.

Como uma sombra deslocando-se entre as sombras, ele movia-se atrás de uma antiga lápide grossa, inclinada como um dente torto na boca de um gigante despenteado. Ele observava três dos Garças entrarem em um mausoléu que antigamente fora a glória suprema do cemitério. O monumento de uma família rica no passado, e agora esquecida, foi entregue à decadência assim como o restante do cemitério. Sua estrutura em mármore erodiu com a chuva ácida e os cocôs de pássaro, seus detalhes dourados descascaram durante tantos anos de negligência. Um dos Garças ficou para trás enquanto os outros atravessaram a porta de ferro forjado para o interior do mausoléu. Ele fechou a porta atrás dos outros e recostou-se na parede frontal do sepulcro. Acendeu um cigarro e seu rosto brilhou por um instante sob a chama do fósforo. Era Chen, o tenente dos Garças que Brennan esteve seguindo nas últimas duas semanas.

Brennan agachou-se atrás de uma lápide, franzindo a testa. Sabia, desde o Vietnã, que Kien estava direcionando heroína para os Estados Unidos através de uma gangue de rua de Chinatown chamada Garças Imaculadas. Sondou a gangue e agarrou-se a Chen, que parecia ser do alto escalão da organização, com a esperança de encontrar provas concretas da ligação dos Garças com Kien. Testemunhou uma dúzia de crimes nas últimas semanas, mas não descobriu

nada no que dizia respeito a Kien.

Havia algo inexplicável. Nas últimas semanas houve um fluxo de entrada incrível de heroína na cidade. Foi tão abundante que o preço de rua despencou e ocorreu um número recorde de overdoses. Os Garças Imaculadas, por meio de quem a droga chegava, estavam vendendo a preços baixíssimos, roubando clientes a torto e a direito da Máfia e do pessoal do Harlem de Sweet William. Contudo, Brennan foi incapaz de descobrir como conseguiram a droga de forma tão barata e abundante.

Esconder-se atrás de uma lápide não estava levando a lugar algum. As respostas, se o cemitério tivesse alguma, estariam no mausoléu.

Decidido, puxou uma flecha da aljava presa com velcro em seu cinto e prendeu-a na corda do arco. Respirou fundo, levemente, uma, duas vezes, tomou fôlego e se levantou. Quando o fez, vislumbrou o nome talhado na pedra desgastada da lápide. Arqueiro. Esperava que não fosse um mau presságio.

Não foi um tiro difícil, mas ainda recorria ao treinamento zen para limpar a mente e firmar os músculos. Mirou um metro mais baixo e um pouco à esquerda da ponta brilhante do cigarro e, quando chegou o tempo certo, deixou o cordão deslizar dos dedos.

Seu arco era um composto de quatro rodízios com cames elípticos que, assim que o ponto de tensão fosse alcançado, reduziam o empuxo inicial de 120 libras para 60. O cordão de náilon do arco trilava, mandando a seta através da noite como um falcão planando sobre um alvo distraído. Ele ouviu um baque e um gemido estrangulado quando a flecha atingiu o objetivo. Esgueirou-se para fora das sombras como um animal precavido e correu para onde Chen jazia curvado contra a parede do mausoléu.

Ele se demorou tempo suficiente para garantir que Chen estava morto e deixar uma de suas cartas, um ás de espadas plastificado, enfiado na ponta da flecha que varou as costas de Chen.

Encaixou outra flecha na corda do arco e abriu com um ranger a porta de ferro forjado que fechava o interior da tumba. Dentro, uma escadaria de 12 degraus descia para outra porta circundada por um halo mortiço, luz contínua que queimava numa câmara além dela. Esperou um momento, ouvindo, então desceu as escadas em silêncio. Parou diante da porta da câmara interna para ouvir novamente. Alguém andava para lá e para cá. Contou até vinte, lentamente, mas ouviu apenas passos quietos, arrastados. Havia chegado até aí. Não fazia sentido voltar.

Brennan passou pela porta e ficou sobre um joelho, a corda do arco esticada atrás da orelha. Um homem vestindo as cores dos Garças Imaculadas estava na sala. Contava sacos plásticos de pó branco e marcava o cômputo na folha de papel sobre uma prancheta. Ficou boquiaberto, surpreso, quando Brennan soltou a flecha. Acertou-o no meio do peito e o lançou para trás sobre uma pilha de chaves na altura dos joelhos.

Brennan avançou para dentro da câmara, mas o Garça estava tão morto quanto todos os outros no cemitério no momento em que Brennan o alcançou. Brennan baixou os olhos para o corpo e vasculhou ao redor.

O que aconteceu aos outros dois Pássaros da Neve que tinham entrado no sepulcro? Desapareceram no ar. Ou, mais provavelmente, pensou Brennan, através de uma porta escondida em uma das paredes.

Prendeu o arco nas costas e verificou as paredes, correndo as mãos sobre elas, procurando

fendas e rachaduras, batendo e tentando ouvir um som oco. Terminou uma parede sem encontrar nada e começava a próxima quando ouviu um sopro abafado de ar nas costas e sentiu a brisa morna, úmida.

Ele se virou. O olhar de surpresa em seu rosto casava com aquele dos dois homens que apareceram do nada no meio do mausoléu. Um, que vestia as cores dos Garças, tinha mochilas presas sobre cada ombro. O outro, um curinga magro com aparência reptiliana, carregava o que parecia uma bola de boliche. Brennan percebeu com algum espanto que eles desapareceram como por encanto. E agora estavam de volta.

O Garça com as mochilas pesadas estava mais perto dele. Brennan pegou o arco, sacudiu como um taco de beisebol e bateu no lado da cabeça do Garça. O homem despencou com um grunhido, caindo ao lado do estrado carregado com heroína.

O curinga recuou, sibilando. Era mais alto que Brennan e magro ao ponto da emaciação. Seu crânio era liso, o nariz uma leve protuberância com narinas alargadas. Incisivos longos demais projetavam-se do maxilar. Encarava Brennan sem piscar. Quando abriu a boca sem lábios e chiou, expôs uma língua bifurcada que se movia freneticamente na direção de Brennan. Ele agarrou a bola de boliche com mais força.

Brennan percebeu que, na verdade, não era uma bola de boliche que o curinga segurava. Era o mesmo tamanho e formato, mas não tinha furos para os dedos e, quando Brennan prestou atenção, o ar ao redor começou a pulsar com pontos piscantes de energia reluzente. Era uma espécie de dispositivo que possibilitou ao curinga e ao seu companheiro materializarem-se dentro do mausoléu. Estavam usando aquilo para trazer heroína de… algum lugar. E o curinga estava reativando-a.

Brennan golpeou na direção do curinga, que se esquivou com facilidade e uma graça fluida. O brilho em torno do artefato ficava cada vez maior. Brennan deixou o arco cair e se aproximou, determinado a tomar o dispositivo do curinga antes que ele pudesse escapar ou voltar as energias daquela coisa sobre ele.

Agarrou o curinga facilmente, mas descobriu o inesperado: seu oponente era forte. O curinga girou e livrou-se das mãos de Brennan de uma forma estranhamente fluida, como se os ossos fossem flexíveis por completo. Eles se engalfinharam por um momento e, então, Brennan se viu encarando o curinga, rostos a poucos centímetros de distância.

A língua longa e grotesca do curinga se projetou, acarinhando o rosto de Brennan de um jeito vagaroso, quase sensual. Brennan, involuntariamente, recuou, expondo pescoço e garganta ao curinga mais alto. O reptiliano arremessou-se para a frente, soltando o estranho dispositivo, e cravou os dentes no lado do pescoço de Brennan próximo ao ombro.

Brennan sentiu os dentes do curinga perfurando sua carne. O curinga mexia a boca, bombeando saliva na ferida. A área em torno da mordida ficou adormecida quase imediatamente, e Brennan entrou em pânico.

Uma onda de força induzida pelo horror permitiu que ele se livrasse do abraço do curinga. Sentiu sua carne rasgar, o sangue correu pelo pescoço e peito. A dormência espalhou-se rapidamente no seu lado direito.

O curinga deixou Brennan se afastar com o dispositivo. Sorriu com crueldade e lambeu o sangue de Brennan do queixo com a língua bifurcada e trêmula.

Ele me envenenou, Brennan pensou, reconhecendo os sintomas de uma neurotoxina de ação rápida. Sabia que estava em perigo. Não era um ás. Não tinha proteção ou defesas especiais, nem armadura ou constituição fortalecida. O curinga estava confiante na eficácia de seu veneno. Afastou para observar Brennan morrer. Brennan sabia que precisava de ajuda, e rápido. Havia apenas uma pessoa que poderia ser capaz de reverter o dano do veneno que já estava devastando seu corpo. Ela estaria agora na clínica do Bairro dos Curingas, a clínica de Tachyon, mas não havia como chegar até ela. Já sentia que estava difícil ficar em pé quando seu coração bombeou o veneno para todas as células do corpo.

Mai poderia ajudá-lo, se ele pudesse alcançá-la.

Brennan tentou gritar o nome dela com uma onda de energia desesperada.

Mai!

Tomou consciência, de modo leve, da pulsação correspondente de energia no aparelho que ele aninhava no peito. Sentiu calor e conforto enquanto o abraçava. O sorriso do curinga transformou-se num franzir de testa. Ele sibilou e pulou para a frente. Brennan não conseguia se mover, mas não importava.

Houve um instante de desorientação agoniante que a mente e o corpo adormecidos sentiram apenas pela metade e, então, ele estava num corredor bem iluminado, pintado com cores suaves. Mai estava em pé, falando com um homem pequeno, magro, com roupas afetadas e cabelos longos, ruivos e cacheados.

Eles se viraram e o encararam com espanto. O próprio Brennan estava além daquele sentimento.

— Veneno — ele resmungou através de lábios endurecidos, pesados, e caiu, soltando o artefato e mergulhando na escuridão profunda.

Era uma escuridão espiralada, estrelada, cheirando a selva musgosa. As agulhadas de luz espalhadas pela sua consciência eram as pontas dos cigarros dos seus homens e as estrelas distantes dispersas pela noite vietnamita. Havia silêncio ao redor dele, quebrado apenas pelos sons de uma respiração suave e os ruídos feitos pelos animais no fundo da selva. Ele olhou de relance para os números luminosos do relógio de pulso. Quatro da manhã.

Gulgowski, seu primeiro-sargento, estava agachado ao seu lado no matagal.

— É tarde — sussurrou Gulgowski.

Brennan deu de ombros.

— Os helicópteros estão sempre atrasados. Vão chegar aqui.

O sargento resmungou de forma evasiva. Brennan sorriu noite adentro. Gulgowski sempre foi pessimista, sempre aquele a ver o lado sombrio das coisas. Porém, isso nunca o impediu de fazer o extraordinário quando as coisas ficavam sérias, nunca o impediu de levantar os outros quando sentiam que não havia esperança.

De longe veio o ruído, vup-vup, de um helicóptero. Brennan virou-se para ele, esgarçando os dentes num sorriso. Gulgowski cuspiu em silêncio no chão da selva.

— Apronte os homens. E guarde aquela pasta. Custou muito consegui-la.

Mendoza, Johnstone, Big Al… três dos dez homens escolhidos para o esquadrão que

Brennan havia conduzido num ataque ao quartel-general regional vietcongue estavam mortos. Mas eles alcançaram seu objetivo. Capturaram documentos que provavam o que Brennan suspeitava havia muito tempo. Alguns homens do Exército vietnamita e do Exército norte-americano eram sujos, estavam trabalhando com o inimigo. Teve apenas uma chance de olhar os papéis antes de enfiá-los na pasta, mas confirmavam as suspeitas de que o chefão, o traidor mais vil, era Kien, general do Exército da República do Vietnã. Esses papéis acabariam com ele.

O helicóptero aterrissou numa clareira, e Gulgowski, agarrado às provas que condenariam um bando de homens como traidores, apressava os outros para sua ida para casa. Brennan esperava no matagal, olhando para a trilha da qual ele esperava os vietcongues perseguidores surgirem a qualquer momento. Finalmente convencido de que haviam despistado os perseguidores, voltou para a clareira, quando uma saraivada devastadora de balas estourou inesperadamente na noite.

Ele ouviu os gritos dos homens, de lado, e sentiu um estalo intenso de dor quando um cartucho acertou sua testa. Ele caiu e seu rifle rolou para dentro da escuridão. Os tiros tinham vindo da clareira. Do helicóptero.

Ele se estirou silenciosamente no chão, olhando para a clareira com os olhos nublados de dor. Seus homens jaziam espalhados à luz das estrelas. Todos haviam tombado. Outros homens caminhavam entre eles, buscando. Ele piscou para tirar o sangue dos olhos quando um dos que procuravam, vestido com um uniforme do Exército vietnamita, atirou na cabeça de Gulgowski quando este tentava se erguer.

Um facho de luz realçou o rosto do assassino. Era Kien. Brennan engoliu os xingamentos quando viu um dos seus carrascos arrancar a pasta da mão morta de Gulgowski e entregar para o outro. Kien fuçou nela, balançou a cabeça satisfeito e então, metodicamente, queimou seu conteúdo. Enquanto os papéis queimavam, Kien encarava a selva, procurando por ele, Brennan sabia. Amaldiçoou o choque paralisante que tomou conta do corpo, fazendo-o tremer como se tivesse febre. A última coisa da qual se lembrava era de Kien andando até o helicóptero a passos largos e, então, o choque o levou à inconsciência.

Não havia luzes naquela escuridão, mas de repente mãos de um fogo frio estavam sobre suas bochechas. Queimavam com um toque tranquilizante. Sentiu toda a sua dor e pesar e ódio sendo extraídos aos poucos, pedacinho por pedacinho, levados dele como uma capa gasta. Respirou fundo, contente por permanecer na escuridão curativa, quando um mar de serenidade inefável o inundou. Para ele havia acabado, pensou, os conflitos, os assassinatos. *Nenhum assassinato resultou em nada bom. O mal sobreviveu. O mal e Kien. Matou meu pai, mas não posso, não deveria fazer mal a ele. É errado fazer mal a outro ser consciente, errado…*

Confuso, Brennan se esforçou para abrir os olhos. Não estava no Vietnã. Estava num hospital. Não, na clínica do Bairro dos Curingas, do Dr. Tachyon. Um rosto estava bem junto ao seu, olhos fechados, boca retorcida com força. Jovem, feminino, lindo de um jeito sereno, embora tocado agora pela dor extrema. Mai. Seu cabelo longo e brilhante envolvia o rosto como as asas de um pássaro. As mãos estavam pressionadas contra suas bochechas. O sangue pingava nas costas das mãos entre os dedos afastados.

Estava usando seu poder carta selvagem para tomar o corpo ferido dele para si, fazer os

reparos e mandar o corpo de Brennan fazer o mesmo. Tinham mentes e existências mescladas, e ele, por um instante, tornou-se algo dela, enquanto ela se transformava em algo dele. Numa fusão desordenada de memórias, ele vivenciou a dor que ela sentiu depois da morte do pai provocada pelas mãos dos homens de Kien.

Ela abriu os olhos e sorriu com a serenidade de uma madona.

— Olá, capitão Brennan — disse ela numa voz tão baixa que apenas ele pôde ouvir. — Você está bem de novo.

Ela tirou a palma das mãos do rosto dele e a mistura das mentes cessou com a quebra do contato físico. Ele suspirou, já sentindo falta de seu toque, da serenidade que nunca conseguiria encontrar em si mesmo, nem em mil anos.

O homem que estava com Mai no corredor veio até seu leito. Era o Dr. Tachyon.

— Ficou crítico por um momento — disse Tachyon com um olhar de preocupação no rosto. — Graças a Ideal, por Mai… — Ele deixou a voz desaparecer, olhando Brennan com atenção. — O que aconteceu? Como conseguiu o deslocador de singularidade?

Brennan sentou-se com cuidado. A dormência havia desaparecido do seu corpo, mas ainda se sentia zonzo e desorientado pelo tratamento de Mai.

— É assim que se chama? — perguntou. Tachyon concordou com a cabeça. — O que é?

— Um dispositivo de teletransporte. Um dos artefatos mais raros da galáxia. Pensei que estivesse desaparecido, perdido para sempre.

— É seu, então?

— Tive por um momento. — Tachyon contou a Brennan a história do deslocador de singularidade peripatético, ao menos o que sabia.

— Como os Garças conseguiram isso?

— Oi? — Tachyon olhou de Brennan para Mai. — Garças?

— Uma gangue de Chinatown. Os Garças Imaculadas. Também são conhecidos como Pássaros da Neve, porque controlam boa parte do comércio de drogas pesadas da cidade. Aparentemente, estavam usando o dispositivo deslocador para traficar heroína. Peguei isso deles, mas fui ferido por um dos seus mais… extraordinários agentes.

— Desapareceu quando aterrissamos no Harlem — disse Tachyon. — Talvez um Garça estivesse na multidão que se reuniu ao nosso redor?

— E pegou, sabendo o que era? Muito difícil — Brennan disse bem baixo, seu olhar voltando-se para dentro de si. — Muito difícil mesmo. Além disso, o Harlem não é área dos Garças. Têm agentes lá, mas não muitos.

— Bem, seja lá o que tenha acontecido, estou feliz que aconteceu — disse Tachyon. — Traz a possibilidade de uma alternativa esplêndida ao plano ridículo de Lankester de atacar o Enxame no espaço.

— O Enxame? — Brennan soube dos invasores alienígenas semiconscientes que tentaram abrir uma cabeça de ponte na Terra nos últimos meses, mas a luta contra eles até então havia passado longe dele. — Que utilidade isso teria, essa coisa deslocadora contra o Enxame?

— É uma longa história. — Tachyon suspirou e passou a mão no rosto. — Um homem do Departamento de Estado chamado Lankester está no comando da Força-Tarefa Anti-Enxame. Está me incomodando há semanas para eu usar minha influência com os ases para convencê-

los a atacar a Mãe do Enxame – a fonte dos ataques do Enxame – que está numa órbita excêntrica em torno do Sol. É uma ideia estúpida, claro. Seria suicídio, até mesmo para os mais poderosos ases, subir lá para combater aquela coisa. Seria como insetos lançando-se contra um elefante. Porém, o deslocador de singularidade apresenta algumas possibilidades interessantes.

— Pode teleportar um homem até aquela distância? — Brennan perguntou, vendo ele mesmo algumas delas.

— Alguém totalmente não familiarizado com ele, por exemplo, digamos, você — disse Tachyon —, poderia usar o deslocador para se teleportar até distâncias curtas. Precisaríamos de um telepata poderoso para alcançar a Mãe do Enxame. Mas poderia ser feito. Um homem poderia se deslocar para o interior da coisa. Um homem armado com, digamos, um dispositivo nuclear tático.

Brennan concordou com a cabeça.

— Entendo.

— Tinha certeza de que entenderia. Estou explicando isso tudo para você porque, falando de forma pragmática, o deslocador de singularidade é seu.

Brennan olhou de Tachyon para Mai, erguendo-se silenciosamente na lateral da cama, e de volta para Tachyon. Tinha a sensação de que Mai disse algo a Tachyon sobre ele, mas sabia que Mai diria ao doutor apenas o que deveria. E simplesmente porque confiava nele.

— Estou em dívida com você — disse Brennan. — É seu.

Tachyon pegou no braço de Brennan de forma cordial e amigável.

— Obrigado — falou. Olhou para Mai, olhou para Brennan novamente. — Sei que está envolvido numa espécie de vingança com pessoas aqui da cidade. Mai me disse algo sobre isso ao explicar as próprias histórias e habilidades. Sem detalhes. Eles não foram necessários. — Ele fez uma pausa. — Conheço muito bem as dívidas de honra.

Brennan fez que sim com a cabeça. Acreditava em Tachyon e, até um ponto, confiava nele. Tachyon provavelmente não tinha relação com Kien, mas um dos ases que estavam com ele — Tartaruga, Fantasia ou Viajante — tinha. Um deles deve ter roubado o deslocador e dado para Kien. E Brennan, algum dia, de alguma forma, descobriria que ás fez aquilo.

II.

Brennan saiu da clínica um pouco antes da meia-noite e foi para casa, o apartamento de um quarto nas cercanias do Bairro dos Curingas, base de suas operações. Havia uma lógica de aglomeração organizada no apartamento, que consistia em banheiro, área de cozinha e sala de estar com um sofá-cama, uma cadeira de balanço antiga e uma bancada de trabalho obviamente feita à mão e entulhada com equipamentos que qualquer fabricante de arcos reconheceria. E alguns que um fabricante não saberia o que eram.

Ele puxou o sofá para virar cama, tirou a roupa e deitou-se com um suspiro esgotado. Dormiu por 24 horas, concluindo o processo de cura que Mai havia iniciado. Quando acordou, sua fome era voraz, e estava preparando algo para comer quando ouviu uma leve batida na

porta. Ele espiou pelo olho mágico. Era, como esperava, Mai, a única pessoa que sabia onde ele morava.

— Problemas? — Brennan perguntou, vendo a preocupação em seus traços geralmente plácidos. Deu um passo para o lado e a deixou entrar.

— Não sei. Acho que sim.

— Me conte. — Ele foi para trás do balcão que dividia a cozinha do restante do apartamento e despejou a água da chaleira que assobiava no fogão em duas xícaras pequenas e sem alça. Eram de porcelana, pintadas à mão com as cores de um sonho. Eram mais velhas que os Estados Unidos e os objetos mais preciosos que Brennan possuía. Ele entregou uma para Mai na cadeira de balanço e sentou-se na cama amarrotada diante dela.

— É o Dr. Tachyon. — Ela bebericou o chá quente, aromático, reunindo pensamentos. — Ele está agindo… de forma estranha.

— Em que sentido?

— Ficou brusco, mandão. E está negligenciando seus pacientes.

— Desde quando?

— Desde ontem, desde que voltou da reunião com o homem do Departamento de Estado. Tem outra coisa.

Ela equilibrou a xícara preciosa no colo e pegou um jornal dobrado da bolsa que havia deixado ao lado da cadeira.

— Viu isto?

Brennan balançou a cabeça.

A manchete gritava TACHYON LIDERA ATAQUE DE ASES CONTRA AMEAÇA ESPACIAL. Uma imagem abaixo das letras em negrito mostrava Tachyon em pé com um homem identificado como Alexander Lankester, chefe da Força-Tarefa Anti-Enxame. O artigo que acompanhava declarava que Tachyon estava recrutando ases para acompanhá-lo no ataque contra a Mãe do Enxame que orbitava ao redor da Terra além do alcance balístico dos mísseis. Capitão Viajante e Modular já haviam concordado em seguir com ele.

Algo estava errado, pensou Brennan. Tachyon esperava que o deslocador de singularidade encerrasse o pedido daquele ataque inútil. Em vez disso, parecia que o oposto estava acontecendo.

— Acha que o governo está chantageando o doutor para que ele faça isso? — Brennan perguntou. — Ou está controlando a mente dele de alguma forma?

— É possível — Mai deu de ombros. — Sei apenas que ele pode precisar de ajuda.

Ele olhou para ela por um bom tempo e ela devolveu o olhar calmamente.

— Ele não tem amigos?

— Muitos de seus amigos são curingas pobres, desesperados. Outros são difíceis de achar. Ou podem não estar inclinados a agir com tanta rapidez se o governo estiver envolvido de alguma forma.

Brennan levantou-se e virou-se de costas para ela enquanto levava a xícara de volta ao balcão. A rede de relacionamentos humanos estava se estendendo, enlaçando-o no seu domínio grudento novamente. Ele jogou fora o resíduo do chá na pia e olhou para o fundo da xícara. Era o azul de uma piscina perfeita, sem fundo, o azul de um céu vazio, infinito. Olhar para ele

era como contemplar o vazio. Era agradável em sua tranquilidade absoluta, mas não era, Brennan percebeu, seu caminho particular para a iluminação.

Ele virou para Mai novamente, decidido.

— Tudo bem. Vou verificar. Mas não sei nada sobre coisas como controle da mente. Vou precisar de alguma ajuda.

Ele pegou o telefone e discou um número.

Brennan raramente esteve nas salas públicas do Crystal Palace, embora tivesse passado mais de uma noite nos quartos do terceiro andar. Elmo assentiu com a cabeça quando ele entrou, sem comentar sobre o estojo que carregava. O anão apontou para a mesa de canto onde Crisálida estava sentada com um homem vestindo jeans preto e jaqueta de couro marrom. Tinha traços bonitos, regulares, exceto pela testa inchada.

— Você — disse Fortunato quando Brennan foi até a mesa. Olhou de Brennan para Crisálida. Ela o observou com um olhar tranquilo, o sangue pulsando continuamente pelas artérias da garganta transparente como vidro. Ela olhou para Brennan e balançou a cabeça, fria, sem mostrar nenhum sinal da paixão que Brennan conhecera dos tempos que ele passava no terceiro andar do Crystal Palace.

— Este é o Yeoman — disse ela enquanto Brennan sentava-se à mesa, na terceira cadeira. — Acredito que tenha algumas informações que você achará interessantes.

Fortunato franziu o cenho. Seu último encontro não fora exatamente cordial, embora não houvesse uma verdadeira animosidade entre os dois.

— Corre o boato de que vocês estão procurando uma maneira de chegar ao Enxame. Sei de algo que poderia ajudar.

— Sou todo ouvidos.

Brennan falou para ele sobre o deslocador de singularidade. Não contou mentiras, mas escondeu as coisas com destreza, tendo sido treinado por Crisálida quanto à abordagem que mais provavelmente levaria Fortunato a ajudá-lo a investigar o estranho comportamento de Tachyon.

— Que mais você pode fazer além de zerar a mente? — Fortunato perguntou quando Brennan terminou de contar a história.

— Posso cuidar de mim mesmo. E de muitos outros que poderiam tentar interferir em nossos planos.

— Você é aquele matador maluco que os jornais estão especulando ultimamente?

Brennan pôs a mão no bolso de trás das calças e puxou uma carta. Deixou-a na mesa com a frente para cima diante de Fortunato. O mago-cafetão olhou para ela e balançou a cabeça.

— Eu e o Sombra somos os únicos ases de espadas que eu conheço. — Ele encarou Brennan. — Mas acho que há espaço para mais um. A única coisa que não entendo é o que vai ganhar com isso — disse ele, virando-se para Crisálida.

— Se funcionar, o que eu quiser. De vocês dois…

Fortunato grunhiu. E levantou-se.

— Sim. Você sempre quer. Bem, vamos lá. É melhor verificarmos se aquele dândi

alienígena está com todos os parafusos na cabeça.

Brennan dirigiu através da escuridão do início da manhã até o apartamento de Tachyon. De canto de olho, ele flagrava Fortunato observando-o às vezes, mas o ás preferiu não perguntar nada. Fortunato não o aceitara, Brennan percebeu, e ainda estava cauteloso e alerta, senão totalmente desconfiado. Mas tudo bem, porque ele também não estava à vontade com Fortunato.

Estacionou a BMW no beco ao lado do prédio de Tachyon. Ele e Fortunato saíram e olharam para o prédio.

— Vamos entrar pela porta da frente — quis saber Fortunato — ou pela porta de trás?

— Se houver uma escolha, minha política é sempre entrar pelos fundos.

— Cara esperto — murmurou Fortunato —, cara esperto.

Fortunato observou com expressão dúbia, mas não disse nada quando Brennan pegou o estojo do porta-malas da BMW, abriu-o, prendeu seu arco composto às costas e, em seguida, a aljava de flechas ao cinto.

— Vamos.

Seguiram para o fundo do prédio, e Fortunado queimou um pouco de energia psíquica para descer a escada de incêndio. Seguiram com passos leves pela escada até chegarem à janela do apartamento de Tachyon, e espiaram para dentro do quarto.

O quarto, iluminado pela luz de um abajur derrubado, estava um pandemônio. Havia sido bagunçado por alguém que procurava algo com impaciência e não se importou em colocar as coisas nos lugares. Brennan e Fortunato olharam-se.

— Algo estranho está acontecendo — Fortunato murmurou.

A janela estava trancada, mas aquilo não era obstáculo para Brennan. Removeu um círculo de vidro da janela inferior com um cortador, enfiou a mão pelo furo, destravou-a e, silenciosamente, deslizou-a para cima. Estendeu um braço, impedindo Fortunato de entrar, e pousou o dedo sobre os lábios. Espreitaram por um instante, mas não ouviram nada.

Brennan entrou primeiro, pulando pelo peitoral da janela tão silenciosamente quanto um gato, o arco aberto na mão esquerda, a direita pairando sobre a aljava presa com velcro ao cinto. Fortunato o seguiu, fazendo barulho suficiente para Brennan olhá-lo com um ar acusador. O ás deu de ombros, e Brennan seguiu pelo quarto. No corredor que levava para a cozinha, sala de estar e quarto de hóspedes, ouviram uma série de ruídos, batidas ocas e sons ocasionais de coisas se estilhaçando, como se aquele quem procuravam, descuidado ou indiferente, estivesse revirando os cômodos dentro do apartamento.

Seguiram em silêncio pelo corredor, passando pela porta fechada do quarto de hóspedes. O corredor abria-se para a sala de estar do apartamento, que parecia tão devastada quanto uma área de trailers após um tornado. Um homem baixote, magro com cabelos longos e encaracolados arrancava os livros metodicamente das prateleiras, olhando atrás deles.

— Tachyon — disse Brennan em voz alta.

Ele se virou e olhou para os dois no corredor, totalmente calmo, sem sobressalto. Encarou-os, sem expressão alguma no rosto.

Fortunato, de repente, pousou uma das mãos nas costas pequenas de Brennan e o empurrou, fazendo-o cair sobre o tapete.

— Não é Tachyon — gritou.

Os próximos segundos pareceram para Brennan como se estivesse vendo uma fita de vídeo avançando rápido. Fortunato estava fazendo algo com o tempo. Transformou-se num rojão indistinto atravessando o ar na direção do Tachyon falso, mas foi jogado para o lado logo que os dois se tocaram.

Brennan puxou uma flecha e lançou-a da sua posição de joelhos.

A flecha era feita com penas vermelhas e pretas. O corpo era de alumínio oco cheio de explosivos plásticos. Sua ponta era um detonador sensível ao toque. A flecha era pesada demais para ser estável no quesito aerodinâmica em longas distâncias, mas a coisa disfarçada de Tachyon estava a menos de oito metros.

A flecha de Brennan atingiu-o no alto do peito e explodiu, mandando um banho de carne e gosma verde sobre a sala. A coisa foi arremessada para trás pelo impacto. Sua metade superior desapareceu, deixando um par de pernas se retorcendo, presas a um tronco que espalhava órgãos não humanos e vazava uma secreção verde e espessa. Foi momentos antes de as pernas interromperem suas tentativas de caminhar.

— O que era aquela coisa? — Brennan gritou sobre o barulho em seus ouvidos.

— Sei lá! — disse Fortunato, erguendo-se de onde a coisa o havia jogado. — Tentei rastrear sua mente, mas não havia mente. Nada humano ao menos.

— Parecia com Tachyon — disse Brennan numa voz mais baixa, sua audição voltando ao normal. — Até o último detalhe. — Franziu a testa, olhou para Fortunato. — A mente de Tachyon não foi tomada. Ele foi substituído.

— Quando foi a última vez que você o viu para ter certeza que era o Tachyon verdadeiro?

— Ontem. Na clínica. Antes ele foi a uma reunião no Hotel Olympia com aquele tal Lankester do Departamento de Estado.

— Vamos verificar.

♠

O velho frágil, de cabelos brancos, no uniforme de ascensorista, ergueu Brennan sobre a cabeça e lançou-o contra a parede. Brennan bateu com força na parede e deslizou para o tapete, buscando ar como um cão arfante. Estava em perigo.

O ascensorista avançou sobre ele, sem expressão no rosto vincado. Brennan ergueu-se sobre os joelhos, os pulmões queimando, e viu os olhos do porteiro revirando-se para dentro da cabeça. O ascensorista cambaleou para trás, girando as pernas como se fosse pego num vento de furacão. Fez uma dança trôpega maluca e lançou-se pela janela no fim do corredor. Foi um longo caminho até a rua lá embaixo.

Brennan se recompôs enquanto Fortunato estalava os dedos diante do corpo. Pegou o braço de Brennan e disse:

— Sem cérebro para controlar, mas é possível empurrá-los por aí.

— Alguém provavelmente ouviu isso — Brennan engasgou, o ar voltando aos pulmões.

— Eu poderia ter deixado ele te esmagar.

— Lá está. — Ele deu um suspiro profundo e agradecido. — Precisamos ser discretos por um tempo.

Pararam diante de um dos quartos.

— Que tal este aqui? — Fortunato perguntou. Brennan deu de ombros, em silêncio. Fortunato pousou a mão na maçaneta e estendeu a mente. Arruelas estalaram, pinos se ergueram e a porta abriu.

— Levará um tempo até nos rastrearem — o ás disse quando entraram no escuro quarto de hotel. — Quantos agentes você acha que eles têm?

— Não sei — disse Brennan, esticando as costas doloridas com cuidado. — Mais do que eu suspeitaria, com certeza.

— Pensei que fosse mais astuto.

Brennan balançou a cabeça. O plano era ele cuidar do andar onde a suíte de Lankester estava localizada, reunindo as informações que conseguisse, enquanto Fortunato usava os poderes mentais para monitorar seu progresso a partir da escadaria. O ascensorista falso o reconheceu e o atacou quase imediatamente. Foi tudo que Brennan conseguiu fazer para aguentar até Fortunato chegar.

— Melhor tentarmos o plano alternativo — disse Brennan.

— Pode levar algum tempo.

Fortunato sentou-se numa das camas duplas, pernas cruzadas à frente, costas eretas, mãos pousadas no colo. Olhava adiante para o nada. Brennan estava em pé entre ele e a porta, ouvindo sons do corredor, enquanto tirava arco e aljava de flechas do estojo que Fortunato manteve com ele enquanto sondava o hotel.

Fortunato parecia mergulhado num transe profundo, quase igual, Brennan pensou, quando um aluno de Zen descia ao zazen, o estado de meditação. Após um momento, um par de chifres de carneiro materializaram-se na testa inchada de Fortunato, reluzente e indistinto na escuridão.

Brennan observou com lábios apertados. Seu treinamento zen havia ensinado que não havia essa coisa de magia, mas aqui estava a prova contrária, bem diante dos seus olhos. O que seria magia, talvez, além de ciência não explicada?

Brennan arquivava a questão para meditação posterior quando Fortunato abriu os olhos de repente. Eram poços de escuridão, suas pupilas tão dilatadas que quase engoliam as íris. A voz ficou rouca, um pouco trêmula.

— Estão por todos os lados, aquelas coisas — disse. — Ao menos vinte. Talvez mais. Não são humanos, nem mesmo da Terra. Suas mentes, se pudermos chamá-las assim, são alienígenas, muito além da minha experiência.

— São criaturas do Enxame?

Fortunato levantou-se com graça fluida, fácil, e deu de ombros.

— Pode ser. Pensei que o melhor que podiam fazer eram cascos que pareciam com pãezinhos de Pillsbury. Pensei nos mensageiros e merdas como essa que estavam além deles.

— Talvez eles tenham refinado sua técnica. — Brennan ergueu a mão, apertando o ouvido contra a porta. Os passos no corredor lá fora passaram pelo quarto deles, enquanto ele e Fortunato aguardavam em silêncio.

— E Tachyon?

Fortunato franziu o cenho.

— Encontrei uma mente humana. Uma camareira. Não percebeu nada estranho acontecendo.

Um pouco irritada porque os hóspedes neste andar não dão boas gorjetas. Não dão gorjeta nenhuma na verdade. Também encontrei algo nos elevadores. Pode ter sido a mente de Tachyon, mas há um véu sobre ela, uma cerca ao redor. Consegui pegar apenas noções vagas, filtradas. Estavam cheias de cansaço. E dor.

— Poderia ser Tachyon?

— Poderia.

Brennan deu um suspiro profundo.

— Algum plano?

— Nenhum.

Os dois se olharam. Brennan tocou a aljava ao lado.

— Queria que você tivesse uma arma — disse ele.

— Eu tenho. Várias. — Ele tocou a testa. — E estão todas aqui.

Esperaram até estar quieto no corredor lá fora, então abriram a porta e moveram-se rapidamente. Correram o máximo que puderam pelo corredor do hotel, entraram à direita quando chegou uma bifurcação, e viram-se num hall de elevadores. Em um nicho lateral havia algo que parecia um armário de roupas de cama. Brennan encaixou uma flecha no arco e puxou para trás, enquanto Fortunato apontava para a porta aberta.

Brennan baixou o arco.

— Cristo abençoado! — ele murmurou. Fortunato olhou para ele e para o armário e congelou.

Tachyon estava lá dentro. Seu cabelo, encharcado de suor, caía sobre o rosto em cachos frouxos. Seus olhos fitavam através do emaranhado de cabelos. Estavam inchados e injetados, e vidrados com dor e exaustão. As prateleiras e roupas de cama haviam sido removidas do armário, dando lugar para Tachyon e para a coisa que o abraçava. Tachyon estava pressionado contra um leito grande e púrpura de biomassa que o prendia com vários tentáculos pegajosos pelo pescoço, peito, braços e pernas. A coisa pulsava ritmicamente, tremelicando como uma senhora gorda pulando numa cama d'água. Tachyon estava enfiado numa depressão na superfície da coisa que o apoiava em segurança, seguindo perfeitamente seus contornos e dimensões.

Seus olhos concentravam-se em Fortunato, voejando para Brennan.

— Me ajudem — resmungou, os lábios movendo-se por muitos momentos antes de qualquer som sair deles.

Brennan abaixou-se, puxou uma faca que carregava na bainha do tornozelo e rasgou os tentáculos que prendiam Tachyon àquela coisa. Foi como cortar borracha rígida e elástica, mas continuou a rasgar com raiva, ignorando as pulsações crescentes da coisa e a gosma verde que espirrava nele e em Tachyon.

Levou um minuto para cortar todos os tentáculos, mas ainda assim a coisa estava presa a Tachyon. Foi então que Brennan percebeu as ventosas presas ao lado e atrás do pescoço de Tachyon.

— Como tiramos você daí? — ele perguntou.

— Apenas puxe — Tachyon sussurrou.

O doutor finalmente estava livre. Caiu nos braços de Brennan, fedendo a suor, medo e

secreções alienígenas. Tinha palidez mortiça e sangrava em profusão dos pontos onde as ventosas tinham se prendido. Os ferimentos não pareciam sérios, mas não havia, Brennan percebeu, como dizer quanto poderiam ser danosos de verdade.

— Olhem só — disse Fortunato —, temos companhia.

Brennan olhou para o corredor. Uma dúzia de simulacros humanos estava se aproximando, vestidos de mensageiros, camareiras e homens e mulheres comuns em vestidos e ternos de três peças. No meio deles estava Lankester, do Departamento de Estado.

Brennan arrastou Tachyon para o elevador enquanto as criaturas avançavam em ritmo constante, os rostos serenos e extremamente sem emoção. Fortunato juntou-se a ele, um olhar preocupado no rosto.

— Que fazemos agora?

— Chame o elevador.

As coisas estavam a pouco mais de seis metros de distância quando ouviram o ruído de um elevador chegando.

— Pegue-o — disse Brennan, jogando a forma desengonçada e pouco consciente de Tachyon nos braços de Fortunato. Puxou uma flecha da aljava enquanto a porta do elevador se abria num ruído. Dentro estavam três homens de meia-idade vestidos em ternos conservadores e chapéus de *Shriners* na cabeça. Encararam com olhos arregalados enquanto Fortunato arrastava Tachyon para dentro. Fortunato olhou para eles.

— Térreo, por favor — disse ele. O homem que estava diante do painel de botões apertou-o automaticamente quando Fortunato impediu o fechamento da porta com o pé. Brennan encaixou três flechas explosivas no meio das criaturas que avançavam. A primeira atingiu Lankester no peito. A segunda e a terceira explodiram à esquerda e à direita dele, estourando sangue e protoplasma em todo o corredor do hotel. Ele pulou para dentro do elevador e Fortunato deixou a porta se fechar.

Brennan recostou-se no arco, dando um suspiro profundo e aliviado. Os *Shriners* amontoaram-se num dos cantos do elevador.

Fortunato olhou para eles.

— Primeira vez na cidade?

III.

— Então, Lankester foi substituído por um desses filhos do enxame da nova geração um tempo atrás? — Brennan perguntou.

Tachyon concordou com a cabeça e deu um grande gole da caneca que Mai lhe entregou. Estava cheia de café preto e espesso, batizado generosamente com conhaque.

— Antes mesmo de eu encontrá-lo… aquela coisa. Esse é o motivo pelo qual ela estava insistindo naquele plano de ataque insano. Sabia que não poderíamos realmente atingir a Mãe do Enxame, mas um ataque desses faria todos pensarem que algo concreto estava sendo feito para combater a ameaça. — Ele fez uma pausa, deu outro trago grande da caneca. — E há outra coisa. A Mãe do Enxame poderia querer espécimes de ases.

Brennan olhou para ele com uma interrogação no rosto.

— Espécimes?

— Para desmontar e replicar a partir de sua própria biomassa.

— Que merda — Fortunato murmurou. — Quer criar seus próprios ases.

Eles estavam no escritório de Tachyon, na clínica. Tachyon havia se limpado, mas ainda estava pálido e trêmulo pelo suplício que havia sofrido. Havia uma bandagem em torno do pescoço onde a criatura do Enxame havia prendido as ventosas.

— O que vai acontecer agora? — Brennan perguntou.

Tachyon suspirou, deixando a caneca de lado.

— Vamos atacar a Mãe do Enxame.

— O quê? — disse Fortunato. — Aquela coisa do Enxame bagunçou seus miolos? Você acabou de dizer que era insano atacar a Mãe.

— Era. É. Mas é a melhor opção em aberto para nós. — Ele olhou de Fortunato, que estava visivelmente incrédulo, para Brennan, que olhava para o nada, esquivo. — Olhe, o Enxame começou uma nova onda de ataques que é muito mais sofisticada que a anterior. Não há como dizer de que maneira conseguiram entrar no governo.

— Se conseguiram substituir Lankester — Brennan murmurou —, quem mais poderiam conseguir?

— Exatamente. Quem eles vão dominar? — Tachyon deu de ombros. — As possibilidades são impressionantes. Se pudesse substituir pessoas-chave o suficiente para levar isso adiante, não pensaria em começar uma troca nuclear mundial e simplesmente esperar o milênio necessário até a superfície do planeta estar novamente habitável. É óbvio que não podemos confiar em ninguém do governo para nos ajudar a atacar a Mãe do Enxame. Temos de fazer isso sozinhos.

— Como faremos isso? — Fortunato perguntou num tom que indicava que não fora vencido pelos argumentos de Tachyon.

— Temos o deslocador de singularidade — disse Tachyon, sua voz erguendo-se com entusiasmo. — Precisamos de uma arma. No passado, os takisianos usaram com sucesso armas biológicas contra as Mães do Enxame, mas as ciências biológicas de vocês não são sofisticadas o bastante para produzir uma arma adequada. Talvez eu possa inventar alguma coisa…

— Existe uma arma — uma voz baixinha disse. Os três homens se viraram e olharam para Mai, que estava em silêncio ouvindo a conversa.

Tachyon olhou para ela e então se aprumou na cadeira, derramando o café com conhaque na frente da túnica bordada.

— Não fale bobagem — disse ele, ríspido.

Fortunato olhou de Tachyon para Mai.

— O que é essa merda?

— Nada — disse Tachyon. — Mai trabalha comigo na clínica. Ela usa seu poder para ajudar alguns dos meus pacientes, mas estaria fora de questão ela se envolver nisso.

— Que poder?

Mai ergueu as mãos, palmas para a frente.

— Posso tocar a alma da pessoa — disse ela. — Nos tornamos uma e eu encontro a doença nela. Tomo a doença para mim e a amenizo, aliviando as curvas da estrutura vital e corrigindo as falhas. Então, nós duas podemos ficar bem novamente.

— Traduzindo isso significa o quê? — Fortunato perguntou.

— Ela manipula material genético — disse Tachyon com um suspiro. — Pode moldá-lo em quase qualquer formato que visualizar. Suponho que poderia usar o poder na Mãe do Enxame de forma reversa para causar a dilaceração celular em escala gigantesca.

— Ela pode causar câncer na Mãe? — Fortunato quis saber.

— Provavelmente poderia — Tachyon assentiu. — Se eu deixar que ela se envolva, o que eu não vou fazer. Seria um risco insano para uma mulher.

— É um risco insano para qualquer um — disse Fortunato, brusco. — Se ela é a melhor aposta contra aquela Mãe e quer tentar, eu digo para deixar que ela faça.

— E eu proíbo! — disse Tachyon, derrubando café da caneca enquanto esmurrava o braço da cadeira.

— Não depende de você proibir — disse Mai. — Preciso fazer isso. É meu carma.

Tachyon virou-se para Brennan.

— Você não consegue fazê-la entender?

Brennan balançou a cabeça.

— A decisão é dela — respondeu calmamente. Desejou poder concordar com Tachyon, mas Brennan sabia que não poderia interferir no carma de Mai, seu caminho escolhido para a iluminação. Porém, Brennan resolveu, ela não faria o trajeto sozinha.

— Está decidido, então — disse Fortunato, sem rodeios. — Levamos Mai até a Mãe do Enxame e ela injeta na coisa uma dose fatal de câncer. Eu também vou. Quero um pedaço daquela desgraçada para mim.

Tachyon olhou de Fortunato para Mai, em seguida para Brennan e viu que nada que ele pudesse dizer mudaria a opinião deles.

— Tudo bem — suspirou. Virou-se para Fortunato. — Você terá que energizar o deslocador de singularidade — disse Tachyon. — Não posso fazer isso. — Ele deslizou os dedos pelos cabelos encaracolados. — O broto exauriu alguns dos meus poderes ao tentar sugar minhas memórias para a duplicata de Tachyon. Não podemos esperar até que eles voltem. Porém, posso transportar um grupo até próximo à Mãe de Enxame na *Baby*. Fortunato pode mandar o grupo para dentro da Mãe do Enxame. Serão necessárias velocidade e discrição, mas os que estiverem lá dentro precisarão de alguma proteção. O Modular, talvez, ou talvez um dos amigos do Viajante…

Brennan balançou a cabeça.

— Você disse que seriam necessárias velocidade e discrição. Se mandar o Modular para lá, ele derrubaria as defesas da Mãe do Enxame rapidamente.

Tachyon massageou a testa de um jeito desconfiado.

— Você tem razão. Alguma sugestão?

— Claro. — Brennan deu um suspiro profundo. — Aquilo estava ficando longe dos motivos originais da sua vinda para a cidade, mas não poderia deixar Mai enfrentar o Enxame sem ele. Não deixaria. — Eu.

— Você? — Tachyon disse, hesitando. — Está pronto para isso?

— Ele conseguiu resgatá-lo daquela bolha — Fortunato interrompeu. Olhou para Brennan, a dúvida nos olhos substituída pela certeza. — Eu o vi em ação. Ele pode cuidar de si.

Tachyon concordou com a cabeça de forma decisiva.

— Está feito então. — Ele se virou para Mai. — Não gosto de enviar uma mulher para o perigo, mas você está certa. É a única que tem a chance de destruir a Mãe do Enxame.

— Farei o que tiver que ser feito — ela respondeu em voz baixa.

Tachyon assentiu com a cabeça com seriedade e tomou a mão dela, mas um arrepio atravessou Brennan com as palavras dela. Ele tinha certeza de que Tachyon tinha ouvido uma intenção completamente diferente nelas do que ele ouvira.

A decolagem de uma nave espacial era algo que Brennan manteve na memória como uma experiência interessante. Não a procuraria novamente por vontade própria, mas a visão da Terra nas telas da *Baby* foi uma cena de beleza espantosa que ele levaria para o resto da vida. Sentiu-se quase indigno e desejou que Ishida, seu *roshi*, pudesse ver aquilo.

Havia outros três na fantasia de Noites das Arábias que era a sala de controle de Tachyon. O takisiano conduzia a nave em silêncio. Ainda convalescia dos maus-tratos do Enxame. Brennan conseguia enxergar que ele continuava apenas pela força de vontade. Seu rosto estava vincado pelo cansaço e pela tensão atípica.

Fortunato praticamente estalava com energia impaciente, nervosa. Passou o período antes da decolagem recarregando as baterias, como ele comentou. Agora estava pronto, e ansioso para agir.

Apenas Mai parecia calma e indiferente. Estava sentada em silêncio no sofá da sala de controle, as mãos sobre o colo, observando tudo com interesse despreocupado. Brennan acompanhava a observação dela. Mai havia concordado imediatamente com o plano de Tachyon. Porém, como ela o realizaria era outra história. Esse pensamento o preocupava.

Após um tempo, Tachyon falou, a tensão e a exaustão fissurando sua voz.

— Lá está.

Brennan espiou sobre os ombros de Tachyon a monstruosidade globular que enchia as telas frontais de *Baby*.

— É imensa — disse ele. — Como encontraremos um caminho para entrarmos?

Tachyon virou-se para Fortunato.

— Instrua o deslocador de singularidade para levar você até o meio da coisa. Você deve acabar bem perto de onde você quer estar. Poderá encontrar o centro nervoso rastreando a mente dela. — Tachyon sentiu a mente de sua nave repuxando seu cérebro. *O que há,* Baby*?*

Estamos nos aproximando da área de detecção da Mãe do Enxame.

Obrigado. Ele se virou para os outros.

— Melhor se aprontarem. Está quase na hora.

Fortunato tirou o deslocador de singularidade da mochila na qual Tachyon havia escondido no quarto de hóspedes do apartamento. No fundo da mochila estava uma pistola automática 45 mm num coldre de ombro.

— O que é isso? — Fortunato quis saber. Olhou para Tachyon.

— Você pode precisar — disse o doutor. — Vai exigir mais de você do que imagina, energizar este salto.

Fortunato tocou o cabo da arma, olhou para Tachyon. Deu de ombros.

— Que inferno — falou, e vestiu o coldre. Ergueu o deslocador de singularidade, e ele, Brennan e Mai formaram um círculo. Todos ajudaram a segurar o deslocador. Brennan lançou um olhar para Mai. E ela olhava para ele de volta. Do canto do olho ele viu numa das telas um flash de luz se apagando da Mãe do Enxame. *Baby* sacudiu quando o feixe de partículas gerado organicamente a atingiu, mas seus escudos de defesa seguraram. Brennan sentiu um sussurro suave no cérebro.

Lembre-se. Você não deve deixar Mai ou Fortunato serem capturados pela Mãe do Enxame.

Ele olhou para Tachyon, que o encarou continuamente por um instante, então voltou para a tela.

— Vão! — Tachyon gritou.

Os olhos do Fortunato se fecharam, sua sobrancelha se franziu em concentração. Os chifres de carneiro espectrais brilharam do lado da cabeça. Brennan sentiu uma torção repentina, um rompimento como se cada célula do corpo estivesse sendo rasgada. Não conseguia respirar com pulmões que não eram mais pulmões, não conseguia relaxar os músculos que estavam partidos em suas moléculas constituintes e lançados através de centenas de quilômetros de vácuo. Prendeu um grito e sua consciência chocou-se contra uma muralha de náuseas. A viagem foi pior do que sua chegada até a clínica, pois parecia durar uma eternidade, embora Tachyon tivesse dito que a jornada pelo deslocador de singularidade não durava tempo algum.

Então, de repente, estava inteiro de novo. Ele, Mai e Fortunato estavam num corredor que era iluminado levemente por grandes células fosforescentes azuis e verdes no teto e paredes translúcidos. Rebentos pegajosos corriam por baixo dos pés deles, provavelmente conduítes para o que era usado como sangue e nutrientes da coisa. O ar era quente e totalmente úmido e cheirava a estufa apodrecendo. Seu teor de oxigênio era suficiente para deixar Brennan tonto até ele ajustar a respiração. Sentia-se leve nos pés, embora houvesse um empuxo gravitacional nítido. A Mãe do Enxame, ele percebeu, devia estar girando, produzindo gravidade artificial que era necessária para o crescimento orgânico direcionado.

— Vocês estão bem? — perguntou aos companheiros.

Mai concordou com a cabeça, mas Fortunato estava respirando com força. Seu rosto era uma máscara cinzenta.

— O… maricas do espaço estava certo… — ofegou. — Foi pesado. — Suas mãos tremiam enquanto enfiava o deslocador na mochila.

— Relaxe — Brennan começou, e ficou em silêncio.

De algum lugar adiante, no corredor que se deformava e ondulava, veio um som imenso de sucção.

— Que caminho devemos tomar? — Brennan perguntou em voz baixa.

Fortunato concentrou-se com força.

— Posso sentir uma espécie de consciência lá na frente. — Ele apontou na direção do som

de sucção. — Se puder chamar aquilo de consciência…

— Ótimo — Brennan murmurou. Ele desprendeu o arco.

— Ouçam — Fortunato agarrou o braço de Mai. — Você poderia me ajudar…

— Não há tempo — disse Brennan. — Além disso, Mai vai precisar de toda a energia para atravessar essa coisa. E eu também.

Fortunato começou a dizer algo, mas o som de sucção, que ficava cada vez mais alto, de repente estava bem acima deles, quando uma massa grotesca verde e amarela de protoplasma rolou por uma curva no corredor tubular diante deles. Tinha uma porção de ventosas localizadas aleatoriamente sobre um corpo globular que quase preenchia a passagem.

— Meu Deus! — Fortunato gritou. — Que coisa é aquela?

Estava grudada no lado do corredor, percorrendo a parede e o chão com uma miríade de bocas-ventosas rodeadas por centenas de cílios compridos como pés.

— Não sei e não quero descobrir — disse Brennan. — Vamos embora.

Ele escolheu uma flecha e encaixou-a frouxamente na corda do arco, e começou a avançar lentamente na direção da coisa. Mai e Fortunato seguiram desconfiados. A coisa continuava a rastejar. Os cílios das bocas voltados para eles tremelicavam com ânsia enquanto passavam, mas a criatura não fez um movimento na direção dos três.

Brennan suspirou aliviado.

O crepúsculo azul fosforescente tingia o ambiente com uma sensação de irrealidade desfocada enquanto seguiam pelo corredor para dentro da Mãe do Enxame. O ar parado ficava tão espesso com os odores de seres vivos que lembrou Brennan das selvas do Vietnã. Continuou olhando ao redor, estremecendo com o nervosismo, sentindo como se estivesse na mira do rifle de um atirador de elite. Não conseguia se livrar da sensação opressiva, nefasta, de estar sendo observado.

Seguiram pelo corredor ondulante por meia hora em silêncio tenso, sempre esperando, mas nunca encarando de verdade um ataque mortal das máquinas mortíferas da Mãe do Enxame. Pararam quando o corredor se bifurcou. Ambos os lados pareciam levar para a direção que precisavam ir.

— Para onde? — Brennan perguntou.

Fortunato esfregou a testa inchada de forma exausta.

— Posso ouvir mil pequenos pios. Não mentes reais, ao menos não mentes conscientes, mas o ruído está me enlouquecendo. A grande ainda está adiante, em algum lugar.

Brennan olhou para Mai. Ela devolveu o olhar, plácida, como se disposta a deixá-lo tomar todas as decisões. Brennan jogou uma moeda na sua mente e o resultado foi cara.

— Para cá — disse ele, tomando o caminho à direita.

Não haviam percorrido cem metros quando Brennan percebeu que algo estava diferente naquele corredor. O ar estava adocidado, quase enjoativo. Era difícil de respirar, e ao mesmo tempo era quase intoxicante. O odor crescia quanto mais avançavam.

— Não tenho certeza de que gosto disso — disse ele.

— Temos escolha? — Mai perguntou.

Brennan olhou para ela e deu de ombros. Continuaram, viraram numa curva acentuada do corredor, e pararam, encarando a cena diante deles.

O corredor alargou-se para uns 12 metros de largura. Em ambos os lados, pendurados perto do teto, havia uma porção de brotos grotescos com membros encolhidos e abdomes imensos, inchados. Mamavam daquilo que pareciam mamilos intumescidos brotando das paredes do corredor.

Por sua vez, criaturas do Enxame de todos os tamanhos e descrições estavam em volta de cada um dos brotos pendurados, empurrando-se por um lugar em um dos tubos vazados que pendiam dos seus abdomes inchados. As criaturas do Enxame variavam de seres mínimos do tamanho de insetos a monstruosidades tentaculares que deviam pesar várias toneladas. Eram centenas deles.

— Parece que estão se alimentando — Fortunato sussurrou.

Brennan fez que sim com a cabeça.

— Não podemos atravessar ali. Teremos que voltar e tentar o outro caminho.

Eles começaram a voltar pelo corredor e, de repente, pararam quando ouviram um zumbido baixo, como se vindo de um bando de pequenas asas, pairando pelo caminho de onde vieram.

— Merda — disse Fortunado, sem acreditar. — Estamos presos no meio de uma maldita mudança de turno.

— A primeira criatura do Enxame pela qual passamos nos ignorou — Brennan disse. — Talvez essas ignorem também.

Eles se encostaram na parede do corredor — era morna, Brennan achou, e flexível ao toque — e ficaram tão quietos e discretos quanto puderam. E esperaram.

Um enxame de criaturas insetoides desceu o corredor zumbindo. Tinham de 10 a 15 centímetros com corpos segmentados e asas grandes e membranosas. Os primeiros passaram por eles e foram direto para a câmara de alimentação, e Brennan pensou que estavam a salvo. Mas então um parou e pousou em Mai. Outro se juntou, e então outro, e outro. Ela olhou para eles calmamente. Um posou no ombro de Brennan. Ele o encarou. As partes da boca consistiam de múltiplos sistemas mandibulares. Um conjunto de mandíbulas começou a rasgar o tecido da camisa de Brennan, enquanto outro enfiava pedaços da roupa na sua boca pequenina.

Brennan jogou a coisa no chão com nojo e pisou nela. Estalou alto sob seu pé, como uma barata, mas dois já haviam tomado o lugar no corpo de Brennan. Ele ouviu Fortunato xingar e sabia que estavam rastejando sobre ele também.

— Vamos tentar sair do caminho deles — disse bem baixo, mas não adiantou. Os insetos seguiam-nos e pousavam nos três em quantidades cada vez maiores.

— Corram! — Brennan chamou, e dispararam pelo corredor.

Alguns deles continuaram na direção da câmara de alimentação, mas muitos mais os seguiram pelo corredor numa nuvem zumbidora e nervosa. Brennan os estapeava enquanto corria, acertando alguns no ar. Ele batia naqueles que rastejavam sobre ele, mas havia muitos para entrar no lugar daqueles que ele afastava ou esmagava. Cobriam seu rosto e braços e ele conseguia sentir milhares de pezinhos caminhando sobre ele. Pareciam estar mais interessados em suas roupas e, mais importante, em seu arco e flechas. Era como se fossem abutres programados para desfazer-se de matéria morta. Porém, aquilo não os tornava inofensivos. Brennan sentia suas mandíbulas afiadas rasgarem a carne quase sempre. O zumbir das asas e

os estalidos das mandíbulas soavam alto nos ouvidos de Brennan. Eles precisavam se livrar dos bichos.

Alcançaram o ponto onde a passagem se dividia em duas, buscando desesperadamente algo, qualquer coisa, que pudesse fazê-los afastar os pequenos abutres. Fortunato correu para a outra ramificação do corredor, Brennan e Mai seguiram-no. O corredor estava melado de umidade. A superfície era irregular. A umidade ficava represada em poças rasas que lançavam um salpicar fino de líquido quando pisavam nelas. O líquido era morno e transparente, apesar de turvo. Chapinharam o corredor, e o enxame de insetoides pareceu ficar para trás. Fortunato tropeçou numa poça rasa que havia se formado em uma das depressões mais fundas, e rolou e rolou, expulsando e esmagando os insetoides que rastejavam sobre ele. Brennan e Mai juntaram-se a ele. Brennan manteve os lábios fechados bem firmes, mas o líquido turvo encharcou-o da cabeça aos pés. Parecia, e cheirava, a água morna com partículas finas suspensas nela. Brennan não tinha nenhum interesse especial em ingeri-la.

Brennan olhou para os companheiros enquanto se agachavam na poça rasa. As roupas pareciam ter sido atacadas por uma legião de traças, e tinham diversos cortes e sulcos, mas nenhum deles parecia muito machucado. O enxame de insetoides persistente pairava sobre a cabeça deles, zumbindo, o que parecia a Brennan algo irritante.

— Como nos livramos deles? — ele perguntou, irritado consigo mesmo.

— Posso ter força suficiente para mandar aqueles pequenos desgraçados para algum lugar — Fortunato falou com esforço.

— Não sei… — Brennan começou e nunca teve chance de terminar.

A superfície embaixo dos pés deles desapareceu quando um esfíncter se abriu. Todo o líquido do corredor correu para baixo e eles foram juntos com ele. Brennan teve tempo de respirar fundo e agarrar o arco. Esticou o braço e agarrou Mai pelo tornozelo enquanto ela era sugada para a escuridão e ele rodopiava atrás dela, xingando por perder metade das flechas da aljava.

Havia mais líquido no corredor do que ele imaginava. Foram pegos num turbilhão rápido sem ar para respirar e sem luz para ver. Brennan segurou firme no tornozelo de Mai, lembrando-se do aviso silencioso de Tachyon.

Eles caíram numa câmara grande, totalmente submersa num buraco cheio de líquido do tamanho de uma piscina olímpica. Brennan e Mai emergiram até a superfície e moviam-se para permanecer em cima, olhando ao redor. Felizmente, essa câmara era iluminada pela mesma fosforescência azul que o corredor acima. Fortunato nadou para encontrá-los, lutando contra a corrente que os puxava para a outra ponta da piscina.

— Que diabos é isso? — Fortunado perguntou.

Brennan achou que seria difícil dar de ombros enquanto se mantinha sobre a água.

— Não sei. Talvez um reservatório? Todas as coisas vivas precisam de água para sobreviver.

— Ao menos aqueles insetos foram embora — disse Fortunato. Ele nadou para a lateral da câmara, Brennan e Mai o seguiram.

Eles se esfalfaram para subir a rampa, seguindo lenta e cuidadosamente, pois a superfície era úmida e escorregadia. Finalmente sentaram-se, ofegantes, para descansar um momento.

Brennan cuidou das mordidas piores dos insetos com bandagens do pequeno kit de primeiros socorros que carregava no cinto.

— Para onde agora?

Fortunato fez uma pausa para se orientar e, então, apontou.

— Para lá.

Seguiram através da barriga da fera. Era uma viagem de pesadelo pelo reino estranho de monstruosidades orgânicas. O corredor que seguiram abriu-se em salões vastos onde criaturas humanoides choramingavam num idiotismo malformado, penduradas por cordões umbilicais de tetos pulsantes; levou a galerias onde bolsas de biomassa indistinta tremiam como gelatinas odiosas enquanto esperavam ser esculpidas pela vontade da Mãe do Enxame; passaram por câmaras onde monstros de uma centena de formas alienígenas estavam sendo fabricados para o objetivo que apenas a Mãe do Enxame conhecia. Alguns desses últimos eram desenvolvidos o bastante para terem consciência dos intrusos, mas ainda estavam presos ao corpo da Mãe por cordões umbilicais protoplasmáticos. Estalavam e roncavam e chiavam enquanto Brennan e os outros passavam, e este foi forçado a enfiar flechas na cabeça de algumas criaturas mais insistentes.

Nem todos tinham as formas não humanas dos brotos. Alguns eram humanos na forma e aparência, com rostos humanos. Rostos humanos reconhecíveis. Havia Ronald Reagan com cabelos penteados para trás e um brilho nos olhos. Havia Margaret Thatcher, olhando séria e inflexível. E a cabeça do Gorbachev, com a marca de nascença vermelha e tudo, encaixada na massa de protoplasma trêmula que era tão mole e gorda quanto um corpo humano esculpido na massa de pão.

— Jesus Cristo — disse Fortunato. — Parece que chegamos bem na hora.

— Espero que sim — Brennan murmurou.

O corredor começou a se estreitar e eles tiveram de se curvar e, finalmente, se abaixar e engatinhar. Brennan olhou para trás, para Fortunato, e o ás acenou com a cabeça para ele continuar.

— É ali na frente, posso sentir a pulsação: alimentar e crescer, alimentar e crescer.

A carne das paredes do túnel era borrachuda e quente. Brennan não gostava de tocá-la, mas obrigou-se a continuar. O túnel estreitou-se até ficar muito apertado e Brennan perceber que não poderia carregar o arco na mão. Estavam indefesos e adentrando a área mais perigosa da Mãe do Enxame, seu centro nervoso. Ele se enfiou pela passagem de carne viva por quase cem metros ou mais, Mai e Fortunato seguiam-no, até por fim ele desembocar num espaço aberto. Fortunato seguiu e eles ajudaram Mai a sair.

Olharam ao redor. Era uma câmara pequena. Mal cabiam os três e o órgão grande cinza e rosa com três lóbulos suspenso no meio da câmara por uma rede de rebentos fibrosos que penetravam no chão, teto e paredes.

— É isso — Fortunato resmungou com voz exausta. — O centro nervoso da Mãe do Enxame. Seu cérebro ou núcleo ou seja lá o que vocês chamam isso.

Ele e Brennan viraram-se para Mai. Ela deu um passo à frente e Brennan tomou seu braço.

— Mate-a — ele encorajou. — Mate-a e vamos dar o fora daqui.

Ela olhou para ele, tranquila. Conseguia ver seu próprio reflexo nos olhos grandes e negros

dele.

— Sabe que eu jurei nunca ferir outro ser consciente? — ela disse num murmúrio.

— Ficou louca? — Fortunato gritou. — O que viemos fazer aqui então?

Brennan soltou o braço de Mai e ela caminhou em direção ao órgão suspenso na rede de fibras nervosas. Fortunato olhou para Brennan.

— Essa vadia é louca?

Brennan balançou a cabeça, incapaz de falar, sabendo que ele estava perdendo outro. Não importava o que viesse, estava perdendo outro.

Mai abriu caminho nos rebentos e pousou as mãos contra a carne da Mãe do Enxame. Seu sangue começou a fluir para o órgão da criatura alienígena.

— O que ela está fazendo? — Fortunato perguntou, preso entre o medo, a raiva e o espanto.

— Fundindo-se.

O túnel estreito que levava até o lugar sagrado da Mãe do Enxame começou a se dilatar. Brennan virou-se para encarar a abertura.

— O que está acontecendo?

Brennan encaixou uma flecha na corda do arco.

— A Mãe do Enxame está resistindo — disse ele, e apagou o ambiente, apagou Fortunato, apagou até mesmo Mai de sua mente. Estreitou o foco da existência, até a boca do túnel ser o seu universo. Puxou a corda até o rosto e ficou ali, tão tenso e pronto quanto a própria flecha, pronto para atirar-se no coração do inimigo.

As máquinas assassinas da Mãe do Enxame, com suas garras nas mãos e nos pés, transbordaram da abertura. Brennan atirou. As mãos moviam-se sem direção consciente, sacando, puxando, atirando. Corpos empilhavam-se ao lado da boca do túnel e eram afastados pelas criaturas que tentavam abrir caminho para entrar e pelos estouros das flechas explosivas. O tempo parou de fluir. Nada importava além da perfeita coordenação entre mente, corpo e alvo, nascido da união da carne e do espírito.

Pareceu uma eternidade, mas os recursos da Mãe do Enxame não eram inesgotáveis. As criaturas pararam de chegar quando restavam três flechas para Brennan. Ele encarou o corredor por mais de um minuto antes de perceber que não havia mais alvos em vista, e abaixou o arco.

As costas lhe doíam e os braços queimavam como se estivessem em chamas. Olhou para Fortunato. O ás o encarava, sacudindo a cabeça, sem palavras. A consciência de Brennan retornou do lago onde seu treinamento zen a havia mergulhado.

Um movimento repentino chamou sua atenção e ele se virou. Sua mão chegou à aljava no cinto, mas parou antes de puxar uma flecha. Havia três formas, tamanho de homem, forma de homem, na boca do túnel. Uma sensação de deslocamento varreu Brennan como um vento frio e ele baixou o arco. Ele os reconheceu.

— Gulgowski? Mendoza? Minh?

Ele avançou como se estivesse num sonho quando eles pisaram sobre os corpos estourados dos brotos, vindo para encontrá-lo. Brennan estava atordoado, arrebatado entre a felicidade e a descrença.

— Sabia que você viria — Minh, o pai de Mai, disse. — Sabia que nos resgataria de Kien.

Brennan meneou a cabeça. Um sentimento de exaustão imensa o tomou. Sentiu como se o cérebro estivesse isolado do restante do corpo, como se de alguma forma estivesse envolto em camadas de algodão. Deveria saber desde o início que Kien estava por trás do Enxame. Ele deveria saber.

Gulgowski ergueu a pasta que carregava.

— Conseguimos aqui as provas para condenar o desgraçado, Capitão. Venha até aqui, dê uma olhada.

Brennan baixou o arco, avançou para olhar dentro da pasta que Gulgowski estendia, ignorando os gritos atrás dele, ignorando o rugido explosivo que reverberava pelo corredor.

Gulgowski, segurando a pasta na direção dele, cambaleou. Brennan olhou para ele. Era estranho. Tinha apenas um olho. O outro fora atingido e dele escorria um fluido verde e grosso lentamente pela bochecha. Mas estava tudo bem. Brennan parecia lembrar-se de que Gulgowski havia tomado um tiro na cabeça antes e sobrevivido. Estava ali, no fim das contas. Olhou para a pasta. A alça fundiu-se à carne da mão de Gulgowski. Eram uma coisa só. A boca da pasta tinha fileiras de dentes afiados. Arremessou-se contra ele, os dentes estalando.

Sentiu um choque repentino, como se algo se jogasse contra seus joelhos por trás. Caiu com o rosto no chão da câmara, sentindo seu calor pulsante, e olhou para trás, incomodado.

Fortunato havia dado um carrinho nele. O ás soltou Brennan, ajoelhou-se e sacou a pistola novamente. Brennan olhou para seus homens. Fortunato arrancou partes deles à bala, um pedaço de rosto aqui, um naco de braço ali. Fortunato xingava num fluxo contínuo enquanto atirava, e os homens de Brennan morreram novamente.

Brennan sentiu uma onda de ódio tremenda. Ergueu-se um pouco e fechou os olhos. O rugir da pistola parou quando Fortunato ejetou o clipe vazio, mas o fedor de pólvora estava no ar, o estampido da pistola em seus ouvidos, e o cheiro quente e úmido da selva no nariz. Ele abriu os olhos novamente.

Caricaturas medonhas de homens, rostos e corpos perfurados pelos tiros, gotejando a secreção verde, sacudiam-se na direção dele. Não eram seus homens. Mendoza morrera num ataque ao quartel-general dos vietcongues. Gulgowski fora assassinado por Kien por último naquela noite. E Minh fora morto anos depois pelos homens de Kien em Nova York.

Embora seu cérebro ainda estivesse enevoado, Brennan tomou o arco e lançou a última flecha explosiva nos simulacros. Acertou a caricatura de Minh e explodiu, espalhando pedaços de biomassa para todos os lados. O coice derrubou Brennan e destruiu os outros simulacros também.

Brennan respirou profundamente e limpou a gosma e o protoplasma esmagado do rosto.

— A Mãe do Enxame pegou as imagens do seu cérebro — disse Fortunato. — As outras coisas estavam apenas ganhando tempo para poder preparar aqueles bonecos de cera ambulantes.

Brennan concordou com a cabeça, a expressão séria e determinada. Virou-se para Fortunato e olhou para Mai.

Ela quase havia desaparecido, quase coberta pela carne cinza e rosa do ser alienígena. Seu rosto estava pressionado contra o órgão pulsante e metade do rosto que Brennan podia ver estava intocado. Os olhos estavam abertos e claros.

— Mai?

Os olhos viraram-se, rastreando o som da voz, e se concentraram nele. Os lábios se moveram.

— Tão imenso — ela sussurrou. — Tão assombroso e imenso.

A luz da câmara diminuiu por um instante, voltando em seguida.

— Não — Mai murmurou. — Não faremos isso. Existe um ser consciente na nave. E a nave em si é um ser vivo também.

O chão da câmara tremeu, mas a luz permaneceu. Mai falou novamente, mais para si mesma do que para Brennan ou Fortunato.

— Ter vivido tanto tempo sem pensamento… ter mantido tanto poder sem consequência… ter viajado de tão longe e visto tanto sem realização… isso vai mudar… tudo muda…

Os olhos voltaram-se novamente para Brennan. Havia reconhecimento nele que enfraquecia quando ela falava.

— Não chore, Capitão. Uma de nós precisou se entregar para salvar o planeta. A outra desistiu da raça para salvar… quem sabe o quê? Talvez, algum dia, o universo. Não fique triste. Lembre-se de nós quando olhar para o céu à noite, e saiba que estamos entre as estrelas, tentando, ponderando, descobrindo, pensando em inumeráveis coisas extraordinárias.

Brennan piscou para expulsar as lágrimas quando o olho no rosto de Mai se fechou.

— Adeus, Capitão.

O deslocador de singularidade começou a lançar faíscas. Fortunato tirou a mochila das costas. Olhou para ela, pasmo.

— Não estou fazendo isso. Ela… a coisa…

Eles voltaram para a ponte de comando da nave de Tachyon. Os três homens olharam-se.

— Conseguiram? — Tachyon perguntou após um momento.

— Ah, sim, cara — Fortunato disse, despencando numa almofada próxima. — Ah, sim.

— Onde está Mai?

Brennan sentiu uma estocada de ódio perfurá-lo como uma faca.

— Vocês a deixaram ir — ele xingou, dando um passo na direção de Tachyon, as mãos cerradas em punhos trêmulos. Mas os olhos diziam quem ele realmente culpava pela perda de Mai. Estremeceu como um cão se livrando da água, então afastou-se de uma vez. Tachyon encarou-o, então voltou-se para Fortunato.

— Vamos para casa — Fortunato disse.

Mais tarde, Brennan lembrou-se das palavras de Mai, e perguntou-se quais filosofias, quais domínios de pensamento o espírito daquela gentil budista misturado na mente e no corpo da criatura de um poder quase inimaginável teceria através dos séculos. Mais tarde, ele se lembrou. Mas agora, com a sensação de dor e perda tão familiar quanto seu próprio nome, ele não sentiu nada daquilo. Sentiu apenas que havia nele uma metade morta.

♣ ♦ ♠ ♥

Jube: Sete

Uma batida na porta. Vestido com bermudas xadrez e uma camiseta dos Brooklyn Dodgers, Jube atravessou com cuidado o porão e espiou pelo olho mágico.

Dr. Tachyon estava na entrada, vestindo um terno de verão branco com lapelas largas sobre uma camisa verde-esmeralda. A gravata larga e laranja combinava com o lenço de seda no bolso e a pena de trinta centímetros no seu chapéu borsalino. Estava segurando uma bola de boliche.

Jube puxou o pino da trava, tirou a corrente, ergueu o gancho do ferrolho, girou a chave na tranca e apertou o botão no meio da maçaneta. A porta abriu de uma vez. Dr. Tachyon entrou alegremente no apartamento, trocando a bola de boliche de uma das mãos para a outra. Então, rolou-a pelo assoalho da sala de estar. Acabou parando contra a perna do transmissor de táquions. Tachyon saltou e bateu os calcanhares das botas um contra o outro no ar.

Jube fechou a porta, apertou o botão, girou a chave, baixou o gancho, passou a corrente e apertou o pino da trava antes de se virar.

O ruivo tirou o chapéu com uma mesura e curvou-se.

— Dr. Tachyon, ao seu dispor — disse ele.

Jube fez um som gorgolejante de desalento.

— Os príncipes takisianos nunca estão a serviço de ninguém — disse ele. — E branco não é sua cor. Muito, hum, sem cor. Teve algum problema?

O homem sentou-se no sofá.

— Está gelado aqui — reclamou. — E que cheiro é esse? Não está tentando salvar aquele corpo que conseguiu, não é?

— Não — disse Jube. — É só, hum, um pouco de carne que apodreceu.

Os contornos do homem começaram a estremecer e ficar borrados. Num piscar de olhos, ele cresceu 20 centímetros e ganhou 22 quilos, o cabelo vermelho ficou longo e cinzento, e os olhos lilases tornaram-se pretos, e uma barba desgrenhada brotou do queixo quadrado.

Ele travou as mãos em torno do joelho.

— Não se preocupe — ele reportou com uma voz muito mais profunda que a de Tachyon. — Fiquei com a aparência de uma aranha com cabeça humana, e disse a eles que tinha pés de atleta. Oito deles. Ninguém além de Tachyon encostaria num caso desses, então eles me botaram atrás de uma cortina e foram buscá-lo. Me transformei na Grande Enfermeira e entrei no banheiro feminino perto do laboratório dele. Quando eles mandaram uma mensagem de *pager* para ele, o doutor foi para o sul e eu fui para o norte, vestindo o rosto dele. Se alguém procurou nos monitores de segurança, viu o Dr. Tachyon entrando no laboratório, é isso. — Ele manteve as mãos erguidas, como se avaliasse a situação, girando-as para cima e para baixo. — Eu era o sentimento mais estranho. Digo, podia ver minhas mãos enquanto

caminhava, juntas inchadas, pelos nas costas dos dedos, unhas sujas. Obviamente, não havia qualquer tipo de transformação física envolvida. Mas sempre que eu passava num espelho, via quem eu deveria ser, como todo mundo. — Ele deu de ombros. — A bola de boliche estava atrás de uma divisória de vidro. Estavam examinando-a com scanners, equipamentos por controle remoto, raios X, coisas assim. Enfiei a bola debaixo do braço e saí de lá.

— Eles simplesmente deixaram você *sair*? — Jube não conseguia acreditar.

— Bem, não exatamente. Pensei que estava livre, quando o Troll passou e disse tenha uma tarde tão boa quanto desejar. Eu até dei um beliscão numa enfermeira e agi como se estivesse culpado por algo que não era minha culpa, então pensei que fosse garantir as coisas para mim. — Ele limpou a garganta. — Então, o elevador chegou ao primeiro andar, e quando eu estava saindo, o verdadeiro Tachyon entrou. Me deu um baita susto.

Jube coçou uma presa.

— O que você fez?

Croyd deu de ombros.

— O que eu *poderia* fazer? Estava bem na minha frente, e meu poder não o enganou nem por um segundo. Me transformei no Teddy Roosevelt, esperando que pudesse driblá-lo, e sinceramente desejei estar em outro lugar. De repente, eu estava.

— Onde? — Jube não tinha certeza de que queria mesmo saber.

— Minha antiga escola — disse Croyd, envergonhado. — Aula de álgebra do nono ano. Na mesma carteira que estava sentado quando o Jetboy explodiu sobre Manhattan em 1946. Tenho que dizer, não me lembro de qualquer das garotas parecendo aquelas de quando eu estava no nono ano. — Ele soou um pouco triste. — Eu teria ficado para a aula, mas causou certa comoção quando Teddy Roosevelt de repente apareceu na sala segurando uma bola de boliche. Então, eu saí e aqui estou. Não se preocupe, eu mudei de metrô duas vezes e de corpo quatro vezes. — Ele ficou em pé e se esticou. — Morsa, eu tinha que te falar isso, nunca é tedioso trabalhar para você.

— Eu não pago exatamente um salário mínimo também — disse Jube.

— Pois é — Croyd admitiu. — E agora que você mencionou isso… já viu a Veronica? Uma das meninas do Fortunato. Estava a fim de levar ela pro Aces High e ver se conseguia falar pro Hiram servir o *carré* de cordeiro.

Jube tinha as pedras no bolso. Contou-as e entregou-as nas mãos do Dorminhoco.

— Você sabe — Jube falou quando os dedos de Croyd se fecharam sobre o pagamento —, poderia ter ficado com o dispositivo. Talvez conseguisse muito mais de outra pessoa.

— Isso aqui basta — disse Croyd. — Além disso, não jogo boliche. Nunca aprendi calcular a pontuação. Acho que fazem aquilo com álgebra. — Seus contornos brilharam por um instante, e de repente era o ator Jimmy Cagney lá em pé, vestido com um terno azul-claro vivo com uma flor na lapela. Quando subiu as escadas para a rua, começou a assobiar a canção de um velho musical chamado *O rei da zona*.

Jube fechou a porta, apertou o botão, girou a chave, baixou o gancho e prendeu a corrente. Quando deslizou o pino da trava, ouviu passos suaves atrás dele e virou-se.

Red estava trêmulo numa camisa havaiana verde e amarela roubada do armário de Jube. Perdera todas as coisas no ataque ao Mosteiro. A camisa era tão grande que ele parecia um

balão murcho.

— Esse é o treco? — ele perguntou.

— Sim — Jube respondeu. Cruzou a sala e ergueu a esfera preta com reverência cuidadosa. Estava morna.

Jube estava assistindo à coletiva de imprensa televisionada quando o Dr. Tachyon voltou do espaço para anunciar que a Mãe do Enxame não era mais uma ameaça. Tachyon falava com eloquência e detalhes sobre sua jovem colega Mai e seu grande sacrifício, a coragem dela dentro da Mãe, sua humanidade altruísta. Jhubben viu-se mais interessado pelo que o takisiano não disse. Minimizou seu papel na questão e não fez menção de como Mai entrou na Mãe do Enxame para fazer a fusão da qual ele falava de forma tão comovente. Os repórteres pareciam supor que Tachyon simplesmente voou com a *Baby* até a Mãe e estacionou nela. Jube sabia que não era bem assim.

Quando o Dorminhoco acordou, decidiu pôr em prática seu plano.

— Odeio te dizer isso, mas parece uma bola de boliche para mim — disse Red, amigável.

— Com isso, eu poderia enviar as obras completas de Shakespeare para a galáxia que vocês chamam de Andrômeda — Jube disse para ele.

— Camarada — disse Red —, eles apenas mandariam de volta e diriam que não estava de acordo com as necessidades atuais.

Ele estava muito mais em forma agora do que quando apareceu pela primeira vez na soleira da porta de Jube, três semanas depois de os ases destruírem o novo templo, vestindo um poncho horrível comido por traças, luvas de trabalho, uma máscara de esqui e óculos espelhados. Jube não o reconheceu até que ele ergueu os óculos e mostrou a pele vermelha em torno dos olhos. “Me ajude”, ele disse. E, então, desmaiou.

Jube arrastou-o para dentro e trancou a porta. Red estava abatido e febril. Após fugir do Mosteiro (Jube perdeu a coisa toda, pelo que ficou profundamente agradecido), Red colocou Kim Toy num ônibus de viagem para San Francisco, onde tinha velhos amigos em Chinatown que a esconderiam. Porém, não havia maneira de ir com ela. Sua pele o tornava um alvo fácil; apenas no Bairro dos Curingas ele poderia permanecer no anonimato. Estava sem dinheiro após dez dias nas ruas e começou a comer das latas de lixo atrás do Hairy’s desde então. Com Roman preso e Matthias morto (liofilizado por algum novo ás cujo nome foi cuidadosamente escondido da imprensa), o restante do círculo interno era alvo de uma caçada humana por toda a cidade.

Jube poderia entregá-lo. Em vez disso, ele o alimentou, lavou e cuidou dele até ficar novamente saudável. Dúvidas e temores o consumiam. Algo daquilo que ele aprendeu sobre os maçons o chocou, e os maiores segredos a que aludiram eram muito, muito piores. Talvez ele devesse chamar a polícia. O capitão Black ficou espantado com o envolvimento de um dos seus próprios homens na conspiração, e jurou publicamente que prenderia todos os maçons no Bairro dos Curingas. Se Red fosse encontrado ali, as coisas ficariam péssimas para Jube.

Porém, Jube lembrou-se daquela noite na qual ele e 12 outras pessoas foram iniciadas no Mosteiro, lembrou-se da cerimônia, as máscaras de falcão e chacal e o brilho frio de Lorde Amon quando ele se avultou sobre eles, austero e terrível. Lembrou-se do som de TIAMAT quando os iniciados disseram a palavra pela primeira vez, e lembrou-se da história que o

Mestre Venerável contou para eles sobre as origens sagradas da ordem, de Giuseppe Balsamo, chamado de Cagliostro, e o segredo confiado a ele pelo Irmão Brilhante numa floresta inglesa.

Nenhum segredo a mais chegaria naquela noite das noites. Jube era apenas um iniciado de primeiro grau, e as maiores verdades estavam reservadas para o círculo interno. Ainda assim, foi o suficiente. Sua suspeita foi confirmada, e quando Red, em seus delírios, encarava a sala de estar de Jube e gritava *Shakti!*, ele não teve mais dúvida.

Não poderia abandonar o maçom ao destino que merecia. Os pais não abandonavam filhos, não importasse quanto pudessem crescer depravados e corruptos com o passar dos anos. Os filhos poderiam ser deformados, confusos e ignorantes, mas ainda eram sangue do seu sangue, a árvore que crescera de sua semente. O professor não abandonava o aluno. Não havia outro; a responsabilidade era dele.

— Vamos ficar aqui em pé o dia todo? — Red perguntou quando o deslocador de singularidade formigava contra a palma das mãos de Jube. — Ou vamos ver se essa coisa funciona?

— Desculpe — disse Jube. Erguendo um painel curvo no transmissor de táquions, ele deslizou o deslocador para o campo de matriz. Ele começou a se alimentar da célula de fusão e observou enquanto o fluxo de energia envolveu o deslocador. O fogo de santelmo corria para cima e para baixo pelas estranhas geometrias da máquina. Os impulsos magnéticos flutuavam pelas superfícies de metal brilhantes em um roteiro cheio de pontas que Jube quase havia esquecido, e desapareceram em ângulos que pareciam curvos de um jeito errado.

Red teve uma recaída de catolicismo irlandês e fez o sinal da cruz.

— Jesus, Maria, José — disse ele.

Funciona, Jhubben pensou. Ele deveria estar celebrando. Em vez disso, sentia-se fraco e confuso.

— Preciso de uma bebida — Red falou.

— Tem uma garrafa de rum encorpado embaixo da pia.

Red encontrou a garrafa e encheu dois copos com rum e gelo picado. Bebeu o seu de uma vez. Jube sentou-se no sofá, copo na mão, e encarava o transmissor de táquions, seu som alto e agudo pouco audível com o ar-condicionado ligado.

— Morsa — disse Red enquanto enchia o copo novamente —, pensei que você fosse um lunático. Um lunático amável, claro, e agradeço por me trazer para sua casa e tudo o mais, com a polícia atrás de mim do jeito que está. Mas, quando vi que você construiu sua própria máquina Shakti, bem, quem me culparia por pensar que você tinha pouca massa cinzenta? — Ele deu mais gole no rum. — A sua é quatro vezes maior que a do Kafka — ele falou. — Parece um modelo feio. Mas nunca vi a do barata brilhar desse jeito.

— É maior do que precisa porque construí com componentes eletrônicos primitivos — Jube disse para ele e esticou as mãos, três dedos grossos e o dedão rombudo curvado. — E estas mãos são incapazes de fazer um trabalho delicado. O dispositivo no Mosteiro teria acendido se tivesse sido energizado. — Ele olhou para Red. — Como o Venerável Mestre planejava fazer isso?

Red balançou a cabeça.

— Não posso te dizer. Claro, e você é um príncipe por salvar meu traseiro vermelho, mas

ainda é um príncipe de primeiro grau, se é que me entende.

— Um iniciado de primeiro grau poderia construir uma máquina Shakti? — Jube perguntou a ele. — Quantos graus você passou antes de eles revelarem que o dispositivo existia? — Ele balançou a cabeça. — Tudo bem, eu sei o final da piada. Quantos curingas são necessários para acender uma lâmpada? Um, contanto que o nariz dele seja de corrente alternada. O Astrônomo ia energizar a máquina.

O olhar no rosto de Red era toda a confirmação de que Jube precisava.

— O Shakti de Kafka deveria dar à Ordem o domínio sobre a Terra — disse o maçom.

— Sim — disse Jube. O Irmão Brilhante na floresta entregou o segredo a Cagliostro, e disse a ele para mantê-lo seguro, entregá-lo de geração a geração até a chegada da Irmã Obscura. Provavelmente o Irmão Brilhante deu a Cagliostro outros artefatos; sem dúvida, deu a ele uma fonte de força, não havia maneira de o carta selvagem takisiano ter sido antecipado dois séculos antes.

— Esperto — Jube disse em voz alta —, sim, mas ainda um homem do seu tempo. Primitivo, supersticioso, ganancioso. Usou as coisas que recebeu para ganho pessoal e egoísta.

— Quem? — Red perguntou, confuso.

— Balsamo — Jube respondeu. Balsamo inventou o restante ele mesmo, os mitos egípcios, os graus, os rituais. Pegou as coisas que ouvira e distorceu-os em seu próprio benefício. — O Irmão Brilhante era um ly'bahr — ele anunciou.

— O quê? — Red perguntou.

— Um ly'bahr — Jube disse. — São ciborgues, Red, mais máquina que carne, extraordinariamente poderosos. Os curingas do espaço, nenhum deles é parecido, mas você não gostaria de encontrar um no beco. Alguns dos meus melhores amigos são ly'bahres. — Percebeu que estava balbuciando, mas não conseguia parar. — Ah, sim, pode ter sido outra espécie, talvez um kreg, ou mesmo um do meu povo num traje espacial de metal líquido. Mas acho que foi um ly'bahr. Sabe por quê? TIAMAT.

Red apenas o encarava.

— TIAMAT — Jhubben repetiu, o jornaleiro desaparecera de sua voz e do comportamento, falando como um cientista da Rede poderia falar. — Uma deidade assíria. Eu verifiquei. Ainda assim, por que chamar a Irmã Obscura por aquele nome? Por que não Baal ou Dagon, ou uma daquelas divindades inferiores que vocês, humanos, inventaram? Por que a principal palavra de poder é *assíria*, quando o resto da mitologia que Cagliostro escolheu era egípcia?

— Não sei — Red falou.

— Mas eu sei. Porque TIAMAT parece vagamente com algo que o Irmão Brilhante disse. *Thyat M'hruh*. Escuridão-da-raça. O termo ly'barês para o Enxame. — Jube riu. Contava piadas havia trinta anos, mas ninguém tinha ouvido sua gargalhada *verdadeira* antes. Soava como o grito de uma foca. — O Mestre Comerciante nunca daria a vocês o domínio do mundo. Não entregamos nada de graça. Mas teríamos vendido o mundo para vocês. Vocês teriam sido uma elite de altos sacerdotes, com "deuses" que de fato ouviriam e produziriam milagres sob demanda.

— Você é louco, camarada — Red falou com jocosidade forçada. — O dispositivo Shakti

iria…

— *Shakti* significa apenas poder — disse Jhubben. — É um transmissor de táquions e sempre foi. — Ele se ergueu do sofá e bamboleou até ficar ao lado da máquina. — Setekh viu isso e me poupou. Pensou que eu fosse um desgarrado, um resto de algum ramo do desdobramento. Provavelmente sentiu que seria inteligente me manter por perto no caso de algo acontecer com Kafka. Ele estaria aqui agora, mas quando TIAMAT voltou para as estrelas, o dispositivo Shakti deve ter parecido algo irrelevante.

— Claro, e não é?

— Não. O transmissor foi calibrado. E se eu mandar a chamada, será ouvida no posto avançado da Rede mais próximo numa questão de semanas. Poucos meses depois, a *Opportunity* chegará.

— Que *Opportunity* é essa, irmão? — Red perguntou.

— O Irmão Brilhante virá — Jhubben disse a ele. — A carruagem dele é do tamanho da ilha de Manhattan, e os exércitos de anjos e demônios e deuses lutam aos seus serviços. Eles levaram a melhor. Conseguiram contratos vinculativos, todos eles.

Os olhos de Red se apertaram.

— Você está me dizendo que não acabou — ele quis saber. — Ainda pode acontecer, mesmo sem a Irmã Obscura.

— Poderia, mas não vai — disse Jube.

— Por que não?

— Não pretendo enviar o chamado. — Ele queria fazer Red entender. — Pensei que fôssemos a cavalaria. Os takisianos usaram sua raça como cobaias. Pensei que fôssemos melhores que isso. Não somos. Não vê, Red? *Sabíamos que ela estava a caminho*. Mas não haveria *lucro* se ela nunca chegasse, e a Rede não dá nada de graça.

— Acho que estou entendendo — Red disse. — Ele pegou a garrafa, mas o rum havia acabado. — Preciso de outra bebida. E você?

— Não — respondeu Jube.

Red foi até a cozinha. Jube ouviu-o abrindo e fechando gavetas. Quando voltou, tinha uma grande faca de trinchar na mão.

— Mande a mensagem — ele falou.

— Uma vez, fui ver os Dodgers — Jube lhe disse. Estava cansado e decepcionado. — Três tacadas e você está fora no velho jogo, não é isso o que dizem? Os takisianos, minha própria cultura e, agora, a humanidade. Existe alguém que se importe por qualquer coisa além de si mesmo?

— Não estou brincando, Morsa — Red falou. — Não quero fazer isso, meu camarada, mas nós, irlandeses, somos um bando de camaradas teimosos. Ei, a polícia está *caçando a gente* lá fora. Que tipo de vida é essa para mim e para Kim Toy? Se existe uma escolha entre comer de latas do lixo e dominar o mundo, todas as vezes vou optar pelo mundo. — Ele sacudia a faca de trinchar. — Mande a mensagem. Então, eu largo isso aqui e podemos pedir uma pizza e trocar algumas piadas, ok? Você pode pedir carne podre na sua metade.

Jube pôs a mão embaixo da camisa e mostrou uma pistola. Era preta, vermelha e translúcida, suas linhas suaves e sensuais e, ainda assim, inquietantes, seu cano da finura de

um lápis. Pontos de luz piscavam bem dentro dela, e encaixava-se com perfeição na mão de Jube.

— Pare com isso, Red — disse ele. — Não será você que dominará o mundo. Será o Astrônomo, e o Ceifador, ou caras como eles. São desgraçados, você mesmo me disse.

— Nós somos todos desgraçados — Red lhe disse. — E os irlandeses não são tão durões como dizem. Essa é uma arma de brinquedo, meu camarada.

— Dei para o garoto que mora no andar de cima, no Natal — Jube disse. — Seu tutor devolveu. Não quebraria, sabe, mas o metal era tão duro que Doughboy estava quebrando tudo na casa quando brincava com ela. Coloquei a célula de energia de volta nela, e usava o coldre sempre que ia ao Mosteiro. Fazia com que eu me sentisse um pouco mais corajoso.

— Não quero fazer isso — disse Red.

— Nem eu — Jhubben respondeu.

Red deu um passo adiante.

♣

O telefone tocou por muito tempo. Finalmente, alguém atendeu do outro lado.

— Alô?

— Croyd — Jube falou —, desculpe incomodá-lo. É sobre aquele corpo…

♣ ♦ ♠ ♥